

O Tibete e a Teosofia

- -

**Mario Roso
de Luna**

**Henrique
Jose de
Souza**

**Compilado por
Bruno R.**

O TIBETE E A TEOSOFIA¹

APONTAMENTOS DE UM FILÓSOFO

Pelo Dr. MARIO ROSO DE LUNA

I

PREÂMBULO

“O Oriente, e sobretudo o Tibete, é a terra do mistério e dos acontecimentos raros” – disse Alexandra David Neel em um de seus livros que teremos de citar cem vezes no decorrer deste estudo. “Por menos que se saiba ver, ouvir, observar atenta e detidamente, se descobre nele um mundo mais além do que estamos habituados a

¹ Segundo foi dito nas breves palavras dirigidas “Aos nossos leitores” na primeira página desta Revista, iniciamos no presente número a publicação da última produção literária do Dr. Mario Roso de Luna, de acordo com o seu oferecimento – todo espontâneo – na última carta que dirigiu ao Presidente da S.T.B., com data de 12 de outubro p.p. – ou seja, da “Descoberta da América” (“Dia da Raça”), como se quisesse relembrar – nos seus últimos instantes de vida – o Trabalho grandioso em que estamos empenhados: o do “Advento da Sétima Sub-Raça” ou aquela que alguns preferem chamar de Ibero-Americana! Do próximo número em diante, ocuparemos maior quantidade de páginas com a publicação desta valiosíssima obra do imortal Roso de Luna – mesmo porque o que se publica no presente número é todo o conteúdo do Preâmbulo da referida obra. A tradução de “El Tibet y la Teosofia” é do Presidente da S.T.B. (hoje S.B.E.), do mesmo que são suas diversas anotações – Nota da Redação

considerar como o único real, com certeza, pelo fato de não sabermos analisar minuciosamente os fenômenos de que ele se acha cercado e não querermos ir bastante longe no encadeamento das causas que os determinam. Nenhum bom oriental duvida um momento sequer da existência de seres inteligentes, invisíveis para a generalidade dos homens, mas que, no entanto, vivem ao nosso próprio lado”.

O conhecimento desses seres e mistérios é trabalho fundamental da Sociedade Teosófica, para não dizer, da sua *Carta Constitucional* – Carta contra a qual também houve “ditaduras” – já que o segundo objeto, tanto da que tem a sua sede em Adyar (Índia), como a de Point Loma (E.U.A.), visa “o estudo de religiões, ciências e filosofias”, tanto do Oriente como do Ocidente, e na investigação das leis ocultas da natureza” – que, por existirem, se regem, sem dúvida alguma, tais seres e mistérios.

Em resumo, semelhante conhecimento é o fim essencial da Teosofia das Idades, ou Ciência das Religiões e Religião das Ciências, Sabedoria primitiva, brilhantemente reconhecida por nosso filósofo Edmundo González Blanco, quando diz na página 16 de sua obra *El Universo Invisible*:

“Os evolucionistas vulgares pretendem que os povos do Oriente se elevaram, lenta e gradualmente, à civilização, de um estado primordial de selvagismo. Porém, os que assim pensam, o fazem por suposição. No entanto, os que sabem aprofundar-se devidamente nos monumentos que nos restam, estão convencidos de que a história que conhecemos se oferece em suas origens como a resultante de uma cultura antiqüíssima...” e “nada mais dentro das leis naturais para a Ciência estudá-las – acrescenta Rafael Urbano – do que o milagre e o mistério, porquanto, quer um, quer outro, nos proporciona a verdadeira visão da realidade, mostrando-se tais como devem ser”, enquanto que a nossa pomposa ciência do Ocidente não se compõe – na opinião do astrônomo e orientalista Bailly – senão, “de fragmentos e relíquias de um sistema de ciência asiática muito mais antigo e infinitamente mais perfeito, procedente talvez da própria Atlântida”.

Esta é, enfim, aquela que, em linguagem ocidental, poderíamos chamar de “*Sabedoria da Idade da Pedra*” e da qual tivemos de dizer no final de nossa obra *La Ciencia Hierática de los Mayas*:

“É ela o tesouro de uma época não estudada e misteriosíssima, que alcança a mais remota pré-história, época que Trogo Pompeyo denominou de *cítica* ou dos turânios e hiperbóreos, e cuja raça irradiou seus primevos fulgores pelo mundo inteiro, segundo o extrato das obras de Trogo, feito por Justino, e reproduzido no clássico livro de Alexandre Bertrand, *Les Druides et le Druidisme*, com aquelas palavras de *non minus illustria initia quam imperium habuere*; a remota época que foi sempre considerada como a mais antiga do planeta, anterior aos próprios hindus e egípcios (*Scitarum gens antiquissima semper habita*); gentes cujo império foi imenso (*multum in longitudinem et latitudinem patet*) e que por três vezes aspirou ao império da Ásia (*imperium Asiæquesivere*), impondo tributos que foram abolidos por Nino – o pai de Semiramis e primeiro rei da Assíria (*his scythias per Mille quingentos annos vectigalis fuit. Pendenti tributis finem Ninus rex Assiriorum imposuit*). Esta raça troncal não é outra senão a *hiperbórea e crítica* de Heródoto; a *pré-ariana e mágica*, de Plínio; a *proto-semítica*, de Scott-Elliot; a dos restos *hiperbóreos, lêmures e atlantes*, de Blavatsky; a *megalítica*, dos antropólogos modernos; a *protodanesa, escandinava ou nórdica*, de Worsaal, Nilson e Montelius; a *druída*, de Bertrand; a *vasca ou pré-caldéia*, de Fernandez e González; a *turania ocidental*, de Lenormand; a *mediterrânea*, de Sergir; a *líbio-ibera*, de Antón, etc., etc. pois como disse Bunsen, comentando a admirável obra de Lenormand, “*La magie chez les chaldéens et les origines accadiennes*”, “tudo se une para nos levar a considerar a uma mesma e só raça da humanidade, como implantadora, em uma antigüidade prodigiosamente remota, que não podemos reduzir a algarismos, das superstições mágicas que lhe foram

características no vale do Eufrates e do Tigre”, frase comentada por Bertrand com estas palavras: “A hipótese de Bunsen é hoje um fato apoiado em sólidos argumentos e cada dia alcança uma demonstração mais completa. O dia que tal coisa ficar definitivamente estabelecida, a história primitiva da humanidade terá dado um passo gigantesco. Este dia já nos aparece mui próximo”.

A chave de tão grande mistério está no Tibete e no Gobi, nesses singulares países que são o *telhado do mundo*, pela elevação excepcional de seu solo extensíssimo; com regiões maiores que muitos Estados europeus, onde, segundo Grenard, “nada passa, senão o vento, e nada mais passou do que fenômenos geológicos”; onde rios, como o Tarim, são servidos por desertos que antes foram países florescentes e, em tempos mais remotos, salsos Mediterrâneos como o nosso; onde se pode percorrer, durante meses, milhares de quilômetros, sem encontrar, sequer, uma péssima vivenda, um caminho, uma alma humana, um pássaro, um vestígio, enfim, de seres vivos; onde, graças à altitude, se irmanam a neve e a areia, a lama e o pedregal, o furacão e o fogo ardente do Sol, que chega a atingir durante o dia temperaturas senegalescas, e à noite, frios polares, mais temíveis do que os suportados pelas expedições árticas; onde até o respirar exige grande esforço nas furnas e gargantas elevadas a três, quatro e cinco mil metros e, onde, entretanto, se encontra alguns passos mais adiante, tudo quanto nos envaidece no Ocidente a respeito de ciência, história, arte, tradição, leis, filosofia, magia e ocultismo, excedendo-se, porém, à nossa civilização material, porque, como povo velho

grande, que desfrutou há séculos todos os criticáveis prazeres deste baixo mundo, vive agora, apenas, para os divinos problemas do Espírito...²

“O anacoretismo é estimadíssimo no Tibete”, diz a senhora David-Neel em sua já famosa obra *Voyage d'une parisiense a Lhasa a pied et en mendiant de la Chine à l'Inde a travers le Thibet*. Os místicos tibetanos são um verdadeiro enigma ainda dentro da atmosfera de mistério que banha todo o território. “O país das neves” deixará, talvez mui breve, de ser uma região vedada ao estrangeiro, porém, é mais do que certo que uma grande parte dos segredos desses eremitas jamais seja revelada. “O mais, em seu conjunto, nada mais é do que uma vasta teocracia, superior àquela que Roma, há vinte séculos, procura debalde impor ao mundo: um teocracia sob a qual transparecem as origens filosóficas – melhor dito, *teosóficas* – de todas as regiões positivas, desde o

² O território conhecido com o nome de *Tibete* (Thibet), possui um outro oculto, ou seja, de “País de Bod-Yul” (daí a frase “língua de Bod”, para aquela que se fala em tal país). O verdadeiro significado de *Thibet*, é: “telhado do mundo”.

Da palavra *Bod-Yul* provém *Bhante-Yaul*, ou o nome que se dá à famosa Fraternidade dos Irmãos da *Grande Loja Branca* do Himalaia. Por isso mesmo é que se conhece qualquer dos seus preclaros Membros, como um *Bhante-Yaul*.

O planalto do Pamir – centro orográfico de toda a Ásia, donde partem as principais montanhas, como Tian-Chan, Kuen-lung, Karakorum, Himalaias, etc. – é o berço da raça ária – segundo Roso de Luna e outros sábios ocidentais.

O célebre viajante chinês Hien-sang o denomina de Pamito e os indígenas, de *Bam-i duniyah*, que significa: “Teto ou telhado do mundo”.

Não só é o mais elevado planalto do mundo – onde floresceu há milênios a mais brilhante civilização de que nos falam as velhas tradições orientais – como também o ponto misterioso escolhido pelos Adeptos para os seus “Retiros Privados”.

Querendo dar uma prova mais cabal do verdadeiro significado da palavra Tibete, vamos buscá-la na misteriosa língua hebraica, cuja Cabala fornece aos que a sabem interpretar, um mundo de revelações em todas as questões da vida. Senão, vejamos:

A palavra Thibet, se quisésemos escrevê-la em hebreu, seria com as três seguintes letras: *Thet*, *lod* (ou Jod, que é o mesmo) e *Beth*.

Ora, *Thet* é a 9ª letra e lâmina do Taro: O Ermitão, O Adepto, etc. etc., e cujas idéias a Cabala interpreta como: Sabedoria, Proteção, Circunspeção, etc. Hieroglificamente, é representada por *Teto ou Telhado*.

Quanto a *lod*, é a 10ª letra e lâmina do Taro (A Roda da Fortuna) e cujo hieróglifo antigo, a representava por um *Index*, (idéia de governo ou comando). 10 é ainda, a 10ª Sephirot – *Malkuth* ou o “Reino”, etc.

O *Beth* é a 2ª letra e lâmina do Taro (A Papisa). Hieroglificamente, é representada pela *boca humana*, como órgão da palavra. Do mesmo modo, significa: Casa, Santuário e toda concavidade (gruta, garganta, fuma, etc., etc.).

Possuímos, portanto, material bastante para fazermos – em ligeira síntese – uma interpretação cabalística da palavra *Tibete*, ou seja: Telhado do mundo, Santuário do mundo, Teto ou Telhado protetor do mundo (Teto, em si, já possui a idéia de proteção, abrigo, etc., contra as chuvas e outras tormentas, que possam afligir o homem).

Estendendo mais a nossa interpretação, encontramos: O Tibete é o Santuário do mundo, onde se acham os ADEPTOS ou Super-

Homens – senhores da Palavra Sagrada (a Sabedoria dos deuses, Teosofia, etc), como Protetores, Defensores ou Guias da Humanidade. Mais ainda: o Tibete é o lugar sacrossanto onde se acha o “Governo Oculto do Mundo” (lembrem-se de *lod*, hieroglificamente representado por um *Index*, que dá idéia de Comando ou Governo). Nem podia deixar de ser essa a interpretação – pouco importa que outros não o tivessem feito anteriormente – porquanto o *Tibete* é, de fato, “o berço das humanas civilizações”.

E com isso se pode fazer uma pálida idéia do que possa ser o conteúdo da última obra do imortal Roso de Luna – a qual chamamos – por nossa vez – de “telhado ou cumeeira do colossal edifício literário do grande gênio de nosso século”. – *Nota do Tradutor*.

lamaísmo ou “religião dos *lhas*” – espíritos humanos e espíritos naturais – e o fetichismo horivelmente sanguinário e necromante, até às mais modernas formas do budhismo e do cristianismo.

“O âmbito do misticismo tibetano – diz ainda aquela intrépida viajante – é como um imenso campo de batalha em que lutam as tendências de raças – não só de mentalidades diferentes, como também, as completamente antagônicas” – nem mais, nem menos – dizemos nós – que no campo das modernas atividades teosóficas, ser de dupla importância nos aprofundarmos no estudo daquela mágica região central da Ásia – a cujos místicos mais excelsos, componentes da *Grande Loja Branca* – como lhes chamam os mais eminentes ocultistas – se devem os modernos ensinamentos de nossa mestra Blavatsky, ressuscitando com eles a Eterna Sabedoria das Idades, conhecida vulgarmente – desde os tempos neoplatônicos até hoje – com o nome grego de *Teosofia*, que aliás, não deve ser tomada como “Ciência de Deus”, porquanto, a Deidade sendo Abstrata, Absoluta e Infalível – Mar sem limites, donde tudo emana e para onde tudo volve – não pode ser objeto de conhecimento algum, *nem atributo – inclusive o da existência* – que a concretize ou limite – mas sim, “ciência dos heróis, dos semi-humanos e dos deuses”, que são as *três classes de seres humanos superiores* à nossa atual condição de seres semi-humanos e semi-animais, em caminho evolutivo de provação, de luta e da própria superação, para despertar o Divino Raio do Logos Solar, que arde no fundo de nossa consciência.

Porém – como ensina Plutarco – não há diferentes deuses nos diversos povos; nem deuses estrangeiros nem deuses gregos; nem deuses do sul e do norte, mas, do mesmo modo que o sol e a Lua, o céu, a terra e o mar são comuns a toda espécie humana, com diferentes nomes, segundo diferentes raças. Do mesmo modo, ainda que não existindo mais do que uma Razão que põe em ordem essas cousas e uma Providência (Karma), que as administra – há diferentes honras e denominações nos diversos países, e os homens para se entenderem, se servem de símbolos sagrados – uns obscuros e outros mais claros – encaminhando, desse modo, o pensamento pelos do *Divino*, porém, não isento de gravíssimos perigos, porquanto, alguns falseando o passo se despenham na superstição e outros não querendo cair no lodaçal da superstição, se despenham, por sua vez, no precipício do ateísmo”. A mais, como disse Franz Hartmann “algumas pessoas possuem grandes poderes intelectuais, mas pouca espiritualidade; outras têm grande poder espiritual, com uma inteligência débil. Aqueles que possuem as energias espirituais bem reforçadas com uma forte inteligência, são os eleitos”.

O verdadeiro teósofo, tem que se esforçar – com todas as potências de sua alma – em ser desses últimos, não no sentido egoísta cristão da “eleição” e a “salvação” para ele só, esquecendo os demais; porém, no sentido humano de “ser homem” e procurar que “nada humano lhe seja alheio” – à guisa da clássica sentença de Terêncio – e ao qual, se no entanto não lhe for dado ir fisicamente ao Tibete – onde prática e livremente são ensinadas essas cousas por Seres superiores, para os quais “a própria adoração não seria idolatria”, como disse Blavatsky – possa ao menos fazer com que “o Tibete venha a si”, repetindo o mesmo que disse o mestre Mahoma, sempre bendito, embora com outras palavras: “a Montanha virá a mim, se eu não puder ir à Montanha...”

II

O TIBETE, TELHADO DO MUNDO

O ANTIGO continente é um imenso quadrilátero, limitado ao norte pelo Oceano Glacial Ártico e o Atlântico setentrional; a este, pelo Pacífico; ao sul, pelo Mar das Índias e a Oeste pelo Atlântico.

No interior deste quadrilátero e muito mais próximo do sul, ou seja, do Mar das Índias, se ergue a Meseta de Pamir, fecho orográfico ou vértice de uma pirâmide quadrangular de alinhamentos montanhosos, demarcadores das respectivas bacias daqueles quatro oceanos, a saber:

- *Alinhamento nordeste*, constituído pelas sucessivas cordilheiras de Tien-chan, Altai, Tarbagatai, Jablonoi e Stanovoi, morrendo para o Estreito de Bhering, ou melhor, unindo-se aí com as formações andinas que percorrem as tres Américas até o Cabo de Hornes;
- *Alinhamento sudeste*, formado pelos Himalaias e montanhas da Indo-China, até Malaca, com prolongamento imediato para o Pacífico até Austrália e Nova Zelândia;
- *Alinhamento sudoeste*, determinando, com os montes Salomão, a separação entre Pérsia e Índia, e região montanhosa do Sul da Arábia, para logo constituir os montes da Abissínia e restantes da África oriental até o Cabo da Boa Esperança;
- E finalmente, o *alinhamento noroeste*, composto pela série ininterrupta de cordilheiras do Hindu-Cusch, Irã, Armenia, Cáucaso, Bálcãs, Carpatos, Alpes, Pirineus, até o Cabo de Finisterre.

Geológica ou tectonicamente falando, esta disposição atual é devido a que, na mais remota das idades da Terra, existiriam primitivas formações continentais para aquilo que hoje é o Oceano Glacial Ártico, ou seja, a *Eurasia* dos geólogos modernos e o Continente Hiperbóreo, ou segundo Continente da “Doutrina Secreta” oriental.

Muitas centenas de séculos mais tarde – à guisa de casco de navio afundado – veio chocar-se com aquele outro continente meridional, a chamada *Gondwana* pelos geólogos, continente que antes foi a *Lemúria* de Lamark, Darwin e Rusel Wallace, ou seja, o terceiro Continente das tradições orientais e cujos últimos e ainda enormes restos são a Austrália e demais terras do hemisfério sul. Semelhante choque titânico entre os dois colossos continentais está testemunhado nos alinhamentos segundo e terceiro já referidos; porém, enquanto que no segundo a *Eurasia* se sobrepos à *Gondwana*, deixando como resto desta última, a Índia, na hoje região européia, a *Gondwana* impeliu a *Eurasia*, criando a grande fenda terrestre mediterrânea, a *Thetis* dos geólogos modernos

e ainda fazendo secar o então Mar do Deserto de Sahara, que antes deixava dentro de Europa todo o norte da África atual. Além disso, a Eurasia teve de fender-se de norte a sul, paralelamente aos Urais, criando a depressão cáspia, que vai do Golfo Pérsico ao Mar Glacial por toda a Arábia, Pérsia e bacia do Rio Obi, região que é, portanto, como um velho e mirrado Mediterrâneo, que ainda conserva seus lagos Pérsico (hoje golfo), Cáspio e Aral. Como o choque, enfim, daquelas massas continentais se operou de norte a sul – como já foi dito – seu tremendo impulso tangencial – cuja vaga recordação demopédica e religiosa é em certo sentido a luta dos Titãs contra os Deuses, da Teogonia de Hesíodo, ou de outro modo, a dos *Kurus* solares e os lunares *Pandavas* do Mahabharata – determinou uma costura ou dobra geral de este a oeste, de toda a massa terrestre algo assim como um fole que encolhe ou tecido que enruga, e daí a multidão de cordilheiras orientais no referido sentido por todo o âmbito da região tibetana entre a Índia e a Sibéria, e entre o Mediterrâneo e a Europa setentrional. A imensa pirâmide do velho continente ficou assim truncada, e a alta superfície da dita truncatura veio a constituir o Tibete máximo (grande Tibete, Gobi e Mongólia juntos), parte, desde então, mais alta, misteriosa e inacessível do Planeta.

De este a oeste, a referida superfície, de truncatura maior que a da Austrália e a da Europa, ficou partida – se é que antes não estivesse – em três regiões quase iguais: duas ao norte (Gobi e Mongólia) e uma ao sul (o Tibete propriamente dito), pelo levantamento das cordilheiras do Altin-Tag e de Kuen-lun, cuja altura média é superior, talvez, à do Himalaia¹ e que nos vales mais profundos, poucas vezes mais baixa de três mil metros, ou seja, um nível sobre o mar não alcançado pelas tres maiores elevações de nossa abrupta península (Pico Mulhacen, Picos de Europa e altura de Gredos, Moncayo, etc.). Podemos imaginar algum país como o tibetano, cujos rios iniciam seu percurso de centenas de quilômetros para o Pacífico e Mar das Índias, muito acima do Monte-Branco? Pois é esta uma das infinitas características do país dos *Pe-pas* ou *Po-pas* que, por muitas razões fonético-históricas mui sérias, poderiam os espanhóis chamar de *Pepes*.

O gigantesco choque ou choques relacionados com o desaparecimento sucessivo dos velhos continentes Hiperbóreo, Lemúrio e Atlante, constitui o que a geologia moderna chama *Formação alpina*, a qual determinou a orografia e a tectonica da Terra, tal como hoje a conhecemos. Por tais encontros, desde a China até Espanha, a crosta terrestre ficou como que enrugada em infinitas pregas montanhosas, deixando também de este a oeste, duas imensas extensões onduladas: uma para o norte, com vaga recordação do continente boreal originário (Sibéria, Rússia, Alemanha, França) e a outra para o sul (Índia, Arábia, continente africano, etc) como restos, por sua vez, dos territórios lêmures e atlantes, compreendida neste último a própria China. Além disso, a fenda da Eurasia, marcada pela depressão do Mar Glacial ao Golfo pérsico, estabeleceu uma semelhança territorial entre as tres partes do antigo continente, mui distinta desigualdade de nossa geografia política, já que – graças à tal depressão – a bacia Obi, a região kirguis-cáspia e a Anatólia ou Ásia Menor, passa a ser *Europa*, enquanto que a Pérsia, Arábia e ainda a Índia, passam a *África*, geológica e climatologicamente, ficando para a Ásia, propriamente dita, todo o restante território desde os Himalaias ao Mar Glacial, com seu centro no Tibete.²

¹ Um lacônico e recente telegrama da Missão norte-americana, que atualmente percorre aqueles países, nos diz haver descoberto – sem precisar a zona – um pico de uns 10.000 metros de altura, ou seja, mil a mais do que o Everest, cuja altura é de perto de nove mil, como se sabe.

² Quem deseje maiores detalhes acerca de tão sugestivos problemas, poderá consultar *A Tectonica de Ásia*, conferência dada em Bruxelas em 1922 na Sessão XIII do Congresso Geológico internacional, por Emile Argand (págs. 174 a 372 das Atas do referido Congresso). Dela extraímos os seguintes conceitos:

- A base da moderna *Ciência Tectonica* está na obra de Suess (1910) e na de Marcel Bertrand a respeito das colossais dobras terrestres *pré-cambrianas*, *Caledonianas*, *hercinianas* e *alpinas*, que longe de ser de um determinado país, se estendem a partir do Tibete, por toda crosta do Globo. Não há Tectônica estática e tectônica dinâmica, mas uma ininterrupta série de deformações pela pressão tangencial da crosta terrestre.
- Não há síntese tectônica, mas a visão científica de um contínuo a três dimensões em perpétua deformação, que não necessita da hipótese de impulsos verticais, mas sim, que todas são dobras iniciais, paroximais e tardias, à guisa das ondas do mar chocando-se contra os rochedos.

É, portanto, o Tibete, o verdadeiro *telhado do mundo*, telhado de quatro águas e também a mais augusta, simbólica e originária de todas as *Pirâmides*. Talvez por isto, uma humanidade sábia construiu mais tarde no Egito, essas maravilhas de arquitetura e geometria iniciática chamadas “as pirâmides”, templos do Saber perdido, a respeito dos quais tantas luzes devemos a Piazzzi Smith e a H. P. Blavatsky. Diante disso, que estranhar o Tibete seja o mais misterioso e excelso de todos os países do globo? Assim se explica porque desde os tempos de Marco Polo constitua o Tibete a maior atração para os espíritos verdadeiramente elevados da Humanidade, em sua ânsia infinita de redenção e de superação, acima das misérias humanas de nossa vida física, do mesmo modo que, a retirada mansão desses seres espiritualmente superiores, conhecidos em todos os tempos e países com os nomes de Iniciados, Adeptos, Mestres, Grandes Homens e Grandes Almas ou *Maha-Atmas*.

Consciente ou inconscientemente atraídos por tais grandezas, a aspiração científico-religiosa de nossa época fez por isso do Tibete e seus desertos vizinhos o objeto predileto de expedições, praticando nelas verdadeiros heroísmos e trazendo para o acervo ocidental como fatos concretos, positivos e incontestáveis, o que antes, por sua ignorância, o Ocidente ousava chamar “o insano delírio dos teósofos”.³

III

CAMINHOS TIBETANOS, O CAMINHO DOS HANN

Em torno do planalto da Ásia se agrupam milhões de homens, isolados quase por completo da chamada civilização européia. Esses milhões de homens são os herdeiros degenerados de uma sabedoria perdida; os que em épocas pré-históricas tiveram uma cultura florescente, hoje quase sepultada na neve ou na areia; os que criaram impérios colossais no medievo, cujas ondas irresistíveis tiveram de estender-se pelo resto da Ásia e invadir a Europa: hunos, mongóis, tártaros, turcos; os que, enfim, unem cinco antigas religiões e os que vivem hoje, mais ou menos, submetidos à teocracia feudal do Dalai-Lama de Lhasa – teocracia como a que tem procurado imitar e impor a Roma papal aos povos do Ocidente.

Porém, o país tibetano-mongol não é inacessível – embora que a ele não conduzam estradas de ferro, nem de rodagem, nem próprias para transeuntes. De fato, tem sido penetrado e visitado em diferentes séculos por heróicos exploradores, que daí voltaram maravilhados com o que viram e aprenderam, pois que, o Tibete é a terra clássica dos sortilégios, da magia e do ocultismo.

¹ Algumas pessoas notarão, com certeza, que escrevemos a palavra *Tibet* em vez de *Thibet*, como usualmente se faz. Porém, adotando a nova ortografia, excluimos o 'h', que nada representa na pronúncia de tal palavra, deixando, porém, o 't' final, porque, de fato, ele deve ser pronunciado. Até os mais eruditos homens de letras dizem 'Tibé', quando tal pronúncia está errada. A verdadeira é Tibet (com o 't' final).

O erro provém do 't' final da palavra Thibet ser mudo em francês, cujo idioma é o mais empregado nas obras que se conhece sobre Esoterismo. Quanto às demais palavras tibetanas citadas no decorrer do presente artigo, procuramos respeitar – tanto quanto possível, a sua pronúncia. – Nota do Tradutor.

No Tibete propriamente dito existe um grande caminho, quase perdido, mas no entanto, muito citado nos anais chineses, que é “o caminho da seda”, caminho mais extenso do que todo o Mediterrâneo e que une a Rússia com a China através das hoje desoladas comarcas do Tarim. É “o caminho dos Hann”, que parte de Yarkend, Guma e Khotan na região Kirghis ou Turkestão russo e segue para o este paralelamente ao dito rio atravessando os dois enormes desertos de Taklamakan, ou melhor, Tak-lama-kan (império do lama Tak?) e de Gobi, até encontrar nas comarcas do curso superior do Hwan-ho o rio Amarelo, caminhos que descem do lago Baikal e outros lugares da Sibéria até o Golfo de Petchili (“golfo da Prata”?) onde se assenta Peking.

Por honrosa coincidência, tal caminho possui o nome de nossa mestra H. P. B., pois que, o primeiro dos seus principescos apelidos é o de “Hann” ou galo, segundo a lenda de que um dos seus antecessores calmucos, em suas empresas guerreiras pelas comarcas asiáticas, foi despertado pelo canto do galo em seu acampamento, livrando-se desse modo, de uma surpresa noturna por parte de seus inimigos. Isso envolve, ainda, um sentido oculto que se dirá um dia; do mesmo modo, como são famosos os *Kiaug* ou anais chineses dos Hann.²

Esse caminho “sérico”, que é visível ainda sobre Keria Nia, oásis de Tchertchen e lago de Lob-nor (lago azul), viu morrer – em toda a sua extensão – cidades populosas, das quais, algumas alcançaram as épocas budista e cristã, destruindo-se definitivamente, já pelas guerras tártaras, como séculos antes, pela invasão das areias no deserto, ao mudar o rio Tarim o seu curso. A elas se refere a mestra na conhecida passagem da *Doutrina Secreta*, que diz: “Encontram-se, contudo, os vestígios de uma civilização imensa e pré-histórica na Ásia Central... A gigantesca e interrupta muralha de montanhas que ladeiam o planalto do Tibete, desde o curso superior do rio Kwan-Kné até as colinas de Karakorum, foi testemunha de uma civilização que durou milhares de anos e poderia revelar à humanidade bem estranhos segredos. Houve um tempo em que as porções oriental e central das regiões de Nan-chan e Altying-tag estiveram cobertas por cidades, que bem poderiam competir com Babilônia. Um completo período geológico passou sobre o referido lugar, desde que aquelas cidades exalaram seu derradeiro alento como testemunham as montanhas de movediça areia e o solo agora estéril e morto das imensas planícies centrais da bacia do Tarim. Os territórios fronteiros desses países é só o que de um modo superficial conhecem os viajantes. No interior daquelas planícies há água e frescos oásis, cheios de vegetação, onde nenhum pé europeu se aventurou a penetrar, temeroso de um solo hoje traiçoeiro. Entre esses floridos oásis, existem alguns completamente inacessíveis, até mesmo para os indígenas profanos que viajam pelo país. Os furacões que podem arrebatam as areias e com elas cobrir comarcas inteiras, são impotentes para destruir o que está fora de seu alcance. Os subterrâneos construídos nas entranhas da terra garantem os tesouros ali encerrados, e como as suas entradas se achem ocultas (“subterrâneos de Aladin” das “Mil e Uma Noites”), não há perigo de que ninguém os descubra, mesmo que vários exércitos invadissem os arenosos desertos onde nem um poço, nem um arbusto, nem uma vivenda são apercebidos e a cordilheira

² Existem coincidências interessantes em tudo quanto diz respeito a H. P. B. – como aliás na vida de todos os seres que trazem missão especial no mundo. Por exemplo: além de um dos seus apelidos (Hann) ter o significado de “galo” – conforme já se viu pela lenda referida pelo emérito polígrafo espanhol – Roso de Luna – tal animal (galo) é puramente solar. Do mesmo modo quanto ao seu primeiro nome “Helena”, que provém de “Helios” (o Sol). Ademais, nascendo H. P. B. de 30 para 31 de Julho, *ipso-facto*, possui como planeta de nascimento o Sol. Isso vem, mais uma vez, provar que tal “Ego” foi de fato, um Sol maravilhoso, que apareceu no século passado com o fim de iluminar uma multidão de seres – cujo mental se achava preparado para receber as suas potentíssimas e fulgurantes radiações.

Na S. T. B. também existe uma Helena (como um Henrique...) – embora que ambos estejam longe de ser equiparados à Mestra, e que, além de outras muitas coincidências, a Helena nasceu sob a influência de Sol (embora que em 13 de Agosto) e o Henrique sob a de Mercúrio (que tanto vale por outro Sol... oculto atrás do primeiro!...), ou seja, em 15 de Setembro e... à meia-noite em ponto (tal como nasceu H. P. B. e nascem algumas outras pessoas portadoras de certas missões no mundo, segundo nos ensinam as velhas tradições orientais). Somente Karma pode desvendar a razão de tais coincidências. – Nota do tradutor.

forma uma poderosa barreira em torno das áridas planícies³. E nem é necessário conduzir o leitor através do deserto, porquanto, as mesmas provas se encontram em pontos relativamente povoados da região.

³ Como os tempos tenham chegado... não há nenhuma transgressão de nossa parte em dizer que tais “subterrâneos construídos nas entranhas da terra” vão dar ao “País Sagrado dos Deuses” (As “Sete famosas Cidades das Maravilhas” de que tanto falam os velhos códices do Oriente e do Ocidente e que, esotericamente, podem ser tidos como “reflexos dos 7 Dvipas ou continentes” e até, se quiserem, “dos 7 Globos planetários”...) Os homens na sua pertinácia em querer negar até mesmo aquilo que desconhecem, nos tomarão como fantasistas ou visionários – o que, aliás, é uma honra para nós, porquanto todas as obras grandiosas do engenho humano, outra coisa não foram, antes de serem postas em execução, do que “Sonhos ou Fantasias” criadas por cérebros em ebulição: formas vagas e indecisas como primeiros esboços de outras mais claras, mais precisas – tais como nuvens que se formam, que se condensam, e finalmente, se chocam produzindo horribéis tempestades e... que aqui se pode comparar ao período tempestuoso que se segue, ou seja, o da realização daquilo que foi imaginado, sonhado ou fantasiado. “Toda verdade importante”, diz Melchior Farré, “foi de certo modo, uma bela verdade que se buscou e admirou por si mesma, por sua mera e abstrata beleza. Os belos teoremas encontraram-se depois que se fizeram mais úteis. Kepler não viu, no começo, nas leis das órbitas planetárias, mais do que sublimidade; do mesmo modo que, se Newton afirmou a gravitação universal, foi porque *sonhou* como gênio uma universal harmonia, uma redução da variedade ou diversidade à unidade, uma fecundidade infinita na mesma simplicidade do princípio que formulava. O chamado real foi sempre coisa bem secundária para os Pascal e os Leibnitz, os quais, como todos os gênios, enxergaram mais além de todas as chamadas utilidades, vivendo em uma espécie de *sonho* acerca do possível, sem ver nos fenômenos físicos outra coisa, senão, ecos das mais elevadas harmonias”.

Prossigamos, pois, com “os nossos sonhos e fantasias”.

Quando o saudoso autor de “O Tibete e a Teosofia” diz, no mesmo período, que tais “subterrâneos construídos nas entranhas da terra” garantem os tesouros ali encerrados e como as suas entradas se achem ocultas, não há perigo de que ninguém os descubra, mesmo que vários exércitos invadissem os arenosos desertos, onde, nem um arbusto, nem uma vivenda são apercebidos, e a cordilheira forma uma poderosa barreira em torno das áridas planícies” – prefere ocultar o que são de fato, tais subterrâneos... porque possuía razões bastantes para o fazer. No entanto, se os que lêem as suas obras fizessem o que o próprio autor indicava aos seus leitores – “que os lessem várias vezes e meditassem sobre tudo quanto neles se continha”, é provável que tirassem deduções interessantíssimas... que lhes abria um novo horizonte diante dos olhos estáticos na contemplação de tantas *maravilhas*... até então desconhecidas!

Tais subterrâneos, dizemos nós, mais uma vez, vão ter à famosa SHAMBALLAH ou “Cidade imperecível, que nenhum cataclismo pode destruir”; conhecida, ainda na literatura do país com os vários nomes de “Ilha Branca”, Dejung, Belovodye, Bhante-Yaul (ou Jaul, como preferem outros, a fim de concordarem as suas iniciais com as duas Colunas do Templo de Salomão: Jakim e Bohaz); “Loja Branca” do Himalaia, dirigida pelo divino Maha-Chohan; como ainda, “Cidade de Erdem”, dirigida pelo Rei do Mundo ou o célebre Rigden Jyepo, que a tradição aponta como “o Soberano que há de vir à frente de seu povo... para destruição dos maus e salvação dos bons...”

Reproduzimos aqui, algumas lendas famosas do Tibete e da Mongólia, para que o leitor inteligente possa deduzir, por si mesmo, desses “nossos sonhos e fantasias”, com que o obrigamos a compartilhar conosco, desde que nos quis dar a honra de fazer a leitura de tão exaustiva anotação:

“De uma cova aberta na rocha saiu um estrangeiro muito alto e misteriosamente vestido. Foi ao bazar de Turfán comprar algumas coisas e pagou-as com uma moeda de ouro. Depois, quando examinamos melhor essa moeda, verificamos que havia mais de mil anos que tal espécie de dinheiro não circulava. Esse homem veio da *terra santa*”.

Outra mais:

“De uma das *passagens subterrâneas* (o grifo é nosso) saiu uma mulher alta, de aspecto severo e cuja pele era mais escura do que a nossa. Veio ao povo para o auxiliar e proveniente da *terra santa*”...

“Cavaleiros de aspectos desconhecidos foram vistos nas proximidades de uma gruta; em seguida desapareceram. Provavelmente o fizeram através de uma passagem subterrânea de seu país. Por *muitas dessas entradas se pode passar até a cavalo* (é nosso o grifo)”

E assim outras muitas lendas onde se fala de Shamballah e seu povo misterioso!

Aconselhamos o leitor interessado no assunto a que faça a leitura das seguintes obras de Roso de Luna, onde encontrará material bastante para o instruir: *De Sevilla al Yucatán*, *De gentes del otro mundo*, *El libro que mata a la muerte o libro de los jinas*. Os de outros autores por nós citados em uma anotação do artigo de Don Santiago Kohler, que tem por título *Uma nova Humanidade*, publicado no presente número, também tratam do assunto, embora que sem comentários nem os reais valores do incomparável polígrafo espanhol Roso de Luna.

No decorrer de “A minha Mensagem” falaremos, por nossa vez, mui detalhadamente sobre o assunto, quando tratarmos da questão dos Adeptos, *Mahatmas*, etc, tão mal compreendidos nos nossos dias, ridicularizados pelos que os negam – sem conhecimento de causa; vilipendiados e profanados pelos que fazem uso de seus Nomes com fins egoístas – por isso mesmo, sujeitando-se às consequências *kármicas* que ora os afligem (como está acontecendo a certas Sociedades pseudo-ocultistas do Rio... às voltas com a Polícia...) etc., etc.

Voltando à questão dos subterrâneos que conduzem ao seio da terra, devemos dizer que, não são apenas aqueles por nós referidos, os únicos conhecidos. É bem verdade que são os principais, pelo fato de... irem ter, talvez, à cabeça do Dragão ou... a sua 7ª *escama* (assim como se disséssemos, à sua corôa, tal como no homem o centro de força – *chakra* – do alto da cabeça, conhecido com os vários nomes de *Coronal*, *Brahmananda*, *Sahasrara*, *Loto das Mil Pétalas*, etc) já que o Oriente é o centro onde se irradia essa Luz maravilhosa, que banha toda a superfície da Terra, segundo a expressão sintética do grande vidente do século XVIII – Emmanuel Swedenborg: *Ex Oriente Lux* !

Existem diversas entradas subterrâneas no mundo – inclusive as do *Deserto Líbico*, de que já tratamos em antigos escritos nossos, através desta revista, cujos graus de latitude norte (no Trópico de Câncer...) coincidem perfeitamente com os mesmos graus de latitude sul (Trópico de Capricórnio...) da cidade de Niterói e da Capital da República brasileira (ou sejam 23º) – por perto das quais e até mesmo, por sobre as quais, passam inúmeras caravanas, nas suas longas jornadas através do deserto africano – que conduzem ao seio misterioso da terra... onde é provável encontrar-se vestígios de uma antiquíssima “Fraternidade secreta”... cujos discípulos de tão Sábios componentes ou preclaros membros, é provável estarem cumprindo o seu dever em determinados lugares deste mundo de ilusões em que vivemos... Tal “Fraternidade” – que lhe poderíamos dar o nome de “Kaleb” e que tem o significado de *Cão*... se relacionava à Constelação “Cão Maior” (donde figura a mais brilhante estrela do céu, ou seja *Sirio*...), pouco importa que tal constelação pertença ao Hemisfério austral ou sul, pois nisso é que está, justamente, o seu mistério em relação com a Obra em que a

“O oásis de Tchertche, por exemplo, acima do rio de seu nome, está hoje cercado em todas as direções, por ruínas de cidades arcaicas. Uns três mil seres humanos representam ali os restos de cem raças e nações extintas, cujos nomes desconhecem os próprios etnólogos. Um antropólogo encontrar-se-ia em apuros se os tivesse de classificar, dividir e subdividir – tanto mais, quando os próprios descendentes de todas aquelas raças e tribos antediluvianas sabem a respeito de seus antepassados, como se eles tivessem caído da Lua. Quando se lhes pergunta acerca de sua origem, respondem que não sabem donde vieram seus pais, mas que lhe ouviram dizer que os seus primitivos ascendentes foram “governados pelos Gênios (nossos “Jinas”, dizemos nós) daqueles desertos”. Tal coisa se poderia atribuir à ignorância e superstição, porém, em vista dos ensinamentos da *Doutrina Secreta*, a resposta pode considerar-se fundada na tradição primitiva. A própria tribo afegã do Khorasan (“Kaurio-assania”, os solares terapeutas?) possui lendas em corroboração com o fato.

“O viajante russo Prjevalsky encontrou – quase tocando o oásis de Tchertchen – as ruínas de duas imensas cidades, onde a mais antiga delas – segundo tradição local – foi destruída há 3.000 anos por um herói gigante, e a outra, pelos mongóis no século X. A superfície dessas duas cidades se acha, atualmente, coberta – devido aos furacões do deserto – de relíquias heterogêneas e estranhas: utensílios, moedas, múmias, jóias... O coronel Prejvalsky recolheu lendas referentes a mais 23 cidades e iguais tradições existem no lago Lob-Nor e no oásis de Kerya”.

Bem longe estava a Mestra de pensar que as suas revelações haviam de encontrar imediatamente uma parcial confirmação, já que ao viajante Prjevalsky sucedeu o intrépido e tenaz Sven V. Hedin que, com a sua obra *No Coração da Ásia* nos desvendou – graças às suas heróicas expedições pelos referidos desertos – duas daquelas cidades sepultadas.

O sueco Hedin nos fala, com efeito, de antiquíssimos mapas chineses do então povoadíssimo “caminho dos Hann”; do seco leito do Kurruk Daria, abandonado há mais de mil anos e que desembocava, ou melhor, cruzava o hoje, do mesmo modo, quase seco Lob-nor e das “múmias” ou esqueletos arbóreos, únicos restos de uma vida extinta, com cuja lenha o mesmo se aqueceu nas gélidas noites de seus heróicos itinerários (1893-1900). Mais além do “Oásis dos sessenta mananciais de Jardang, Bulak e Altimich-Bulak”⁴ visita o deserto de Lop e o pantanoso lago de Jara-Koxum, onde verte e se finda ou sepulta o Tarim – tal como o nosso Guadiana nas lagunas de Ruidera – em cuja margem norte se acham um povo quase sepultado com as ruínas de sua torre babilônica, ainda de pé e onde colecionou moedas chinesas, cerâmica, marmitas e taças de culto, etc., além de tábuas talhadas que, à primeira vista, nos fazem lembrar os restos do artesado de nossa Mesquita cordobêsa. Odeh, o criado do sábio descobre, por sua vez, outro povo semelhante e no fim de 1899 a 1900 torna a encontrar no desconhecido Kurruk-tag, as ruínas por ele visitadas no ano anterior e uma terceira povoação com 19 casas, uma torre de ladrilho de tres metros, sobre uma colina de outros três, a duas jornadas do pântano de Kara-Koxum e onde encontra “tábuas talhadas com imagens de Budhas e inscrições”, centenas de papéis impressos com caracteres chineses, que remontam – segundo Himley de Wiesbaden – aos anos 264-279, nos tempos de Yuan e Wuti, por onde se vem a conhecer que aquela é a célebre cidade de Lu-lan ou Lunan (cidade “lunar”), onde estiveram aquartelados exércitos numerosos, como empório que foi há 1.600 anos, de uma civilização florescente, cuja extinguiu-se pelo fato do Tarim – que antes corria para o

STB se acha empenhada. E... paremos aqui para não nos acontecer o mesmo que aos demais... que se excederam em revelações a que o mundo não fazia ainda jus – segundo as palavras atribuídas ao Nazareno: “Não atireis pérolas aos porcos”...

Do mesmo modo, as entradas subterrâneas de Yucatã no México; as próximas a Manchu-Pichu, no Peru e... até no Brasil, em Mato Grosso e em outros lugares mais desse gigante imenso, onde futuramente vai surgir uma nova civilização portadora de melhores dias para o mundo. (Dos nosso “Livros de Revelações”). – Nota do Tradutor.

⁴ Note-se, de passagem, estes nomes de *Bulak*, encontrados várias vezes no célebre Museu do Egito. – Nota do autor.

este – ter desviado seu curso para o sudeste, formando o lago de Kara-Koxum, enquanto abandonava a sua sorte desértica ao lago de Lob-nor. Os 800 mapas desenhados por Hedin em seus vários cruzeiros nos reservam, ainda, várias surpresas acerca desses países, cuja desolação sem limites, está por ele resumida nas seguintes palavras: “Se na Lua há desertos de areia, não conterão menos quantidade de vida orgânica do que os mares arenosos do centro da Ásia”, sepultadores de toda uma civilização”.

Tal é a lei daquele país... e de tantos outros! Não esqueçamos, porém, que a dinâmica natural evolutiva não cessa em lugar algum da terra e que, embora exista essa zona nórdica a que chamamos genericamente “o Tibete sepultado” ou Tibete mongol, cuja outra metade constitui o Tibete propriamente dito, neste último se esboça do mesmo modo o estrago desértico, ano após ano, até levar a esta segunda zona – hoje tão povoada – seu hálito mortífero. Senão, vejamos o que nos ensina a intrépida Alexandra David Neel em seus *Místicos e Mágicos do Tibete*:

“Junto a Lhasa, sobre a margem esquerda do Yerú-tsangpo (Brahmaputura) se encontra um Saara em miniatura, cujas brancas dunas avançam, cada vez mais, invadindo o país. Apesar da cadeia montanhosa que lhe cerca o caminho, as areias já alcançaram o vale do Kyi-tchú (“o vale quitchú?”) e sua fina poeira começa a acumular-se ao longo das faixas que cingem Norbuling, o palácio campestre do Dalai-Lama. Mais além do pitoresco mosteiro de Dordji-tag, já se torna um verdadeiro deserto. Acolhidas ainda sob a proteção da montanha, várias granjas vão sendo lentamente cobertas de areia. Depois, toda sombra de vitalidade desaparece em um mar arenoso de brancura deslumbrante. O céu de puríssimo azul, sem uma nuvem, é já a perfeita imagem do deserto africano, embora que, pelo ar rarefeito de seus três mil metros de altitude, continue a ser sempre o Tibete...”

E como a Espanha é, repetimos, um Tibete em miniatura, cujo destino será um dia o mesmo daquele – compare-se, por exemplo, a inexorável invasão desértica que entulhou outrora as regiões dos Hann e, século após século, ameaça o Tibete – com o que nos descobre em Espanha o jovem geógrafo Francisco Hernandez Pacheco em sua memória sobre *As areias voadoras da província de Segovia*:

“Há entre as província de Valladolid e Segovia uma região arenosa de montículos e páramos... A massa de areia, ao ver-se detida, forma pequenos médãos que avançam lenta, mas continuamente, cobrindo insidiosamente as terras de cultivo, como se pode observar dos dois lados da estrada de Navalilla a San Miguel de Bernuy. Os ventos NO e SE revolvem aquela massa, arrastando-a para os rios Cega, Pirón e Eresma, sendo a maior de suas barreiras o rio Duratón. O território assim coberto adquire o aspecto da duna marítima, com diversas lagunas para a região de Cuéllar”.

Caminhará, pois, o tempo e com ele o destino inexorável... e na Espanha – tal como no Tarim e no Brahmaputra – poderão as futuras gerações falar dos nascentes desertos do Duero e do Duratón, esses rios que foram outrora vergéis ibéricos e romanos e hoje caminham rapidamente para se transformarem em desertos semelhantes ao do arenoso Tarim...

IV

Caminhos Tibetanos: o melancólico e solitário TARIM

O Caminho dos Hann, do Turquestão à China, cruzava outrora, repetimos, comarcas fertilíssimas que hoje se acham sepultadas sob imensos desertos de mais de mil quilômetros de extensão. Esses dois pavorosos desertos são o de Tak-lama-kan e o de Gobi, de que separadamente nos ocuparemos.

O primeiro, que mede uma extensão maior do que a Península Ibérica, e o menos inacessível e, relativamente, mais conhecido por ter sido objeto de várias explorações em nossos dias.

Seguindo os passos de Prjewalsky em 1870, o sueco Sven V. Hedin, partiu do mar Cáspio em 1893: cruzou o Turquestão russo por Samarcanda – a Marakanda de Estrabão, rainha das cidades legendárias do sonho milno-charnego da Ásia Central em União de Buckara e de Kiva ou “Shiva” – e por Ox, a cidade do “Touro sagrado” – chegou a Kax-gar, que é a povoação mais ocidental da China, em um itinerário de 500 quilômetros e permaneceu uns 9 anos percorrendo aquelas zonas desérticas em diversas explorações, que são, como as do Abade Huc, “um monumento da energia humana”.

Hedin cruza a cordilheira do Altaí pelo desfiladeiro de Tong-burur (7.000 metros) e o rio Kisil-su (água vermelha), o deserto que fica entre Kaxgar e o Jarkandaria (ou “rio Yarkend”, porque “daria”, “duero”, significa rio que, dito de passagem, justifica a etimologia parsi de nosso castelhano “Tarim”), chegando à pequena e misteriosa aldeia de Lailik e depois às regiões montanhosas do Masar-tag, Choka-tag e Tusluk-tag (“tag”, montanha e “Tago”, “Tego” ou “Tajo”, rio de montanha, portanto), com seus poéticos lagos sagrados de Serun-kul e Cru-kul (“kul”, “luk” ou “lak”, como provável etimologia do “lacus” latino, de nosso “lago” castelhano e ainda do “lân-kara”, sânscrito). Depois alcançou Hedin as confluências do Yor-kand-daria, o Aku-daria e o Kota-daria até chegar ao Tarim em Kechik, onde este rio abriu em épocas históricas um novo leito entre a areia, sem prejuízo de que outras suas correntes subterrâneas sigam entreteendo os restos de vida do lago Lop-nor e ainda se unam debaixo das areias do Gobi, com o anguloso curso superior do Rio Amarelo chino. Cruzou, enfim, o sueco, as jamais estudadas colônias de Bostan e de Teres; a selva duplamente virgem de Dung-Kotán, até estabelecer seu quartel general para ulteriores empresas, no oásis de Yangi-kul, logo destruído por uma cheia em 1901.

Do acampamento de Yangi-kul, empreende Hedin a penosíssima excursão pela parte sul do deserto de Tatran, de superfície quase dupla do Tak-lama-kan, às margens do Cherchen Daria (quase 300 quilômetros); visita o antigo povoado pagão-lamaísta de Atti-kush-padis-chah, hoje sepultado, como tantos outros; sofre frios polares noturnos até de 30 graus abaixo de zero e calores como no Sahara; bebe as águas do lago Tana-bagladi e logo, na iminência de perecer de sede, fome e cansaço naquelas dunas movediças, caminhando por vales ou *baixios* de dezenas de quilômetros, formados pelo vento, à mercê de um furacão repentino, o negro Kara-burán que, quase os sepultou em neve e areia; tem na Noite de Natal a água a 140 quilômetros, o que está consignado no seu diário: “no próprio polo não seria mais inconsolável a noite de Natal”. Duas semanas depois de sua saída, a falta do precioso líquido foi tal que cabia aos expedicionários “uma colherada d’água por cabeça”, chegando-se até a beber azeite rançoso, o espesso líquido das conservas, o sangue palpitante das aves e carneiros que levavam e, misturadas com açúcar e vinagre, as urinas dos camelos!... Dois dos bagageiros sucumbem a tais tormentos, com todos os animais de carga que, abandonados a seu destino e “chorando como seres humanos”, fazem arrancar a Hedin esta frase final: “Orei por eles, meus mártires camelos!” ¹

Graças, principalmente, a estas expedições o teósofo pode formar uma idéia, em conjunto, da sepultada bacia do Tarim – outrora Empório do Saber Perdido e hoje zona inóspita vedada ao homem vulgar, embora com misteriosos retiros iniciáticos, aos quais alude a mestra H. P. B. com estas palavras: “A Natureza tem lugares reservados para os seus eleitos e mui distante das comarcas habitadas existem doces retiros, onde o homem superior pode adorar à Divindade, como os nossos primeiros Pais ou Pitris o faziam”.

Pela parte do Oeste, começa a referida região nas alturas do Mustagata, ou “porta de Mustá”, por onde cruza, abaixo de picos de mais de 7.000 metros, o *Caminho primitivo da Bactriana*, que se une com o dos Hann, logo baixando para o rio Oxus e a meseta de Pamir. Ao sul, uma tríplice barreira de montanhas (Tag) de perto de 8.000 metros; o Alting-tag, o Arka-tag e o Ustum-tag, isolam-no das zonas herbáceas do norte do Tibete propriamente dito, lugares onde apenas se aventuram no verão alguns comerciantes nômades e caçadores furtivos. Pelo este mal separam aquela comarca da do Gobi, as derivações boreais do Hishtofen e o Nan-chan com sua porta de Humboldt, cujas derivações se unem, por sua vez, com os imponentes alinhamentos glaciais do Tian-schan, coalhadas de lagos misteriosíssimos e em frente de tais fraldas do norte se

¹ Para não repetir a trágica passagem, conduzimos o leitor curioso à leitura de nosso artigo “O eterno anelo evolutivo”, publicado no *O Loto Branco*, de maio de 1930, onde se descreve a passagem relativa a esses animais *mártires*. – Nota do autor

estende a Dzungaria – pátria ancestral dos ciganos ou gitanos,² outro deserto que, adicionado aos anteriores e ao de Zaidán, abarcam uma extensão igual à do próprio Gobi. A “porta de Irtych ou da Dzungaria”, penetrando no grande lago Balkasch e sua estepe russa, é um dos “desaguamentos” históricos das gentes mongóis, tibetanas e zíngaras para os países ocidentais, separadas, para o norte, por um dos dédalos montanhosos mais inextricáveis do Planeta, da bacia siberiana do lenissei, bacia esta que é, ao mesmo tempo, uma das maiores e mais desconhecidos rios.

Constituem assim a região do Tarim e a da Dzungária, dois verdadeiros anfiteatros aproximadamente tão grandes como Espanha: duas imensas séries de “terraços”, como se diz hoje em linguagem geológica, com toda a poesia que, em grau minúsculo, assombra ao viajante em nosso país diante de recantos como o de Bierzo, que não temos necessidade de descrever por já o termos feito no nosso *Tesouro dos Lagos de Somiedo*. Em tempos remotos, o Tarim – que, em ponto grande, faz lembrar ao nosso Duero, – com seu afluente originário, o Yarkend-daria, caminhou para o que hoje se conhece com o nome de Rio Amarelo chinês, muito mais próximo do Tian-chan limite norte de sua bacia, que o Altin-tag, seu limite sul. Verdadeira aluvião de caudalosos rios nascidos desta última cordilheira, nele penetravam pelo lado direito ou meridional, como aqueles que, da Cantabro-asturica e a Ibérica penetram no Duero por sua margem direita ou do norte. Tais rios alimentavam as velhas cidades de Guma, Khotan, Polur, Keria, Nia Tchertchen, etc. e outras mais do caminho dos Hann; porém, o tempo que tudo consome, desenvolveu, como tecido gangrenoso, o terrível deserto, e todos esses rios – tal como acontece aos rios costeiros de nossa região levantina e a que vimos do Duraton, em lugar de aumentar suas águas com a descida, perderam-nas todos eles, debaixo da areia fatídica, como logo em seguida o Tarim, até o ponto em que hoje não há quase “nada humano”, arremedando – por sua disposição – aqueles vastos territórios, duas crateras lunares, como as infinitas que o telescópio nos mostra em nosso morto satélite, e onde existem “planícies”, como as percorridas por Dutreuil de Rhims, “mais altas que o cume do Monte-Branco, cheias de neve em pleno verão e com lama até o ventre dos cavalos”. (Grenard, *Le Tibet*)

E não obstante: seres superiores habitam estes desertos!

“Detalhes que me foram dados discretamente, por certos anacoretas da escola dos Dzogs-them – consigna Alexandra David Neel, na notabilíssima passagem de sua obra *Místicos e mágicos do Tibete* – que mais adiante comentaremos – comprovam a existência de certos seres que, tendo alcançado o mais alto grau de espiritualidade, transmutaram (“eucaristicamente” de acordo com a etimologia de *eu* “eu” e *karystos* “milagre”, “prodígio” sempre, dentro de leis naturais, embora desconhecidas), a substância de seu próprio corpo em outra de natureza mais sutil, possuindo já esta, qualidades mui diferentes das da carne grosseira. A maior parte dos homens, entretanto, é incapaz de discernir a transformação operada naquela carne”.³

² O próprio nome Dzungaria, proveniente de Dzin, Dzyan, Dgin, Jaino ou Jina, gênio, etc., e Gauri, a amarela, significando, portanto, “a cidade amarela dos gênios”, ou tão somente, “o gênio amarelo”, explica a procedência do termo “cigano”, zíngaro (Dzin-garo ou gauri, etc.) e outros tantos com que se conhece esse povo nômade, isto é, que hoje vagueia sem destino certo na superfície do globo! – Nota do tradutor.

³ O termo “eucarístico” (proveniente de *eucaristia*), com a lógica interpretação de “prodígio ou milagre do eu”, pelo incomparável Teósofo espanhol Roso de Luna, também poderia ter a de *fenômeno* da manifestação do “Eu-Crístico” ou “Sétimo Princípio dos Teósofos” e até, da Teofania dos neoplatônicos, cuja significação é: “a iluminação do homem pela própria Divindade”, ou melhor, da manifestação do Eu-Consciência em todo e qualquer homem que haja alcançado a Meta desejada, isto é, o ciclo final de sua evolução na terra. Para os ocultistas orientais, tanto vale pelo “despertar de Kundalini”: o princípio vital universal que se manifesta em tudo e em todos.

Daí o já termos afirmado no decorrer da nossa “Mensagem” (parte referente ao Espiritismo) que, é este apenas o caso em que o homem pode ser chamado de “médiu” ou veículo pelo qual a Divindade, ou melhor, seu *Eu* – partícula do Grande-Eu se manifesta... e como está maravilhosamente expresso, seu *Eu* – partícula do Grande-Eu se manifesta... e como está maravilhosamente expresso na própria fórmula délfica do *Nosce te ipsum* (conhece-te a ti mesmo), como síntese ainda do “busca dentro de ti mesmo o que procuras fora”. Mas nunca, de “veículo” para entidades de origem puramente astral ou anímica, isto é, referentes à Alma ou Psíquico (Psiqué). Um, é o ser consciente trabalhando em benefício do próximo; o outro, é um simples brinquedo nas mãos de seres inconscientes e... muitas vezes, até perversos e, por isso mesmo, capazes de aniquilar uma vez por todas, a pobre vítima que lhe cai nas garras.

Por mais impossível que possa parecer semelhante asserção – mil vezes repetida por sinceros orientalistas a respeito de tais lugares serem *habitados* por seres superiores: *jinas*, *gênios*, *shamanos* (ou “homens regios”, semidivinos), *todes*, *mahatmas*, *grandes místicos*, *super-homens*, *mestres* ou outros nomes com que se lhes queira chamar, devemos dizer com Williams James: “É preciso saber, antes de mais nada, que os estados místicos não são mais do que janelas abertas para um mundo novo, mais excelso”, ou com Edmundo Gonzales Blanco, em sua obra *O Universo invisível*; “o historiador do psiquismo pergunta assombrado se a humanidade contemporânea, ao repelir o materialismo científico e cultivar o espiritualismo experimental não retorna ao ponto de partida... aquele que fora da Matemática pura pronuncia a palavra ‘impossível’ carece, diz Arago, de prudência... Nada é demasiadamente extraordinário para ser verdadeiro, se estiver de acordo com as leis da Natureza... Modelados nossos conceitos sobre o *descontínuo* da sensação, a imaginação criadora forja, segundo Bergson, o *contínuo*...”, ou finalmente, com Franz Hartmann, “algumas pessoas possuem grandes poderes intelectuais, porém, pouca espiritualidade; outras têm poder espiritual, porém uma inteligência fraca. Os que possuem as energias espirituais bem modeladas e asseguradas por uma inteligência forte, são os eleitos” e estes eleitos existem isolados, solitários, com vida verdadeiramente sobre-humana, a quem não mais afetam as debilidades e misérias de uma “carne” transcendida pela virtude e força da *yoga* contemplativa e que, podem portanto, habitar, e de fato habitam, em regiões que são mortais para a humanidade vulgar, que deles apenas tem vagas notícias, como o animal as tem dos Ateneos e Academias...

Esses excelsos personagens, contra cuja existência e doutrina salvadora se chocarão sempre as enganadoras teorias do cego e cético positivismo, pulsam, no entanto, no fundo de todos os fatos da História e irão aparecendo, mais ou menos, claramente, no decorrer destas modestas linhas.

V

O DESERTO DE GOBI E SEU HISTÓRICO SEGREDO

O grande deserto de Gobi, Gobbi, Schamo ou *Sha-mano*, representa a continuação geográfica, para leste, dos desertos anteriormente descritos, a saber: o de Tak-lama-kan e seus dois aderentes: a Dzungaria ou Zingaria e o Zaidan, separados, respectivamente, do Tak-

lama-kan pelas cordilheiras de Tien-Schan e do Alting-tag. Em verdade, o conjunto de todo esse Mediterrâneo, hoje completamente seco, cuja extensão superficial equivale à da Rússia européia, consta de duas metades: a oriental ou Gobbi e a ocidental ou Tak-lama-kan, esta com a Dzungaria ao norte e o Zaidan ao sul.

O célebre caminho dos Hann ou da Serica (caminho da seda china) que, corria outrora pelas comarcas meridionais daquele grande deserto e o Hwang-ho ou Rio Amarelo, ligado aos montes de Ta-tsing-schan, desempenha aí um papel semelhante ao do Tarim no Tak-lama-kan, embora que, em sentido inverso, porque a imensa e desértica zona arenosa se estende por sua margem esquerda ou do norte, centenas de quilômetros, até novamente subir para a Transbaikalia russa, contra a qual se choca o rio Kerulen, por baixo de Urga e de Karakorum, ou do país feudal dos régulos mongóis (takures?) depositário dos restos da sábia tradição que outrora foi o tesouro de toda aquela hoje sepultada comarca.

Entre Hwang-ho e o Kerulen, fica assim demarcada a misteriosa região, verdadeiro anfiteatro aberto para o céu e fechado às chuvas e aos homens pelos montes Richthofen, Tians-chan, Altai, Chan-choi-gai e Grandes Chingan que o cercam por completo, isolando-o de todos os ventos marítimos e deixando apenas como “portas de acesso” para os homens, os desfiladeiros que tais montes formam entre si.

Porém, se a vasta região do Gobi jaz sepultada sob o mar de areia, como a Atlântida sob o outro mar, seu espírito primitivo e verdadeiramente iniciático, perdura através das idades, como os albos de uma era nova para a nossa própria ciência ocidental.

Isaac Taylor, em sua obra clássica *The Alphabet – On account of the origin and development of letters* (Kegan Paul, ed. London, 1889) ao falar (página 263) dos mais antigos alfabetos ários – entre eles do Hindo-bactriano, antecessor a todos os alfabetos troncais do Hiram, inclusive, os mais recentes (pehlevi, georgiano, armênio, etc.), diz que “o alfabeto hindo-bactriano oferece a notável particularidade de que se deriva dos números arábicos, ou melhor dito, dos sânscrito-hindús”, dando-nos, com efeito, um quadro de correspondências *extraído das escrituras bactrianas faladas em várias covas e rochas daqueles países* (ou melhor, dos vizinhos e semi-sepultos de Tak-lama-kan, que em época pré-histórica estenderam sua influência cultural para o ocidente pelas portas de Kacht-gar e da Dzungaria). E, mais adiante, acrescenta Taylor: “na linguagem mongol se adivinha claramente a influência de três alfabetos distintos: o nestoriano ou cristão-heterodoxo, o árabe e o budista. Klaproth, em seu *Abhandlung über die Sprache und Schrift der Uiguren* (1812) e Abel Remusat, em suas *Recherches sur les langues tartares* (1820), demonstraram a afinidade entre o tártaro e o mongol – a qual, juntamos nós, operou-se outrora através das duas referidas regiões. – Porém, o mais importante alfabeto daquelas gentes é o de Khalkas e o de outros budistas mongóis (muitos séculos antes de Gotama, o Buda de Kapilavastu), gentes estabelecidas ao norte do deserto de Gobi, e cujo alfabeto não tem, com nenhum outro, a semelhança que possui com o uigur¹. A tal alfabeto se reuniram, nos tempos de Kublaikhan (1259-1294), cinco letras tibetanas ou do mongol galik (mongol da “altura” ou da montanha), isto é, do sânscrito de Ka-le-kal ou “Calcis primitivo”.

É lógico, portanto, que o antiquíssimo alfabeto mongol-tibetano de *Khalkhas*, caracterizado por ter os mesmos sinais ou elementos que os primitivos caracteres bramânicos, pôde abarcar uma extensão imensa na Ásia, em redor de seu centro de irradiação, constituído pelos países centrais do “Caminho dos Hann”. Os *anais* – a mesma raiz de *Ann* ou *Hann* – proclamam esta nossa intuição! Os *anais*, dizemos, dos Hann, Jian, Dzyan, Kiang ou “Gênios”, tão apreciados como desconhecidos, hoje, pelos chineses, que dizem conservá-los, servem de prova, sem ir mais longe, segundo as palavras de Taylor: “no outro extremo oriental da Ásia adotou-se o alfabeto tibetano-mongol pelas tribos mandchús e tungusas tártaras, invasoras da China em uma época tão remota quão desconhecida, e o próprio alfabeto mandchú, já aumentado com enorme quantidade de símbolos, é o usado também nos *burials-mongóis* ou inscrições mortuárias dos habitantes dos arredores do lago Baikal. Os “numerais de Khalkhas”, como seus irmãos do ocidente, os numerais do Gaedhil ou “Galícia irlandesa”, dados em várias de nossas obras, são a origem efetiva e direta das escrituras tártaras, tunguses, mandchús, mongólicas, chinesas, japonesas e hindus, e em geral, todas as da Ásia central, oriental e

¹ *Uigur* equivale a “turco”, como também, a “ligur” ou “ibero”, o que liga – uma vez mais – a nossa península com turcos, parsis, georgianos e, até, com os tibetanos. Consignemos a mais, que os “budistas aludidos pelo sábio inglês, não são ‘crentes na doutrina dada ao mundo por Gotama, o Buda’, mas a dos infinitos ‘Budás de Confissão’, Tirtankaras, jainos ou Mahatmas de todas as Idades, aos quais se refere ‘A Doutrina Secreta’, Shahmanos, Sabeirons ou Iniciados, do sânscrito Bhodi, Sabedoria, isto é, os Seres de grande elevação intelectual e moral, encarregados de conservar, no decorrer dos tempos, essa Religião-Sabedoria das Idades, vulgo Teosofia, cujas chaves estão na Matemática sagrada, segundo se pode demonstrar”. – Nota do autor.

Pelo que se vê, melhor seria chamar-se de *Bodismo* (de *Bodhi*, Sabedoria, Iluminação, etc.) ao Budismo anterior ao senhor Gotama, para não dizer, à *Sabedoria Iniciática das Idades* (por outro nome Teosofia) e ao Budismo dos “pretensos discípulos do mesmo Ser”, de Budismo, Budismo (no sentido de proselitismo budico), já que a doutrina pregada por Gotama (aliás como a dos demais Seres que a este baixo mundo têm vindo) foi uma obra parcial da sintética Verdade ou Sabedoria Arcaica, cuja se vai desvendando, pouco a pouco, aos olhos do mundo, segundo sua própria evolução para o Divino.

Ademais, foi o mesmo Roso de Luna que, em entrevista concedida à imprensa – quando da malfadada questão do *Instrutor do mundo* – explicou: “...que Buda, Jesus, Confúcio, etc., etc., foram seres superiores que nos deram doutrinas eficazes para que nós – com os nossos próprios esforços – nos redimissemos”. Para logo acrescentar: “Nenhum deles fundou a religião confessional que se lhes atribui. Quem logo fundou todas elas foi o *imperialismo de seus pretensos discípulos* (o grifo é nosso) que, escravos do inerte dogma que criavam, esqueceram que, ‘religião’ – não crença – não é, senão, a dupla ligação de fraternidade entre os homens, segundo sua etimologia latina”, isto é, (dizemos nós) de “re-ligare” ou tomar a unir todos os homens entre si (segundo o Ideal da Fraternidade).

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

Humana, pregada pelas poucas associações de cunho verdadeiramente espiritualista existentes na Terra, como frutos que são dos esforços daqueles mesmos Seres), para que um dia se fundam na Unidade ou Fonte Primordial donde emanaram todos os seres, segundo o real sentido da *Parábola do Filho Pródigo* que volta à Casa Paterna; do dito de Santo Agostinho, de que “vimos da Divindade e para Ela havemos de ir”; como ainda, do de “deuses fomos e nos temos esquecido”.
– *Nota do tradutor.*

setentrional, com grande parte ainda, das norte-européias, ou seja, toda a imensa região dos citas, hiperbóreos, arimaspos, turânios, etc., dos quais, com tanto encômio nos falam os clássicos gregos. Com isso e muito mais que, para abreviar, devemos aqui omitir, há material bastante para se estabelecer sobre o prático “terreno dos fatos”, de que tanto se orgulha o científico positivista europeu, a hipótese de um alfabeto troncal, primitivo – o zend-zar ou *zendo-real* – cujas raízes, a base de combinações trilaterais, que não são, senão, a “coordenada matemática” dos 999 primeiros números, serviram de base fundamental, tanto para as línguas monossilábicas, como para as ulteriores de aglutinação e flexão. Tal *língua sagrada* foi a primitiva daqueles países sepultados, e continua ainda existindo como língua dos “gênios” ou *jinas* refugiados nos ignotos oásis daqueles estranhos desertos... Taylor continua ensinando-nos, com efeito, que os japoneses e o pali de Coréia, antes da propagação do budismo, eram *dois silabários* ou alfabetos: o *Hira-kana* – silabário do Hiram? – e o *Kata-kana*, silabário dos *catunes* ou “ábacos calcídico-numerais”, deservnvolvidos logo, merce às emigrações celtas, por todo o mundo conhecido, inclusive pelo continente americano. Se nos enveredássemos por tal caminho, chegaríamos demasiadamente longe. Basta, portanto, para nosso assunto atual, acrescentar que o mesmo Rankin, em suas investigações históricas sobre a conquista espanhola do Perú e do México (Londres, 1827), nos fala de outro acontecimento anterior, onde são vistos elefantes, e até homens com o tipo mongol, ajuntando que, Manco-Capac (ou “o Manú-Ka-pac”), fundador da dinastia e da religião dos Incas, era bisneto de Genghis-khan, o grande caudilho, enquanto que outros, com mais probabilidade, lhes fazem provir da Tartaria e do Tibete, muitos séculos antes de nossa era, como tivemos ocasião de expor no capítulo IX de nosso livro *O Simbolismo das Religiões do Mundo*, ao falar do *Po-pol-vuh* ou Bíblia dos aborígenes da América. *Po-pol* são, com efeito, raízes de que a seu tempo nos ocuparemos.

Por tudo isso, é para admirar a intuição do astrônomo e arqueólogo orientalista Bailly, quando colocou a origem histórica das ciências em certo povo antiquíssimo de mais além do lago Baikal, ou seja, ao paralelo 50, que é o limite do Gobi com a Angara e a Mandchuria, *Man-kauria* ou *Mankuria* (literalmente “a região dos caurios, kurus ou quirites”); a região dos homens da religião solar primitiva, que ali se passou para os primeiros atlantes e logo, destes para os etíopes, antecessores culturais, por sua vez, das quatro nações sábias mais antigas: Ario-india, Pérsia, Caldéia e Egito. A tal coisa aludem também os seguintes parágrafos da Mestra H. P. B.:

“Muitos dias antes de *Ad-an* e *Héva* (quinta Raça) naqueles territórios do Gobi e do Turquestão independente, onde hoje se estendem desoladores desertos, havia outrora um vasto mar interior e nele uma ilha de singular beleza, habitada pelos últimos restos dos *Filhos da Vontade e da Yoga* (raça não gerada fisicamente como a atual, mas formada pelo divino poder mental de *Kriya-shakti*, ou seja, da Vontade e da Yoga). Tal raça de verdadeiros seres superiores ou *Elohim*, comunicou aos homens a “*palavra perdida iniciática*”, e de tal modo havia subjugado os elementos, que podia morar, indiferentemente, no interior da terra, na água, no ar ou no fogo. Não havia possibilidade humana que pudesse alcançar a referida *Ilha Sagrada*, salvo, por subterrâneos que secretamente conduziam a ela. “Hoje tais regiões”, ao dizer da *Doutrina Secreta*, “estão cheias de ruínas de cidades, de que o homem não se recorda, à maneira daquela encantadora cidade egípcia de Ismonia, onde jazem ocultos inumeráveis rolos e manuscritos, que se julga como tendo sido destruídos pelos tres incêndios sucessivos da Biblioteca de Alexandria, e onde, no entanto, se tem visto vagar, na solene e silenciosa escuridão da noite, como pequeninas chamas, aos *jinas* ou gênios do deserto, protegidos contra a invasão dos profanos por pavorosos *afrites*”.

Contudo, na própria Índia perduram recordações daqueles seres, hoje

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

representados por seus ínfimos discípulos – os *linhajudos* e sábios takures dos quais, em outros lugares de sua obra *Por las grutas e selvas* do Indostão, diz H. P. B.:

“Os takures são reputados como descendentes diretos de Surya (o Sol), pelo que são denominados de *surya-vansa*. Arrogantes como ninguém, adotam o provérbio de que ‘o lodo da Terra não pode empanar os divinos raios do Sol’. A ninguém eles desprezam,

exceto aos brâmanes, honrando unicamente aos seus bardos, cantores de suas glórias pretéritas. A seu respeito, escreveu o coronel Tod que, ‘a magnificência e esplendor das côrtes rajaputanas, nos albores da História, foram simplesmente maravilhosos’. “Ademais, seu país foi sempre pródigo nos mais extraordinário sucessos, que deram lugar às mais estranhas narrações. Cada pequeno reino do Ragistan conta com uma Ternopilas e cada povoação, por menor que seja, já deu o seu Leônidas. Não obstante, o véu dos séculos, solapa e rouba ao mundo – que depois se seguiu – tais acontecimentos que o historiador não legou à admiração dos homens. Somnath passaria assim como um rival de Delfos; os Tesouros inauditos de Hind teriam eclipsado as fabulosas riquezas do rei da Lidia, do mesmo modo que os exércitos de Jerjes ao lado dos (exércitos) dos irmãos pandús, não passariam de um simples punhado de homens”.

E em outra passagem de *Ísis*, acrescenta a mestra:

“Está perfeitamente admitido que, desde tempo imemorial, o Oriente remoto era o centro dos conhecimentos. Nem no Egito, as ciências naturais eram estudadas tão profundamente como na arcaica Ásia Central... Os hierofantes egípcios, apesar de praticarem uma moral pura e austera, nem por um momento, podem ser comparados aos ascetas ginossofistas ² já pela santidade de sua vida, já pela sobrenatural renúncia de tudo quanto é terreno.

Quando se lhes conhece bem, sente-se por eles muito mais veneração do que pelos magos caldeus. Desprezando as mais simples comodidades da vida, moram nos bosques afastados, levando a vida dos eremitãos mais retirados (Ammiano Marcelino, XXIII, 6). Apesar da pecha arrojada pela história sobre quantos praticaram a magia e a adivinhação, considera-se-lhes como possuidores dos maiores segredos na própria ciência e de uma habilidade jamais imitada na sua prática. Numerosos são os volumes conservados nos mosteiros hindus, onde se podem encontrar as provas de seus conhecimentos. Procurar provar se tais ginossofistas foram os verdadeiros fundadores da magia na Índia ou se punham apenas em prática o que haviam recebido em herança dos mais antigos Rishis, anteriores ao período védico (dos quais os próprios brâmanes pretendem descender), será considerado como uma simples especulação pelos sábios do positivismo... Conservaram eles sua dignidade sob o domínio dos mais poderosos príncipes, sem condescender, jamais, em visitá-los ou incomodá-los pedindo-lhes o menor favor. Se aqueles desejavam seus conselhos ou orações, eram obrigados a ir eles próprios em sua procura ou a enviar mensageiros. Para tais homens não havia segredos, porquanto, o mais profundo da natureza humana, a fisiologia e a psicologia, eram para eles livros abertos e o resultado ou síntese de seu saber se encerrava na ciência chamada *macha-giota*, que hoje se designa superiormente com o nome de *magia* e da qual há abundante documentação no próprio Atharva-Veda ³.

² (gr. *Gymnos*, nu, e *sophos*, sábio) – filósofos de uma seita da Índia voltada ao ascetismo e cujos membros andavam nus. Eram celibatários, viviam só de legumes e frutos e impunham-se suplicios voluntários. Exerceram uma ação notável no mundo oriental e mesmo na Grécia. Ao encontrá-los no fundo da Ásia, Alexandre Magno tentou, em vão, atraí-los a si. Estenderam o seu domínio espiritual pela Arábia, Egito e Etiópia. Pitágoras conheceu, segundo se diz, as suas doutrinas. Zenon, o estóico, aprendeu com eles a desenvolver na vontade o desprezo pela dor. A sua doutrina é uma espécie de panteísmo imaterialista. Para purificar a alma, martirizavam o corpo. A crença inabalável que têm na metempsicose explica a vida austera dos ginossofistas. – Nota do digitador

³ O próprio nome deste quarto Veda é, a nosso ver, uma contradição do de *Aitavarva-veda* ou “fruto da Árvore ancestral da Sabedoria dos Rishis ou Deuses” (a que se pode chamar de *Bodismo*, conforme explicamos na anotação anterior, dizemos nós) porque *aita* em vasco e em outras línguas arcaicas, é *pai* e *arca* ou *arba*, *árvore*, *tronco*, etc. – Nota do autor.

VI

OS SHAMANOS DO GOBI E DE OUTRAS PARTES

As duas palavras “Gobi” e “Shamo” ou “Samano” com que se designa o grande deserto de que nos ocupamos no capítulo anterior, podem constituir – em chave filológica – um “fio de Ariadne” para nos orientar num labirinto de coisas ocultas tão complicadas quanto sublimes. Intentemos algo a respeito.

“Go” é “Gau” pela lei da guna e o vridghi como dizem os sanscritistas, transformando-se o “o” em “au”, tal como sucede em língua francesa. “Gau”, por sua vez, é a Vaca Sagrada ou Simbólica de que nos temos ocupado em outras obras, principalmente em “De gentes do outro mundo” e nos comentários de “Pelas grutas e selvas do Indostão”. O mesmo príncipe Sidharta Sakya-muni não chegou à categoria de Buda de Compaixão, senão, depois de haver vivido dois anos no deserto “alimentando-se apenas do leite da Vaca”, isto é, instruindo-se na Doutrina da primeva Sabedoria, doutrina luni-solar ou da “Vaca”, conservada como inestimável tesouro, por Seres superiores que, a bem dizer, superaram o nível da Humanidade. Logo Siddhata (“o poderoso”, de siddhi, poder) voltou para os seus, “brilhava seu corpo como se fora o próprio Sol” e desde então tomou o sobrenome de **Gauthama**, “o condutor da Vaca”, ou o divino veículo daquela Sabedoria das Idades, posta em vibração durante todo esse Manvantara ou “ciclo de Humanidade”.

Do mesmo modo, Arjuna, no Bhagavad-Gita, dirigindo-se a Krishna, seu Mestre, chama-o “Govinda” ou “Gau-bindya”; como no momento em que desanimado ante a luta espantosa que se ia travar – a luta tremenda pelo Ideal! – profere a seguinte frase: “Govinda, não desejo pelear!” ¹

¹ “Govinda” é palavra que se pode decompor nas duas raízes de “gob” e de “ind” como se disséssemos, “doutrina de Gobi seguida por um ário-hindu”. Tal interpretação deve ser tomada como uma homenagem a um íntimo sentimento, que não é possível comentar como ele merecia, pois além do mais, encontraria a natural oposição dos filólogos positivistas da época. É verdadeiramente doloroso deparar com etimologias ocultistas semelhantes e ter que passar por sobre elas, sem os conhecimentos nem o espaço apropriado para as devolver como merecem. Uma das provas mais cruéis da Vereda, prova que deve ser aceita como uma cruz, é a que expõe ao ridículo

O mesmo verbo latino “gaudeo”, francamente derivado do sânscrito, tem o significado de “gozo supremo” e até de “extasis” ou “epoptéia”, diferente do vulgar “laetifico” (letífico – nota do digitador), e em recordação do sublime gozo que no coração dos homens puros produz aquela doutrina salvadora da Vaca ou “Gau”. “Quidam gaudere decet, laetari non decet”, como disse Calepinus.

Quanto a “Shamo” ou “Shamano”, a palavra é demasiadamente familiar aos teósofos, para insistirmos em comentá-la. **Sha**, é “rei” (assim se denomina, entre outros, o rei da Pérsia) e **man**, **manu** ou **hu-man** é “homem”, em todas as línguas de tronco ário e em algumas outras. Assim é que, tal palavra composta, designa claríssimamente o Gobi, “o lugar da secreta residência desses seres divinos, aos quais, como disse a Mestra, não seria idolatria adorá-los”. Por isso, o nome shamano serve na China e Japão para designar os referidos Seres superiores que vivem a vida ascética afastados nos desertos e nas “montanhas sagradas”... e aos quais, os próprios imperadores iam consultar nos momentos difíceis. Uma passagem mui notável relativa a um desses shamanos figura no conto blavatskyano de “Uma vida encantada”, conto esse que foi incluído e comentado no nosso livro **Páginas ocultistas e contos macabros**. Tais shamanos, espalhados – para salvaguarda do mundo – por todos os países da Terra... embora que, ocultos aos olhos dos homens vulgares, são os mesmos conhecidos na Índia por “todes”, segundo aquela passagem de **Ísis sem Véu**, que diz:

“Contra a opinião geral, podemos afirmar que os ‘badagas’ dos montes Nilghiri da Índia são os mais fiéis adoradores dos “todes”, raça misteriosa dos homens mais belos da Terra, com a majestade e típica beleza do Zeus grego². Dizemos “adoradores” porque vestem, alimentam e servem a cada **tode** como a uma divindade. De estatura gigantesca, brancos como os europeus, de fartas e crespas barbas e cabeleira jamais tocadas por

(como uma das coisas mais terríveis com que a Humanidade vulgar se defende) os que seguem o caminho salvador; mas que de um modo ou outro, trata o mesmo de eliminar, tal como a corrente do rio elimina por uma de suas margens, quantas coisas arrasta em seu seio.

O “Govinda” ou “Gauvinda” e o “Gavisus sum” ou supino do verbo “gaudeo” têm, sem dúvida alguma, a mesma raiz, para exprimir o gozo íntimo ou espiritual de quem segue o reto caminho, diferente da mera alegria vulgar e passional expressa por outro verbo latino “laetifico”, pois como se diz *Cícero*, “hinc dicunt Stoici, gaudium in sapientem cadere posse, laetitiam non posse”, distinção que a liturgia romana optou materialmente pela “laetitia” e não pelo “gaudio”, com confusão igual à estabelecida entre o espírito e a alma ou entre os gozos materiais e os gozos espirituais. (Vide ladainha católica) – *Nota do autor*.

A harmonia mental, senão, integral, existente entre duas pessoas que se estimam e compreendem – tal como acontecia entre o inolvidável e incomparável autor deste valioso trabalho literário (seu “canto de cisne na hora da morte”, pois, foi o último que escreveu...) e aquele que, pobremente o traduz para “a querida língua de Camões”, segundo palavras do próprio autor quando o ofereceu para ser publicado nesta revista – ocasiona o fenômeno conhecido como “telepatia”, além de outros de maior transcendência.

E é por isto que temos a pretensão de afirmar que, muita coisa que o emérito polígrafo espanhol procurava encobrir nas reticências e entrelinhas... nos são tão claras quanto as que a luz da sua esclarecida inteligência desnudava por completo aos olhos do mundo profano.

Assim, quando na anotação acima o grande Mestre da Teosofia diz que, “tal interpretação deve ser tomada como uma homenagem a um íntimo sentimento, que não é possível comentar como merecia, etc.”, se... assemelha com certa passagem de sua incomparável obra intitulada *De Sevilha a Yucatan*, onde o mesmo procura interpretar o nome de Arias Montano, como “o ário do monte” – já que o lugar preferido por aquele eminente sábio do século XVI, era seu “Penedo e Santuário de Alajar”, onde vivia com seus livros, suas meditações e... inspirado pelos *jinás*... daquele lugar. Perdoar-nos-á o mestre, irmão e amigo, o termos profanado, de certo modo, aquele seu “íntimo sentimento” – principalmente quando assim procedendo, mudamos apenas uma capa (ou véu antigo) por outra nova. O resto fica a descobrir pelos que não se deixam levar “pela letra que mata”, mas “o espírito que vivifica”... – *Nota do tradutor*

2 Nos célebres “montes Nilghiri” da Índia – aos quais H. P. B. dedicou sua obra “No País das montanhas azuis” – há um fato interessantíssimo a constatar, ou seja, o que diz respeito às duas categorias de seres ali existentes – verdadeiro *Alfa* e *Ômega* das civilizações humanas: os “Todes” como seres de perfeição absoluta, representando, talvez, a origem... ou semente de uma raça privilegiada, que há de vir um dia reinar na terra (por isso mesmo, Futuro da Humanidade) e os “Mulu-Kurumbas”, seres animalizados, cuja figura chega a causar pavor aos que com eles se encontram nas suas explorações em tão misterioso lugar de nosso planeta; sem falar na tremenda fatalidade que pesa sobre qualquer pessoa que ouse interpôr-se à sua vontade. A mesma H. P. B. conta (na referida obra) o caso de um oficial inglês que, tendo chicoteado a um deles, só viveu 13 dias e, mesmo assim, sob a dolorosa impressão de ver aquela horripilante figura diante de si até o momento em que expirou. A todos acontece o mesmo: apenas 13 dias de vida. A Índia em peso conhece dezenas de fatos idênticos ocorridos nos “montes Nilghiri”.

Tais “Mulu-Kurumbas” são, pois, o que se pode chamar a “escória do passado”, senão, a semente que não vingou!...

Bem razão tinha Kut-Humi em dizer que “a Humanidade está muito longe de conhecer todos os seres que habitam a atmosfera terrestre”. A que nós acrescentamos: Não está longe o dia em que os *exploradores* da estratosfera serão forçados a munir-se de armas apropriadas para se defenderem de uma *nova* espécie de inimigos que, ciosos de seus domínios, formarão barreiras contra os seus invasores. – *Nota do tradutor*.

navalha ou tesoura (tal como os “nazarenos” da Síria), formosos, enfim, como uma estátua de Fidias ou de Praxiteles, os **todes** recusam comunicar-se com estrangeiros. Nunca houve quem presenciasse o enterro de algum deles, nem visto anciãos entre os mesmos. As epidemias jamais os atingiram, embora que dizem os indígenas ali existentes; do mesmo modo que não os atacam as feras nem as serpentes. Os **todes** não se casam e se lhe reconhece por possuírem uma compleição particular. A cada três anos dirigem-se eles a determinado lugar secreto, onde realizam uma espécie de assembléia. Não representam, no entanto, a única tribo misteriosa da Índia. Algumas já foram citadas anteriormente, embora que existam muitas outras naquele país, jamais mencionadas!”

Existem, não só ali como em outros lugares, até mesmo em nossa Península, dizemos nós!

Como vimos, os lugares elevados, afastados do mundo, principalmente os anfiteatros montanhosos da terra, são os de sua preferência!

Um dos modelos de tais retiros é o do Bhao-Mallin, a que se refere H. P. B. com estas palavras:

“O majestoso monte de Bhao-Mallin, cujo cimo se eleva a dois mil pés acima do nível do mar e que foi outrora a moradia de um santo ermitão e hoje visitada por milhares de peregrinos, possui uma fortaleza, e logo atrás, outro penhasco de 270 pés, com as ruínas de outra fortaleza ou castelo, muito mais antigo, onde se recolheu o asceta durante 75 anos. Como e donde obtinha ele o alimento, continuará sempre um mistério. Julgam alguns que se alimentava de plantas silvestres, porém, sobre a escavada rocha, nenhuma vegetação existe. Outrossim, não há possibilidade de ser escalada esta rocha talhada a pique, a não ser trepando por uma corda e apoiando-se nas suas depressões, tão insignificantes que, só dão lugar às pontas dos dedos dos pés. Dir-se-ia, pois, uma ascensão mais apropriada a monos ou a acrobatas, se a devoção não proporcionasse asas aos hindus para alcançar semelhante lugar, sem que nunca fosse registrado o menor acidente. No entanto, um grupo de turistas ingleses que teve a infeliz idéia de querer escalar tão misterioso monte com o fim de explorar as suas ruínas, foi precipitado ao abismo por uma rajada de vento desencadeada repentinamente.

Khandala é também uma **aldeola** na meseta da serra de Sahiadra há dois mil pés do nível do mar e rodeada de picos estranhos. Um deles erguido sobre o abismo, assemelha-se a um colossal edifício de um só pavimento, de teto plano e fortificado de muralha. Assegura-se que, em certo lugar da referida colina se abre uma entrada secreta, que conduz a vastíssimas salas interiores, a um verdadeiro palácio subterrâneo e que existem ainda pessoas possuidoras do segredo de semelhante mansão. Um santo ermitão e mago “que habitou aquela cripta durante vários séculos”, comunicou seu segredo a Sivají, o famoso instrutor dos exércitos de Mahratta. Predecessor do Tanhasuser da ópera wagneriana, passou ele sete anos de sua juventude em tão misteriosa mansão e foi aí onde adquiriu sua força hercúlea e valor inaudito. Sivají foi o herói e rei dos Mahrattas no século VII e fundador de um império transitório. A ele deve a Índia o ter sacudido o jugo muçulmano. Com mão de jovem e estatura de mulher, gozava, no entanto, de uma força prodigiosa que era atribuída à magia pelos compatriotas. O Dekan está repleto de lendas relativas ao mesmo e os próprios historiadores ingleses o mencionam com respeito. Aquelas tradições dizem que o Sivají não morreu, mas que vive ocultamente em uma das criptas de Cahiera à espera do momento em que tenha de aparecer de novo para libertar o seu país”.

O que precede é a repetição da lenda irlandesa dos Tuatha de Danand (c. VII de **De gentes do outro mundo**) que, invisíveis, habitam hoje as montanhas sagradas da verde Erin, à espera de sua volta entre os homens, quando estes hajam alcançado uma espiritualidade que os torne dignos de tal graça. É, enfim, a lenda universal relativa ao véu que hoje encobre a primitiva Religião-Sabedoria e ao seu futuro desvendar aos olhos do

mundo – Religião essa dos excelsos **jinas** ou shamanos do Gobi, de que se fala simbolicamente no conto do **Jorobadito** (veja-se nossa obra **O Véu de Ísis e As Mil e Uma Noites Ocultistas**), aparentemente morto pelos sectários das diversas religiões positivas, que manhosamente velaram a Verdade perdida, mas que de fato se acha simplesmente **adormecido**... De tais Seres superiores e de seus invisíveis e inacessíveis retiros atuais, existe imensa quantidade de reminiscências e lendas em nossa própria Península, cujos numerosos exemplos podem ser encontrados em diversas de nossas obras.

Nos cumes galaico-leonêses da Aguiliana ou Aquiana, ao sul do Castelo templário de Ponferrada, encontra-se outro daqueles lugares semelhantes ao majestoso Bhao-Mallin e demais anteriormente citados; do mesmo modo que, os nossos São Genadio e São Salomão ou Suleiman (“homem solar”), o dos dados de madeira de jogar, conservados na catedral de Lion (“capela dos dados”), são os semelhantes espanhóis daqueles santos ermitãos tibetanos e hindus, de que são hoje pobres e necromantes arremedos, os solitários das **Ermidas de Córdoba** e outros muitos ascetas espanhóis, com os quais nos encontramos a cada instante em nossas explorações. Os célebres monges da Tabaida e tantos outros da **Lenda áurea** e da **hagiologia** cristã, eram solitários análogos aos mesmos, embora que, desgraçadamente, seu ódio mortal para com tudo que se referisse à Primitiva Religião da Natureza, faça-lhes figurar nas fileiras da Magia Negra.

Alexandra David Neel, a intrépida e sincera habitante do Tibete durante quatorze anos e a quem cem vezes teremos de citar, encomiasticamente, nestes apontamentos, em seu livro **Da China à Índia através do Tibete**, traz a seguinte passagem relativa a um fantástico e natural castelo habitado, sem dúvida, por algum daqueles misteriosíssimos seres.

“Vivi durante muitos anos ao pé das neves eternas, assim como na verdejante e erma região dos grandes lagos, a vida dos anacoretas tibetanos; conheço seu encanto especial e tudo mais quanto com isso diz respeito desperta meu interesse. Assim, enquanto meus olhos permaneciam fixos sobre os rochosos palácios do Dokar-la ou “collado de Dokar”³, há 5.000 metros do nível do mar, uma convicção se foi apoderando pouco a pouco de mim: fatalmente alguém ali vivia! Uma espécie de mensagem misteriosa mo dizia; por isso mesmo, um colóquio mudo estabeleceu-se entre mim e ele. Ademais, que importava haver naquela ereta montanha um ser – humano ou não – residindo? A voz que eu julgava ouvir no fundo de minha consciência era o eco em meu espírito das idéias milenares para onde o pensamento do Oriente volve a cada instante: as idéias que parecem ter feito dos elevados cumes do Tibete uma de suas inexpugnáveis fortalezas”.

O mito ou “verdade com roupagem de fábula” relacionado com as **Montanhas Sagradas**, não tem outra origem.⁴ Dos **jinas** ou Seres superiores que aí habitam invisivelmente, o próprio catolicismo fez o culto de seus ermitãos, culto jaino no fundo, semelhante ao que os romanos faziam, por sua vez, com o **jaino** Templo de Jano, e aos quais recorrem, de preferência, as mesmas igrejas, nos supremos momentos de angústia ou de calamidade, além de aí celebrarem sua inevitável e culminante festa anual. Para

³ Não traduzimos a palavra “collado” (que é “garganta”, etc.) para não prejudicar o sentido etimológico (do sânscrito para o espanhol) que lhe deu o autor.

⁴ Não resta a menor dúvida de que todas essas “Montanhas Sagradas” tiveram uma causa misteriosa que as fizeram dignas de tal nome. O decorrer dos séculos formou a tradição e esta, mui naturalmente, adulterando o original sentido, concorreu para que as massas entrassem pelo domínio da superstição adorando tais *montanhas*, ao invés do fato (ou causa) que deu origem a serem as mesmas consideradas como “sagradas”. Como isso, é tudo mais na vida: desde as religiões, que não passam de “duplos véus lançados sobre a *Sabedoria iniciática das Idades*” (com o nome ocidental de Teosofia, etc.) até os fatos mais corriqueiros da história. –

Nota do Tradutor.

terminar este capítulo copiemos o que acerca de tais **montanhas sagradas** escreve Dulaure:

As montanhas ocupam um lugar considerável nas religiões primitivas, pois eram veneradas pelos povos, em cujo horizonte se elevavam as suas massas gigantescas. Seus cumes ocultos entre nuvens, pareciam chegar com frequência aos céus; na sua encosta nasciam mananciais de férteis ribeiras ou torrentes devastadoras. Seus cumes coroados de nuvens tempestuosas, tornavam-se o manadeiro de relâmpagos e raios. As montanhas, motivo de prazer e de terror, de temor e de esperança; ora ameaçadoras, ora protetoras, opunham barreiras difíceis de franquear aos inimigos limítrofes. Como não haviam de reconhecer os homens selvagens um poder sobrenatural, uma divindade em todas elas? As montanhas converteram-se em deuses, que receberam a homenagem de quase todos os povos da terra.

Máximo de Tiro afirma que, em seu século acreditava-se que os primeiros mortais adoravam as montanhas como símbolos de divindade e os que vieram depois, persuadiram-se de que não havia montanha que não servisse de morada a algum deus... Esta adoração, filha da ignorância que foi mantida por força de hábito, chegou até os séculos cultos e se manteve entre os mais civilizados povos da antiguidade. O **Monte Meru** é uma suposta montanha erguida no centro do **Svarga** – o Olimpo dos hinduístas. Supõe-se estar a mesma situada no norte dos Himalaias. Segundo a tradição, o **Meru** era a região da bem-aventurança dos primitivos tempos védicos, e designado com vários nomes como: **Ratnâsanu** (Cume da pedra preciosa), **Hemâdri** (Montanha de Oiro), **Karnikâchala** (Montanha de Lato) e **Amarâdri** (Montanha dos Deuses). É indicado, ainda, no centro do Polo Norte, lugar do primeiro continente de nossa Terra, ou seja, no centro da Índia, rodeado de outros montes secundários. Simbolicamente, o cume deste monte místico está no céu, sua parte média na terra e sua base nos infernos.... e em seu cume se acha a cidade de Brahmâ. Interpretada esotericamente, faz supor que se refira aos limites que separam a atmosfera terrestre do éter puro, ou melhor, que o **Meru** é o círculo que limita a vitalidade terrestre. Nos mais formosos tempos da Grécia, rendeu-se culto às montanhas. Os deuses moravam quase sempre, no monte **Casio**, no **Ida** da ilha de Creta e no **Atabyris** da Ilha de Rodas. Os gregos conservam atributos de Júpiter reveladores da origem e afinidade desse deus com as montanhas. A águia, que acompanha a representação de tal deus, é uma ave dos cumes elevados; e a ridícula forma do raio de que está armada a mão do mesmo deus (ou garras de abutre), faz-nos lembrar os relâmpagos e trovões que, segundo parece, partem quase sempre das montanhas.

Os montes **Ida** da Ásia Menor, **Dindimo**, **Pesinuto** e **Berecinto** eram dedicados a Cibele, a mãe dos deuses. A estes tem que acrescentar o do mesmo nome (**Cibele**) que foi também consagrado a tal deusa, isto é, que era a mesma deusa, pois, a palavra **Cibele** significa, ao mesmo tempo, a deusa e a montanha desse nome, o que prova a identidade existente entre ambas. **Saturno**, pai de Júpiter, é o nome de uma montanha situada nas cercanias de Atenas. Segundo Justino e Festa, a montanha em que os romanos construíram o Capitólio, chamava-se também Saturno. De maneira que, Saturno não era, senão, uma montanha antes que os romanos a confundissem com o **Cronos** dos gregos, deus do tempo. Os alegoristas não tardam em dar uma mulher a esse deus, a quem chamaram de **Réa**, cujo nome tão celebrado pelos poetas, também era uma montanha situada próximo de Lampsaco. Era conveniente que ambos os deuses fossem de natureza semelhante.

Os antigos julgavam que o **Atlas** e os montes de **Argea**, de **Anazarbia**, o **Brotis**, o **Quemis**, o **Hipo**, o **Gauro**, o **Libano**, o **Anti-Libano**, o **Panion** ⁵, o **Peloria**, o **Ródepe**, o **Sipilo**, o **Taurus** e o **Viario** fossem montanhas divinas. Os getos adoravam a uma montanha onde residia seu soberano pontífice, cuja altura a tornava o santuário mais venerado do país e lhe dava o nome de montanha santa. Também os tracios, seus vizinhos, tiveram sua montanha sagrada, a qual foi conquistada por Filipe, rei da Macedônia. Os gauleses rendiam culto às montanhas e sobre os Alpes edificaram seu santuário. Veneravam a São **Gotardo** como uma de suas divindades. Nos Pirineus existiam muitas montanhas sagradas, de cujo culto se aproveitou o Cristianismo; tal como o **Caillou de l'Aragé**, situado sobre a montanha vizinha de **Heas**, célebre pelas fábulas religiosas e pelo culto supersticioso de que era objeto. Uma inscrição encontrada perto de Bagnères de Luchón e outra achada em Bakdan, nas proximidades da Bagnères de Bigorre, oferecem votos feitos às montanhas e demonstram a existência desse culto na cordilheira Pirenaica. Os italianos adoravam ao monte Soracto.

As montanhas, principalmente as limítrofes, eram preferidas para se fazer sacrifícios aos deuses: levar-lhes oferendas, dirigir-lhes orações e erigir templos e altares em sua honra. Tácito diz que, como as montanhas estão próximas ao céu, os deuses se acham em melhores condições de ouvir as preces que daí lhes dirigem os mortais. Nas montanhas é onde nascem, educam-se e manifestam-se os deuses aos homens. Jesus pregou o sermão mais transcendente da moral cristã em uma “Montanha” e sua crucificação e morte teve lugar no “Monte Calvário”. Encontram-se na Bíblia numerosos exemplos de altares erguidos em lugares elevados. Os altares de Bethel, do monte Galaad, de Sichem e outros mais são provas bastantes. Deus entregou a lei a Moisés em um monte: o Sinai. Agathias exprobra, no século VI, aos alemães, súditos dos francos, de adorar aos rios, às montanhas e às árvores. No século VII, São Eloi, bispo de Noyon e São Gregório, papa, fazem o mesmo aos franceses. Tal fato poderia ser apontado em outros países que possuem suas “Montanhas místicas”...

E com certeza, inspirado em todas essas coisas e algo mais... foi que o genial mitólogo e músico compositor Wagner desenvolveu seu grande drama sacro “Parsifal” no “Monte Salvat”, isto é, em uma “Montanha Sagrada”.

⁵ A palavra “Panion” faz lembrar a vulgar “Panteon”, ou lugar consagrado, pelos gregos e os romanos, a todos os deuses ao mesmo tempo; como em nossos dias, à memória dos homens ilustres e onde se recolhem *as suas cinzas*.

Relacionado com isso se acha nosso estudo publicado no presente número desta revista, com o título de “O Governo Oculto da S. T. B.” – estudo que desvenda, de algum modo, muita coisa sobre a nossa “Montanha Sagrada”... ou a mesma que mereceu estas palavras do imortal Roso de Luna, em carta que nos dirigiu: “Quem me dera poder visitar essa misteriosa ‘Montanha Sagrada’... que é bem a *capital espiritual do Brasil*...”. Assim é que, nas proximidades desse “Panteon” erguido pela própria natureza... descansarão as cinzas dos dois principais fundadores da Obra em que a S. T. B. está empenhada: *Henrique e Helena*.

Caso seja possível, no próximo número desta revista faremos um estudo a respeito da “Pedra da Gávea” (outra “Montanha”, sagrada ou não) que, só agora (?) depois de tantos séculos decorridos, vem preocupando a nossa imprensa e cujas inscrições foram maravilhosamente interpretadas pelo Champollion brasileiro, que foi o grande arqueólogo, prof. Bernardo da Silva Ramos, cuja morte o Brasil acaba de prantear. Errônea, sim, a opinião de quem a dá como “túmulo de Atlas” – um ser mítico – pouco importa se relacionado com certos mistérios que algumas partes do mundo ainda subscrevem e... o abismo imenso dos oceanos conserva ciosamente em seu seio: a desaparecida *Atlântida*, onde floresceu uma poderosíssima civilização. – *Nota do tradutor*.

VII

Os Seres Superiores do Gobi e do Tibete

Por mais extraordinárias que pareçam as afirmativas contidas no capítulo anterior, nada têm, no entanto, de “sobrenaturais”, no sentido que se costuma dar no Ocidente, a essa inexpressiva palavra, porque, segundo nos diz H. P. B. no Prefácio de **Ísis sem Véu**, “nada há de sobrenatural na Natureza, mas apenas coisas já conhecidas e coisas ainda por conhecer”; opinião também mantida por A. David-Neel, quando diz em sua conferência no **Colégio de França**¹:

“Tudo quanto de perto ou de longe se relaciona com os fenômenos psíquicos em geral, deve ser estudado como outra ciência qualquer. Neles não existem milagres, nem nada de sobrenatural, nem coisa alguma que possa produzir nem nutrir a superstição. O adestramento psíquico racional e cientificamente conduzido, pode levar a resultados apreciáveis. Por isso mesmo, os elementos recolhidos sobre tal adestramento, embora os

¹

A respeito desta também excepcional mulher a quem temos de citar muitas vezes no decorrer destes apontamentos, o Dr. D. Arsonval, membro das Academias de Ciências e de Medicina, professor do Colégio de França e presidente do Instituto geral de Psicologia, diz no Prefácio da obra *Místicos e Magos do Tibete*:

“Para muitos ocidentais, o Tibete se acha envolvido em estranha atmosfera. O “país das neves” é para eles a pátria do misterioso, do fantástico e impossível. Há lamas, magos, feiticeiros, necromantes e ocultistas de todas as espécies que moram naqueles lugares isolados do mundo já forçados pela própria natureza, já por sua própria vontade – lhes atribuem os mais sobrenaturais poderes, aceitando como verdades indiscutíveis as mais estranhas lendas. Dir-se-ia que tal país, plantas, brutos e homens podem fugir à vontade das leis estabelecidas pela física, a química, a fisiologia e até ao simples bom senso.

“É natural, pois, que os investigadores entregues às rigorosas disciplinas do método experimental não tenham dado a tais narrações, maior interesse do que o relativo e pinturesco dos contos de fadas. Tal era o estado de meu espírito até o dia em que tive a sorte de entrar em relações com a senhora David-Neel. A célebre e valorosa exploradora do Tibete preenchia todas as condições físicas, intelectuais e morais que se podem desejar em um observador consagrado aos referidos problemas. Ela escreve e fala perfeitamente todos os dialetos tibetanos e residiu quatorze anos consecutivos no referido país e suas comarcas limítrofes. Professora o budismo e soube granjear a confiança dos mais elevados lamas. Seu filho adotivo é um lama autêntico. A Sra. David-Neel, em uma palavra, submeteu-se às aprendizagens e provas psíquicas de que fala e chegou a ser, como ela mesma assegura, uma perfeita asiática, na acepção da palavra, fato mais importante para explorar um terreno até aqui inacessível aos observadores estrangeiros.

“Esta asiática, esta perfeita tibetana, entretanto, soube continuar sendo uma ocidental, discípula de Cartesio e de Claude Bernard e praticando a dúvida filosófica do primeiro, que deve ser na opinião do segundo, a base de todas as investigações do sábio. Assim, desembaraçada de toda idéia preconcebida, não estando polarizada por nenhum dogma nem doutrina, observou as coisas do Tibete com toda liberdade e serenidade de espírito. Nas conferências que a meu pedido fez no Colégio de França (cadeira também de Claude Bernard, meu mestre) pôde firmar, em conclusão que, “tudo quanto de perto ou de longe se relaciona com os fenômenos psíquicos e a ação das forças psíquicas em geral, deve ser estudado de igual modo que qualquer outra ciência. Não há nisso nada de milagroso, nada de sobrenatural, coisa alguma que deve engendrar ou alimentar a superstição. A aprendizagem psíquica racional e cientificamente conduzida pode levar-nos a resultados racionais apreciáveis. Por isso mesmo, as observações recolhidas a respeito de semelhante disciplina, embora seja esta praticada hoje de modo empírico ou debaixo de teorias a que não nos submetemos, constituem utilíssimos documentos, mui dignos da maior atenção”.

Tal coisa, como se vê, representa o verdadeiro método científico, afastado tanto do ceticismo como da cega credulidade”. – *Nota do autor*.

praticados empiricamente, baseados em teorias que nem sempre podemos submeter, constituem documentos utilíssimos, dignos de toda atenção. “Tal é o verdadeiro determinismo científico, tão distante do ceticismo como da cega credulidade”.

A mesma autora acrescenta em outro lugar:

“Não obstante a habilidade desenvolvida pelos tibetanos, no seu afã de encontrar uma explicação racional para todos os prodígios, muitos deles permanecem ainda incompreensíveis, já por serem alguns, pura ilusão, já por outras muitas razões. Por exemplo: ele admitem que os místicos avançados não têm necessidade de morrer de modo comum, mas que podem, se o quiserem, dissolver seus corpos de maneira que não deixem vestígios.

“Conta-se que Retchungpa, esposa de Marpa, incorporou-se a seu marido no decorrer de certa meditação. Semelhantes tradições, cujos heróis viveram há séculos, se nos apresentam como lendas, porém, o seguinte fato é mui interessante para ser aqui citado, tanto mais quando ao invés de se produzir em lugar solitário, o prodígio teve lugar em pleno dia, diante de inúmeras testemunhas. Devo declarar que não me encontrava entre elas, o que deploro amargamente. Minhas informações procedem de pessoas que foram unânimes em afirmar que presenciaram o fenômeno. A única ligação que tenho com o milagre é o ter conhecido aquele que foi o seu herói.

“Este último era um dos guias espirituais do Tachi-Lama e se chamava Kyngbú-rimpotché. Quando residi em Chigatsé, ele era já velho e vivia como eremita a alguns quilômetros da cidade, à margem do **Yesu Tsangpo** (Brahma-putra). A mãe do Tachi-lama o tinha em alta veneração e durante o tempo que estive ao seu lado ouvi de seus próprios lábios inúmeras e extraordinárias histórias a respeito do santo asceta. Dizia-se que à medida que decorriam os anos, a estatura do santo e sábio asceta diminuía, fato a que os tibetanos atribuem um sinal de elevada perfeição espiritual, existindo numerosas tradições de místicos magos que tendo sido em sua juventude de elevada estatura, foram-se reduzindo gradualmente até chegar a proporções minúsculas, desaparecendo finalmente.

“Quando se começou a falar da consagração da nova estátua a Maitréia, o Tachi-Lama ² formulou o desejo de que Kyngbú-rimpotché procedesse a cerimônia, porém, este declarou que morreria antes que a estátua estivesse terminada. O Tachi-Lama, disseram-me, suplicou ao eremita que retardasse até então a sua morte, a fim de que pudesse consagrar o templo e a estátua. Semelhante pretensão poderá parecer bastante estranha a um ocidental, porém, o fato está mui de acordo com a crença tibetana de que os grandes místicos podem escolher o momento de sua morte. O eremita diante do pedido de seu discípulo, o Tachi-Lama, prometeu officiar no dia da consagração.

“Então – ou seja, um ano depois de minha partida de Chigatsé – templo e estátua estavam terminados, fixando-se a data para a inauguração. Chegado o dia, o Tachi-lama enviou uma magnífica liteira e uma escolta a Kyngbú-rimpotché para o conduzir a Tachi-lumpo. Os homens da escolta viram o eremita ocupar seu lugar na liteira, que foi logo fechada, iniciando-se a marcha.

“Durante esse tempo, alguns milhares de pessoas haviam-se reunido em Tachi-lumpo, a fim de presenciar a cerimônia, e qual não foi a sua admiração quando viram chegar a Kyngbú-rimpotché só e a pé! Ele atravessou o templo, em silêncio, adiantando-se para a gigantesca estátua até tocá-la e nela fundir-se gradualmente. Um pouco mais tarde, os portadores da liteira, seguidos da escolta, chegaram; a porta da liteira foi aberta... porém dentro dela não havia ninguém... Desde então, nunca mais se ouviu falar do asceta”.

² No número anterior desta revista tivemos ocasião de citar o caso relatado pela Sra. A. David-Neel em sua obra *Místicos e Magos do Tibete*, embora que já o conhecêssemos de outras fontes – por sinal que lhe demos a interpretação iniciática que merece. – Nota do tradutor.

Fenômenos semelhantes a este aconteceram a H. P. B.:

Entre eles figura o que foi relatado por Vera P. Jelihovsky, irmã de Blavatsky: “Tenho de Helena outra carta escrita em 1881 de Meerut, além de Allahabad, depois de uma grave enfermidade. Seus amigos iam levá-la para o campo, quando receberam ordem de abandonar lugares povoados e interná-la na montanha. “Ali encontrareis certos indivíduos – lhe disseram – que vos guiarão aos bosques sagrados de Deoband”. Eis aqui uma passagem da carta que a mesma me escreveu três semanas depois: “Perdi o conhecimento e não conservo recordação alguma a não ser de que fui levada em palanquim até um grande cimo. Encontrei-me recostada em lugar espaçoso, talhado na rocha viva e sem outros objetos, a não ser, algumas estátuas de Buda e vasos apropriados onde eram queimados agradáveis perfumes. Um ancião de alva túnica inclinado sobre mim, dava-me passes magnéticos, que enchiam todo meu ser de um bem-estar indescritível. Tive tempo apenas de reconhecer nele o lama Delo-Durgai, a quem havia encontrado no caminho dias antes e me havia dito que nos tornaríamos a ver em breve. Logo caí em estranho sono e quando despertei estava de novo ao lado de meus amigos, já curada tanto de corpo como de espírito”.

Nunca foi permitido aos seus amigos ingleses nem aos naturais que a seguissem em tais expedições misteriosas, tidas como para visitar a algum ser superior. Apesar desta convicção por parte dos que a rodeavam, ela nunca deu a entender coisa alguma a respeito. Entretanto, em uma de suas primeiras cartas de 1879, relata a presença de um desses Seres, em uma de suas viagens com o coronel Olcott, entre restos de antigos templos”.

Caso análogo, quanto à existência dos Jinas ou Seres superiores no país de Gobi ou Shamano, é o seguinte, que também transcrevemos de **Místicos e Magos do Tibete**:

“Certo dia o príncipe Sidkeong-tulku, Daling-lama e eu, conversávamos no **bungalow** de Kewzing. A palestra convergiu para os ascetas místicos. Com fervoroso e impressionante entusiasmo, o impassível lama nos falou de seu mestre, de sua sabedoria e poderes sobrenaturais. O príncipe, por sua vez, experimentava a veneração que irradiava das palavras do lama. Ademais, Sidkeong nutria, naquele instante, projetos de matrimônio com uma princesa birmana. ‘Lamento’, disse-me ele em inglês, ‘não poder consultar a tão excelso **nadjorpa**, porque me poderia dar um bom conselho’. E depois, dirigindo-se ao **gomtchen** ou lama, acrescentou: ‘É pena que vosso mestre não se encontre aqui, pois tenho grande necessidade de um sábio clarividente como ele’. O **gomtchen** respondeu com sua frieza habitual: ‘Trata-se de assunto grave?’ ‘Importantíssimo’, replicou o príncipe. ‘Nesse caso, podereis receber dele a resposta que desejais’, concluiu o **gomtchen**.

“Eu imaginei que se tratava de enviar-lhe uma carta-consulta por algum mensageiro e ia observar a enorme distância que era preciso para alcançar o Tibete oriental, quando fui surpreendida pelo estranho aspecto que acabava de tomar o rosto do lama. Seus olhos estavam fechados; extremamente pálido, seu corpo se contraía. Alarmada, tratei de logo ir em seu auxílio, temendo um acidente repentino, porém, o príncipe me conteve, dizendo: ‘Não o toqueis. O **gomtchen** cai com frequência em transe. Se violentamente o tirardes desse estado, pode adoecer e até morrer’. Permaneci, pois, quieta, contemplando o homem que continuava em estado de transe. Seus traços fisionômicos haviam mudado por completo; seus olhos se abriram tomando para mim uma nova e surpreendente expressão. O príncipe fez um gesto de admiração. Com efeito, aquele que em tal momento tínhamos diante de nós não era o lama de Daling com sua fisionomia habitual, mas outro ser completamente desconhecido, que abrindo com grande esforço os lábios, exclamou com voz diferente da do **gomtchen**: ‘Não vos preocupeis com o caso, porquanto tal problema jamais terá solução’. Depois de tais palavras, cerrou

lentamente os olhos; alteraram-se seus traços e de novo voltou a ser o lama de Daling com sua fisionomia habitual. Recusando nossas perguntas, retirou-se em silêncio cambaleante e abatido pela fadiga. ‘Sua resposta carece de sentido’, replicou o príncipe. No entanto, ou por causalidade, ou o que quer que fosse, o futuro demonstrou que, desgraçadamente, a resposta ‘tinha um sentido’. O problema que, com efeito, preocupava o jovem maharajá se referia à sua prometida e certa ligação que o mesmo mantinha com uma jovem de quem tinha um filho, laço que não desejava romper casando-se com a princesa birmana. O problema de tal duplicidade se resolveu por si mesmo: O príncipe morreu antes de realizar o enlace projetado”.

Para finalizar este capítulo e, **embora que nem sempre estejamos de acordo com as teorias e problemas da Sociedade Teosófica** (o grifo é do tradutor), citaremos os seguintes conceitos de C. W. Leadbeater, acerca de H. P. B. e dos Seres superiores ou Mahatmas que com esta se relacionavam.

“A princípio, Mme. Blavatsky não falava tanto dos mestres como “dos Irmãos” e por esse termo queria expressar, não só os grandes Chefes da Jerarquia, com seus servidores, os empregados, como se disséssemos, dos diversos departamentos aos quais ela olhava como iguais e tratava-os, mais como ajudantes e amigos do que como dignos de maior reverência. Para seu Mestre ela tinha sempre a maior devoção e obedecia-lhe imediatamente; porém, havia os **camaradas** de níveis subalternos, que às vezes a auxiliavam na produção dos fenômenos, que tão grande papel jogaram nos primeiros tempos da Sociedade. Havia um grave egípcio chamado Tuitit-Bey; um jovem discípulo a quem ela chamava de Benjamim, “o desditoso”³, um ser alegre e às vezes amigo de gracejar.

Eu creio que Mme. Blavatsky empregava tais termos com menos precisão do que nós temos aprendido a empregar hoje, porquanto restringimos o vocábulo “**Adepto**” àqueles que passam a quinta grande iniciação – a de Asekha – que assinala o fim da evolução puramente humana; de fato se pode dizer que é o que eleva o Arhat acima da humanidade e fá-lo definitivamente um super-homem. Porém, eu ouvi a Mme. Blavatsky falar de “adeptos” que tinham sido iniciados e adeptos que não o tinham sido, empregando talvez a palavra no sentido apenas de privilégio imposto em ciência oculta, tal como se dissesse de um homem “adepto” na arte de pentear!

Nossos Mestres quando tivemos a honra de entrar pela primeira vez em contato com Eles, já eram Adeptos no mais alto sentido da palavra – Adeptos Asekha – e, portanto, no nível onde lhes era permitido tomar discípulos, se quisessem. A diminuta proporção de Adeptos que foi possuída de tal desejo é daqueles aos quais corresponde verdadeiramente o nome de “Mestres”; e naturalmente é com estes com quem temos tido contato mais íntimo. Um pouco mais tarde, no ano de 1907, para estarem harmônicos entre si, quase todos os Mestres que conhecíamos intimamente, alcançaram a categoria de Chohan e assumiram a responsabilidade do governo de seus respectivos Raios. Aquele que alcança tal nível, geralmente não continua trabalhando com discípulos do plano físico, pelo fato de lhe não sobrar tempo para os atender; porém, nossos Mestres, por seu grande amor e compaixão, consentiram em continuar em relação com aqueles a quem tinham dedicado seus esforços e assim o fizeram até o presente.

Mesmo assim, não devemos supor que os Adeptos que tomam discípulos empreguem muito tempo com eles. O progresso do discípulo depende muito mais do firme e incessante efeito das vibrações do Mestre sobre seus veículos do que da menor parcela de instrução direta que o Mestre possa ocasionalmente lhe oferecer. Deve-se, portanto, considerar que os Adeptos – tão bondosos em nos tomar como aprendizes – tal

³ Muitos traduzem de modo diferente o apelido dado por H. P. B. ao ser que se conhece com o nome de Benjamim. Nós, porém, preferimos dar o de “desditoso”... – *Nota do tradutor*

coisa o fazem, não como seu labor cotidiano, mas em adicional ao mesmo labor. Eles ocupam-se da humanidade inteira e não de personalidades.

Podemos imaginá-los influenciando na opinião pública, provocando nobres sentimentos de simpatia, piedade ou patriotismo. Sempre vigiando cada um em sua própria linha, para aproveitar talvez a oportunidade favorável e fortalecer o bem e minorar o mal. O Adepto reflete-se sobre um certo grupo de gente – uma nação talvez ou parte da mesma. Assim como o sol se refletindo em um jardim faz com que as flores se voltem para ele, assim os corações dos homens sensitivos de tal nação se voltam para cima, embora sem saberem donde vem esse desejo, mas sentindo que a sua ação é boa e nobre”.

VIII

OS LARGO E ESTREITO CAMINHOS

Diante do exposto nos capítulos precedentes, o leitor, crítico e cético, tem o direito de perguntar por que razão concedemos tanta importância a uma série de fatos que mais parecem relatos de **As Mil e Uma Noites**, ao que responderemos com a firmeza de quem realizou, sobre tais assuntos, um sério e desenvolvido estudo imparcial, que em todos eles a realidade vai, como sempre, muito além da mais exagerada fantasia, pois, como disse o próprio William James, trata-se de saber se os estados chamados místicos ou super-liminares são ou não “verdadeiras janelas abertas sobre um mundo superior ao vulgar que nos rodeia”, consignando, ao mesmo tempo, com Edmundo Gonzalez Blanco no **Universo Invisível**, que o intuito não se opõe ao discursivo, senão, que é superior a ele por ser “o mais alto sentido estético”, como disse Benlliure Tuero. “Os materialistas, acrescenta aquele, partem de uma intuição adequada à linguagem físico-química, e nada é demasiadamente insólito para ser verdade se não estiver em contradição com as leis da Natureza, por sua vez, tão pouco conhecidas pelo homem. E aquele que, segundo Arago, pronuncia fora da matemática pura, a palavra “impossível”, carece de toda prudência científica. Modelados nossos conceitos, segundo Bergson, sobre o **descontínuo** das sensações, a imaginação criadora forja o **contínuo** e o historiador contemporâneo do psiismo não pode, por sua vez, deixar de perguntar, assombrado, se for sincero, **se a humanidade atual, ao cultivar o chamado espiritualismo experimental não volta ao ponto de partida.**¹ Ao demais, intuição e raciocínio não são entre si antagônicos,

¹ Tudo quanto se acha desenvolvido nos dois últimos capítulos de **A Minha Mensagem**, publicados no último número desta revista, é mais do que suficiente como resposta à pergunta feita pelo incomparável autor de **O Tibete e a Teosofia**, “se a humanidade atual ao cultivar o chamado espiritualismo experimental não volta ao ponto de partida”. Pergunta mais ou menos semelhante havíamos feito em outro capítulo da referida Mensagem, comprometendo-nos a dar no final a devida resposta, que foi justamente aquela.

Já dissemos algures: a Magia Negra campeia por toda parte. Com raras exceções, quem não é um mago negro consciente – por isso mesmo, assassino de sua própria alma – é um **mago cinzento**, como uma mescla entre as duas espécies de Magia: a **branca e a negra**.

E os maiores causadores de tamanho crime contra a própria evolução humana são os **conspícuos** dirigentes de certos núcleos pseudo-espiritualistas esparsos pelo mundo, que ao invés de cultivarem o mental de seus associados (segundo o estado de consciência da Raça atual, caminho para o Espírito), preferem cultivar a psíquica, por meio da fenomenologia ou do chamado “espiritualismo experimental”. E como tal, eternizando-se no estado de consciência da raça atlante ou a anterior à atual, segundo já o provamos naqueles referidos capítulos de **A Minha Mensagem ao mundo espiritualista**.

Do mesmo modo, certos autores de obras sobre Esoterismo, alguns até, à frente de associações desse gênero e como verdadeiras “aves de arribação” acossadas pelos vendavais desencadeados nas **florestas** onde viviam... aqui nos aparecem, por exemplo, munidas de falsas penas “rosacruz”, sacrilegamente arrancadas da respeitabilíssima ordem fundada na Alemanha medieval por Christian Rosenkreutz. Daí, o se apresentarem desde logo como “pupilos do famoso adepto conhecido como Rakowski”, além da propaganda fantástica que se vem fazendo dessa nova mercadoria exposta à venda no mercado do Neo-Espiritualismo!...

De tal propaganda faz parte um bem arranjado artigo “pour épater les bourgeois”, onde se procura relembrar algumas passagens da vida do misterioso Conde de Saint-Germain (embora com um novo título de “marquês...”), acrescido da monumental notícia de que, “o referido Adepto foi visto em Roma no ano de 1932, de cuja cidade partiu em missão secreta com destino à Palestina, Grécia e outros países, fazendo-se acompanhar de outros Irmãos da Frateria Rosa-Cruz, denominados Altos Iniciados, entre os quais, o grande **sábio e mestre Dr. Krum-Heller** (o grifo é nosso, por ser “o homem dos **hormônios** e de outras coisas nada apreciáveis para os verdadeiros Adeptos da Loja Branca, inclusive o Mahatma Kut-Humi!...), **mago, alquimista, notável e Soberano Comendador da Augusta**

Fraternidade Branca (?) Rosa-Cruz, com sede no Summum Supremum Sanctuarium de Berlim Heiligensee". E logo adiante: "Presentemente, o marquês (?) de Saint Germain habita num grande "castelo" (**no ar?** perguntamos nós) de sua propriedade, situado em um dos países da Europa Central, estando à "**testa do movimento dessa antiga e misteriosa Fraternidade**". O final... responde pelo reclame. Assim, a postos papalvos do mundo inteiro ! principalmente os que ignoram o verdadeiro sentido da misteriosa frase iniciática: **Visita Interiora Terrae Rectificando Invenies Occultum Lapidem**...de acordo com as **sete iniciais** com que é formada a palavra francesa VITRIOL (nome do ácido sulfúrico concentrado). **O tempora! O mores!...**

Porém, o que logo põe a calva à mostra a tão famosos "rosacruz" é a palmar contradição entre os seus condenáveis ensinamentos e os de todos os verdadeiros Adeptos, por isso mesmo, fazendo parte do que proíbem as Regras da Grande Fraternidade, como sejam, "as práticas dos poderes psíquicos ou anímicos"... e "a apresentação em descoberto" (isto é, no mundo profano) "sem direitos para tanto" – pouco importa o fato de pertencerem a associações ocultas ou secretas, mas que não se acham incluídas no número das poucas existentes no mundo sob a égide da mesma Fraternidade. E que assumimos inteira responsabilidade em considerar tais obras e associações como de pura Magia Negra, está consubstanciado nestas mesmas linhas, que podem ter o uso que melhor aprovar a quem não estiver de acordo com elas. Sim, porque, não fazemos parte de adeptos do "vampirismo sexual" (ou dos "hormônios"), algo parecido com as práticas do Conde de Gabalis e outros tantos "imortalizadores de elementais", judiciosamente massacrados pela incomparável pena do grande gênio que se chamou Roso de Luna, principalmente, na sua maravilhosa obra intitulada **Aberraciones psíquicas del sexo**, para a qual chamamos a atenção dos fâmulos de **Raputine**, sob "as imortalizadoras vibrações das **ondinas encarnadas**, que reverentemente o cercam... em tão original **piscina**, cujo termo nos faz lembrar os dois misteriosos signos zodiacais: **Piscis e Aquários!... Un sot trouve toujours un plus sot qui l'admire...** para não dizer, **Stultorum infinitus est numerus**.

E assim, vem mesmo a calhar neste lugar os seguintes trechos da famosa obra do incomparável Roso de Luna: "Deus recebeu em seu Selo a alma do senhor conde de Gabalis, o qual, segundo acabo de saber, morreu de uma apoplexia fulminante. Alguns maliciosos me dirão que esta espécie de morte é, de ordinário, aquela que costumam ter todos quantos **administram mal os segredos dos sábios**. E que, desde o momento em que o bem-aventurado Raimundo Indio pronunciou tão fatal condenação em seu testamento filosófico, um anjo vingador encarregou-se sempre de torcer o pescoço a quantos, indiscretamente, revelaram aos profanos os Mistérios Filosóficos.

Mais adiante:

"O primeiro problema que nos oferece a obra que começamos a comentar, é o da razão das mortes violentas, especialmente quando elas vêm a ser uma espécie de castigo (?) imposto ao homem pelas leis naturais, quando se extravia por completo no caminho da missão que a todos nós, grandes e pequenos, corresponde na vida, missão que é, talvez, a mesma razão de ser de nossa presença na Terra.

Nenhuma dúvida existe que, nos chamados malogrados, "a dita lei se cumpre". Já o expusemos extensamente no capítulo "Quando se morre" de nosso Livro **Hacia la Gnosis**, para termos necessidade de repeti-lo aqui. **Larra, Espronceda, Balmes, Gabriel e Galan**, para não falar, senão, de nosso país e nossa época, truncaram a sua missão e **infelicitaram-se** prematuramente. Igual aconteceu a **Mozart, a Abel**, etc.

Porém, aqui não se trata de jovens malogrados, mas de homens mortos violentamente "por terem manejado mal os segredos filosóficos". Em tal caso se acham, por exemplo, **Stead**, o grande espiritista; **Gerard Encausse** ou **Papus**, o ocultista célebre; **Alfredo Rodriguez** Aldao (ou Aymerich), discípulo do mesmo. E quanto à "apoplexia", temos o próprio **Ricardo Wagner**, depois da sublime fusão do paganismo com o cristianismo do seu **Parsifal**, contra seu primitivo desejo de nos dar nessa ópera uma tese completamente oriental, algo assim como "as atribulações do Buda antes de alcançar a sua libertação", de cujo propósito foram os monarcas alemães que o fizeram desistir, como referimos em nossa obra **Wagner mitólogo e ocultista**, capítulo sobre **Parsifal**.

Mais adiante, diz ainda o incomparável Roso:

"O Conde de Gabalis, ou melhor dito, o abade **Villars**, hipocritamente oculto atrás da fraseologia do primeiro, começa a sua revelação cabalística na passagem que comentamos, expressando a falsa idéia de que os verdadeiros Sábios buscam os poderes taumaturgicos de dominar a Natureza; fazer-se obedecer por todas as entidades visíveis e invisíveis; falar a Deus face a face e demais discursos da necromancia medieval, a que nos têm acostumado os êmulos de **Eliphas Levy**. Não. Tais poderes taumaturgicos acima da ciência ordinária, operados pelos "magos" ou "adeptos" de todos os tempos, nunca foram o objetivo principal da Grande Cabala ou Tradição Universal da primitiva Religião-Sabedoria da Natureza, Religião ao mesmo tempo, sem necessidade de os buscar o verdadeiro Ocultista, que só aspira a superação, a exaltação evolutiva de suas faculdades adormecidas mediante a Virtude e o Conhecimento, senão, através do **gnosce-te ipsum** socrático. E o Deus como "Mestre único", do qual se refere Gabalis, não é tampouco nenhum Deus pessoal e antropomórfico, tal como o das religiões positivas, mas a encarnação da Divindade abstrata e Incognoscível, que pulsa no fundo sem fundo de tudo quanto o mesmo dá vida ou alenta, o Espírito Informador do Cosmos, o grande Pan ou Todo, que também pulsa no interior de nossa Consciência como efetivos "deuses caídos" que somos, para um dia sacudirmos as nossas cadeias, qual místico Prometeu.

Essa Divindade interior de cada homem é a que lhe faz superior aos demais, logo que, por iniciação, ela desperta nele; a mesma que, segundo o Alcorão e as Espístolas de São Paulo nos torna superiores aos Anjos mais excelsos e com muito maior razão, aos Demônios – não às absurdas criaturas citadas pelas religiões, que nos dão como maliciosos diabos, mas, **daimones** gregos, "seres intermediários entre a bondade angélica e a maldade humana", como diz **Blavatsky**, e dos quais nos fala **Edmundo Gonzalez Blanco** em seu artigo "O Demônio de Sócrates". E assim por diante.

Desse modo, para **acalmar os nervos** de tal ou tais "rosacruz", apregoadores dos potentíssimos efeitos dos "hormônios", não há

como seguir o nosso conselho, aplicando em si mesmo a "ducha fria" de **Aberraciones psíquicas del sexo**, que além do mais, lhe tirará a vontade de quando escrever sobre **Shamballah** e outras coisas que não conhece (principalmente os seus criminosos ensinamentos), não incluir o respeitabilíssimo nome do grande Mestre da Teosofia, que se vivo fôra, lançaria veemente protesto contra essa intromissão indébita de seu nome em assunto que era ele o primeiro a condenar, como um verdadeiro ROSACRUZ. Do mesmo modo que não ficaria sem resposta a passagem do mesmo artigo (Shamballah), que diz: "Pena é que os manuscritos em sânscrito tenham determinado a confusão existente entre esta região geográfica e o estado de Jina, a que se refere o malogrado Roso de Luna".

Simplesmente irrisória essa **correção** que um pobre pigmeu ousou fazer ao gigante da pena e da palavra, quando ele, como nenhuns outros, possuía direito ao nome de "Jina" e, como tal, jamais sujeito a confusões de qualquer espécie! Mas... acontece que, a **carambola** que se quis fazer no **bilhar** de nossa missão através do Nome inconfundível do grande Mestre da Teosofia, não surtiu o efeito desejado. Por isso mesmo, não seremos nós quem perderá o seu precioso tempo em discussões estéreis (que aliás é o que muita gente por aí aspira, a fim de ver seu nome escrito em letras garrafais na imprensa), a menos que fosse para transcrever, mais uma vez, aquela famosa fábula iniciática do próprio Roso de Luna, que tem por título: **Os cães do caminho...**!

Não falta por aí quem confunda a **Magia** propriamente dita, com **Ciências Ocultas**. "Mago ou Mágico", diz Blavatsky, "vem do sânscrito **maha** ou **mag**, equivalente a **grande**. **Magos**, eram os sacerdotes do fogo e os conhecedores dos astros entre os assírios, babilônios e parsis. O grande sacerdote destes últimos recebia o nome de **Mobed**, derivado de **megli** ou **meh-ab**, que quer dizer 'grande', 'nobre', 'primeiro'. Antes destes, ou seja, nos tempos pré-védicos, o **Maha-âtma** ('a grande Alma ou Espírito') era o Sumo-sacerdote".

Porém, a Magia, que é a **reforma interior pela virtude e o estudo, nada tem de comum com as ciências ocultas**.

"Sob o nome de **Ciências ocultas**, continua a mesma, se acham o hipnotismo, o mesmerismo, a magia cerimonial, a astrologia, a alquimia, a feitiçaria, os encantos, a necromancia, cartomancia, geomancia, quiromancia e outras mil artes mágicas de clarividência física e astral, clariaudiência, psicometria, etc., etc., em uma lista inesgotável que cada qual pode continuar a seu gosto.

consubstanciais e complementares. Não representam opostos hegelianos. O sentimento e o pensamento na luta se abraçam”.

Observar-se-á, com efeito, o curso que vamos seguindo nestes sinceros apontamentos. Como assunto prévio ao estudo do Tibete propriamente dito, temos examinado primeiro a orografia geral da Ásia, provando que a região montanhosa central asiática é o verdadeiro “telhado do mundo” e chave, segundo Argand, de toda a geologia do planeta. Quando procuramos nos aproximar, com a imaginação e o espírito cheio de amor, de tão misteriosa região, seguimos o célebre Caminho dos Hann, através de um imenso deserto: o Tak-lama-kan, a oeste e o Gobi a este. Os nomes **Gobi** e Shamo ou **Shamano**, que desde tempos imemoriais leva este último, conduziu-nos a uma série de exames a respeito de certos Seres Superiores ao próprio nível da Humanidade, por toda parte conhecidos com tal nome e com outros muitos, cujas Individualidades, História e Doutrina constituem a alma da Sociedade Teosófica, Caminho mais moderno e, sem dúvida, o mais fácil para deles nos acercarmos, e que uma heróica mulher, incompreendida mártir de seu século, divulgou-nos muito mais do que podemos imaginar, com seus livros imortais.²

Semelhante Caminho é conhecido como “o Caminho direto” ou “estreito caminho”, o “Caminho dos Jinas” ou **Jina-Yana**, diferente do largo e fácil Caminho, que segue a humanidade vulgar à custa de séculos e de encarnações, chamado **Maha-yana**³

“Para que um homem possa cultivar qualquer dessas ciências não é preciso possuir nenhuma condição de moralidade prévia. Todo aquele que tiver um organismo sensível em certo grau a tais ou quais influências do astral (ou seja, do plano de matéria imediato ao nosso) pode converter-se em um famoso psicômetra, quiromante, astrólogo, vidente, etc... quando se lhe ensina os métodos adequados ou ele os descobre por si mesmo... Não tomaremos o trabalho de convencer os céticos acerca da realidade de semelhantes artes. No entanto, convém notar-se que o maior malvado existente na terra, pode chegar a praticar com êxito semelhantes coisas. E outra não foi a razão das mesmas serem outrora, e ainda hoje, conservadas em segredo...”

E depois de explicar que existem poderes capazes de dominar nações, como indivíduos, poderes ao alcance de um leproso moral dotado de Vontade suficiente, poderes, enfim, que pode adquirir o animal humano que, em verdade, é milhões de vezes mais potente do que a besta mais selvagem, acrescenta:

“Porém, nenhum homem dessa espécie é Ocultista. Pode, sim, ser um mago ou manipulador das Artes Ocultas, cujo coração só

responde aos latejos do Oceano da Compaixão Universal e cuja mente vibra em uníssono com a grande Harmonia inteligente do Cosmos. Quantos pensam ser Ocultistas pelo insignificante motivo de saber traçar um horóscopo ou ver um quadro na luz **astral** ou psicometrizam o conteúdo de uma carta, ou reter a respiração por mais tempo que o ordinário, ou divulgar os fantasmas! Acontece que estão muito distantes do mais elementar Ocultismo.

“Ocultista é aquele que aprende a distinguir conscientemente o bom do mau; não é um homem teórico, mas prático; não age apenas com a intuição e a fé cega; não basta que seja apenas **bom**, mas que deve ser **sábio** e **justo**. A sabedoria não indica apenas conhecimento, mas também, **compaixão**, **amor**, por ser, como diz o **Rig-Veda** (X, 129), o laço que une o ser com o não-ser, laço que os sábios, investigando com sua **inteligência**, descobriram em seus **corações**. Ocultista é aquele, ainda, que anda pelo caminho do desinteresse e da justiça. Nenhum homem ignorante pode, mesmo que queira, ser justo. Aquilo que pode ser justo para determinado número, é muitas vezes, injusto para o bem-estar de uma coletividade maior. Do mesmo modo que, a justiça aparente para uma nação pode ser injustiça para a Humanidade e a aparente justiça para esta, talvez injustiça para o Universo. Assim, a suposta crueldade da Natureza é simples aparência ilusória criada pela ignorância das mentes que só podem contemplar uma fração mínima do magno problema.

“O Ocultista compreende que o Espírito e o corpo de todos os homens são um com o Espírito e a Matéria do Universo; logo deseja unir a sua Mente com a Grande Mente ou Alma do Mundo, pois sabe que é mente e só mente que o separa do resto. Ao propor-se a alcançar tal Meta, nele se dá uma completa transformação. Com a mente sempre fixa no axioma de “paz a todos os seres”, desenvolve em silêncio sua natureza espiritual, atingindo os confins do amor do indivíduo, da família, da raça e até da Humanidade, banhando-se no Oceano de Compaixão e de Sabedoria que deve abarcar a Natureza inteira”. Tratando do **Ocultismo teórico** (que aliás é o puramente teosófico) ela diz:

“O Ocultismo teórico tem que ser aprendido dos lábios de um Ocultista, ou descobrindo-o no estudo atento dos livros e da Natureza. Os Mestres são, no entanto, poucos e embora que desejem ensinar, encontram raras vezes discípulos capazes e dispostos a sofrer a disciplina necessária, antes que o mero conhecimento teórico lhes possa ser comunicado. Por outro lado, embora que haja muito que aprender nos livros, seu estudo não produz grande resultado para o caso, a menos que o estudante desenvolva sua intuição espiritual, pela **purificação do desejo e o hábito da concentração mental** (o grifo é nosso). Tal é o aspecto puramente teórico do Ocultismo para aqueles que não duvidam, para os que não são tímidos, vacilantes, preguiçosos ou dominados por interesses egoístas. Uma vez despertado o anelo pelo Conhecimento Espiritual e a possibilidade em realizá-lo, não se necessita de outro impulso. A mente, desde então, “se fixa em um ponto” e avança com firmeza, atraindo assim, por seleção natural, todo o conhecimento preliminar que lhe é necessário; o homem faz-se consciente de si mesmo; vive sempre alerta; eleva sua inteligência a mui alto nível e acaba por compreender quão baixo vivem os demais sob a hipnótica e ilusória influência dos sentidos, como se estivessem dormindo. Assim, todo estudante de Ocultismo teórico (nada prático), pode tentar, sem risco algum, de encontrar o Mestre, o que se dará fatalmente no momento em que o mesmo se ache em condições para isso”.

E outro sentido não possui a sábia fórmula iniciática: “Quando o discípulo está preparado, o Mestre aparece”. – Nota do tradutor.

² Quando o íntegro autor de **O Tibete e a Teosofia** diz, “cuja Individualidades, História e Doutrina constituem a alma da Sociedade Teosófica, etc.”, “refere-se de fato à alma” ou origem da mesma Sociedade, (a de outrora, portanto) mas nunca ao corpo inerte, frio ou abandonado de um templo donde fugiram desesperançados os verdadeiros Guardiães da excelsa Sabedoria, pouco importa que hoje se lhes tome como testemunho e égide de tudo quanto foram Eles os primeiros a condenar em seu tempo... – Nota do tradutor.

³ Nesses nomes dos dois clássicos Caminhos nós preferiríamos ler **Jina-yoni** e **Maha-yoni**. Nesse caso, poderíamos traduzi-los, respectivamente, como “matriz” ou “meio de nascimento do mundo Jina ou daqueles Seres Superiores ao nível humano, e “grande

ou “grande Caminho”. Um é o caminho iniciático; o outro, o lento e vulgar caminho das religiões positivas, desde o velho Hinduísmo até os modernos Cristianismo e Maometanismo. H. P. B. indicou-nos muito bem a origem de ambos na própria Atlântida, apontando-nos como causa da grande catástrofe, o sacerdócio explorador que, em seu benefício apregoava: “dividamos para vencer”, por isso mesmo, criando as religiões positivas como “róseos contos infantis”, mitos e duplos véus ou “re-velações”, ao qual responderam os grandes Seres com o lema de “unamo-nos para resistir”, instituindo desde logo as iniciações, cujas últimas foram a maçônica e a teosófica.

A fina intuição de Alexandra David-Neel surpreendeu toda esta verdade ao dizer-nos, depois de seus quatorze anos de vida tibetana, estas reveladoras palavras em seus **Místicos e magos do Tibete**:

“De um modo geral, o mundo religioso tibetano – e igual se pode dizer dos demais países – se divide em dois grandes grupos. O primeiro abrange quantos preconizam a observância dos preceitos morais e religiosos e as regras monásticas – ou **vedantinas** – como meio de salvação. O segundo é daqueles que preferem um método puramente intelectual ou de estudo – pseudo-ateus ou **advaitas** – emancipando-se de toda regra ou preceito religioso, como aqueles livre-pensadores a que se refere Proclo, quando diz: “as almas grandes se iniciam por si mesmas, sem necessidade de que ninguém as inicie, e estas almas são as que se salvam, segundo o Oráculo delfico” – Não há um abismo, mas apenas, um grau ou matiz entre dois sistemas. Raríssimos são, com efeito, os homens religiosos que tendo adotado o primeiro sistema, não reconheçam que a vida virtuosa e a disciplina monástica – ou da Vedanta, o Código do Manu e demais códigos religiosos em geral – por excelentes que sejam e por mais indispensáveis que pareçam, não continuam mais do que um simples preparo para a via ou vida superior. Quanto aos partidários do segundo sistema, todos eles, sem exceção alguma, acreditam piamente nos benéficos resultados de uma estrita fidelidade às leis morais e as dos códigos religiosos, segundo as regras monásticas. Além disso, todos são unânimes em declarar que o primeiro de dois métodos – principalmente o que diz respeito ao Código do Manu – é o mais recomendável para a maioria dos indivíduos. Uma conduta pura, a prática das boas obras, especialmente a da caridade – ou melhor, o **Amor** em sua mais universal aceção, sublime e artística –; o desapego dos interesses materiais, a tranquilidade do espírito para onde a mesma vida monástica deve propender, conduzem lenta mas seguramente à iluminação; enquanto que o outro método, por eles chamado “o caminho direto”, é considerado como perigoso, no mais elevado grau, pois, como dizem os mestres que os ensinam, em lugar de se seguir o caminho que contorna a montanha, em subida graduada para o cume, procura-se escalá-la em linha reta, trepando pelas fendidas rochas e atravessando o abismo por um simples fio estendido (tal como a famosa “ponte das almas, afiada como o gume do machado” de que fala o Alcorão). Um privilegiado equilibrista, de vigor excepcional e à prova de vertigens e desmaios, é quem pode lançar-se a semelhante prova, porquanto, até mesmo os mais hábeis não estão certamente livres de um desfalecimento repentino que os lance ao abismo, qual presunçosos alpinistas, conduzindo-os aos piores graus da perversidade.

Estes são os ensinamentos das duas respectivas escolas, segundo letrados e místicos. Porém, tais eruditos e pensadores formam no Tibete, como em toda a parte, uma ínfima minoria. Quanto aos partidários do “cerimonial” e da “regra”, são numerosos indivíduos levando uma vida puramente vegetativa nos mosteiros, sob aquela capa de “a

matriz”, ou meio final de nascimento para a humanidade em geral. Notemos também que o **Hi** aspirado de **Hina-yana**, o traduzimos foneticamente por **J**. – Nota do autor.

E como todas as línguas sejam rebentos umas das outras, para não dizer, procedam de uma só, nós vemos no hebreu, por exemplo, tanto se dizer **iod** como **Jod** (a 10ª letra do alfabeto). Do mesmo modo que, em outras línguas, **Jeoshua** e **Yeoshua**, Jokanan e Yokanan, etc., etc.

A verdadeira tradução de **Hina-yana** e **Maha-yana** ou dos dois “caminhos” referidos pelo genial polígrafo espanhol Roso de Luna, como se sabe, é: “pequena barca” para o primeiro e “grande barca” para o segundo. Referem-se, ainda, às duas escolas do Budismo: do Norte (**Maha-yana**) e do Sul (**Hina-yana**). O mesmo sentido se acha na “barca de Osíris”, das iniciações egípcias. – **Nota do tradutor.**

liberdade completa”, procurando atrair uma infinidade de pessoas sem condições de **escalar cimo algum**, mas a cujos tipos se pode classificar de pitorescos. Toda a coorte de feiticeiros, adivinhos, necromantes, ocultistas e magos, desde os mais miseráveis até os que ocupam as mais elevadas posições sociais, se encontram entre eles, sendo que, nada mais divertido do que ouvir as suas originais interpretações acerca da “conquista integral”, nascidas de seus cérebros desequilibrados. O clero oficial, isto é, os monges da seita dos Gelugpas, vulgarmente conhecidos como “bonés amarelos”, fundada por Tsong-Kapa no século XIV, pronunciam-se a favor das “regras”. Entre as seitas não reformadas ou semi-reformadas dos “bonés encarnados” (os Sakya-pas e os Khag-yu-pas), que constituem a maioria dos mosteiros tibetanos, dão também hoje preferência ao caminho prudente das “observâncias” ou “regras”. Entretanto, nem sempre foi assim, porquanto os fundadores dos Khag-yu-pas – o lama Mar-pa e, sobretudo, o célebre vate Milarespa – eram decididos partidários do “reto caminho”. Quanto aos Sakya-pas (partidários de Sakya-Muni ou “budistas”?), que estrearam pela mesma época, foram, em sua origem, verdadeiros magos, sendo que, as ciências ocultas, principalmente, foram cultivadas e ainda hoje o são em seus mosteiros. A filosofia faz-lhes grande concorrência na parte mais seleta dos religiosos.

“Entretanto, os verdadeiros adeptos do caminho direto se encontram, sobretudo, fora dos mosteiros e constituem a povoação dos **tsham-khans** ou ermitãos e vivem como anacoretas no deserto ou nos cimos nevosos. Os motivos a que obedecem os que assim se encaminham na vereda perigosa, são de ordens diversas: uns, esperando, ali a resposta a problemas filosóficos que os livros não resolvem, senão, pela metade; outros, aspirando poderes mágicos; alguns pressentindo que acima de todas as doutrinas existe um conhecimento mais completo e que podem ser descobertos outros aspectos da existência por quem haja desenvolvido órgãos de percepção mais claros que os de nossos sentidos comuns, e procuram adquiri-los. Compreenderam que todas as boas obras do homem são impotentes para os libertar da prisão do mundo e do **ego**, e buscam o segredo do Nirvana, que é **superação**. Um pequeno número de curiosos um tanto céticos, se vêm impelidos pelo desejo de descobrir o que possa haver de verdade nas singulares lendas **soto-voce** vertidas aqui e ali a respeito de certos fenômenos produzidos pelos grandes **naldjorpas**. Todos esses aspirantes a tais fins, que quase sempre se lhes debuxam de um modo impreciso em suas mentes, são em sua grande maioria, membros de uma ordem religiosa, embora que tal qualidade não seja indispensável ao caso. As ordenações monásticas representam pouco ou quase nada entre os partidários das doutrinas místicas. Para eles as iniciações são as únicas que possuem valor. Uma notabilíssima diferença existe, com efeito, entre o simples monge e o candidato às iniciações. O primeiro é levado por seus pais ao mosteiro na idade de oito a dez anos e nele continua, mais por hábito do que por efetiva vocação. O segundo ao contar mais de 20 anos e obedecer a um impulso interno, quando pouco satisfeito da vida monástica, solicita a sua admissão como discípulo de um mestre do místico caminho. A eleição é decisiva para ele.

“**Finalmente, ouvi sustentar a um lama culto, que as atrevidas teorias relativas à liberdade absoluta e desprezo de todas as regras professadas pelos adeptos mais avançados do ‘reto caminho’, são o eco longínquo de um ensinamento existente desde tempos imemoriais na Ásia central e setentrional.** Por isso mesmo, tal lama acreditava piamente que as doutrinas ensinadas durante o curso das altas iniciações, pelos mais extremistas daquele caminho, concordam perfeitamente com as do Buda, que foi quem as preconizou em certas passagens dos seus discursos. Entretanto, ajunta o mesmo: o Buda compreendeu, por sua vez, que a maioria dos homens melhor fará em submeter-se às regras calculadas para socorrer aos maus efeitos de sua ignorância e guiá-los por um caminho onde não há que temer nenhuma catástrofe moral. Por esta razão, ditou ele códigos de observância para uso, tanto dos monges como dos leigos”.

Quando tratarmos do Tibete propriamente dito, ampliaremos as idéias que sugerem a leitura de tão notáveis tesouros por nós colhidos do rico canteiro das obras de David Neel. Merece agora uma digressão para examinar à luz de tais ensinamentos, o grave problema do estado atual da Sociedade Teosófica onde – em surda ou aberta campanha – lutam aqueles dois Caminhos ou orientações, o que faremos no seguinte capítulo, sem preocupações de com isso ocasionar discussões, às quais não perderemos tempo em contestá-las, mas guiados sempre pelo sentido histórico e crítico que inspiram estes apontamentos.

IX

O “RETO CAMINHO” E A SOCIEDADE TEOSÓFICA

Conhecidos são de todos, os motivos que deram razão à crise atual da Sociedade Teosófica, crise essa que não vamos estudar a fundo nestes apontamentos, mas tratar de algo que a mesma possui em relação com a doutrina tão clara e sabiamente exposta por A. David Neel sobre o “largo” e “estreito” Caminhos examinados no Capítulo anterior.

Fora do campo da mais alta iniciação maçônica, herdeira de outras iniciações como seja a rosa-cruz, a templária, a pitagórica, a gnóstica, etc., e antes que desse H. P. B., no século XIX, os incompreendidos ensinamentos de suas obras imortais, o misticismo transcendente ou ocultista era uma solitária e ignorada planta nascida no seio duvidoso das religiões positivas ocidentais: mosaísmo, cristianismo e maometanismo – planta sempre esmagada debaixo dos pés dos partidários da “letra que mata, em lugar do espírito que vivifica”. A mesma H. P. B. em sua misteriosa e acidentada vida, sofreu o ordálio evolutivo de passar por toda gama do psiquismo até alcançar os cumes da espiritualidade e do martírio. Foi primeiro uma sensitiva, quase uma médium, segundo o moderno espiritismo ocidental, para logo, como ela própria dizia, e mercê às suas assombrosas viagens, à sua intuição poderosíssima e o conhecimento de vários Mestres do Reto Caminho que tiveram de iniciá-la, “não mais ser médium e sim mediadora” entre Eles e o mundo ignorante, que nunca a soube compreender. E como o Reto Caminho se baseie **no estudo e nada mais que o estudo, logo aplicado corajosamente na vida diária**, depois do fracasso de sua sociedade no Cairo, fundo com Judge, Olcott e outros, a Sociedade que este último (segundo o mesmo conta em seu **Old diary leaves** ou História autêntica da S. T.) denominou **Teosófica**, por seu olhar ter caído inesperadamente sobre um dicionário aberto, na palavra **Teosofia** ou doutrina dos gnósticos alexandrinos ou neo-platônicos dos séculos III e IV, com o filósofo (auto-didático ou do “Caminho Direto”) – Amonio Sacas, à sua frente; doutrina igualmente chamada dos “filaleteos” ou amantes da Verdade; dos “ecléticos”, ou que bebiam as suas doutrinas nas de todas as escolas; dos “harmonistas” ou buscadores da unidade na multiplicidade e, enfim, dos “analogistas” ou “herméticos”, por aplicarem sempre a preciosa chave da **Tábua esmeraldina** de Hermés Trimegisto do “que está em cima é, analogicamente, igual ao que está embaixo, a fim de operar o mistério da **Harmonia** ou do **Vario no Uno**”. Do mesmo modo que, “Caminho Direto” era o preconizado por Proclo ao dizer que “as almas grandes se iniciam por si mesmas e que tais almas se salvam, segundo o Oráculo de Delfos”; eco ainda dos ensinamentos do divino Platão, discípulo de Pitágoras, como este, por sua vez, o foi Buda e de outros Mestres, em série sucessiva.

De acordo com essa tendência eclética, harmonista, sintética ou direta, foi criada em Nova York, em 1875, a Sociedade Teosófica, com o fim de **estudar aquilo que mais tarde foi seu terceiro objeto**, isto é, “as leis desconhecidas da Natureza e os poderes latentes no Homem”, para o qual foi premissa indispensável o que hoje é o segundo objeto: “o **estudo** comparado (analogista, eclético ou harmonista) de todas as religiões,

ciências e filosofias, tanto do Oriente, como do Ocidente”, na mais típica, salvadora e heróica acepção do “Caminho Direto”.

Porém, sábios sempre os Mestres de tal caminho, ao tomar a seu cargo a nave da Sociedade nascente, cuidaram muito bem em lhe dar **uma característica suprema** que a salvasse de cair na Magia Negra (queda que já temos visto, é tão fácil no “Caminho Direto” como no alpinismo), porque, entre os dois opostos ramos do tronco da Magia, o da Branca é “od da consagração por inteiro ao serviço da Humanidade (“a Viúva”, do simbolismo maçônico) e o da Negra, em troca, o perigoso retardamento ou retrocesso consciente da Humanidade, tomando por arma o egoísmo dos vulgares ou pequenos. E isso, em realidade, muito mais do que “um primeiro objeto da S. T. “estava num segundo lema ou postulado, que bem se pode colocar à sua frente, ou seja, o conhecido lema do Maharajah de Benarés, quando diz que “não há religião superior à Verdade” e a suprema Verdade é o serviço da Humanidade, “sem distinção de raças, sexo, credo, casta ou cor”. E a prova é que, aquele “primeiro objeto da S. T.” não é apenas um privilégio seu, mas, comuníssimo à Revolução Francesa, à Maçonaria, ao Cristianismo e, em geral, a todas as religiões positivas, quer o pratiquem ou não, porque não se lhe pode considerar diferente dos outros dois objetos, como tônica exclusiva da S. T., nem merecia, portanto, fazê-lo característico seu. Por isso mesmo, a Sociedade originária (que ficara nos Estados Unidos ao trasladar-se H. P. B. e Olcott, aliás, erroneamente, para Bombay e logo a Adyar) ⁴ sob a direção de W. Q. Judge, depois da de Catalina Tingley e hoje, do Sr. Purucker, considerando o caso, intitulou-se, por sua vez, de “Sociedade Teosófica e Fraternidade Universal”, ou como se disséssemos, de “**estudo sintético** de toda religião, ciência, arte, etc., até hoje conhecidas, ou **poligrafia**, tão característica dos gênios ou **jinas humanos** e investigação, também **estudo**, de tudo por conhecer”, segundo aquele parágrafo inicial de **Isis sem Véu** que diz:

“Não cremos em magia alguma que exceda do poder nem da compreensão do homem, nem em milagre algum, divino ou diabólico que vá de encontro às leis naturais estabelecidas. A palavra **evolução** fala por si só, porquanto, se o homem evoluiu desde a acídia ou lodo da terra até chegar ao seu estado atual, é lógico pensar que não tenha ele desenvolvido por completo os seus poderes”.

E assim, “a investigação dessas leis desconhecidas” – Caminho Direto dizemos nós – não é, senão, o esforço redentor que a alma humana realiza para voltar ao Divino, segundo o dito de “deuses sois e vos tendes esquecido”, de Pitágoras e de Jesus.

A exposição que precede evidenciará diante dos olhos de todo teósofo livre de prejuízos sectaristas ou cretinos que, seja qual for o uso que as diversas “Sociedades Teosóficas em cisma” tenham feito daqueles dois objetos **de estudo**, de **exclusivo estudo** possuem valor bastante para se colocarem acima do nível de quaisquer outras (sociedades) e cujas finalidades lhe caberiam perfeitamente, como a parte no todo, coisa que, dito de passagem, agrava enormemente nossa responsabilidade como teósofos, porquanto, o erro tão frequente de que, “basta sentir a Fraternidade Universal para ser um bom membro da S. T., é oriundo de se confundir **teósofo** ou **teosofista** (que pode possuir tal título sem pertencer à S. T., por aquele de “nem todos são os que estão, nem estão todos os que são”), com o membro da S. T. que se não aceita ou cultiva os outros dois objetos, possui, no entanto, direito a inscrever-se na lista de seus membros. Porém, seu labor se não for mais além, será nulo, embora que louvável e salvadora sua atitude, para cujo desenvolvimento, ou lhe basta “ser homem”, segundo o “sou homem e nada humano me é alheio”, de Terêncio, ou antes ser membro de qualquer outra das apregoadas instituições (igrejas, maçonaria, etc.) que complicaram sua atuação mais ou menos

⁴ No último capítulo de nossa *Mensagem ao mundo espiritualista*, publicado no número anterior desta revista (pág. 252) tivemos ocasião de provar que a S. T. (melhor dito, a The Theosophical Society) jamais deveria ter saído de Norte América dado o fato de ter sido fundada com missão especial para aquele lugar (ou a da 6ª sub-raça). Por isso mesmo, a que ali funciona até hoje (com o mesmo nome) se pode considerar como verdadeira, por estar colocada onde de direito e de fato lhe compete. O mesmo acontece com a *Sociedade Teosófica Brasileira*, cujo nome e Sede demonstram cabalmente para onde é a sua missão. – *Nota do tradutor.*

proveitosa, ou de pretensões tão heróicas e excessivas, nada menos que o de cultivar a **poligrafia** (segundo objeto) e as ciências ocultas (terceiro objeto), ciências estas que podem certamente incluir-se no rol das ciências chamadas “malditas”, e como tal, perigo certo de Magia Negra, senão forem inspiradas no lema da Fraternidade, ou do Bem para com a Humanidade e na suprema lei do ocultismo ou “reforma de si mesmo pela meditação e o conhecimento”, isto é, pela **Yoga**, já que, como ensina a Mestra, “as ciências ocultas são para o verdadeiro ocultismo como a luz de uma lanterna o é para a luz rutilante do astro do dia”.⁵

Que outro mais “direto Caminho”, pois, do que os próprios valores contidos nos objetos de uma Sociedade, como sejam: **Poligrafia, Ocultismo e Ciências ocultas**, sob um duplo lema de Verdade, acima de todas as religiões e de Fraternidade Universal, sem distinção alguma em tudo quanto este mísero mundo procura separar os homens entre si, através de raças, sexo, credos, castas ou cor? Tem-se, pois, que convir em que o formulado nesses dois objetos, em face de uma Humanidade que já parecia pressentir os horrores anti-fraternos da Grande Guerra, vaticinados também por H. P. B. em 1889, representou a proclamação à luz do dia ante o cético e egoísta mundo ocidental da superioridade e possibilidade de um Caminho **direto, rebelde e heróico**, que já vinha através das “heresias” de todos os tempos, porém, que tomou extenso vôo a partir da Reforma, o Renascimento, o método de Cartésio, a Enciclopédia e as **Revoluções inglesa e francesa**, Caminho, enfim, que no Oriente esteve sempre reservado a poucos. Para maior prova ainda: não devemos esquecer que, reservado o terceiro objeto, segundo os estatutos, “a apenas uma parte dos membros da S. T.” (melhor dito, para os “seletos”), H. P. B. instituiu, em seus últimos dias, uma seção Esotérica ou Escola secreta, como base de uma das tres disciplinas lógicas, a saber: a orientalista da **Raja-Yoga**; a filosófica pagã do **Pitagorismo** e a **Cristã** ou **Gnóstica**, sobrepondo ainda mais, a disciplina **Hermética** – flor e nata do Caminho direto, – mesmo porque, mais do que uma disciplina, foi a proclamação paladina do referido Caminho, já que nele o candidato a discípulo tinha que se guiar, por si mesmo, de acordo com o Deus Interior de sua Consciência, Cristo no Homem, como diria São Paulo e que é o Mestre dos Mestres, como Raio encarnado em nossa alma do Logos ou Verbo que anima a todo o Universo.

Esta é, à luz de uma boa hermenêutica, a verdade jurídica e histórica do Estatuto constitucional teosófico, embora que não o pudessem compreender em todo maravilhoso e revolucionador alcance do pensamento moderno, os próprios fundadores e os teósofos de primeira hora que, procedentes, enfim, do largo Caminho religioso, não se achavam bastante preparados para defrontar-se desde logo com o perigosíssimo e quase super-humano “Caminho direto”. Por isso mesmo, trazendo, com a melhor boa-fé, à nascente sociedade, os inevitáveis prejuízos de sua religião de origem, esquecendo que, os cultivadores críticos do **estudo** das disciplinas comparadas em religião, ciência, etc., (2º objeto) e mais ainda, os investigadores de leis desconhecidas da Natureza e dos poderes ocultos latentes no Homem (objeto 3º), já não tinham nenhum direito a conservar, seguir e praticar crença nem disciplina religiosa alguma, por já estar sobrepujada por aqueles objetos, tal como o naturalista que estuda uma lagartixa sem ter necessidade de a adorar. Dogma, é o contrário de crítica e crença, o contrário de estudo. Daí as graves consequências de tal erro não se fazerem esperar. E tais “consequências serão o motivo do seguinte capítulo com que se concluirá esta indispensável digressão acerca do estreito Caminho, que conduz diretamente aos Jinas, Super-Homens ou Shamanos do Gobi;

⁵ Bem pensado, tal coisa não é, senão, a repetição dos tres clássicos graus maçônicos de aprendiz, companheiro e mestre, porquanto, no primeiro desses graus não se exige ao candidato neófito mais do que sentimentos de Fraternidade e amor à Verdade (lema e primeiro objeto da S. T.) enquanto que, no segundo grau de *companheiro* são ensinadas as ciências, as artes, a história, etc. (objeto 2º de disciplinas comparadas da S. T.) e no de *mestre*, finalmente, são ou devem ser revelados “os mistérios da Vida e da Morte” (3º objeto ocultista da S. T.).

E foi por isso, a grande desgraça – de que tardiamente tiveram de lamentar-se H. P. B. e Olcott, o de não dar – segundo tais princípios – uma organização maçônica à S. T., coisa que teria evitado, talvez, o lamentável estado em que esta última se encontra, porque, da confusão de tais objetos ou graus, como da confusão de castas, como diria o Código do Manu, não podiam nascer, senão, males sem conta. – *Nota do autor.*

Caminho de efetiva Teosofia ou “ciência dos deuses, semideuses e heróis”, como as três classes a que pertencem os homens, ora talentosos, ora vulgares, que não alcançaram ainda o necessário grau de evolução para compreender e estimar, em sua super-humana condição, aos **jinas** ou gênios.

X

A SOCIEDADE TEOSÓFICA AFASTOU-SE DO CAMINHO DIRETO

UM POUCO DE HISTÓRIA

Dissemos no capítulo anterior, que os teósofos da primeira hora levaram a Sociedade Teosófica à inevitável tara de suas respectivas religiões de origem que, constitucionalmente, de acordo com o segundo objeto de crítica religiosa e científica ou “estudo comparado”, haviam de **superar** como teósofos, em pleno “caminho direto”, tal como o impúbere que se torna púbere, ou o estudante que passa da Álgebra elementar, onde cada incógnita tem um valor fixo, concreto e determinado, para a Álgebra superior, onde cada incógnita tem todos os valores, em função dos valores das demais incógnitas.

Com efeito, H. P. B. e Olcott deixaram Norte-América iludidos pela amizade estabelecida entre a S. T. e certa sociedade denominada de Aria-Samaj, cujos fins não eram precisamente os ecléticos e harmonistas daquela, mas apenas, “a restauração das primitivas tradições árias”, isto é, o Hinduísmo, religião que, por pura e elevada que a consideremos, não deixa de ser, no entanto, uma religião positiva, cujos atuais mantenedores, os brâmanes em geral, deixam tanto a desejar em relação aos Vedas, como os modernos jesuítas, em relação ao Evangelho. Primeiro erro e primeiro tropeço, porquanto, com a Aria-Samaj, tiveram logo de trabalhar os fundadores.

E veio o segundo erro. Aconteceu que Olcott, quis um dia visitar os budistas de Ceilão, não sem que, ao sabe-lo ficasse H. P. B. tão indignada que o ameaçou de expulsar da S. T., cujo caráter de crítica de religiões a colocavam muito acima de qualquer das religiões criticadas. Não ligou Olcott importância alguma a tais ameaças e procedeu de modo muito pior, porquanto, ao voltar de sua triunfal excursão vinha budista e com os germes na mente, para um magnífico **Catecismo budista**, hoje traduzido em diversas línguas, com que pôs fim ao velho cisma existente entre o Budismo do Norte e o do Sul. Em suma, uma obra tão louvável quão “**de estreito raio**” igual à pseudo-teosófica ou semi-teosófica, intentada hoje por Roma, de unir ou federar a todas as confissões do tronco **cristão**, em lugar de unir todas as igrejas, cristãs ou não, que seria o verdadeiramente teosófico. Depois disso, é o mesmo Olcott quem conta em sua **História** – que, ao voltar de seu giro triunfal, foi calorosamente felicitado por H. P. B. acrescentando, surpreendido: “tal contradição entre a despedida e a recepção me teriam feito perder a confiança na sua infalibilidade, se alguma vez a tivesse tido”. Enormíssima incompreensão a de Olcott, segundo a lei de que jamais o talento nem o vulgo alcançaram compreender o gênio! H. P. B. o repreendeu mui justamente como teósofo, ao trocar “o oiro da alta crítica religiosa e investigadora” da S. T. pelo metal inferior de uma religião positiva – qualquer que fosse – não podendo, no entanto, deixar de aplaudir – dentro de tal erro – seu trabalho teosófico, embora que de “raio mais curto”, ou seja, o de unir debaixo de um só credo, a dois ramos religiosos em cisma. ⁶ Fazia ela com isso,

⁶ De fato esse gesto do Cel. Olcott trouxe inúmeras desvantagens para a S. T. – inclusive o de se *fabricar* sacerdotes budistas a torto e a direito – sem falar em senhoras, que da noite para o dia... possuíam o grau “arhat”. E até... hoje, depois da sra. Besant desencarnada, já ter havido quem anunciasse a sua próxima vinda como “manu da 6ª sub-raça”. Não desejamos dar a nossa opinião sobre semelhante assunto, porquanto, seríamos forçados a penetrar em um campo completamente vedado aos profanos. Diremos, apenas, que os “Manus” se apresentam em forma dual, pese isso à opinião dos mais doutos na matéria.

Entre os muitos casos, citemos o das dinastias incas: a primeira, por exemplo, ou a dos imperadores Manco-Kapac (melhor dito, *Manú-Capac*) e Mama-Coya, por outro nome, Mama-Occlo, dizem as tradições, o Homem ou o Manú-capac ensinava (aos homens) na “cidade alta” e a mulher ou Mama-Coya, ensinava (às mulheres) na “cidade baixa”. Antes de mais nada, não se deve tomar ao pé da

ainda, uma política oportunista ou de circunstâncias, como reação ou protesto contra os **cristãos** que já haviam começado, como era de costume, a perseguir a S. T., sujeitando-se até a receber em Ceilão o **pansil** ou ordenação budista, pelo que denominou a si própria de “raivosa budista” ⁷ até os dias de 1888 em que seu proêmio à **Doutrina Secreta**, explicou mui claramente, a diferença existente entre a palavra **Buddhismo** ou religião de Sidharta Sakiamuni (um dos grandes “Buddhas de Confissão”, como diria um jaino), da palavra **Budhismo** (com um só **d**, em lugar de dois) ou “Religião da primeva Sabedoria”, tronco científico-religioso de todas as demais, que não fizeram, senão, adulterá-la; ou melhor, **Bodhismo**, da raiz sânscrita **bod**, conhecer, isto é, não fé e crença, mas **conhecimento e estudo**.

E logo apareceu Annie Besant, para suceder a Olcott na Presidência da S. T. de Adyar, debaixo de um cisma que a separou de Judge e da S. T. originária de Nova York, cuja notabilíssima mulher – deslumbrada como Paulo com Jesus – em sua primeira entrevista com H. P. B., fez conceber, desde seu ingresso na S. T. as mais fagueiras esperanças, para depois de quatro anos ocupar a Presidência, realizar, o que em nosso modesto pensar, qualificamos – desde o primeiro momento – de “um golpe de Estado na Carta Constitucional da S. T.”, porquanto, suprimiu a **disciplina hermética** na Escola Esotérica, disciplina que já vimos, era reflexo do Caminho Direto, deixando subsistentes as outras tres que, de um modo ou de outro, desembocam, respectivamente, por pouco que se retroceda, no paganismo filosófico, no Hinduísmo e no cristianismo mais ou menos agnóstico, porém, sempre cristianismo. Consagrou-se a Sra. Besant, pessoalmente, com grande solicitude, a fomentar dentro da S. T., as **Escolas Hindus** e lançou ao mundo, com o escândalo de bem poucos e entusiasmo da maior parte, a aventurosa asserção ou profecia, de que dentro em breve Cristo ia volver à Terra, apontando tão excelsa

letra os termos “cidade alta e cidade baixa”. O verdadeiro sentido iniciático dos referidos termos é aquele que se dá hoje, isto é: o Homem (o Manu) ensinava as coisas superiores, *altas*, elevadas, ou melhor, do Espírito, já que o próprio termo “manu” provém da radical sânscrita “manas”: o Pensamento. A mulher (ou a forma manúsica feminina, perdoe-se o termo) ensinava as coisas inferiores ou *baixas*, pouco importa se necessárias à vida humana, ou as do “baixo mundo” em que vivemos. Por isso mesmo, relativas às funções maternas, à vida doméstica, etc., etc.

O mesmo se encontra nas lendas guaranis – aliás, donde o imortal José de Alencar extraiu para o seu romance *O Guarani*, a seguinte passagem: “Foi longe, bem longe dos tempos de agora. As águas caíam e começaram a cobrir a terra. Os homens subiram ao alto das montanhas; *um só ficou na várzea com sua esposa* (eis aí a forma dual). Era Tamandaré; forte entre os fortes, *sabía mais do que todos* (um “manú” ou verdadeiro Homem). O Senhor falava-lhe de noite e de dia *ele ensinava aos filhos da tribo o que aprendia do céu*”. E é o bastante para evitar comentários mais longos...

E as pessoas que anunciam hoje a “vinda da Sra. Besant” como “Manu da 6ª sub-raça” não são outras, senão, as que anunciavam há tempos o seu próximo *avatara* na Índia! Não fora a infantilidade de tal *previsão* para ambos os casos, e só haveria uma pergunta a fazer: Por que a Índia, e não América do Norte, desde que é neste país onde tal sub-raça fará seu aparecimento, melhor dito, cujas primeiras sementes já começam a germinar em tão fértil campo?

Aceitar as coisas sem prévia meditação, não é mais do que fanatismo... E é a isso a que os chamados Mestres denominam de “falta de vigilância dos sentidos”!

Se fôramos provar essa “falta de vigilância dos sentidos” por parte de muita gente, de que pontos interessantes teríamos de abordar? Entre mil, citemos aquele de uma carta da bondosa sra. Besant a mr. Arundale, datada de Minneapolis, aos 6-9-1926, hoje distribuída como propaganda da candidatura do mesmo sr. para o cargo de Presidente, vago com o desaparecimento daquela Sra. Em tal carta dizia Besant o seguinte: “*Le Maître a dit que vous deviez devenir Président* (o grifo é nosso), et j’ai supposé que ce sera *en 1928*. Vous savez que je “bondis” toujours pour exécuter tout ce à quoi il fait allusion. De plus, je pense que vous feriez un merveilleux Président”. A carta é, de fato, muito a propósito para a propaganda que se quer fazer a favor de Mr. Arundale. Mas, no ponto de vista espiritual, ou melhor, dos seus justos e reais valores... *elle ne vaut rien de tout...* além do mais, pelo *engano* (para não usar outro termo) do ano de 1928, que deveria desaparecer Besant, e ocupar mr. Arundale o cargo de Presidente. Como se sabe, aquela Sra. Desencarnou 5 anos depois!...

E como existia um competidor – Mr. Wood – que promete acabar com todos os “enxertos”, que se teve por bem aplicar no corpo debilitado da S. T. e “seguir apenas a escola blavatskyana”, o que faz Mr. Arundale? Promete, por sua vez, abandonar as vestes sacerdotais (dever, e não sacrifício!...), gesto esse que daria para tema de meditação – a quem a sabe fazer – principalmente, no ponto de vista da seguinte pergunta: Por que razão Mr. Arundale não teve tal proceder antes de entrar em jogo seu interesse pessoal? *Vanitas vanitatis...!*.....

E pelo que consta, tal propaganda atingirá o Brasil através do *sacerdote budista* sr. C. Jinarajadasa, que além do mais, vem *apontar* ao nosso povo o papel importante que vai desempenhar num futuro mais ou menos distante dos nossos dias, isto é, o mesmo que a S. T. B. vem anunciando a longos anos, para não dizer, a sua própria missão no país onde a sua sede.

H. P. B. se viva fora, repetiria: “Vinho novo em odres velhos”, ou mesmo, “*Vinho velho em odres novos*”!

⁷

Outros traduzem o termo como “budista danada”. A melhor tradução seria: “budista rebelde”, que as almas rebeldes, como diz o oráculo, são as que se salvam. H. P. B. como uma “divina rebelde” não podia deixar de *rebelar-se* contra o gesto do Cel. Olcott, por estar completamente afastado “da carta constitucional da S. T.”, como disse o grande Roso de Luna. Sem falar que, as religiões não passam de “duplos véus lançados sobre a Sabedoria Iniciática das Idades, religiões estas que foram criadas para os “impúberes psíquicos” ou pessoas que necessitam de peias para se guiarem na vida, o que não deixa até certo ponto de ser vergonhoso. Para isso também foram criadas as leis ou códigos humanos que castigam, com esta ou aquela pena, os que matam, os que roubam, os que cometem adultério, etc., etc.

Entidade, na personalidade de um jovem hindu, seu pupilo e do bispo anglicano C. W. Leadbeater – jovem chamado Alcione ou **Krishnamurti**, tal como a vinte séculos, o Cristo escolheu a de Jesus de Nazareth. Uma verdadeira hipóstase, entre a humana figura da criança e a divina entidade do **Cristo das Idades**.

Em resumo, os objetos críticos e de **estudo** constitucionais na S. T., vinham assim a ser postos de parte, e nesta mesma S. T. nascia um novo broto: **uma falsificação social tão abusiva quanto a de se destinar um edifício, uma igreja ou ateneu, por exemplo, a fins sociais distintos, fossem quais fossem**. Essa falsificação foi chamada de **Ordem da Estrela do Oriente**, que tinha por fim reunir, em uma mesma comunhão religiosa de novo cunho, a quantos “esperavam que um novo Messias ia dar em breve seus ensinamentos na Terra”. O Messias vinha acompanhado de um seu irmão (Mizar), que jogaria importante papel a seu lado de precursor ou **Batista**, se a Parca não o tivesse arrebatado antes do tempo, minado por uma rápida tuberculose.⁸

O “Novo Messias” e seu irmão eram filhos de um pobre hindu, a quem por excessos viciosos, a Lei retirou-lhe o pátrio poder, recebendo e adotando os dois irmãos, A. Besant e C. W. Leadbeater, para logo os criar como se criam os jovens tibetanos, para serem **lamas** nos mosteiros. Anos depois, o pai dos dois pequenos moveu uma ação contra Besant, a fim de reaver seus filhos, tendo ganho de causa ante os tribunais da Índia, para logo perdê-la, em última instância, nos **tribunais da Metrópole** (o grifo é do tradutor).

Que convicção, que impulso íntimo, revelação ou política, pôde mover a insigne A. Besant a lançar milhares de membros da S. T. por tão perigosos roteiros **messiânicos**, com esquecimento ou desprezo pelos fins constitucionais daquela Sociedade que, como já demonstramos, são todos contrários a qualquer **crença** ou **esperanças redentoras** de homens que, segundo Proclo, “devem salvar-se por si mesmos”? O assunto é de tal gravidade filosófica que bem merece algumas citações históricas.

A “psicose” chamada **messianismo** não é de hoje nem de ontem, mas, de todos os tempos e filha de quem se conhece pequeno e incapaz de se guiar sozinho na vida. Na sentença condenatória de Jehová contra Adão e Eva, ao expulsá-los do paraíso, ia envolta a **messiânica** promessa: “illa condere caput tuum” (ela esmagará a tua cabeça). Na sentença condenatória de Júpiter contra Prometeu “o divino Titã que erguendo seu facho para o Sol, acendeu neste o Fogo do Pensamento para o oferecer a seus filhos – os homens” – surge também, risonha, a esperança de um “Epimeteu”, o filho amado de um Pai inimigo”, messias enviado para despedaçar as cadeias que o mantinham acorrentado sobre o Cáucaso. Os profetas de Israel em suas lamentações contra “o povo de dura cerviz”, sempre anunciaram o consolo de um Libertador e suas profecias, segundo os cristãos, foram comprovadas e consumadas com o nascimento de Jesus, “o Cristo Filho do Deus vivo”, embora que a maior parte do povo hebreu não ficasse mui convencida deste último e continue, ainda, esperando o referido Messias... Na época de Fernando IV de Castela, correu a fama durante alguns anos, da segunda vinda do Cristo, pelo que, muitos infiéis se converteram” (Moreno Espinosa, História de Espanha, nota àquele reinado). Dados iguais de esperanças messiânicas foram recolhidos de mil outras partes e tempos pelas numerosas publicações da “**Ordem da Estrela**”, onde se pode ver, e quase não ficou ninguém sem se convencer e por esperar, entre os esperançosos teósofos, que assim demonstravam não ter lido ou compreendido o tomo “Religião” de **Ísis sem Véu** (onde se fala, com mais clareza que em parte alguma, acerca da excelsa e falsificada personalidade do Jesus de Galiléia) e muito menos a famosa obra do conde de

⁸ Mais uma “falta de vigilância dos sentidos” por parte dos membros da *Ordem da Estrela* (teosofistas ou não)... Sim, porque, se os *Mahatmas* ou *Mestres* que depois de H. P. B. (os do seu tempo não poderiam de modo algum ser, porquanto, condenavam tudo quanto se instituiu depois daquela época, para não dizer, que os seus ensinamentos eram completamente outros...) ficaram à frente da S. T. foram os que escolheram todos os personagens da segunda edição da *Tragédia do Gólgota*, deveriam saber que, o de nome Mizar (na pessoa de J. Nityananda) ia morrer tuberculoso antes de representar, no mínimo, o papel de João Evangelista (“o discípulo amado”, porque Batista, pese a opinião de nosso caríssimo Roso de Luna... não era possível, porquanto não foi ele quem anunciou o “messias”, mas Heracles e Sírio, isto é, a Sra. Besant e o bispo Leadbeater). Diante disso, não vale a pena comentar!

Brossi (Milesbo) de “**Jesus-Cristo não existiu**”,⁹ sem o que, antes de preocupar-se da “Segunda vinda do Cristo”, deveriam **estudar** bem ou teosoficamente, se de fato ele veio e como veio a primeira vez. Finalmente, tais anseios pelo Cristo, melhor dito, por Jesus e hoje por Krishnamurti, transcendiam ao mais suspeito espiritismo, crença em que as entidades, mais ou menos excelsas, guias ou bons espíritos, **baixam solícitos** sobre as cabeças dos médiuns em transe, razão porque não foram poucos os espiritistas que, sem se preocuparem, muito ou pouco pela S. T., que terminantemente condena a fenomenologia espiritista como a um “materialismo espiritual”, engrossaram desde logo as fileiras da Ordem dos novos “reis magos”, seguidores do divino Menino e de sua **Estrela**.

Paralelamente às atividades da referida Ordem, desenvolveram-se outras, em número indefinido, qual praga de vermes no cadáver da S. T.: **Ordem da Estrela, Ordem de Serviço, Cadeia de Oiro, Távola Redonda, etc., etc., Cavalarias** ao estilo medieval, capazes de fazer perder o senso aos mais ponderados fidalgos manchegos e não manchegos... Dir-se-ia que os manhosos “filhos de Loiola” se tinham apoderado da antes rebelde e crítica S. T. fragmentando-a em mil pedaços, como a serpente **Tifon** egípcia no divino corpo de Osíris, além de se apresentar ao mundo – pela boca dos próprios líderes A. Besant e C. W. Leadbeater (bispo e sem caráter oficial na S. T. que saibamos), uma **Religião Universal e Igreja Católico-liberal**, com seus dogmas, ritos, sacramentos, hierarquias clericais, etc., etc., sendo demasiadamente sincera a nossa dor como velhos teósofos livres-pensadores e críticos, em ver excelentes consócios comungando, recebendo ordens sacerdotais, e até, como bispos, etc., etc. ...

Mas, segundo o velho adágio de que, “não há prazo que se não cumpra, nem dívida que se não pague”, chegou o momento esperado em que o novo Messias – previamente educado em Oxford e preparado em conhecimentos, que um **tutelado** do Cristo jamais teve necessidade, porquanto, Jesus discutiu com os doutores, em lugar de aprender com eles – aparece ao mundo... e o resultado fosse aquele que menos podiam esperar os crentes da **Ordem da Estrela**. Com efeito, o **Desejado** surgiu de improviso, jovem, guapo, atraente, educador e simpático, atirando ao lixo, como primeira

⁹ Além da obra citada pelo insigne autor de *O Tibete e a Teosofia*, o leitor interessado pelo assunto, poderá consultar mais as seguintes: *Le Mythe de Jesus*, L'Évangile de Marc témoin contre l'Historicité de Jesus (1921). Les astres dans la Poésie et dans la Religion des anciens et des premiers chrétiens; une introduction à la mythologie astral (1923), Le Gnosticisme père du Christianisme, La Légende de Pierre, Comment Dieu se réalise dans la Religion, Examen philosophique du phénomène religieux (1906). Todas essas obras do grande escritor alemão Arthur Drews. E mais as seguintes: Les Ruines (Volney). Histoire élémentaire et critique de Jesus (Peyrat). *Jesus dans l'histoire n'a jamais vécu* (Ganeval), Le mystère de Jesus (P. L. Couchond). Jesus de Nazareth, mythe ou histoire? (Paris-Payot, 1925), La Science des religions (E. Burnouf). Em alemão: *Leben Jesu* (1835-1836 – David Friedr. Strauss), *Kritic der evangelischen Geschichte des Johannes* (1840 – Bruno Bauer), Christus um die Casären (1877 – B. Bauer), Was wissen wir von Jesus? Eine Abrechnung mit Prof. Bousset (1904 – Albert Kalthoff) e dezenas outras impossíveis de ser aqui citadas.

Raro é o número desta revista onde, embora de passagem, não se faça alusão a tudo quanto a Igreja procurou copiar de outras religiões anteriores, de lendas, mitos, alegorias, iniciações antigas e até, de passagens por inteiro, das vidas de outros Iluminados, cuja

historicidade não se pode negar, dado o fato de terem deixado sinais indeléveis de sua passagem pelo mundo. Dentre tais Seres, nenhum outro possui um nome tão parecido com o de Jesus Cristo como Yeseus Krishna, que viveu, mais ou menos, 3500 anos antes da era assinalada como a do aparecimento de Jesus. Quanto à de Apolonio do Tiana, os seus milagres em muito maior número do que os que subscreve o Novo Testamento a favor de Jesus, os admite o próprio São Jerônimo. Nos ensinamentos de Tiana, apercebe-se as sublimes doutrinas de todos os outros iluminados, desde a de Hermés, até o primitivo Budismo de Gotama e seus *arhats*. H. P. B. falando do mesmo Ser, diz na sua “Doutrina Secreta” (pág. 184 e seguintes da ed. Espanhola): “Acrescentamos a isso que, a ser Apolonio de Tiana uma ficção novelesca, não teria levantado Caracala um monumento à sua memória, nem Alexandre Severo colocado seu busto entre os dos semideuses, nem uma imperatriz manteria correspondência com ele”.

A confusão – propositada ou não – estabelece-se, ainda com o de um ser de nome parecido, mas cuja vida só é conhecida por um número pequeno de investigadores de um assunto de que pouco se preocupam os mais conspícuos senhores da ciência oficial, por isso mesmo, aceitando esta ou aquela religião, pelo simples fato de ter sido adotada por seus pais, como se estes não tivessem persistido no mesmo erro. No entanto, sujeitos a que se lhes pergunte, a um cristão, por exemplo: Se vosso pai fosse judeu, que religião teríeis seguido? E ao judeu ou outro qualquer, do mesmo modo. É a eterna “lei do menor esforço”...! Porém, o Ser a que nos referimos, não foi outro, senão, *Jeoshua Ben Pandira*, (“o Filho do Homem”) adepto budista, o qual tendo sido perseguido pelo clero daquela época (pouco importa se através das autoridades, aliás, segundo o processo de “agir na sombra”, de todas as épocas) resolveu tornar à Índia e, atravessando o Himalaia, refugiou-se no seu mosteiro (tibetano), onde morreu depois de alguns anos. Pelo que se vê, não houve, portanto, nenhum julgamento, crucificação e morte, como o arranjo do Novo Testamento, dando com isso – tal adepto – razão de ser ao dito de H. P. B. de que “aquele que vive para a humanidade faz muito mais do que aquele que por ela morre”.

O explorador e grande espiritualista russo – Nicolas Roerich – encontrou várias lendas no Norte da Índia e no Tibete, a respeito de tal ser, além de que, no referido mosteiro, documentos comprovantes de sua permanência ali. E quando entusiasmado com tão valiosa descoberta, envia a notícia para toda a imprensa mundial (inclusive a nossa), e só obtém como recompensa desse seu esforço em prol da própria história, o julgamento formal, categórico e *infalível* do Vaticano, de que “nos anais da Igreja não constava que Jesus houvesse passado pelo Tibete”... E... reverentemente, as massas (incultas e pseudo-cultas) apoiaram as *sapientíssimas* palavras de S. S. o Papa, desde que se trata do *Noli me tangere*...!

providência, a famosa Ordem, embora não afirmando nem negando seu pretendido messianismo; repelindo sociedades, cerimoniais, hierarquias, crenças ou dogmas, todas as formas, em suma, já que a seu juízo e ao nosso, não são mais do que outras tantas cadeias ou prisões que impedem a libérrima expansão do espírito; proclamando-se, enfim, “teósofo e não-teósofo”; rebelde a todo e qualquer entrave – segundo indicam **seus cantos**, mas **não a vida** – a um excelente discípulo do grande Rabindranath Tagore, cantando como este o que é a gota do rocío, o esplendor da alva, a nota que se dilata pelo âmbito etéreo, o perfume, a juventude, a alegria, em uma palavra, tudo quanto é grande, otimista, estimulante ou impulsionador de nossas atividades, porque, segundo suas próprias palavras **“há que viver a vida”**.¹⁰

¹⁰ Todos esses elogios de Roso de Luna ao “jovem Krishnamurti” (como ele o chamava) são oriundos de seu enorme entusiasmo, no momento em que o ex-Chefe da *Ordem da Estrela* tomou a feliz resolução de a dissolver...! E isso, logo após uma entrevista que teve o mesmo Roso de Luna, com um dos próceres de Adyar, na qual pediu ao mesmo senhor que aconselhasse a J. Krishnamurti que não permitisse lhe chamarem de “Messias” nem Instrutor do mundo, etc. E ao próprio emissário, que o aconselhava a não se apresentar de público, como teósofo, trajando vestes sacerdotais. E a prova desse entusiasmo pelo gesto apenas que acabava de ter o ex-chefe da Ordem da Estrela, está nas seguintes frases do presente capítulo, ou sejam: “segundo indicam *seus cantos*, mas *não sua vida*”; ou então, “chegou o momento esperado em que o novo Messias, previamente educado em Oxford e preparado em conhecimentos, que um *tutelado* do Cristo jamais teve necessidade, porquanto, Jesus discutiu com os doutores, em lugar de aprender com eles”... etc. E quanto a estar de acordo com as palavras do mesmo *Krishnaj*, isto é, “repelindo sociedades, cerimônias, hierarquias, etc, etc,” não vão pensar os que tudo tomam ao pé da letra, que Roso de Luna repelia “sociedades”, principalmente, quando estas, de *sociedades*, só têm o nome, mas sim, verdadeiras escolas iniciáticas e não academias profanas, como a de Oxford, por exemplo). Haja visto Pitágoras indo receber nas Fraternidades egípcias, indianas, etc., o que ele depois ensinou aos seus discípulos; do mesmo modo, o que se diz de *Jesus*, que “esteve entre os essênios”, etc., etc. Além disso, o próprio Roso de Luna, antes de desencarnar, fundou o Ateneu Teosófico, que tão bons frutos vai oferecendo ao mundo, isto é, através daqueles que ali procuram iniciar-se nos grandes Mistérios da Vida!...

O próprio Voltaire caracterizou em poucas palavras os benefícios dos Mistérios, ao dizer que “entre o caos das superstições populares, existia uma instituição que evitou sempre a queda do homem em absoluta animalidade: a dos Mistérios”.

De há muito, para não dizer, desde 1924, já afirmávamos, quer verbalmente, quer pelas humildes páginas desta revista, “que havia de ser pela sua própria boca, que Krishnamurti destruiria as pesadas cadeias com que o acorrentaram tão impiedosamente os seus tutores”; do mesmo modo, a respeito de tudo quanto era contrário ao próprio lema de tão valiosa sociedade: *Não há religião acima da Verdade*.

E já que “o dever do ofício” nos tivesse obrigado a chegar a esse ponto, chamamos a atenção de quantos acompanham a leitura desta revista, desde o ano de 1925 (quando a mesma começou a ser publicada) até o ano atual, tudo quanto temos dito a respeito de nossa missão, isto é, “do preparo para o advento da 7ª sub-raça”, etc, etc., e se compare com o que hoje vêm apregoando alguns “profiteurs espiritualistas” – para não empregar o termo usado pelo grande Roso de Luna, de “homens que vivem parasitariamente do mental alheio”. E é assim, por exemplo, que famoso espiritista vem fazendo alarde pela imprensa, do que lhe diz seu *Mestre* (do Astral?...!) – inclusive que, “o Brasil é a Nova Canaã, a Terra da Promissão, pois é nela onde vai surgir uma Era Nova para o mundo, etc, etc, “ou os mesmíssimos termos por nós empregados desde aquela data até hoje, aliás, em cumprimento à Lei que nos colocou sobre os ombros tão difícil tão sublime Missão na Terra. E não é propriamente o fato de se anunciar a mesma coisa que vimos apregoando a longos anos, o que nos entristece, porquanto, melhor para o mundo e até mesmo para nós, que teríamos assim, menos pesada a missão! O que nos entristece, sim, é se fingir acreditar em tal Obra (principalmente em campanha surda, como fazem os temerosos de se bater de viseira erguida e em campo liso), mas, de se servirem de “casca em vez do miolo”, para não dizer, da teoria, em vez da prática, já que esta obriga a responsabilidade que nem todos desejam ter.

Figura em primeiro plano na crítica que se faz sobre nossa missão, o lado fraquíssimo da questão – mui pouco conhecida – das idades ou Ciclos, ou seja, o de que, “não tendo ainda feito o seu aparecimento a 6ª sub-raça, como pensar na 7ª?”

Quem se desse ao trabalho de ler todos os números desta revista, não faria, jamais, semelhante pergunta, tal o material por nós apresentado para comprovar tudo quanto vimos afirmando há longos anos – inclusive que, não só as primeiras sementes da 6ª sub-raça já se fazem notar em certas regiões de Norte-América (Blavatsky já tinha afirmado muito antes; do mesmo modo, famosos etnólogos de nosso século); como também, em certas regiões de Sul América, as da 7ª sub-raça ariana, por não menos famosos sábios da ciência oficial – sem falar nos verdadeiros (Sábios), que são: os da Ciência Eterna e Sagrada!

O fato dos vanguardeiros ou arautos desse movimento não terem tais características, também não possuem as verdadeiras, “os Seres que desde hoje trabalham na Terra a favor da futura Ronda”, como o afirmou o próprio Kut-Humi!... Contrariamente estariam fora da Lei... e até sujeitos a serem tomados como “degenerados fisiológicos” e, como tal, não levados em conta... Ao demais, pelo que sabemos, “a futura ronda” é um fato muitíssimo mais distante dos nossos dias do que a 7ª sub-raça ariana!... “Não se deve esquecer que depois dessa, virão ainda, 2 raças-mães com as suas respectivas 7 sub-raças, cada uma delas, sem falar em ramos ou famílias sub- raciais!...

Foi o mesmo Kut-Humi, ainda, quem afirmou “não serem verdadeiros os números dados para as idades ou ciclos... mesmo porque, é aí onde reside o maior de todos os mistérios da vida universal, por isso mesmo, do conhecimento apenas dos Adeptos mais avançados”.

Nesse caso, quem se deixar levar por *prognósticos exatos* a respeito da 7ª sub-raça (ou de outra qualquer) inclusive o de H. P. B. na “Doutrina Secreta”, pois, era a primeira a ignorá-lo (mas ao ter de falar sobre tão velado mistério... o encobriu, ainda mais, aos olhos dos profanos!), dizemos, dá prova sobeja de sua infantilidade mental! E se for um teosofista, de que jamais fez a leitura de tudo quanto foi ensinado pelos “Mestres da primeira hora” da S. T., ou se o fez, não compreendeu coisa alguma.

Volvamos a outros plagiários da “casca de nossa missão”, já que no “miolo” nada conhecem.

No próprio catolicismo (o agnóstico-cristão) houve um certo bispo que, todas as manhãs mandava um portador à redação do *Diário do Estado* (em Niterói) comprar alguns exemplares da edição do dia, a fim de ler os nossos humilíssimos artigos ali publicados. Até aí,

nada de anormal; pelo contrário, digno de louvores e mais que honroso para quem sobrescrevia semelhantes artigos. O que assumia certa gravidade – principalmente para quem não gosta de “viver parasitariamente do mental alheio” – é o fato, por exemplo, daquele mesmo bispo subir à tribuna de uma igreja campista e anunciar às suas ovelhas que “pela sua boca a Igreja fazia sentir a todos os presentes a grande nova espiritual de que, “o Brasil estava apontado por Deus (único termo que era nosso, porquanto, ao invés de *Deus*, sempre preferimos o de *Leil*...) para ser a Nova Canaã, a Terra da Promissão, de braços abertos a todos os povos da terra, nessa hora angustiada por que está passando o mundo!” O senhor bispo não fazia outra coisa, portanto, senão copiar na íntegra (menos o seu *Deus* antropomorfo aí metido como uma cunha grosseira...) uma frase de nosso artigo “A Missão da Sétima Sub-raça”,

E tal coisa é sublime poesia; conhecimento efetivo do que é a essência de nossas atividades cá de baixo e jogo natural dos contrários, que a vida mantêm, segundo aquelas palavras de Krishna a Arjuna de que “eu sou a virtude do bom e a maldade do perverso; o sorriso do anjo e o punhal do assassino; a luz do Sol e as trevas do Abismo”, etc., etc.

Porém, se a Poesia é o Ideal e o mais excelso e consolador que possui a Vida, a Realidade pretendida que traz em seu foro íntimo o simpático e jovem **naldjorpa** Krishnamurti, é que o Homem, segundo Hermés, é a grande maravilha. A **Besta** ligada com o **Anjo**, mediante o colar ou laço da Alma inteligente e raciocinadora e o contrapeso da Realidade, exige fazer dela **a poesia mais difícil de adquirir, mediante o estudo ou conhecimento** que logo **há de ser racionalmente aplicado à vida**, isto é, sem o **estudo** nossa vida é de bestas, e não de homens, porquanto, o problema da **Mente** e o da **Associação**, são os dois problemas fundamentais **até para fazer poesia**, a sublime poesia que deseja Krishnamurti.

Tal é, em resumo, o estado atual da S. T. após “o golpe de Estado”, igual ao político de certos países, acontecido mesmo antes da grande guerra, ou seja, em 1911, no seio da referida sociedade e, por cuja razão, como disse um culto escritor amigo nosso, sob o pseudônimo de **Levy Mahim**, em um popular diário: “nuvens de discórdia, são as que correm na atualidade pelo mundo teosófico, pois seus membros afrontam uma situação difícil, atravessando a S. T. por tal conflito, aguda crise, que embora interior, é de vida ou de morte para a referida Sociedade”.

XI

ERROS E PERIGOS

LEVY MAHIN, em seu artigo citado no capítulo anterior, julgando o estado de confusão hoje reinante na S. T., acrescenta:

¹ Os leitores de *Dhâranâ* deverão congratular-se conosco pela valiosíssima oferta que acabam de fazer os dignos e ilustres filhos do insigne autor de *O Tibete e a Teosofia*, ao presidente da S. T. B., secundando assim a de seu saudoso pai, quando alguns dias antes de partir deste mundo, a oferecia, “para ser publicada na querida língua de Camões”.

No carinhoso afã de colecionarem toda correspondência de seu ilustre pai (para uma futura biografia sua) e tudo mais quanto fazia parte de tão valioso arquivo, encontraram eles inúmeros apontamentos relativos a *O Tibete e a Teosofia*, que, é de supor, quisesse o autor oferecer, naturalmente, ao mundo, uma obra de maior vulto do que a que foi publicada na conceituada revista teosófica *El Loto Blanco* (hoje com o nome “Teosofia”), em 21 capítulos, embora os de nºs 19 e 20, a mesma revista não os ter publicado, por motivos que ignoramos.

Conhecedores, mais do que ninguém, dos estreitos laços que uniam seu venerando pai e o presidente da S. T. B. e da primitiva oferta que o mesmo havia feito a tal pessoa, logo se apressaram em enviar-lhe o inestimável tesouro, acompanhado de uma gentilíssima missiva, cujos dizeres preferimos conservá-los no recôndito de nosso coração, embora o dever se nos impõe de repetir, de público, que “os dois filhos de nosso queridíssimo mestre e amigo Mario Roso de Luna são, sem nenhum favor, o espelho sem jaça onde se reflete a sua alma generosa, nobre e ilustre”.

É, pois, a essas duas mui prezadas criaturas a quem se deve o complemento de uma valiosíssima obra que, foi de fato, “o canto de cisne” do maior gênio, talvez, de nosso século.

Assiste-nos, no entanto, o dever de prevenir a quantos se interessam pela leitura de tão monumental obra que, os originais – tão carinhosamente colecionados pelos ilustres filhos do autor – de modo algum poderiam ser publicados nas condições em que se acham: alguns capítulos estão em branco, trazendo apenas o título; outros com apontamentos à margem de recortes de revistas e jornais, para citações e comentários que só a pena inigualável do genial polígrafo espanhol era capaz de os fazer. Porém, tudo isso com aquele cuidado, disciplina, e até amor, por ele dispensados a tudo quanto de belo e grandioso oferecia ao mundo, para não dizer, a todos quantos procuraram e procuram ainda, banhar-se no oceano de Luz, que são as suas obras.

Assim é que, o trabalho a que nos propusemos, exige esforço sobre-humano – difícilimo de ser levado a bom termo por quem não possui outros dotes, senão, os da melhor boa vontade para com os leitores desta revista, além da imorredoura gratidão, amizade e respeito à memória do autor, cujos transcendentais reflexos, como dissemos, são aqueles dois seres a quem ele tanto amava: seus dignos filhos Ismael e Sara.

Por isso mesmo, o tradutor de tal obra só deve ser tomado como um péssimo escultor, querendo dar os últimos retoques na obra-prima de um gênio desaparecido da terra, antes de ver realizados os seus sonhos de artista incomparável.

Como uma homenagem, ainda, ao grande Mestre da Teosofia e à sua digníssima família, do presente número em diante, procuraremos ilustrar sua monumental obra com fotografias adequadas ao assunto de que trata cada capítulo, cujas (fotografias) serão extraídas de nosso Arquivo particular, isto é, de livros, revistas, etc., etc., sem falar nas que diretamente recebemos de outras pessoas que, por sua vez, nos são mui caras, inclusive, *residentes no Tibete*, Egito e outras partes do mundo.

Permitirá *Carma* levarmos avante tão difícil empreendimento? Em caso contrário, da própria S. T. B. surgirá um outro que o fará, talvez, com maiores vantagens para os leitores desta revista. – *Nota do tradutor.*

“O assunto é tão importante que, mais de um teósofo tem procurado saber se na presente época a Sociedade Teosófica possui ainda algum trabalho a realizar e se seu movimento é capaz de sofrer as modificações necessárias para tal empreendimento.”²

² Segundo pensamos e, aliás, um número elevadíssimo de Teósofos no mundo, (sendo que a maior percentagem, dos que abandonaram as fileiras da Sociedade de Adiar), sem falar na famosa The Theosophical Society, de Point-Loma, em Norte-América (que se diz “a verdadeira fundada por H. P. B., etc.”), é fato indiscutível que tal Sociedade, como *teosófica*, terminou seu ciclo no mundo, principalmente agora, com a escolha do nome que fez para o cargo de Presidente, em lugar daquele que seria, talvez, o único capaz de tapar as largas fendas que de há muito se notavam nas paredes de um Edifício, que foi argamassado com as lágrimas e sacrifícios de seus primeiros obreiros ou fundadores.

Como associação vulgar ou de cunho religioso (já que Teosofia e religião não se coadunam, como mui bem prova o seu próprio lema, hoje vilipendiado, isto é, “Não há religião superior à Verdade”), ela poderá continuar com qualquer missão que lhe queiram dar. Quanto à “camouflage” do termo “Teosofia”, ficai-lhe-á tão bem como o de uma velha armadura para qualquer combate com armas de antanho, mas nunca, para medir forças com as usadas na atualidade. Ao demais, o campo “religioso” é vastíssimo, por isso mesmo, ótimo para explorações desse gênero, dado o fato de que a maioria da Humanidade (isto é, a *quantidade*, e não, a elite ou *qualidade*) prefere “a lei do menor esforço”, ou a que evita o estudo, pois, como pensa a mesma maioria, *as práticas religiosas por si sós são suficientes para salvar uma alma, por mais criminosa que tenha sido na vida...* embora contrariando o axioma délfico do “Gnosce te ipsum” e da sábia sentença atribuída a Jesus: “Faze por ti, que eu te ajudei”...

No entanto, como sabem os verdadeiros Teósofos, as religiões não são mais do que, “duplos véus lançados sobre a Sabedoria Iniciática das Idades”, que foi antes de tudo, uma Ciência: ciência perdida que é mister descobrir”; ou, como dizia o grande Mestre da Teosofia: “Todas as religiões positivas não são mais do que degeneradas facetas da primitiva Religião-Sabedoria, às quais se conservam apenas veladas pelo mito, a alegoria e a mais baixa superstição industrial àquelas verdades superiores”, principalmente, dizemos nós, se se tomar como Religião-Sabedoria, o verdadeiro sentido etimológico da primeira palavra, isto é, provinda de “re-ligare”, religar ou tornar a unir os homens entre si (pelos laços da fraternidade, etc.), mas, através do Conhecimento (a Gnose) ou Sabedoria dos deuses, super-homens ou “mahatmas”, já que somos de estirpe divina”, ou “deuses fômos e nos temos esquecido”, como diziam Pitágoras, o próprio São Paulo e outros mais, sem falar no de Santo Agostinho, de que “vimos da Divindade e para Ela havemos de ir”, e até mesmo a parábola bíblica do “Filho Pródigo que volta à Casa Paterna”, cujo verdadeiro sentido não é outro.

A mesma H. P. B. considerou todas as religiões como “róseos contos infantis e objetos de exploração e domínio”; por isso mesmo,

dizemos nós, mui apropriadas às almas jovens ou “impúberes psíquicos” que, para se guiarem na vida, necessitam de peias religiosas.

A Teosofia, no entanto, é a lei fundamental da Ciência Oculta, de que a profana não é mais do que uma tênue projeção – para não dizer que, a Teosofia começa onde a ciência oficial termina – pese isso a opinião dos mais conspícuos positivistas... E à qual (Teosofia) H. P. B. chamou de “unidade radical e última essência de tudo quanto existe na Natureza, desde o átomo e o homem, até o astro; do ínfimo infusório ao Anjo ou Dhiani mais elevado, tanto no mundo físico que conhecemos, como no mundo psíquico e espiritual, que não percebemos”, segundo o dito de Platão, na sua República, de que “somos, durante a escravidão desta vida ilusória, como eternos prisioneiros que, de costas para a luz, tomamos como realidades as sombras que se projetam nas paredes de nosso cárcere”. Verdade, dizemos nós – plagiando o incomparável Roso de Luna – que é conservada na língua dos Mistérios ou das raças pré-históricas, por Seres Superiores – “frutos excelsos de evoluções passadas”, com o nome de *Shudra-Dharma-Mandalam*.

Muito antes do genial polígrafo espanhol Roso de Luna ter escrito *O Tibete e a Teosofia*, onde existem vários capítulos provando que a S. T. (de Adiar), afastou-se do “Caminho Direto”, ou o seguido pelos “Shamanos ou jinas do deserto de Gobi” (de que faziam parte alguns dos Mestres de H. P. B., etc.) e provar que, aqueles que de tal Caminho se afastam, estão na iminência de cair na Magia Negra (a própria H. P. B. já afirmava que, “entre a mão direita e a esquerda, só existe um tênue fio de teia de aranha”), já lutava denodadamente, por escritos e conferências públicas, com o fito único de salvar aquela sociedade de uma completa ruína. A nós mesmos, enviou ele valiosíssimo artigo, que foi publicado em vários jornais do Rio e Niterói, com o título de “Um moderno erro de orientação na S. T.”

Em resumo, a razão de seu proceder – como, aliás, tem sido a do nosso – foi a de salvaguardar a missão que tal Sociedade possuía para o mundo, especialmente, a de preparar o terreno onde deveria fazer o seu aparecimento a 6ª sub-raça: América do Norte. E outro não foi o motivo da própria Lei ter influído para que a sua fundação ali tivesse lugar. O que apenas faltou, foi um “braço forte” ao lado de H. P. B., para que tal Sociedade não fosse obrigada a transplantar-se para as Índias, como aconteceu.

Já dissemos outrora (por esta mesma revista) que ambas Sociedade se completavam, no ponto de vista de suas missões: a S. T. para a 6ª sub-raça e a S. T. B. para a 7ª. Hoje, tais palavras não teriam cabimento, porque dentro de tal Sociedade não existe quem conheça nada do que acima ficou dito. Por isso mesmo, é provável que a INTUIÇÃO se manifeste nos que dirigem a de Norte América (que se diz “a verdadeira fundada por H. P. B., etc.”) e assim, as missões se completem de modo espiritual, já se vê: uma na América do Norte e outra na do Sul. Mesmo porque, Índia nada tem a ver com o assunto...

E foi assim que a S. T. B. de Adiar preferiu “ambos os bocados”, embora que seja forçada a vomitar o excesso de alimento que introduziu a mais no estômago, porquanto, a segunda (a S. T. B.) lhe há de provar que seu papel (o dela) no “mundo teosófico” – pois a Teosofia é muito anterior ao movimento “blavatskyano”, além de não ser privilégio de ninguém nem de nenhuma Sociedade portadora deste nome, inclusive a nossa – não é semelhante àquele que pretende ter o Vaticano para o chamado “mundo cristão”.

Nesse caso, todos aqueles que hoje se interessam “pela intromissão indebita” da *The Theosophical Society*, em terreno que lhe não diz respeito, vão ver de que lado se encontra a Lei, porquanto, será esta quem se há de manifestar para provar a verdade.

Começa-se, desde já, por demonstrar que tal “intromissão indebita” é oriunda da decadência daquela sociedade, pois, não encontrando outra tábua de salvação, no momento justo em que estava para afogar-se no mar tempestuoso das suas próprias imprevidências (a “messiânica missão”, o Catolicismo Liberal, a Távola Redonda e outros muitos enxertos aplicados no seu debilitado corpo), trata de enviar à América do Sul o Sr. Jinarajadasa (“que antes de ser budista é Teósofo”, como ele próprio o diz), para fazer o papel de João Batista, *anunciador* do Cristo, desta vez, divinamente expresso na “missão da 7ª Sub-Raça”, ou a Nova Civilização de que ele quis passar como Arauto aos olhos do cultíssimo povo brasileiro, farto aliás, de saber que tal Arauto não foi outro, senão, o insigne Teósofo e sábio espanhol Roso de Luna, com esse único fito. Como sabe, também, que antes de tomar semelhante resolução – na sua incomparável bondade – foi ouvir a Sra. Besant a respeito (a famosa “entrevista dos três minutos”) e esta lhe responde com dois secos *Rien! Rien!* quando o mesmo lhe pergunta o que achava sobre a sua idéia. Para logo, o infatigável e inigualável Teósofo tomar a deliberação de – abandonando Pátria, família e outros interesses pessoais – vir anunciar aos povos sul-americanos, o papel que lhes incumbia na História futura da Humanidade.

Do mesmo modo, pela entrevista concedida pelo Presidente da S. T. B. ao conceituado matutino *Diário de Notícias*, logo após a desencarnação do grande Mestre da Teosofia (publicada na sua edição de 1º de Dezembro de 1931), onde consta que o Sr.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

Jinarajadasa, quando foi a Madrid fazer uma série de conferências, procurou o mesmo Roso de Luna para lhe pedir que o apresentasse no Ateneu de Madrid, o qual aproveitou a oportunidade para lhe dar o paternal conselho: “quando pensardes em *semelhante trabalho*, NÃO VOS ESQUEÇAIS QUE HÁ DE SER ATRAVÉS DE NOSSAS ORGANIZAÇÕES, porquanto, de há muito que assumimos o pesado dever e altíssima honra de preparar a 7ª *Sub-Raça*, do mesmo modo que, vós outros, a 6ª. Lembrai -vos,

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

ainda, que, em todos os sentidos, Inglaterra tem muito que aprender conosco e não que nos ensinar, pois, quando ainda estava ela em plena barba, no século IX, nós já possuíamos a grande cultura hebréia e árabe...”

Coincidência digna de nota: somente depois de desaparecer da arena da vida o gigante da pena e da palavra, lembrou-se a The Theosophical Society de *trabalhar* pela 7ª sub-raça, porém... esquecendo que deveria ser ATRAVÉS DE NOSSAS ORGANIZAÇÕES, como disse o seu verdadeiro Arauto ao “ilustre filósofo hindu, Sr. Jinarajadasa”.

E isso por ignorar ou fingir ignorar (dado o fato de que os membros da Seção brasileira de tal Sociedade estão fartíssimos de o saber e até comentar a seu modo...) os seguintes trechos de uma carta do eminente polígrafo espanhol ao Presidente da S. T. B., também citados naquela entrevista concedida ao *Diário de Notícias*, que são: “nada mais posso fazer do que já fiz quando aí estive em 1910. *Sabeis perfeitamente* que o meu lugar é aqui, como o vosso é lá”. Para logo acrescentar: “continuai sereno... que a vitória será nossa, porquanto, estamos agindo com a Lei (Dharma)”. E mais adiante, com um amor transcendental pelo Brasil e a elevada missão em que de há muito estamos empenhados: “sentir-me-ei imensamente feliz se a minha próxima encarnação for no Brasil”... Em outra carta (a última que recebemos de suas carinhosas mãos, ou a de poucos dias antes de sua desencarnação, referindo-se à “Montanha Sagrada” existente no lugar onde, se pode dizer, teve início espiritual a Obra grandiosa em que a S. T. B. é “o expoente máximo”: “Ela é bem a capital espiritual do Brasil! Quem me dera poder visitá-la!”

Que mundo de revelações estas palavras encerram! Que poderá dizer a respeito o Sr. Jinarajadasa e... até mesmo, os Srs. Membros da Seção Brasileira da *The Theosophical Society*, a não ser as nossas próprias palavras, centenas de vezes repetidas nas colunas desta revista? RIEN! RIEN! dizemos nós, parodiando a Sra. Besant, mas desta vez não sendo a ignorância da parte de quem as pronuncia, mas daqueles que são forçados a ouvi-las!...

Quem mais ignora no Brasil a existência de uma Sociedade genuinamente brasileira, trabalhando desde o ano de 1924, para essa Nova Civilização de elite, quando os seus próprios clarins têm ressoado do Amazonas ao Rio Grande do Sul, não só por mensagens que a mesma tem dirigido ao Povo Brasileiro, artigos por vários jornais do Rio, Niterói e até do Norte do País, onde a mesma possui uma Loja (em Belém do Pará).

Do mesmo modo, por seu órgão oficial – que não tem feito outra coisa, senão, anunciar esta Era Nova para o mundo e cujo (órgão oficial) é distribuído gratuitamente, por entre as pessoas simpáticas à tal Causa?

Quem ignora, ainda, que a S. T. B. – quando no início de sua vida (com o nome DHÂRANÂ) já possuía valores tais que o Governo fluminense (gestão do Dr. Feliciano Sodré e Vila Nova, como Prefeito), lhe foi doado um terreno para nele ser construída a sua Sede, embora que a mesma fosse forçada a não tomar posse de tal terreno, já pelas grandes despesas que no momento o mesmo lhe ia acarretar, já por ter de mudar a sua Sede para a Capital da República? E mais: que a sua Rama de Belém do Pará (de nome “Hilarião”), criando a “Liga da Bondade Helena”, onde estão filiadas inúmeras crianças – que são essa “Semente bendita da Nova Civilização”, de acordo com o nosso lema de *Spes messis in semine* ou “a esperança da colheita reside na semente” – foi a causa principal do Sr. Interventor daquele próspero Estado do norte brasileiro, reconhecê-la como “de utilidade pública”? Ainda: que a Sede Central da Capital da República também possui vários pupilos educados nos seus princípios teosóficos, e que na mesma, funcionam as suas duas Ramas (Moria e Kut-Humi), cumprindo fielmente o vastíssimo Programa que a S. T. B. possui para o Brasil, ou seja, o de seu engrandecimento moral e intelectual? Que além das suas sessões privativas e (as da Sede Central) realizam elas duas sessões públicas, semanais, sempre repletas do que de mais culto possui a sociedade carioca?

E quanto à parte jurídica da questão – se é que em assuntos tão elevados a justiça terrena possui valores – aí estão os seus próprios Estatutos, devidamente legalizados, em cuja alínea b (do Capítulo 1º), se pode ler: “embora os três referidos princípios se trata de um Núcleo independente e autônomo, CRIADO COM O FIM ESPECIAL DE PREPARAR O TERRENO ONDE FARÁ SEU APARECIMENTO A “RAÇA DE ELITE A QUE ALGUNS DENOMINAM DE IBERO-AMERICANA, e outros, de 7ª SUB-RAÇA DO CICLO ÁRIO”.

Só ignoram ou fingem ignorar todas essas coisas, para não dizer, PREMISAS, o Sr. Jinarajadasa e os que o fizeram vir, principalmente ao Brasil, representar o papel de “cavaleiro da triste figura”.

Mas a prova que não o ignoravam está na própria crítica surda que nos moviam, já dentro de suas Lojas – como vimos a saber por filiados seus, que não compartilhavam desse sistema de crítica – já quando o faziam em rodas de amigos – em plena Avenida, apontando-nos em tom de mofa: “lá vão ali os representantes da 7ª sub-raça”, fato este que nos obrigou, não, a dar-lhes a resposta que mereciam de público, mas, pelas colunas de nosso órgão oficial, ensinando-lhes o que nos é dado saber a respeito, sem julgarmos, no entanto, que disso se servissem para a CÓPIA INFIEL que hoje queriam apresentar ao mundo como coisa sua! *Traduttore, Traditore!*

Não se pode conceber tão súbita transformação por parte dos Srs. de ADIAR, a menos que fosse para se declararem convencidos de que éramos nós que estávamos com a verdade. Contrariamente, deveriam ADIAR a vinda do Sr. Jinarajadasa para daqui a milênios, “quando tal Raça aparecesse”, como eram os primeiros a afiançar, criticando o nosso trabalho! E como tal, no corpo de um verdadeiro representante daquela raça, por isso mesmo, nascido nesta parte do Globo. Quanto ao fato de “sua encarnação multi-secular entre *incas, astecas, quichuas*, ou mesmo no corpo de um velho pajé guarani”, não possui valor bastante para o caso, porquanto, “águas passadas não moem moínho”. O presente, no caso vertente, é tudo! Nós também sentimos um *cheirinho* esquisito de “múmia faraônica” no corpo e, no entanto, nascemos hoje no Brasil!...

Outros quaisquer, comparariam o gesto pouco espiritual dos “adirescos” ao de certos seres de que nos fala o Sr. Ossendowski, em sua obra “*Bêtes, Homes et Dieux*”, que se apresentam de improviso aos raros viajantes que ousam transpor os perigosos desertos da

Mongólia e proximidades do Tibete, mais ou menos com estas palavras: “meu caríssimo e nobre irmão, vós vedes que o frio é intenso e vosso servo muito humilde só possui os miseráveis trapos que lhe cobrem o corpo; dá-me vossas confortáveis roupas e tudo mais quanto trazeis convosco, *para não passardes pelo desgosto...* de me verdes morrer de frio ou de fome”... E o pobre viandante, estupefato diante de tais atitudes religiosas, em contradição com o gesto convincente de uma pistola, que desde o começo lhe aponta o peito, não tem outro remédio, senão, despir-se de tudo quanto possui, embora, para cair morto de frio mais adiante.

Assim, é o “espírito religioso” de muita gente no mundo, algo também parecido com o da Igreja de Roma, que só aceita como bom e verdadeiro o que é genuinamente seu, inclusive no caso dos chamados “milagres” feitos por seus “santos”, serem tomados como “obra divina”, enquanto os “mesmíssimos” realizados pelos que a tal Igreja não pertencem, passaram como “arte diabólica” ou de “Magia Negra”!...

No caso ora em discussão, nada mais lógico do que a seguinte pergunta: Onde estão os valores dos “mahatmas” de Adiar, que só viram tal trabalho depois dos “diabinhos negros” de S. T. B. (segundo os “religiosos” de Adiar e de Roma) o terem lançado aos quatro ventos há longos DEZ ANOS? Respondam os homens de bom senso!...

Bem diz o velho brocardo: “Ninguém é profeta em sua terra”!...

Estamos fartos de afirmar que, embora tenhamos o privilégio espiritual da Obra – que de passagem se diga, não há forças humanas que no-lo possam retirar – ela pertence a todos os homens de boa vontade, desde que se achem iluminados pelas mesmas luzes que, em 1921, nos inspiraram a trabalhar por Ela, quando por vez primeira fomos atraídos – por mãos ocultas – ao lugar onde a S. T. B. mantém, em edifício próprio, o Governo Supremo ou Oculto da referida Obra.

E, com franqueza, quem por tais Luzes não estiver instruído e quiser palmilhar, sozinho, um Caminho que desconhece por completo, terá por sorte aquele outro, em cujo termo se acha o dantesco Portal do *Lasciate ogni speranza o voi qui entrate*!...

Por isso mesmo, louvabilíssimo seria o gesto do Sr. Jinarajadasa – que de passagem se diga, outro juízo até então fazíamos a seu respeito – se ao contrário do que fez ou o obrigaram a fazer os Srs. membros da Seção Brasileira da The Theosophical

“Parece que o intenso labor do Sr. Krishnamurti foi o que determinou esse dilema atual, revelação ou realidade a que temos aludido, e que alcançou maiores proporções,

aproveitando o motivo do “4º Congresso Teosófico Sul-Americano” – aqui viesse, não só para induzir os referidos membros da sua sociedade a trabalhar pela 7ª sub-raça ou a “Nova Civilização” de há muito anunciada, como ao povo brasileiro, chamar a sua atenção para o trabalho que, embora estivesse o mesmo povo farto de conhecer, no entanto, muito poderia fazer a favor daquilo que havia nascido de suas próprias grandezas materiais, morais e intelectuais, como a síntese da verdadeira espiritualidade, que desde já o caracteriza.

E pelo que nos consta, apontando “o ilustre filósofo hindu”, tal Trabalho já em plena efervescência no Laboratório Espiritual da S. T. B. de forma alguma desprestigiaria a sua sociedade e, muito menos, obrigaria a ambas a que se fundissem em uma só (os próprios Estatutos da S. T. B. o proibem terminantemente) para levar avante tão nobre quanto elevado empreendimento. Cada qual que trabalhasse a seu modo, desde que a Seção brasileira da The Theosophical Society não fosse de encontro às diretrizes de tal Trabalho – que se diga de passagem, o próprio Sr. Jinarajadasa é o primeiro a desconhece-las, como o são – à parte toda e qualquer idéia vaidosa – todos os Teósofos e Associações (de qualquer caráter) no mundo.

Mas, preferiram ambas as partes – contratantes e contratado, já que se mancomunaram para tal fim – o “quinhão da raposa de La Fontaine”, para não dizer, deixar de ouvir “outras organizações” empenhadas no referido Trabalho – principalmente, a genuinamente brasileira, como Foco Central donde se irradia semelhante trabalho, pese isso à opinião dos seus já inúmeros *chefes* ou *arautos*, inclusive os que se fizeram seus infelicitíssimos inimigos.

Mas... o arrependimento virá tardiamente, porquanto, foi esta a melhor oportunidade que poderia encontrar semelhante sociedade, de recuar alguns passos do cairal do abismo em que se achava há longos anos.

Fomos os primeiros a dizer por esta revista: “nascer no Brasil e não trabalhar pela ‘7ª sub-raça’, é o mesmo que ser peixe e querer viver fora d’água”.

Nada conhecendo o Sr. Jinarajadasa, nem aqueles que o contrataram para dizer velharias ao nosso povo, a respeito da “7ª sub-raça”, começaram a “meter os pés pelas mãos” – como se costuma dizer de quem não é apto para certos serviços – e... toca a elogiar a “Deus e o mundo”, a começar pela Igreja Romana, ou a mesma que era gratíssima ao Sr. bispo Leadbeater por ter estabelecido a confusão no seio da The Theosophical Society (como prova tê-lo convidado para tomar parte em um dos Congressos Eucarísticos, em Sidney, coisa raríssima nos anais da mesma Igreja).

Assim, nas suas famosas conferências (cultíssimas para “beatas” de ambos os sexos e todas as idades), invocou o nome de “Deus” dezenas de vezes e, se não nos enganamos, o da Virgem Maria; comparou a mulher com “Sancho Pança” (esquecendo dizer onde estava o “Rossinante”) e formou uma barafunda tremenda em torno do nome incorruptível da Teosofia, prejudicando-o mais ainda, do que já o fez a sua sociedade. Mas, tudo isso sem alcançar “popularidade” – como almejavam os seus conspícuos prosélitos – mesmo porque, o povo brasileiro, por mais cego que aparente ser aos olhos do “iluminado hindu”, já começa a compreender os verdadeiros valores das religiões, a começar, pela sua “intromissão indébita na política do País”, isto é, querendo açambarcar os dois poderes (“o espiritual e o temporal”), de acordo com os seus gananciosos desejos de todas as épocas.

Finalmente: que sabem “o ilustre filósofo hindu” e os atuais “mahatmas” da The Theosophical Society a respeito de “4 LIVROS DE REVELAÇÕES” (que vem preparando o chefe dessa mesma Obra), cujas REVELAÇÕES giram em torno do “Advento da 7ª sub-raça” ou última do Ciclo Ário, para não dizer, estão de acordo com a própria evolução humana, depois de mais de meio século do aparecimento de H. P. B. no mundo?

Nada, absolutamente nada, sem o que “o grande budista” não viria dizer infantilidades a um povo culto, como é o do Brasil, inclusive, quando afirma em tom sentencioso que “tal Raça possuirá a tez doirada” e suas características são as mesmas da raça grega, isto é, artísticas”!

Heresia das heresias, para não aplicar um termo mais apropriado!

Oçam, pois, o Sr. Jinarajadasa e seus conspícuos prosélitos: “Uma raça puramente artística” (igual ou não à grega), não seria mais do que uma raça involuída, por estar de acordo com uma fase anterior da humanidade.

A “7ª Sub-Raça”, que é, portanto, um *por-venir* (porvir ou futuro), não poderia de modo algum ser semelhante a qualquer raça do passado. Ela é a raça-síntese por excelência, pois, representa os frutos da experiência, colhidos de todas as sub-raças do Ciclo Ário. A parte artística, portanto, é uma das múltiplas características e provém da 3ª sub-raça ou *céltica*, que se espalhou pela Grécia, Itália, França, Irlanda e Escócia.

Mas, se se quiser, por exemplo, buscar nas características do povo brasileiro (não me refiro aos demais povos sul-americanos, porque estou defendendo apenas a parte que nos diz respeito, isto é, à S. T. B.), tudo quanto de belo e grandioso possuem ainda os principais ramos ou famílias raciais subsistentes no mundo, encontraremos: da indiana, o espírito religioso – não o fanático de quase toda a Índia (principalmente sua parte Sul) – mas no seu verdadeiro sentido etimológico, isto é, de fraternidade, de ânsias de progresso espiritual, etc., etc. Porque mesmo a Índia, está muito longe desse espírito de fraternidade e de hospitalidade que possui a alma brasileira, sem o que, ela não manteria até hoje a diferença de castas, para cujo nivelamento trabalha o grande iluminado que é Gandhi, contra quem a Sra. Besant, atizou a Inglaterra, como os próprios jornais nos anunciaram e foi a causa da mesma (Sra. Besant) ser odiada por quase toda a Índia, como prova a The Theosophical Society (de Point-Loma, na América do Norte), lhe oferecer hospitalidade, à fim da mesma não sofrer os ultrajes que já a ameaçavam de há algum tempo para cá. E por isso mesmo, não podendo ser ela a salvadora da Índia, embora as pretensas “ordens recebidas do Rei do mundo”, nesse sentido, como foi a primeira a afirmar em mensagem que temos em nosso poder. Continuemos: da germânica, a cultura, embora o Sr. Jinarajadasa a chamasse (a brasileira) de “cega”, por “não conhecer as suas belezas naturais, nem os seus altos destinos no futuro da Humanidade”, quando ele, “na sua privilegiada iluminação de arhat” (somos nós que dizemos) sabia ou enxergava todas essas coisas e muito mais ainda!

Formidável! Da anglicana (embora nada tendo esta de comum, como a primeira, com as “mônadas Ibero-americanas”), a firmeza de caráter, principalmente, quando deseja levar avante um nobre e elevado empreendimento; da francesa, a jovialidade, a finura de espírito, a delicadeza, etc.; da espanhola, a música alegre, saltitante, o espírito gracioso, a cordialidade e o cavalheirismo da fidalga raça castelhana; da portuguesa – a Pátria querida de nossos avós, o sangue nobre, altivo, generoso e bom, porém, vertido ou em fusão, nas veias da não menos nobre, altiva e guerreira Raça dos Tupis.

Tudo isso e muito mais ainda, se encontra na alma brasileira. Tudo isso, e muito mais aperfeiçoado, ainda, são as características da “Raça de elite” para a qual estamos trabalhando: a espiritual Raça Ibero-Americana, por outro nome, “a 7ª e última sub-raça do ciclo ário”.

E quanto ao “doirado” da sua tez, como prognosticou “o ilustre filósofo hindu Sr. Jinarajadasa” – deixando-se levar pela “letra que mata”, do que está velado nas escrituras indianas – não é mais do que os áureos reflexos da Aura dessa Raça-Sintética, porquanto, como deve saber o Sr. Jinarajadasa, o *amarelo-ouro* é a côr da mais alta inteligência, para não dizer, da mais elevada espiritualidade.

Em resumo: tudo quanto acabamos de dizer em referência à vinda do Sr. Jinarajadasa ao Brasil, por mais doloroso que tivesse sido para nós outros – “os verdadeiros obreiros do Edifício da 7ª sub-raça”, na Pátria Brasileira – representa no entanto, a maior de todas as

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

vitórias alcançadas pela S. T. B., porquanto ficaram provados, de modo insofismável, todos os seus justos e reais valores, sem o que, outra sociedade (muito mais antiga no mundo e que se dizia “senhora única da Verdade”), não teria deles se servido para salvar-se de uma completa ruína ou dissolução, causada por todos os seus erros do passado.

Valha-nos, pois, essa imensa satisfação! – *Nota do tradutor.*

devido o artigo de um conspícuo teósofo – o Dr. J. J. Van der Leeuw – quando o mesmo foi apontado para o cargo de Secretário Geral da Seção Holandesa da Sociedade Teosófica, cujo efeito produzido por suas palavras abalou as quarenta e seis seções internacionais.

“O Sr. Van der Leeuw sustenta, pelo que a vida da mesma sociedade diz respeito, que seu primeiro objeto, e único obrigatório, está baseado nessa realização que os tempos atuais reclamam, dizendo: ‘Constituir na Humanidade um núcleo de fraternidade universal, sem distinção de raça, credo, sexo, classe ou casta’, não é mais do que pela experiência da Vida, única e eterna, como pode a fraternidade ser um fato.

“Realização essa, continua ele, que é, do mesmo modo, apontada como princípio básico, no segundo objeto: ‘Fomentar o estudo das religiões comparadas, da filosofia e da ciência’, pois, mister se faz compreender que a experiência espiritual é uniforme através das idades, enquanto que, as formas religiosas são múltiplas e diversas.

“Atendendo ao terceiro objeto: ‘Estudar as leis inexplicadas da natureza e os poderes latentes no homem’, a investigação de ambas as coisas tem apenas um alcance científico, extensivo a regiões ainda por explorar. E a isso ajunta o Sr. Van der Leeuw:

“Aqui, tal como na música, o objeto visado é o exame dos fatos, já por meio dos sentidos ordinários, já por meios outros. O método consiste em percepção paciente e exata, em comparações, em provas e inspirações, para chegar a um conhecimento irrefutável dos fatos. Com tudo isso, por generalizações, o conhecimento das leis e o emprego das forças podem ser obtidos”.

“Há um antagonismo entre este terceiro objeto que adota a Sociedade Teosófica e os dois primeiros; antagonismo este por nada ter a ver com a vida espiritual e seus propósitos.

“Certo é que, desde seu início, tal erro se firmou no movimento teosófico, porque sendo tal sociedade fundamentalmente ocultista e, portanto, de realização, transformou-se em espiritualista e mística, apresentando a revelação com importante papel, onde desempenhavam funções de categoria, desde a fundadora até hoje o próprio Sr. Krishnamurti, junto com outras personalidades, cujo saber puramente subjetivo, era dado aos filiados como voz do alto, isto é, revelada por guias invisíveis da Humanidade: os mahatmas ou mestres.

Tudo isso foi um erro ou acerto?

“Quem ler a história da Sociedade Teosófica, escrita pelo co-fundador com a Sra. Blavatsky, o Sr. Olcott, pode ver que todos, mais ou menos, abusaram dessa exaltação de misticismo; primeiro com cartas, e depois, com mensagens dos mahatmas, às vezes em ocasiões pouco propícias, que na vida da Sra. Blavatsky, o Sr. Olcott teve que obrigá-la, em diversos períodos, a afastar-se de Adiar – sede da Sociedade Teosófica; do mesmo modo que, o Sr. Sinnett a afastava da Europa por motivos semelhantes, já que se afirmava o sistema de teosofia revelada e era o mesmo nutrido de fantasias e complicações, de hipérboles que o sócio teria que aceitar como ‘artigo de fé’.

“Assim, como diz o Sr. Van der Leeuw, criava-se um instituto de governo divino que, francamente em nossos dias o Sr. Krishnamurti atacou em seus alicerces, rechaçando totalmente toda espécie de cerimônias e cultos, dizendo aos próprios teósofos, que sua doutrina não satisfazia por parecer-lhe uma *geringonça* demasiadamente complicada”.

“Tal coisa foi, portanto, o principal motivo para a dissolução da Ordem da Estrela, por seu próprio Chefe, tão impregnada a mesma se achava do inquietador perfume de santidade.

Nisso, o jovem ex-messias (ou “messias”, se admitirmos que todos nós – grandes e

pequenos – temos neste mundo uma missão a cumprir), está com a razão e não faz,

senão, seguir os antigos ensinamentos asiáticos sobre o Caminho direto. Diz David Neel que o budismo ortodoxo proíbe todo rito religioso e os lamas letrados admitem, voluntariamente, sua inutilidade no que diz respeito ao alcance da iluminação espiritual, que só pode ser adquirida pelo esforço intelectual. Entretanto, a maioria deles preconiza certos processos ritualísticos para a obtenção de objetivos, tais como a cura das enfermidade, a prosperidade material, a subjugação de entidades perversas e a direção ou guia do defunto no outro mundo ou o *Bardo*, isto é, para fins infinitamente inferiores ao da liberação ou a transição evolutiva e iniciática a uma super-humanidade de “deuses”, de “jinas” ou de “shamanos”, como os que habitam o deserto de Shamo ou Gobi, transição essa que não pode ser alcançada, senão, com o estudo e a espiritualidade, que do mesmo modo deve ser ótimo fruto, porquanto, muito mal se pode amar aquilo que se não conhece ou o “nihil volitum quin precognitum, ignoti nulla cupido”, como diziam os escolásticos.

Do mesmo modo se expressa o hinduísta ou vedantino *Manava-dharma-shastra*, como demonstram os seguintes parágrafos:

“Revelou-se-vos por completo a retribuição devida aos atos; conheci agora quais são os atos que podem conduzir um brâmane à felicidade suprema (*Moksha* ou *Nihsreyasa*): estudar e compreender os Vedas; praticar a devoção austera; reconhecer em si o próprio Brahmã; dominar os órgãos dos sentidos; não fazer mal a ninguém nem a coisa alguma e honrar ao seu Guru ou mestre espiritual, são as principais obras que levam à beatitude final”. Porém, entre todos esses atos virtuosos praticados neste mundo – disseram os santos, interrogando ao Senhor – não há nenhum que seja considerado mais poderoso que os demais para conduzir à felicidade suprema”? “*De todos estes deveres – respondeu Bhrigú – o principal é adquirir pelo estudo dos Upanishads o conhecimento de Para-atma, a Alma Suprema, pois, deve ter por mui certo o estudo do Veda ou a Lei com o fim de conhecer a Alma Suprema do Universo, foi olhado pelos sábios como o meio mais eficaz para conseguir a felicidade tanto neste mundo como no outro, já que nesta obra e na adoração da inefável Alma Suprema, estão inteiramente compreendidas todas as regras de boa conduta que vão acima enumeradas*”. (VV. 82 a 87 do Livro).

E noutra passagem, continua o venerável Código fundamental da raça ária:

“Assim como um fogo violento queima até as árvores ainda verdes, o homem que estuda e compreende os livros santos, apaga em si toda mácula nascida do pecado, e aquele que conhece perfeitamente o sentido do *Veda-shastra* (preceitos ou ensinamentos do Veda ou da Lei), qualquer que seja seu estado, prepara-se durante seu estudo neste mundo para a identificação com Brahmã (liberação). Os que muito estudaram valem mais do que os que pouco leram; os que possuem tudo quanto leram, são preferíveis aos que leram e logo depois se esqueceram; os que compreendem, possuem mais mérito do que aqueles que o sabem simplesmente de memória; os que cumprem com o dever, uma vez este conhecido, são preferíveis aos que simplesmente o conhecem mas não o praticam. O conhecimento da Alma Suprema e a devoção para com Ela são, para um brâmane, os melhores meios de chegar à felicidade da liberação: com a devoção apaga suas faltas; com o conhecimento de Brahmã, consegue a imortalidade. O que procura adquirir um conhecimento efetivo de seus deveres, possui três maneiras de provas: a evidência intuitiva, o raciocínio discursivo e a autoridade dos diferentes livros deduzidos da Santa Escritura. *Somente aquele que raciocina, fundando-se no Veda, é o que pode conhecer muito bem seus deveres religiosos e sociais. As regras de conduta que se acham enumeradas para alcançar a liberação foram declaradas como exatas e completas; por baixo delas está revelada a parte secreta deste Código do Manu*”. (VV. 101 a 105, pa.).

“Que o brâmane, concentrando em tudo isso sua atenção, veja a Alma Divina em todas as coisas visíveis e invisíveis, pois, considerando a Alma Divina em tudo e,

reciprocamente, tudo na Alma Divina, não entrega seu espírito à iniquidade. A Alma Suprema, com efeito, é a síntese de todos os Deuses e aquela que pulsa no fundo de quantos atos realizam todos os seres animados. Que o brâmane contemple em suas meditações, o éter sutil que inunda todas as cavidades de seu coração; o ar que atua em seus músculos e nos nervos do tato; a suprema luz do Fogo e do Sol, em seu calor digestivo e em seus órgãos visuais; a água, nos fluídos de seu corpo; a terra, em todo seu corpo. Veja também a Lua (Hindu) em seu coração; aos Gênios das oito regiões do espaço, no órgão de seu ouvido; a Hara, em sua força muscular; a Agni, em sua palavra; à Mitra, em sua faculdade excretória; a Pradjapati, em seu poder procriador. Porém, acima de tudo isso, deve representar ao grande Ser (*Para-purusha*), como o Soberano Animador do Universo: mais sutil que o átomo, mais brilhante que o ouro, mais puro e único capaz de ser concebido pelo espírito no sono da mais abstrata contemplação. Uns adoram a Para-purusha no Fogo elemental; outros, no Manu, senhor de todas as criaturas; outros em Indra; outros, em Vayú e Tejas; outros, no eterno Brahmã; porém, este Soberano Senhor é aquele que, envolvendo a todos os seres com um corpo formado dos cinco elementos, faz-lhes passar, sucessivamente, do nascimento ao crescimento; do crescimento à dissolução, com movimento semelhante ao de uma roda quando gira. Por isso, o homem que reconhece a sua própria alma na Alma Suprema Universal, presente em todas as criaturas, mostra-se igual perante todos e tudo, e alcança a mais feliz das sortes: a de ser, finalmente, absorvido no seio de Brahmã. Assim terminou o sábio Bhrigú e o *dwidja* (ou “duas vezes nascido”): aquele que ler este código do Manu, por ele promulgado, será sempre virtuoso e obterá quanta felicidade desejar”.

Vê-se, pelo transcrito, a importância fundamental que *ao estudo de tudo* (segundo e terceiro objetos constitucionais da S. T.) concebe a antiguidade sábia, porque no Universo “tudo conspira” ou é solidário, como disse o clássico; ou como ensina São Paulo: “é preciso tudo estudar e investigar, para poder escolher o que é bom”, já que a característica essencial do homem sobre os animais, é a de *Manas*, o Pensamento. E daí, seu nome *man* no sânscrito e demais línguas indo-européias, ou *hu-man*, o homem, deus pelo pensamento. O mesmo apóstolo das gentes e verdadeiro fundador do cristianismo, diz, por isso, aos seus discípulos: “pois que, haveis esquecido que poderíeis julgar até aos anjos?”, o que foi logo glosado pelo Alcorão nesta notável passagem:

“Quando Allah, em sua infinita sabedoria, decidiu estabelecer o homem na Terra para que fosse seu símbolo e sua divina semelhança, os anjos ou gênios lhe interrogaram: “Ides estabelecer por vigário vosso na Terra a um ser feito do barro, como preferência a nós, que somos de tua divina Essência? Eu sei bem o que vós outros ignorais, respondeu o Senhor. E assim chamando a Adão e a todos os animais, perguntou seguidamente aos anjos, pelos seus respectivos nomes. Ao que responderam os anjos: “Senhor, nós não temos outra luz senão a que vemos refletida ao contemplarmos teu divino Ser!” “Pois então, ides ver do que é capaz este “homem de barro” a quem assim desprezais”. E fazendo igual pergunta a Adão, este, sem titubear, foi classificando a todos eles, segundo as suas diversas espécies. E Allah terminou, dizendo: “este que assim maneja com a divina chispa de sua Mente – chispa desprendida da Minha Infinita – é por ela vosso natural Senhor”.

Por isso, também, consignou Mahoma que “mais preciosa é a tinta do sábio do que o sangue do mártir”.

Devoção, em troca, vem de “deva” ou “anjo”; por isso mesmo, todo ato de devoção não é mais do que o de adoração ou *reconhecimento de inferioridade por parte do devoto*, que fica assim por baixo da sua divina superioridade – já que “o Homem é de divina estirpe”, como ensinava Pitágoras – além de que, se *devoção* é amor, continuaremos sempre diante da exigência do estudo, porquanto, *aquilo que não é conhecido não pode ser amado*. “Conhecimento”, “Liberdade” e “Responsabilidade” são essencialmente as

características do homem e também do *Caminho direto* de seu progresso para outros estados superiores.

Porém, como a lei destes novos estados evolutivos seja diferente da ordinária lei humana – tal como esta o é da animal – as características desse superior Caminho chocam quase sempre com as correntes da humana vulgaridade. Razão por que o *naldjorpa* ou seguidor de tal Caminho sempre passou para a maioria dos mortais, como raro, herético ou louco.

Curiosos exemplos desta natureza nos darão tema para o próximo capítulo.

XII

AS LEIS VULGARES NÃO SE REGEM COM O OCULTISMO

Com razão se disse que o gênio, ou seja, o “jina em embrião”, está acima da Lei, da lei vulgar, se entende, porque a cada estado uma lei – já que “ele sabe, como Allah, segundo o referido no capítulo anterior, o que ignoram aqueles que não são gênios. Razão porque sempre foram incompreendidos por seus conterrâneos; do mesmo modo que os animais não têm direito a compreender o homem. “Uma coisa pensa o *cavalo* e outra o que o sela”, como diz o velho adágio castelhano.

São Paulo, iniciado, conhecia esta verdade, ao dizer, “quando conheci o pecado, conheci a lei que o sanciona”. Igualmente a conhecia Mahoma, segundo a apreciável passagem do alcorão, que narra a iniciação de Moisés por Dhul Karnein (o “Apolo Carneio” grego), seu mestre, nestes termos (sura XVIII).

“Um dia disse Moisés a seu servo Josué, o filho de Num:

– Asseguro-te que não cessarei de caminhar até que alcance, com meus pés, a confluência dos dois mares, embora que tenha de empregar mais de vinte e quatro anos. (O “mar da vida humana” ou *mare-vita*, como chamavam os místicos medievais).

Partiram, pois, ambos, levando apenas por alimento um pescado (o peixe ou “piscis” gnóstico-cristão e o signo “Piscis” astrológico). No final da penosa jornada, dia após dia, chegaram ambos à confluência dos dois mares, ou seja, o mar da ciência exterior e o de Dhulkarnein, que é o oceano da ciência interior. Quando se detiveram, Moisés disse a seu servo:

– Temos já passado por demasiadas fadigas na viagem: Serve-me, pois, com que comer.

Josué, obediente, encheu sua marmita com água e nela pôs o pescado levando-a ao fogo; porém, mal a água começou a ferver, quando o peixe, que estava morto, tornou a viver e saltou da marmita ao mar.³

– Este é o sinal que eu esperava, pois, aqui é o lugar que me foi predito, teria eu de encontrar Àquele para o qual a minh'alma se sente atraída como o ferro para o imã – exclamou alegre Moisés.

Com efeito, um sublime Desconhecido se achava de pé à sua frente. Moisés logo se prosternou diante dele, cheio de veneração, suplicando-lhe:

– Permitirás que te siga, ó Mestre?

– Se o desejas, poderás fazê-lo – respondeu o Desconhecido – porém receio que não tenhas paciência bastante para permaneceres comigo. Poderás, por acaso,

³ Convém notar que esta passagem coincide com a inicial de *As Mil e Uma Noites*, ou seja, a do *Pescador*. – (Veja-se nossa obra “O

O Tibete e a Teosofia
Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

Véu de Ísis” e “As Mil e Uma Noites Ocultistas”). – *Nota do autor.*

suportar em silêncio muitas coisas, cujo verdadeiro alcance à primeira vista não as compreendas?

- Se o Senhor deseja – respondeu Moisés humildemente – serei reservado e obedecer-te-ei.
- Pois bem, já que estás decidido a me seguires, não me interrogues a respeito do que eu te haja falado primeiro. (Silêncio do discípulo – dizemos nós) – ajuntou o Mestre.

Mestre e discípulo tomaram um pequeno barco e logo alcançaram a outra margem. Aquele, sem mais preâmbulos, a fez soçobrar, ao que Moisés não pôde deixar de perguntar:

- Por que razão, ó Mestre, destróis assim a embarcação que poderia ainda servir para voltarmos?
- Noto com pesar – disse este – que careces da paciência exigida para te manteres em silêncio, diante do que quer que vejas.

Um pouco mais adiante do lugar do desembarque, encontraram um jovem de mau aspecto. Logo o avistou o Desconhecido mestre, sobre ele se atirou matando-o.

- Ó Mestre – exclamou Moisés – nada te fez este inocente!
- Já te fiz ver que carecias de bastante paciência para te tornares um dos meus discípulos, replicou apenas o Mestre.

Finalmente, chegaram ambos à porta de uma grande cidade, cujos habitantes se negaram a recebê-los. O Desconhecido advertiu a Moisés que os muros da mesma ameaçavam ruir e este não pôde deixar de lhe perguntar:

- Embora que, réprobos, ó Mestre! como podes consentir que essas muralhas continuem em tal estado e um dia venham a cair sobre eles matando-os?

O Desconhecido parou, firme e severo, e disse a Moisés:

- Aconteceu como te prognostiquei: És um péssimo discípulo! E como já me tenhas desobedecido três vezes, contrariamente ao que havíamos combinado, deixar-te-ei aqui mesmo, entregue aos teus próprios recursos. Porém, antes, desejo provar-te o mau juízo que de mim fizeste, todas as vezes que, diante de ti, fui forçado a praticar tais coisas. Sabe, pois, que afundei o barco, porque, se dentro de poucas horas estivesse ele em poder de seus donos e estes se fizessem ao mar, teriam fatalmente caído nas mãos de piratas, que os enforcariam imediatamente. Quanto ao jovem que matei, assim procedi porque antes ele havia assassinado a outro e se dispunha a repetir a façanha com diversos mais, até cair fatalmente nas mãos do carrasco, o qual lhe causaria sofrimentos maiores do que aquele por mim empregado, sem falar na desonra a que se sujeitaria a família do assassino, à qual Allah, em recompensa, dará outro filho melhor. Quanto ao que diz respeito à muralha, direi apenas que apoiada nela se acha a casa de pobres órfãos, sob a qual está enterrado um grande tesouro. Se os habitantes da cidade tivessem conhecimento do fato, destruiriam as muralhas para se apoderarem de tal tesouro, que assim, ou iria pertencer a outros, ou chegaria às mãos dos pequenos órfãos antes do tempo, o que poderia concorrer para que eles trocassem a senda da virtude pela do vício...”

Fato semelhante a esta passagem do alcorão sobre as originalidades dos seres superiores, no-lo relata A. David Neel, a propósito da reencarnação na doutrina budista e lamaísta. O fato é o seguinte:

Certo grande lama tulku empregara de modo absurdo toda sua vida. Apesar de seu nascimento elevado, da educação que teve em sua mocidade e da valiosa biblioteca herdada, mal sabia ler. Ao morrer este lama, vivia nos arredores um estranho personagem, taumaturgo e filósofo de grande envergadura, cujas excentricidades, algumas vezes grosseiras, embora que exageradas por seus biógrafos, deram lugar a numerosos contos rabelescos, mui do gosto das gentes do Tibete. Dugpa Kunlegs, que era seu nome, viajava segundo seus hábitos vagabundos, quando ao chegar à margem de um poético regato, encontrou-se com uma rapariga que vinha apanhar água da corrente. Sem dizer palavra, o vagabundo lançou-se inopinadamente sobre a jovem, tentando violentá-la, porém, esta, sendo mui robusta, enquanto que Kunlegs era já velho, defendeu-se vigorosamente, podendo assim escapar de suas mãos e ir contar à sua mãe a aventura que tivera. A boa mulher ficou admirada com o que lhe narrara a filha. As pessoas da localidade eram todas de excelentes costumes e de nenhuma delas era possível suspeitar-se. O miserável devia, pois, ser um estrangeiro; por isso, pediu ela seus sinais à filha. Logo ficou assombrada, por se lembrar de o ter conhecido durante uma peregrinação ao *dubtob* ou sábio mago. Os sinais coincidiram perfeitamente com os seus e a dúvida não era possível. Dugpa Kunlegs tinha querido abusar de sua filha. A velha aldeã, após alguns momentos de meditação, tomou um partido. Os princípios morais que regulam as condutas do comum das gentes, pensou ela, não concordam com os daqueles que possuem conhecimentos sobrenaturais. Um *dubtob* não está mais sujeito a tais leis nem a nenhuma outra, porque todos os seus atos são inspirados em considerações superiores que escapam à mente vulgar.

- Minha filha – disse ela – o homem com quem te encontraste é o grande Dugpa Kunlegs, e tudo quanto este homem superior faz, é sem dúvida, bem feito. Volve, pois, ao regato; lança-te aos seus pés e consente em tudo quanto ele quiser de ti.

Obedeceu a jovem e voltando ao mesmo lugar, encontrou ao mago ancião sentado em uma pedra e absorvido nas suas elevadas meditações. A jovem curvou-se diante do mesmo, pedindo-lhe mil perdões por lhe ter feito ignorante resistência e colocando-se inteiramente às suas ordens. O santo encolhendo apenas os ombros, disse:

- “Minha filha, de há muito que as mulheres deixaram de me despertar desejos impuros; porém, eis o que ocorreu: o grande lama do mosteiro vizinho morreu como um ignorante, depois de uma vida inteira de indignidades, desprezando quantas ocasiões se lhe apresentaram de progredir e de instruir-se. Eu fui o primeiro a ver a sua alma errante no Bardo (lugar de purificação), irremissivelmente condenada a começar uma nova existência e, por simples caridade, procurei encontrar corpo humano para seu novo nascimento; porém, a força fatal de suas más obras não permitiram que tal se desse. Escapaste à minha agressão e enquanto foste à tua aldeia, uniram-se o asno e a jumenta que aí vês pastando, de cuja união nascerá, em breve, o desgraçado lama”.⁴

O conto que precede faz lembrar o pouco conhecido tema ocultista que serviu ao iniciado Apuleio para sua célebre obra *O Asno de Ouro*, obra merecedora de um estudo especial sob o ponto de vista de nossas idéias teosóficas. Do mesmo modo que, seu espírito traz maiores luzes para uma mais correta interpretação da cena culminante do

⁴ Esta passagem daria para profundo tema de meditação, principalmente aos que não admitem a involução da *alma*. E muito menos, que exista a sua “Segunda Morte” nas terríveis regiões do Não-Ser ou “8ª Esfera”, por nós também chamada de “Zero Dimensão”. No entanto, desse assunto tratou mui desenvolvidamente o chamado Kut-Humi (Veja-se *Les premiers enseignements des Maitres*, onde, aliás, se encontra inúmeros ensinamentos completamente contrários aos que hoje a escola de Adiar apresenta, não só como sendo daquele Ser, como dos que dirigiam tais cartas a H. P. B. e os teosofistas da chamada “primeira hora”. Do mesmo modo, nas célebres cartas que figuram na obra *Lettres des Maitres de la Sagesse*. Quem as fez publicar, jamais poderia pensar que um dia servissem de libelo acusatório contra a sociedade a que pertence, sob diversos pontos de vista – principalmente o filosófico).

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

Na primeira das duas citadas obras, K. H. nos ensina que “a cada momento nos acotovelamos nas ruas das cidades, com seres não mais possuidores de *almas*”. Em outras anotações de *O Tibete e a Teosofia*, citamos o fato e explicamos até o que ele denominava de *alma*, etc. – Nota do tradutor.

Baladro de Merlin, que faz referência ao encontro – desta vez não frustrado – do rei Artus, fundador da *Távola Redonda*, com uma belíssima donzela, de cujo encontro teve que nascer, como fruto de benção, o famoso cavaleiro conquistador do Santo Graal.

Segue-se, enfim, como epílogo desta série de originalidades, a seguinte misteriosa passagem de David Neel, notabilíssima pelo que se pode relacionar com os sacrifícios humanos e com a Eucaristia.

“Certa tarde, o lama Tchogs chamou repentinamente seu criado, ordenando-lhe que selasse os cavalos à fim de partirem os dois, e como o criado lhe observasse que a noite já estava próxima e que melhor seria deixar para o dia seguinte, aquele retrucou:

- Não me contraries; partamos imediatamente!

Logo ambos começaram a cavalgar por entre as densas trevas da noite, até que chegaram à margem de um ribeiro. Embora que a noite estivesse escuríssima, viram eles uma forma luminosa que flutuava sobre as águas. Era um cadáver que assim vogava, impelido pela corrente.

- Desembainha tua faca e corta um pedaço deste cadáver e come-o – ordenou laconicamente o lama a seu criado, acrescentando: Tenho na Índia um amigo que a cada ano, nesta data, me envia um presente desta natureza.

E assim falando, começou a comer tranquilamente a carne do morto. Admirado, o criado cortou, por sua vez, outro pedaço de carne, como lhe haviam ordenado; porém, não tendo coragem bastante para o levar à boca, ocultou-o em seu *ambag* ou saco que trazia a tiracolo.

Logo depois voltaram ao mosteiro, onde chegaram ao amanhecer. Então o lama disse a seu servo:

- Eu te quis fazer partícipe do favor e dos frutos deste banquete místico; porém, vejo que dele te fizeste indigno, não comendo o pedaço de carne que cortaste, ocultando-o em teu *ambag*.

O criado desculpou-se como pôde de sua falta de coragem e tratou de reparar seu erro, retirando o pedaço de carne para come-lo, porém, era já tarde: ele havia desaparecido!

A esta história, evidentemente fantástica, devo apontar detalhes que me foram dados discretamente, por certos anacoretas da seita de Dzogstan. Existem, disseram eles, certos seres que tendo alcançado o mais alto grau de espiritualidade, transmutaram a substância de seu corpo em outra de natureza mais sutil, possuindo qualidades mui diferentes das da carne grosseira. A maioria dos homens é incapaz de compreender a transformação operada naquela carne. Consumindo um pedaço da mesma, entra-se em êxtase, obtendo-se grandes conhecimentos e poderes sobrenaturais.

Outro dos referidos anacoretas, ajuntou:

- “Acontece com frequência que logo se conhece um desses seres maravilhosos, seus descobridores lhe suplicam para que lhes diga o dia de sua morte, à fim de poderem comer um pedaço de sua preciosa carne. Quem sabe se os aspirantes a semelhante comunhão – demasiadamente realista – conservam sempre a paciência necessária de esperar a morte natural daquele que lhe há de subministrar a matéria impulsionadora de seu progresso e, por isso mesmo, não apressam o momento?

Diz-se ainda que alguns desses super-homens se sujeitam voluntariamente ao sacrifício.

Tamanho problema se presta, sem dúvida, às mais profundas considerações.

XIII

A SOCIEDADE TEOSÓFICA E O RETO CAMINHO

Até que ponto concordam os dois últimos objetos da S. T. com os princípios clássicos do Reto Caminho ⁵, provam os dados que a seu respeito, no Tibete, nos revela a referida obra de A. David Neel, quando aponta os delicados e, até mesmo, bárbaros métodos – se tal é permitido dizer – empregados pelos anacoretas de tal caminho, em relação com os seus discípulos. “A trilogia de examinar, meditar e compreender – (o *aude*, *vide*, *tacet*, de certa instituição européia que não vem ao caso nomear) – exige grande esforço, diz-se, da parte dos candidatos ao reto caminho. Toda atividade intelectual do Mestre gravita em torno do discípulo, com desusado peso – razão porque, dizemos nós, o termo sânscrito *Guru*, significa ao mesmo tempo “pesado” e “mestre”. Porém, tais aparentes originalidades bem examinadas – como vimos no capítulo anterior – acabam por se tornar razoáveis. Eis, em síntese, as etapas do caminho direto:

1ª – Ler grande quantidade de livros sobre as diferentes religiões e filosofias. Ouvir os ensinamentos de diferentes mestres e experimentar os mais variados métodos, ou seja, dizemos nós, *temperar* a mente com o choque dos mais variados pensamentos.

2ª – *Assenhorear-se, desde logo, de uma única doutrina escolhida entre as demais* ⁶, como a águia que escolhe a sua presa entre o rebanho. Tal é a lei indiscutível de todos os gênios, que não são mais do que variados tipos do caminho direto. “Mateus, segue-me”, disse Jesus ao bom cobrador de tributos, para logo Mateus o seguir, não o fazendo, no entanto, Nicomedes, que preferiu antes despedir-se de sua família e de seus interesses mundanos. “Juro ser Beethoven ou nada”, exclama imediatamente Wagner ao ouvir pela primeira vez os transcendentais acordes do Destino, na *Quinta Sinfonia*. “O

⁵ “Um dos resultados mais valiosos de *Upasika* (designação familiar de H. P. B.), disse um mestre, foi a de estimular os homens modernos a estudarem por si mesmos”, coisa que, desgrazadamente, e pelos erros já apontados, não o fez a maioria dos que se dizem seus discípulos, preferindo, em sua debilidade imprópria a teósofos, “a letra que mata”: o dogma cerrado, o messianismo de pretensos redentores; o psiquismo emocional e, em poucas palavras, tudo quanto é contrário ao caráter crítico, decidido e viril, exigido pelos dois últimos objetos da S. T. – Nota do autor.

Todo o grifo acima é do tradutor, chamando assim a atenção dos que taxam a S. T. B. de “intolerante”, por adotar o espírito crítico, eclético ou sincretista da verdadeira Teosofia. No entanto, “tolerar” é fazer favor, isto é, suportar alguém ou alguma coisa e “intolerar”, é não tolerar ou não suportar – franca e positivamente – alguém ou alguma coisa que esteja fora da razão. Mas, perguntar-nos-ão: como se pode saber quem está com a razão? No nosso caso, é fácil saber-se: nós provamos sempre de público tudo quanto concebemos como erro ou contrário à verdadeira Teosofia. Se nos provassem que o erro estava de nosso lado, então, seríamos os primeiros a pedir desculpas (do mesmo modo, de público), para que a nossa consciência não permanecesse intranquila. Porém, o que acontece é que, o silêncio evita muitas vezes que se tenha de dar as mãos a bolo, para não dizer, reconhecer seu erro e com isso, o amor próprio ou vaidade que bem raros não a sabem calcar sob os pés...

As duas monumentais obras de H. P. B. – *Ísis sem Véu* e *Doutrina Secreta* – não são mais (principalmente a primeira) do que um estudo crítico sobre ciências, religiões, filosofias, etc., etc., além do expresso nessas suas palavras: “A crítica mútua é a política mais sadia e ajuda a estabelecer regras finais e definitivas na vida prática, não meramente teórica”. Para logo acrescentar: “Temos tido teoria de sobra”.

Que seria de todos os povos da Terra, se os que lhes dirigem não sofressem oposição ou crítica sistemática a tudo quanto fazem contrariamente às suas plataformas ou programas políticos, por isso mesmo, indo de encontro à felicidade geral da Nação, representada pelo próprio povo, que é quem escolhe – entre os vultos proeminentes (de cada uma delas) – aquele que deve dirigir ou governar os seus destinos?

No caso vertente, as responsabilidades são muito maiores, porque em jogo se acha a felicidade espiritual do mundo inteiro, a menos que se prefira fazer parte da esterqueira ou enxurrada natural do fim deste ciclo apodrecido e gasto... “To be or not to be!” – Nota do tradutor.

⁶ Este “assenhorear-se, desde logo, de uma única doutrina escolhida entre as demais”, é, na vida ordinária e dentro da eterna lei de harmonia, o que se chama *vocação*, isto é, a chamada poderosa, incoercível Voz Interior de nossa consciência (“Cristo no homem”, de São Paulo), indicando-nos imperativamente o caminho que devemos seguir. Quem escuta semelhante ordem de seu Eu-Superior, vai avante; triunfa de quantos obstáculos se lhe atravessa no caminho e “amadurece em gênio”, como o demonstra a história de todos os grandes homens. Em troca, quem não a procura ouvir, arrasta vida miserável como traidor de si próprio, criando um péssimo *carma* futuro – carma que a Lei evita algumas vezes de modo piedoso, cortando na flor da vida, aquele que se equivocou na escolha do caminho. Daí, os chamados “malogrados”, aos quais dedicamos um capítulo de nossa obra *No Umbral do Mistério*. – Nota do autor.

amor à Arte, aliado à idéia do Dever foi o que me impediu de por termo à vida”, proferiu várias vezes o autor dessa obra-prima, algo assim como o “levanta-te e anda!” dirigido a Lázaro no sepulcro e que o obrigou a erguer-se *imediatamente*, deixando andar atrás o Mestre que, “com sua garra poderosa”, segundo certa frase maçônica, o faz ressurgir do mundo dos “mortos” para o mundo dos “vivos”, já que a entrada naquele caminho, que conduz da vida humano-animal à supervida divina ou jina, não é mais do que uma real ressurreição ou “um segundo nascimento”, razão porque ao brâmane verdadeiramente iniciado se denomina sempre de *dwija* ou “duas vezes nascido” – como diria São Paulo – primeiro da carne e logo do Espírito, *Batismo de Fogo*, enfim, ou “ígneia língua de *Pentecostes* (*pente, panta, penta* ou o simbólico *cinco* do Pensamento) ou a maneira pela qual o “Espírito Santo” desceu sobre o discípulo, dando-lhe a iluminação iniciática e completando, desse modo, ao outro *Batismo da Água* com o qual só foram lavadas as culpas...⁷

3ª – Manter-se na vida em situação modesta (o *aura mediocritas*, de Horácio, equidistante da inerte miséria e da perigosa opulência); guardar humilíssima aparência (o “não *chocar* ou despertar a atenção de ninguém”, da regra pitagórica), sem nunca procurar ser “um dos *grandes* lamas para o mundo; porém, atrás de semelhante máscara de humildade (o *hipo-kriptos*, ou “escondido debaixo”, donde logo foi falseada a idéia do termo “hipocrisia”); elevar mui alto o espírito (o “eu sou Bramã!”, ou “eu sou Chispa Divina”, que é apontado nos textos orientais), mantendo-se sempre acima das glórias e honras mundanas. (Voto de renúncia).

4ª – Ser completamente indiferente para tudo e diante de tudo. Agir como o preso ou como o cerdo, que se alimentam do que encontram no momento. Não escolher entre as coisas que se lhe apresentam, preferindo uma a outra. Não buscar, nem evitar, nem recusar. Manter-se imparcial, isto é, em perfeita indiferença, tanto para com a riqueza, como para com a pobreza; diante do elogio, como diante da censura (equilíbrio entre os contrários, ponderação ou balança da Justiça). Deixar de distinguir entre a virtude e o vício; o glorioso e o humilhante; o bem e o mal, segundo lhes compreende o mundo (ou o “Eu sou a virtude do bom e a maldade do perverso, etc.”, de Krishna a Arjuna na Bhagavad-Gita). Não afligir-se por coisa alguma, não arrepender-se; não sentir remorsos; não congratular-se, alegrar-se ou orgulhar-se de coisa alguma.

5ª – Contemplar sem se emocionar e com o espírito mais emancipado possível, os conflitos e lutas de opiniões entre as diversas ordens de atividade dos seres, pensando: “tal é a Lei, a realidade das coisas e o modo d ser das individualidades diversas que povôam o Planeta!” Contemplar, enfim, o mundo inteiro, procurando vê-lo da mais alta montanha.

6ª – “Esta etapa não pode ser descrita. Equivale à compreensão do vazio...” No que diz respeito à nossa opinião, cremos tratar-se da *abstração* em seu mais elevado grau; a elevação total acima do *sensível* e concreto, até o *inteligível* e abstrato, vendo, não as flores, mas a Flor; não o fato, mas a Lei, ou melhor, o Princípio donde emanam as leis e os fatos; não os bens e os males, mas o Bem e o Mal, ou melhor ainda, o Ser que se apresenta aparentemente dividido entre aqueles e demais contrários, como os ramos do Y grego, partidos do mesmo tronco – tronco que, por sua vez, se assenta sem assentar-se no Mar sem Bordas do Abstrato, Eterno, Infinito, Inefável e Incompreensível, o Nada-Tudo, donde tudo emana e para onde tudo volve, ou seja, o Seio Insondável do

⁷ Conta a lenda oriental que no “segundo nascimento” do Buda, acontecido em *Uruvilva* ou *Uruvalva* (“a matriz do Fogo”), Sujata lavou-lhe os pés com água perfumada (tal como fez Madalena a Jesus) e ofereceu-lhe a clássica taça de ouro com arroz, leite e mel. Logo lançado o vaso ao rio, por Nairan-jana, ele voltou à superfície das águas, em sinal de que a ciência suprema já lhe pertencia, enquanto que ao recém-nascido foi necessário recolher-se sob a árvore de Bodi ou da Sabedoria para meditar. Essa “volta da taça à superfície das águas” é, em mil lendas, a característica da Magia, que vai sempre contra a corrente do vulgo. Assim, remonta as águas do Reno, o esquife de Sigfredo em *O Ocaso dos deuses*, de Wagner; do mesmo modo que surge do Tamesis, a pedra sagrada e iniciática do Lia-Fail, atravessada por misteriosa espada, que somente o herói da *Távola Redonda* foi capaz de a arrancar (Espada de Sigmundo na

O Tibete e a Teosofia
Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

Árvore Norso, da “A Walkiria”; em resumo, a invencível Espada do conhecimento intuitivo). – *Nota do autor.*

Divino: Brahmã neutro, ou melhor, *Brigh*, da palavra sânscrita, que significa “Germe que se dilata e estende”: o Nirvana, em uma palavra, não como aniquilação, mas como superação estática ou epóptica ⁸...

“Impossível reduzir a regras, termina David-Neel, os múltiplos exercícios educativos inventados pelos “padres do deserto” tibetano (ou antes, do Shamo ou Gobi). Não só divergem eles de mestre para mestre, como de discípulo para discípulo de cada mestre. *Liberdade* é a divisa que tremula nas cumeadas do “País das Neves”, que por um singular paradoxo, filho do eterno jogo dos contrários, os noviços fazem aprendizagem debaixo da mais estrita obediência a seu Guia ou Guru. Porém, tal obediência só se refere às práticas recomendadas pelo Mestre e suas relações com ele. Ouvi dizer a um lama que o papel do mestre do caminho direto consiste, em primeiro lugar, em promover um desenredo (isto é, a liberação das espessas redes de Maia ou Véu de Ísis). Deve, pois, o Mestre concitar seu discípulo a desembaraçar-se de crenças, idéias, hábitos e tendências inatas, de tudo, enfim, quanto o mesmo mantenha como tara ancestral ou ele próprio criou em sua alma como efeito de causas, cuja origem se perde na noite do passado...”

Em seu devido tempo, insistiremos sobre estes interessantíssimos particulares. Basta-nos agora anotar que as anteriores etapas do Caminho Direto, se acham poeticamente resumidas naquela passagem de *A Voz do Silêncio*, que diz: “Antes que teus olhos possam ver, já devem ser incapazes de chorar; antes que os ouvidos possam ouvir, já deverão ter perdido sua sensibilidade, e antes que o discípulo possa elevar a voz em presença de seu Mestre, já trazer lavadas suas mãos no sangue de seu coração”, porque a passagem do mundo humano para o mundo dos *schamos* ou *jinas*, é uma escada tão alta ou mais do que a que mediar possa entre o mineral e o vegetal, entre este e o animal e do animal ao humano. Por isso, mister se faz passar pela *epoptéia*, *nirvana* ou *suprema* abstração e imersão no Logos ou Verbo, que anima o Universo, para renascer transformado em outro ser *mudado*, ao que quis aludir São Paulo naquela até hoje incompreendida frase de “todos ressuscitaremos (‘reencarnação’), porém, nem todos seremos mudados”. “As terríveis frases, antes citadas, de *A Voz do Silêncio*, de outro modo, aludem à admiração que produziria em uma mente não preparada, a *verdade verdadeira* – valha o pleonasma – do terrível Drama da Vida, drama que, sob o piedosíssimo véu maternal de Ísis, passa despercebido para nós, verdadeiros impúberes psíquicos, como para o terno recém-nascido, a angústia ou dor que se possa manifestar no peito da mãe que lhe está amamentando. Daí, as regras de indiferença a tudo, igualdade, etc., enumeradas por A. David Neel, regras que tão pouco devem ser tomadas ao pé da letra, senão, como meios indispensáveis, ao defrontar-se com o terrível Drama da vida humana – que não é, senão, o Drama de uma grande queda (“queda dos Anjos”) e uma heróica redenção para cada homem na vida: de superar aquele “puseste teu coração em harmonia com a dor imensa da humanidade; consentiste que fosse vertida na tua presença uma lágrima, sem que antes a tivesses enxugado?” expresso no referido livro místico, mediante a efetiva superioridade que pressupõe a prática de semelhantes regras. O divino Beethoven, naquele seu Quarteto de corda, número 1, no qual, à guisa de ilustração, anotara a frase de “um *sauce* no túmulo de meu irmão”, cuidou também de consignar, segundo as referidas regras que, como gênio conhecia e seguia em perfeito caminho direto: “se sentires assomar em teus olhos uma lágrima, reprime-a e não te deixes por ela avassalar”, o que dito de passagem, é o que caracteriza ao profissional nas diferentes ocupações humanas, por exemplo, a *aparente* insensibilidade do médico diante da dor que inevitavelmente lhe causa o operado; a do juiz, diante da inevitável condenação que ao réu inflige, ou a do catedrático ao suspender ou castigar o seu aluno...

⁸ Relativo a epoptismo ou epopta. Epopta (gr. *epoptes*) – iniciado no epoptismo; inspetor dos mistérios de Elêusis. Epoptismo – terceiro grau da iniciação nos mistérios de Elêusis. – Nota do digitador

XIV

OROGRAFIA TIBETANA

Nos primeiros capítulos destes apontamentos procuramos descrever um pouco da geografia dos altos desertos da Ásia Central, desde o célebre caminho dos Hann até o Gobi ou Shamano, residência, segundo todas as tradições, desses seres super-humanos chamados indistintamente **govindas**, **jinas**, **shamanos** ou **mahatmas**, conservadores, através das idades, da primitiva Religião-Sabedoria, de que são degeneradas facetas todas as religiões positivas mantenedoras apenas, pelo véu do mito, da alegoria e da mais baixa superstição industrial, daquelas verdades superiores.

Porém tal véu – o Véu de Isis – se torna mais denso e impenetrável à medida que nos afastamos do referido Centro de Gobi e tanto mais tênue e transparente quando mais dele nos acercamos; razão porque se faz necessário estudar o Tibete propriamente dito, país teocrático como nenhum outro e onde mais profundamente se faz sentir a influência daqueles Seres Superiores por de tal centro se acharem vizinhos.

Com um bom mapa diante dos olhos verificamos desde logo que a Ásia é maior do que as três Américas e quase igual à Europa, África e Oceania juntas, ou seja, uma terça parte da superfície da terra, senão, o núcleo fundamental de toda essa superfície, porquanto, o estreito de Bering que a separa da América do Norte, é pouco profundo, um simples mar costeiro, cuja margem sul, as Aleutianas, liga os vulcões de Kamchatka com os de Alaska.

Málaca, Malásia e Austrália se ligam com o continente asiático pelo S. E., do mesmo modo que América pelo N. E., sendo aquelas uma nova dependência da Ásia tal como o arquipélago britânico o pode ser da França continental. Enfim, o Bósforo e o Mar

¹ Para facilitar a exposição orográfica, segundo os geógrafos, estas cordilheiras podem considerar-se como agrupadas em seis sistemas ou séries, três delas fora e as outras três dentro do Tibete propriamente dito, cruzadas em sua parte oriental por Prjevalsky, o pandita Krishna, Carey, Bonvalot, Dutreuil de Rhins, o príncipe de Orleans, Sven Hedin e alguns outros, porém, apenas entrevista em sua parte ocidental, ou seja, aquela que as liga com o Planalto central de Pamir por Plevtsov (1830) e Bower (1831) e que não enviam ao mar, águas de nenhum rio; constituindo um mediterrâneo seco, uma região morta, pantanosa, de lagos salgados e cuja *alma* orográfica é constituída pelo imponente e velho maciço do Kuen-lun mitológico.

Para se ter uma idéia da espantosa solidão que aquelas zonas envolve ao intrépido viajante que por elas se embrenhe, basta dizer que na região do lago ocidental visitada por Huc, através das gargantas de Lug-rab, Tchu-mar, Rabdun e Djung do Tsaidan, se pode percorrer cerca de dois mil quilômetros sem encontrar um povo ou mesmo um aldeão; como no verão, nenhum caçadores furtivos nem grupos de bandidos. Nos 1.700 quilômetros dos outros dois itinerários, encontram-se apenas em duas aldeias a 800 quilômetros de mortal deserto; e em outro, o que vai pelos lagos *Kya-ring*, *Ngo-ring* e *Tong-kor*, 1.300 são de desertos, e em alguns destes *caminhos* das montanhas, os naturais só deixam passar, cada três anos, ao Grande Lama e os monges em peregrinação a Pequim. E é por isso que se qualifica, com propriedade, ao primitivo itinerário de Huc (monge vindo da Europa à China pelo Cabo da Boa Esperança e depois da China ao Tibete), como “um monumento da energia humana”. Que caminhos serão os daquelas passagens que se tem de cruzar, tais como o de Kuku-shili (4.580 metros), ou seja, a altura quase do Monte Branco; o de Tasila (5.000); o Vermelho (5.150); o da cordilheira Dupleix (5.750), que cruzou Bonvalot e o famoso de Lanak, frequentado pelas caravanas de Leh, aos 5.760 metros de altura? E onde se nos servirmos de montadas para o percorrer, gastaremos perto de cem dias, e mais de quatro meses, se empregarmos outros meios de locomoção mais lentos? Entretanto, os correios do Dalai-lama podem fazer tais percursos em 18 dias, à razão de 120 quilômetros por dia ou, mais ainda, desde que se sirvam do mágico processo do *lung-gon* a que se refere a sra. A. David Neel em sua apreciável obra *Místicos e Magos do Tibete*. – Nota do autor.

Vermelho não são, senão, duas fendas que separam a respectiva união continental da Europa e da África com a Ásia.

Existe, porém, entre a Ásia e os demais continentes uma unidade geológica que não escapou à fina intuição de Emile Ergand em sua **Tectônica de Ásia**, unidade que explica toda a geologia de tais continentes, semelhante a daquela, no propriamente humano. Ásia representa vários mundos distintos, separados por caminhos religiosos. Dir-se-ia que o Sol central dos referidos desertos e seus Seres Superiores irradiaram em seu redor múltiplas influências religiosas, refletidas, respectivamente, no oeste, pelo paganismo, cristianismo e maometanismo; no norte, pelo lamaísmo primitivo; a este, pelo taoísmo, budismo e sintoísmo, e ao sul, pelo jainismo, bramanismo (pai do mosaísmo), budismo e maometanismo.

Todos esses troncos religiosos se misturam, sem confundir-se, no Tibete, tornando-se indispensável para nosso estudo teosófico um exame atento desta isolada e misteriosa região, a mais elevada do Globo, do mais primitivo colorido, e depositária dos maiores segredos da tradição histórica, cujos traços fundamentais permanecem quase que apagados nos demais países, pese isso aos esforços do Folclore ou Demopédia para esclarece-los e da ciência das Religiões comparadas, para os **comparar** em formosa síntese.

Procurando-se harmonizar os ensinamentos arcaicos com as últimas conclusões da Geologia, é-se forçado a considerar as desérticas regiões da Ásia Central como mares interiores, hoje completamente secos, tal como se há de verificar um dia com os lagos Aral e Cáspio, e ainda, com o mar negro e o Mediterrâneo. Em torno dos referidos mares floresceram outrora, nos períodos mioceno e plioceno, paralelamente com a Atlântida, numerosos povos, dos quais a humana história não conserva a menor reminiscência, mas cujos últimos vestígios, estão assinalados nas ruínas das cidades descobertas por Edin, segundo tivemos ocasião de citar em um dos capítulos anteriores.

Semelhante fato não foi apenas um fenômeno isolado no Planeta, porém, algo parecido com o que se deu em Sonoro e Sinaloa na América do Norte; na Atacama e no Chaco, na América do Sul; no Sahara e no Tibesti africanos ² e, em pequeníssima escala, em nossas duas mesetas castelhanas.

Essa elevação, chamada pelos geólogos de alpina, separando os últimos dias terciários dos quaternários ou atuais, deslocou profundamente a referida região asiática, ou melhor, toda Terra, dando-lhe a configuração atual. Devido a semelhante cataclismo, aqueles mares interiores desapareceram elevando seu leito a mil metros de altitude e com isso destruindo toda a grande civilização da idade terciária, embora que até hoje não o admitam os geólogos do Ocidente. Ao invés das planícies circunvizinhas, elevou-se a infinidade de cadeias alpinas, embora que todas elas conservem entre si certo paralelismo. Um grande levantamento granítico central – o do **Kuen-lun**, tão semelhante em tamanho ao de nossa cordilheira carpetovetônica entre as duas Castelas é tudo o que resta como testemunho daquela idade morta, com seus lagos salgados, cruzados por

² Está última região do Sahara africano, de nome tão estreita como admiravelmente ligado com o do Tibete, é um poderoso maciço montanhoso sobre as camadas do Sahara central, à beira do mar de areia do deserto, por terraços sucessivos que o enlaçam com o nú orográfico do Tarso até os 2.200 metros de altitude. Sua vulcânica e desnuda solidão alberga, no entanto, nomadas ou *numidas* tuaregs, cuja região se liga com seus dois principais maciços, a que os naturais denominam de *Tu*, *Ti* ou *It*, nome que faz lembrar nossas inscrições da *Pena-Tu* astúria e o mágico *Ti* ou *It* chinês; do mesmo modo que o *I*, *atlante* de que fala a mestra H. P. B. como sendo de um grande salvador que, “saindo do mar”, como o Oanes ou Dragão caldeu, pos fim às terríveis guerras dos últimos tempos da Atlântida. A oeste do Tibesti se desenrola a bacia do Níger; a noroeste, a hoje desértica Líbia e o caminho de Kuka a Trípoli, hoje seguído, em parte, pelos italianos. De sua população, pode-se julgar hoje em dia por estas palavras do explorador Nachtigal: “No distrito do N. O. ou de Meru-ya (com vistas ao Monte Meru dos orientais) o relevo local tomava um aspecto cada vez mais curioso para nós. Viam-se por toda parte cúpulas de grandes edifícios: catedrais, igrejas bizantinas, anfiteatros pagãos, mesquitas e castelos feudais, com os quais se misturavam construções modernas de vários estilos. Aqui, julgava-se ver surgir do solo um imenso dorso de camelo; acolá, a forma das rochas era a de um búfalo gigantesco; outras vezes, sobre uma coluna isolada, disforme cabeça... À luz fantástica do crepúsculo, era quando toda esta caprichosa arquitetura de titãs sugeria as mais originais idéias...” Não é de estranhar, por todas essas analogias que os modernos antropólogos procurem com interesse ao “homo primigenius”, em tal região central africana, tão semelhante, geologicamente, com a Ásia Central. As pinturas rupestres (paleolíticas e neolíticas) ocidentais talvez sejam copiadas desta província hoje francesa, mas antes tão aparentada com o Egito por um lado e Marrocos e Argélia, por outro. – Nota do autor.

Dutreuil de Rhins e Edin; seus páramos e pântanos, suas eternas neves e enormes alturas acima do nível dos cumes de nosso Monte-Branco.

Para a Geologia, o Kuen-lun é uma das formações mais antigas do planeta. Suas últimas camadas alcançam as épocas devonica e carbonífera, sem vestígios de terrenos post-paleozóicos. Imóvel testemunha, com seus picos e extensas planuras, das convulsões gigantescas do alçamento alpino posterior, ao mesmo deve, sem dúvida, a maior elevação que possui, elevação esta que, salvo a de alguns picos isolados, como o Everest, é talvez maior do que a própria cadeia dos Himalaias. Porém, como testemunho mudo do seu passado, resta o aspecto de alti-planura dominando sobre o montanhoso posterior. A falta de umidade que aí se nota é um contraste com a sua altitude, pois, até mesmo em pleno inverno, pode ser atravessado de Cachgar a Yarkand, porque os terríveis ventos contra-alisios atingem apenas as alturas indo de encontro aos seus poderosos contrafortes; do mesmo modo que, as monções que açoitam tais regiões se desfazem em tempestades e ciclones. A Oeste do Kuen-lun, no entanto, pelos 4.500 metros de altitude, o termômetro mantém-se baixíssimo durante todo o ano, em eterno inverno que, comparável às regiões polares, chega aos 35º abaixo de zero.

Ao norte do Kuen-lun a elevação alpina nos dá as enormes cordilheiras do Altin-tag e do Kun-tag (**tag**, cordilheira), demarcando ao norte destas e ao sul do Tienchan, a desértica comarca de Tarim. Seguem logo, como partes do próprio Kuen-lun, as cordilheiras de Toguz-Davan, Colombo, Marco Polo e Baian e o Yang-tze-kiang que, se desviando para o S. E. inicia as altas cordilheiras da Birmânia. E é tal o estanque de águas naquelas zonas, que nenhuma só gota fornece hoje o Kuen-lun ao oceano, contrariamente ao que acontece no sul do Tibete, pois, como se sabe, daí nascem, mui próximo uns dos outros, o Hind ou Hindo que desce por Cachemira (Pequeno Tibete) ao Pendjab e ao Mar das Índias; o Ganges que, nascido ao lado do Hindo, desce em sentido contrário para este e logo ao sul até o golfo de Bengala. E por fim, o Brama-putra ou Tzampo que se dirige por este para o Oceano Pacífico, banhando até acima da província sagrada de Lhasa, a Meca, a Roma tibetana como o maior e mais antigo centro de atração religiosa que os séculos já conheceram, separado do lado do Kuen-lun por tres grandes cordilheiras, e da Índia, por uma só fundamental: o Himavat ou Himalaia da tradição ária; a sagrada elevação cujos cumes, pese a todo e qualquer heroísmo, o pé do homem não o tocou ainda...

Lhasa, a cidade misteriosíssima, vedada aos “bárbaros europeus” pela dupla muralha da Natureza e da Superstição; a grande metrópole religiosa das idades, cuja história e costumes encerra o segredo de nossa própria história, senão, de nossa pré-história ocidental; a chave religiosa do Lamaísmo; do Budismo primitivo e da mais primitiva, ainda, religião do Bon; de todos os ritos religiosos do Ocidente, etc., eleva-se orgulhosa, no mais meridional daqueles imensos vales semi-suiços. Quatro grandes caminhos vão ter a ela, como um braço de uma imensa cruz onde o do N. O. chega até o Turquestão russo; o do N. E. até o coração da China; o do S. O. e S. até as províncias da Índia, e o do S. E. se perde nos estreitos vales que, em infinito número, descem para a Indochina, sem que a nossa Geografia lhes tenha podido catalogar, e muito menos, reconhecer com exatidão.

Tais caminhos, por todos os conceitos, perigosos e infindáveis, foram no entanto, percorridos por heróicos viajantes, em curiosíssimos itinerários, de que teremos de nos ocupar em futuros capítulos.

XV

UM POUCO MAIS SOBRE A GEOGRAFIA TIBETANA

Constitui o Tibete propriamente dito, um enorme pentágono irregular de base curva, possuindo cordilheiras de duzentos ou mais quilômetros: as do Norte, cinco a seis mil metros acima do nível do mar, e as do sul, sete a oito mil e quinhentos metros; com passagens e refúgios de quatro a cinco mil metros, o que enche de admiração ao europeu com seu Monte Branco, cujo pico é de 5.000 metros de altura, embora que igual ou inferior a dos próprios lagos de Tengri-Nor, de Sul fur e de Hoc-pa, como também, dos cursos superiores do Ganges e do Hindo.

As linhas sensivelmente paralelas de Oeste a Este daquelas cordilheiras deixam entre si enormes extensões de terra, com ligeiras sinuosidades, restos – como em nossas duas Castelas – de primitivos mares ou lagos interiores, completamente secos desde quando se deu a elevação alpina, a que já nos referimos, e que são fechadas a Este pelo sistema montanhoso a que os modernos geógrafos denominam de Ricchofen.

Os naturais chamam de Jachi ao Tibet do Norte; Jam, ao do Este, que se liga com a Mongólia chinesa, e ao do Sul, de **Po-yul**, ficando de parte a extensa província do Zaidam, como transição gradual da Mongólia com o Tibete. Notabilíssimos os Alpes de Sze-chuen que ficam para o Este e o Sudeste, as selvagens e inexploradas gargantas de Rong-stsub e o Nag-tchang, “o país dos homens grandes como as estrelas”.

O Tibete é um país de lagos salgados, de alturas que quase nunca, ou melhor, nunca se gelam e onde, graças à secura do ar e à falta d’água, o limite das neves perpétuas não baixa dos 6.000 metros de altitude e aí vêm morrer as impetuosas e periódicas monções do Golfo de Bengala. A sua feição altiplana sobrepuja, portanto, a de montanhosa, em quase todo o país; do mesmo modo que, o litoral marítimo alcançado e onde vão desaguar seus grandes rios, é de uns dez mil quilômetros.

Diante das vinte e tantas cordilheiras paralelas tibetanas, os próprios Alpes suíços não passam de simples brinquedos. A imensa cadeia dos Himalaias é quase tão extensa como o Mediterrâneo e, pode-se dizer que, do Gobi até o Golfo de Bengala, ou seja, daquilo que se conhece como o **Tibete máximo**, se interpõe de Este a Oeste mais de cinquenta alinhamentos montanhosos, formando barreiras às monções do sul. Outros dois labirintos montanhosos demarcadores do Gobi pelo Norte e pelo Noroeste, são, respectivamente, os que rodeiam o lago Baikal, o maior lago em montanha que se conhece, e os que cerram o desfiladeiro da Dzungaria ³.

As duas cordilheiras mais meridionais do Tibete são as do Trans-Himalaia ou Gangri e a do Himalaia do Himavat, com alturas que se aproximam mais dos nove mil que

³ Para facilitar a exposição orográfica, segundo os geógrafos, estas cordilheiras podem considerar-se como agrupadas em seis sistemas ou séries, tres delas fora e as outras tres dentro do Tibete propriamente dito, cruzadas em sua parte oriental por Prjevalsky, o pandita Krishna, Carey, Bonvalot, Dutreuil de Rhins, o príncipe de Orleans, Sven Hedin e alguns outros, porém, apenas entrevista em sua parte ocidental, ou seja, aquela que as liga com o Planalto central de Pamir por Plevtsov (1830) e Bower (1831) e que não enviam ao mar, águas de nenhum rio; constituindo um mediterrâneo seco, uma região morta, pantanosa, de lagos salgados e cuja *alma* orográfica é constituída pelo imponente e velho maciço do Kuen-lun mitológico.

Para se ter uma idéia da espantosa solidão que aquelas zonas envolve ao intrépido viajante que por elas se embrenhe, basta dizer que na região do lago ocidental visitada por Huc, através das gargantas de Lug-rab, Tchu-mar, Rabdun e Djung do Tsaidan, se pode percorrer cerca de dois mil quilômetros sem encontrar um povo ou mesmo um aldeão; como no verão, nenhum caçadores furtivos nem grupos de bandidos. Nos 1.700 quilômetros dos outros dois itinerários, encontram-se apenas em duas aldeias a 800 quilômetros de mortal deserto; e em outro, o que vai pelos lagos *Kya-ring*, *Ngo-ring* e *Tong-kor*, 1.300 são de desertos, e em alguns destes *caminhos* das montanhas, os naturais só deixam passar, cada três anos, ao Grande Lama e os monges em peregrinação a Pequim. E é por isso que se qualifica, com propriedade, ao primitivo itinerário de Huc (monge vindo da Europa à China pelo Cabo da Boa Esperança e depois da China ao Tibete), como “um monumento da energia humana”. Que caminhos serão os daquelas passagens que se tem de cruzar, tais como o de Kuku-shili (4.580 metros), ou seja, a altura quase do Monte-Branco; o de Tasila (5.000); o Vermelho (5.150); o da cordilheira Dupleix (5.750), que cruzou Bonvalot e o famoso de Lanak, frequentado pelas caravanas de Leh, aos 5.760 metros de altura? E onde se nos servirmos de montadas para o percorrer, gastaremos perto de cem dias, e mais de quatro meses, se empregarmos outros meios de locomoção mais lentos? Entretanto, os correios do Dalai-lama podem fazer tais percursos em 18 dias, à razão de 120 quilômetros por dia ou, mais ainda, desde que se sirvam do mágico processo do *lung-gon* a que se refere a sra. A. David Neel em sua apreciável obra *Místicos e Magos do Tibete*. – Nota do autor.

dos oito mil metros, deixando apenas como passagens praticáveis, entre as vinte e uma existentes para a Índia, a de Chibden, aos 5.900 metros; a de Kailas aos 6.700 e a de Ibi-Gamin aos 6.235. Na depressão ou semi-planície intermediária, numa extensão de perto de 100 quilômetros quadrados, junto aos lagos sagrados de Manazarnar e de Lanag (4.700 metros de altitude) nascem o Hindo, o Yaru-dzang-po ou Brahma-putra, o Sutlej e o Karnali.

Geologicamente falando, quanto mais para o Norte se dirigem, mais antigas são as cordilheiras tibetanas. Assim é que a de Gangri é quaternária; a do Himalaia, quaternária, pliocena e miocena para o Sul e cretácea e jurássica para a vertente Norte. O Noroeste do Tibete e o Jachi representam enorme desdobramento ou antigo maciço, outrora ligado, à guisa de península, com o grande continente chino-australiano ou lemur, entre os dois primitivos mares do Jachi e do Tarim. Em resumo, um imenso mar devonico existiu primitivamente em torno do maciço do Kuen-lun, que é, talvez, o mais antigo sistema da Ásia e do mundo, onde não é raro encontrar-se bórax, sal e, entre os metais, ouro e até platina.

Nada mais obscuro para os poucos versados no assunto do que a etimologia do nome que leva o país. No entanto, logo à primeira vista sobressai a da raiz **bod**, que em sânscrito é, ao mesmo tempo, a de **bodhi** ou **budhi** (conhecimento); **Bod-pa** ou “país de Bod” é, com efeito, o nome com que os seus naturais o assinalam, juntamente com o de **Bod-yul** ou “país dos de cara vermelha”, etimologia importantíssima que nos conduz à tese sustentada pela obra do argentino Basaldúa “A Raça vermelha na pré-história universal”, ou seja, a “tese erithrea ou atlante” sobre a qual não nos podemos deter aqui.⁴ De **Bod-pa**, “o homen de Bod” e de **Bod-yul**, “país de Bod”, passemos ao **Ti-bot** de Odorico de Pordenone e Horacio della Penna e ao **Te-bot** de Marco Polo e de Rubruquis; ao **Thabet** de Plan Carpin; ao **Thabat**, **Tobbat**, **Tubbet**, **Treboet** e **Tubet** dos geógrafos árabes Ibor Batuta e o Edriss (1154), ao **Tie-bu-té** e **Tu-bo-té** chineses do século XI, ao **Tubat** chines do século V, todos eles relacionados, do mesmo modo, com o **Thub-phod** tibetano, equivalente a “sábio”, “poderoso” e ao **Tho-bod**, “excelso”, “alto”, etc.

A raiz, **bod**, por sua vez, está ligada à de **deva** ou **diva** chineses, que, do mesmo modo, o estão à raiz sânscrita **dev** ou **div**, com seu significado de “alto”, “excelso”, “brilhante”, etc. donde a denominação tão conhecida de **deva**, “espírito elevado” ou “anjo”, enquanto que o **Ti** ou **it**, tão frequente entre os chineses, como entre os astecas, serviram para designar não só os reis do país do Tapa-lama, como ao legendário salvador **It** ou **Ti**, de que nos ocupamos no capítulo X de nosso livro **De gentes do outro mundo**.

Os tibetanos dizem-se descendentes de um deus mono (o **Hanu-man** dos hindus) e da diaba **srin-mo**, analogamente àquela passagem do **Gênesis** (livro que é tão brâmane como ário em suas origens mais do que se possa acreditar), em que fala da **Queda**, quando “os filhos de Deus viram a formosura das filhas dos mones (as **Lilits** tentadoras, metade animais, metade humanas) e a elas se uniram engendrando uma raça de gigantes, que o **Dilúvio** ou catástrofe atlante destruiu”. Porém, quando ao tibetano se chega a inspirar confiança, confessa ele, finalmente, que nos primeiros tempos seu país “foi governado com muita felicidade pelos gênios do deserto”, ou sejam, os **Jinas** ou **Shamanos** do Gobi, aos quais já temos feito várias alusões nos capítulos anteriores e cuja influência, profunda e secreta, sobre a espiritualidade religiosa tibetana através da religião do Bon, apreciaremos melhor quando deste assunto nos ocuparmos. Povos decaídos em idade afastadíssima, idade de oiro, são os selvagens **Tu-fan** ou aborígenes⁵

⁴ Etimologicamente, *Po-yul* designa também a parte tibetana habitada ou do sul, enquanto que *Ja-chi* significa “parte desabitada”, ou dos desertos herbáceos de além Kuen-lun. A respeito dos “erithreos” ou vermelhos ocidentais, veja-se nossa obra *De Sevilha a Yucatán*. – Nota do autor.

⁵ Os *Eolos* ou *lolos* equivalem aos nossos homens da idade da pedra (lenda dos selvagens felpudos de Prijevalsky); os *arrú* e os *jiú* são gentes apenas conhecidas do alto Salwen. E os *jam-pas* de Cachemira e os do Ladak, têm uma mistura maior ou menor do sangue ário (gitano). – Nota do autor.

de Seu-tchen, Junan e Himalaia, que hoje encontra o viajante e também aqueles que os chineses denominam de **san-miaos** do tres vezes sagrado lago Kuku-nor, enquanto que a massa geral do país, hoje, é oriunda dos mongóis, tunguses e calmucas, com seu idioma especial, o **gluya-rung** e sua língua sábia ou literária de **bod-skal** e **chos-skal**, massa geral, acrescentamos, tão imbuída do espírito teocrático feudal que, entre seus vários milhões de habitantes, possui um lama ou monge para cada três laicos...

A bem dizer, o **jam** falado no Este do Tibete, é uma língua **jina** antiqüíssima, cuja pronúncia por eliminação de consoantes (como no hebreu) e transição do mono silabismo **numérico** à aglutinação, perdeu toda a sua arcaica fonética. Assim, o U, com que se designa o distrito de Lhasa, escreve-se antes Vi (do **uigur** ou turco e ibero) ou melhor, **Dbus**. Mais antiga, talvez, do que esta linguagem, encontramos a **guari-jorsum** (**guaraní-jorsum!**) do Oeste (Puring e o Baltisan, ou regiões originárias da grande religião do Bon) e outro dialeto no Pan-jul, ao Norte de Lhasa, que não é compreendido pelos habitantes da Roma tibetana, a oí Baúurxí ou **Bautes** e a Ottorokorrha de Ptolomeu, a região do rio **Bautisos** e dos Attacores, já mencionada por Plínio e onde os sacrifícios humanos eram praticados com todos os seus horrores.

Tudo isto e muito mais que iremos vendo, nos mostram por toda parte as fragmentárias reminiscências das venerandas relíquias de uma civilização perdida, mais antiga e perfeita que a atual e procedente da sepultada Atlântida.

O TIBETE E A TEOSOFIA

APONTAMENTOS DE UM FILÓSOFO

XVI

Os modernos exploradores do Tibete

ALEXANDRA DAVID-NEEL

Deixando de lado outros exploradores do Tibete, aparece diante de nossos olhos, como uma figura gigantesca, aliás, pouco apreciada ainda, a da senhora Alexandra David-Neel, de quem já tivemos ocasião de falar nos capítulos anteriores.

Sua admirável obra de investigação veio completar, sob outro ponto de vista, a de Blavatsky e Olcott, tornando-se, por isso mesmo, indispensável para um conhecimento completo das doutrinas da moderna Teosofia. Os livros escritos pela intrépida viajante tibetana durante quatorze anos, estão sendo traduzidos em todas as línguas ¹.

As proezas desta singular mulher, algo parecidas com as da mestra Blavatsky, são dignas, por várias razões, de especial menção. Ninguém melhor do que ambas falou com tanta clareza e tão profundamente do mistério espiritual e histórico do Tibete.

Em 1910, por ocasião de achar-se o Dalai-Lama ou Soberano espiritual do Tibete, desterrado em Kalimpong, devido a uma revolução política contra a China e sob a proteção do pavilhão inglês ², Alexandra foi visitá-lo à fim de saber se era possível viajar

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

¹ São estes os títulos de seus livros: *Viagem de uma parisiense a Lhassa, À pé e mendigando, Da China à Índia através do Tibete* (Edições Iberia, Barcelona, 1930). – *Místicos e magos do Tibete* (Prefácio de A. d'Arsonval, da Academia de Ciências e Academia de Medicina, Le Plou, Paris, 1923). – *O modernismo budista e o Budismo de Buda* (Alcau, Paris). – *As teorias individuais na filosofia chinesa* (Giard, Paris). – *Socialismo chinês. A Filosofia Meh-zi e a idéia da solidariedade* (Luzat, Londres).

² Os estrangeiros são os únicos que chamam Dalai-Lama (“o lama oceano”, pela intensidade de sua grandeza espiritual) ao soberano do Tibete, título que lhe foi conferido por um antigo imperador mongol. Os tibetanos o denominam *Gyalwa-Rimpotché*, “o precioso conquistador ou jina. Só vai ao Potala ou imensa acrópole que coroa a Lhassa nas grandes solenidades, pois, de ordinário, habita seu palácio de Norbulung; rodeado de vastos parques e com um luxo imponente em suas vilas de estilo chino, hindu e inglês. É tal a fé que nele depositavam todos os habitantes da Alta Ásia, da Sibéria à Índia e da China ao Mar Cáspio, que o vulgo chega a crer que referida categoria espiritual é compartilhada, naquele “telhado do mundo”, constituído pela Alta Ásia, pelo lama *Pantchen-Rimpotché* “o precioso sábio da província de Tsang” (vizinha à província de U, cuja capital é Lhassa), avatar de Eu-pamed, “o Buda místico da Luz infinita” e de Subbhuti, um dos principais discípulos do Buda de Kapilavastu. Habita este último a enorme lamaseria de *Phagri*, que é de uma imponente e bárbara suntuosidade, e da de Chorten-Nyima, na grande planície que se abre hoje, uma vez transposta a fronteira com o Nepal e o Sikkim, sob o protetorado inglês, em um caminho acessível, embora que dificultoso, muito além do Everest (8.850 metros de altitude) do Kintchingjinga (3.450 metros) do pico fronteiro de Jongson (7.300 m.). Tal caminho se acha atualmente fechado, por isso mesmo, é preciso cruzar por portos como o de Nago (5.450 metros) ou os de Kuro e Sepo (5.000 m.), ou seja, por

através do “País das Neves” – vedado ao estrangeiro – com o fim de “coleccionar elementos para uma biblioteca tibetana, com obras originais que não figurassem nas duas magnas enciclopédias do Khandjur e do Tandjur; falar com doutos e autênticos lamas, com místicos e adeptos do país, reputados como eminentes por suas desconhecidas doutrinas esotéricas e conviver, se possível fosse, com eles, penetrando desse modo em um mundo mil vezes mais estranho, ainda que as altas e ignotas solidões do Tibete, mundo dos ascetas e magos, cuja vida transcorre oculta nas cavernas e elevados cimos das montanhas. Através de um olhar profundo, que pareceu penetrar no imo das intenções da interlocutora, o Dalai-lama respondeu finalmente: “Aprendeis o tibetano. Tereis um mestre”.

E assim o fez aquela vontade viril em corpo feminino. Sem se preocupar com doenças nem sacrifícios, aprendeu as inúmeras formas dialéticas da extensa região tibetana e associada ao jovem lama Yongden, dirigiu-se para a China, a fim de voltar dali para a Índia, cruzando de Este a Oeste todo o país, após uma prévia estadia naquela parte meridional do Tibete, que confina com o Nepal e o Sikkim, sob o pretexto da visita ao Dalai, estadia de que nos vamos ocupar agora, por ser mais ou menos a repetição de certos fatos ocultistas que constituem “as preliminares da Iniciação” para todos esses valorosos que põem pela primeira vez o pé na Vereda, isto é, “provas do candidato à Libertação”.

Nesse caso, se positivista fosse o leitor, melhor faria em não ler o que se segue, porquanto, somos obrigados a dar como reais determinados fenômenos e leis ocultas que não enquadram muito bem no marco oficial da observação e da experiência, a não ser que o interessado em esclarece-lo reúna em si todas as condições necessárias de progresso espiritual, para que possa por si mesmo realizar a experiência, como – sem dar conta de tal coisa – a realizou Alexandra, fracassando em parte, segundo vamos descrever.

Nas primeiras páginas de **Místicos e Magos do Tibete** nos relata a intrépida parisiense, que uma vez realizada sua visita ao Dalai-Lama em Kalimpong e dele recebida a benção com aquelas animadoras palavras de “**se quiseres penetrar aprende o tibetano**”, foi forçada a notar, um tanto afastado da multidão de fiéis vindos de longínquas paragens, um indivíduo estranho, assentado à moda hindú e cuja desalinhada cabeleira aparecia debaixo de um enorme turbante, à maneira dos ascetas, embora que levando um hábito monástico, um tanto descuidado e cheio de rasgões. Tal personagem olhava a multidão com uma indiferença algo sarcástica. Perguntou ela ao seu intérprete quem poderia ser aquele Diógenes himalaico, obtendo como resposta, que deveria ser um **naldjorpa** bhutani, ou seja, “um homem dos que alcançaram a serenidade perfeita”, um desses peripatéticos peregrinos solitários, habitantes nômades, já das cavernas mais agrestes, já de antigos edifícios abandonados, e que ali se encontrava de passagem. Admirou-se grandemente Alexandra do que acabava de ouvir e acompanhou-o com o intérprete até chegar ao seu retiro.

Em ali chegando, encontrou novamente o **naldjorpa** que acabava de comer. À atenciosa saudação que lhe fez Alexandra, correspondeu-lhe apenas com um grunhido.

uma altitude maior do que a do Monte-Branco, repletos de retiros de ascetas e de pobres lamaserias, como a de Lachen, aliás, importantíssima, nas expedições da autora.

As simpatias do Trachi-lama pela China anti-militarista o fizeram vítima, em 1910, de traiçoeiras perseguições políticas que, apesar de seu “caráter semi-divino”, esteve a ponto de ser aprisionado ou morto nas revoltas daquela ocasião, narrando-se a respeito, grande quantidade de lendas, como aquela de que ao fugir para as lamaserias da região oriental, como a de Tchiampo, pátria do reformador Tsong-khapa, deixara, em seu lugar, no palácio que habitava, um *tulku* ou fantasma, ocupando todas as suas habituais funções, até encontrar-se em segurança o seu criador. Outros, porém, afirmam que o fantasma foi quem fugiu, ficando seu criador invisível na lamaseria durante dois anos e meio. Tais lendas reproduzem aquelas que os bardos tibetanos cantam relativamente à epopéia análoga do grande rei Gueser de Link, o “messias guerreiro”, cuja volta é anunciada por várias profecias, para quando tal fuga acontecesse, foi causa, talvez, de outras semelhantes da Sudha-Dharma-Mandala, *aos recentes messianismos de certos devocionais teósofos, que assim continuaram* (pese à “doutrina do Reto Caminho”, característica da moderna Teosofia) *a eterna lenda dos “libertadores”* ou redentores, com que, de Prometeu e de Jesus até hoje se vem consolando, em suas dores, o mundo dos vulgares. – *Nota do autor.*

- “Que disse ele?” perguntou Alexandra ao intérprete.
- “Perdoai, senhora, mas... tais pessoas são quase sempre muito rudes na linguagem...”
- “Diz-me, seja o que for”.
- “Pois bem”, replicou simplesmente o intérprete: “Que vem fazer aqui esta idiota?”
- “Diz-lhe que vim perguntar-lhe porque razão ridicularizava daqueles que tinham vindo para que o grande Lama os abençoasse”.
- “Vaidosas de suas valiosas personalidades e do importantíssimo papel que representam” – mastigou o asceta – “não são mais do que vermes que se agitam na lama”.
- “E vós”, contestou Alexandra, “estais salvo de tamanha imundícia?”
- “Tratar apenas de evitá-la é emporcalhar-se mais profundamente... Eu nela debato como o porco; digiro-a e transmuto-a em pó de ouro e em regatos de pura linfa... Fazer estrelas com excremento de cães, eis aí a grande obra!”
- “Meu interlocutor, pelo que se viu” – comenta trivial e incompreendidamente a notável Alexandra – “gostava decididamente das comparações escatológicas, como o melhor caminho para chegar a ser um super-homem”.

E acrescentou o asceta:

- “Estes piedosos leigos têm razão de aproveitar a presença do Dalai, pois são simples e boas gentes que desejam receber sua benção, já que seu espírito não pode ainda elevar-se às altas concepções filosóficas”.³
- “Para que uma benção seja eficaz” – continuou o naldjorpa – “mister se faz que aquele que a dá possua em si uma força capaz de ser comunicada e essa força empregada de diversos modos. Nesse caso, se o Dalai, ou seja, “o Precioso Protetor” a possui, por quem tem ele necessidade de soldados para combater os chineses ou outros quaisquer inimigos? Não pode ele, por si mesmo, por fora do Tibete a quantos lhe desagradem, cercando o país com uma barreira invisível e infranqueável? ‘O Gurú nascido do Loto’ (Padma-shambava) se possui semelhante poder e sua benção alcança realmente a todos seus devotos, embora morando hoje entre os distanciados Rakshasas... eu não sou mais do que um humilde discípulo seu e, portanto...”

O intérprete, junta Alexandra, sentia-se desassossegado, porém, antes de nos separarmos do asceta, oferecemos-lhe algumas rúpias para provisões na sua longa caminhada, moedas que rejeitou, dizendo não necessitar delas. Mas, como o intérprete insistisse em que as recebesse, adiantou-se para aquele que logo pôs as mãos no ventre, onde, a meu ver, havia recebido um tremendo soco **astral**, como uma repulsa um tanto rude do estranho asceta, pelo que, cheio de terror, foi ocultar-se mais adiante.

- “Eu” – terminou comentando, na sua frivolidade parisiense Alexandra – “achei que se tratava apenas de um desequilibrado”.

E aqui foi precisamente – disse em termos do maior respeito – seu erro e seu fracasso ocultista. Se, ao contrário, houvesse compreendido “o significado iniciático da entrevista”, ser-lhe-ia franqueada a entrada imediata no Tibete, como a outros muitos, que as crônicas ocidentais não fazem menção, isto é, “teria encontrado seu Mestre”, como o encontrou Jesus, segundo o Evangelho apócrifo da **Pistis-Sophia**; ou Mateus ao passar

³ Com vistas aos que preferem buscar fora aquilo que se acha dentro de si mesmos, contrariando o aforismo délfico do *Gnosce te ipsum*. E como tal, em eterna adoração a falsos ídolos, pouco importa se encarnados ou desencarnados; ou mesmo um *certo Deus* antropomorfo criado pelas religiões ocidentais. E, muitíssimo pior, os esculpidos por mãos humanas. – *Nota do tradutor.*

diante de Jesus; ou Paulo, a caminho de Damasco; ou mesmo, tantos outros bem intencionados e fervorosos discípulos, de acordo com o aforismo ocultista de que, “quando o Discípulo está preparado o Mestre aparece”, fato provado por todos quantos, sem o suficiente preparo, aliás em grande número ⁴ deram boa fé e com a candura natural das crianças (segundo o “deixai que venham a mim os pequeninos”!; ou então, “não entrarás no Reino do Pai se não te fizeres criança”, do Evangelho), os primeiros e vacilantes passos da Vereda.

Ilustração: Foto

Legenda:

A Sra. Alexandra David-Neel e o lama Yongden em costume de viagem.

XVII

UM FRACASSO OCULTISTA?

No capítulo anterior tratamos de algo que, no mais alto sentido, poderia passar por um fracasso ocultista de Alexandra David-Neel, ao dar, precisamente, seu primeiro passo no caminho da iniciação tibetana. Nossa heroína, com efeito, mal se dirige ao Dalai-Lama, e este lhe promete um mestre que, como sempre, chega oculto às vulgares apreciações, sob um ínfimo traje de **naldjorpa** e através da desconcertante aparência do mais gráfico e genial dos cínicos que, em resumo lhe diz: “Fazer estrelas de excremento de cão, eis aí a Grande Obra!”, a obra alquímica por excelência, de transformar em rosas do Ideal, os estercos da realidade impura. A ainda inexperiente Alexandra, em vez de levantar o véu das francas palavras do asceta, o toma como louco...

A Mestra H. P. B., típica **naldjorpa** que fez reviver no Ocidente a clássica doutrina iniciática, gostava também de falar e de agir segundo aquele da narração precedente. Assim no-lo testemunhou diversas vezes, nosso pranteado amigo D. José Xifré, que tão intimamente conviveu com ela. Ninguém, de outro modo, poderá duvidar que tal proceder constitui uma admirável tática probatória capaz de afugentar o profano não preparado para o caso, ou levado ainda “por mundanos motivos”, enquanto que fortifica em seus propósitos o candidato em condições, ou aquele que sabe separar de tais ilusórias escórias, o ouro fino do Ocultismo que se oculta por baixo, embora a incompreensão e quase escândalo da parte de nossa parisiense, que não acertou em sua desculpável frivolidade européia, em penetrar nas profundezas da sabedoria que ali se continha, pois, com efeito, miséria e “imundícia” são todos os ilusórios “tesouros” deste mundo em que vivemos como simples peregrinos; não sendo outro a nossa missão, isto é, de transformar as “imundícies” materiais e a vida animal em que vivemos no “pó de ouro” do Conhecimento e das límpidas “águas” do Amor, em relação a esse admirável metabolismo operado continuamente pelo homem, de transformar o paralelismo perfeito com aqueles de naldjorpa: os alimentos em forças, as forças em Pensamento, o Pensamento em Amor e o Amor em Vontade de Libertação... Todo aquele que medita um pouco vê outro similar maravilhoso no também “escatológico” símbolo do Escaravelho sagrado egípcio, o Anjo ou Espírito-condutor da Terra (a que aludiram homens como Tomás de Aquino, Kepler, Kant e Wagner) levando por espaços sidéreos esta mísera

⁴ Aparte qualquer espírito de vaidade, mas tão somente por obrigatória homenagem à verdade, recordamos algo parecido com o que ocorreu conosco e que se acha relatado no capítulo “Vários fenômenos psíquicos de minha vida”, de nosso livro *No Umbral do Mistério*. Contos análogos temos também ouvido de outras pessoas que nos merecem todo crédito, cujos contos serão conhecidos se muitas dessas pessoas não pedissem reserva por diversos motivos que não vêm ao caso citar. (Veja-se, ainda, as *Cartas que me têm ajudado* de Jasper Niemermand).

pelota de lodo, que se chama Terra? E quem não vê que todo Ideal humano não é outra coisa, senão, o contínuo semear de flores de ilusão, como esterco da **Realidade** impura, que tanto entusiasmo aos nossos positivistas? ⁵

Nada de mais verdadeiro na Ciência e na Vida como as comparações “escatológicas” que tanto scandalizaram a nossa admirável francesa, muito menos, talvez, que o fariam a qualquer bem educada miss. Todo o problema da produção que é, com efeito, a arte de aproveitar “as obras”, “os estercos”, tanto na agricultura como na indústria, e também na Música, segundo aquele ingrato tema musical de Diabelli, do qual, entretanto, o rude **naldjorpa** Beethoven soube fazer 33 variações, algumas delas verdadeira delícia, muito acima do “imundo” ou baixo tema em que da moderna opoterapia ou o da velha ciência daquele outro **naldjorpa** Frederico Aureola Teofasto Bombast de Hohenhein, mais conhecido como Paracelso, que se vendo perseguido pelos pedantes mediços de sua época, para que lhes desse a chave de seus maravilhosos diagnósticos, e... aborrecido com tão maldosa insistência, fez trazer os restos do banquete e... em bandeja de prata, uma amostra daquelas secreções que, por serem fundamentais na economia de nosso corpo, dão, com efeito, pese a toda a “escatologia” enganadora, as verdadeiras revelações de quanto fisiológico ou patológico acontece no, aparentemente repugnante laboratório de nosso corpo... ⁶

Mas o estranhável do caso, é que nossa admirável David-Neel, que não pareceu ter compreendido todo o alcance iniciático de sua **primeira aventura ocultista tibetana**, narra-nos, no entanto, magistralmente outras cenas iniciáticas análogas, que além de coincidirem com a referida, ainda a suplantam.

Com efeito, a própria Alexandra nos diz em seus **Místicos**:

“As peripécias que precedem à admissão de um discípulo por um mestre; os primeiros anos de seu noviciado; as provas a que é submetido e as circunstâncias em que se opera sua iluminação espiritual, constituem o tema para a novela mais curiosa. Relatarei em primeiro lugar a história, completamente legendária e simbólica do modo por que Tilopa, o bengalês, foi iniciado na doutrina que, depois dele foi importada pelo Tibete e que se lhe transmitiu de mestre a discípulo na seita dos Khagyudpas, da qual é o tronco espiritual.

Tilopa está sentado estudando um tratado de filosofia, quando uma velha mendiga surge por trás, procurando ler algumas linhas por cima de seu ombro, e lhe pergunta bruscamente:

– Compreendes o sentido daquilo que estás lendo?

⁵ A base de todo ensinamento ocultista está em sobrepujar as rotinas, preocupações e demais erros de nossa vida ordinária como pessoas *bem* e pouco *shokings*. Assim, longas são as torturas que a educadíssima Condessa de Wachmeister (torturas ou provas referidas por ela própria em suas Memórias), teve de submeter a Mestra H. P. B. para despojá-la de seus prejudiciais títulos aristocráticos, que poderiam servir-lhe de outros tantos obstáculos mundanos na Vereda. E nada digamos de outras iniciações, como a jesuítica contida nas célebres regras dos *Exercícios Espirituais* de Inácio de Loyola, onde toda vulgaridade mundana fica de fato abolida, como se pode verificar lendo as passagens que a tal respeito consagra a *História interna e documentada da Companhia de Jesus*, do Padre D. Miguel Mir, e que os seus sequeiros estão empenhados em fazer desaparecer das bibliotecas. – *Nota do autor.*

⁶ “Sadhus” e “naldjorpas” e “mestres” mereceriam, não meros capítulos, porém, obras inteiras a eles consagradas e que algum dia, quando houver verdadeira cultura psicológica no Ocidente, haverão de ser escritas. O homem comum, com cultura ou sem ela, faz recordar bastante nas orientações, ou melhor, nas “desorientações” de seu espírito, sempre atraído pelo exterior, ao personagem daquela parábola que David-Neel nos transmite de alguém que caminha para um lago situado à Este, porém, que ao perceber o fumo de uma cabana, que divisa ao Norte, muda de rumo e se dirige para ela, a fim de tomar um bule de chá. Alguém, uns fantasmas, aliás, lhe embargam o passo no novo caminho, o que o faz fugir aterrorizado para o Sul. Aí se encontra com outros que o fazem fugir para Oeste, indo com eles também, não sem que logo novos incidentes lhe façam mudar, uma e outra vez de rumo, segundo aquele jocoso dito de Campoamor de “Aí daquele que vai do mundo a alguma parte e se encontra com uma ruiva no caminho... Semelhantes homens poderão ser tudo no mundo, menos *naldjorpas* nem *tulkus*, por não reunirem a condição fundamental do verdadeiro discípulo que, deslumbrado, não pelo mestre, mas pela sua doutrina, doutrina cujo primeiro fulgor o deslumbra como a Mateus diante de Jesus, pela primeira vez, ou a Paulo no caminho de Damasco, não só não vacilam, como também desejam outra coisa, senão, Àquele. A santa chama da “vocação” que através da história feriu, com a rapidez do raio, a todos os eleitos (o “juro ser Beethoven ou nada”, de Wagner, ao ouvir pela primeira vez a magia da *Quinta Sinfonia*), é algo divino e iniciático; do mesmo modo, em todo discípulo apto a sentir o primeiro contato espiritual com a salvadora doutrina do Mestre. Perdoe-nos o leitor, ou melhor, a autora de *Místicos e Magos do Tibete*, a longa citação, quase um saque, que nas últimas páginas

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

deste último livro vamos realizar movidos pelo nobre desejo de por, pela primeira vez aliás, ao alcance do público algo que lhe convém saber, pese aos costumeiros ceticismos com que acontece serem olhados estes santos problemas. – *Nota do autor.*

Tilopa fica indignado por uma vulgar mendiga lhe ter dirigido pergunta tão impertinente; porém, aquela descobre seu pensamento e escarra irreverentemente sobre o livro. O leitor ergue-se indignado:

- Quem é este diabo que assim ousa escarrar sobre as Santas Escrituras?

Como resposta a bruxa escarra mais uma vez sobre o livro, pronunciando uma palavra, cujo significado Tilopa não pôde compreender, desaparecendo como por encanto. Por estranho sentimento, a referida palavra, que para Tilopa não foi mais do que um som indecifrável, fez-lhe calmar imediatamente a cólera. Uma penosa sensação de lassitude estendeu-se por seus membros e as mais estranhas dúvidas se levantaram no seu espírito. Nenhuma importância tem que ela, o próprio Tilopa ou outros mais houvesse compreendido a doutrina exposta no livro. O que importa saber é o que foi feito dessa misteriosa velha? Que palavra incompreensível havia ela pronunciado? Deseja sabe-lo Tilopa: averiguá-lo torna-se, para ele, indispensável.

Tilopa parte, pois, em busca da misteriosa desconhecida. Após longas e fatigantes pesquisas, ele se encontra certa noite num bosque solitário (outros dizem que num cemitério). ‘Seus olhos encarnados fulguram como tochas no seio das trevas’. Porque, convém advertir, que a velha é uma Dakini, raça de fadas que desempenham importante papel no misticismo lamaísta, como iniciada em secretos ensinamentos, para os que a veneram ou mediante certos processos mágicos, sabem obrigá-las a isso. Dá-se-lhes com freqüência o título de “mães” e se lhes representam em forma de velhas encurvadas, mas cujos olhos são **encarnados** ou **verdes**.

No decorrer da entrevista, a bruxa dá a Tilopa o conselho de que vá ao país das Dakinis para entrevistar a sua rainha. No caminho que ao mesmo conduz, esperam-lhe inauditos perigos, diz ela: abismos, furiosas torrentes, ferozes animais, horríveis aparições, traidoras visões, demônios insaciáveis... Se se deixar dominar pelo terror; se se afastar um pouco do estreito caminho, como um fio que atravessa tão terrível região, será implacavelmente devorado pelos monstros. E se acossado pela sede ou pela fome, beber nas frescas fontes ou comer dos frutos ao alcance de suas mãos, ou mesmo, se quiser descansar debaixo das árvores, que a tanto o convida a sua sombra agasalhadora; ou ainda, se cedendo diante da sugestão das formosas ninfas que tratam de o seduzir, fica imediatamente louco e incapacitado de encontrar o caminho. Como viático, enfim, a velha lhe dá uma fórmula mágica, que Tilopa tem que repetir incessantemente, com o pensamento nela unicamente concentrado e sem pronunciar uma só palavra: surdo e cego diante de tudo quanto o cerque.

Alguns julgam que Tilopa levou a efeito esta viagem fantástica. Outros mais, ao par das percepções e sensações que costumam acompanhar a certos estados de êxtase, vêm na velha uma espécie de fenômeno psíquico. Não falta, enfim, quem suspeite ser tudo isso uma descrição simbólica. Seja o que for, narra a história que Tilopa encontrou em seu ordálio com as visões terríveis ou encantadoras que lhe havia anunciado a bruxa; franqueou abismos rochosos e torrentes avassaladoras; caminhou através da neve; sua pele foi queimada pelo sopro escaldante de arenosos desertos, sem deixar, no entanto, de meditar na mágica palavra. Finalmente, chegou diante de um castelo de muros de bronze que, batidos pelos raios do sol, espalhavam um reflexo ardente capaz de cegar àquele que os mirasse...

E em cujas portas gigantescas, monstros femininos ameaçavam tragá-lo com suas ígneas fauces escancaradas; enquanto que, árvores não menos gigantescas, serviam-lhe de obstáculo com seus ramos e folhas afiadas como navalhas. Tilopa, entretanto, entrou vitorioso no encantado palácio; atravessou inúmeras salas e labirínticos jardins, sem se deter um só instante, até chegar à câmara da rainha. Esta, que era de uma divina beleza, vestida de sedas e coberta de pedrarias, achava-se sentada num trono maravilhoso, acolhendo bondosamente o herói que transpôs os umbrais do recinto, pronunciando

sempre, mentalmente, sua fórmula mágica. Mas que, sem reparar em detalhes nem convencionalismos, galgou rapidamente os degraus do trono; despojou brutalmente a rainha de suas jóias, flores e vestidos, violando-a sem seguida. A conquista de uma **dakini**, seja por violência ou por magia, é um tema corrente na literatura mística dos lamaístas, como uma alegoria relativa à conquista da verdade, mediante certo processo psíquico de desenvolvimento espiritual.

Tilopa logo transmitiu sua doutrina a Narota ou Naropa e este a Marpa, que a introduziu no Tibete. O eminente discípulo de Marpa, o célebre asceta-poeta Milarespa, comunicou-a, por sua vez, ao seu discípulo Tagpo-Lhadji e a linha continuou assim até chegar aos nossos dias. A biografia do filósofo Narota, herdeiro espiritual de Tilopa pinta de modo pinturesco, porém, não tão fantasticamente como se pudesse crer à primeira vista, as provas imaginadas por um mestre do “Reto Caminho”, à fim de confundir ao seu discípulo. A história das doze grandes e doze pequenas provas do sábio Narota é clássica entre os místicos tibetanos e repetida com frequência e como exemplo aos jovens naldjorpas”, segundo se verá no seguinte capítulo.

O TIBETE E A TEOSOFIA

APONTAMENTOS DE UM FILÓSOFO

XVIII

LHASSA

Aos mil metros de altitude, mais ou menos na metade da distância que separa, de norte a sul, os dois grandes lagos de Tangri e de Yamdor; à margem direita do, outrora fértil, vale de Kyi-tchu (ou rio **Kyi**, cujo nome faz lembrar o da raça **kytchua** sul-americana) ¹, nas imediações de uma imponente cordilheira, hoje completamente despida de vegetações e sobre o **tsi** ou colina do Potala (espécie de “Cêrro dos Anjos” matritense ou de acrópole grega), estende-se Lhasa, a mais importante capital e cidade do Tibete, a Roma lamaísta – para onde convergem tantas aspirações religiosas e exploradoras – com seus dez quarteirões ou bairros de Lhasa-Chen, Lu-bu, Ju-tog, Banad-jong, Rama-tché, Tsé-maling, Tsé-gyai-ling, Tsé-cho-ling, Parkor e Nord-bu-ling, com seus habitantes sempre nas ruas, “alegres e confiantes” – quais cidadãos de simples aldeias – mas onde

¹ Não só esse nome, como os traços fisionômicos, etc. entre mongóis e tibetanos, são iguais aos das raças pré-colombianas. Nossos próprios índios se assemelham extraordinariamente com aqueles dois povos que, bem se pode dizer, fundem-se em um só. Nesse sentido, citaremos alguns trechos da obra do Sr. Nicolas Roerich, intitulada *O Coração da Ásia*: “Ao falar dos mongóis é preciso indicar certos sinais de antigo vínculo étnico entre América e Ásia. Em 1921, ao travar conhecimento com os índios Povos de Novo México e Arizona, vi-me forçado a exclamar repetidas vezes: ‘Porém, são verdadeiros mongóis!’ Seus traços fisionômicos, detalhes de suas vestes, maneira de montar e até, de suas cantigas, transportaram minha imaginação ao outro lado do oceano. E agora que tive a oportunidade de estudar os povos do interior e exterior da Mongólia, fui forçado, ainda, a recordar-me dos índios daquele lugar. Algo inexplicável, mas fundamental, que vai mais longe do que simples teorias, une a ambas as nações”.

E continua:

“Entre os mongóis ouvi um conto mágico que saía do coração da Mongólia. Relatava, em forma poética, como viviam dois irmãos em terras contíguas e quanto se amavam; porém, o *Dragão do Fogo agitando-se subterraneamente*, fez com que a terra se abrisse para

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

os separar. Suas almas aspiravam unir-se. Assim é que, pediram às aves que levassem suas recíprocas mensagens. E agora; esperam que as *celestiais aves de fogo* os conduzam através do precipício, unindo os irmãos separados. Nessa forma poética é narrado o fenômeno do cataclismo cósmico, transformado em símbolos pela voz do povo.

“Tinha eu muitas fotografias dos índios do Novo México e do Arizona. E quando as mostrava em remotos acampamentos mongóis, diziam-me: “Porém, estes são mongóis!” Desse modo se reconheciam os irmãos separados!” – *Nota do tradutor.*

o serviço higiênico muito fica a desejar, porquanto, como bons tibetanos, preferem tudo fazer publicamente...

A sagrada colina do Potala, dominando todo o conjunto da cidade e sua planície, destaca-se à grande distância, devido à cor avermelhada de seus edifícios e o enorme terraço que os sobrepõe. Daí se descortina todo o panorama do vale até as mais longínquas paragens do norte, donde se erguem violáceas montanhas, em cujos pés se estendem, de um lado, o rio, e do outro, a branca casaria do mosteiro de Sera, há uns quatro quilômetros da famosa colina. Ricos edifícios de uma suntuosidade bárbara, onde se fez um verdadeira desperdício de ouro, prata e pedrarias, além de curiosíssimos frescos chineses, representando deuses e cenas religiosas do velho lamaísmo, abraçam a antiga casaria de Lhasa com o cimo do Potala, por escadarias, cuja ascensão é um encanto para a vista. Junto ao Potala existe a escola de Djo, como o mais santo dos recintos tibetanos, pelo fato de nele serem ensinadas a Magia e a Medicina, mas não, o que por medicina do corpo se pudesse entender no Ocidente, mas, por esta outra “medicina integral”, que o progresso dos tempos modernos há de fatalmente despertar do passado, para a Humanidade doentia de hoje, realizando o ditoso consórcio da galênica-ciência com a magia-sacerdotal, à fim de que, desde esse dia se possa considerar como um só Todo, corpo e alma, demonstrando com isso que, as culpas ou pecados, não são mais do que a etiologia mais profunda das enfermidades físicas, e estas, a sugestão orgânica de novos pecados, segundo a sábia síntese organo-psíquica, que ainda resplandece nos incompreendidos e clássicos tratados de terapêutica oriental, conhecidos vagamente na Europa com os títulos de **Karaka** e **Shkruta**... ²

Apesar das amplas estâncias do Djo-kang se elevarem junto à cúspide da referida colina, repletas de estátuas de tamanho natural – representando os múltiplos deuses do panteon lamaísta – são verdadeiras criptas, por carecerem de qualquer abertura por onde a luz possa penetrar, contrariamente às nossas catedrais cristãs que, embora criptas também, segundo seu clássico simbolismo, possuem, ao menos, as magníficas e misteriosas policromias de seus custosos vitrais. Lâmpadas eternamente acesas, em substituição àquelas outras “lâmpadas inextinguíveis” da Magia primitiva ³, iluminam tão sombrios recintos, onde as trevas mal irmanadas com a vacilante luz, emprestam fantásticas tonalidades à infinita hoste hierática, fazendo lembrar um mundo de mortos-vivos. ⁴ Sobressaindo entre aqueles personagens do tantrismo “maha-yamista”, ergue-se a gigantesca estátua de sândalo dourado, príncipe indiano Sidharta-Sakya-Muni, antes de haver alcançado, por seu próprio esforço, a gloriosa iluminação natural de um Buda. O Lha-kang, ou “morada dos deuses”, da colina de Djo, é um símbolo de toda a longa história religiosa da Alta Ásia, desde o Xamanismo (ou Shamanismo) e a excelsa religião do Bon, até o budismo reformado de Tsong-Kapa, através do **lamanismo** ou “espiritismo oriental”, que é, pese ao Buda e seu discípulo Tsong-Kapa, a religião do país.

² A respeito dessas duas sábias enciclopédias médicas, veja-se em nosso livro *Hacia la gnosis* (2ª ed.) o capítulo intitulado “O Jayurveda bramânico”. – *Nota do autor*.

³ Tais “lâmpadas inextinguíveis” podem ser interpretadas de vários modos, aliás, com sete chaves diferentes, conforme exige a própria Cábala. Nesse caso, tanto elas podem referir-se às “chamas da Sabedoria inextinguível”, como ao “candelabro das 3 velas”, estreitamente ligado à 21ª letra hebraica – o SCHIN (3ª letra-mãe); do mesmo modo que, em sentido mais humano, às misteriosas lâmpadas etéricas, que iluminavam as catacumbas subterrâneas e os túmulos faraônicos. Os próprios arqueólogos são unânimes em afirmar que “ao darem entrada em tais lugares, notam uma luz violácea, que logo se extingue com a penetração do ar viciado do exterior, naquele ambiente repleto de enigmas indecifráveis”. – *Nota do tradutor*.

⁴ Não é apenas em Lhasa onde existem criptas desta natureza; o fato é frequente em toda Ásia. Em Yun-Nan, província ao sudoeste da China, confinando com a Birmânia e a grande Ásia, existe um curioso mosteiro com 500 admiráveis esculturas policrômicas, com olhos de cristal, cabeleiras autênticas e vestidas com as túnicas dos “araths” ou eleitos que gozam do Nirvana mais perfeito, prometido nos ritos budistas.

A impressão que tais figuras produzem aos viajantes, é de verdadeiro pavor, porquanto, elas parecem estar animadas por uma vida incompreensível, tal como se em seus corpos de madeira habitassem alma e cérebro.

Em Yun-Nan se conhece essa residência monástica como “o mosteiro dos quinhentos ‘araths’”.

Os turistas que o têm visitado dizem a seu respeito coisas estranhas, e até inconcebíveis. Em suas narrações há um misto de

O Tibete e a Teosofia
Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

curiosidade e de terror. — *Nota do autor.*

Razão porque nas festas inaugurais de todo ano – durante as quais acorrem para Lhasa milhares de peregrinos, inclusive, dos lugares mais distantes da Índia, China e Mongólia – prega, “apenas, para religiosos”, o excelso Galdenti-pa, o filósofo oficial do Tibete, que durante o resto do ano ocupa na lamaseria de Galden, a 30 quilômetros a este de Lhasa, o trono de Tsong-Kapa, o reformador. Pelo que se deduz de várias lendas relativas àquela estátua, ela não é obra de mãos humanas, mas sim, criada por si mesma e vinda pelos ares a Djo, procedente da Índia e da China, tendo feito antes, inúmeras profecias, como verdadeiro “terafin” ou oráculo falante, semelhante ao que a tradição hebréia atribui a Tarah, o pai de Abraão, e até, o que a velha tradição caldaica por sua vez atribui ao mago comerciante Kutaná, ⁵ (o Mestre Kut-humi dos teósofos), autor do livro do século XIII, antes de J. C., que através de hebreus e árabes, chegou ao Ocidente em 1860, com o simbólico título de **Agricultura Nabatéa** e que foi uma das principais bases da magna obra de H. P. B. – A DOUTRINA SECRETA. Aqueles **lamas-mumias** dos mais recônditos recintos do Djo-kang, alinhados ao longo das paredes, fazem lembrar as múmias de certas criptas astecas, encontradas pelos conquistadores espanhóis do México, por sua vez, alinhadas em galerias infundáveis, mas que o fanatismo religioso daqueles as fez destruir.

Contornando a cidade, sob a sagrada colina do Potala, à guisa dessas estradas circulares que demarcam o perímetro das povoações, encontra-se um largo caminho, que serve de entroncamento às “vias de ferradura” (ou de montarias), que ligam Lhasa, pelo Sul, à Índia, e pelo norte, através das solidões herbáceas, à região dos grandes lagos e o deserto, à Mongólia, Sibéria, Mandchuria, China e Turquestão. O gigantesco de tudo isso – do qual não podemos fazer idéia, principalmente, sem nossas estradas de ferro, pistas, estradas de rodagem, etc., – é o secular comércio que por aí se mantém através de milhares de quilômetros – embora as surpresas desagradáveis dos bandoleiros de estrada – com Chumbi e Darjiling do Sikkim (Índia), com Patua do Nepal e Leh de Caxemira; com Davanghiri do Assan (Indo-China), Tat-sienlu do Szechuen (China),

⁵ Melhor dito, Ku-tami (ou antes, Qu-tamy). Já tivemos ocasião de provar que não existe um só Morya, um Kut-Humi ou Serapis. Tais termos não servem para designar uma personalidade, mas uma linha ou categoria de seres elevados. Djval-Kul era um Kut-humi, ou antes, um Kut-Humpa, que é o plural do primeiro nome. É conhecida no mundo teosófico uma carta de Mohimi Mohan Chattergy, quando em Dargeling. Figura em tal carta o seguinte trecho, que vem comprovar tudo quanto acima ficou dito: “Certa vez chegou aqui um tibetano vendedor de bugigangas, o qual veio ter à minha porta para oferecer a sua mercadoria. Sabendo eu e demais que Sunduck, pois era este seu nome, pertencia à seita dos Gelugpas, fizemos-lhe várias perguntas sobre a existência dos Mestres e de outros Seres, que se dizia, eram dotados de poderes extraordinários, etc. Sunduck respondeu que tais Seres existiam e não eram ‘lamas’ comuns, mas muito superiores àqueles. Que a sua maioria, habitava as montanhas de Chigatsé, próximo à cidade de Lhasa. E narrou grande número dos seus feitos. Nesse interim, alguém lhe mostrou um retrato do Mestre *Kut-Humi*, sem lhe dizer uma só palavra. Sunduck tomou-o em suas mãos, admirou-o por alguns segundos e curvando-se, com todo respeito diante do retrato, disse: ‘É um Chohan (Mahatma), muito meu conhecido. Já o tenho visto entre vários Ghelungs, principalmente na cidade de Jahantsi, há dois dias de Chigatsé’. Perguntando-lhe como se chamava tal Ser, ele logo respondeu – com grande admiração de todos – que ‘eles eram conhecidos como os *Kut-Hum-pa*’. ‘Mas por que dizeis *eles*? Refere-se a um ou a vários?’ – ‘Os Kut-Hum-pa são numerosos e assim se chamam, porque cada um deles, inclusive seu Guru, tem o apelido de *Kut-Humi*’.

Não resta a menor dúvida de que, nenhum dos Mestres do início da S. T. de Adyar ousou dar seu verdadeiro Nome, mas sim, o de sua categoria ou Linha. Sabia-o H. P. B.? É provável. Mas o fato... é que, de modo algum o souberam até hoje seus sucessores, porquanto, continuam sempre chamando de Kut-Humi, Morya, Serapis (esse, então, eles nada sabem a seu respeito), etc., a determinados Seres, quando Seus verdadeiros Nomes são bem outros. Sem falar numa certa afirmação fantástica de alguém que já desapareceu do mundo, que o “mestre Kut-Humi era um fazendeiro do Tibete”; chegou ao ponto de desenhar sua casa, etc. E muito pior! “Que ele vivia com uma irmã (ou coisa que o valha) que fazia saborosos doces”, etc., sem ter a devida “vigilância dos sentidos”, para reportar-se a *certa carta* do mesmo Mestre (Vide Cartas dos Mestres de Sabedoria) onde ele recusava manter correspondência com certa dama teosofista, do início do movimento teosófico, “porque sua Ordem lh’o proibia”. Ora, se a Ordem proibia uma simples correspondência com mulher, quanto mais... de morar o mesmo com qualquer delas, mesmo que fosse sua irmã ou mãe! E é assim que se pensa estar na doce convivência desses Seres, a ponto de se procurar saber (por vozes *soprando* nos ouvidos)..., “se se deve ou não tomar esta ou aquela casa; fazer este ou aquele negócio, etc., etc.” fatos esses que podem *cheirar* a espiritismo barato e... outras coisas mais, porém nunca, à Teosofia, no seu excelso valor iniciático. – *Nota do tradutor.*

Simning da Mongólia e ainda, com Khotan e Kasgar (Rússia trans-cáspia). Na baixada de semelhante caminho de circunvolução de Lhasa, donde partem outras gigantescas vias repletas dos maiores obstáculos que se possa imaginar, desenrola-se a típica procissão do **Serpang**, como um dos maiores atrativos das festas do começo do ano, festas essas mui bem descritas por Alexandra David-Neel, em seu livro tantas vezes referido. Sob os auspícios presidenciais do próprio Dalai-lama e partindo do mosteiro de Djo, a carnavalesca e supersticiosa mascarada, sai com seus “gigantes e cabeçudos”, representando, talvez, os diversos deuses autóctones do lamaísmo, e com suas **tornas** (verdadeiras “fallas valencianas” de artísticas construções em cana e palha, que são queimadas sob as aclamações da multidão, tal como em nossa grega cidade do Turia), exhibe-se, assim, ano após ano, essa reminiscência de ancestral barbaria oriunda daquela religião sangrenta dos deuses autóctones, hoje encerrados nas catacumbas de Djo, sob a permanente custódia de aterrorizados **trapas** ou noviços sob pena de maiores calamidades para o Tibete – o curiosíssimo ato de magia conhecido por **Lud-kong-kyi-gyalpo** ou do “sacrifício do chivo sarnento ou mensageiro”, do qual nos ocuparemos no seu devido lugar, como uma das muitas reminiscências ancestrais, que infelizmente, subsistem até hoje em vários lugares da Europa civilizada.

A. Garrigues, seguindo a obra de David-Macdonal **Mœurs et coutumes des Thibétains** (trad. Billot, Payot, Paris 1930) estuda a medicina no Tibete, dizendo acerca da escola da cúspide de Chak-pori, fundada sob a proteção dos “Oito Budas Caçadores” por Sangys-Gyastho, filho natural de Lobsang Gyasto, o 5º Dalai-lama (1676/1696) que, os estudos ali, duram **oito anos**. Todo **doutor** é, ao mesmo tempo, **lama** e qualquer culpabilidade, moral ou física, é excluída do **médico-sacerdote**.

Como prova dessa misteriosa ligação de tradições tibetanas, que em velhos tempos passaram no Ocidente, citemos a que nos refere Alberto Garrigues em seu referido estudo: “É conhecida de todos a cerimônia que punha termo aos exames do licenciado pela antiga Faculdade de Paris: a cerimônia simbolizava os desposórios do candidato com a Ciência médica. Aquele ia ao lado de um **companheiro da desposada**, por um paraninfo (do grego **paranynphos**, que quer dizer: “ao lado da desposada”), isto é, por um Mestre ou Gurú iniciador, dizemos nós. Assim é que, por estranha coincidência, quando nos mosteiros tibetanos o noviço ou **gesthul**, passa a ser aluno ou **trapa**, celebra-se uma cerimônia que simboliza o desposório do gesthul com a “igreja ou mosteiro”.⁶ O recipiendário, com um feixe de pequenos bastões de incenso na mão, é conduzido ao seu novo lugar por uma lama que, por sua vez, é chamado de “Companheiro da Desposada”. Tal instituição de **companheiro** e **filósofo** iniciador (“amigo da Sabedoria”, com quem o

⁶ O fato tem reprodução nos “desposórios das freiras e irmãs de caridade” com o Cristo parcial, ou antes, pessoal. Como se sabe, elas se dizem “esposas de Jesus”, que *as receberá*, dizemos nós, *no céu, durante a noite nupcial das eternidades sem conta!*... Tal consórcio ou “união mística” possui sentido muito mais lógico, para não dizer, *iniciático*, no da “união da Alma com o Espírito”, segundo aquela tão mal interpretada fábula mitológica de “Psiké em busca de seu esposo”; do mesmo modo que na teosófica, do “Eu-Inferior querendo unir-se ao Eu-Superior”, como a Divina Tríade: Atma-Budi-Manas, ou o “Eu-Consciência Imortal”. O mesmo fato para a Teofania neo-platônica, ou da “iluminação do homem pelo Divino”. Sem falar nessas inúmeras lendas (mitológicas ou não) de “certo cavaleiro que sai pelo mundo afora, sujeito a mil peripécias, em busca de sua dama”, inclusive, a de “Perseu e Andrômeda”, e do próprio São Jorge (que a Igreja copiou da primeira), o qual salva uma princesa das garras de um dragão, que o mesmo abate, (segundo pode ser constatado nas imagens expostas à venda, do famoso “Príncipe da Capadócia”). Muito mais poética, para não dizer *iniciática*, é a do tema Wagneriano, ou a de “Lohengrin e Elsa”, sem falar noutros grandes simbolismos que tal “lenda brabantina” (de que se serviu o excelso Wagner) possui, embora que velada aos olhos daqueles que só “enxergam a letra que mata”, ao invés do “espírito que vivifica”.

Quanto à do “Cavaleiro da Triste Figura”, que o grande Cervantes idealizou, como crítica às altas Cavalarias de antanho... possui, por sua vez, imensos valores *iniciáticos*, a começar pela do homem vulgar que procura fora aquilo que se acha dentro de si mesmo, segundo o aforismo délfico do “Gnosce te ipsum” ou “Conhece-te a ti mesmo”.

De fato, é dentro, e não fora, onde se encontra a “centelha crística”, (como se a conhece teosoficamente), ou melhor, a Consciência Imortal, como a maior de todas as Verdades. Razão porque as iniciações orientais nos ensinam: “quando o discípulo está preparado o Mestre aparece”. Mestre esse que não é nenhum personagem barbado e de turbante, como pensa a maioria, inclusive de teosofistas, mas o do Eu-Consciência como o Mestre dos Mestres! Contrariamente, viverá sempre o homem (como eterna criança a brincar com fogo... e tudo mais quanto *queima!*...) em busca de uma “Dulcinéia e Toboso”, que logo se transforma em simples camponesa; ou a “dar combate a moinhos de vento” e “rebanhos fantásticos” (qual “Cavaleiro de tristíssima figura”), por serem as “ilusões dos sentidos” ou de Maia, que se desfazem como simples miragens no Deserto da vida. Daí, a exclamação do discípulo ao seu pretenso Mestre, segundo as escrituras orientais (de que já se serviu alguém para dar como coisa sua...): “Do ilusório conduza-me ao Real. Das trevas à luz. Da morte à Imortalidade!” – *Nota do tradutor*.

candidato tem que se casar), é a base da universal instituição dos padrinhos (ou testemunhas, dizemos nós) para todos os momentos solenes da vida que, de um ou outro modo, simbolizam **iniciação**.

XIX

SHADUS E NALDJORPAS ¹

¹ Quem vem acompanhando os vários capítulos de “O Tibete e a Teosofia”, deverá lembrar-se que, no número 80 desta revista (anotação 1 do Capítulo XI), levamos ao conhecimento de seus leitores, a valiosa oferta dos diletos filhos do autor (o insigne Teósofo e cientista Dr. Mario Roso de Luna), de vários originais e recortes encontrados no seu arquivo, para futuros capítulos de uma obra mais completa. Do mesmo modo que, a revista *El Loto Blanco*, que se edita em Barcelona (e onde colaboram os mais ilustres Teósofos do mundo) havia publicado os 21 primeiros capítulos, não fazendo, portanto, dos demais, pelo autor não os ter ainda preparado, como prova, inúmeros deles, só possuírem os títulos; outros, recortes apenas de jornais e anotações para uma futura obra devidamente correta. E ainda mais, nos 21 capítulos publicados por aquela conceituada revista espanhola, não figurarem os de nºs 19 e 20, por não os ter o autor, do mesmo modo, preenchido. Nesse caso, o presente capítulo finaliza, segundo a nomenclatura verdadeira por nós adotada, a série publicada por *El Loto Blanco*, embora as diversas anotações nossas (da primeira série), como tradutor da obra que o autor nos “ofereceu para ser publicada na querida língua de Camões”. E seus filhos, completando os espirituais sentimentos de seu querido e saudoso Pai, faziam oferta de tudo quanto o mesmo possuía em referência à sua última obra, infelizmente por acabar, devido o seu inesperado e prateado desaparecimento da arena da vida.

Nesse caso, o esforço do tradutor tem sido até agora, relativamente insignificante, para doravante, tornar-se – não valioso – mas, de fato, imensamente difícil de levar a bom termo, como já dizíamos naquela mesma anotação do número 80 desta revista: “Assim é que o trabalho a que nos propusemos, exige esforço sobre-humano, difícilimo, portanto, de ser levado a *bom termo* por quem não possui outros dotes, senão, os da melhor boa vontade para com os leitores desta revista, além de imorredora gratidão, amizade e respeito à memória do autor, cujos transcendentes reflexos, como dissemos, se acham naqueles dois entes a quem tanto amava: seus dignos filhos Ismael e Sara. Por isso mesmo, o tradutor de tal obra, deverá ser tomado, apenas, como um péssimo escultor querendo dar os últimos retoques na obra-prima de um gênio desaparecido da Terra, antes de haver realizado seus sonhos de artista incomparável”, etc.

E foi ainda assim que, por uma homenagem ao autor e sua digníssima família, começamos a ilustrar tão valiosa obra, com fotografias adequadas, não só de nosso Arquivo particular, como de ofertas de outras pessoas que, por sua vez, nos são mui caras.

Até agora já foram publicados 19 capítulos. Do futuro em diante, terão eles os seguintes títulos:

- XX – Os Naldjorpas tibetanos e Alexandra David-Neel;
- XXI – As primeiras *invasões* da Sra. David-Neel no Tibete;
- XXII – Da China à Índia através do Tibete;
- XXIII – Deuses e Homens;
- XXIV – A Religião do Bon e a Primeva Sabedoria;
- XXV – O Reto Caminho e as religiões positivas;
- XXVI – Os eremitas tibetanos e a Sabedoria Perdida;
- XXVII – A Grande Loja Branca e as Jerarchias na Sudha-Dharma-Mandalam;
- XXVIII – Algo sobre o sufismo parsi e mulçumano;
- XXIX – O Lamaísmo ário ou a religião do lar e do espírito;
- XXX – Lamaserias, línguas e Panorama religioso tibetanos;
- XXXI – Os Jinas tibetanos e seus Tulkus;
- XXXII – As crianças tulkus tibetanas e seus prodígios;
- XXXIII – Mais sobre a doutrina dos Tulkus – A vibração do Logos através de Jinas e Tulkus;
- XXXIV – A religião totêmica: Chamanismo ou Camanismo;
- XXXV – Mais sobre religião totêmica: Homens e Demônios;
- XXXVI – Magia e Feitiçaria;
- XXXVII – Agnus Dei quitolis peccata mundi...;
- XXXVIII – O TUMO;
- XXXIX – O TCHEND;
- XL – Magia funerária;
- XLI – Cerimônias e banquetes funerários;
- XLII – O Bardo Todol;
- XLIII – Os Lung-Gom;
- XLIV – Kyikhores Tulpes e outros elementos mágicos;
- XLV – Budismo e Bodismo;
- XLVI – A Sankhya: A Reforma Gelugpa;
- XLVII – Mongólia !... Mistério dos Budas Vivos...;
- XLVIII – O futuro Buda Branco;
- XLIX – O Buda Vivo do Ocidente !... Mistérios Jinas do Brasil ! A Missão da 7ª sub -raça ou dos *Sete Raios de Luz* !

O curiosíssimo tema ocultista desenvolvido nos últimos capítulos, pode ser ampliado até o infinito, porque as leis do ocultismo diferem das humanas leis ordinárias, que saem aparentemente de toda regra, fato esse a que fez alusão o grande iniciado São Paulo, ao pronunciar aquela incompreendida frase de “quando conheci o pecado, conheci também a lei”. De fato, queria ele dizer com isso que as elevadas questões do espírito se acham muito acima de todas as leis correntes, por obedecer a um cânone superior e incompreendido para o vulgo, tal como o são as leis da puberdade para os impúberes ².

O coronel Olcott em seu *Old diary leaves* (História autêntica da S. T.), refere-se a diversos encontros parecidos, de misteriosos personagens, que logo são reconhecidos como seres superiores, pois além do mais, o enchem de espanto em seus primeiros passos como discípulo... Ora, é aquele sábio que depois de “lhe fazer ver a luz astral”, dá-lhe os sinais de sua morada, para o mesmo acabar descobrindo que se tratava... de uma livraria católica. Ora, a própria H. P. B., que lhe faz presenciar os fenômenos mediúnicos da granja dos Eddys; quando não é a própria a precipitar outros mais surpreendentes, ainda, “pelo poder de sua força mágica, vontade e pensamento”. Mais tarde, obriga seu “Guia espírita” a dizer que é a alma desencarnada de um velho pirata inglês, até que, finalmente, ouve dizer a tal “Guia”, que ele não passa de um manequim, um *tulku*, que veremos depois, manejado à distância pela vontade daquela verdadeira *naldjorpa* (com vistas à sua iniciação na senda do oculto...).

Por sua parte, Alexandra, no decorrer de sua narração sobre Tilopa, o bengalês, dá-nos estes outros de análogo alcance:

“Narota ou Naropa – diz Alexandra – nasceu no século X, em Caxemira. Era filho de brâmanes, muito culto e tido por mago. Quando desempenhava as funções de capelão junto de certo rajá, foi por este seriamente maltratado, resolvendo Narota vingar-se de seu ofensor por meios ocultos. Com efeito, procurou isolar-se e traçou um círculo mágico, com o fim de matar à distância o príncipe. Ao realizar as respectivas conjurações, apareceu-lhe uma Dakini que logo lhe interpelou se se achava em condições de encaminhar a alma do futuro defunto para uma esfera luminosa, ou se era capaz de fazê-la entrar novamente no corpo, com isso ressuscitando-a. O mago viu-se forçado a confessar que sua ciência não ia mais além do que poder matar o rajá... A fada logo o recriminou severamente, dizendo que não se tinha o direito de destruir, senão, aquilo que se pudesse construir, ajuntando: “por causa de um ato tão indigno e inconsiderado, seria ele a reencarnação do morto em um dos múltiplos purgatórios do Bardo”.

Aterrorizado, Narota quis saber o meio de evitar tão dolorosa sorte, obtendo da fada o conselho de ir procurar o sábio Tilopa, rogando-lhe que o iniciasse no “Reto Caminho”, que destrói os resultados dos atos, sejam quais forem, além de assegurar a obtenção do Nirvana em uma única encarnação, porquanto, acertando o sentido desse ensinamento e assimilando seu resultado, escaparia a um novo nascimento. E, por conseguinte, aos tormentos do

Conclusão.

Como se vê, a obra possuirá 49 capítulos, como um símbolo perfeito do mistério do Setenário Divino, desde uma Ronda completa de 7 Raças-Mães, cada uma delas com suas respectivas sete sub-raças; a escala cromática ou de 7 oitavas; as 49 letras do verdadeiro alfabeto esotérico sânscrito, etc., etc.

Resta apenas repetir o que já foi dito em o número 80, isto é, de que se não nos for facultado levar avante tão gigantesco empreendimento (o que aliás é bem provável acontecer...), não faltará na S. T. B. quem o faça de modo talvez muito mais valioso, não só para a memória do autor e de sua digna família, como para os não menos dignos e ilustres leitores desta revista. – *Nota do tradutor.*

² “A letra mata e o espírito vivifica”, diz o Evangelho. E, com efeito, o primeiro passo no Ocultismo, é aprender a diferenciar o abstrato do concreto (“Salta nas trevas”, de certas iniciações ocidentais); o permanente do transitório; o real do ilusório; o essencial do acessório, em resumo: a Verdade, de seus “isíacos véus” ou vestiduras. Assim, o famoso Baphomet dos Templários não era mais do que uma dessas provas que chegam até nós, com a crença vulgar de que “pisavam o Cristo”... Do mesmo modo que, o “escarrar tres vezes sobre um livro santo”, da bruxa sábia, que iniciou a Tilopa, porquanto, nem o Cristo era o símbolo em madeira ou marfim, etc., que se conhece, nem a Doutrina, era propriamente o livro, como veículo material das idéias nele expostas, mas sim, o que se achava nas entrelinhas e... que bem poucos são capazes de o divulgar, a não ser, os que o fazem através da *Intuição*. O vulgar, em troca, retrocede inevitavelmente horrorizado, ante o que ele aceita como o maior dos sacrilégios.

Nas “Mil e Uma Noites”, como livro iniciático, quando se lê, também, em entrelinhas, surgem por toda parte, passagens semelhantes que “se tomadas em seu morto sentido sexual” (como “a violação da rainha das fadas por Tilopa, ou a de Wotan com a Mãe-Terra, para arrancar-lhe seus segredos, do drama wagneriano), não pode, senão, conduzir à magia negra. Enquanto, salvador se torna, no mais elevado grau, quando se interpreta a passagem no sentido do heróico esclarecimento da verdade sem véus, pelo candidato (*véu* este, dizemos nós como *tradutor da obra*, que mesmo em sentido grosseiro, possui também o do “desvendar da deusa Ísis, pelo discípulo adiantado, quando aplicado ao véu, *velário*, *cortina*... ou “membrana Hímen” da *flor em botão*, relacionado, nesse caso, à *s virgens*. Daí, o termo: Himeneu, para *casamento*, *festa nupcial*, etc., porquanto, tal termo procede do grego *Humenaioi*, como nome da divindade pagã que presidia aos casamentos). – *Nota do autor.*

purgatório. Narota, impressionadíssimo, abandonou seu *Kyilkhor* (círculo mágico) dirigindo-se para Bengala, onde vivia Tilopa.

O mestre Tilopa gozava de grande reputação, quando Narota foi em sua procura. Depois de sua iniciação, tinha-se transformado em uma espécie de asceta *avadutha*, ou seja, daqueles que “nada mais amam ou odeiam, nem se rebaixam ou buscam glórias”, desprendidos, portanto, de todo liame terreno, seja religioso, social, familiar, etc. Narota, ao contrário, era um ortodoxo hinduísta, cômico de sua superioridade como letrado e membro da casta superior dos brâmanes. O encontro desses dois homens de tão diferentes caracteres, parecia favorável a desenvolver uma recreativa comédia, mas nunca, um drama comovente como esperava Narota.

“O primeiro encontro com seu guia espiritual teve lugar no claustro de certo mosteiro budista. Tilopa, quase despido, sentado no chão, comia peixes fritos, cujas espinhas ia atirando despreocupadamente, para os lados. Não desejando macular a pureza de sua casta, Narota ia afastar-se do comensal, quando um monge, saindo da cozinha, dirigiu-se ao primeiro repreendendo-o por ser tão desrespeitoso e pouco compassivo para com os seres vivos, alimentando-se com o que havia custado a vida a vários animais e, pior, no recinto sagrado de um pagode; pelo que, o expulsava de tal lugar. Tilopa, impassível, não se dignou sequer, a olhar àquele que o repreendia tão severamente, cingindo-se apenas a recitar um *mantram*, com o qual, as espinhas começaram a cobrir-se de carne e os peixes assim redivivos, voaram pelos ares, desaparecendo por completo no horizonte. Nada restava, pois, do *ímpio* banquete... logo o asceta abandonou o recinto...

Narota, diante de tal milagre, ficou como se estivesse petrificado; mas, súbito, uma idéia luminosa atravessou a sua mente: Tão singular taumaturgo não podia ser outro, senão Tilopa, a quem ele procurava. Porém, o yogi tinha desaparecido. Iniciou-se, então, para Narota, uma série de peregrinações que seus biógrafos desenvolvem de modo quase infundável, mas que possuem, provavelmente no fundo, algo de autêntico ou verdadeiro. De povoação em povoação, o aspirante a discípulo, perseguiu o invulnerável Tilopa. Quando ouvia dizer que o mesmo se achava em tal lugar, corria pressuroso em sua busca, porém, invariavelmente, o mestre Tilopa havia partido no momento justo de sua chegada. Vêm logo encontros que parecem fortuitos, mas que, de fato, são provocados pelo mago, que multiplica assim suas ilusórias aparições.

Ilustração: foto

Legenda:

A Sra. Alexandra David-Neel no célebre mosteiro de Chigat-sé, no Tibete.

Ilustração: foto

Legenda:

Na região onde vivem os eremitas contemplativos. O acampamento da Sra. David-Neel.

Certo dia, em plena estrada, junto a uma casa, convidam a Narota para comer. De fato, um homem lhe abre a porta da casa oferecendo-lhe vinho, que o mesmo recusa como bom brâmane. Dissipa-se, então, a ilusão, desaparecendo a casa e fica Narota só na estrada, embora que ouvindo a irônica voz de Tilopa, que lhe dizia: “Era eu quem estava na habitação!” Mais adiante, um aldeão pede que o auxilie a retirar o couro de um animal morto, o que é apenas próprio dos párias “intocáveis”, pois só com a simples aproximação (e não um contato direto com o animal), é motivo para macular qualquer hinduísta das três castas puras. Narota, repugnado e irritado, afasta-se do lugar, mas sem que mesma voz do invisível Tilopa, deixasse de se fazer ouvir em tom de sarcasmo: “Era eu quem estava ali!” De outra vez, vê um homem arrastando pelos cabelos uma pobre mulher, que banhada em lágrimas pedia socorro. O bárbaro esposo diz ao viandante: “é minha esposa, quero matá-la, ajude-me, ou então siga seu caminho!” Narota, porém, indignado, lança-se sobre o miserável, mata-o, livrando assim a sua vítima de ser morta por ele. Mas..., encontra-se só como um simples brinquedo de outra fantasmagoria, ouvindo sempre a voz sarcástica: “Eu me encontrava ali!” As aventuras se multiplicam cada vez mais, sempre de modo enganador ou ilusório para Narota...

“Por mais valioso que fosse Narota na arte da Magia, jamais poderia pensar que

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

houvessem semelhantes processos ilusórios que o ameaçavam enlouquecer. Entretanto, seu

desejo de encontrar Tilopa e por ele ser aceito, se avolumava cada vez mais, obrigando-o a vagar através do país, clamando em altas vozes pelo grande mago. E como o considerasse capaz de tomar esta ou aquela forma, prosterna-se diante de quantos encontra no seu caminho. Certa tarde, finalmente, chega a um cemitério: restos de uma fogueira existiam a um canto; uma pequena chama ergue-se de quando em vez, deixando ver entre os tições, restos humanos queimados e enegrecidos. Narota distingue vagamente uma silhueta estendida no solo; procura reconhece-la melhor e... um estremecimento singular agita seu ser; compreendendo Narota de quem se tratava, cai de joelhos agarrando-se aos pés do Mestre, que desta vez já não desaparece, como fazia outrora.

“Durante muitos anos o ex-capelão segue seu mestre sem que este procure, de nenhum modo, instruí-lo, preferindo antes, exercitá-lo, expondo-o às provas de silêncio, obediência, confiança, etc. Falarei apenas de algumas destas provas:

“Segundo o costume dos ascetas indianos, Narota tinha ido mendigar e voltava com uma grande vasilha contendo arroz e guisado, com a qual presenteou a seu mestre, porquanto, a regra exige que o discípulo não coma até que o mestre esteja satisfeito... Tilopa devorou todo o conteúdo do prato, declarando que o mesmo estava excelente e que comeria ainda mais. Sem esperar nova ordem, o discípulo tomou novamente da vasilha e foi à hospitaleira casa onde havia recebido a refeição, que tanto havia agradado o mestre, porém, encontrou a porta fechada. Nem por isso esmoreceu o solícito discípulo; entrando na casa, descobriu na cozinha o caldeirão ainda no fogo, do qual se serviu largamente, enchendo a vasilha que levava. Foi justamente na ocasião em que chegavam os donos... para logo lhe darem tremenda surra. Muito mal pôde arrastar-se Narota até junto de seu mestre, que nem ao menos se dignou em demonstrar qualquer compaixão pelo discípulo, dizendo friamente:

- Em que triste aventura te meteste por minha causa. Não te arrependes com isso em seres meu discípulo?

“Quantas forças restavam ainda ao pobre Narota, teve ele de empregá-las para demonstrar ao seu mestre de que jamais sentiria arrependimento em seguir um *gurú* como Ele, e que se considerava feliz por tamanho privilégio, embora que isso lhe viesse a custar a vida.

“Certa vez, passando diante de imunda cloaca, que se achava descoberta, Tilopa perguntou aos seus discípulos, qual deles era capaz de beber daquelas águas, se tal lhes ordenasse? ³ Como se deve prever, não se tratava apenas de vencer uma repugnância natural, porém muito mais, de contrariar uma impureza ritualística, coisa gravíssima para um indiano pertencente a uma das três castas puras. E que se a realizasse, faria dele, *ipso facto*, um pária. Entretanto, enquanto os outros resistiam, o brâmane lançou-se de bruços sobre a borda da cloaca e bebeu do imundo líquido.

“Mais bárbara ainda a seguinte prova:

“Mestre e discípulo viviam em uma gruta na entrada de um bosque. Certo dia, ao regressar de uma viagem, Narota notou que durante sua ausência, Tilopa havia cortado várias setas de bambu e as endurecia ao fogo. Admirado, perguntou-lhe que ia o mestre fazer com elas.

“O yogi sorriu de modo singular. Interrogando-o, por sua vez, se resistiria estoicamente a qualquer padecimento que ele lhe infligisse. E como o discípulo respondesse que se sujeitaria a todo e qualquer, Tilopa fincou-lhe uma daquelas setas debaixo de cada uma das unhas dos pés e das mãos e... fechando o paciente na cabana, foi-se tranquilamente, ordenando-lhe que o esperasse até seu regresso. Vários dias se passaram até que o *feroz gurú* regressasse. E quando o fez encontrou ao fiel discípulo de cócoras na gruta e com as *agulhas* fincadas onde o mesmo as havia deixado.

“Em que tens pensado enquanto estavas só – perguntou-lhe Tilopa. Não vês que sou um mestre desalmado e que é preferível para ti o abandonar-me?

- Sonhei, replicou Narota, na vida tão atroz que levarei no purgatório, se não alcançar por vossa graça, a iluminação na doutrina do *Caminho Direto*, escapando desse modo a novos nascimentos ⁴.

³ Anotação não publicada – Nota do digitador

⁴ Que dirá a isso o jovem e prezado Krishnamurti, que não admite a necessidade de se seguir a um mestre ou Gurú, pertencer-se a uma sociedade ou Escola Iniciática quando ele, com essas teorias não está fazendo outro papel senão o de Gurú? E quando o chamamos de

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

jovem, porque, de fato, “jovens há aos 80 e mais anos...” e velhos (ou “experimentados”) aos “5 anos de idade”, como o foram, por exemplo: Tun-Tyne, “a criança prodígio”, que em Rangoon e outros lugares da Índia, assombrava os mais doutos em filosofias orientais, principalmente,

Citarei, enfim, outra prova de firme caráter, ao menos para quem não foi seu herói:

Passeando Tilopa com alguns de seus discípulos, encontrou um cortejo nupcial, que conduzia os recém-casados ao seu domicílio. O yogi disse aos que o rodeavam: “Quem de vós será capaz de apoderar-se dessa mulher para m’a trazer? Eu a desejo”. Antes que Tilopa acabasse de falar, Narota atirou-se sobre o cortejo, que, ao reconhecer nele a um brâmane, todos abriram alas, julgando que fosse abençoar a recém-casada. Mas quando compreenderam que sua intenção era raptá-la, caíram-lhe em cima, maltratando-o com quantos objetos encontraram ao seu alcance, enquanto o obediente discípulo ficava por terra sem sentidos. Quando tornou a si do desmaio, teve apenas forças para voltar onde se encontrava Tilopa, o qual tornou a fazer-lhe a mesma pergunta de após; cada uma das provas a que o submetia, isto é, “se não estava arrependido de o seguir, etc.”, respondia sempre Narota de que, “mil mortes lhe pareciam bem pouca coisa, em troca do altíssimo privilégio de ser seu discípulo”. Finalmente, em outras ocasiões, sob a ordem do mestre, realizou façanhas extraordinárias, como por exemplo, a de atirar-se do alto de um telhado, atravessar as chamas de uma fogueira e outros atos temerários, que puseram mais de uma vez sua vida em perigo.

“Ao cabo de todos esses sofrimentos, Narota recebeu a recompensa, porém, não sob a forma de uma iniciação e ensinamentos regulares. Se formos obrigados a crer na tradição, Tilopa pareceu empregar nesse caso um método estranho, bastante parecido ao de que se servem certos mestres chineses da seita de Ts’an. Não resta dúvida de que, embora nada se lhe houvesse ensinado, Narota havia aprendido grande número das doutrinas professadas por seu mestre. Não obstante, a iluminação veio ao discípulo segundo se segue:

“Estava Narota sentado junto a uma fogueira, em pleno campo, com seu *gurú*, quando este, sem proferir uma só palavra, descalçou um pé e com a sandália lhe deu um golpe no rosto. Narota viu, como vulgarmente se diz, “estrelas ao meio-dia”, mas, logo o profundo sentido do “Caminho Direto” iluminou seu espírito.

“Narota teve numerosos discípulos, aos quais, contrariamente à tradição, preferiu dispensar todas aquelas provas, cuja dureza e crueldade conhecia por experiência. Depois de se ter distinguido como filósofo, consagrou doze anos consecutivos à contemplação, à espera do “sublime acontecimento”, ou seja, a condição de Buda. Em idade bastante avançada, retirou-se aos Himalaias, para ali dedicar-se à vida de eremita.

Budismo, etc. Ou um Jeoshua (segundo a própria Bíblia, embora com o nome errôneo de Jesus e fatos que não lhe aconteceram absolutamente...) que, aos 13 anos de idade, já discutia com os doutores no templo; sem nunca, qualquer dos dois, haver frequentado academias, inclusive, a de Oxford, onde esteve o jovem Krishnamurti (cujo nome significa: “corpo preparado para Cristo ou Krishna” como propositadamente lho foi dado). Do mesmo modo, Jeoshua, depois daquela idade foi aperfeiçoar-se nos colégios essênios (contrariamente à opinião de Krishnamurti) e um Pitágoras, por exemplo, no Egito e outros lugares. O que acontece, porém, é que Krishnamurti não é mais do que um “revoltado” contra a escravidão a que o submeteram seus “tutores”, durante longos anos de sua vida atual, onde, nem ao menos o direito de estar só lho permitiam, receosos de que ele desenvolvesse assuntos propriamente seus... que comprometessem a missão que a viva força lhe queriam dar entre os homens! E a prova se pode encontrar, quando o mesmo prefaciando um de seus opúsculos, agradece a sua tutora, ao bispo Arundale e outros mais, o seu auxílio na confecção da obra (de 20 e poucas páginas?...), o que nos obriga a perguntar: o que lhe resta como autor de tais opúsculos? A assinatura?

E pelo que nos consta, já ele afirmou tal coisa!...

Outras discordâncias: se os Adeptos não lhe merecem nenhuma distinção, ou mesmo, não tem crença neles, por que razão começa a sua obra – Aos pés do Mestre – dizendo: “Minhas não são estas palavras, mas do Mestre que m’as ditou”... Que dizem dessa contradição palmar os seus fiéis seguidores, que já pretendem, até, deixar a Teosofia, ou antes, a Sabedoria Iniciática das Idades, para “gozar ou viver a vida?” Pobre Krishnaj! Até de “cachorro do Mestre no planeta Marte” lhe fizeram, nas suas vidas passadas! Como não aborrecer os Mestres, embora estes não tenham culpabilidade alguma em tão doloroso caso!...

O fato é que defender Krishnamurti é julgar criminosos seus tutores. E defender seus tutores, é reduzir à zero o inofensivo e inculpável Krishnamurti!

Bem razão tínhamos nós, há longos anos, quando através das colunas desta revista, já afirmávamos que “havia de ser por sua própria boca que ele recriminaria aos que o sujeitaram ao ridículo perante o mundo, a começar pela dissolução da Ordem da Estrela, de que era seu Chefe”. Entretanto, a quantas inimizades e fraternais epítetos nos sujeitamos, por essa nossa opinião redentora... dos que palmilhavam vereda incerta, embora fôssemos nós que “estivéssemos com falsos Mahatmas” que não erraram, aliás, até hoje... E eles com os verdadeiros, que foram coniventes na comédia, que quase termina em tragédia, se não fora o passo acertado do próprio protagonista. O fato é que os Verdadeiros seriam os primeiros a dizer: “Muito pode a falta de vigilância dos sentidos”. E logo secundados por H. P. B. com aquela sua famosa frase: “E comigo se foram os Mestres”...

E se não explanarmos idéias a seu respeito, enquanto esteve entre nós, foi apenas como um dever de cortesia, já para com aquele que soube atirar para longe as férreas cadeias com que o manietaram; como por não ter arrogado a si, o papel ou missão de outros, como o fez o primeiro convidado da Seção Brasileira da Theosophical Society, quando aqui esteve pela segunda ; além de outras razões que não vêm ao caso explicar...

Desejávamos apenas que Krishna tivesse outras idéias à respeito dos Mestres (pese a opinião dos que o julgam até hoje superior Àqueles!...)

dos quais ele está e não está afastado... Porque, então, não teria errado, como errou, a porta onde esteve perto!... Porta esta, que os próprios que o acompanham, estão mui longe de saber qual ela seja, quanto mais o resto do mundo, completamente alheio ao que de espiritual lhe diz

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

respeito!...

Diremos, apenas: Feliz viagem, ou antes, brilhante futuro, Krishna ! Sem esquecer o “Libertas quae sera tamen”, de que tanto carecéis, para serdes menos vulgar que os demais homens!... – Nota do tradutor.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

“Narota é conhecido, sobretudo no Tibete, como o *gurú* de Marpa, quem, por sua vez, o foi do célebre asceta poeta Milarespa, cujo nome, história e cânticos religiosos (por escrito), são popularíssimos entre os tibetanos.

“Se Narota foi indulgente com seus discípulos, outrotanto não aconteceu a Marpa, que torturou durante anos a Milarespa, ordenando-lhe a construir e destruir inúmeras vezes a mesma casa, cuja existe até hoje no país de Lhobrag (Tibete meridional).

Digamos, enfim, que os tibetanos não duvidam sequer um só ponto a respeito da autenticidade de todos esses relatos. Se não podemos, alcançar essa confiança, devemos, entretanto, evitar considerarmos como puras invenções, as estranhas aventuras dos noviços *naldjorpas*, ou de pensar que se trata apenas de fatos antigos impossíveis de ser hoje repetidos”.

Examinemos, por nossa parte, tais assuntos no próximo capítulo.

Segunda parte

XX

OS NALDJORPAS TIBETANOS E ALEXANDRA DAVID-NEEL

Os três excepcionais casos de discipulado ocultista, que transcrevemos anteriormente do grande livro de Alexandra David-Neel, fazem parte do extenso campo de sofrimentos por que tem de passar o candidato, quer nas antigas ou modernas escolas iniciáticas, quer por si só, na espinhosa vereda de sua vida no mundo, desde que siga o perigosíssimo Caminho Direto.² Daí, as infindáveis torturas a que se sujeitaram – *para se iniciarem no magistério social* – todos os gênios da História, pois, tendo que superar o nível humano, à fim de elevar-se, através o Nirvana, ao mundo dos *conquistadores, heróis*

¹ Pelas razões já expostas no último número desta revista, o presente Capítulo dá início à Segunda parte da última obra deixada pelo insigne Teósofo espanhol Dr. Mario Roso de Luna.

Segunda parte essa que fomos nós que lhe demos, à fim de dividir o que já tinha vindo a lume, através da valiosa revista espanhola *El Loto Blanco*, e o *desconhecido* para o mundo, por figurar em esparsos, recortes e apontamentos, no Arquivo do insigne autor de tão excelente obra. Mas que seus ilustres filhos – num requinte de bondade e carinho, completam o gesto primitivo de seu ilustre Pai, oferecendo ao mais humilde de seus amigos, que é o tradutor da mesma obra “para a querida língua de Camões”.

² “As almas rebeldes”, diz o teósofo Proclo (citado no começo do cap. X, livro I de *Ísis sem Véu*) “se iniciam por si mesmas, sem necessidade de que ninguém as inicie. E tais almas se salvam, segundo o Oráculo de Delfos”. Daí, suas torturas “iniciáticas”, ao longo de heróicas vidas, como verdadeiros “teósofos” ou estudantes da “ciência dos heróis, semideuses e deuses”, como correto e verdadeiro sentido da palavra “Teosofia”. Razão porque o texto evangélico diz várias vezes que “o Filho do Homem (o candidato à divina Superação... ou o “Crestus, o homem da dor”), não possui onde reclinar sua cabeça”. E a mestra Blavatsky, acrescenta em seu *Ocultismo Prático*, que “logo qualquer comece a palmilhar a Vereda”, a sua tranquilidade de homem vulgar ou de “impúbere-psíquico” desaparece para sempre até que alcance a liberação”.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

ou *jinas*, como diriam os *Naskas* zoroastrianos, a Humanidade, na poderosa torrente da vida, “inconscientemente, os reúne, isola, separa ou regula”; como por outro lado, com os “super-homens”, aqueles que por maldade ou animalidade, propendem, com seu peso morto, para esse mundo inferior, que a Humanidade já superou, em seu lento progresso evolutivo, segundo aquela famosa sentença de “quanto mais pesado fizeres o mundo, mais o mundo pesará sobre ti”... Sem falar naqueloutra de “logo o homem se eleva na vida, se choca com a família; se mais ainda, com o povo; a seguir, com a nação, e, finalmente, com o mundo inteiro”.

Todas as dores, humilhações, misérias, etc., que por tão glorioso motivo, sofrem os candidatos, não são quase nada em relação com o que – mercê a isso – foi adquirido, pois, como dizem os textos: “a árdua conquista do mais além de nossos sentidos e do correto conhecimento, é uma jóia preciosa, que se tem de pagar por elevado preço”. Por isso mesmo, é preciso, em tal Vereda, desafiar impávido, os três grandes obstáculos ou provas de *loucura, enfermidade e morte*, segundo já foi dito em outros capítulos.

Os métodos do *Tharpa* (liberação, iluminação) para seguir o *Yang-dag-pail tak* chinês (ou seja, o “Caminho Direto”), são sempre pesados, embora que não tão brutais como os da lenda nos conta de Narota, com certeza, exageradamente. Não se deve esquecer, por outro lado, que no sentido do que poderia impropriamente ser chamado de “moral ocultista”, o crime já não se acha na ação, mas no simples pensamento (coisa por sua vez indicada no Evangelho). Narota ao dedicar-se à Necromancia para se vingar do rajá – como se viu no capítulo anterior – matando-o à distância, incorreu na mais grave falta ocultista de “querer precipitar no Bardo ou outro mundo”, a alma de sua vítima. De semelhante situação astral e mental de Narota ao que pretendia adquirir e, por fim acabou adquirindo com tanto heroísmo, alcançando seu Mestre, não vai “um mundo inteiro”, mas três: o submundo da necromancia; o vulgar mundo e o super-mundo dos Adeptos da Boa Magia, como diria o Visconde de Figanière.

Por outro lado, a dureza das provas nas iniciações antigas, acabaram sendo humanizadas nas modernas, e mais do que em outra qualquer, na Maçonaria e na Teosofia. Das primeiras, existem, de fato, vagas notícias de que eram tão terríveis – quer na Terra, na Água, no Ar e no Fogo – que, “muitas vezes o candidato perdia a vida”. E isso, no sentido de que, “por si só, não poderia voltar ao mundo dos mortos”, a não ser arrancado a pulso deste último e trazido à vida física, “pela poderosa garra do mestre”, semelhante ao operado, pela ação do clorofórmio, que volta à vida devido à intervenção dos operadores, logo terminada a operação.

Tudo isso e muito mais, transparece nas referidas lendas, maximé, se nelas meditarmos profundamente. As “viagens iniciáticas” de seus heróis, se parecem com todas dessa espécie, como sejam: a de Psiqué em busca de seu divino Herói, na lenda do *Asno de Ouro, de Apuleio*; a dos jurisconsultos romanos, antes de receberem a iniciação nos Mistérios menores; as simbólicas da Maçonaria; ou ainda, as de ampliação universitária de nossos dias. Enquanto a raridade ou “extravagância” de certas provas os livros estão cheios. Por exemplo, na passagem do Alcorão, relativa à iniciação de Moisés por seu mestre Dul-Karnein (veja-se este capítulo de nosso livro *Pelo reino encantado de Maya*); as provas do Príncipe, no mito espanhol de *Flores e Brancas Flores* (Religião, lenda e mito de nossas *Conferências Teosóficas*) e inúmeras passagens da obra de Olcott, relativas às “extravagâncias de Blavatsky”, a qual faz aparecer diante da vista daquele seu neófito, paisagens inexistentes; materializações de flores e de jóias; fisionomias que se transformam e “mariposas volantes”, à guisa dos “peixes voadores”,

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

ressuscitados por Tilopa, depois de estarem nas espinhas: os “pastéis mágicos voadores” (*tormas*), de que nos fala Alexandra David-Neel, em outros lugares de sua admirável obra. Os “doze trabalhos” do Hércules grego, não são outra coisa, senão, simbólicas e terríveis provas. O *Avadhuta* ou “Tesoiro dos Avós”, ou antepassados, não é, do mesmo modo, outra coisa, senão, a exposição velada de tais processos iniciáticos. Foi por eles, que

Narota, por seus preconceitos bramânicos de orgulho ancestral e receio de cair na triste condição de pária, se vê enganado inúmeras vezes, em busca do Mestre Tilopa até sofrer as mais humilhantes provas, já que no Caminho Direto não se transige com coisa alguma que seja egoísmo ou “separativismo”, quer em sexo, credo, raça, casta ou cor e tudo mais por serem contrários ao supremo espírito de Fraternidade universal, para o qual se encaminha resolutamente; sendo a “santidade” preconizada como meta, pelas religiões positivas, um mero postulado indispensável, ao qual desde logo se deve unir, o do Conhecimento, sem o que o homem não pode superar a si mesmo, em sua aspiração

para os mundos mais elevados.³

O mito universal reúne com vivas cores os perigos e as seduções que se apresentam ao candidato em tal Caminho: são o Scila e o Caribdis pelos quais, surdo e cego, terá que cruzar, impávido, o herói da Odisséia; os cães-cérberos a quem, com tortas soporíferas (“pastéis mágicos”) hão de adormecer, Orfeu, Perseu, Psikis, etc, antes de descenderem aos infernos; os jardins deliciosos que, Aladin (Allah-djin ou “o jina de Allah”) e Parsifal, tal como Narota ou Tilopa, hão de cruzar surdos, sem parar para escutar ou admirar seus encantos perniciosos; por isso mesmo dominando os inúmeros pensamentos e sugestões do exterior, absortos, mediante a recitação contínua da fórmula mágica ou simplesmente, pela poderosa força de sua vontade, fixa sempre em um só pensamento, o da definitiva Liberação, com que todo Karma ancestral é finalmente destruído, pois que o herói já não se acha ligado à ação, nem com as consequências da ação; razão porque não mais reencarnará entre os homens...

Ilustração:

Foto

Legenda

:

O mosteiro de Podang, no Himalaia. – É um mosteiro da seita dos Karmapas. O apartamento de Mme. David-Neel se achava situado no ângulo esquerdo, onde se vê uma cortina e sobre o balcão, uma toalha estendida.

Um detalhe curioso, já apontado, da lenda de Narota, é aquele de encontrar, finalmente, a seu mestre dentro do fogo de uma pira funerária. Tal passagem faz lembrar, dizemos, a “sarça ardente” donde Moisés recebe do Mestre a revelação da missão redentora, para a qual Ele o chama; o “túnel ardente”, em que Moiska, o Moisés asteca, aprende todo o necessário para a acertada fundação do México; “a fogueira acesa” de certos ritos bramânicos; ou as chamas que em torno de Brunhilda encantada, faz surgir o deus Wotan, cujo, terá que franquear, heróico, Sigfredo; o fogo do Vesúvio, entre cujas lavas incandescentes, vê Glyndon surgir a imponente silhueta de Zanoní, na novela ocultista desse nome; ou, finalmente, a todos os “fogos astrais” que, todas as vezes que se trate de iniciações, aparecem como barreiras infranqueáveis para o vulgar.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

³ A renúncia absoluta, tal como na Índia se compreende – diz Alexandra – não é um ideal estranho aos tibetanos; o asceta e poeta Milarespa (XI) e o mais popular dos santos tibetanos, é um exemplo disso. O tibetano se acha perfeitamente persuadido da sua grandeza (da “renúncia”) e sempre pronto a render-lhe homenagens. As narrações de “filhos de boa família”, que abandonam as opulências de seus lares para arrostar uma vida de ascetas mendigos, especialmente a do Gotama, o Buda, que abandonou os seus direitos de príncipe reinante e esplendores da corte de seu pai, são sempre ouvidas com admiração e respeito profundos, embora que, para seus ouvintes representem algo pertencente a um mundo sem a menor relação com aquele em que vivem os “*opulentos* e venerados lamas oficiais”. O que encontra, por sua vez – embora com feição toda especial, para não dizer, caótica, na vida do Jesus bíblico, “nascendo em uma manjedoura, tal a pobreza de seus pais”, porquanto, são as próprias iniciações antigas que o dizem, inclusive, nos referidos relatos que tais crianças nascem sempre como “filhos de sangue real”, ou ao menos, de “nobre e rica família” – repetimos, encontra similar no que diz respeito à opulência dos que se proclamam seus sucessores, inclusive, o Chefe da pretendida Igreja: o Papa. E quando dizemos “pretendida Igreja” (fundada por *Jesus-Cristo*), por que – segundo conhecem os verdadeiros Teósofos, inclusive, o incomparável Roso de Luna – todos os Grandes Iniciados que a este baixo mundo têm vindo, foram Seres Superiores que nos deram doutrinas eficazes (a mesma, aliás, porém, mais ou menos velada segundo a evolução de sua época) para que nos remíssemos com os nossos próprios esforços. Nenhum deles fundou a religião confessional que se lhe atribui. Mas, sim, o imperialismo de seus pretensos discípulos que, escravos do inerte dogma que criavam, esqueceram que “religião”, não “crença”, não é mais do que uma dupla ligação ou união (segundo sua própria etimologia latina, isto é, de “re-ligare” ou tornar a ligar, unir, etc.) de fraternidade entre os homens”...

Engana-se a autora quando dá a Tilopa como tronco da seita dos *Khagyud-pas*, pois a própria etimologia da palavra aclara tal seita, muitíssimo mais antiga. O *Kha* no Egito, como na primitiva Arianá, é o “duplo astral” de todas as coisas, ou seu “espírito”; *ghud*, *ghynd* ou *gnana* (Jnana), é magia, Conhecimento, e *pas*, uma denominação patronímica tibetana, pela qual a referida escola (cujo nome *Gynd*, designa, por sua vez, a escola oficial da Magia no Tibete) se entronca com o antigo *Khamanismo* ou *Chamanismo* originário. Por esse motivo é que os mestres chino-atlantes da Escola *Tsan* a reconheceram sempre, e razão talvez do mesmo nome da província central tibetana de *Tsang* (cuja capital – Jigatsé, ou antes, sua grande lamaseria do Trachil-hum-po, rivaliza com a própria Lhassa), possuir a mesma origem, conservando iguais tradições, quer orais, quer escritas, nos milhares de volumes de sua biblioteca.

Pelo referido se pode deduzir da grande importância que, para os estudos teosóficos, concorrem todas essas passagens e outras tantas, que iremos descrevendo da heróica francesa – mulher a quem não eram desconhecidos tais estudos, já pelo que se deduz de certas afirmações suas, inclusive, quando diz, por exemplo, que antes de sua primeira tentativa tibetana, havia residido em Adyar, entre os elementos daquela *capital teosófica*. Como foi por acaso ali, onde, ao ouvir extraordinárias revelações a respeito dos “mestres do Tibete”, concebeu a idéia de visitar ao Dalai-Lama, aproveitando seu desterro em território inglês; e impulsionada por um nobre desejo de conhecimentos transcendentais que, ao longo de seus penosos perigos ulteriores, não os pôde infelizmente adquirir, mas, pelo que muito lhe devem, teósofos e não teósofos. Por isso mesmo, nenhum *fracasso ocultista* de sua parte.

Em resumo: Alexandra chega à Índia; tem notícia da presença do Dalai-lama na fronteira de Sikkim e, como excelente repórter, diríamos, vai visitá-lo em Kalimpong. Ele a recebe, com sua profunda intuição ocultista, vendo nela uma mulher nada vulgar, que lhe fala, religiosamente, já se vê, sobre o Budismo, ocidental, mas com sinceridade; para logo receber do mesmo, o conselho que, “antes de tudo, aprendesse o tibetano”, além de lhe dar os primeiros ensinamentos *por escrito*.

Além disso, mediante um príncipe do território, discípulo consciente ou inconsciente dos Mestres tibetanos, como sói acontecer com todos os homens notáveis do país, encontra excelente, embora que, supersticioso, intérprete; como também, a primeira ocasião prática de um “tête-à-tête” com um discípulo aceito, ou seja, um naldjorpa; porém, em lugar de ver neste último, tudo quanto nele havia de oculto, “para despistar o profano”, sob farrapos e “seu cinismo, não vê nele senão um adorno” (que é o mesmo que os céticos europeus – vulgares e doutos – costumam considerar aos teósofos). E seu êxito –

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

que lhe teria aberto de par em par o Tibete e seus caminhos ocultistas, como a Csoma de Koros, a Blavatsky, a Damodar Malavankar e a outros tantos – fica assim comprometido. Nesse caso, Alexandra não pode desde logo palmilhar “o Caminho direto” ou “teosófico”, que assim se lhe fecha, embora que seu meritíssimo ardor lhe deixe aberta a outra porta, ou seja, a penosíssima da *China à Índia através do Tibete*, para com ela nos dar as suas excelentes obras, de que tantos frutos se podem colher. E o não menos penoso caminho *ocidental* do estudo, para quem, do mesmo modo, se encontrou “casualmente” com outros dois mestres evoluidíssimos. Como também, conhecer ao *gomtchen* ou eremita que naqueles arredores, possuía seu retiro a cinco mil metros de altitude, nada menos que durante 17 anos dedicados à vida contemplativa... Foram aqueles dois mestres, os dois *Kuchogs* ou “senhores” Choss-dzed, *gelugpa* ou “manto amarelo”, descendentes dos antigos reis autóctones do Tibete e o sábio Bermiak, *karma-pa*, ou “manto encarnado”, cujos ilimitados conhecimentos filosóficos e prodigiosa memória, causaram em Alexandra a maior impressão. Alexandra aprendeu com ambos grandes coisas relativas ao

Lhamanismo ^a e ao Budismo tibetanos, porque, segundo ela mesma o afirma, ouvindo a

homens como aqueles e das duas seitas principais com que ali se divide o império religioso, podia estar segura de haver bebido nas duas fontes mais puras do “País das Neves”.

Assim, aparentemente fracassada no “ocultismo profundamente iniciático”, desde seu encontro com o estranho naldjorpa, Alexandra manifesta sua desilusão, depois de haver contemplado a alti-planície tibetana, de sobre os picos de Serpo e de Korum (9.000 metros), como Moisés no deserto, a “terra prometida”, dizendo: “Tudo se manifestava contra meus desejos: meus planos de viagem fracassavam, uns após outros, e as coisas pareciam adquirir uma atitude hostil para comigo. Estava como que obcecada continuamente por seres invisíveis, que me constrangiam a abandonar o país de minha ilusão, vedando-me a marcha para mais adiante. Ao mesmo tempo, uma espécie de clarividência me mostrava a tais ‘inimigos ocultos’, triunfantes e satisfeitos de me haverem expulso daquele lugar. E, por acaso, atribuía esses fenômenos ‘a um estado febril e a uma neurastenia aguda, causada por minha intranquilidade: os melhores calmantes não me produziam efeito e... tive que retroceder’...”

Porém, em *ocultismo, como na própria vida, os êxitos e fracassos, são sempre relativos*. São as várias quedas do *Crestus* ou crucificado, no Caminho para o Gólgota!

Por isso, Alexandra, que pareceu fracassar em sua primeira entrevista com o naldjorpa de Kalimpong, não fez, senão, tomar caminho mais longo, em lugar do direto, que com tal fracasso se lhe oferecera. E assim, depois de receber as primeiras lições teóricas dos dois grandes tibetanos, *karma-pa* ou “encarnado” (*tamásico*, dizemos nós) e *gelug-pa* ou “amarelo” (do mesmo modo, *sattvico*, acrescentamos), para depois de se ter retirado para Gantok (Gartock, melhor dito) recobrar novos ânimos em seu retiro de Podang (lamaseria a 19 quilômetros da primeira, que generosamente lhe indicou o príncipe de Sikkim) e poder voltar à terra de seus anelos, conforme veremos no seguinte capítulo.

XXI

AS PRIMEIRAS EXPLORAÇÕES DA SRA. DAVID-NEEL NO TIBETE

Iniciação musical

Fecundíssima em ensinamentos, foi para a Sra. Alexandra sua mística estadia na lamaseria de Podang. Naquele isolamento restaurador de suas forças, recebeu, antes de mais nada, a emoção musical que se reflete nestas suas palavras:

“O que mais me encantava na lamaseria de Podang era a música sacra, que ouvia duas vezes ao dia: ao romper da aurora e ao por do sol. A orquestra não podia ser mais simples: dois *gyalins* (espécie de oboés), *ragdons*, trombetas de perto de quatro metros de comprimento e dois *timbales*. Graves repiques de sinos preludiavam com seu ritmo oriental característico. Para, depois de um breve silêncio, o soar lento em surdina, dos *ragdons*, seguidos dos *gyalins* que, entoavam, sós, uma frase lenta, infinitamente emotiva em sua melódica simplicidade. A seguir reajustavam a frase, com variações sustentadas em notas baixas, os *ragdons*, cujas variações acabavam por se unir ao rufo dos timbales,

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

imitando o ruído de longínqua trovoadas. A melodia, em tom menor corria em uníssono com as águas de um rio profundo, sem acentuações apaixonadas, nem estrépitos ou aprestamentos; transcendendo, assim, desse misterioso conjunto musical, uma impressão de infinita tristeza, como se a própria dor humana, ao decorrer de sua peregrinação desde o início das idades, explodisse em lamentos desesperados e infindáveis...

Que gênio musical teria arrancado ao Mistério, este *leit-motiv* da miséria universal? E ainda mais, com tão insignificante orquestra de elementos musicais tão disparatados, em poder de músicos aos quais se poderia julgar desprovidos de qualquer sentimento artístico, mas que realizavam, entretanto, esse prodigioso milagre? Tão enigmático problema, que ninguém seria capaz de me esclarecer, obrigava-me, apenas, a senti-lo internamente, em místico enlevo, conduzindo-me aos nevados cumes das montanhas, ou a contemplar, como o céu crepuscular se ia apagando”...

Diante de tão emocionante descrição, não podemos, por nossa vez, deixar de evocar a nossa excelsa trindade: Bach-Beethoven-Wagner, com a celestial ária da *Fuga* em ré, do primeiro: os cem religiosos adágios, do segundo, e aquele Prelúdio do “Oiro do Rhin” (“Reno ou Reino”), do terceiro, em que, precisamente dois fagotes e duas trompas quebram o silêncio primordial das “Águas genesíacas”, com a lenta melodia criadora; para logo, se apoderarem, harpejando, os “humanos” violoncelos, seguidos da quarta corda dos violinos. Em resumo, no desenvolver de 136 compassos, sem sair a orquestra inteira, do fundamental acorde!... Cujo número de compassos considerado pelo lado cabalístico, nos dão a soma DEZ, que é o próprio “Reino” ou Malkuth, imitando, assim, as *Nove Sinfonias* beethoveanas, ou as que o genial músico ofereceu ao mundo dos mortais, guardando consigo a Décima ou última, por ser a do mundo-Jina, onde dentro em pouco iria dar entrada...

E não se deve esquecer, tampouco que, a própria *China*, influenciada talvez pelo primitivo Tibete, conta pelo menos com oito espécies diferentes de instrumentos orquestrais – para o que já propende ou procura imitar a música moderna – tão raros ou exóticos, como são, por exemplo, os de *barro, seda, cabaça, pedra, cristal*, etc.

VÁRIAS APRENDIZAGENS

Alexandra, se tivermos de continuar na crença de suas emocionantes narrações, aprendeu em Podang outras coisas ocultistas referentes ao *Bardo* ou outro mundo; no domínio dos elementais “do Astral” mediante os quatro processos graduais, exigidos pelas respectivas categorias dos “dominadores”, a saber: a dos *médiuns* (*paos* ou homens e *pa-mos* ou mulheres), ou antes, das pobres vítimas, que servem de juguete em suas mãos: a do feiticeiro ou “mago negro”; a dos sacerdotes, já como *gelugpas*, já como *lamaístas* do culto primitivo; e enfim, o *nags-pa* ou *nagas-pa*: mago branco, quase sempre solitário asceta que, por sua ciência, submetida a leis fixas e cognoscíveis, como qualquer outra das que conhecemos, gozam do mais perfeito domínio sobre aqueles “elementais” ou “espírito dos elementos”, até o ponto de poder provocar a chuva, a neve, a tempestade, o granizo, o vento, etc.; como evitar, a sua ação devastadora. E *guiar com mão segura, as almas dos mortos pelos complicadíssimos caminhos do Além*, segundo nos relata a mesma autora, sem falar, no que de forma velada, se encontra no “Livro dos Mortos”, ou das iniciações egípcias, conforme se verá em outro capítulo que lhe diz respeito.

Conheceu, ainda, Alexandra um religioso de nome Kali-Kumar (isto é, um antigo *Kumara* ou homem puro) da escola filosófica do sul, que havia chegado a Gartock, em missão especial do rajá, à fim de promover os meios de afastar seus súditos da

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

intemperança alcoólica e *anti-budista* em que se encontravam. Conduzimos o leitor para o detalhe da cena de “perfeita intervenção elementar”, relatada no mesmo livro de Alexandra, *Místicos e Magos do Tibete*.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

Consignaremos apenas que, no decorrer de uma conversa que teve Alexandra com o referido rajá, à respeito do grande *Padma-shambhava* histórico, transformado pelos “bonés vermelhos”, do Sikkim, no “herói da embriagues”, tal como fizeram com *Baco* e *Dionísio*, os gregos, Alexandra se viu interrompida em tal conversação “por um terceiro interlocutor invisível”, que lhe falou com voz que não produzia nenhum som ou ruído: “Nada de quanto intentardes terá êxito; essas míseras criaturas deste país são minhas escravas; eu sou mais forte que vós”. E, com efeito, a nobre empresa projetada, fracassou com a morte do rajá, semelhante ainda ao que lhe havia prognosticado o seu horóscopo...

DOIS GOMTCHENS OU ASCETAS MÍSTICOS

Nas explorações feitas pelas vizinhanças de seu retiro, Alexandra encontrou-se com outros *gomtchens* ou ascetas contemplativos do Tibete oriental. Um deles, grande orador e homem afastado, como bom *naldjorpa*, dos moldes excessivamente místicos, talvez do Budismo ortodoxo, lhe disse uma vez mais, que fosse ao interior do Tibete oriental, para ser ali iniciada por um verdadeiro mestre dos altos segredos do Caminho Direto. “Há em meu país”, disse ele aludindo a tais ensinamentos, “homens muito mais sábios que em U e em Tsang” (ou seja, nas duas províncias centrais, cujas respectivas capitais são Lhassa e Chigat-sé), a que ela acrescenta: “A idéia de introduzir-me no Tibete pela China não tinha ainda assaltado meu cérebro. A hora não havia ainda chegado”.

O segundo *gomtchen* era um solitário, frio e altivo, habitando há longos anos, próximo de um dos nevados cumes vizinhos a Daling e respeitado naquele agreste retiro pelo supersticioso terror dos camponeses, devido seus grandes poderes taumátúrgicos.

Quanto ao mistério que envolve sempre o caráter e conduta dos *naldjorpas*, é, por sua vez, descrito na obra de Alexandra, na emocionante cena acontecida com o príncipe ou rajá, quando este último suplicou ao *gomtchen* que consultasse, em seu nome, e *astral* ou psiquicamente, “a seu mestre distante”, acerca de certos fatos relativos ao seu futuro casamento. A cena dessa consulta foi uma verdadeira “possessão mágica” (um “avatara” parcial, dizemos nós) do corpo do *gomtchen* pelo duplo do mestre, que se limitou a proferir estas sibilinas palavras: “a respeito não haverá nenhum problema a resolver”. E com efeito, “o casamento do príncipe não teve lugar, devido ter ele falecido dentro de poucos dias e de maneira muito estranha”.

De outros dois *asperos*, ou antes, revoltados eremitas (*revoltados*, dizemos, contra os homens vulgares, por viverem afastados da Lei...) e procurados insistentemente, em suas grutas, nas selvas, pelos servos do príncipe, nos diz a mesma autora: “Um deles deixou-lhe um amuleto em sinal de gratidão, por ter ela contribuído para que lhe fosse dada a liberdade”.

UMA TEBAIDA LAMAÍSTA NO PAÍS PROIBIDO

Antes de terminar sua estadia em Podang, nossa heroína pode internar-se, à pé, alguns quilômetros no país proibido, por ocasião de certa viagem que fez o príncipe-lama (do mesmo modo – à pé), de Zintchindjinga, cujo pico é apenas inferior ao do Everest, em 400 metros, atravessando o vale de Lonak, junto à colina de Jongson (7.900 metros) que demarca a fronteira de Sikkim e o Negral com o Tibete. O príncipe abandonou-a naquele lugar, donde a mesma, franqueando a colina de Nago (9450 metros) chegou à célebre

O Tibete e a Teosofia

**Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza**

lamaseria de Chorten-Nijima. “É impossível fazer idéia de algo mais aterrorantemente solitário, que essa Tebaida lamaísta”. Não só por estar a comarca completamente desabitada, como também, por sua altitude faze-la um quase deserto, cercado por uma paisagem exclusivamente mineral ou “lunar”, de uma majestade e serenidade

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

inexprimíveis; com suas linhas altíssimas, seu sereno lago montanhês e nevados cumes. Aquele “relicário solar”, como é chamado, dizem, foi milagrosamente transportado da Índia, por terem vindo dali, com *Padma-Shambava*, seus primitivos construtores. Diz a tradição que em tal lugar são guardados, secretamente, numerosos manuscritos relacionados com as excelsas doutrinas julgadas de difusão prematura. Cento e oito mananciais frios e termais, existem em redor da lamaseria, sendo que alguns deles, segundo as tradições, “*só podem ser divulgados por aqueles, cujas almas sejam muito puras*”, o que nos faz lembrar certas profecias sibilinas, dos póstumos Panteons existentes em determinados “Montes Santos”, “onde vivem almas, que deles se fizeram dignas por sua transcendental evolução”, isto é, por serem sábias e perfeitas...

Em tal religião, encontrou apenas Alexandra quatro religiosas da seita “dos Antigos ou dos *gning-pas* (Jinas antepassados?). Mulheres essas de excepcional bravura, vivendo completamente sós ou em grupos de quatro ou cinco, durante muitos anos, praticando a mais indecifrável vida eremita: onde as neves as isolam durante oito meses, cada ano, e com o risco de serem assaltadas por bandidos e por feras, ou o que, na sua opinião, é muito pior, por terríveis espíritos malignos.

Vejamos o que a respeito nos conta a autora:

“Tudo isso não representa, em si, grande coisa – me dizia uma das monjas solitárias de Lha-khangs (“Casa dos deuses”) do mosteiro de Chorten Wyina, ao pé do Kintchindjinga, mostrando-me as cores das estatuetas de barro cozido, representando “as aparições que surgem em torno das almas dos mortos, ao atravessarem o “Bardo”. A alma obriga-as a sair do vazio e... nele, depois, as dissolve. Assim me ensinou meu Lama, um gomtchen que vive perto do lago *Mo-te-tong*”. “Vem ele, alguma vez, aqui?”, perguntei-lhe. “Não”, respondeu, “é um *nagagpa* (mago) que vive na opulência em *Tranglung*, rodeado de sua família e que realiza toda espécie de prodígios, a começar por fazer chover, cair granizo; curar ou fazer enfermar à distância, tanto a homens como a animais. Certa ocasião em que os aldeãos o desobedeceram, celebrou o rito dos *tormas* (pastéis rituais) e estes viajando como pássaros, invadiram as casas dos desobedientes, causando-lhes inúmeros prejuízos”... Dois anos mais tarde, tive o prazer de me ver hospedada na própria casa do referido mago... e de receber seus ensinamentos”.

ALEXANDRA FAZ VIDA DE EREMITA

Uma das experiências de nossa heroína, em sua visita à região tibetana transhimalaia, se acha na difícil quão sedutora vida para a qual propende sempre a parte mais pura de nossa alma, embora o lastro corpóreo filho de nosso karma ancestral, semelhante ao lastro que prende o aerostato à terra, e até, o que é necessário, a mantê-lo em equilíbrio, no espaço por onde o vento o conduz... Neste mundo, para viver calmamente, “ou sobra a matéria ou sobra a alma”, como nos diz Espronceda. A vida eremítica, da qual oferecem inúmeros casos extraordinários, todos os tempos e países, representa nesta luta, a morte que constitui todo o argumento do Drama da Vida, como um dos graus mais elevados em que as almas grandes (maha-atmas) emancipadas do laço social, se “defrontam, heróicas, com o infinito”...

De Chorten-Nyima voltou Alexandra para o Sikkim, receosa da proibição que sua viagem acaba de violar, e ao mesmo tempo, de voltar à Europa, por haver começado a grande guerra. Teve, portanto, de resolver o caso, desfrutando uma vida puramente eremítica, não longe de Thangu, a 80 quilômetros de Gartock, e na mesma fronteira

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

tibetana, ao lado de um famoso *gomtchen* a quem antes conhecera na pequena aldeia de Lachen. E ao tentar a visita, “inexplicável acidente demoníaco teve lugar, como protesto dos elementais, ante a heróica decisão”. Instalada *robinsoneamente* em uma gruta próxima à do *gomtchen* e as de seus outros discípulos, gozou Alexandra, durante muitos

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

anos, uma vida de franca taumaturgia. “A primeira noite passada naquela mansão pré-histórica”, diz ela, “uma estrela projetava misteriosa luz através de sua janela sem vidraça”...

Parecia interrogar-me, e ao mesmo tempo, obrigando-me a recordar aqueles versos de Milarespa, que cantam: “Oxalá possa eu esperar a morte neste sublime retiro, para assim ficar contente comigo mesmo, na paz do Absoluto!”...

E adaptou-se tão bem a essa estranha vida, ao lado do prodigioso asceta, que a nossa heróica Alexandra, exclama em sua citada obra: “Quanto aprendi, em verdade, durante aqueles anos de completo isolamento do mundo? Difícil seria precisá-lo; não obstante, posso assegurar que adquiri inúmeros conhecimentos, por mim jamais sonhados. Ademais, do estudo da língua tibetana em que fui iniciada, acima de gramáticas e dicionários, minhas conversações com o *gomtchen*, li com ele as vidas dos grandes místicos do País da Religião, interrompendo ele, frequentemente, a leitura para citar fatos análogos de que fora testemunha. Com semelhantes dissertações penetrei, assombrosamente, nos retiros dos ascetas e nos palácios dos lamas opulentos; viajei por todos os caminhos do inacessível país, fazendo por toda parte as mais curiosas descobertas. Por outro lado, o que assim me era revelado, representava o próprio Tibete: seus costumes, história e maneira de pensar de seus antigos e modernos povoadores. Porém, jamais fez ele alusão, aí de mim! De que aquela dulcíssima vida eremítica fosse definitiva. Inúmeras causas exteriores lutavam contra o desejo experimentado de ficar ali para sempre, atirando para longe, o absurdo fardo de idéias, cuidados e deveres rotinários de que me achava ainda sobrecarregada. Como ignorava eu que tal situação de anacoreta fosse um simples episódio de minha errática vida atual! Em resumo, um preparo para minha liberação futura descortinando frequentemente, com verdadeiro terror, a vereda que descia até o vale, desaparecendo entre as montanhas fronteiras, que me ia conduzir até o mundo que lhe ficava oculto por trás, com todas as suas febris paixões e misérias. Insopitável sofrimento me assaltava, então, pensando no terrível momento em que seria arrastada de novo para a voragem da vida social.

A GRANDE LAMASERIA DE TRACHIL-HUMPO

Abandonou, finalmente, Alexandra seu cenóbio, porém, antes de regressar a Gartock, tinha-se iniciado, como dissemos, no Tibete, até a célebre lamaseria de Trachilhumpo, próximo a Chigat-sé ¹ e morada do “Precioso sábio da província de Tsang”, o *Trachil-lama* ², cuja categoria espiritual não é inferior à do próprio Dalai. De passagem visitou ainda *Tsang-lung*, a formosa cidade tibetana, convencendo-se de que se tratava não mais de um país semi-selvagem como o são os dos contrafortes do Himalaia, mas perfeitamente civilizado, a ponto do Trachil-lama, lhe ter falado *com perfeito sotaque frances* (?), como se estivesse em Paris, *seu longínquo Paris!*... O maravilhoso personagem insistiu, ainda, para que a mesma ficasse em tal mosteiro ³, à fim de ser

¹ Jigat-sé ou Tijgad-jé e Gyanté ou “Jina-té”, são, com Lhassa, as três maiores cidades tibetanas. Qualquer das duas primeiras, tanto pode significar “caminho-Jina”, como também “cidade Jina” (ou dos jinas, que tanto vale).

² Segundo dissemos em outros capítulos, como humilde tradutor de tão preciosa *Jóia*, como é a última do grande gênio que se chamou M. Roso de Luna, o *Trachil-lama*, com mais propriedade, *Teshu-lama*, serve de escudo a um outro personagem mais distinto, que foi, talvez, aquele que falou em frances à Sra. Alexandra David-Neel. E paremos aqui... por ser vedado tratar de tão excelso mistério.

³ No Capítulo XIX (nº 84 desta revista) tivemos ocasião de publicar dois clichês: um, relacionado com a estadia da Sra. David-Neel no mosteiro de Chigat-sé, e o outro, “seu acampamento na região (por sua vez Jina...) onde vivem os lamas contemplativos. Inúmeras vezes temos falado de outros lugares que, por todos os seus mistérios... são considerados dessa mesma natureza. E isso por toda parte do mundo, inclusive a Montanha Sagrada ou Jina, onde em 1921 fez a sua eclosão espiritual, a Obra grandiosa em que estamos empenhados. O próprio nome São Lourenço (que a Igreja festeja em 10 de Agosto, por ser o de seu martírio, e foi quando se fundou materialmente a mesma Obra, conforme se poderá verificar pelos nossos Estatutos Sociais), é um nome puramente jina. Sem

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

falar em que tal santo foi martirizado em uma “grelha incandescida” (por sinal que, o rei Felipe II, devoto de tal santo, manda fazer o “Escorial” em forma de grelha, etc.), símbolo do Fogo Sagrado, Agni ou o Verbo Solar, como o da Verdade dos deuses, super-homens, Mahatmas, Gênios ou Jinas (razão do termo grego *Teosofia*, ou “Ciência dos deuses”, etc. Outrotanto, aconteceu com inúmeros mártires, a começar por Giordano Bruno, etc., etc., e mui especialmente, Jeanne d’Arc, cujo nome, conforme já explicamos por esta

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

iniciada pelos melhores gramáticos e letrados, nas mais sublimes doutrinas místicas. Ao lamentar-se mais tarde, Alexandra, de não haver aceito semelhante convite, exclama: “não me achava bastante livre, ainda, para renunciar aos meus laços terrenos. Pobre de mim! Quanto me restava a aprender, e que de transformações morais me faltavam ainda a sofrer para chegar gloriosamente ao que teve, finalmente, de acontecer alguns anos mais tarde: *uma pobre peregrina através de todo o Tibete!*... De minha paradisíaca estadia em tão delicioso lugar, trouxe o diploma de graduada “honoris-causa” na Universidade de Trachil-humpo. Vi-me, ainda, sob tetos de ouro e esmagada sob o peso de indescritível suntuosidade; porém, envolvida em uma atmosfera de grande elevação, entre aqueles verdadeiros gigantes espirituais, com *alma de crianças*. E a quem, por nossos próprios prejuízos ocidentais... nem sempre alcançamos compreender”.

CADA VEZ MAIS ASCETAS CONTEMPLATIVOS

Em seu regresso a Sikkim, pode ainda Alexandra visitar a caverna-castelo de certo anacoreta que nele vivia, diz-se, há mais de 19 anos, como sucessor de outro, que ali habitou durante 30 anos, imitando, por sua vez, outro grande mestre espiritual que, não viveu em tal lugar, menos tempo, limitando-se os três a não ver durante tantos anos, nem mesmo o céu tibetano, com suas prodigiosas torrentes de luz solar, suas estrelas e tempestades de neve. Tem ela, ainda, especial menção para o *gomtchen* de Sakgong “cujos longos cabelos, não sendo de um laico, é um dos sinais característicos dos ascetas ermitãos (ginósofos e “nazarenos”), como dos místicos contemplativos (naldjorpas). Em realidade, dizia-lhe um deles, “só conhecemos nossas próprias idéias, porém, as causas que determinam permanecem desconhecidas. Quando intentamos alcançar tais causas, só encontramos novamente a idéia que de tais causas temos”. E a semelhantes exposições filosóficas, além das quais nada foi até hoje à Europa, nem o nominalismo de Loke, nem o pessimismo de Schopenhauer, seguiam sempre “more graecorum”, dramáticas dissertações, nada ortodoxas, dentro do lamaísmo ou do budismo, relativas, por exemplo, ao Nirvana, “como ausência total, de toda crença pessoal e cessação de qualquer imagem representativa do mundo exterior, e de qualquer atividade ainda mental concreta, criadora dos mais falsos reflexos perturbadores”: a doutrina mística, enfim, da *Voz do Silêncio*, naquelas estrofes de: “A Mente é a grande destruidora do Real: mate o homem ao destruidor!, aliás, de tão difícil compreensão para as inteligências ocidentais.

XXII

Da China à Índia através do Tibete

Segundo as descrições dos capítulos anteriores, cada vez mais a intrépida Alexandra David Neel se ligava espiritualmente com o País das Neves, embora que sempre prejudicada em suas explorações pelo mais fatídico “non plus ultra”, quer por parte dos elementos, quer dos homens, que lhe cerravam o caminho de Lhasa, apesar de encontrar-se esta “Roma tibetana” tão próxima, geograficamente falando, da Índia. “Que deveria fazer, à fim de vencer semelhantes obstáculos e proibições?”, perguntava ela a si mesma. E como estivesse senhora tanto do idioma do País, como das espirituais doutrinas, que ao mesmo imprimem sua original característica, tudo mais deveu ao seu próprio heroísmo e perspicácia feminina. Assim, depois das fracassadas explorações do Sikkim às alti-planícies do Sul de Chigat-sé, onde muito aprendeu sobre Magia e Ocultismo, resolver levar avante tamanha empresa pelo lado oriental, ou seja, pela China, que é por onde sempre estiveram franqueados os caminhos que conduzem àquele País, até o dia em que as insurreições tibetanas contra o Celeste Império modificaram a sua face política, cerrando-os também por aquele lado.

Com efeito, para melhor desviar a atenção sobre a sua origem ocidental, lançou mão de um jovem e complacente noviço ou trapa **lamaísta**, chamando A. Yongden, a quem fez passar por seu filho, que a acompanhava em peregrinação através de várias regiões. E assim, a “velha e peregrina mãe tibetana”, acompanhada de seu suposto filho, realizou à pé e mendigando de região em região, quando não, sujeitando-se às mais arriscadas aventuras, através de nevadas montanhas e áridos desertos, todo o País da Religião, em melhores condições do que as empregadas por outros denodados exploradores...

Partindo, assim, os dois falsos peregrinos, das afastadas comarcas chinas de Kantsé e Litang, empreenderam sua infundável “cavalgata”, que durou oito longos meses, através das mais complexas e perigosas aventuras, embora que, muitas vezes, alegres e até, jocosas, segundo ela própria no-lo relata naquele seu curiosíssimo livro.

UMA VIAGEM NOVELESCA

Para se poder avaliar do heroísmo desses dois “peregrinos”, somos forçados a lembrar que a imensa região a ser por ambos percorrida até Lhasa, é das mais abruptas e desconhecidas. Aqueles alinhamentos de perto de cinquenta montanhas, apertadas e

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

desordenadas, como vistas nos mapas, demarcam outras tantas torrentes e rios, escoamentos tributários dos caudalosos rios Mekong, Saluém e Trampo ou Brahmaputra. Rios que vão desaguar, os dois primeiros, no Pacífico, e o último, no Mar Índico. Por outro lado, a comarca está repleta de pequenas aldeias tibetanas, por entre as quais era de temer perigosos encontros com os bandidos que infestam todo aquele território. E também, com a polícia do teocrático Governo do Dalai, além dessa outra “polícia”, muito mais temível, que é da pertinaz curiosidade aldeã, que vive sempre à espreita de algo prejudicial aos seus domínios. E que, tanto no Tibete, como na Espanha ou qualquer outra parte do mundo, impede toda reserva e incógnito, através das conhecidas interrogações de “Quem é Você? Que vem fazer aqui? Donde vem e para onde vai?” comprovando assim que o velho mito da Esfinge devoradora, é mais do que um **mito**, terrível e fatal realidade, com a qual está sempre comprometido o homem, na sua vida diária, quanto mais um viajante que se afoite a percorrer tão enigmáticos países, como são os dois referidos ¹.

Com o espectro sempre ameaçador da proibição anglo-tibetana sobre seus passos e imaginação, para não dizer, “atos e pensamentos”, os “peregrinos” tinham que evitar a entrada nos povoados, ou ter de cruzá-los rapidamente, à fim de não ocasionar suspeitas, o que lhes obrigava a se ocultarem durante o dia e viajar, a maioria das vezes, à noite, sob uma temperatura de vinte graus abaixo de zero. Do mesmo modo que, dormindo sobre a neve, e açoitados pelos furacões, tão frequentes naquelas alturas; quando não, mortos de fome e sede, por caminhos desconhecidos, atalhos rochosos e difíceis de percorrer; cerrados bosques, perigosos pântanos e intransponíveis torrentes, em risco de ser atacados por bandidos, tigres e serpentes, que são os verdadeiros senhores de tão horríveis quão misteriosos lugares...

E quando o povoado era inevitável ou perigoso, ter de procurar um esconderijo, vendo-se, quase sempre, na contingência de representar uma falsa comédia, supersticiosa e **milagreira**... em que o heróico jovem tinha o papel de “santo e taumatúrgico lama”... com a sua messe de bênçãos, exorcismos, descoberta de objetos perdidos e demais superstições mui comuns naquele País. E ela, por sua vez, de feroz e imunda feiticeira tântrica, “viúva de perigoso feiticeiro, a quem, por seus muitos pecados, havia-lhe sido imposta aquela peregrinação”, destruindo por toda parte as terríveis entidades do Astral, com as quais convive supersticiosamente o tibetano, de parceria com os animais e sua mísera e cretina existência. O êxodo dos dois viajantes ficará assim como um documento de exploração geográfica das mais sui-generis, semelhante ao eterno método de magia ou “Ciência Superior” que, embora real e admirável, é obrigada a servir-se do engano ou “maya-budista” (Maya-Vada) para aqueles que não podem “encarar face à face” todo o brilho da Verdade e da reta intenção, que da mesma emana. Ciência das ciências, método único e inevitável e, portanto, Magia tão antiga quanto o mundo, pois nasceu no mesmo dia em que começaram a existir “pais e filhos”, grandes e pequenos, prudentes ou ajuizados e imprudentes ou se juízo. Método supremo, enfim,

¹ Ocuparíamos mais de um capítulo se fôramos apontar as inúmeras analogias que existem entre as casas, trajes, costumes, etc., dos tibetanos que Alexandra nos descreve e os que, por nossa vez temos tido ocasião de observar já em nossa infância, quando entre aldeãos, já quando homem, através de viagens, sobretudo, pelas aldeias de Asturias e Galicia. A mesma sociedade típica e cheia de *galanteios*, as mesmas vivendas com o andar inferior ocupado por animais, cereais, etc., e o superior, por pessoas em aterradora promiscuidade. Sempre a mesma e infalível gente “interrogadora”; os mesmos costumes, até de fazer em público o que é mais íntimo, de que tanto se lamenta a autora... Eis aí como se vive em nossas aldeias, como em capitais e comarcas provincianas, mercê, sem dúvida, a esse espírito de superstição, ignorância, fanatismo, perfídia, beatice, desconfiança, etc., todos eles característicos de qualquer povo submetido, de um modo ou outro, aos clericalismos embrutecedores. E que mereceu de Campoamor aquela frase de “quão formosas seriam as aldeias, se não houvessem aldeãos e aldeãs”!

As coincidências se repetem quanto aos gostos e costumes: os mesmos repugnantes guisados com carnes passadas ou mortas; igual de atenção na maneira de lidar com seus convivas e *gulodices*, quando diante de farto banquete; idênticos métodos, enfim, na morte como na vida... Dar-se-á o fato que, na pré-história oculta do ocidente, chinos, tibetanos e mongóis, tivessem tido influência maior do que se conhece, através de remotas imigrações de povos, como o celta, vindos da Alta Ásia e da China, por terra, aqueles, e estes por

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

mar? Assim o julgamos, e em mais de uma passagem de nossos livros, temos apontado semelhantes coincidências, que hão de, com o tempo, revolucionar os estudos históricos, porque, dentro das leis teosóficas ou de analogia que regem o mundo, assim como a geologia e tectônica européias não podem ser explicadas sem as da Ásia, o mesmo deve acontecer com sua geografia e história. –
Nota do autor.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

várias vezes repetido, em circunstâncias análogas, pelos exploradores do Tibete, como aquele grande humorista Charles Bell, que alcançou a confiança dos tibetanos e do próprio Dalai-lama, a ponto de aprender tão difícil idioma; ler uma quantidade imensa de textos manuscritos e estender o primeiro fio telefônico em Lhasa, fazendo crer que “o colocava, à fim de não se perder, quando tivesse de voltar para a Índia”.

Como também, aqueles servidores do Cadastro anglo-hindú que, sob o nome de Mohamed el Mullah, Mizra Suya, etc., puderam explorar, durante anos, as regiões himalaicas, como prólogo às gloriosas ascensões desses últimos tempos ao pico do Everest e de outros muitos.

A viagem dos dois nadjorpas peregrinos, começou pelo rio Mekong, (cujas fontes cruzou mais acima, o malogrado Dutreuil de Rhins) e o mosteiro de Dayul até a pequena aldeia de Londre. Seguiu pelo curso de Sahiën, subindo até os cumes aterradores da cadeia de **Aigin**, mais alta que o Monte Branco, para logo descer ao referido rio, na tão ignorada quão perigosa comarca de Potend ou **Po-tó**, visitando as grandes lamaserias de Temo, de Gyamba e de Kongbri e chegar, finalmente, à Lhasa, ao cabo de oito meses de ininterrupta marcha, permanecendo, ainda, dois meses entre os anônimos e devocionais peregrinos da Roma tibetana.

Não é, pois, de estranhar que Alexandra pudesse falar-nos, com autoridade até aqui inigualável, acerca da vida de dor e de miséria, a par da de magia e de sonho, apenas entrevista pelos demais visitantes do país, dos **po-pas**, como daqueles abundantíssimos relatos ocultistas por ela recolhidos aos milhares, confirmando o que, em lábios de seus antecessores, não era mais do que engano ou fantasia, embora que para os investigadores de todos os gêneros possua grande valor.

MAGIA NATURAL E MAGIA HUMANA

A região oriental do Tibete, que confina com o **Yu-nan** chinês, é quase desconhecida, principalmente, sua comarca do Kham, berço provável do **Khamanismo** ou **Chamanismo** primitivo, que mais tarde estudaremos e tem fama de ser o país dos **cavaleiros-bandoleiros**, “verdadeiros senhores feudais salteadores de caminhos”, como os que infestaram todo o centro europeu na Idade Média. E até, como os nossos “bandidos de epopéia” andaluzes, cantados em verso e prosa no século XIX, como, por exemplo, aquele “José Maria que aos ricos roubava... e aos pobres socorria”. E aquele outro “José do Telhado que, ao faminto auxiliava, deixando ao farto... roubado”, ou antes, enganado... O que no Tibete não tem o **sabor** dos nossos, por ser a sua natural característica, e onde não existe segurança pessoal, a não ser em meia dúzia das suas maiores cidades. Os infundáveis e semi-tropicais bosques do **Po** (nome que faz lembrar a outro rio **ário** do norte da Itália, do mesmo modo que a cidade da Navarra francesa, de Pau ou Po); os vales afluentes do rio Tarong, tributário do Mekong, só foram explorados em pequena parte por Bacot, em 1909; pelo naturalista F. Kingdon Ward, em 1911, 1914 e 1924, e por Barley, em 1911, embora que, já em 1860 os missionários franceses chegassem até a possuir explorações agrícolas naquelas inacessíveis e tão longínquas regiões da terra.

Não é assunto para ser aqui copiado, o que se prende a toda essa épica viagem de nossos heróis; muitíssimo melhor seria a leitura de sua obra, por quem estime as

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

coisas do ocultismo, pois, os mais extraordinários fatos ali se acham narrados. Citarei, entretanto, alguns por serem de fato dignos de curiosidade.

Ao chegarem à zona proibida, os dois ilustres viajantes que, embora seus disfarces e algo mais, nada tinham do Cavaleiro da Triste Figura e seu **ministro** Sancho-Pança, se defrontam com mais outra dificuldade, por parte dos guias e carregadores que os acompanhavam, pois, tiveram de subir sós a “Montanha Sagrada” de Kha-Karpo, desviando-se – sob vários disfarces – de homens e feras, em busca de “deuses” ou “super-homens”... Não puderam, entretanto, fugir do encontro com os elementais ou “espíritos da Natureza” que, por sua vez, são senhores daquelas **moradas**, ou antes, seus vigilantes guardiães, principalmente para **intrujões** ocidentais. Nesse caso, sim, comparável aos personagens da novela de Cervantes, por terem de “lutar contra moinhos de ventos e rebanhos de ovelhas”, que são os referidos elementais, de cuja luta só saem vencedores os que saibam manejar com eles, principalmente se de vida pura...

Vejamos, pois, como simples amostra, o pouco que copiamos da heróica autora:

OS MI-MA-YIN

“As coisas da Natureza” – diz ela na narração de sua viagem – “parecem possuir uma linguagem toda especial, somente inteligível para aqueles que, atentos e solitários, viveram próximos delas, ou os tais que souberam retratar seus próprios pensamentos e secretas intuições nas enigmáticas fisionomias, nos montes, nos bosques, nas águas, etc.

Assim, o majestoso Kha-Karpo, dirigindo do alto, no claro céu, as massas glaciais, de tons prateados pelos raios da lua cheia, se me apareceu naquela noite, não como o pardacento guardião de uma barreira intransponível, mas uma venerável e benfazeja deidade, erguida no umbral das místicas soledades, que iam devassar, disposta a acolher e proteger a temerária viagem que, atraída por meu amor ao Tibete, a ele volvia... À medida que ascendíamos pela „montanha santa“, o bosque se tornava mais sombrio, e os mais curiosos fenômenos acompanhavam nossas marchas noturnas, como se nos encontrássemos nos domínios de um feiticeiro. Produzido pelos cambiantes manejos das nuvens e dos raios lunares; pela febre causada pela fadiga ou mesmo por motivos mais transcendentais, personagens surgiam em redor de nós, através de enigmáticos e bruscos lampejos. Víamos bailar na abóbada celeste, os fulgores de misteriosas fogueiras. E nas saliências das montanhas, movediças sombras se perfilavam, enquanto de longe nos chegavam aos ouvidos esquisitas harmonias, que acabavam por encher todo o ambiente de sons... Certa vez, indo até próximo do meu companheiro, entrevi duas formas humanas de estatura elevada, vindo em minha direção... Refugiamo-nos em uma rocha, onde se refletiram aqueles intermitentes lampejos da enigmática fogueira; enquanto debalde nos ocupávamos em encontrar um rastro ou vestígio que pudesse testemunhar a presença de um ser humano. Achávamo-nos, sim, em presença de fórmulas mágicas talhadas na pedra... e pássaros negros que vinham poisar sobre a ramada ali próxima, parecendo querer imitar os nossos movimentos, ou antes, zombar de nós, movendo com a cabeça e soltando horripilantes assobios... Essas negras aves, exclamou Yongden, são os „mi-ma-yin“ (uma das seis classes de seres humanos que os tibetanos reconhecem). São eles que nos fazem ver fogos e ouvir árias musicais durante a noite, para nos desviar do caminho, ou, no mínimo, retardar nossos passos. O jovem lama recitou imediatamente um **drug** ou fórmula mágica obrigando os pássaros a tomarem vôo, soltando estranhos gritos, como se estivessem aterrorizados.

Tais aves fatídicas, mais astrais do que físicas, de que nos fala a lenda universal, são por acaso as mesmas do lago da Stinfalia, mortas a flechadas por Hércules; “aves” essas, que cortam a comunicação entre os homens e os deuses, no

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

célebre poema de Aristofane companheiras dos **gulas** do deserto africano, sempre prontas a desviar o viajante de sua rota, à fim de que venha a sucumbir no arenoso mar... O que nos obriga, mais uma vez, a admirar a fina intuição ocultista de Wagner

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

representando tais **entidades**, ora benfazejas, ora perversas, em vários de seus dramas musicais, chegando a chamar de **Mimo** (quase “mi-ma-Yin”) ao loquaz **nibelungo**, traidor do herói Sigfredo, a quem aparenta amar paternalmente. Porque **mi-ma-Yin** além das exigências etimológicas, que lhe dá Alexandra, quer dizer, mímica, gesto, etc., donde o termo “momo”, aquele que imita, ou antes que é um “falso homem”, por ser contrário aos **jins**, **djins** ou **Jinas**. E também dos piedosos **djindas** tibetanos que fornecem provisões aos santos eremitas.

Os termos “mimo”, “mono” e outros mais, fazem lembrar o pecaminoso incesto da decadência lemuriana, que destrói quantas absurdas teorias por aí existem, sobre a origem do homem. Ou seja, aquele necromântico cruzamento entre os degenerados do fim da referida raça, com animal de estranhas formas, cujas lhes obrigaram a contrariar a própria Lei, no que diz respeito à propagação da espécie... E quanto às misteriosas aves, que ridicularizam e conduzem os viajantes por falsos caminhos, não são mais do que, digamos sem temor nem pejo, encarnações dos sexuais pensamentos, que nos chegam ainda de tão nebulosos tempos... Mais parecendo uma vingança ou castigo **cármico** que até hoje existe contra aqueles que se deixam vencer pelas questões “sexuais”.

Ilustração: foto

Legenda:

Parte mais alta da “Montanha Sagrada” – Henrique e Helena sustêm a tradicional bandeira do “Buda Branco do Ocidente” (ou a mesma usada pelos Budas-Vivos da Mongólia. Vide final da anotação 4 deste capítulo) não confundir a “Svastica” de tal bandeira, com a involucional “Sovastica” adotada por von Hitler, considerada por “Jainos” e “budistas” como símbolo fatídico.

UMA ALDEIA JINA

Um pouco mais adiante, na parte franqueada da cadeia de Dakar-la, (la ou “Iha” tanto significa “espírito” como “altura”) cadeia mais alta que o Monte Branco, como já foi dito... E após haver saudado amavelmente aos tigres, que não fizeram o menor gesto de os atacar, os viajantes se defrontam com uma cidade de Jinas, segundo aquela passagem em que Alexandra nos diz: “A manhã era esplêndida. Numa dobra da montanha, apareceu-nos, inesperadamente uma aldeia, presa ao seu flanco. Algumas casas isoladas apresentavam-se mui próximas de nós, à beira do caminho. Que aldeia seria aquela? Não figurava em nenhum mapa; do mesmo modo que, nenhum habitante do país, segundo soubemos por informações tomadas, quando dali partimos, ouviu falar de semelhante aldeia. Além disso, sua arquitetura em nada se assemelhava à vulgar, isto é, às residências dos camponeses. Em vez de fazendas e choças, víamos pequenas hospedarias e castelos em miniatura cercado de jardins que, a despeito de suas exíguas proporções, surpreendiam por seu aspecto imponente. Tão estranha aglomeração era banhada por pálida e áurea luz!... Nenhuma voz humana, nenhum grito de animais... era pressentido! Mas apenas, ligeiros e argentinados sons, como de campainhas, chegavam aos nossos ouvidos... Estávamos assombrados diante de tanto mistério! Encontrávamo-nos no Tibete ou no País das Fadas? No entanto, para que não fôssemos surpreendidos diante de tamanha contemplação, precisávamos sair dali ou nos ocultarmos em qualquer lugar. A prudência exigia que aguardássemos até à noite, a temerária exploração. Procurei dormir após havermos caminhado por algum tempo, e ali só volvemos antes do pôr do sol. Mas... onde se achavam as preciosas “vilas”, os pequeninos, embora que majestosos palácios e jardins traçados tão esteticamente?... Diante de nós, apenas o bosque sombrio e solitário... donde vinha o canto mavioso de alegre pássaro que assobiava através da ramagem, substituindo ao harmonioso tilintar das campainhas.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

“Teríamos sonhado?” perguntei a Yongden. Creio que toda essa fatasmagoria não passa de um sonho desta manhã que passamos a dormir”. “Sonhar? Dizeis que temos sonhado?” replicou o lama. “Eu vos mostrarei como a presenciamos os dois esta manhã:

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

enquanto contempláveis a cidade maravilhosa, eu tracei um **sungpo** ou círculo mágico na pedra, com a ponta de meu bastão, à fim de que, nem deuses, nem demônios nos pudessem deter a marcha para Lhassa. Vou ver se o encontro”². E depois de se orientar e procurar por algum tempo, exclamou: Ei-lo aqui! Olhai-o... O **sungpo** se distinguia perfeitamente na pedra... Eu não sabia o que pensar: “Filho meu, disse a Yongden, o próprio universo, não é mais do que um sonho”. “Sem dúvida”, respondeu ele. O **sung-po** e os ngags (“nagas”, serpentes) que eu pronunciei ao traçá-lo, dissiparam o encanto”³.

Que interpretação devemos dar a semelhante “fantasia”? Nem mais nem menos do que a mesma que temos dado a outras aventuras iguais, em vários de nossos livros, e através do que transparece na vida de místicos, como Swedenborg, quando nos fala das **terras jinas**, ou “de gentes do outro mundo”...

DIVERSAS AVENTURAS

Tendo os viajantes cruzado a zona proibida, à noite e a 4.900 metros de altitude, e franqueado a cadeia de Dokar, em frente a inumeráveis Budas talhados nas rochas daquele desfiladeiro, as mais extraordinárias aventuras lhes acontecem. Algumas vezes, são as terríveis feras daqueles lugares que não ousam atacá-los, pela mágica e fraternal linguagem de **Buda**, senão daquele outro Buda, que se chamou Francisco de Assis, no ocidente, que conversava com os animais; outras ocasiões, os funcionários do Governo, cheios de suspeitas para com os viajantes, as quais são logo desfeitas pelo seu aspecto

² Na vida de H. P. B. existem vários casos iguais, alguns deles, presenciados pelo próprio Cel. Olcott, inclusive aquele em que a mesma desaparece enigmaticamente por uma rocha a dentro, sem que ali houvesse nenhuma fenda. Algo parecido com o “Abre-te, Sésamo”, da “Caverna de Ali-Babá e os 40 ladrões”, de tão iniciático conto... Além daquela outra, em pleno deserto, onde um dos seus Mestres, lhe faz ver cidades jinas, quando lhe oferece saborosa xícara de café com leite, por ela desejado naquele momento. Em uma das gargantas do Nepal, à leste da Índia, existe uma região com o nome de “Maya-Deva” (deusa-ilusão), por onde, alguns

Adeptos entendidos se passam da Índia para o Tibete, dando bem de frente com a capital tibetana: Lhassa. Entretanto, ao vulgar dos homens, aquela região é intransponível, devido às suas “negras florestas” (qual o *Jungfrau* das lendas escandinavas), feras e inúmeros riscos para quantos ousarem transpô-la. Seu nome o diz: “deusa ilusão”, isto é, pura ilusão ou “maia”, à fim de proteger lugares sagrados, ou de antigas Fraternidades... por perto das quais não devem passar simples humanos.

É sabido que para se chegar a Lhassa, através da Índia, é preciso fazer extensa volta, tomando o Norte daquele País, ou seja, por Simlah, em Srinagar; ou mesmo, contornando a parte norte do Himalaia, quando uma simples reta, por aquele outro lugar... evitaria centenas de léguas a percorrer, digamos, *ignaramente*, senão, por falta de merecimentos. *Nota do tradutor.*

³ “Ngags”, ou melhor, “nagas”, é termo ocultista que se refere ao conhecimento dos “nagas”, serpentes ou iniciados, como se vê em certas passagens de “Ísis sem Véu”, sempre que se faz referência às doutrinas *ofitas*. No Tibete se fala, também, dos *lus* ou “nagas” do mar, lagos, rios e fontes e daí, a lenda da “serpente marinha” e o Leviatã (apocalíptico). Dizem que tais seres só tomam leite e água pura, sentindo verdadeiro horror por tudo quanto cheire mal e contando com fabulosas riquezas, das que fazem participar aos seus eleitos... Algumas vezes tomando forma humana, semelhante àquela lenda universal. No vale de *Nu-chu*, os viajantes costumam ver seus “fogos ocultos”.

No norte da Índia, província de Caxemira, existe uma cidade chamada “Srinagar”, próxima a Simlah, outra cidade importantíssima, ambas estreitamente ligadas à fundação da Obra em que a STB se acha empenhada, como Foco central da “Missão dos Sete Raios de Luz”, por outro nome, da “7ª sub-raça”, cuja reinará no continente sul-americano.

Pois bem, o termo “Srinagar” se decompõe em “Sri + naga ou nagar”, que tanto vale por “senhores ou homens serpentes”, isto é, iniciados nos grandes mistérios ocultos.

Como se sabe, a S. T. B., que teve no seu início o nome “DHÂRANÂ”, conservado até hoje em seu órgão oficial, como homenagem àquela época, foi fundada sob os auspícios das Fraternidades Budistas do Norte da Índia e do Oeste do Tibete (“5ª Rama budista, como era chamada em tal época). E isso, com ligações diretas com a “cidade de Uрга”, capital da Mongólia, onde imperava o último Buda-Vivo da série dos 31. Cujo Buda-Vivo (o Bogdo-Ghegen) é obrigado a desaparecer da Terra (como o afirmam, não só as tradições do País, como escritos de insuspeitos autores, como fossem: Ferdinand Ossendowsky, Nicolas Roerick, Marquês de Riviere e muitos outros, sem falar em documentações existentes em nosso arquivo social), dizemos, no ano de 1924, quando justamente se funda no Brasil (na cidade de Niterói, por ordem superior) o referido “Colégio Iniciático”, para o excelso Trabalho em prol do Advento da 7ª sub-raça ária, por outro nome, “Missão dos Sete Raios de Luz”.

Antes mesmo, já o Oriente começava a fundir-se no Ocidente, quando desaparece, em 1883, o último rebento espiritual que ao mundo ofereceu a mãe-Índia, como origem de tudo quanto de espiritual o mesmo possui. Referimo-nos ao excelso *Ramakrishna*. Fato esse que se harmoniza com o do nascimento, no mesmo ano, da “criança prodígio”, que foi trocada logo no berço... E aos 15 anos, obrigada a fazer uma viagem de peripécias... para encontrar seus verdadeiros pais e, finalmente, ir à Índia para entrar em contato com outros Seres mais misteriosos ainda. Tal criança nasce em *São Salvador*, Estado da Bahia e lhe é dado o nome iniciático, cujas 3 letras de que se compõe são as mesmas de que a Igreja se serviu para o seu “Jesus Homo Salvatorem”, quando ele significa algo completamente diferente, pois provém de tempos imemoriais, representando sempre o “fundador ou guia de um povo ou raça”, como “Filho de Io ou Ísis”, etc, senão, do próprio mistério das mônadas pelo “Itinerário ou Caminho de IO (Ísis, etc.)”. Referimo-nos ao JHS, que figura na própria “Taça Eucarística”, já adotado pelos hebreus, etc. e copiado pela Igreja romana.

Voltando ao termo “nagas”, etc, “nagates” eram chamados os astrólogos ceilanêses; “naga-rajahs” para os “espíritos guardiões dos

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

lagos, ribeiras e mares, donde proveio o termo “Serpente-marinha”. No egípcio, o termo “naja” (que também é o mesmo na Índia), quer dizer “Serpente”.

“Naikas ou Naï agas” (donde os termos “naiades, nariades ou nereidas, ondinas, ninfas, etc.”), eram as “8 ninfas que, na mitologia indiana, faziam parte do cortejo de *Krishna*. – *Nota do tradutor*, com todo o complemento do capítulo, que o insigne autor de “O Tibete e a Teosofia”, deixou de acabar.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

de mendigos, além das mágicas orações de que lançam mão, no mais perfeito tibetano. Em resumo, os próprios “cavaleiros-bandidos”, que chegando a espoliá-los de quanto levam consigo, logo lhes restituem, contritos e apavorados, ante a “velha kandoná”, que lança uma praga tântrica, relacionada com os horrores do Bardo. Por sinal que, **casual**, ou antes, **causalmente**, faz desencadear horrível chuva de granizo, acompanhado de não menos terrível tempestade, que acaba por aterrorizá-los... provocando verdadeiras cenas cômicas. Do mesmo modo que, muitas outras, inclusive quando recebidos hospitaleiramente por compassivos aldeãos, teve a alva e rosada Alexandra de enegrecer as suas mãos, além de ficar durante semanas sem tomar banho, para adquirir aspecto repugnante... Como, ainda, sujeitar-se a comer não menos repugnante sopa feita com carne de cachorro, e os intestinos... ao natural, introduzidos por alguns dias, em estômago de Yak (corça selvagem). Tal como os companheiros de Pizarro, quando, carregados de sacos contendo esmeraldas, estas de nada lhes serviram, pois tiveram de alimentar-se com as correias de seus calçados e arreios dos animais que montavam, assim nossos caros “peregrinos” passam alguns dias sem tomar nenhum alimento, para o primeiro, constar de “substancioso caldo”, feito com um pedaço de sola, de prevenção conduzido para consertar os seus calçados, se estragados na longa viagem que iam fazer...

Outra ocasião, recebem “cálida hospedagem”, embora que em sórdida hospedaria, numa terrível noite de inverno... e aos 4.900 metros de altitude. E em outra, mísera espórtula, que lhe dá avaro camponês, depois de ter o lama Yongden abençoado durante horas a sua casa, filhos e animais. A psicologia de tal gente, que podemos chamar nas aldeias de qualquer parte do mundo, de “atrasada”, segundo nos relata com mão de mestra, a autora de tão soberba obra, é deveras interessante. Mesmo ao querer proteger alguém, ou demonstrar carinho, etc., o fazem de modo grotesco, senão, sem nenhuma cortesia. Assim, o que a mesma autora nos relata à respeito daquela **pudica viúva**, que lhes atira com uma cadeira, depois de os ter socorrido; ou aquele outro estúpido camponês, que os hospedou “compassivamente”... em certo apartamento de sua casa, mas, sem esquecer de os avisar antes que, embora confortável, “era habitado pelos mais ferozes demônios”. E isso para se convencer praticamente e “in anima vili”, se o mesmo apartamento ficava livre de semelhante encanto, com a presença dos peregrinos. O que seria provado se ambos saíssem incólumes de semelhantes “feras do Astral”...

CASO ASSOMBROSO DE PREMONIÇÃO

Cedamos a palavra à autora, à fim de podermos melhor narrar um caso estranho de sua viagem, que comprova a clarividência que costuma ter lugar com os moribundos.

“Paramos à margem do rio e fizemos uma fogueira, para prepararmos a nossa refeição, quando descobrimos que uma criança assentada do outro lado da ponte, levantava-se e correndo para onde nos encontrávamos, atirava-se de joelhos aos pés de Yongden, como é costume fazer-se diante dos lamas de certa categoria. O fato nos surpreendeu. Por que tais demonstrações diante de um andrajoso peregrino? Antes, porém, que o interrogássemos, foi logo dizendo a meu filho adotivo: “Meu avô está morrendo e nos anunciou que um lama, descendo esta montanha tomaria lugar aqui. E deseja vê-lo imediatamente. Por isso, desde que amanheceu, eu e meu irmão estamos vigiando o lugar”. “Não é a meu filho a que teu avô espera”, repliquei. “Somos de um país mui distante e não é possível que o enfermo nos conheça”. “Ele falou bem claro”, disse o pequeno. E vendo que não nos dispúnhamos a segui-lo, atravessando novamente o rio, desapareceu para voltar em seguida, acompanhado de um **trapa**. “Lama”, disse este a Yongden depois de ajoelhar-se, “faça a caridade de vir ver meu pai, que vos espera

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

impacientemente, pois diz que vai morrer. E que somente vós o podereis guiar através do **Bardo**, para que tenha feliz encarnação. Tudo ocorreu como meu pai predisse. Ele sabia que faríeis fogo sobre as pedras, junto ao rio e não, na **mideusa** (fogão de pedras) onde costumam descansar os viajantes”.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

Ficamos perplexos. Persistíamos em que o enfermo havia sonhado com algum lama. Entretanto, diante das lágrimas do **trapa** aconselhei a Yongden que fosse visitar o moribundo. Por que afligi-lo? Desfeito seu engano, continuaríamos nosso caminho. Já à porta da fazenda, a família e os criados nos aguardavam, com devocional respeito, conduzindo-nos perante o moribundo, que conservava, entretanto, perfeitas as suas faculdades. “Lama”, disse ele, “aguardava-vos já há muitos dias... e estava certo de que haveríeis de vir. Não queria morrer sem vos ter visto. Sois vós, meu lama, meu verdadeiro **tsanai-lama** (mestre espiritual) e único com poder para me conduzir à mansão mais feliz do que este mundo. Tende compaixão de mim e não me negueis vosso auxílio”.

O que desejava o enfermo era que Yongden lhe recitasse o ofício tibetano dos mortos e que deve ser feito à cabeceira de todo moribundo lamaísta, monge ou laico, embora não iniciado nos ensinamentos esotéricos de qualquer das seitas místicas. Consiste em preces ou exorcismos a divindades e conselhos dados aos próprios mortos durante as primeiras horas de sua desencarnação. Graças a isso as “consciências-energias” ou **namches** (os “micróbios ou pequenas almas celulares” de Paracelso), são devidamente dirigidas pelos complicados caminhos do Bardo, terminando tal recitativo pelo **prowa** ou ordem concisa pronunciada pelo lama, mandando ao **namche** principal ou “alma humana”, **núcleo central** daqueles, que renasça em tal ou qual condição determinada, geralmente, no nub-deva-tchen (**devachan** hindu, ou melhor, “lugar nebuloso dos deuses”, região celeste localizada na parte superior do Astral, embora que, “mayavica” ou ilusória, como prova, dali saírem as almas, para uma nova encarnação... após um estágio relativamente feliz, dizemos nós). E tanto mais eficaz se torna semelhante ordem, não na razão da fé e da obediência da alma do moribundo, mas, do grau de força mental ou “poder mágico”, que possua o oficiante, e da profundidade dos seus conhecimentos sobre tais coisas.

A cena foi de emoção extraordinária. Entre os assistentes ajoelhados, o lama pronunciou as palavras ritualísticas, que desejava ouvir de sua boca, “o homem que as esperava para poder morrer em paz”. E quando, finalmente, abandonamos a fazenda, o rosto do ancião tomou seráfica e profunda expressão, em completo alheamento de qualquer laço terreno, como se já tivesse entrevisto essa Bem-aventurança, que nada possui de real em si, mas que jaz em estado latente em cada um de nós. De modo algum tratarei de explicar tão estranho incidente, pois parece mais sensato confessar, diante de nossa ignorância, que o negar a **priori** ou apelar para a teoria, que a ciência até agora não comprovou. Por isso mesmo, relatando-o como um fenômeno típico de clarividência nos últimos momentos da vida. Não desejava que isso desse lugar a comentários extravagantes à morte e os mortos, pouco importam as singularidades de que venham revestidas, não devem servir de motivo fraudulento, nem para ridículas histórias, e muito menos, de brincadeira a quem quer que seja.

Com vistas aos que se dedicam às evocações... e muito pior, os “falsos médiuns”!

Ilustração: foto

Legenda:

Ocidente ou presente!... Em pleno coração da “Montanha Sagrada” de São Lourenço (Minas Gerais – Brasil), “Henrique e Helena” ladeados pelos dois pavilhões simbólicos de sua missão.

MAGOS FORÇADOS

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

Os peregrinos, como acabamos de ver, foram muitas vezes obrigados a fingir de lamas e magos autênticos, à fim de evitar novos obstáculos e desconfianças, tal como aquela piedosa maneira com que se encaravam entre si os charlatães romanos diante de seus próprios augúrios. Razão porque, jamais nos cansaremos de repetir: a verdadeira

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

magia não é, senão, um conhecimento superior, provocado por leis naturais, embora desconhecidas para o mundo vulgar. E entre tais leis, a fundamental e indubitável é a da “imaginação criadora”, como fonte de toda magia. E que se apoia, portanto, em **piadoso engano para engano dos pequenos**, ou “impúberes psíquicos”. Quem é capaz, por exemplo, de duvidar desses **Reis Magos** com que nos encheram de felicidade, durante algumas semanas, nossos sonhos infantis, como um **engano**... mas, verdade bela, bendita em que oficiam como “falsos magos”, os **sacerdotes**?... A atenta consideração desses postulados resolvem, em termos perfeitamente científicos, conciliadores de todas as teorias, os tão debatidos quão fundamentais problemas da Magia: “aquele que se acha dentro das coisas, crê porque vê seus efeitos”; o que já se acha acima das coisas, “as vê com ilusão e **jogo**”. Tal é, por sua vez, a base da habilidade técnica, que é magia para aqueles que não a possuem. Razão porque o **hábito** é, por sua vez, o criador da Magia.

Segundo vimos narrando, os viajantes se vêm solicitados, egoísticamente, por quantos aldeãos encontram, à fim de resolverem o que de mais trivial e interesseiro se possa imaginar. E é assim que suplicam ao “lama” para que aponte o lugar onde se acham seus animais desaparecidos, ou para curar suas moléstias; outros, acerca do futuro ou êxito de suas empresas. E até... para que façam chover, por processos taumátúrgicos...

De modo inteligente, escapam-se a todos esses pedidos, apelando para o “senso comum” ou “bom senso”, como alma científico-prática de todas as magias efetivas, que não são simples **cartas de jogar**, nem truques de aventureiros charlatães... Semelhantes cenas, algumas de alta comicidade, devem ser lidas, com detalhe, no livro de Alexandra. Como merece também ser lida a passagem em que a mesma nos conta a “feliz idéia” que teve em apoderar-se de velho e imundo gorro tibetano, por alguém esquecido no caminho, semelhante à superstição ali corrente, de não conservar prendas dessa natureza, desde que arrebatadas por elementais do ar, “pois isso é sempre de mau presságio”. Com efeito, aquele mísero gorro **salvou**, várias vezes, o incógnito tão zelosamente guardado pelos viajantes... A “feliz idéia”, quer na solução dos mais difíceis problemas geométricos, quer nos chamados “abalos de coração”, representam a maioria das vezes, a “sagrada e intuitiva voz do Inconsciente humano”, o Eu-Superior interno, a qual se deve ouvir, com sensatez, sem prejuízo de seu contraste sereno, com a nossa razão, quase sempre por ela iluminada: “o reflexo de Budhi ou “o Amor-Sabedoria”, sobre Manas ou a Mente raciocinadora, como se diz no Oriente.

PELO TELHADO DO MUNDO

Porém, a maior magia que tiveram de lançar mão nossos pobres peregrinos, foi a de poder cruzar incólumes, em pleno inverno, aquelas pavorosas alturas, quase sempre sem terem conhecimento dos caminhos que trilhavam. Assim, franquearam as alturas de Kha-Karpo e de Dokar; as cadeias de KU, Dayul, Sepo, Den, Aigui, Tongyuk, Temo, etc., vizinhos quase todos dos 9.000 metros de altitude. Ou ainda mais, na maioria das vezes, sob as mais tremendas tempestades e ventanias... apelando, consciente ou inconscientemente para aqueles processos mágicos, à fim de não morrerem de frio. Ao que os naturais chamam de “tumo”, segundo veremos no seu lugar, oportuno.

Não menores perigos correm, por conta da Natureza ao cruzar bosques, desertos, torrentes e rios. E muito pior, da parte dos homens, inclusive, os dos mosteiros de Dayul, Pedro, Deding, Serpo-Khang, Sangdzong, Temo, Gyamba, Galden e outros mais, onde poderiam ser descobertos e detidos...

Por semelhantes territórios, pode assegurar-se, jamais cruzaram pés europeus. Aquele país de sonhos e de lendas, aguarda, sem dúvida, a outros não menos heróicos exploradores (e muito melhor, se Teósofos e cientistas...) onde jaz, **talvez**, oculta ainda, a

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

origem de todas as religiões do mundo. Os **Kempos** (regentes dos grandes mosteiros), os **gechés** (universitários) ou simples recitadores do **Dolma** (ou “ladainhas em louvor à Mãe Universal”, Luz, Tara ou Ísis, de que a Igreja copiou a sua Virgem-Maria, etc.) dizemos

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

nós e cem outros personagens mais misteriosos ainda, guardam o Segredo das idades, ocultos sob o religioso véu, ou “véu isíaco”, que a ciência há de arrancar um dia, quando deixar de ser superficial, vaidosa... e **positivista**, e como tal, negra ou sombria, para não dizer, de “necromântica magia”...

Passado, enfim, pelos expedicionários, a cadeia e a lamaseria de Temo, à margem do sagrado **Yerú-tsang-po** ou Brahmaputra, a caminho se lhes torna mais fácil e rápido, até chegar (cruzado o Po-yul ou País de Po), a **Giamba**, capital de **Kong-bú**. E já sem outros obstáculos, percorrerem algumas dezenas de quilômetros da via postal de **Tchiamdo** a **Lhassa**, chegando sem novidade a esta última Meca de seus anelos. E graças à sua anônima condição de “peregrinos tibetanos das mais longínquas comarcas”, possam ali passar, à vontade, dois meses visitando-a, nos seus menores recantos e presenciando as típicas festas do Ano Novo ⁴.

⁴ O Capítulo XVIII foi todo ele dedicado à LHASA, através de seu exotismo oriental e o que de iniciático possui a capital tibetana, que é bem uma segunda Roma, no seu sentido puramente religioso, como sede, até há bem pouco, do lamaísmo. Hoje, como se sabe, a política dos seus lamas menos evoluídos, para não dizer, de categoria inferior, quis fazer subir ao trono espiritual e temporal do “Telhado do Mundo”, um novo Dalai-Lama, por ter o último desaparecido da Terra. Dizem as próprias notícias dali chegadas, através das autoridades inglesas da Índia, etc., que acabaram, finalmente, por fazer uma escolha de qualquer personagem apropriado ao duplo cargo, e não pela sucessão oculta, que até então tinha lugar: a nova encarnação do Buda-vivo tibetano, como era chamado. E isso, não só pelas tradições de que aquele (como número 13, inverso do 31 do Buda mongol, de quem o outro, juntamente com o Teshu-lama, eram suas Colunas-vivas, digamos assim) seria o último Dalai-lama, como pela sua aparição “post-mortem”, em plena floresta, a um grupo de lamas, ordenando que, “não fizessem crer semelhante heresia ao mundo, pois, sua função pertencia agora a outro no Ocidente”, isto é, de Coluna-viva do verdadeiro Buda-Branco do Ocidente, quis ele dizer... mas, que a *super-visão* de seus antigos lamas, não soube interpretar tão enigmáticas palavras como devia.

No mosteiro de Chiant-sé, é antiquíssima a lenda de que “aquele seria o último Dalai-lama”, como último seria o Teshu-lama. A mesma coisa para o Buda-vivo da Mongólia, que além do mais, teve claríssima visão, nesse sentido, antes de morrer, – como são os primeiros a narrar, seus próprios lamas e auxiliares, inclusive, aquela prodigiosa narrativa de *Dalma-Dorgi*, ao próprio Chefe da “Missão dos Sete Raios de Luz”, segundo consta do Livro-Síntese do Colégio Iniciático, com o nome de STB. Cujas narrativas já foi lida em sessão pública, em uma das palestras que a mesma realizou com o título: “Os futuros destinos do Brasil e a S. T. B.”, nos meses de Maio a Julho do corrente ano.

Ademais, às páginas 144 a 146 da esplêndida obra do Jean Marqués-Riviére, intitulada “A l'Ombre des monastères thibétains”, se pode encontrar a seguinte passagem: “Junto do meu instrutor (Mestre, gurú, etc, dizemos nós) eu vim a conhecer os liames secretos entre a doutrina filosófica e a constituição política do Tibete. Os tres aspectos da universal ciência: a Ciência teúrgica, a Ciência espiritual e a Ciência física ou material, são representadas pelos tres centros de forças que dominam o Tibete, no seu estonteante esplendor e formidável poder: o Teshu-lama, que governa aos Deuses e Demônios (“Poder espiritual”, Coluna J, dizemos nós), aquele que faz acender as lâmpadas de ouro, quando dá entrada no Templo; o Dalai-lama que reflete a pura espiritualidade, a metafísica calma e luminosa da Ásia (engano do autor, pois o Dalai-lama, embora todo espírito religioso que o cercava, era, de fato, o “Poder Temporal”, ou coluna B, com aquela *simples máscara* apercebida pelo ilustre autor). E o Bogdo-khan, o príncipe da Mongólia do Norte, poderosa influência guerreira (o termo impróprio se tomado ao pé da letra, e mais do que próprio, se compreendido com o iniciático sentido de representante do tradicional “Rei do Mundo”, ou melhor, do *Akdorge*, como o famoso guerreiro, que comanda o seu exército-jina...) e mola real das sociedades militares e secretas de toda a Ásia”.

Dentre tais sociedades secretas, etc., de que fala o sábio Lama, que serviu de Instrutor ao ilustre autor de “A l'ombre des monastères thibétains”, sobressai a do “Dragão de Ouro” que possui, por sua vez, uma triplíce manifestação ou organização terrena para equilibrar

o mistério apontado entre aquelas 3 Colunas Vivas, de que fala o mesmo autor.

Esotericamente falando, o “Dragão” é o símbolo sagrado da vida, do Verbo que concorre para fazer subir e descer as espirais das múltiplas manifestações do Cosmos. Nas iniciações chinas, o “Dragão” sai das águas e se eleva até às nuvens. Entre os caldeus, ele

se apresenta em forma trina e sétupla, qual a própria manifestação divina através dos sete estados de consciência. São ainda, os sete dias da semana, que tanto valem pelos sete planetas, como corpos físicos dos “Dhyans-Chohans” (com o mesmo número). E até, os arcanjos da Igreja, muito bem simbolizados pelas “7 trombetas da visão de Ezequiel”.

Em um dos livros chinos, encontra-se: “No teu lado esquerdo o Dragão te morderá. E por tal ferida Deus penetrará em ti. A voz sem emissão de sons (a Voz do Silêncio, dizemos nós); a compreensão sem a objetivação; a visão sem os olhos (isto é, a visão espiritual ou interna), eis as gotas de sangue da mordedura. Assim, teu pensamento será Seu Pensamento. E teu sangue, o Seu, pois, no céu estarás com Ele”. Cujas interpretação, além das que figuram entre parênteses, é a mesma da Teofania, ou do Homem que se une à sua Divindade. E até, da Teosofia ou da união eucarística ou crística, da Alma ou Eu-inferior com o Eu-Superior, a Consciência Imortal, o 7º Princípio, etc., etc.

O Dragão possui uma outra interpretação interessante, nas iniciações chinas. Ouçamos, pois, o que diz um asceta daquele país ao mesmo autor a quem vimos citando: “Ele me afirmou a existência do Dragão terrestre, imagem diversa do Dragão celeste. E cujo reside entre os espíritos infernais *no centro da terra* (segundo o cabalístico lema do “Daemon est Deus inversus”). Na China, uma das provas impostas ao discípulo, consiste em dar combate, só ao dragão infernal”. Semelhante, dizemos nós, àquela outra egípcia, onde o discípulo tem que vencer as provas dos 4 elementos. E dar combate a “dragões astrais”, etc., de que a Maçonaria traz ainda, como cópia desfigurada, nas provas por que é forçado a passar o neófito. Na Índia, o mesmo “Dragão do Umbral”, de que nos fala o grande Bulwer Lytton, em seu iniciático romance “Zanoni”, possui igual sentido.

E a prova é que o referido asceta chino, que explica tudo isso àquele ilustre autor, chega a afirmar “seu poder de se transportar para junto de tal ‘Dragão’; do mesmo modo que, a todos que tivessem coragem bastante de o acompanhar”. Logo, nas entranhas da Terra, porque semelhante mistério “concorda em gênero e número...” com os mistérios dos reinos subterrâneos da AGARTHA, através das suas sete cidades, como estados de consciência, etc., etc. Continua o autor da referida obra: “Compreendi então a razão de minhas paradas em diversos lugares do Tibete e a Unidade oculta dessa marcha ascendente; eu havia passado por três

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

mosteiros, que representavam, de fato, os três poderes da Organização mágica do Tibete. Com isso aprendi as três ciências oficiais do universal Saber, nas regiões onde elas eram, de fato, ensinadas”.

– “E agora, meu filho”, continuou o velho lama, no silêncio de todas as coisas em torno de nós, “existe um mistério mais profundo que tudo quanto acabais de ouvir. Toda essa organização religiosa que acabo de vos revelar, não é, senão, um reflexo material de organização mais perfeita, toda espiritual, embora que dentro de *nostra Terra*; eis aí o *grande Mistério*. Sabei que reina sobre a Terra e acima do Lama, Aquele diante do qual o Teshu-lama curva a sua fronte, Aquele que nós chamamos “o Senhor dos Três Mundos”

XXIII

Deuses e Homens

Mui complexo é “o magno problema de Deus e Deuses” pelo emaranhado de opiniões que, em torno da questão, teceram as religiões positivas: as politeístas, desnaturando-os e as monoteístas, negando-os, embora que preferindo transformá-los em inumerável hoste de anjos e de santos...

Pese a opinião de cretinos filólogos ocidentais, o termo latino “Deus” deriva do grego “Zeus”, com o qual foi designado o deus pagão, relacionado com Júpiter, que oculta, por sua vez, o de **Dhyans ou Dzyans**, proveniente – por um lado, do Dzyan, Chohan, Jiam, Dhyans, etc., oriental (1) e por outro, do nome de **Koilon**, que, originariamente, se refere ao “Deus dos Deuses”, que é o Espaço Abstrato, ou melhor, a Abstrata e Incognoscível Divindade, Oceano sem praias (**Pan-Theos**, etc., donde proveio o de “Pantheon” e outros mais), donde tudo emana e para onde tudo volve, ao finalizar o ciclo de sua existência ou Manifestação: Man-vantara (ou Manu-antara, como preferem outros), dos sanscritistas; o Dia em seu mais amplo e abstrato sentido filosófico, com sua contraparte ou antítese, o **Pra-laya**, a Noite em abstrato.

“O Sono sem Sonhos”, a “Latência” universal, em que dormem alternadamente todas as Forças em seus períodos de inatividade. De tais conceitos surge, logicamente, o da “Luz”, do Som Cósmico originário, manifestação do Logos, Verbo ou Energia Inteligente, que o “Dia da Vida”, tanto no “Macrocosmos” como no “Microcosmos”; no Átomo, como no Sol, no homem, etc. A raiz sânscrita “div”, brilhar, iluminar, forma logo a de “Deva”, o ser brilhante, resplandecente, etc., hoje acima do homem, porém, amanhã, dominado pelo mágico poder de sua Mente, em referência àquela iniciática frase de “deuses sois, mas vos tendes esquecido” (de Leteo) e a de São Paulo, quando lança a reprimenda: “pois que haveis esquecido que um dia tereis de julgar os próprios anjos?”

Em tão profundos assuntos existe uma confusão fundamental, que se torna mister desfazer: enquanto as religiões positivas fazem do homem “a imagem de Deus”, a filosofia religiosa superior ou **Doutrina Secreta Primitiva** (Teosofia) faz a Deus, “a

Voltando ao termo “cigano” (gitano, etc.) procede ele de antigo povo (“Boêmios”, como até hoje são conhecidos) que, segundo as lendas, habitavam misterioso País, ao qual eram dados os seguintes nomes: *Dzingaria ou Tzingaria* (donde os termos: Dzingaro, Tzingaro ou simplesmente “Zingaro”). E mais ainda: Azagaia, Asgardí, Agardí, etc., que, no final de contas, não é outro, senão, o que todo Oriente conhece com o nome de AGARTHA, ou o “País dos deuses invisíveis” (imortais, etc.). Na Mongólia e no Tibete, possui, além daquele nome, o de ERDEMI. Daí o dizerem: “O Senhor de Erdemi”, referindo-se ao “Rei do Mundo” ou esse Ser Misterioso, que se manifesta sobre um Tríptico Poder, qual o dos Tres mundos, corpos, etc. de todos conhecidos: Físico, Astral e Espiritual. As próprias lendas o dizem: “o Rei do Mundo e seus Dois Ministros ou Colunas” (donde o Grão Mestre e as duas Colunas do Templo maçônico, etc.). O iniciático livro conhecido como “O TARO DOS BOHEMIOS” (de que trata e comenta o famoso médico ocultista “Papus” ou antes o Dr. Encause) pertence àquele povo misterioso a que nos referimos.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

imagem e semelhança do homem”. Desta última hipótese se vai acercando, por sua vez, a passos agigantados, a filosofia contemporânea.²

² Será que já não nascem mais deuses? Pergunta Jean Desthieux em interessantíssimo artigo de caráter místico, como eterna janela aberta aos mundos desconhecidos. Para logo acrescentar: “Se a fé nascida da dúvida vencida não é bastante viva em nossas gentes semi-cultas e solicitadas por inúmeras preocupações, é porque ainda não se está em condições de saber duvidar. Algumas pessoas preferem a leitura de um jornal, ou mesmo, uma palestra com o vizinho pelo simples prazer de criticar... Outros, porém, preferem aceitar como verdade a primeira fantasia lançada à credulidade pública... O prestígio da letra de imprensa; a ânsia secreta de saber um pouco mais do que o vizinho acerca dos assuntos da época; a confiança na autoridade do personagem, cujo testemunho é invocado por um terceiro; a nativa credulidade das coletividades; tudo propende a atribuir aos detalhes apontados por qualquer, os caracteres de autenticidade, que repeliaria o verdadeiro espírito crítico. Nunca se ouviu falar de tantos quadros falsificados vendidos como autênticos, como na época atual, em que, continuamente solicitamos a opinião dos especialistas no assunto. Em tempo algum, como agora, as lendas tomaram tamanho vulto. E isso, pela multiplicidade de órgãos de informação, por isso mesmo, coibindo a que o silêncio seja mantido... Poder-se-ia multiplicar os exemplos demonstrativos de como o erro, em todos os seus graus, se torna facilíssimo de ser divulgado. De calúnias, erros e mentiras vivem repletos os nossos diários, por isso mesmo, capazes de criar lendas.

“E se a lenda se renova, porque não há de acontecer o mesmo com as divindades? Estas se sucedem sempre, mudando apenas de nome. E o único progresso realizado pela dúvida moderna sobre a antiga fé, se limita a não dar o nome de *deuses* aos ídolos de um dia, como anteriormente aqueles a quem os séculos dispensaram seus favores. Em qualquer tempo é agradável ao homem reconhecer um deus, um super-homem, um homem prodígio, um salvador, um Ser excepcional, em resumo, em qualquer dos seus semelhantes. Sem irreverência direi que, nos últimos tempos, temos reconhecido na França, por exemplo, entre outros ídolos, a um general Boulanger, um Dreyfus (perseguido pelos jesuítas... por ser judeu, ou o povo, cujas tradições religiosas foram espoliadas pela Igreja... dizemos nós), um Joffre, um Clémenceau, um Foch, Poincaré e outros salvadores. Existem, ainda, os “deuses coletivos”, como o “roleau compresseur” russo, no começo da Grande Guerra; o “General Inverno” e outros êmulos de Santa Genoveva e Joana d’Arca, duas deusas (ou “Jinas”...) que foram outrora e seguem sendo hoje *ídolos* para as multidões. O “deus-marxista” surgiu de um livro incompreendido que estendeu sobre o povo trabalhador o benefício de suas graças. Entre alguns franceses, o deus-Jaurès possuía seu altar. Para tal ou qual fanático das letras, este ou outro autor, eclipsando aos demais era a única encarnação do Verbo. Conhecemos devotos que possuem em suas casas a efígie de seu santo favorito. O ídolo habita os mais variados recintos, reinando sobre os espíritos mais diferentes. Possuindo três milhões de nomes, no entanto continua a ser o ídolo”.

O ídolo não é o resultado de um fenômeno de geração espontânea, mas o de *nascer* quase sempre de uma sugestão coletiva. Que se o tema, espere, fuja ou adore, o ídolo de duas caras é o resultado de circunstâncias positivas. Que se lhe admire na cinza ou o venere em carne e osso; que o louvem ou chorem; que dele se espere uma simples satisfação egoísta, na própria saúde do povo, não nasceu ele de nenhuma pessoa determinada, mas... dos acontecimentos que o fizeram aparecer. Assim acontece em cada povo: no começo, se faz soberano, para logo passar a ser um mito, um símbolo, um herói, uma estátua... em que cada qual espeta seu *cravo*, como na famosa estátua de Hindenburg, ou uma fonte em que a tradição exige de cada pessoa, que se lhe atire uma moeda, tal como uma virgem a receber dádivas de seus adoradores...!

Ídolos conhecemos nós que já fizeram perder a cabeça a muita gente, inclusive, com idéias enraizadas, “pulando assim de galho em galho”, como qualquer ave que perdeu seu ninho, por se ter incendiado a floresta onde vivia... Dentre tais ídolos detentores do maior ídolo, ainda, que é a Teosofia, para logo se baldearam para um Jinarajadasa, falso ídolo, entretanto, como aquele outro pobre Krishnaji, a quem roubaram de um pai alcoólatra... para representar o de “falso Redentor”... Cujos “ídolos” destruídos pela mão de um novo Moisés, como a Lei que destrói mentiras para edificar verdades, são logo substituídos por um falso “rosacruz”, cujo nome e pátria ninguém sabe, mas se diz “filho do sol”... sol sem brilho que logo se faz sombra no horizonte do esquecimento. Mas que, no entanto, teve o imenso poder de abalar convicções, como fossem a daqueles que hoje o apedrejam e expulsam do seu mítico altar. Pobre Krumm Heller! Pobres “rosacruzistas” modernos! Pobres “teosofistas” que, ainda esperam até hoje um “messias prometido”... por esquecer que, a sua salvação só lhes poderá advir de si mesmos! “Fazei por ti, que Eu te ajudarei”, já dizia aquele outro *Ídolo*, a quem hoje expulsariam do mundo... os que dele fizeram o seu “ganha-pão”. “Vendilhões do Templo”, repetiria Ele novamente!...

E por falar no “falso ídolo” Krumm Heller, por quem abandonou velhas crenças, inclusive a Teosofia, por sua vez, *falsa*, devido os

vários enxertos que na *verdadeira* foram aplicados por mãos impiedosas, não podemos deixar de transcrever o que fomos os primeiros a prognosticar na anotação nº 1 do Capítulo VIII, pág. 273 do número referente ao trimestre (Janeiro a Março de 1934) deste mesmo trabalho com o título: *O Tibete e a Teosofia*.

“Do mesmo modo, certos autores de obras sobre Esoterismo, alguns até à frente de associações desse gênero e como verdadeiras “aves de arribação” acossadas pelos vendavais desencadeados nas florestas onde viviam... (referiamos-nos a estrangeiros, expulsos ou não, da Alemanha, vindos para o Brasil, como prepostos do referido Sr. Krumm Heller, presidentes de associações pseudo-rosacruzistas, tão ao gosto e paladar de brasileiros que não acreditam que “santo de casa faça milagre”, dando com isso razão de ser, ao velho aforismo de que “ninguém é profeta em sua terra”...) aqui nos aparecem, por exemplo, munidas de *falsas penas rosacruzistas sacrilegamente arrancadas da respeitabilíssima ordem fundada na Alemanha medieval por Christian Rosenkreuz* (De nada serviu o aviso!...) Daí, o se apresentarem desde logo como “pupilos do famoso adepto conhecido como Rakowski”, *além da propaganda fantástica que se vem fazendo dessa nova mercadoria no mercado do Neo-Espiritualismo* !...

Vejamos mais ainda: “De tal propaganda faz parte um bem arranjado artigo – “pour épater les bourgeois” – onde se procura relembrar algumas passagens da vida do misterioso Conde de Saint-Germain (embora hoje com um novo título de “marquês”...) acrescido de monumental notícia de que, “o referido Adepto foi visto em Roma no ano de 1932, de cuja cidade partiu em missão secreta com destino à Palestina, Grécia e outros países, fazendo-se acompanhar de outros irmãos da Fraternidade Rosa-Cruz, denominados Altos-Iniciados, entre os quais o GRANDE SÁBIO E MESTRE DR. KRUMM HELLER (o grifo é nosso, por ser “o homem dos hormônios e de outras coisas nada apreciáveis para os verdadeiros Adeptos da Loja Branca, inclusive, um Mahatma Kut-Humi e outros...), *mago, alquimista, notável e Soberano Comendador da Augusta Fraternidade Branca* (?) Rosa-Cruz, com Sede no Summum Supremum Sanctuarium de Berlím Heilligenseen” (hoje, tal homem coberto de insígnias e outras coisas mais... um simples vendedor de talismãs, explorador da credulidade pública, sem poderes para fazer despertar uma pobre doente, à qual bastariam dois insignificantes sopros nos olhos para os abrir e fazê-la falar, sem necessidade de “pontos de macumba, feitos em seu quarto, por médiuns africanos e outras vergonhas, que dizem mal de nossa cultura...”).

Mais adiante: presentemente o marquês (?) de Saint-Germain habita num grande “castelo” (no “ar”? perguntamos nós...) de sua propriedade, situado em um dos países da Europa Central, estando à testa do movimento dessa antiga e misteriosa Fraternidade (como se preparava desde então, o espírito dos incautos!...). E terminávamos a crítica: “O final responde pelo reclame. Assim, a postos

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

papalvos do mundo inteiro ! Principalmente os que ignoram o verdadeiro sentido da misteriosa frase iniciática: VISITA INTERIORA TERRAE RECTIFICANDO INVENIES OCCULTUM LAPIDEM... de acordo com as SETE iniciais da palavra francesa VITRIOL (nome do ácido sulfúrico concentrado). O tempora, O mores!...”

Um verdadeiro espiritualista (Teósofo, portanto), não concebe o termo “estrangeiro”, desde que seu único e verdadeiro Ideal é o da Fraternidade Universal da Humanidade. Porém, pessoas há que se fazem “estrangeiras” em sua própria Pátria. Razão de serem *expatriadas*, para não dizer, repudiadas como “indesejáveis”... e outras coisas mais.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

A referida Doutrina procura melhor distinguir o homem vulgar (ou com “minúscula”) do “Homo-Sapiens”, de Linneo, o verdadeiro Homem (com maiúscula), alcançando assim a mais formosa das sínteses, já que a todo o ser – seja insignificante como o próprio átomo, o elétron e o **quanta** de nossos **físicos**; ou “intermediário” vegetal, animal, homem; enfim, máximo como os planetas, os sistemas solares e as nebulosas, dentro da teoria universal – “trina e una” – de Matéria, Força e Mente, por nós tratados em outros capítulos.

Um **futuro**, ou porvir (por-venir, etc.) eterno, onipresente, onipotente, torrente de “Luz Astral” que a tudo envolve, segundo os cabalistas; serpente **Sesha** ou da eternidade, que forma o leito de Vishnú (ou do Verbo, a Manifestação) ao dizer dos vedantinos, arrasta evolucionar e “organicamente” a todos os seres manifestados ou viventes. **Futuro** em que os nossos míseros “passado, presente e futuro” se unificam magicamente, como os referidos seres, grandes, pequenos ou ínfimos, **Homens**, portanto, no mais abstrato

E como o Brasil seja o que mais se destaca entre todos os países, pelo seu espírito nobre e hospitaleiro, para ele vêm esses tipos, de quem já o Mahatma Kut-Humi (aliás, um deles) apontou como “seres sem o menor vestígio de espiritualidade, por isso mesmo, autômatos de seus próprios atos e pensamentos”. E acrescentava: “a cada momento nos acotovelamos nas ruas por onde passamos, com seres dessa natureza”. De fato, dizemos nós, são verdadeiros “cascões” que os animam.

Nesse caso se acha o presidente ou coisa que o valha de uma sociedade pseudo-espiritualista existente no Rio de Janeiro, com o nome de “Cruzeiro do Sul”, ligada ao famoso Sr. Krumm Heller, cujo presidente abusa dessa hospitalidade que o Brasil costuma dispensar a quantos aportem às suas abençoadas plagas... Acudindo pelo nome de A. Riehl, seu maior *prestígio* é o de penetrar sorrateiramente nas associações de caráter verdadeiramente espiritualista, com o fito de mostrar “sapiência” (Quem a perdeu... para ele achar?) De várias já tem sido expulso e ridicularizado. Nós o conhecíamos através de um dos seus indecentíssimos folhetos, quando atacou o nosso Trabalho, já há longos anos, porém, não lhe demos o prazer de uma resposta, tais as asneiras que ali se encontravam, a começar pelo mesmo afirmar desde início, que “não tinha sido pago para escrever tais coisas”, como o faz criança malcriada, quando procedendo mal... vai logo dizendo que não foi ela quem assim procedeu. Diz mais: “Rudolph Steiner foi Pitágoras e H. P. B. sua mãe ou coisa que o valha”... Assim é tudo quanto figura naquele folheto.

Para que os leitores desta Revista julguem melhor ainda do necromante Riehl, narramos-lhes o seguinte fato: quando a primeira série de palestras se achava em pleno sucesso, começou a frequentá-la essa bisonha figura, acompanhada de alguns de seus prosélitos, cujas caras e comportamento logo denotavam o caráter e cultura do “Senhor e seus escravos”. Logo na primeira colocaram-se na porta, por não haver mais lugar... e alguns deles começaram a praticar “iogas” adequadas a perturbar a sessão (fazendo vibrar o Tattwa Vayú, etc. pensando que éramos uns ignorantes em matéria de ocultismo). E diziam para o amo e senhor: “É sopa! É sopa!” Mas ninguém viu a SOPA, ao contrário, eles mesmos ficaram de olhos arregalados, quando nos ouviram atacar magos negros e suas práticas nojentas dentro de Associações verdadeiramente espiritualistas, como sói acontecer à nossa, sob todos os pontos de vista. Das outras vezes, apresentaram-se como “gado esparramado”... e o “êmulos de Krumm Heller” tomou assento junto de uma senhora (sua esposa? Se é, possui caráter superior ao do marido) que, de quando em vez, lhe puxava pelo casaco, talvez para inibi-lo de cometer em tão respeitável lugar, uma de suas costumeiras façanhas. Chegou, porém, o dia em que veio só, e ao terminar a sessão, que foi, talvez, a que mais calou no espírito público – por isso mesmo não agradando ao “Riehl das arábias” – encaminhou-se ele para o Diretor-Chefe da STB, perguntando-lhe à queima roupa e em tom insultuoso: “É o Sr. o Presidente desta Sociedade?”. Obtendo resposta afirmativa, prosseguiu o arvorado em juiz: “pois fique sabendo que acabo de evocar o espírito de HPB e ele me fez ver que deseja o seu retrato retirado da parede, por não estar de acordo com as diretrizes que o Sr. está dando à sua sociedade!” Admirado daquele rompante, mas logo conhecendo no falso juiz o famoso Riehl, que outrora atacou “a missão da 7ª sub-Raça”, respondeu-lhe o Diretor-Chefe da STB: “Mas, em resumo, quem é o Sr. para me dar regras e exigir seja o que for de mim?” Riehl balbuciou umas asneiras e olhou com ar de herói e de blasonador o mesmo Sr. embora que obtendo esta lição: “HPB evocada é asneira, pois além do mais, condenava as práticas espiritistas, como foi a única razão de ser sua ida à América do Norte, quando do surto espiritista naquele lugar”. E como o tal Riehl continuasse a blasonar, nova lição, “porém, de mestre”: “de há muito que acompanhamos suas investidas necromânticas aqui dentro. Aguardávamos até onde chegaria sua educação. Assim, ponha-se na rua e nunca mais ouse transpor o limiar deste Templo, que não foi construído para indivíduos desclassificados como o Sr.” Porém, Riehl ainda arriscou esta raquítica frase: “É... mas cumpri o meu dever...”, lançando olhar feroz para o Diretor da STB. Sim, lhe disse este: “dever” de Mago Negro, e de indesejável em seu próprio País, que escolheu a sessão mais harmônica, talvez, para estabelecer desordem, confusão. Nesse tempo, já diversas pessoas da assistência, que ainda ali se mantinha discutindo os ensinamentos recebidos e gozando de tão místico ambiente, fez o “juiz sem juízo” retirar-se imediatamente da sala, e se não apanhou foi pela intervenção de outros pertencentes à Obra, além do Diretor-Chefe, dirigindo-lhes a palavra, e prometer que ia novamente harmonizar o ambiente com um “mantram búdico” mui apropriado àquele fim.

Não contente com o sucedido, *arranhou* umas páginas impingindo-as como carta à imprensa, e foi a todos os jornais para que a publicasse, porém, passando pela desfeita de não ter acolhimento em nenhum deles. O que fez então? Revoltou-se também contra a imprensa, chamando-a “de venal e que vivia de escândalos e dos crimes do cadastro policial”. E atacando a nossa missão em prol de uma civilização, que fará seu surto no continente sul-americano, tendo por núcleo central o Brasil, diz que “do Brasil só poderia sair uma raça de degenerados”.

Tudo isso é para assombrar aos que nos lêem! Porém, muitíssimo mais assombroso, o desse indesejável continuar residindo no Brasil; possuir prosélitos brasileiros e... continuar a atacar a tudo e a todos, sem que as autoridades brasileiras já tivessem resolvido do destino lhe deveriam dar!

Outrotanto, a respeito do carteiro Cavalcante daquele distrito (Rua Buenos Aires) para cujo procedimento chamamos a atenção do Sr. Administrador dos Correios, pois, pertencente talvez às fileiras de Augusto Riehl, faz questão de por o seu carimbo pessoal em tais

folhetos difamatórios, e até no invólucro, como se fosse ele (carteiro) a própria Administração Geral dos Correios. É para

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

cismar!...

Em resumo, por causa dos Riehl, Krumm Heller e outros, foi que o mesmo Diretor-Chefe da STB, antes de partir para o Governo Supremo da Obra, no Sul de Minas, tomou a deliberação de serem distribuídos convites especiais, a critério da Diretoria, para tais

sessões hebdomadárias da STB, dentro do vasto Programa que a mesma tem que desenvolver em prol do “engrandecimento físico, moral e intelectual de nossa RAÇA”, quer queiram ou não os necromantes Riehl, Heller e outros “estrangeiros” para as suas próprias

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

sentido da palavra, como manifestação concreta, cada um deles, daquela multiforme Trindade de Matéria, Força e Inteligência.

Nossas Filogenia e Ontogenia, sínteses incipientes contemporâneas, em busca daquela máxima verdade, já nos ensinam a mesma coisa: A evolução de todos os seres terrenos através de idades sem conta e sua sintética história – “o desenvolvimento fetal de cada ser vivo” – não são mais do que uma série de “tônicas” ou de “momentos” deste ser, a caminho de alcançar no futuro, o tipo terreno superior, que é o do “Homo-Sapiens”. Assim, nos dois lóbulos ou testículos do homem, vemos a reprodução do seu cérebro; nas raízes e outras florações vegetais, do mesmo modo, a reprodução de certas glândulas do homem, e no seu corpo, enfim, o tão maravilhoso, quão pouco conhecido fenômeno das “tônicas” (orgânicas) de todos os seres inferiores que o precederam na mais prodigiosa das sínteses.

E na parte evolucionar que o homem vulgar tem ainda de alcançar para passar ao Homem Superior, a Teosofia vê ainda sobre a sua cabeça, a própria “escada de Jacob”, segundo o místico sonho bíblico do patriarca, como infindável escada, construída entre a Humanidade terrena e outras Humanidades do Espaço infinito; Humanidades superiores, portanto, onde se acham compreendidos anjos, arcanjos, querubins e serafins, tronos, dominações e potestades do Cristianismo, como insignificantes cópias, por sua vez, dos **Amoaspend** zoroastrianos ou daqueles trezentos e trinta milhões de deusas (Espíritos da Natureza cósmica) que, se fossem inteligentemente classificados, estariam por trás dos véus da simbólica linguagem dos Vedas, como as mais sublimes e venerandas das Escrituras, pois, no dia em que forem devidamente estudadas, nos darão a grande surpresa de fornecer toda uma História Natural e **Astral** das pretéritas e incompreendidas idades...

Esta série indefinida de entidades que podemos conceber, como indo da mais baixa à mais elevada hierarquia, não é filosoficamente outra coisa, senão, a aplicação prática da Lei matemática que ao Cosmos preside, pois, segundo já afirmavam os gregos, “o Verbo geometriza”. Rege-se, com efeito, o Cosmos, por um “sistema numérico” de módulo variável ou desconhecido (o perdido Cânone de proporção, como “base da Arquitetura”) e cada “unidade superior” do sistema, unidade que abarca e sintetiza as inferiores que lhe estão subordinadas, é para estas um sublime e efetivo “deus”, o qual, por sua vez, pela mesma lei serial, entra em união com outras entidades similares, em todo o conjunto do grau superior imediato, ao qual preside, também, “outro deus” de segundo grau. E assim, sucessivamente, até o infinito, pois, como ensinam os brâmanes, a série de universos ou organismos cósmicos “é indefinida, sucedendo-se uns aos outros em perfeita lei de geração, embora que o primeiro e o último deles tenham sempre que escapar da humana compreensão, como escapará sempre ao matemático, o primeiro ou menor, e o último ou menor dos números...

Cada ente, cada “número vivente” desta sublime Escada evolutiva, é para seus inferiores (as entidades que lhe estão evolutivamente subordinadas), um “deus”, um “Jina”, um “pai”, um “Jiva”. E cada uma dessas entidades inferiores é, reciprocamente, para aquele, uma “sequência”, um “filho”, um “broto” ou ramo; um elemento integrador nascido do seu seio e ao qual terá, finalmente, de voltar ou no qual terá, definitivamente, de se integrar. Em uma palavra: um **tulku** ou manifestação transitória desse “divino” ou superior, como dizem os místicos tibetanos. ³

³ Todo ser superior a outro, na escala sempre crescente da evolução da “Mônada”, pode ser tido como seu Mestre ou Guru, senão, um “deus” para aquele que lhe fica imediatamente abaixo. Em tal ordem se acham postados: os homens vulgares, que nada sabem a

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

seu próprio respeito; os discípulos aceitos pelos Mestres de Sabedoria (por sua vez, de várias categorias). Do mesmo modo, estes sob a direção de Outros Seres mais elevados, como sejam os chamados “Mahatmas”, cujo título – como já dissemos – tem o significado de “Grande Alma”. E assim, sucessivamente, até alcançar o próprio Centro do Sistema Solar, onde fulge em todo o seu esplendor e grandeza: ISHVARA. – *Todas as notas do tradutor.*

XXIV

A RELIGIÃO DO BOM E A PRIMITIVA SABEDORIA

Ao começar o exame das múltiplas modalidades religiosas do Tibete, defrontamos com assuntos tão novos quão estranhos, que hão de, fatalmente, chocar-se com os preconceitos científicos e religiosos do Ocidente, o que nos obriga a invocar, como justificativa, a famosa frase de Tyndall: “Escolho a nobre conduta de Emerson, quando depois de várias desilusões, exclama: “Desejo apenas a verdade! O prazer do verdadeiro heroísmo penetra no coração daquele que, em realidade, é capaz de afirmar tal coisa”. Do mesmo modo o famoso dilema de Max-Nordau em **O Mal do Século**: “Quem melhor cumpre seus deveres e se torna de maior valor para a Humanidade? Os egrégios investigadores que, depois de melhorarem e se tornarem nobres, procuram melhorar e enobrecer a Humanidade? Ou os empreendedores e práticos que a enriquecem e vigorizam? Ambos são, com efeito, necessários, porém, se intuitivamente os examinarmos, o vigor dos últimos provém dos primeiros. Preferiu Jesus a contemplativa Madalena à ativa Marta...

“A religião budista-lamaísta, diz a **Enciclopédia Espasa**, acha-se desenvolvida pela maior parte do Tibete. Porém, ao seu lado existe uma outra religião que predomina em certos lugares: a religião **Bonpa**, **Boa-ho** ou **Bonchos**, que é muito mais antiga e que o Ocidente bem pouco conhece. Proveniente do primitivo **Chamanismo**, que persiste ainda em certas tribos selvagens mongóis e tibetanas (**Móssos**) das montanhas do norte do este, tal religião não foi definitivamente organizada até o momento da introdução do

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

Budismo, contra o qual lutou por muito tempo, e donde apesar disso, copiou grande número de práticas. Hoje as duas religiões vivem pacificamente uma ao lado da outra; a religião do **Bon** possui grande número de adeptos e ricos conventos nas províncias centrais de **Ui** e de **Tsang**, enquanto que, a **lamaísta** desenvolvida nas províncias do Oeste e do Este, e mesmo fora do Tibete, na Mongólia e na China; sendo que, na penúltima bem se pode dizer, era a sua verdadeira sede oculta, com representação dual através das duas tradicionais figuras tibetanas: o **Dalai-Lama** (que passava por ser seu Sumo-Pontífice, além de Chefe ou dirigente do Tibete) e o **Teschu-Lama**, cujos poderes psíquicos, conforme já dissemos em outro capítulo, sobrepujavam o do anterior (o **Dalai-Lama**). Assim sendo essas duas tradicionais figuras tibetanas, consciente ou inconscientemente, pouco importa, **Colunas Vivas** ou **Ministros do Buda Vivo** da Mongólia, como o Representante único na Terra, de uma outra Figura de maior vulto espiritual, conhecida nas escrituras transhimalaias, e até, indianas, como “o Rei do Mundo”.

A religião **Bon** é designada, algumas vezes, como “a Seita dos Negros”, para distingui-la dos lamaístas “amarelos” e dos “vermelhos” dissidentes ¹. Essas divisões, que muitas pessoas julgam provenientes das cores de seus hábitos, não são de fato apontadas desse modo, pois que ainda são vistos sacerdotes do **Bon** vestidos de **encarnado**. A criação da religião **Bon-pa** se atribui a Gsen-rab (Shenrab), que é venerado tal como o Buda. Na tradução dos livros sagrados do Bon, levada a efeito por Sarat-Chandra-Das (Journal of Asiat Soc. Of Bengal, Calcutá, 1881/1882) encontram-se detalhadas notícias sobre a origem dessa religião tão pouco conhecida, cuja, deveria ter nascido no século V antes da era cristã, no país de Shang-shung, que não deve ser confundido com o cantão desse mesmo nome, situado ao N. O. de Lhasa, pois que, tal nome designa o Guge ou Ghuge e o **Kumaúm** superior. Segundo tais livros, a doutrina foi definitivamente formulada no século III (a. Cristo), por sacerdotes provindos de Caxemira, de Dusha e de Shang-Shung. Porém, tudo isso não passa de vagas tradições. O período verdadeiramente histórico daquela religião começa no momento da introdução do Budismo e a continuação da luta entre as duas religiões foi quando a do **Bon** viu seus dogmas definitivamente formulados, na época em que saiu vitoriosa e quando seu chefe Glang-Dharma (908 a 1013) expulsou os budistas tibetanos por algum tempo, do Tibete... Essas lutas acontecem por toda a parte, porque delas nasce o equilíbrio perfeito das coisas. São as havidas entre “lunares e solares”... e até, entre **Brancos** e **Negros** como o próprio **Bhagavad-Gîta** no-las aponta, de modo insuperável, embora que, para ser interpretado por aqueles que não se deixam levar pela “letra que mata, e sim, pelo espírito que vivifica”...

Ilustração:Foto

Legenda:

¹ A verdade, porém, é que tanto a religião do *Bon* (espalhada entre “tribos selvagens”) e vermelhos, por suas práticas inferiores, ou não condizentes com a evolução alcançada pela humanidade, podem ser chamadas de *Magia Negra*, pouco importa se trabalhem, conscientemente ou não, para o Mal, pois que, implicitamente se acham dentro do Mal. Enquanto o “Lamaísmo”, principalmente, o atual, com pequenas diferenças em matéria filosófica, igual ao Cristianismo de hoje, nas suas várias ramificações. Por isso mesmo, “Magos cinzentos” ou uma fusão entre as duas espécies de Magia: Branca e Negra. E isso porque a Verdade, propriamente dita, se acha encoberta por todas essas defeituosas *facetas*. Verdade essa que, pode ser chamada de Budismo com “o” e não com “u”, por ser muito anterior ao Senhor Gotama, o Buda; do mesmo modo que não foi Aquele quem fundou o Budismo no mundo; como não o foram para as demais religiões correntes, os grandes Iluminados que a este mundo vieram em missão especial. O próprio Roso de Luna já o dizia, quando teve de combater o “messianismo besantista leadbteriano”, mui natural à decadência de um óclo, como é o atual: ...”nenhum d’Eles fundou a religião confessional que se Lhes atribui; quem logo fundou todas elas foi o imperialismo de seus pretensos discípulos que, escravos do inerte dogma que criavam, esqueceram que, “religião” não é “crença”, e sim, uma dupla ligação de

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

fraternidade entre os homens, segundo a sua etimologia latina. Imperialismo psíquico, pois, sucessor fatal de todo imperialismo físico. Ao império romano sucedeu o imperialismo psíquico papal; ao império físico espanhol, o imperialismo psíquico jesuíta, etc.”. Por esta mesma revista já temos explicado, várias vezes, o significado dos termos: Bodismo, Cristianismo, etc., do mesmo modo que, os inúmeros plágios da Igreja, de várias passagens de antigas religiões, mitos, lendas e tradições, embora que tidos por ela como “época do paganismo”. – *Nota do tradutor.*

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

O mosteiro de Tachiding, no Himalaia, construído no lugar onde o célebre “yogi” tibetano Lhatsumpa, fundador da seita do “Grande Acabamento”, parou para pregar quando chegou ao Tibete. Aí são vistas as tradicionais bandeiras tankas, contendo inscrições sagradas, principalmente o “Om-Mani-Pad-Me-Hum”.

Entre os objetos sagrados e nos livros dos sacerdotes **Bon**, o símbolo chamado **ghyundzun** – que não é outro, senão, o da SVASTICA hindú, embora que os **garfos** virados em sentido contrário aos desta, porquanto os do **Bon** fazem girar seu “moinho de preces”, da direita para a esquerda (tal como os lamaístas vermelhos), ao invés de, da esquerda para a direita como o fazem os lamaístas amarelos ². Os **Bon** adoram a 18 divindades ³ principais, cujas mais conhecidas: os maus espíritos (preto e encarnado ou tamásico), o demônio-serpente e, sobretudo, o “deus-tigre” ou do “fogo ardente”, demônio-mensageiro Rghyalpa, que se identifica com a divindade **Kye-pang** de Lhasa, cuja boca se acha tapada por largas cintas ou faixas. E tudo isso, ainda, relacionado com a tradicional encarnação da “deusa-porca” (Indra-Deva, Dharma-Borma, Tsing-Kulig e quantos outros nomes se procuram dar a esse aspecto feminino sombrio da própria divindade, acompanhando a masculina, numa forma dual caótica, para o equilíbrio já apontado pela própria Cábola, no seu “Daemon est Deus Inversus”...)

A literatura **Bon** é pouco conhecida; a maior parte de suas obras mais parece plágio dos livros **budistas**, especialmente do **Kakgyur** ou **Dandjus**. A fórmula sagrada dos budistas (OM-MA-NI-PAD-ME-HUM) é substituída pelos do **BON** por outra de “Sete” sílabas (MA-TRI-MON-TSE-SA-LA-DZUNG) cujo verdadeiro sentido preferimos silenciar... O fato é que, os mais famosos autores europeus confundem a cada passo os “Bon-pa com os lamaístas vermelhos”, (cuja confusão, dizemos nós... em nada perde o mundo, pois que bem a ambos fica o velho adágio popular: “Deus os fez e o diabo os juntou”. Ou então: “tal pai... tal filho”, etc.)

Na passagem transcrita da enciclopédia jesuita espanhola, existem vários conceitos que merecem corrigenda, no que diz respeito ao nosso “iniciático Triângulo”: a História não indica que a base daquele “triângulo” quando invertido seja, simbolicamente, constituído pelo “**sha-manismo**” primitivo, impropriamente denominado **cha-manismo**, ou seja, a **Primitiva Sabedoria**, hoje perdida ou oculta para o mundo profano, mas que, pelo estudo Teosófico⁴ se procura atualmente restaurar. Semelhante nome provém de dois

² Inúmeras vezes temos apontado “o símbolo adotado hoje pela Alemanha, depois que a dirige o sr. A. Hitler”, como o da “Involução” e não, da Evolução, pois não se trata da Svastika, como julgam aqueles que a escolheram, e sim, da Sovastika, tida por *Jainos* e *Budistas*, como fatal, maléfica, etc. Razão porque gira em sentido contrário.

O “Triângulo”, por sua vez, quando de vértice para baixo, e não entrelaçado com outro de vértice para cima, é símbolo de Magia Negra. Por ignorarem tal coisa, muitas associações o adotam, como por exemplo, a “Associação Cristã de Moços” (“The Young Man Christianity Association”). E muito pior, de cor encarnada ou *tamásica*, como a mais densa ou inferior das 3 qualidades de matéria. Chamamos a atenção dos nossos leitores para as págs. 529 e seguintes do penúltimo número desta revista, onde fazemos desenvolvido estudo sobre essas 3 condições de matéria, no desenrolar de nosso humilde trabalho intitulado: QUE É INTUIÇÃO? – *Nota do tradutor*.

³ A lâmina “18” do Taro, entre as suas 7 chaves interpretativas, como sói acontecer com tudo quanto possui caráter secreto ou velado, relaciona-se astronomicamente com a LUA. Assim, não é para admirar que a religião do *Bon*, em decadência, adore a “18” divindades, como puramente *lunares* que são os seus adeptos, ou antes, seres que, ainda na Terra, possuem vestígios da cadeia “lunar”, ou aquela donde procedemos (por ser anterior à atual). *Nota do tradutor*.

⁴ Estudo teosófico verdadeiro, já se vê, porquanto, de “enxertos e aberrações teosóficas, muitas delas prejudiciais à própria evolução humana”, as livrarias estão cheias. Sem falar nos do Ocultismo vulgar, ou degenerado, melhor dito, *Ciências Ocultas*, pois que, Teosofia e Ocultismo são uma só e mesma coisa. Um Teósofo **pode deixar de se intitular ocultista, pois já o é de fato. Outrotanto não acontece com o ocultista que não se disser Teósofo; não passa de charlatão vulgar...** H. P. B. e o mesmo Roso de Luna já haviam divulgado a diferença entre Ocultismo e Ciências ocultas ou as praticadas pelos “charlatães” de todas as épocas, ou sejam: os que fazem profissão de tais ciências, onde estão, por exemplo, incluídas a Astrologia, a Quiromancia, a Frenologia, etc, etc, régios atributos dos verdadeiros Adeptos e quantos Eles tomem como seus discípulos, por isso que, capazes de produzir fenômenos verdadeiros, mas nunca, em detrimento do próximo, o que é desde logo considerado: obra de *Magia Negra*. Razão do dito de H. P. B.: “Entre a mão direita e a esquerda existe um tênue fio de teia de aranha”. E como se sabe, a “esquerda” ou lunar pertence aos “membros da Fraternidade Sombria”, também chamada de “Mão esquerda”. Ridícula, pois,

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

uma nova teoria ocultista que acaba de aparecer por parte de uma senhora, bem estranha, aliás, autora de um livro intitulado “O Segredo da Esfinge”, onde – além do que de *imoralíssimo* no mesmo se encontra, ou uma “apoteose ao Sexo”, a autora diz que o “verdadeiro lado espiritual é o esquerdo”, contrariando assim, os conhecimentos mais antigos da Magia Real ou Doutrina Secreta. Melhor seria que ela jamais houvesse escrito tal livro, que só por si define a insanidade mental e moral de quem o escreveu, a começar quando a autora compara o triângulo invertido ou região pubiana, na mulher, com... a entrada da Esfinge, por onde passamos todos na

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

termos: “**Sha e Man**” com o verdadeiro significado: “Homem real” (Regio homem, etc.); ou antes, “Homem Solar ou Superior”, em suma: **Mahatma** ou “Grande Alma”, Jina, Gênio, Super-Homem, etc. E a quem os demais homens (humanidade vulgar) deveriam chamar de “Mestre”, por sua vida e conhecimentos de origem superior.

Porém, o SHA-MANISMO, como religião Solar ou Primitiva da Natureza e do Espírito, acabou por se degenerar, após longos anos de deturpações, chegando aos mais abjetos abismos da Magia Negra, constituindo, portanto, o que hoje se conhece por CHA-MANISMO, através de seu macabro cortejo de práticas perversas, sacrifícios de animais (e até de seres humanos...) e quanto seremos obrigados a examinar mais adiante⁵. Degenerescência essa que arrastou, por sua vez, os primitivos e transcendentais conceitos provindos dos grandes sábios que os doutrinaram, como fossem, **Padma-**

vida (ou algo parecido, que preferimos não guardar de memória, para não toldar as vibrações superiores que procuramos manter no escritório de nosso cérebro). E como essa “pobre senhora” queira fazer-se passar pela “encarnação da própria Esfinge”, aconselhamos-lha que, doravante seja uma esfinge de modo integral, a começar pelo seu “silêncio ou mudez”. De um crítico de tal *livro*, já ouvimos o interessante calemburgo: “Se não és... finge que és”. Não estivéramos num “fim de ciclo apodrecido e gasto!” para admirar, sim, associações que se dizem de “caráter teosófico”, darem crédito e valor à autora de semelhante livro que, além do mais, teve o ingrátíssimo papel de estabelecer confusão no mundo verdadeiramente ocultista ou teosófico. Sabem lá os deuses porque razões!... Façamo-nos também, “Esfinge”, porém, através do “silêncio...” do muito que tínhamos para dizer a seu respeito, isto é, de semelhante obra, a menos que “a reivindicadora das teorias krishnamurtianas” ouse retrucar esta rapidíssima crítica do que consideramos prejudicial ao nosso próprio Trabalho em prol da educação física, moral e intelectual de nossa Raça. Por isso que, um crime de lesa-Lei que rege os destinos de homens e coisas. Nesse caso, se tal acontecer, ver-nos-emos obrigados a apontar, da primeira página à última daquele referido livro, seus erros, contradições palmares... e quanto o genial polígrafo e cientista espanhol – *Dr. Mario Roso de Luna* – denominaria de “Aberraciones psíquicas del Sexo”... *Nota do tradutor.*

⁵ O Tibete é algo parecido com o mundo Astral, psíquico ou “lunar” – já que o próprio “deserto de Gobi reproduz geograficamente a parte *lunar* voltada para a Terra. Para os seres mais evoluídos, conserva ele em seu seio o enigma indecifrável (para profanos, ao menos...) dos reinos subterrâneos da Agartha, donde resplandece *Shamballah*, a cidade dos deuses, a “Ilha Imperecível”, pois, nenhum cataclismo a pode destruir, principalmente no que, até o ano 1924 condizia com os valores espirituais do Oriente; como também, de seus Mahatmas, Gênios ou Jinas, Goros, Budas vivos, etc. Porém, para os de pouca ou nenhuma evolução, é “a armadilha psíquica ou probatória”, principalmente para os de visão puramente dessa natureza, que tomam “Magos Negros ou Dugpas”, como Mestres ou Senhores de Sabedoria”, para não nos servirmos do velho adágio popular de “comer gato por lebre”... A muitos temos ouvido dizer que, “num simples sonho... estiveram com seu Mestre; dele ouviram ensinamentos, mas que... não os puderam guardar, etc”. E isso, além do mais, por não saberem distinguir o “aura ou ambiente” de um Mago Branco do que do de um Negro! Ilusões, pois, desse mundo enganador, já apontado como perigoso, na Voz do Silêncio, do seguinte modo: “O nome do segundo vestibulo (ou mundo imediatamente ligado ao nosso) é da Instrução (probatória, dizemos nós, ou de provas difíceis de ser vencidas...) Nele, encontrará a tua alma as flores de vida; porém, *debaixo de cada flor, uma serpente enroscada*”...

O número de “Magos negros” a preparar armadilhas para apanhar elementos favoráveis às suas fileiras, é muitíssimo maior do que se pensa. No Tibete, como na mesma Índia, para se encontrar um verdadeiro Mestre (Branco, portanto), antes de mais nada, mister se faz que o discípulo esteja em condições para tanto. Daí, a antiga sentença oriental: “Quando o discípulo está preparado o Mestre aparece”, sem falar na verdadeira interpretação da frase: “sua Consciência aparece ou se ilumina”. Fora disso, é querer andar em busca daquilo a que não se fez jus.

Com a mesma sra. David-Neel – à parte seu espírito de sacrifício e renúncia em busca da Verdade – o fato teve lugar: a não ser a régia hospitalidade que lhe deu o Teshu-Lama, em Chigat-sé, nem mesmo ao único Ser de valor com o qual se defrontou, ela o reconheceu. E estranha a sua resposta, quando por ela interpelado, através do lama Yongdem, que a acompanhava: “Vivo de transformar excrementos de cães em estrelas luminosas”, isto é, de modificar caracteres (ou melhor, almas imundas...) em almas racionais, perfeitas, etc.

O grande entusiasmo do eminente polígrafo e cientista espanhol Roso de Luna pela autora, além de lhe não permitir um estudo psicológico sobre suas desastrosas iniciações, deixa passar muita coisa que, em tal obra, demonstra um resquício de vaidade, senão, crítica mordaz e injusta a HPB, a quem não conheceu a autora e longe estava de à mesma se comparar.

À pág. 236 de *Místicos e Magos do Tibete* se encontram estas impertinentes palavras, que não podemos deixar de transcrever como um protesto, mesmo que tardio, ao *velado e vaidoso* insulto que a sra. David-Neel lança à autora de *Doutrina Secreta*, *Ísis sem Véu*, *Voz do Silêncio*, etc, obras que, por si sós bastariam para imortalizar sua autora.

“Ajuntarei, ainda mais que, as comunicações entre mestres e discípulos, por meios grosseiros tais como cartas (mensagens precipitadas, dizemos nós) caídas do teto ou encontradas sobre o travesseiro, pela manhã, são coisas desconhecidas dos místicos tibetanos (quais? os “barretes vermelhos” com quem conviveu a sra. David-Neel?...). Logo que essas questões lhes são posadas, julgam que o interlocutor não lhes fala com seriedade, ou antes, se trata de uma irreverente farsa”...

Que pena a sra. David-Neel, ao invés de tantos e tamanhos sacrifícios, como foram os seus, em fazer uma “Viagem a Lhassa, à pé e mendigando da China à Índia através do Tibete”... não deixasse para mais adiante vir ao Brasil verificar “de visu” e reunida ao número enorme de pessoas que as assistiram, materializações, não só de inúmeras “mensagens” dessa natureza, todas elas com os timbres de suas Fraternidades, na Índia e no Tibete, além de vários objetos contendo valiosos perfumes, faixas iniciáticas e outras coisas mais que, até agora faziam parte de nosso Arquivo social, mas, dentro em breve serão publicados (por meio de clichés fotográficos) na História da Obra em que a STB se acha empenhada, cuja constará de 4 volumes, cada um deles contendo mais de 400 páginas, por isso que, a obra completa com mais de 1.600 páginas.

Digna de pena, sim, quando a inexperiente autora de *Místicos e Magos do Tibete* se deixando iniciar em mistérios duvidosos... recebe seu diploma de “Maga” (ou ocultista) através, além do mais, de um rosário feito com 108 rodela extraídas de 108 crânios humanos; um punhal e um “*Kangling*” ou trombeta feita de um *fêmur humano*, cujo instrumento serve para evocar elementais “ou espíritos da natureza”. E com esses “necromânticos” adornos se faz fotografar para incluir como um dos clichés de sua obra (pág. 16) sem avaliar que se expunha ao ridículo, mesmo que fosse dos poucos que sabem “distinguir o falso do verdadeiro”, como o autor destas linhas

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

(à parte qualquer idéia estúpida de vaidade), pois que, a maioria – como sempre – dos que estão incluídos no velho adágio popular de “em terra de cego, quem tem um olho é rei...” deixam passar coisas tais, embora que não seja à sua obra que estamos fazendo esta humilde tradução, mas a de nosso saudoso e querido irmão e amigo Dr. Mario Roso de Luna, com o título: O TIBETE E A TEOSOFIA, por sua vez, comentando – prodigiosa e PRODIGAMENTE – à daquela autora. *Nota do tradutor.*

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

sham-bhava, reconhecido hoje como um dos seus fundadores, senão, o principal da do **Bon** e que deixou de ser o **Padma-pani-kenresi** indú (“o nascido do Loto”), um Buda originário anterior ao príncipe Sidharta-Sakya-muni, para ser, como o Baco ou Dionísio grego, o deus da embriaguês, da feitiçaria e de milhares de absurdas superstições em que são verdadeiros mestres os **bompos**, panios, paos, bunting e yakas. E em que a grande deidade tântrica demoníaca, **Dem-tchoz**, é invocada debaixo de imprecensões. Assim são tidos os tibetanos do Himalaia, segundo os exploradores do Everest, como o é o povo em geral, que do Budismo verdadeiro e de suas excelsas doutrinas, só têm um verniz, não mui diferente do (verniz) pseudo-cristão que usamos aqui pelo Ocidente, pese a exemplar pureza de tantos **Kumaras** ou **Ascetas** que, em todos os séculos procuraram soerguê-lo, como por exemplo, aquele **mítico** KALI-KUMAR (“o velho Kumara ou asceta virgem”) que pregou contra os costumes anti-budicos, como: o do álcool, o sacrifício de animais, a feitiçaria, culto aos maus espíritos, aos desregramentos do Sexo, etc., etc.).

As longínquas montanhas de **Kong-Bu-Bon-ri** (“montanhas dos bonzos”) foram há milênios o retiro secreto daqueles lamaístas ou “adoradores do Espírito” que, segundo os próprios **shamanos** do Gobi e da Sibéria, seus congêneres, viveram e vivem ainda hoje afastados do mundo... sendo, segundo os mais famosos autores, difíceis de encontrar, devido seu isolamento iniciático que assim lhes permite conservar suas remotas tradições: sua cor simbólica é o escarlate, em recordação àquela velha raça dessa cor ou a “Atlante”, de cujo continente passaram à Ásia, através da Europa (“Itinerário de IO”, no Prometeu de Ésquilo) segundo temos tido ocasião de falar em outros livros nossos. Por isso que, antiquíssimos Mestres, como por exemplo, Moria, Mauro, Mario, Moro, Marú, etc, senão o **Morien** ocidental dos lais-galaico-castelhanos, bretões e normandos têm ao “escarlate”, vermelho, etc, como sua cor simbólica... E mesmo “carmesi”, seja o estandarte africano, com adornos dourados, e um cavalo aéreo, no centro, cercado de fórmulas mágicas (dos ários), se estenda ainda ao do próprio Tibete ⁶. Qual ainda o da Etiópia, e quantos outros deixam prever os mistérios de um passado remoto da História, inclusive, o **São Jorge** cristão de **rubra** capa (plágio do Perseu mitológico)... e até, o transhimalaico “Ackdorge”, que a plebe ignorante, inclusive, a maioria dos lamas, o confunde com **Maitri** ou **Maitréia**... Em **Ponbo** ou **Bonpo**, mais de meio milhão de mulçumanos chiitas, cainitas, cananeus (africanos de **Can**, do mito bíblico, ou o “filho de Noé”) denominados **balti** ou “habitantes de Baltistan”, conservam ainda em suas idéias religiosas, detalhes ancestrais que poderiam trazer muitas luzes sobre os problemas religiosos originários, pois, como os povos pré-védicos da Índia, conservam ainda a crença em um Deus Único (o “Deus sem Nome” dos tartésios) ao qual denominam **Sangué** ou antes, **Sigé**; o **Sigé** ou “Silêncio”, como primeira pessoa das teogonias ofitas e outras muitas “divindades”, ou melhor, “devas” ou Poderes inferiores da antiga religião, que até hoje conservam. À semelhante linha religiosa originária devemos ainda apontar, e por motivos semelhantes, as bandeiras **somo** dos turcos do Altaí e os antecessores brancos das províncias centrais tibetanas de U e de Tsang, como também, aqueles “filhos do pai azul e da mãe branca”, antecessores dos **bhils** hindús, a quem reconhecem por párias, ou não seus semelhantes, os orgulhosos brâmanes da Índia. **Bon-pos** são, finalmente, aqueles **Pom-bo turco-mongóis** ou **balti**, já referidos, sobre os quais alguma mescla quis fazer o Budismo, e cujas últimas tribos ocidentais, foram talvez as que deram o nome de “Mar Báltico” (entre Rússia e Suécia), em cujas margens os alcançou a época romana, antes que se dirigissem para o **Don** ou Boristenes, depois, ao Danúbio, estendendo-se, finalmente, por todo o meio-dia europeu.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

Ao contrário do que dizem certos autores, nossa opinião é que o primitivo estandarte tibetano ostentava em seu centro encarnado, um leão núbida, em recordação dos povos *atlantes* líbio-ibéricos; animal que foi logo substituído pelo “Cavalo aéreo” dos ários; do mesmo modo que, entre assírios, caldeus e parsis. Fantástica descrição desse animal foi dada por Cosme Indicoplesta, no século VI, segundo afirma a mestra H. P. B. – *Nota do autor*.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

Quantas práticas mágicas e feiticeiras vemos depois no Tibete, foram por eles conhecidas e difundidas, como pelos Pombos do **Este** tibetano, os quais ousam chamar de “cínico impostor”, ao próprio Dalai-lama, com suas pompas e ritos religiosos, todos eles, nada mais do que gentes zingaras, gitanas ou ciganas que, de permeio à sua assombrosa degenerescência atual, não perderam ainda de vista os gloriosos timbres religiosos dos seus antepassados.

Quando nos ocuparmos dos eremitas das montanhas, tornaremos a falar de tais gentes.

A religião dos **Bon-pas** ou **Shamanismo** primitivo, segundo foi degenerando com os séculos, no Tibete, como em outras regiões do mundo, deu lugar à intromissão posterior de outros povos e de outras religiões. Assim, entre os nossos **tartésios** um “Deus único, sem nome nem „culto””, foi substituído pelo semitismo dos **heteos**, que se espalharam pelo Mediterrâneo (fenícios, cartaginêses, etc.), e no Tibete, tendo de penetrar pelo Pendjab e Caxemira, aquela degenerescência semítica do **cainismo-lamaísta** que, no Gugé ou Guzerate se envolveu na morte de Yezeus-Krishna, como os fariseus, 3.500 anos depois, na de Jesus Cristo, **em cópia fiel digna de nota**. Suas doutrinas bramânico-semíticas, de que tantos vislumbres (ou antes plágios, dizemos nós) possui a Bíblia mosaica, não são outras, senão, as do **She-rab**, “rabi” ou mestre semita, a que alude a passagem que transcrevemos da **Enciclopédia Espasa**, com sua forma “mariolátrica” de **matri-mon-tri-sa-la-dzung**, em oposição ao Om-Mani-Padme-Hum (Om-Ma-ni-pad-me-hum) ⁷ original ário-atlante com sua **Svastica** ou “cruz-jaina”, simbólica da

⁷ As seis sílabas mágicas OM-MA-NI-PAD-ME-HUM, que a maior parte dos comentadores traduz como “Salve, ó jóia preciosa do Loto”, mas que outros afirmam “não possuir nenhum sentido ou tradução”, representa a prece mais em voga na Mongólia e no Tibete. Por suas virtudes especiais são as primeiras palavras que aprendem as crianças de ambos aqueles países, para que jamais se esqueçam e delas se sirvam constantemente. Não conhecem nem sua origem, nem seu sentido exato, porém, isso é de somenos importância para aqueles povos, porquanto elas representam a base de sua religião, o meio de salvação por excelência. A sagrada inscrição é encontrada por toda parte: nos muros das casas e dos templos; à beira das estradas, ao lado de colossais estátuas talhadas grosseiramente na rocha viva; os *manes* ou *manús* (muralhas, muros, murais, paredes, sustentáculos, montanhas e quanto exprima “resistência, poder mágico, telhado, cumeeira, etc...”) levantados nas proximidades das estradas, são vistos por toda parte contendo a sagrada inscrição. Instituíram-se, até, confrarias só com o fito de conter essas inscrições, mui especialmente, nas faldas das montanhas, onde são vistas em gigantescos caracteres. Exige-se que, o cavaleiro, mesmo passando a galope, por tais lugares, quase sempre ermos e arriscados, possa ler a salvadora frase. Todos a levam consigo (nas vestes, no pescoço, etc.), em relíquias, em cabelos encastoados, em dentes de santos lamas, etc.

Os *Korlo-kurde-jorten* ou “rosários e moínhos de preces”, empregados pelos demais, em outros países (que o próprio cristianismo

herdou) onde reina o culto ao Buda, exceto no Japão, em parte alguma são tão comuns como no Tibete. Aplicam-se-lhes as próprias forças da Natureza: as do Ar, da Água, do Fogo, etc, para fazer mover enormes cilindros, cuja evolução circular, faz subir aos céus as palavras místicas, que governam os humanos destinos. Como os demais “kirhuises”, buriatos e indígenas da Ásia Central e Nordeste, os tibetanos seguem o costume de erguer, entre montes de pedras (obos) postes ou mastros, onde flutuam bandeirolas trazendo estampada a frase por excelência que o vento a fazendo tremular, é como se se dissesse que ele próprio é obrigado a repetir a sagrada frase, cujo eco se vai quebrando pelo espaço em fora...

Afirmem o que quiserem os doutos, porém o fato é que as bandeirolas e lanternas dos ritos e procissões japoneses, não são mais do que reminiscências de tudo quanto vimos de enumerar.

A título de curiosidade diremos aqui algumas palavras à respeito do povo japonês e algo interessante sobre a Assíria e Babilônia, para instruir, ainda mais, o nosso caro leitor, já versado em assuntos dessa natureza:

Os primeiros invasores do Japão foram de origem caucásica, um povo chamado Aino (Jaino?) de costumes mui simples e primitivos. Sua religião era o sintoísmo, ou seja, o culto aos antepassados e aos espíritos. Não possuíam nem construíam templos e suas cerimônias religiosas eram celebradas no meio da natureza, em lugares adrede preparados, mas sem que pudessem servir para outra coisa. Mais tarde, construíram singelos oratórios feitos de bambu, que deveriam ser reconstruídos de vinte em vinte dois anos, tradição essa que se conserva até hoje em alguns lugares. Nunca foi por eles construído suntuoso edifício, que se pudesse considerar como templo. A tão primitiva época que se poderia chamar de bronze, pertencem os túmulos ou supulcros megalíticos que desapareceram ao penetrar o Budismo no Japão, pois que, a inumação foi substituída pela incineração. Nos dólmenes (antas, monumentos megalíticos, etc.) eram enterrados os cadáveres em sarcófagos de pedra e barro, ornamentados com círculos e triângulos alternados.

Os segundos invasores foram de raça mongólica, assenhoreando-se do país dominado e quase destruindo todos os cáucos e imperando em todo o arquipélago; soberania que ainda hoje rege. A simplicidade primitiva e esotérica da ornamentação foi substituída por outra proveniente da observação da natureza, excedendo-se a fantasia em debuxos naturais e de plantas estilizadas, que causam o encanto do artista. A arquitetura à guisa de armazéns de madeira e de tabiques, muitos deles corredios, suprimindo por completo as paredes mestras. Nas casas particulares, nem tabiques, mas, simples biombo e amparas que se movem à vontade.

A verdadeira arte japonesa começou com o Budismo, introduzido no país no ano 552 (D.C.); foi quando a arte tomou um novo rumo, recebendo grande influência dos países budistas e o sinal positivamente chinês da arte do país, provém das coreana e indiana, países donde procediam os discípulos de Gotama, que ali foram levar a semente da boa Lei. A escultura assumiu um grande vulto, conforme

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

se pode observar pelo Buda amida da época Kamatrura, colossal estátua de bronze, cuja altura é de 15 metros, imagem principal do templo dos 33.333 deuses e das dos quinhentos discípulos de Buda. Todas elas demonstram claramente seu estilo indo-gandárico, especialmente nas roupagens, mas, as dobras, puramente *helênicas*.

Entre a parte pictórica e a escultórica existe a das lacas, que se coloca em posição de destaque. Os sacerdotes budistas demonstraram ser grandes artistas, sob todos os aspectos, sobressaindo entre eles, o de nome *Kobodaishi*, considerado o pai da arte das lacas.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

vida, entre os últimos, porém, tomada inversamente ao ário, ou seja, da direita para a esquerda (“sinistrorum” ou “more sinistra”), tal como gira a Lua em torno da Terra e os planetas em torno do Sol, em lugar de (girar) da esquerda para a direita ou “dextrorsum”, como giram os ponteiros do relógio e, aparentemente, todos os astros no céu.

Hoje mesmo, apesar das posteriores adulterações dos povos, que preferiram a mesquinhez ou deficiência religiosa da “letra que mata”, perdendo gradualmente sua parte oculta ou esotérica, isto é, “o espírito que vivifica”, os chamados “deuses autóctones tibetanos” guardam, entre milhares de superstições, (algumas verdadeiramente criminosas), típicos traços, que seriam de preciosíssimo valor para o moderno estudo teosófico.

XXV

O CAMINHO DIRETO E AS RELIGIÕES POSITIVAS

Há milhões de anos existiu uma Religião-Sabedoria, ou antes, **Solar**, Religião da Natureza e do Espírito. O nome que melhor poderia enquadrar-se a tal Religião, do “Bom” ou do “Bem e da Verdade”, donde precedentemente saíram os dois caminhos laterais a Karma, nas escrituras vedantinas, isto é: Jnana (Conhecimento, Sabedoria, etc.) e Bhakti (Amor, devoção, **Bem**, portanto).

A raiz desse nome acabou por simplificar-se no latino: Bonus, Bona, Bonum (Bonus, bon-a, bon-um) chegando assim até nós, pouco importa o idioma que nos diga respeito. Daí, o SUMMUM-BONUM aplicado ao que se prefira tomar como Essência de todas as religiões, filosofias, etc. adotadas pelo mundo, cujo (Sumum-Bonum) é hoje a **Teosofia**, mas, outrora adotada por uma Humanidade Superior, que serviu de Guia à atual, pouco importando o nome que lhe dessem naquela ocasião.

A mesma H. P.B. já dizia: “Os ensinamentos da Doutrina Arcaica, por outro nome, Teosofia, possuem origem divina, que se perde na noite dos tempos”. “Origem divina” não

Ao norte da Mesopotâmia se encontram os dois países irmãos: Assíria e Babilônia, compreendidos na Caldéia como duas frações de uma das mais portentosas nações do mundo, por sua espiritualidade, ciência e arte, seus formosos templos de sete andares, formando uma pirâmide escalonada com seu templo-observatório na cúspide. Tais templos chamavam-se zikkurat. Cada um dos andares era pintado com uma cor diferente, na seguinte ordem (de baixo para cima: branco, preto, encarnado, azul, alaranjado, prata antiga na cor lunar e o sétimo, amarelo-ouro, (simbolizando o próprio Sol, senão, o 7º ou último estado de consciência, dizemos nós).

Naturalmente que no zikkurat de Corsabad, que não conserva mais de quatro andares e é o mais completo, não encontramos classificadas as sete cores, mas sim, nos quatro; e quanto aos outros três, devemos nos basear nas indicações de Heródoto. Em conjunto nos dá os sete planetas com suas cores correspondentes, desde que se substitua, por exemplo, o preto pelo verde, que é a verdadeira cor esotérica de Saturno, e assim por diante. O leão alado do palácio de Asurnasirpal (nome que nos faz lembrar o do próprio Asuramâya...) recorda a alegoria da esfinge descrita por Eliphas Levy, quando diz:

“Aquele que aspira a ser sábio e a conhecer o grande enigma da esfinge, deve possuir a humana cabeça, para que a palavra lhe não falte; as asas da águia, para conquistar as alturas; as ancas do toiro, para lavrar as profundidades de todas as coisas, e as garras do leão, para abrir caminho tanto à direita, como à esquerda atrás e na frente”.

Em Dur Sarrukin (Corsabad) se ergue a formosa cidade chamada por Perrot “a Versailles do Luiz XIV assírico”, da qual formava parte o templo acima descrito. Foi ali que Sargon levantou seu gigantesco palácio, maravilha mais própria de um conto de fadas do que uma realidade, devido seus esmaltes, ladrilhos em cores vidradas, suas lousas primorosamente esculpidas, etc. A origem daquele rei assemelha-se com a do próprio Moisés; do que se pode deduzir que a lenda deste último fosse calcada na do rei Sargon, ou antes, Sarrukin, sucessor de Salmanasar IV e fundador da dinastia dos Sargonidas. Como se sabe, foi ele quem destruiu o reino de Israel, fez várias expedições ao Egito, à Armênia e à Caldéia (7ss/705 A. C.)

Sua história descrita nas referidas tabuletas, é:

1 – Eu sou o poderoso rei Sargon, rei de Akkad (Akadir, Asgard, Agarta, etc., dizemos nós).

2 – Minha mãe era uma princesa; não conheci meu pai; um irmão de meu pai reinava no país...

3 – Na cidade de Azupirana (do “fogo azul?”...) que se acha à margem do Eufrates.

4 – Foi com muitos sofrimentos com que minha pobre mãe me concebeu...

5 – Colocou-me em uma cesta de vime colada com betume...

6 – Abandonou-a em sagrado rio, porém este não me quis afogar...

7 – As águas do rio me conduziram às mãos do aguadeiro Akki (notese sempre o simbolismo de água, apas, etc. ou antes, do signo de Aquários, inclusive no “vendedor de Água”... etc.) o qual me recolheu.

O Tibete e a Teosofia

**Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza**

8 – Akki (da mesma etimologia de Akkad, Akkadir, Asgard, Agarta, etc.) me levou com todo carinho, porém, o resto me é proibido revelar...

Tão enigmática narração das tabuletas assírias faz lembrar a do Êxodo e, naturalmente sendo este de época posterior, logo não passa de um plágio do primeiro.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

quer dizer, entretanto, uma revelação partida de um Deus antropomorfo, assentado sobre uma montanha, cercado de raios e trovões, mas sim, como **uma linguagem e sistema de ciência comunicada à Humanidade primitiva** por outra Humanidade tão avançada, que era tida como divina aos olhos da humanidade imatura”.

A referida **Religião-Sabedoria**, hoje chamada Doutrina Secreta, etc., é, portanto, o Tronco de todas as religiões, filosofias e ciências espalhadas pelo mundo. Mas que, só pode ser dada através de iniciações, já por um Guru ou Instrutor a determinado número de discípulos (quase sempre **sete**, qual um Universo com um Sol central e **sete** globos ou planetas **em** redor), por um Colégio ou Fraternidade acreditando como tal, pela Excelsa Confraria Branca (Hierarquia Oculta, etc.), especialmente quando ao mesmo tenha sido conferido, pela própria Lei, o direito de Núcleo central do Espiritualismo para o mundo, ou o que mantém determinado serviço cíclico ou racial, como sói acontecer, por exemplo, com a “Sociedade Teosófica Brasileira” com Sede na República dos Estados Unidos do Brasil e suas ramas espalhadas pelos diversos Estados daquela União, já que dali partem as espirituais vibrações que se devem espalhar por toda a América latina empenhada no Advento da 7ª sub-raça, como complemento ao da 6ª, em franco desenvolvimento na América do Norte. Sendo que outro não foi o nosso trabalho referente aos povos de origem ibero-americana, quando ali fomos – através de nossas humildes conferências teosóficas, preparar o ânimo e a inteligência de tão **privilegiada gente**, à fim de que, num fraternal entendimento, comessem desde logo tão difícil, quão excelso Movimento, que haverá de concorrer para a formação de uma só e mesma Família Espiritual, capaz de servir de exemplo aos demais povos do mundo, hoje asfixiados nas nevruras de um fim de ciclo apodrecido e gasto.

E que todas as religiões do mundo “não são mais do que embaciados espelhos, onde se refletem os pálidos raios daquela Religião-Sabedoria primitiva”, não resta a menor dúvida; além do mais, porque nenhuma delas é capaz de ensinar aos seus prosélitos a razão de ser das coisas, ou melhor, “Quem é, donde vem e para onde vai o homem?”

Segundo já foi dito no começo do capítulo anterior que tem por título: “A Religião do Bon e da Primitiva Sabedoria”, dentre os vários nomes que possui a Sabedoria Iniciática das Idades, Doutrina Secreta, etc, figura o de “Sha-manismo” (Shamanismo), cujo significado é o mesmo do da Teosofia: “Sabedoria dos Super-Homens, Mahatmas, Gênios, Jainos, Djins ou Jinas, etc.” Daí o **Jainismo** primitivo de que nos ocuparemos mais adiante.

Com a decadência da Atlântida – que foi, de fato, a raça equilibrante na evolução da Mônada, não só por ser a **quarta**, como pelo estado de consciência na mesma desenvolvido, dar lugar aos dois conhecidos períodos de **Pravritti** e **Nivritti-Marga** ou da descida (involução) e subida (evolução) da mesma Mônada, dizemos, o Shamanismo transformou-se em Camanismo, que melhor deveria chamar-se de **Ka-man-ismo** (mental inferior, passionalismo, Baixa Magia, etc.) que, de queda em queda chegou à mais inferior das demonstrações **religiosas**, alcançando o próprio “Africanismo”, que vai mais além da Atlântida, isto é, aos povos **lemurianos** ou habitantes do 3º continente: a **Lemúria**.

E a prova é que no africanismo se sacrificam animais em honra ao seus deuses, todos eles, por sinal que, do culto cristão, a começar pelo próprio Deus, ao qual confundem com o “Senhor do Bonfim”, da Bahia devido às grandes levas de escravos dirigirem, de preferência, para aquele estado do Norte brasileiro. Assim, o termo “Oxalá”, tanto se refere a Deus como ao “Senhor do Bonfim”.

Para São Jorge, São Sebastião, a Virgem Maria, etc., respectivamente, os nomes: OGUM, ABALAUÊ, AMANJÁ, etc., sendo que, ao designarem a Virgem Maria como “Mãe

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

d'água" se acham mais próximos da Verdade do que os cristãos, porque, Maria provém de "Mare", o mar, a água, a Lua, etc". E a prova é que a mesma religião copiando do

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

paganismo, uma de suas deusas mais em evidência (todas elas simbolizando Isis, a Lua, etc.) coloca por baixo de seus pés, o “quarto lunar”, quando não o faz sobre a cabeça, qual a deusa egípcia, como é do conhecimento de quantos se interessam pelas leituras dessa natureza.

Ao próprio “Diabo”, o africanismo o reconhece como “Exú”, o “deus das encruzilhadas”, ao qual se deve dar alimento (farofa de azeite, acaçá, etc.), imitando o que no próprio Tibete os fanáticos de certas regiões montanhosas, principalmente, anímicos ou do “baixo espiritismo”, (como se prefere chamar no Brasil) fazem em relação com os “Elementais” ou “Espíritos da Natureza”. E isso porque, as religiões ocidentais, por mais elevadas que sejam, representam uma acúmulo de passagens de outras religiões anteriores, senão, de iniciações de mitos e lendas antigos, etc. E assim, até caírem no que de mais baixo se possa conceber com o nome de “religião”.

Em resumo, todas essas “aberrações” provenientes do “Totemismo” ou a supersticiosa e idolátrica adoração aos “elementais da natureza” e espíritos perversos, aos quais o Homem de outrora dominava e o de hoje adora, por ele mesmo ter caído em degradação, acompanhando o fim de um ciclo nos seus últimos estertores.

Bem se pode afirmar que tal degenerescência começou na Alta Ásia pelo “mossaísmo” ou doutrina dos **Mósso**, gentes mongóis e tibetanas das montanhas do Norte e do Este do Tibete. Continuando com o nome de “Mosaísmo”, ao descer com **Lot**, **Lat**, etc, ou “do homem lunar” do culto à Latona (Lat + ona), a Lua, etc, do mesmo modo que **Abraão**, ou “o não brahmane”, (não iniciado, etc.) até Ur da Caldéia (donde provém o próprio nome Ur-Rope ou Europa) e demais regiões da Ásia Ocidental. Não deveu, pois, seu nome a Moisés, mas este àquela: como talvez o tivesse tomado, o **Muiska** (Moiska, Mosca, Mourisco, etc.) dos Aztecas, no continente americano.

Essa transformação religiosa, isto é, da “Religião do Bon”, de Râ ou do **Brahma** primitivo, teve lugar quando da morte de Yezeus-Krishna, (começo da Kali-Yuga), do que existem numerosas provas no Guzerate, onde, além do mais se trata de seu famoso templo de **Somath-Patam**, etc. Para o espírito religioso do jovem povo ário, sucessor do atlante, dócil e espiritual no fundo, apesar de sua estirpe guerreira – e de cujo povo descendemos – o fenômeno não teve maior repercussão, porquanto, conservou tal povo a essência da primitiva religião do Bon, através do culto à Natureza e à Vida, como aos manes de seus antepassados, com o nome de **Lha-maismo** (de “Lha” ou “espírito”). Razão porque, em diferentes épocas triunfaram sobre outros povos colocados no Ocidente, por serem menos espiritualizados, embora que, mais cultos.

Chamanismo e Lhamanismo – donde até hoje o “Lamaísmo” tibetano, mongol, etc., – subsistiram assim durante muitos séculos com essa “exigida oposição” entre o **Bem e o Mal** – como sói acontecer com tudo na vida, ou melhor, orientando-se um para a Baixa Magia, Necromancia ou Magia Negra, e o outro, para a vida pura e simples, embora que, por desgraça, o primeiro fosse sobrepujando o segundo, até que o mundo chegasse à degradação em que hoje o encontramos.

A missão do Buda de Kapilavastu, (século VI antes de nossa era), como a de tantos outros “Budás de confissão”, que o precederam – pouco importa seus Nomes, inclusive o de Jeoshua Bem Pandira, mais conhecido como Jesus – não foi, senão, de **rebeldia** contra tamanhas aberrações psíquicas ou de origem da **decadência atlante**, procurando restabelecer em sua prístina integridade, a doutrina do Bon, de há muito julgada perdida. E isso, de acordo com a promessa que, no **Vishnú-Purana** faz Krishna ao Futuro Buda Branco, através de sua série de “oito encarnações” (repetidas), por isso que, no Ocidente e não no Oriente, e como se falasse Ele à sua própria Sombra ou Imagem – de que “sempre que a Verdade estiver ameaçada de desaparecer no mundo, Ele aparecerá”. Ou

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

antes, como se encontra no Bhagavad-Gîta, quando Krishna diz à Arjuna: “Todas as vezes, ó filho de Bharata! que **Dharma** (a Lei justa) declina e **Adharma** (o contrário) se

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

levanta, Eu me manifesto para salvação dos bons e destruição dos maus. Para restabelecimento da Lei, Eu nasço em cada Yuga (Idade), etc.”

O Camanismo necromante (ou “de negro manto” ou veste) assim ameaçado de morte, reagiu contra o Budismo, ou melhor, o **Bodismo** (de “Bodhi”, Sabedoria, Conhecimento, Iluminação, etc.) e ressuscitou, em parte, com as reformas de Glang-Dharma (908/1012) e outras mais ou menos tântricas verdades do primitivo Bon, como aos Bom-pas ou Bonpos, contrários ao originário e puríssimo Bon, da confusão estabelecida na Enciclopédia Espasa a que nos referimos e procuramos contestar.

Seguir tal luta vários êxitos no Tibete e em outros lugares, durante muitos séculos, até chegar ao XIV e com o excelso Tsong-Kapa, reformador do Budismo tibetano, já bastante adulterado, não só pela luta com a não menos adulterada religião de seus contrários – os “vermelhos” ou Bon-pos, da mescla entre **camanistas** e **lamaístas**.

Falar da história e suas origens equivale falar da Religião primitiva ou Doutrina Secreta, da qual se serviram, como já foi dito, todos os Iluminados que a este baixo ou inferior mundo vieram segundo o prometido pelo próprio “Espírito de Verdade” – pouco importa o Nome com que se apresente, já que **Dharma**, a Lei justa declinava – tal como agora – nas várias épocas de seu aparecimento. Por isso que, todos Eles dizendo a mesma coisa, embora que, com palavras ou iniciações de várias naturezas, mas dentro do expresso nestas (palavras) do Rig-Veda: “A Verdade é uma só, embora os homens Lhe dêem nomes diferentes”. Mas, como já se deu a entender, todos Eles formas parciais daquele que se poderia cognominar de **Redentor-Síntese** (que embora não tendo vindo ainda, é como se já o tivesse feito, segundo aquelas proféticas palavras bíblicas de que, “Ele já veio e vós não O reconhecestes”...), digamos, o próprio Planetário da Ronda, ou Aquele que no seu começo imprimiu a tônica da Verdade, ou melhor, se fez **Manú-Semente**, para que no seu fim (da Ronda), se fizesse **Manú-Colheita**, daquilo que Ele mesmo semeou. Nesse caso, todos os **Manus**, grandes e pequenos, isto é, de Raças-Mães, sub-raças, ramos e famílias, suas sombras ou formas representativas.

O termo SPES MESSIS IN SEMINE, ou “a esperança da **colheita** reside na **semente**”, adotado pela **Sociedade Teosófica Brasileira**, não quer dizer outra coisa, dado o fato de seu Trabalho se referir a um ciclo racial, isto é, em prol do “Advento da 7ª sub-raça”; trabalho **manúsico**, portanto.

O próprio termo Maitreya, ou simplesmente, **Maitri** (**Mai** ou Mayá e **Tri** ou Três) resume quanto acima ficou dito – à parte opiniões contrárias, inclusive do erudito sanscritista Burnouff, que só conhece um único significado para aquele termo, ou seja, “compaixão”. **Maitri** quer dizer entretanto: três vezes passado por Mayá, ou melhor, Aquele que venceu os Três mundos ou qualidades de matéria, ou que sempre as possuiu **equilibradas**, para que os homens fizessem o mesmo ou seguissem seu Exemplo, como Dirigente da Ronda.

O mesmo sentido possui aquele iniciático episódio tibetano do excelso **Rimpot-ché** que, tendo sido convidado por seu discípulo, o Teshu-lama, à fim de inaugurar a nova estátua de Maitreia, na presença de milhares de pessoas (a própria A. David-Neel o refere como tendo sido pouco antes de ali haver chegado) se funde na mesma, ou “entra por ela a dentro”, como diria o vulgo; cuja interpretação única e verdadeira é: “Façam o mesmo, quantos aqui se acham, pois que, Maitri, Cristo, Consciência Universal, Atma, 7º Princípio teosófico, etc. „não exprimem outra coisa senão a **fusão**, a união eucarística (ou Eucristico) da Alma com o Espírito, o Eu-Inferior com o Eu-Superior, etc.”

A Doutrina Secreta foi, pois, a Religião Universal, no mundo pré-histórico, corroborando essa afirmativa com as palavras de H. P. B. de que nos servimos no

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

começo deste capítulo; ou quando a mesma A dá como “pregada por uma Humanidade divina ou superior aos olhos da humanidade imatura”, etc.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

São provas de sua difusão: os anais autênticos de sua história e presença em todos os países, juntamente com os ensinamentos de todos os Grandes Adeptos, conservados nas criptas secretas das bibliotecas pertencentes à Fraternidade Branca ou Hierarquia Oculta.

Tais afirmações estribam-se nos seguintes fatos: a tradição de milhares de pergaminhos antigos, salvos, por exemplo, quando a biblioteca de Alexandria foi destruída por um incêndio; os milhares de obras sânscritas desaparecidas na Índia durante o reinado de Akbar; a tradição universal existente no **Japão** e na **China**, de que os verdadeiros textos budistas e comentários que os poderiam tornar inteligíveis, de há muito se acham fora do alcance do mundo profano. Inclui-se em tal mistério, a tradicional Fraternidade conhecida com o nome de “Cem sábios chineses”, estreitamente ligada àquela outra do “Dragão de Ouro”, cujo Chefe Oculto era sempre o Manu ou Dirigente deste ou daquele ciclo racial; o pouco existente no “Livro dos Mortos” (do velho Egito), mas que, é ainda tesouro inesgotável de Sabedoria para os que sabem “ler através da letra que mata, o espírito que vivifica”, principalmente, onde se fala em “reinos subterrâneos ou inferiores”; em caminhos que conduzem à “região do Amenti”, no “reino de Duat”, e quantos outros termos indicam um “País sagrado, verdadeira morada dos deuses” que, nas escrituras transhimalaicas, e mesmo, indianas, estão sintetizados em: SHAMBALLAH, ASGARDI, AGARTHA, ERDEMI, etc, etc. Outrotanto, na tradição indiana, cujos comentários secretos, únicos que poderiam tornar inteligíveis os Vedas, embora que, inacessíveis para o profano, se acham ocultos em **grutas** e criptas secretas – inclusive, em Elefantina, Luxor e outros lugares que a própria Lei não permite apontar – embora que os possam consultar os mais proeminentes Adeptos da Excelsa Fraternidade.

Conhecem os poucos ou verdadeiros Ocultistas do mundo que, a antiga tradição se encontra devidamente segura (donde se originou o termo “hermeticamente” fechada, guardada, etc, mui comum em linguagem vulgar), ou antes, “debaixo de Sete Chaves”. E isso, até há bem pouco tempo, porquanto, era ela mesma (tradição) que já apontava a futura fusão do Oriente com o Ocidente, quando este se tornasse digno de receber tão valioso tesouro, etc. ¹

¹ E como a Luz, outrora provinda do Oriente ou que se irradiava por sobre todos os seres da Terra – segundo a sentença “swedenborgiana” do Ecce Oriente Lux! – se tivesse fundido no Ocidente, de acordo com as multi-seculares profecias de Munis, Arhats, Profetas, Sibilas, etc., fulgura entre todas, aquela já por nós tantas vezes apontada, ou seja, a da “Serra de Cintra”, em Portugal, embora suas pequenas falhas ou desgastes produzidos pelo tempo:

Sib... Vaticin... Occidiis

Vonventur saxa litteris et ordine rectis
Cum videris Oriens, Occidens opes
Ganges Indus erit mirabile visu
Mescas (Mexico?...) ... commutabit sua uterque sibi...

Tradução:

Patente me farei aos do Ocidente Quando
a porta se abrir lá do Oriente... Será coisa
pasmosa quando o Indo, Quando o
Ganges trocar... (segundo vejo) Seus...
(espirituais) efeitos com o Tejo
Ecce Occidente Lux ! dizemos nós, porque “a LUZ se tornou patente aos do Ocidente”, pois que as (portas) do Oriente se abriram para lhe dar passagem; por isso que o Ganges troca suas águas com o Tejo. E isso, porque “os tempos esperados haviam chegado!”
Ademais, TEJO provém de TAGUS, ou simplesmente, TAG, que em tibetano quer dizer: Montanha, onde nascem os rios... e as grandes Obras redentoras da Humanidade, senão, lugar de iniciação e de sacrifícios para os Seres da mesma natureza. Haja visto: Monte-Merú, Moria, Sinai, Tabor, Gólgota, Al-Bordi, Líbano, etc, etc. Razão porque a inspirada Sibila escolheu a “Serra de Cintra” para a sua incomparável profecia, por isso mesmo, estreitamente ligada à nossa excelsa Montanha, ou aquela em que a “Missão dos Sete Raios de Luz” fez sua espiritual eclosão. E que deu lugar ao grande Roso de Luna chamar de “capital espiritual do Brasil”, ao Lugar onde a mesma se acha postada, como o prodigioso marco assinalador de um “amanhã resplandecente” para toda a Humanidade!
Quanto ao mesmo PORTUGAL – onde figura a Serra de Cintra, Tejo, etc. – de procedência “celtiberica”, com o significado: Porto Galia

O Tibete e a Teosofia

**Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza**

ou Gaulês, por ser o ponto culminante das fusões monádicas precedentes da 4ª sub-raça ária e quantas outras aí se foram fundir, inclusive, a arábica, hebraica, etc.

Mas, perguntarão os que, por si sós, não seriam capazes de decifrar a sibilina profecia: “E que tem a ver com tudo isso o termo “Mescas”, ou mesmo “México”? Como dissemos, a inscrição da “Serra de Cintra”, como é natural, “possui falhas e desgastes

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

Há milênios, já dizia Hermés ao seu discípulo Asclepias: “Aqueles que devem dominar a Terra serão enviados e estabelecidos além do Egito, em uma cidade construída no OCIDENTE e... onde por mar e por terra afluirá a raça mortal”. Para logo Asclepias o interrogar: “Mas, onde estarão eles agora, ó Trimegisto?” – Estabelecidos, responde Hermés, **em uma grande cidade na montanha da Líbia**. E já vos falei demais sobre tal coisa!...”

Outrotanto, quando o próprio “Rei do mundo promete vir extirpar as más ervas, à frente de seu povo”.

É o próprio mundo o culpado de tais documentos se encontrarem “debaixo de Sete Chaves”, e não, os Adeptos ou Membros da Grande Fraternidade, como seus Excelsos Guardiões, pois que, sem direitos para tanto, fatalmente o homem faria mau uso desses conhecimentos, em detrimento do próximo, para não dizer, egoisticamente, ou em seu próprio interesse. Se as insignificantes descobertas feitas nesses últimos tempos têm sido empregadas como instrumento de destruição (haja visto, a aviação, que ocasionou ao seu verdadeiro descobridor – o insigne investigador brasileiro Santos Dumont – uma morte prematura, “por uma traumatismo moral”, digamos assim), que poderia acontecer se o homem possuísse em suas mãos o que diz respeito às leis universais?²

Nesse caso, entregar-se ao mundo profano, ou aquele que não alcançou ainda o máximo da perfeição que lhe é exigida, semelhantes conhecimentos secretos, seria o mesmo que entregar uma vela acesa a uma criança de poucos meses de idade. A começar pelas doutrinas numéricas ou dos “cânones antigos”, que têm por origem a Cadeia Planetária ou... das Sete Raças, estreitamente ligadas aos **Dhyans-Chohans** ou Espíritos Planetários, com cujas CHAVES seria descoberta, desde logo, a “Sétupla natureza humana”, pois que cada princípio no homem (chakra ou centro de força, etc.) se acha em relação com determinado plano, mundo, globo ou planeta, etc. E os humanos princípios, com as forças ocultas da Natureza (sempre **Sétupla**), sendo que as correspondentes aos demais planos... formidável potência cósmica, tanto capaz de criar ou construir, como destruir ou aniquilar...

Assim é que uma insignificante classificação **Setenária** bastaria para proporcionar, imediatamente, um guia seguro e infalível para se descobrir “Poderes ocultos tremendos”... principalmente se em mãos de egoístas ocidentais, protegidos por sua incredulidade materialista em assuntos dessa natureza.

Nos primeiros séculos da chamada Era cristã, convencido se estava da realidade do Ocultismo. Porém, logo tais poderes (ocultos) foram empregados para fins egoístas, entrou ela em **decadência**... da qual bem se pode chamar de “oriundos”, os pretensos “milagres” de certos “santos” que, no final de contas, já hoje não mais aparecem, à parte os da **moda**, pois que, até no reino celeste se cogita de tal coisa, como sejam: Terezinha do Menino Jesus, Frei Fabiano (hoje explorado em “agradecimentos sobre agradecimentos pelas colunas dos jornais”); Jeanne d’Arc, outrora queimada em uma

produzidos pelo tempo”. Assim, a palavra tanto pode ser aquela como a latina “Messis”, que quer dizer “colheita”, ou a que procuramos obter espalhando a espiritual Semente de nossa Missão, mui bem expressa no nosso próprio lema: SPES MESSIS IN SEMINE, ou “a esperança da Colheita está na Semente”. Digamos, porém, que o termo fosse México: “no itinerário de Io (ou Ísis), que tanto vale pela “descida das Mônadas, em todo trabalho “manúsico”, as providas dos povos “Ibéricos” não podiam deixar de passar, no presente ciclo, por tal lugar, ou antes, pela Fraternidade-Jina de YUCATAN, à qual já se referia o grande Roso de Luna (embora que, de modo velado) quando descreve sua “Viagem ocultista através da Atlântida”, em sua monumental obra que possui esse subtítulo e por título: De Sevilha al Yucatan. Nesse caso, para alcançarem tais “mônadas”, o continente Sul-Americano, principalmente o Brasil, como Núcleo Central de tão excelso Movimento, (em serpentinos coleios, qual o Fogo cósmico como reminiscência da famosa civilização “incaica”, porém vigiada ou sob a direção (como a anterior) de outra Fraternidade Jina: a de Manchu-Pichú, próximo a Cuzco, onde esteve a própria HPB e com um dos seus preclaros membros, confabulou o incomparável Teósofo Roso de Luna, quando das suas “Conferência na América do Sul” (ao passar pelo Chile, etc.). E de cuja Fraternidade, como já dissemos algures, se pode passar, subterraneamente, para Mato Grosso (Brasil, portanto), embora que, maiores detalhes não nos seja permitido dar de público, por serem vedados por Lei. – Nota do tradutor

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

² Em palestra que fizemos há anos atrás, pela “Rádio Sociedade Mayrink Veiga”, com o título “Iniciando pelo Rádio”, tivemos ocasião de dizer (Vide pág. 112 do nº 72 desta revista): “Quando o homem chegar a se dominar conscientemente, dominará também a Natureza, porque conhecendo e obedecendo ele às suas leis, submissa e escrava Ela obedecerá às suas ordens. Porém, enquanto imperar o egoísmo entre os homens, os elementos transbordados serão tão caprichosos e cruéis como a humana natureza”.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

fogueira, “como Maga Negra ou feiticeira”. E até o famoso Thomas Moore (Mouro, Mario, Moira ou Moria, de cuja Linha de Adeptos fazia ele parte), etc.

O fato é que, depois das novas teorias, a começar pelas de Freud, bem poucos valores possuía, por exemplo, um Antônio de Pádua “quando em seus êxtases desejava sugar os seios da Virgem Maria”; ou uma Teresa de Jesus que, “para **aplacar seu amor ardente** pelo meigo nazareno (da seita dos Nazar, ou daqueles que traziam os “cabelos cortados à altura dos ombros”...), fazia queimar as suas carnes de virgem... com ferro em brasa”. Erotismo, portanto, provocado por exagerado misticismo.

Por tudo isso se depreende que, embora os documentos da antiga Sabedoria tivessem que ser conservados ocultos aos olhos do mundo profano, no entanto, **Segredo** jamais se fez de sua real existência, como de estar sob a guarda daquela mesma Excelsa Fraternidade, a começar pelos Hierofantes dos Templos Iniciáticos, para os quais os “Mistérios” foram sempre um sistema de disciplina e estímulo para a virtude.

Tão arcaicas verdades não somos os primeiros a dizer, porquanto já o faziam – não só os Grandes Iniciados, como os próprios Adeptos, principalmente aos seus “eleitos” ou “discípulos”.

Por desgraça, a nova religião cristã foi quem impulsionou geral modificação no real sentido da Verdade primitiva, o que além do mais, se tornou um crime, quando a apresenta ao mundo como coisa sua, ou antes, com os retalhos de quantas religiões, lendas e tradições à mesma sucederam. Muito pior, por prejudicar a parte inidática que, em todos os tempos é aplicada a quantos desejam palmilhar o Caminho da Purificação e da Verdade (Amor e Sabedoria, **Bhakti** e **Jnana**, etc.), inclusive, com o nome de “Maya-Budista”, à qual já tive ocasião de comparar ainda com a “letra que mata e o espírito que vivifica”, senão a Sombra que vela a Luz, a Mentira por trás da qual se acha a Verdade na sua original pureza.

A mesma H. P. B. cita o que lhe afirmou respeitável cavalheiro, adido, durante muitos anos, à embaixada russa, “de que existem documentos nas Bibliotecas imperiais de São Petersburgo, que se referem à época em que a Franco-Maçonaria e outras Sociedades secretas de místicos, floresciam na Rússia, ou seja, nos fins do século XVIII e princípios do XIX. E que mais de um místico russo se dirigiu ao Tibete através dos montes Urais, para adquirir o Saber e a Iniciação, nas desconhecidas criptas da Ásia Central. Sendo que, mais de um deles voltou portador de tesouros espirituais que jamais poderiam adquirir em parte alguma da Europa, ou antes, do Ocidente”. E se não citamos seus nomes, para não molestar aos seus parentes, que ainda os há em diversas partes do Globo.

Entretanto, quem desejar maiores detalhes sobre o caso, que consulte os Anais da Franco-Maçonaria, nos Arquivos da Metrópole russa, e se convencerá de que mui longe estamos em haver divulgado toda a verdade... As calúnias assacadas contra tais Seres só puderam alcançar mal cármico para os seus detratores. E como esse mal já esteja feito, não se deve recusar a Verdade, sejam quais forem as consequências.

Em resumo, a Teosofia não é, nem uma nova religião, nem uma nova filosofia, pois como se viu é tão antiga quanto o homem.

Entre os antigos Iniciados, a cerimônia de “passar através do Santuário dos Santuários”, já possuía o mesmo sentido, do de “passar pelo da Vaca de Ouro”, das escrituras bramânicas, de que é cópia adulterada, a bíblica “de Jonas engolido por uma baleia e dela sair são e salvo”... e tantas outras passagens semelhantes, que no final de contas, é a de **Hiranya-garbha** (Símbolo da Natureza Abstrata e Universal), da mais sublime poesia, pois que, significava a concepção ou parto e o nascimento espiritual, ou

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

antes, o renascimento do indivíduo e sua regeneração; a fusão entre o Espírito e a Matéria, a volta do homem à Fonte Primordial e sua imersão na mesma, segundo aquela incompreendida frase de Santo Agostinho: “Vimos da Divindade e para Ela havemos de

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

ir”. Senão, a da parábola do “Filho Pródigo, que volta à Casa Paterna” por sua vez de má interpretação pelas religiões correntes. Ou mesmo, quando o grande Iluminado que foi Paulo, diz: “sofro de dores de **parto** enquanto não encontrardes o Cristo em vós mesmos”... etc. Para o semita, o sentido foi sempre: do conúbio do Homem Espiritual com a Natureza Material Feminina, ou seja, o **fisiológico** sobrepondo-se ao **psicológico** e puramente imaterial. Assim, entre os ários, “o homem **encurvado**, que caminha através da galeria que leva ao Sancta Sanctorum, prestes a passar através da Matriz da Mãe-Natureza (Mater-Rhéa, Matéria, Maria, etc.) era a criatura física disposta a se converter em criatura psíquica, para que o Espírito, a Consciência Imortal nele se manifestasse.

E tudo isso, dentro do próprio termo Teofania, dos neoplatônicos, ou a “união do homem inferior com a sua Divindade, etc.”. Da cristã ou da “manifestação do Espírito Santo em línguas de fogo, no dia de Pentecostes”, como do batismo no Rio Jordão e quantos símbolos sirvam para indicar esse momento prodigioso da Humana Evolução, ou que faz do Homem o **veículo** da própria Divindade, contrariamente ao “médium, paciente, passivo, sujeito”, etc., que o torna – como tais nomes indicam – autômato da vontade alheia, senão, de quantas larvas astrais e “kamarupas” perambulam pelo “Cone Sombrio da Terra” (ou da **Lua**, como querem outros, em vista de ser o antigo caminho por onde viemos da cadeia **lunar** para a terrena, por isso que, **caminho involucional**, ou que obriga os retrógrados a andarem para trás...).

ALGO MAIS SOBRE O CAMINHO DIRETO E AS RELIGIÕES POSITIVAS

Os **aferrados** crentes das religiões positivas, ou seja, da “letra que mata, e não do Espírito que vivifica”, foram sempre, por “infância evolutiva” (**impúberes psíquicos**, portanto) cruéis inimigos dos místicos; como o homem **vulgar** o é do de **talento**, e este, por sua vez, do **genial**, segundo os três graus ou níveis da Inteligência humana; a **perceptiva** ou “dos fatos” (mente vulgar); a reflexiva ou “das leis” (mente científica) e a **intuitiva** “ou dos princípios” (mente genial ou superior que guia, além do mais, a mente científica com as visões de suas hipóteses). Tudo isso sem prejuízo algum para que se deixe de considerar aos **místicos** e **geniais** que A sacrificaram, honras quase divinas. O **drama de Rusinol**, “O Místico”, transcrição literária da sacrificada vida de Verdaguer, o cantor da Atlântida, é o mais perfeito símbolo do que acabamos de expor.

Uma gloriosa plêiade educada à sombra do “Alcorão”, teosoficamente interpretado, valha a frase, se acha constituída “por sábios e **sufis**”. Os sufis, diz Pedro Girao, são os místicos muçulmanos, que oferecem grande analogia com os Yogis hindus; com os brâmanes dos Upanishades; com os neoplatônicos alexandrinos; os franciscanos primitivos; com a doutrina exposta no Eclesiastes e no **Cantar dos Cantares**, finalmente, no misticismo de alguns dos Cantos da Igreja romana.

Eram eles ascetas persas que rompiam com a doutrina do Alcorão, embora que, exteriormente procurassem não se mostrar heterodoxos. Professavam um Panteísmo místico. O Universo era para os sufis uma imensa ilusão (Maia) e a multiplicidade das coisas, como realidade para os nossos sentidos, mesquinha inteligência que jaz prisioneira dos fatos que os sentidos lhe trazem. Cremos que existe o mundo real porque nossos sentidos e inteligência trabalham por que existe o mundo real, porque nossos sentidos e inteligência trabalham por meio da análise, base de relações e juízos, que consistem essencialmente em fundir um predicado com um sujeito, o que exige como condição prévia o ter antes concebido o sujeito e o predicado como realidades distintas. O passo inicial de nossa mente é o de considerar as coisas como múltiplas e separadas, leva a conclusões absurdas, que aqui não vamos apontar, chega-se sem dificuldade à conclusão de que a marcha de nosso pensamento não concorda com a das coisas, pelo

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

que o pensamento é um mau instrumento para conhecer a realidade. Porém, como não possuímos um aparelho melhor para lançar mão, devemos renunciar à pretensão de

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

conhecer as coisas em si e nos conformarmos com uma certa fantasmagoria à respeito das mesmas. Só pode existir o Um, porém, nós só O podemos conceber múltiplo e assim nos encontramos diante de uma irredutibilidade radical, que deixa valor ao nosso pensamento.

Haveria, não obstante, uma solução para salvar semelhante antinomia e é o de buscar outro meio de conhecer acima do cognoscível ou racional, coisa que é absurda. Entretanto, na História da Filosofia foram registradas diversas tentativas para se resolver a questão. Acontece, pois, que o conhecimento da suprema Realidade, por mera razão, inalcançável, seja obtida por um conglomerado de tendências não racionais, cuja foi denominada de diversos modos e revestida de uma infinidade de matizes. Com isso, a Religião vem a entrar em jogo, tratando de resolver o problema que não foi solucionado pela Filosofia e desde então se inicia a luta entre a fé e a razão; entre a síntese das tendências afetivas e a análise das tendências intelectuais.

Porém, as religiões se organizaram em poderes e hierarquias encarregadas do governo dos homens e foram obrigadas desde logo a compreender que a fé era uma força poderosa em cada alma, embora que constitua um obstáculo para a boa marcha de todo sistema de governo espiritual ou temporal. O dogma então apareceu; a fé de uns quantos privilegiados se opôs à fé popular e o filiado a determinada religião deveria conformar-se em receber passivamente o dogma de fé dos chefes de sua religião, já que este era o único meio para que a comunidade dos fiéis pudesse manter o seu valor.

No entanto, um grande número de espíritos fortes se rebelaram contra essa cega disciplina e quiseram gozar de uma fé toda pessoal: quiseram ver a Divindade com os olhos de seu próprio coração. Tais foram os profetas, os videntes, os místicos. Alguns deles elevaram-se de categoria e ficaram incorporados às personalidades dirigentes de sua respectiva religião; outros, porém, foram entregues à heresia. Tal fenômeno teve lugar também no maometanismo, razão porque os espíritos mais fortes, ou antes, heróicos, se fizeram “sufis”.

Podemos, pois, resumir a doutrina dos sufis, do seguinte modo:

“O Universo é como uma sombra de Deus e em si carece de realidade. Aquele que existe plenamente é o Deus Uno, que penetra todas as coisas. O homem é um reflexo de Deus e tende naturalmente a volver à sua Origem, perdendo sua mísera personalidade terrena, aniquilando-a para poder unir-se ou fundir-se em Deus. Deve, pois, o homem desprezar a si mesmo e a todas as coisas terrenas. O amor é a arma mais preciosa para tal objetivo, pois concorre para que o amante se esqueça de si próprio para se fundir no Ser amado. Porém terá que educar esse amor, evitando aplicá-lo às coisas terrenas, mas tão somente a Deus. O amor para seres e coisas terrenas não pode, senão, constituir um ponto de partida para se remontar a amores cada vez mais profundos, elevados ou espirituais. Assim, por exemplo, do amor por um belo rosto, devemos passar ao amor pela beleza em geral; às belas qualidades para a Beleza e o Bem. E destes para Deus, que constitui a Suma Beleza e o Sumo Bem.

XXVI

ALGO SOBRE O SUFISMO PARSÍ E MUÇULMANO

“Pedro Guirao, na Editorial “União de leitores”, transcreveu, sob o título “As melhores poesias dos grandes poetas orientais”, que nos dão interessantes biografias de místicos sufis.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

Um deles é Saâdi, o persa do século XIII, mestre do **ghacel** ou poesia da ternura. “Saâdi nasceu em 1184, viveu 120 anos consagrando trinta ao estudo; trinta, a percorrer o mundo e mais trinta a meditar no seu tapete, à fim de seguir o Caminho do Ideal”, diz seu

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

biógrafo Doolet-Shah. A grandeza de seu transcendental anelo, característico de quantos seguem o Caminho Direto, está resumida naquela estrofe final de **O Caridoso Ermitão**, que dá ao ladrão que o assalta tudo quanto possui, ou seja, o velho tapete sobre o qual medita:

“Bendito seja o ladrão
que ao roubar se recria
pois goza assim a vida de algum modo
saboreando o roubo!
Seu coração é tão terno
Que encontra prazer em qualquer cousa:
Em troca, a soberbia do meu anelo
Nem nos Céus, sequer, repousa. ”

Outro grande místico parsi foi Omar Kayzân que “nasceu em Nicheguir; estudou sob a direção de Mowaffak e viveu pobremente fabricando tenda até que seu condiscípulo Mizam el Mulk, que chegou a vizir, concedeu-lhe uma pensão. Foi um dos mais cultos sábios de sua época; trabalhou na reforma do calendário Jalali; compôs umas Tábuas astronômicas e um tratado de Álgebra, hoje traduzido para o francês, morrendo em 1123 aos 85 anos de idade. Sua obra poética rompe abertamente com o rito e o dogma muçulmanos, para erguer-se ao panteísmo primitivo. Karl Hermann Ethé, catedrático de línguas orientais na Universidade de Gales e autor do “Catalogue of Persian Manuscripts in the India Office Library”, diz à respeito de sua obra:

Embora que alguns dos seus quartetos seja nitidamente místicos e panteístas, os demais são o breviário de um radical livre-pensador, que protesta energicamente contra a hipócrita austeridade da ortodoxia “ulema”, por uma parte, e por outra, contra a excentricidade, hipocrisia e enlevos dos sufis mais avançados, aos quais combate com as suas próprias armas. Foi considerado “o Voltaire do Oriente”, por seu “espírito satírico contra um clero ignorante” e profunda simpatia a favor da dor humana, sendo que o paralelo não vai mais adiante! Em Omar existe algo ainda, de Byron, e o próprio Schopenhauer, o que prova o moderno pessimismo não ser nenhuma novidade para o pensamento filosófico nem na inspiração poética”. Sabe-se, enfim, que Omar Kayzân, como Saadi, pertencia a uma seita mística de gnósticos muito acima da letra morta do “Al Corão”.

Eis aqui alguns trechos de seus Rubazat ou “quartetos” que, provavelmente influíram nas poesias do mesmo Jorge e de outros trovadores: **O Fugir do tempo e a miséria da vida**.

“Se cem anos tu vivesses
Só cem anos poderias
Decair.
Se outros cem anos tivesses
Para ajuntar aos teus dias
E gozar,

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

No fim de tal prazo verias
Que em semelhante pó terias

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

De acabar.

Pela roda sangrenta do Destino
Um dia se verá esmagada,
A tua alma, volvendo no prado verde,
A erva que pisando martirizas
Há de crescer sobre as tuas cinzas.

Imagina, se quiseses,
Que os bens da terra
Sejam teus
Pois nada, em rigor existe;
As coisas nascem e morrem
Em perpétua confusão.
Pesado fardo que na Vida
Um assento hás tomado
Pouco existe
Pois que dentro em breves dias,
Na cadeira que possuías
Outro ser se assentará.”

Outra poesia de Omar – **O sabor da Vitória** – é assim resumida por Guirao:

“O poeta conseguiu arrancar aos céus o recôndito segredo que só conhecem os Iluminados. Logrou-o por haver despedaçado todas as cadeias do rito; por haver conservado puro o coração em seu peito; pela dor haver acrisolado em sua alma e nela afogado a serpente do mal: o “eu” (inferior, dizemos nós, razão de escrito com “minúscula”). Por haver penetrado nos altos mistérios da gnose, o mundo de nossos sentidos tornou-se-lhe mera ilusão. Os humanos valores nenhum papel importante jogam nos mundos da superior realidade, que se estende por trás das últimas “ressurreições”. O “eu” sobre quem fazemos convergir e gravitar barbaramente todas as coisas do Universo, é a mais absurda de todas as ilusões. Nada existe que seja bom ou mau, feliz ou infeliz, alegre e tristonho. Nenhuma coisa de nenhuma maneira é. Não existe nenhuma coisa singular.

Nenhum objeto existe que possa contrapor-se a outro distinto. As coisas do mundo ficam assim reduzidas a sombras; nós outros também. Porém são e somos sombras de algo que nossos olhos não podem ver e nossas inteligências conceber, mas que hão de provocar perfeita serenidade aos desordenados episódios de nossa vida ilusória. Esta é algo assim como o avesso de um tapete, por trás do qual se desenham arabescos traços de alinhadas cores, cuja beleza e valor tanto nos encantam. O lado oculto das coisas; o lado direito do tapete, é a única realidade. Porém, ali cada debuxo perde seu individual aspecto. Verificam-se naquele poderoso crisol, imensas volatizações; cada coisa queima ali os farrapos de sua miserável individualidade. E o homem volve a ser o que nunca deveria ter deixado de o ser: **Brahmã.**”

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

Djelal-Eddin-Rumi nasceu em Balkle, no ano 1207. Seu pai era cultíssimo com posição de destaque na corte persa e o iniciou na doutrina dos sufis. Destruída Balkle,

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

sua família mudou-se para a província romana de Yeonium, donde lhe provém o sobrenome de **Rumi** ou “romano”. Diz-se que o poeta desde criança realizou extraordinários prodígios, como seja o de voar ou andar nos ares. Fundou uma ordem de “derviches”, onde era adotada a música e a dança, que os obrigava a cair em êxtase e serem favorecidos por visões divinas. Casou-se ele por duas vezes tendo vários filhos. Conta-se ainda, que realizou outros **milagres**, tais como conversar com os animais, ressuscitar mortos, etc. Morreu em 1773, sendo sua morte muito pranteada, mesmo pelos de credos diferentes. Suas obras mais conhecidas foram: o “Shamsi-Tahiz”, em honra da “Amada” e de vigor poucas vezes imitado nas crônicas poéticas, e o “Mesnevi”, escrito na maturidade, encerrando a doutrina sufi, com uma beleza tão rara, que recorda a dos **Psalmos** de David e as parábolas de Jesus (Jeoshua, melhor dito). Da primeira de suas obras extraímos os seguintes pensamentos:

- ... Nesta noite o mundo perecível cede seu posto ao mundo das coisas eternas. Tu que eras até agora pó, serás doravante espírito; tu que trazias uma venda nos olhos, começarás a ver. Aquele que te trouxe à vida, conduzir-te-á infinitamente para mais longe ainda. “Quão agradáveis são as dores que sofres aos seres conduzido para Ele!”
- Por fim partiste para os mundos diáfanos. Agitastes vigorosamente as tuas asas e despedaçando as grades de tua gaiola começaste a tua ascensão para o mundo da Alma, qual cativo falcão que escalasse de seu cativeiro, ao ouvir o grasnar de outro falcão amigo, porque tu eras como a amorosa colombina que, ao sentir o perfume do Jardim da Rosa, estremeceste e voaste...
- Homens que amais! Chegada é a hora de abandonar o mundo! O rufar dos tambores que anunciam a marcha, ressoam desde já nos meus ouvidos. Atenção, pois, que o Guia já se ergueu e acaba de por em fila os seus camelos. Não ouvis?... como podeis continuar dormindo, ó velhos indolentes? Olhai como essa procissão de Almas vai entrando no vácuo. Por trás desses fachos de luz, que nos miram do Firmamento... e do outro lado do seu cerúleo manto, já está formado um grande exército de almas de posse dos grandes mistérios... Pesado sonho desceu sobre vós, provindo das celestiais esferas. Cuidado pois que o vosso viver é demasiado frágil para resistir ao peso de tão amargurado sono!

A sentinela que dorme está condenada a morrer!

Quando o “Distribuidor do Vinho” consolou por vez primeira o meu triste coração, esse Vinho inflamou-o, deixando correr por minhas veias um sangue quente e vitalizante. Porém, quando a sua imagem se colocou em meus próprios olhos, numa voz se fez ouvir dos céus: “Oh! Que delicioso vinho e que excelente taça de pérolas em que foi derramado!

- Na vida eterna é onde tem lugar a verdadeira união, porque o tempo se esvai na sublimidade do êxtase. A vida é a nave que nos conduz; a União, o luminoso porto de salvação que nos aguarda. Sem ti, amor meu, que importam os deleites da travessia? Mil desejos se agitavam em meu coração obscurecendo a tua Face, porém, a tua proteção salvou-me, porque o Rei invisível do Universo me disse: “Tu eras a Alma do Mundo!”
- Só o Amor e o Amado vivem desde o começo dos tempos. Não entregues o coração a nenhum ser de vida emprestada e perecível. Não achas repulsivo abraçar um cadáver? Aspira tão somente abraçar à Alma Universal, que está virgem de qualquer outro abraço. Todo aquele que nasce em uma primavera, morre em um outono...
- Os homens, como as ondas, nascem do mar: do Mar da Alma Universal!... Como o

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

podes, pois, julgar que a tua morada é o mundo? Somos pérolas arrancadas daquele divino Mar, que é a nossa verdadeira e única Morada. Não se sucedem as gerações como ondas do mar da Alma Universal, que as arranca de si para arrojá-los nas praias

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

da Vida? E isso, porque o tempo da divina União se aproxima, do mesmo modo que, o reinado da Beleza eterna se acha por trás dessas gerações...

- Cada objeto perecível tem seu arquétipo no mundo das coisas ideais. Jamais perecerão os corpos que teus olhos vêem, nem os sons que os teus ouvidos ouvem, embora que se te apresentem como perecíveis, pois que, os regatos não deixam de correr enquanto corra a Fonte donde eles procedem. A Alma é a fonte eterna, e os regatos, as coisas do mundo que correm através dos prados. Não temas que a Fonte jamais deixará de fluir, pois que a sua água procede da imensidade dos espaços...
- A minh"alma lança todas as noites ao Céu um grito de Amor, que é recolhido pelo Firmamento estrelado. O Sol e a Lua dançam todas as noites no meu coração, fazendo explodir silente grito de amor. Em cada cintilar das estrelas, eu vejo um raio da Divindade e cada dia a minh"alma se identifica muito mais com a Alma das coisas. Não é de meu próprio peito donde sai aquele grito de amor, mas da mística União da minh"alma com a Alma do Universo... Cada manhã, ao despertar, ouvirás uma voz celestial que te dirá: "Quando caíres extenuado no pó da estrada, então, será o momento de alcançares a meta, pela qual percorreste sequioso, durante todo o percurso de tua vida..."

DO MESNEVI

- Assegura-te, coração, que a Divindade quer brilhar dentro de ti e encher a tu"alma vazia com a su"Alma divina transbordante... Ela, qual celestial escriba, abrirá as páginas de teu coração, revelando-te inefáveis mistérios que ali sempre existiram gravados, mas que, até agora não havias sabido ler. Uma coisa é o Mar e outra suas ondas transitórias. Despreza a brancura imaculada das últimas e contempla valorosamente o obscuro Mar donde elas procedem. Esse mar arrasta-nos hoje sem rumo certo, quais minúsculas naves, sem remos, nem vela, nem timoneiro. Ah! Bateleiro que dormes no bote de teu corpo: desperta, contempla face a face o Mar e nele reverencia a Água das águas que, invisível, as agita e dentro da tu"alma sentirás outra Alma que te chama!
- Cala, néscio embusteiro, pois, a tu"alma se acha certamente embriagada com ordinário vinho, sem que nunca o teu espírito houvesse apreciado do Néctar Divino, cujo sabor liberta da mansão do mísero orgulho aquele que o prova.
- Os raios de Luz caem sobre as paredes do Mundo, que brilham assim com uma luz de favor. Por que, ó néscio, consagras o teu coração a falsas pedras sem luz? Segue, pois, em busca da Fonte da Luz, cujas luminosas facetas se quebram contra as suas paredes.
- A dor é fonte e tesouro de inesgotável consolo. A amêndoa é branda e terna, logo extraída da casca que a aprisiona. Ó irmão meu! A obscuridade e as penas são a Fonte do Êxtase e a Taça da Vida! Os outonos acham-se prenhes de duas primaveras e estas ocultas naqueles.
- As preces heterogêneas dos homens piedosos, mais heterogêneas ainda se elevam... confundindo-se no Céu, formando uma só corrente ou tubo espiritual, que vai da Terra ao Céu. Nele se vertem todas as orações, todos os anelos, como em imenso Depósito em que fossem vertidas quantas mercadorias conduzem as embarcações que cruzam todos os mares do Oriente e do Ocidente. Tal coisa é assim porque os deuses dos distintos povos não são, senão, facetas de uma só Divindade, cujo Alento anima ao Universo.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

- A Humanidade está dividida em duas castas: a dos que amam as fórmulas exteriores e a dos que abraçam as suas almas na divina Chama do Amor. Que ninguém venha a

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

Mim com promessas enganadoras, pois só desejo corações que tenham sido temperados no Fogo da Vida.

- Vigia teu ouvido com o testemunho de tua vista, para que esta se converta em penetrante Visão. Teus ouvidos, que valem menos de um ceitel, adquirirão desde logo o valor de duas rúpias. E teu corpo se tornará diáfano como um espelho. E nascerá em ti, no interior de teu peito, um olho gigantesco que, atravessando a tua carne com o raio de sua Luz, perfurará o espaço e concorrerá para que possas contemplar ao longe o Amado, que dá vida a toda a Natureza.
- Disse Allah, por boca do Profeta: “Eu não me encontro em coisa alguma; nem nas alturas, nem nos abismos; não resido nos espaços, nem na Terra ou por trás do Céu infinito. Deves sabe-lo, ó homem, que Eu vivo apenas no coração daquele que me ama. E somente ali me encontrarás, quando Me quiseres buscar!
- Em verdade já foi dito: “Não apagues o teu facho, que Luz poderá ser um dia para as gerações futuras...”

XXVII

OS EREMITAS TIBETANOS E A “SABEDORIA PERDIDA”

O homem heróico que se afastou das pompas e vaidades do mundo (a Maia ou grande Ilusão) busca, decididamente, a oculta senda por onde trilharam os “poucos sábios que no mundo o foram”, segundo o dito de nosso Frei Luiz de Lião, em seu *Elogio à vida do campo*, isto é, a vida eremítica. Para essa categoria de seres possui o Tibete duas classes de retiros, porém em número muito maior do que na Índia: o dos *Tshan-Khang*, um pouco distante das lamaserias, desde as mais populosas até as mais modestas; e o dos *Riten* das montanhas, nos quais também existe uma infinidade de retiros, desde aqueles que todos os homens de estudo – com maior ou menor fortuna – procuram manter nas aldeias ou em cidades, até o maravilhoso isolamento de todos os doces atrativos da vida, que logo nos falam dos cenobitas que ali habitaram durante muitos anos, vendo apenas uma nesga do céu, por cima do muro que os isola do resto da paisagem... E mesmo assim, em completas trevas, que traduzem o horror do desconhecido...

A regra comum para a escolha de semelhantes retiros está no conhecido aforismo tibetano de “na fralda, no cume e no vale entre as montanhas, por trás da rocha e diante do lago”. Além disso, o asceta deve escolher discípulos (os mais adiantados, procuram sempre ter “sete”, formando um universo, de que Ele é o próprio Sol central... dizemos nós) mais ou menos fiéis, aos quais deve dar os primeiros ensinamentos orais, direto ou “por trás da cortina”, “melhor dito”, segundo a “maia-budista”, equiparável à “relatividade” *einsteiniana*. E, como outrora, o primeiro grau pitagórico dos *acusticoe* (o que entre nós chamar-se-ia “auditiva”), e outras vezes, o ensinamento apenas de sua vida e exemplo... Quase todos esses eremitas são *naldjorpas* ou adeptos do Caminho Direto e contam com um Mestre ou verdadeiro Jina... (a quem bem cabe o nome de “Mahatma”, no sânscrito) que lhes fica sempre distante centenas de quilômetros...

No Ocidente os referidos isolamentos ou retiros provocariam a loucura, quando não, desequilíbrios mentais de várias espécies; porém, no Oriente – onde vivem irmanadas a Alma do Silêncio com a do Misticismo, *Egrégora* ou *Deva* regional, digamos assim – fala por nós a Sra. David-Neel: “...tais eremitas armazenaram, antes, no seu espírito uma

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

imensidade de pensamentos com os quais vivem sua própria vida interior, sem necessidade de coisa alguma exterior. Assim é que, não se dão ao trabalho de contar as horas; quase esquecem o tempo, entregues a exercícios espirituais de várias naturezas, além de mentais e físicos, investigando sempre os problemas filosóficos e suas leis

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

ocultas, com o que chegam a distanciar-se, tanto do mundo ordinário, que difícil se lhes torna o volver ao mesmo... Semelhante vida não se acha, de modo algum desprovida de encantos: nela existe verdadeira doçura voluptuosa na contemplação face a face com a Mãe-Natureza; tal é o *Kyabdo* ou “a senda espiritual para o Refúgio”, embora que, nem todos os habitantes dos *sham-Khangs* monásticos se consagrem às referidas meditações, pois que, muitos deles se limitam apenas a repetir milhares de vezes – com ou sem o seu “moinho de preces”, semelhante ao automatismo religioso romano, dos terços e dos rosários – a mesma forma litúrgica ou *tântrica*, cujo espiritual sentido são eles os primeiros, muitas vezes, a não conhecerem...

Ilustração: foto

Legenda:

Um autêntico “Mago Negro” revestido de uma túnica feita com ossos humanos esculpidos.

Entre os referidos eremitas existem verdadeiros *Dikshatas* ou iniciados, semelhantes aos “Mestres de Compaixão”, de que nos falam as escrituras teosóficas, sendo que alguns versados nos “Seis sistemas filosóficos hindus”, assinalados por Patanjâli, o fundador da escola *Yoga*. Verdadeiros *ganeshas* e *nazarenos* (de *nassa* ou *nissa*, e até, *naga*, a serpente de Sabedoria; sem falar no próprio termo *nazar* em referência ao corte de cabelo à altura dos ombros... donde, talvez, se originou, anagramaticamente o próprio termo francês “raser”, cortar, e o inglês “razor”, (para navalha, etc., dizemos nós) para eles tem esta preciosa frase, a Sra. David-Neel: “A crescente invasão da cultura européia poderá penetrar um dia no Tibete e chegar até o recinto religioso das lamaserias, porém, o Grande Segredo dos místicos e eremitas tibetanos, é mais do que provável, permanecerá lá, sob o signo hermético do silêncio...” E acrescenta: “O Budismo lamaísta difere consideravelmente do Budismo que se encontra em Ceilão, Birmânia, Sião e também do que se pratica na China e no Japão. Os lugares escolhidos pelos tibetanos para neles construir as suas cenobíticas moradas, revelam, de certo modo, a particular interpretação dada à doutrina búdica.¹ Elevados sobre cúspides varridas por terríveis vendavais, os mosteiros do Tibete apresentam agressiva fisionomia, como se desafiassem aos invisíveis inimigos dos „quatro pontos cardeais“. Enquanto, os edificadas nos altos e solitários vales, a inquietante aparência de suspeitos laboratórios, onde as forças ocultas são manipuladas. Essa dupla aparência, corresponde, até certo ponto, à realidade... embora que, de tempos para cá os pensamentos dos monges de todas as categorias estejam quase sempre volvidos para o negócio e outras preocupações vulgares (“vendilhões do templo”, como os de outras religiões decadentes...), os *gompas* não foram, sem sua origem, construídos por homens de tão pouco sadia mentalidade... A árdua conquista de um “além-túmulo”, ou antes, daquilo que fica para lá desta vida percebida por nossos inferiores sentidos; a aquisição dos transcendentais conhecimentos; a prática das místicas experiências; o domínio das forças ocultas, tais os fins para que foram edificadas essas *cidadelas* encobertas, mas

¹ Interpretação que, a bem dizer, não o é, mas sim, a lógica consequência da volta à primitiva Sabedoria ensinada por anteriores Budas e Bodisatvask através da trazida pelo Buda de Kapilavastu; à guisa do que acontece em todas as revoluções ou “renascimentos”, em que a superação, que se supõe desperta em cada época, ressuscita, vivifica as doutrinas análogas anteriores, julgadas perdidas; à semelhança, ainda, do viajante que tendo perdido de vista – ao descer para o vale – os cumes que anteriormente havia atravessado, torna a vê-los, seriadamente, no longínquo horizonte... para dentro em pouco ter de galgar um novo cume. E com isso, pode-se avaliar a essencial diferença que media entre o esoterismo religioso – sempre em seu sintético e científico caráter acima dos grosseiros credos positivos e os exoterismos ou véus das respectivas religiões vulgares, que são a simples “letra que

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

mata", daquele outro vivificante "espírito" esotérico... e "uno" da primitiva "Sabedoria", sucessivamente restaurada por outros tantos Iluminados ou Budas. Assim, os religiosos vulgares crêem em "um ou em outro desses Budas históricos (pouco importa se reconhecidos inconscientemente com outros nomes, como Francisco de Assis, por exemplo) e os Teósofos conscientemente, razão de os reverenciarem de outro modo, além de os quererem imitar como a própria Lei o exige... – Nota do autor.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

desafiando as nuvens; como as que de direito possuem o nome de “cidades”, *enigmáticas* ou ocultas nos labirintos das montanhas.

Entretanto, nos dias atuais, *místicos* e *magos* devem ser procurados fora dos mosteiros. Para escapar ao ambiente excessivamente impregnado de preocupações materiais, emigraram eles para os lugares mais afastados e inacessíveis, razão porque a descoberta de certos eremitas exige verdadeira exploração...”

A Natureza, diz H. P. B., possui lugares apropriados aos seus mais distintos eleitos, mui longe do torvelinho do mundo e de suas humanas paixões. É em tais lugares onde o homem pode melhor adorar a Divindade sem Nome nem culto, tal como faziam seus primeiros pais. Semelhantes lugares se acham, em verdade, espalhados por diversas partes do Planeta, porém, a Humanidade sabe tanto a seu respeito, como o sabem os animais, a respeito de nossos Ateneus e Academias. A Sra. David-Neel assinala, em seus admiráveis livros, ter encontrado inúmeros deles no Tibete e em outros lugares, posto que, nos fale com excepcionais elogios dos *Kama-trangs* da Birmânia, monges contemplativos, verdadeiros ginósofos orientais da seita búdica mais austera (*bon-zos* primitivos, e não, budistas do divino *Sakya-Muni*); dos ascetas “*zen ou zendos*”, de *Tofo-ku-ji*, no Japão, verdadeira e reconhecida aristocracia espiritual do país, vivendo num ambiente de celestial ou super-humana calma...; dos solitários do *Panya-jan* ou “Mosteiro da Sabedoria”, em seus retiros da Coréia, entre cujos ascetas descobriu o superior ou chefe com sua enxada à mão, tal como os demais, vivendo apenas de arroz e de outros produtos agrícolas por eles plantados e colhidos, de acordo com o processo iniciático dos três 888... semelhantes ao pitagórico 8 horas para dormir; 8 para o estudo e o trabalho solitário e 8 para a vida social: a refeição em comum, os exercícios corporais e as espirituais recreações; os residentes no *Pei-ling-se*, outrora palácio imperial de Pequim, e outros, de cuja interminável lista podemos juntar todos aqueles excepcionais e misteriosos Seres e lugares, enumerados por H. P. B. e Olcott, em seus respectivos livros. (*Por Grutas e selvas do Indostão*, etc.), tais como os *Gusú*, *Sadiú-nanakas* das mais afastadas regiões, como sejam, os *hipogeus de Karli*, verdadeiros “*venustas*” e “*advaítas*” (acima dos fanáticos crentes no Veda), êmulos, ou antes, criadores dos sublimes ensinamentos super-védicos contidos nos Upanishads; os *takures* e *rajaputs surias-vanshas* hindús, fiéis à religião Solar do primitivo Bom ² que desprezam aos brâmanes vulgares, com a frase clássica de que, “o lodo da Terra não pode emporcalhar o puríssimo Raio do Sol”, à maneira daquele errante *naldjorpa*, de quem, de modo frívolo e afrancesado se refere a David-Neel, o qual, “com a aparente rudeza, com que todos de sua classe sabem empregar para afastar de seu lado a simples curiosos („rudeza” mui típica, ainda, segundo seus biógrafos, na *naldjorna* H. P. B.) só usava em sua independente linguagem, comparações “*escatológicas*”, como aquela de que “o homem vulgar é semelhante aos vermes que rastejam no solo”; ou aquela outra de que “a missão do verdadeiro sábio é a de transformar excrementos de cães em estrelas luminosas”, que fazem recordar o simbolismo astronômico egípcio do “*escaravelho sagrado*”, emblema do

² Em Dug-long, no vale de Sog-tchu, desde os tempos remotos de Pa-tchen, a seita de Ponbo ou Bon-po, como antiquíssima doutrina, razão de lhes ter como cismáticos do Budismo. Daí o nome dado (de Bum-tsa ou Bon-tsa) à cordilheira de Tchunag-kang, donde se bifurcam os caminhos, a ocidental seguido por Huc, e a oriental, que cruza a lamaseria de De-zgyé.

Os homens do Bon, ou sejam, “os homens de Bem” foram sempre e em qualquer lugar assim chamados por provirem daquela primitiva “*raiz*” que, através dos ários, nos deu – como já dissemos – o bônus, bona, bonum latinos. Centenas de fonéticas derivações daquela antiga e religiosa raiz, deram, por sua vez, nomes a outras tantas cidades da História (Veja-se a extensa lista das povoações debaixo da raiz “*bon*” e “*bona*”, que ocupam, por exemplo, o índice dos Atlas geográficos de Kipper ou de Stiler) sem deixar ainda, as desinências à base da raiz bal ou baal, do Baltistan do Pamir, centro Bom das irradiações ou êxodos emigratórios de outros tantos povos, tais como os que vemos no Gotland ou Gotlandia sueca; na Tripolitania; no mítico Gales bretão; na misteriosa Bala do Líbano; nas Balas de Sumatra e Filipinas e, enfim, na Bala das mesmas portas de Lhasa, segundo nos refere David-Neel.

Em sua peculiar maneira de ser, os habitantes do Jam ou Jiam, no Este do Tibete, é provável que estejam, por sua vez, relacionados com a originária doutrina do Bom, pois que, louvam a civilização ocidental e desejam ser visitados pelos estrangeiros. “Os de Lhasa”,

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

dizem, “mutilaram de modo lamentável nossa poderosa religião primitiva, transformando-a em um verdadeiro inferno, donde não mais podemos sair, ou ser „redimidos”; inferno criado por uma súcia de lamas impostores e hipócritas, embora que, de cara austera e atos sensualíssimos”. No Ocidente, nenhum termo mais apropriado ao caso, do que “jesuíta”. Este já serve para distinguir os hipócritas de todas as classes... – Nota do autor e parte do tradutor.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

Anjo ou Espírito dirigente do imundo planeta em que habitamos; as rudes demonstrações médicas do grande Paracelso, quando ridicularizava os seus perversos convivas (médicos), apresentando-lhes em uma salva de prata, o verdadeiro e mais seguro processo de diagnosticar, ou sejam, os fundamentais produtos secretórios, cujo nome não fica bem ser aqui apontado... As Montanhas de *Kaf* de Bhadrinath e de *Chalchas*, repletas de grutas (*vihas*) ou sagrados hipogeus *bhi-shus*, onde se ocultam, na maioria das vezes, as maiores e mais prodigiosas *bibliotecas subterrâneas*, inacessíveis aos profanos... por mais valiosos que sejam as suas credenciais ou diplomas. E em geral, uma grande parte das montanhas consideradas sagradas na Ásia de que já falamos em outro capítulo. Em tais retiros, enfim, isolaram-se grandes Almas, daquelas a que se refere João Garcia Neto, em seus *Apointamentos sobre o problema religioso*, quando diz que, “sem as dores e as amarguras de que se acha repleta a vida humana, jamais o homem teria possuído religião”...

Tudo isso é dificilmente concebido no Ocidente, especialmente nos países latinos, pela eterna rebeldia do homem contra o mistério que o cerca, mas que, a todo custo tem de ser esclarecido, pois, como já foi dito, a causa principal dos latinos se descuidarem das indagações religiosas, é por já a terem recebido “formulada” desde a sua infância, qual a “fé cega do carvoeiro”, que tantos danos vem causando ao progresso espiritual da Humanidade...

Alguns dos *riten* dos eremitas tibetanos são verdadeiras maravilhas naturais, em harmonia com seu não menos maravilhoso espírito. De sua viagem à Lhasa, descreve David-Neel, páginas de grande emotividade, como aquela que diz: “Ao nos acercarmos à colada, a passagem tornava-se cada vez mais selvagem. À nossa esquerda se erguia uma colina rochosa, cuja subida extremamente pontilhada, dava a idéia de que fossem diversos castelos, com suas portas, janelas, torreões e balcões, sem faltar coisa alguma³. À primeira vista pensei que se tratava de algum mosteiro contemplativo, porém logo compreendi que o seu único arquiteto havia sido a Natureza. Por acaso habitaria algum asceta em tal lugar?

Em outra ocasião daquela viagem à Lhasa, a autora julga estar diante de estranha aldeia, como aquelas “quintas encantadas” e outros lugares semelhantes, mencionados por H. P. B., em sua obra: “*Por grutas e selvas do Indostão*”, quando a mesma David-Neel formula este raciocínio: “Que aldeia será esta? Não figura em nenhum mapa, nem dela jamais me falaram no País? Sua arquitetura em nada se assemelha à das casas aldeãs... Em lugar de abrigos e cabanas, víamos pequenas estalagens e castelos em miniatura, cercados de jardins que, apesar de suas exíguas proporções, tornavam-se admiráveis por seu aspecto imponente. A estranha aglomeração achava-se banhada por uma pálida luz doirada. Nenhuma voz humana, nenhum grito de animais se ouvia, mas tão somente – de tempos em tempos – as argentinas notas de um carrilhão chegavam aos nossos ouvidos. Ficamos assombrados...!

Estávamos no Tibete ou em um país de fadas?... “Seguindo um caminho construído por cima de profundo abismo, logo voltam antes do por do sol. “Onde estão os palácios, as vilas, majestosos palacetes e jardins tão esteticamente traçados? Diante de nós, estendia-se apenas a sombria e solitária florestas... O tépido sussurrar da brisa que vinha através da ramagem, substituía o tilintar das argentinas campainhas”. Estarei com febre? Teremos sonhado? “perguntei a Yongden. Creio que nada de real tivemos ocasião de ver esta madrugada. Apenas as fantasmagorias de um sonho”. “Sonhos! Eu vos direi como ambos havemos sonhado: esta manhã enquanto contempláveis a cidade maravilhosa, eu

³ “Templos jainos” naturais, incomparáveis com aqueles do Tibete não são tão raros assim no mundo, porquanto, em nossa própria

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

Península os há, como os temos apontado em várias de nossas obras. A chamada “Vila Velha”, no Estado do Paraná, no Brasil, pode figurar como da mesma classe. Sem falar no que se acha “mascarado” por densas selvas, nos Estados de Mato Grosso, Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte, etc. no mesmo País, estreitamente ligado com o passado histórico da Atlântida. – Nota do autor e do tradutor.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

tracerei um círculo mágico (sounqpo) na rocha, à fim de que, nem deuses, nem demônios pudessem impedir nossa jornada em busca de Lhassa. Procurando encontrar o símbolo mágico, Yongden foi ter a uma rocha lisa junto a um grande pinheiro. Ei-lo aqui! Pronunciou triunfalmente meu companheiro. Olhai-o! De fato, o “sounqpo” distinguia-se perfeitamente sobre a pedra arranhada fortemente com a férrea ponta de seu bastão. A começo nada tive que retrucar, embora depois de alguns instantes lhe dizer: “Filho meu, o próprio Universo não é mais do que um sonho!” “É verdade, respondeu ele, porém o “sounqpo” e os “ngags” (mantrans) que pronunciei enquanto traçava o primeiro, fizeram dissipar a miragem. Não resta nenhuma dúvida; tratava-se de seres que desejaram retardar a nossa marcha ou impedir o nosso êxito. Tal como os pássaros negros (*mi-ma-yins*) e os jovens leopardos? perguntei-lhe eu. Sim, afirmou Yongden... Finalmente, saímos daqueles fantásticos bosques de *Kha-Karpo*, para nos defrontarmos com verdadeiros povoados, em lugar de castelos encantados; e homens de carne e osso, em lugar de *lemúricos* “mi-ma-yins”...! Vejamos se nos podemos sair bem da aventura com eles, como o saímos com os seres dos outros mundos...”

Finalmente, em outro lugar nos diz David-Neel:

Depois de tranquila noite, despertei muito cedo, ou antes, sonhei que *despertava*. Raiava a aurora e vi um lama de pé diante de mim. O lama em nada se assemelhava ao impenetrável *gomtchen* nem ao ilustre dissertador que havíamos deixado do outro lado da montanha. Tinha a cabeça descoberta; longa trança descia por suas espáduas indo alcançar os calcanhares, além de levar o hábito branco dos *reskyang*.

– *letsunema* – me disse ele; o “papel de mendigos” já vos irá mal doravante. É que tomastes a mentalidade do personagem que representáveis. Estareis melhor com vosso *zen* e *then-treng* em volta do pescoço. Mister se faz que ao chegardes à Lhassa, já estejais com eles. Chegareis ali, não duvideis sequer um momento.

Sorrii finalmente o aparecido, murmurando no meu ouvido: “Djigs med naldjorpa nga” (“eu a yogina sem temores”...) frase que me era habitual... Quis responder-lhe e... despertei. Os primeiros raios do sol batiam em cheio no meu rosto. O lugar onde se encontrava o desconhecido estava vazio.

A propósito do livro de *Marques de Riviere* “A l’Ombre des Monastères thibétains”, que nos chegou às mãos, como dádiva de alguém que muito prezamos no Brasil; cujo prólogo é feito por M. Magre, não é mais do que um dos muitos livros que por aí encontramos nesse sentido, inclusive do Pe. Huc “Dans les Thibet”; o de Montgomery (*Mon voyage secret a Lhassa*), o de Ossendowsky (*Bêtes, Hommes et Dieux*), etc., etc. Para ser lido o primeiro, por exemplo, mister se faz que o leitor já possua conhecimentos bastantes, além do intenso desejo dessa exigida “comunicação do homem com a Essência Divina, do Mundo que o Oriente alcançou, através de milhares de experiências espirituais”. Seria preciso encontrar o puro estado d’alma de quem o escreveu, compenetrando-se, além do mais, da Sabedoria Búdica, que ensina “tudo ser perpétua ilusão e mudança de forma”. E que a lei essencial da vida está “em o homem se elevar do mundo material para o espiritual, ou da mentira para a realidade”. Então, o leitor se elevaria com o mesmo piedoso recolhimento com que Jean Marqués de Rivière galgou “a colina repleta de bosques”, onde se encontrava a “Casa de preces”; leria, ainda, com igual admiração “os sûtras do *Kandjur*, seguiria os caminhos da meditação, que preparam para a iluminação espiritual e depois de se ter assim aproximado da Presença... em sua gruta sagrada, lograr elevar-se acima das fantásticas puerilidades do bem e do mal, alcançando, finalmente, o maior de todos os segredos, o SEGREDO que não deve jamais ser revelado, pois que, cada um de nós o deve encontrar em seu próprio Seio”...

XXVIII

A GRANDE LOJA BRANCA E AS “JERARQUIAS NA SUDHA-DHARMA-MANDALAM”

A propósito das matérias tratadas nos capítulos anteriores, julgamos conveniente um ligeiro extrato das doutrinas da chamada “Sudha-dharma-mandalam” (um dos principais aspectos terrenos, senão, representações da “Grande Loja Branca”, Hierarquia Oculta, etc.) já pelo que possuem elas de orientais ou “tibetanas”, já por se ter espalhado – embora que, com notória incompreensão, por falta de prévias instruções, e até merecimentos... – entre grupos de Teósofos de ambos os continentes (por sinal que, “usando e abusando de seu Nome”) inclusive pseudo-ocultistas, que se apresentam, criminosamente, no mundo como “enviados seus” (dela S. D. M.).

Ilustração: foto

Legenda:

Um autêntico “Mahatma” – H. P. B. o deu como o mestre “Morya”, procurando velar outras coisas mais... E com tal nome é Ele reconhecido até hoje pelos da S. T. de Adyar. O fato, porém, é que não existem adeptos com tal nome, como não o existem, com os de Kut-Humi, Serapis-Bey, Hilarião, etc, pois o são das Linhas a que pertencem... com seus verdadeiros (nomes) que não dão, absolutamente, a profanos. Do mesmo modo que, as tais “linhas” e Raios que se conhecem, através do sr. C. Leadbeater e outros pecam por errôneas, ou melhor, falsíssimas. Ademais, de 9 de Maio de 1937 para cá as famosas “Regras Ocultas da Sudha-Dharma-Mandalam”, ou melhor, da Gr .:. Frat .:. Br .:. sofreram modificações gerais.

Não trataremos, a seu respeito com grandes detalhes, já por não ser isso permitido por Lei – pois que representa Ela a própria Lei que defende, embora que por trás, o régio Governo Oculto do mundo (como é chamado nas escrituras veladas) já pelo muito que existe através de folhetos editados em Madrás pelo “pandita” Dr. K. T. Sri-Vasa-Chariar, em 1923. Sem falar no “Protesto” feito por R. Vasudeva Rôw (B. A., B. L.) *vakil* do alto tribunal de Madrás, contra a sra. A. Besant, por se servir indebitamente de seu nome (da *Sudha-Dharma-Mandalam*), de permeio a “extemporâneos messianismos” e descabidas religiões, perigosíssimos enxertos aplicados no corpo virginal da *Teosofia*, por outro nome (no sânscrito), Gupta-Vidya, Sanatana-Dharma, etc., senão, a “Primitiva Sabedoria”, de que vimos tratando até agora.

O Dr. Subramani Iyer, uma das figuras mais proeminentes do movimento teosófico da primeira hora, magistrado amigo de H. P. B. e recentemente falecido, quase em estado de miséria, segundo viemos a saber, deixou para o Ocidente o que era permitido saber-se a respeito da mística Instituição denominada “Sudha-Dharma-Mandalam”, cujo nome significa: *Sudha*, pureza; *Dharma*, verdade, Lei, etc., e *Mandalam*, fraternidade. Ou como se disséssemos: “Os Irmãos da Pureza”, (excelsa Fraternidade que faz manter a Lei, dizemos nós...) nome que até certo ponto forma estreita relação com o tradicional “Velho da Montanha” (no Líbano), famoso nos tempos das Cruzadas e iniciador de Hugo de Payens e Godofredo de Saint-Hilaire, fundadores, como é sabido, da “Ordem Templária”, que chegou quase a ser senhora do medieval mundo cristão até o momento de sua ruidosa queda; queda, por outro lado, tão dramática como análoga à dos pitagóricos de outrora, e como ao finalizar do século XVIII, tiveram os jesuítas: três instituições iniciáticas

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

– em linhas gerais, um tanto afins. Os referidos “Irmãos da Pureza”, no Líbano, dizem que ainda existem até hoje, embora que, mui secretamente... estendo-se para o Sahara africano e marroquino... Donde aquela outra lenda de famoso Chefe-Adepto, à frente dos “40 cavaleiros do Deserto”, semelhante àquele iniciático conto de “Ali-Babá e os 40

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

ladrões”, de tão má interpretação, por parte dos que só enxergam “a letra que mata”, ao invés do “espírito que vivifica”... inclusive, no prodigioso termo do “Abre-te, Sésamo”, ou do portal oculto na *rocha*, por onde os mesmos entravam e saíam... cujo termo (“Sésamo”) além do mais, provém do sânscrito “Shamo ou Shama”, que é “a disciplina moral e emocional” (?), primeira de *Shatsampatti*; do mesmo modo que, de Shalmali, ou nome oculto que se dá até hoje, nas escrituras orientais, ao 3º continente: a *Lemúria*. E que, finalmente, vai ter no de *Shamballah*, ou “a Ilha Imperecível, que nenhum cataclismo pode destruir”... Cidade, nesse caso, *lunar*, ou apásica, etc. como seu subtítulo o diz (“Ilha”, etc.). Sem falar em que, ela mesma provém de “Shoma” ou “o licor inebriante da Lua”, etc. Ademais, o próprio termo *Shalmali*, dado à Lemúria, possui o mesmo sentido, isto é, “inebriante”, ilusório, fantástico, etc, etc...

A *Sudha-Dharma-Mandalam* ensina que, “há uns 12.000 anos (data aproximada do desaparecimento do último resto continental *atlante*, como nome de *Poseidonis*, em frente a Gades ou Cadix) foi constituída a *Hamsa-Yoga* ou Assembléia de excelsos Yogis ¹, sob a direção suprema de *Nara-yana* ou *Nara-yoni*, “o sublime Andrógino”, como seu nome exprime, cujas *sexuadas* metades são: *Nâra* (*Arão* ou *Aarão*) e *Nâri* (ou *Iram*, *Hirão*, etc.) ou como se disséssemos, respectivamente, o Turão e o Irão. Entre outras seletas ou esotéricas revelações, os partidários da *Sudha* dizem que, *Narayana*, deixou-lhes o *Upa-ghâta-gita* ou comentários esotéricos do célebre *Bhagavad-Gita* ou “Canto do Senhor” (do Bem-aventurado, etc.), que constitui, por sua vez, um simples e delicado episódio da grande epopéia do *Mahabarata*, o que deve ser uma verdade, concorda com o mesmo *Mahabarata* possuir uns 12.000 anos. E se for posterior, incluir o *Bhagavad-Gita* como uma venerável relíquia de tempos anteriores.

Narayana, para aquela instituição é o grande *Rishi* (El rike, Ourike, Enrico o “Rei rico” ou possuidor de “régios tesouros”, etc... de outras tradições, inclusive, das mais secretas da Maçonaria, especialmente, a escocêsa) um dos “Sete Primitivos Pradjâpatis ou progenitores da 5ª Raça, a *Ária*, nascido do Seio Insondável de Parabrahman, como Protetor do Mundo, vivendo no *Badaria-Vana*, razão de sua voz ser chamada de “Deva-Vani”...) ou sejam, as mais excelsas regiões existentes no Planeta, algo assim como o

¹ Em tal Assembléia dos Santos Yoguis ou “Grande Loja Branca”, Narayoni deu a seu “filho”, “emanação ou tulku”, Nara algumas das tristes características da Kâli-Yuga ou quarta Idade de Ferro, que teve início, segundo alguns, quando da morte de Krishna, e segundo outros, com a catástrofe atlante, sem falar no erro da data da morte daquele excelso Ser, ou de apenas 5.500 anos ou de 3.500 antes da Era Cristã. O mesmo Bhagavad-Gita é um repositório da grande batalha travada entre Brancos e Negros (a última já se vê, porquanto nem sempre saem vencedores os Brancos). E foi daí que começou o mistério da rainha “Kali-Beth”, ou deusa negra, anteriormente “branca, cujo impulso maléfico vem até nossos dias... para uma próxima “redenção”, cujo fenômeno é por completo desconhecido dos mais doutos esoteristas ou Teósofos. Nesse caso, as interpelações ou perguntas e respostas entre Krishna e Arjuna comprovam que uma data e outra são uma só, isto é, a da morte de Krishna e a do desaparecimento da ilha “Poseidonis”, à parte opiniões contrárias.

A missão tutelar dos chamados “Budás ou Senhores de Compaixão” (melhor dito, manifestações do “Espírito de Verdade”, como é o primeiro a dizer, o próprio Krishna, quando promete a sua vinda, etc. a Arjuna, com estas palavras: “Todas as vezes, ó filho de Bharata! que Dharma, a lei justa declina e Adharma (o contrário) se levanta, Eu me manifesto para salvação dos bons e destruição dos maus. Para restabelecimento da Lei, Eu nasço em cada Yuga (Idade)”, etc. dizemos, tal missão dos Senhores daquela Assembléia (as famosas Assembléias da Agharta...) para os degenerados homens da Kali-Yuga (ou “os filhos da Viúva”, ou essa pobre e decaída Humanidade, que tanto vale pela “queda ou transfiguração do Bem para o Mal expresso na referida ‘princesa Kali-Bet ou Kali-Beth’: a deusa branca que se transforma em negra”, pela cruel vingança dos “racksasas negros”...). Sim, tal fenômeno concorreu para uma mudança completa na Lei ou Dharma do mundo; mudança ou transformação essa, sem necessidade da Lei de Castas, originária, consignada no Manava-dharma-shastra ou código do Manú da idade anterior, que assim reformada, a aquisição yogui da Brahma-vidya ou Supremo Conhecimento, estaria, desde então ao alcance de todo ser humano, sem distinção de sexo, credo, casta ou cor, Razão de todas as Associações de caráter verdadeiramente espiritualista, cogitarem dessas puríssimas e elevadas diretrizes. Daí, a constituição da Suddha que, por sua própria etimologia não é, senão, o Caminho Direto de que tanto se tem falado neste e em outros capítulos anteriores.

Os sagrados livros jainos de Patuna, referindo-se aos últimos momentos do senhor Gotama, o diz: “Eleva-te para Nirvi, deste corpo decrepito onde estiveste residindo por tanto tempo; ascende para o Lugar donde vieste, ó bendito Avatar! para a tua anterior e celestial Morada!...”

Pelo que se viu, a própria decadência humana, ou antes, seu afastamento da Lei justa ou Dharma é o que obriga a semelhantes Avatares, mesmo porque, se a vida universal é repartida em ciclos (raciais, etc.), logo não poderia deixar de haver elevações e quedas; períodos de engrandecimento, iluminação, etc. (como o da “Renascença” por exemplo) e períodos de decadência, de aniquilamento,

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

etc. como sói acontecer atualmente, haja visto: a horrível confusão estabelecida por toda parte do globo.

Em resumo: existem tantos Dharmas como organismos seriais: Dharma propriamente dito, para cada indivíduo ou “fato concreto”; Para-dharma coletivo, ou de cada etapa da humana evolução e Para-maha-dharma ou Lei cósmica (Universal), que a tudo e a todos rege, ou melhor, envolve...” – Nota do autor e do tradutor.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

Monte-Merú e Shamballah de outras tradições e livros místicos ². Sendo que alguns, preferem considerá-lo como o Chefe dos *Sete*, para não dizer, o 8º, fenômeno que inclui, ainda, os famosos “Reis de Edom” (do *Edem*, Paraíso terrestre, etc.). *Narayana* é, pois, a Emissão, Hipostásis ou Tulkú, do próprio ISHVARA, senão, seu representante na Terra, como dirigente da Ronda, por outro nome: *Planetário* ou Eterno Vigilante da Doutrina Secreta, (a “Palavra Perdida”) por ser Ele quem impulsionou a sua tônica no início da mesma (Ronda). Ou antes, Aquele que, misticamente, diz: “Eu não durmo jamais, porque se tal fizesse, o Mundo inteiro cairia no Caos da Primitiva Idade”. Comparável, ainda, com o Arcanjo Uriel do “Paraíso Perdido”, de Milton, está assentado na mesma fronteira da eterna Luz Solar, com as trevas de nossa Terra... Ou o mesmo anjo *Mikael*, com sua espada flamígera guardando o Portal do “Paraíso terrestre”.

Constitui, pois, *Narayana*, o *tronco andrógino* de toda a Santa Jerarquia dos *Arahts* (Arhats), os filhos da “Névoa do Fogo”, ou seja, a sempre existente “Árvore da Vida”, ou “Árvore norsa”, dos escandinavos e da Valquíria, de Wagner. Este Tronco, Mônada ou Ápice do grande Triângulo, divide-se para baixo em duas ramas, lados ou vértices constituídos, respectivamente, por *Nâra* (o divino varão ou “Viraj”) e *Yoni*. *Nari* ou “Yoga-Devi” (a Luz de Ishvara, Ísis ou a Grande Mãe, “lago dos sublimes lotos do Badari-Vana”, isto é, “a Alma de nossa Terra, sobre a qual o espírito de *Nâra*, Arjuna ou Hamsa repousa, qual Cisne (a Ave Divina do *Kalevala* nórdico, que assim fecundada põe “sete ovos”, mundos ou planetas; seis deles de ouro e o sétimo ou terrestre, de ferro. No hino litúrgico, que a Assembléia de Sábios ou “Grande Loja Branca” canta Yoga-Devi, louva-se aos “Duzentos” (algo mais, dizemos nós, porém que, não o podemos revelar...), ou sejam, os “múltiplos poderes fecundantes” que ela possui, à guisa da Ladainha (Litania, Lauretania, Laurenta, Latona, *Lorenza*, etc.) dirigida à MARIA, na liturgia católica. Tais “poderes” se resumem em um só, porém, com tríplice Aspecto, a saber: *Krya-shakti* (“poder do Amor”) *Gnana-shakti* (“poder do conhecimento”) e *Karma-shakti* (que o autor não citou e nenhum livro o faz, mas que se acha mui claramente expresso como o central dos “3 Caminhos da Vedanta”, dizemos nós).

Daqueles *Três primeiros*, derivam “Sete hierarcas”, Regentes ou *Rishis* (*Narada* ou *Abi-kara-purushas*): *Nara-ad-am* (o Adão arico?...) na região superior do *Satwa* ou *Chatur-loka* (“loka”, região) e preside à *Gnana-charya*, conhecimento ou Yoga superior (brahma-vidya, de “Vidhya”, conhecimento). O grande Valmiki buscou para seu drama *Kalidhâsa* a suprema inspiração deste *Maha-rishi*. Os outros seis *Rishis* são: *Kashya-pa*, representante do *Jana-loka*, “Mundo jaino ou dos Jinas”, consagrado à evolução especial dos que não alcançaram ainda a ser Mestre na *Gnana-Vidhya*; *Sub-brahmanya* que no *Bhuvvar-loka* cuida da purificação dos corpos emocionais de mestres e discípulos; *Vama-deva*, chefe supremo do *Tapar-loka* ou mundo das “tapas” (devoções) e que expõe com exatidão as necessidades dos tempos, a *Brahma-vidhya* aos graus mais inferiores; *Chanda-lanú*, que cuida no *Mahar-loka* da observância das disciplinas entre os *trapas* ou alunos; *Kala-dêva*, que cuida de remover a estes últimos os obstáculos da Vereda e,

²

As outras quatro gloriosas residências são para a Shuda, as de Kalaland (ou Kala-pam, de Kala-pani, o mar); Padma-land ou Pamalam (a Terra do Loto, literalmente); Brahma-land (ou “Terra dos deuses”) e Shanky-aland (ou Terra dos Sankya ou “Sankas”. Daí, o próprio termo: Sankaracharya, etc.). E... tudo isso e quanto foi dito no texto relacionado com Shamballah, além do mais, pelo “Dvipa” não se referir apenas aos globos planetários, como afirmava a sra. Besant, mas também, às suas projeções ou sombras... na superfície e até mesmo, no seio da Terra. Haja visto: o deserto de Gobi, como já fizemos ver em outras anotações, com a conformação geográfica da parte lunar que olha para a Terra...

Aproveitamos esta anotação para apontarmos os diversos livros que a Sudha-dharma-mandalam (como a principal Agência representativa da Hierarquia Oculta, no mundo) já fez imprimir em inglês e tamíl assinadas por Vasudeva Row (que lançou um protesto contra a Sra. Besant se dizer em ligações com aquela Instituição): Pravara-Vada (2 volumes); Sanatana-Dhama-Dipika; Yoga-Dipika; Sri Bhagavad-Gita e Gita-Upodgata: primeiro tomo do Comentário de Hamsa Yogi ou grande Comentário ao Sri. Bhagavad-

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

Gita.

Além de outros livros importantes sob a guarda da Sudha-Dharma-Mandalam, figuram: Os 4 Vedas completos; o Bharata-Sutra ou Yoga Vyasa; o Bharata com as suas 24.000 slokas, por Bhargava Vyasa; o Maha-Bharata como foi originalmente composto por Krishna Dwipayana Vyasa; 76 Upanishads em sua forma original; outros 4 Gitas; Arsha, Brahma, Sruti e Duddha-Gitas e Suddha-Rahasya, juntamente com um comentário de Hamsa Yogi e tres notabilísimos Karikas sobre as mencionadas obras. – Nota do tradutor.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

finalmente, *Deva-pi* que é, em *Bhur-loka*, como o Rei de todos os corpos dos consagrados à referida Yoga.

Cada um desses “Sete hierarcas” possui sob suas ordens 108 subalternos ³ (108 é a quarta parte do grande número místico 432 que, com ou sem zeros à sua direita é, segundo H. P. B., o módulo por excelência dos Céus e da Terra). Muito bem se pode dizer que, a síntese de todos Eles é Maitreia, o futuro Buda Branco, com o qual logo se depara, trasladando essas séries ou hierarquias do mundo terreno ao celestial, ou divino, as grandes cronologias bramânicas e tamis, de que nos temos fartamente ocupado em outros livros (*Conferências Teosóficas na América do Sul* e *O Livro que mata a morte*). Os Sete referidos Hierarcas podem ser ainda representados: cinco deles situados nos respectivos *cinco* vértices da estrela de *cinco* pontas ou *pentalfa* (o “pentágono estrelado” dos geômetras): o sexto (ou melhor, o primeiro: *Nara-ad-am*, fora dela ou “oculto”, presidindo-a com seu supremo influxo. Nesse caso, se a cada um desses cinco os considerarmos, por sua vez, como centro de um “exalfa” ou “signo de Salomão”, os cinco multiplicados por 6 dão 30 e com aqueles *dois*, “o número de poderes do Adeptado (os 32 Portais de Sabedoria, representados pelos próprios dentes na boca. E primeiro do mistério da série de Budas-vivos, dizemos nós, no que diz respeito ao Ocidente, pois, que o último do Oriente foi o 31º...). Se juntarmos a esse número (32) mais 1 do *Nâra* primitivo e andrógino temos, finalmente, o “33”, que é o número dos graus maçônicos do *Rito Escocês antigo e aceito*.⁴ Cada um dos “32” se acha ainda representado pela inicial de seu nome, com a qual é formada a chamada “Chave filológica”, também conhecida por hindús, egípcios e hebreus, como prova para os últimos, a *Cábala* sagrada, coordenada pelo mágico poder de letras e números. Os 32 referidos nomes são dados pela *Sudha* em valiosos versos consagrados a *Nârada* e a *Yoga-Devi* ou *Ísis*, o “Fio de Ouro”, ou *Sutrâtma* da Fraternidade. O poder mágico das 9 vogais (são 14, ou sejam: 2 x 7 = 14) e as 32 consoantes, diz-se, alcança o 2º plano (*Anupádaka* ou *Mahat*), distribuindo-se as consoantes, por sua vez, em 5 grupos, segundo seu respectivo órgão vocal: as da *Ka* (guturais) que influem sobre o *Akasha* ou Éter Superior; as da *Cha* (aspiradas, sibilantes) sobre *Vayú* ou o Ar; as da *Ta* (palatais) sobre *Agni* ou Fogo; as de *Tha* (cerebrais), sobre *Apas* ou Água e as de *Pa* (labiais) sobre *Prithivi* ou Terra. Combinando-se consoantes e vogais, provocam-se os diversos *ava-stha* ou estados de consciência do *Jiva* encarnado em nosso corpo.

Resumindo: a *Sudha-dharma-mandalam* não tem outro paradigma, senão, o do Amor Universal ou a preconizada compreensão de *Narajoni* na tradicional Doutrina Secreta. Ainda mais, por ser Ela uma das modalidades da “Grande Hierarquia Oculta” ou Excelsa Fraternidade, que data do meado da Terceira Raça-Mãe – a Lemuriana – logo que se deu a “separação dos sexos”...

³ Como se sabe, números, idades e outras coisas mais são vedados pela própria Lei, ou Regras da “Excelsa Fraternidade”, pelos males que sua revelação poderia trazer em mãos profanas, conforme já foi dito em outros lugares deste trabalho. Podemos, porém, debaixo dos “mayavicos véus da iniciação”, adiantar que, acima do número 108 existe uma forma trina representativa do próprio Eu-Universal, através de seus vários nomes iniciáticos: *Atmâ-Budhi-Manas* (teosófico) *Kether-Chochmah-Binah* (cabalístico), etc. Algo assim como “régias corôas”... que pairassem por sobre os “Sete referidos Chefes ou Hierarcas”. Para, no final de contas, chegarmos a alcançar o misterioso número 777, de que tanto se têm ocupado os investigadores dos Grandes Mistérios... mas, nenhum deles, dito a Verdade. O próprio *Djval-Kul*, como um dos preclaros membros da antiga Linha dos *Kunt-Humpas* (da confusão “adyaresca”, de um único Ser com o nome de *Kut-Humi*...) já dedicava um estudo nesse sentido, porém, restringindo o mistério desse excelso e inviolável “número”... ao dos 3 mundos, isto é, cada 7 para um deles. Sem falar no “colar das 777 pérolas”, como das encarnações do Ego... e outras coisas mais, que longe estamos de aqui as revelar... em a nossa pobreza de conhecimentos. – Nota do tradutor.

⁴ Não fica ainda aí o mistério do número 32, porquanto, um ciclo haveria de chegar, ou seja, o da fusão do “Oriente com o Ocidente”, em que deveria ele resplandecer em toda a sua grandeza. Razão porque o Buda-vivo do Oriente (em Urga, na Mongólia), mais conhecido pelas tradições, como o “velho deus decrépito”, ou o “do crepúsculo vespertino oriental”, possuir o número 31, para que o 32 da série dos “Budas-Vivos”... fosse, ao mesmo tempo, o primeiro do Ocidente. Outrossim, o número 32 é, ainda, a soma cabalística dos 22 Arcanos Maiores (lâminas e letras do alfabeto hebreu...) e mais a

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

Árvore

Sefirotal que, como se sabe, compõe-se de 10 ramos. Assim, $22 + 10 = 32...$ Para o DEZ poderia, ainda, ser incluído o número dos Avatares de Vishnú, cujo último ou DÉCIMO, com o nome de Kalki-Avatara (cavalo branco), ou melhor, o da “Humana Redenção”, por ser o próprio “Redentor-Síntese”, mui bem expresso na vinda, ao mesmo tempo, do Manú-Colheita, do qual já falamos em outros lugares deste estudo. – Nota do tradutor.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

E como a mesma seja regida pelas “Regras ocultas ou secretas do Núcleo Central ou Grande Hierarquia Oculta” (do mesmo modo que todos os Adeptos em missão pelo mundo...) tais *Regras* sofrem modificações nos diversos ciclos raciais, sendo que, de modo quase geral, no início de cada “Raça-Mãe” e parcialmente, nas de suas respectivas sub-raças. E até, nos ramos ou famílias (raciais), segundo as várias categorias de *Manús*, isto é, desde o *Semente* ou codificador das primeiras Regras, até os seus representantes, para não dizer, suas formas representativas (duais ou “Macho-Fêmea”, como pequenos e grandes *Manús*), para que um dia (no fim da Ronda) o mesmo “*Manú-Semente*”, como seu nome o diz, se faça “*Manú-Colheita*” daquilo que semeou durante a referida Ronda...

XXIX

O LAMAÍSMO ÁRIO OU A RELIGIÃO DO LAR E DO ESPÍRITO

Destruída pelos fogos vulcânicos, a *Lemúria*, e em seu máximo esplendor, a *Atlântida*, ou seja, aproximadamente há um milhão de anos, porém, muito antes do que a genealogia denomina de “elevação alpina dos Himalaias”, isto é, em plena idade terciária, um verdadeiro “povo eleito” – o povo ário – começou sua terrena evolução no extremo mais meridional do primitivo continente Hiperbóreo, nas proximidades do hoje lago *Baykal*; esse centro de irradiações emigratórias humanas que, para Bailly, como também para Max-Muller, foram, em sucessivas etapas, saindo todos os povos históricos. Tal é o ensinamento da *Doutrina Secreta*¹.

Como no fundo as leis humanas sejam as mesmas da Humanidade, na sua totalidade, segundo as Chaves analógicas herméticas, enquanto a *Lemúria* do *Pacífico* desaparecia, a *Atlântida* chegava ao seu apogeu e a *Ariadne* nascia, fenômeno comparável com o “Avô”, o “Pai” e o “Filho”, dos mais próximos parentescos entre os homens. Sem falar em mistério muito mais transcendente, ou seja: das 3 principais etapas da evolução humana, no que se pode chamar teosoficamente: *mental inferior* ligado ao

¹ A descoberta das antigas escrituras e bíblias dos ários, diz Max Muller (The Aryans, do prof. L. Lankin) e sua tradução em línguas européias, é uma conquista tão gloriosa como a da escritura cuneiforme babilônica ou a hieroglífica egípcia. São elas um ciclópico conjunto das ciências mais complexas e profundas; nossas astrologia, linguística e mitologia comparadas, delas se derivam... Foi com esses conhecimentos que se pôde começar a estudar, durante longos períodos da mais remota história, dos quais, antes, não teríamos sequer a mais pálida idéia...

O estabelecimento no Oriente, ano 1757, da organização comercial British East India Company deu lugar a que vários exploradores e cientistas estabelecessem contato com os pundits ou doutores orientais, graças aos quais começamos a ter notícias da imensa quantidade de livros antiquíssimos conservados no mistério das lamaserias. Graças ainda a esse fato, Sir William Jones adquiriu as primeiras notícias acerca do Devanagari, “língua dos deuses” ou sânscrito. A Jones, logo se juntaram Colebrook e Wilkins, organizadores da famosa Royal Asiatic Society, em Calcutá. Foi assim descoberto o Rig-Veda e depois os outros 3 Vedas com seus inumeráveis comentários, chamados Puranas e Bramanas; como também, os inefáveis livros místicos com o nome de Upanishads, além do Mahabharata, o Manava-dharma-shastra e outros muitos poemas, dramas, etc, daquela remotíssima literatura. Todos eles demonstravam possuir como centro de difusão, Caxemira, na montanhosa região do alto Indo, o que equivale quase a dizer, o tibetano Ladak, do qual se acha por cima e por trás, o enorme e elevado Tibete, como centro de irradiação de todas as emigrações árias, constituído pela centrica Meseta de Pamir, a Bactriana e o Hinda-Kula.

Do mesmo modo que, em 1820 J. G. Rhode começou a descobrir as origens da raça indo-européia nas altas regiões mongóis da Ásia Central, graças ao encontro de outros veneráveis livros tais como o Vendidad, ou mais corretamente, o Vidae-Vadata e outros livros de Zoroastro. As regiões bactrianas do Oxus e do Iaxartes (Amurdani e Sirdaria) ao norte do Himalaia e a E. do Cáspio, começaram do mesmo modo a revelar as origens de nossa raça. Estudando, ainda, o Zend-Avesta, Klaproth, Ritter, Lassen e outros, como Jacob Grimm começaram a enxergar, com mais clareza, o dificultoso problema das emigrações para a Europa, dos povos da Alta Ásia. Foi quando Max-Muller pôde afirmar que, “os antecessores dos hindús, persas, gregos, romanos, celtas, germanos e eslavos não foram, senão, clãs emigrados daquela região para o Ocidente, em diferentes épocas, embora que distantes”. – Nota do autor e do tradutor.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

“duplo etérico” (primeira forma humana, ou “lemúrica”, como esforço das duas primeiras, que de humanas nem a forma possuíam); *mental inferior atlante* (*Kama-manas*, corpo emocional, etc.), e, finalmente, o franco desenvolvimento Mental, em ânsias de se ligar a *Budí*, por isso que, teosoficamente: *Budhi-Taijasi*. Razão da raça atual (a *Ária* ou *Ariadne*) ser dirigida por *Buda-Mercúrio*.

O que hoje se conhece como desertos da Alta Ásia, eram então poéticos mediterrâneos, que a elevação alpina se encarregou, no começo da idade quaternária, de deixar na forma atual. Cidades populosas de nomes hoje desconhecidos, povoavam suas ribeiras; e das quais o futuro nos reserva, grandes surpresas.

A catástrofe da *Atlântida* ameaçou acabar com a Humanidade sobre a Terra, porém, aí estava acesa a Luz do nascente povo arico para não permitir tal coisa, segundo nos ensinam as últimas estâncias de Dzian que, “os Dragões da Sabedoria” haviam voltado para fazer as pazes com os homens, aos quais tomaram novamente à sua guarda e instrução. Foi quando nasceu o *Lha-manismo* ou “Religião da Natureza e do Espírito”, por antonomásia, “Religião do Lar”.

Estabelece tal religião dois princípios fundamentais:

- a. a continuação da lei *generativa* através dos mundos e dos tempos;
- b. a estreitíssima e inefável solidariedade entre os homens e todos os seres da Natureza, que não são, senão, seus inferiores na escala evolucionar. Em resumo, o “tudo conspira” dos clássicos gregos: o *Lar* para a vida íntima, e seu inverso, o *Agora*, para vida pública ou social.

Mui lindas páginas escreveu em sua obra *La cité antique*, Fustel de Coulang que, com muito prazer aqui transcrevemos: “Com uma Ode ao Lar, que seríamos incapazes de o fazer, porém não, ao lar físico da pobre cabana ou tenda fumegante, mas, este outro das noites de inverno, em que os desencadeados elementos exteriores ameaçam a tudo destruir, principalmente o íntimo e bendito Lar em que agrupada toda a família, após a ceia frugal, onde os ganhos do dia tiveram sua principal aplicação e em torno da alegre chama do lume crepitante, as crianças cansadas de brincar, procuram repousar, enquanto seus pais, entregam-se ao “dolce farniente” do descanso das tarefas do dia: as atenções do lar, as agrícolas e outras mais; e logo o avô, o ancião patriarca da família, que repete a sua eterna canção “das augustas tradições do remoto passado, em que deuses e heróis comungavam fraternalmente com os homens...”!

Acontece ainda que a transcendental narração é também ouvida e, até retificada, em certas ocasiões, pelos *lares e penates*, os *jinas* ou mortos queridos, testemunhas de tais façanhas, senão muitas vezes, seus heróis.

Esses “mortos-vivos”, e os *lêmures* protetores que por trás dos umbrais da vida física aguardam aos seus para um novo nascimento nos mundos superiores, que eles felizmente já habitam, são os mesmos que presidem, invisivelmente, todas as festas íntimas de cada lar ou família. E mais ainda, em maravilhoso cortejo, as festas do “Clã ou grande Lar”; as do fim de cada Ano e começo do seguinte: as do início da primavera; a apoteótica-vital dos fogos e suas lâmpadas estivais; a outonal da vindíma e outras tantas evocadoras dos fastos de todo povo. As mais insignificantes ofertas de flores são feitas às divindades naturais: as que protegem a fonte que dá água ao lar; as do rio onde a família lava a sua roupa e com ela rega as plantas, e que ainda lhe proporciona abundante pesca; as da colina, donde se domina o belo panorama da cidade; as do vale virgem, como doce e fecundo manancial de poesia; as da abrupta montanha, que atrai para os seus cumes as fertilizantes nuvens, onde troa o relâmpago, fulgura o raio e logo sobre a mesma vem cair por meses, o alvíssimo lençol da neve...

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

E é assim que no decorrer de séculos, a Humanidade, embora que pervertida por *idolátricas religiões positivas*, conserva uma vaga reminiscência de tudo isso, na

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

preferência que sobre os mais suntuosos de seus templos, dispensa ainda às suas pobres ermidas ou cabanas, à colina, à fonte ao rio... Este era o culto de *Natris* ou *Tara*, a Natureza, a Mãe Universal, culto que logo pervertido ou invertido, como indica a simples permuta de *Natris* em *Tantris*, dava lugar à *tântrica* magia, cujas piores aberrações alcançaram os nossos dias... ²

Turcos, mongóis, chineses, tibetanos, anamitas, hindús e iranios conservam, todavia, essas formosas tradições, embora que desnaturadas, como culto aos cinco Fogos ou elementos sagrados: o branco (Fogo); o preto (Água); o amarelo (Terra); o do metal (encarnado) e da madeira (azul). E rendem ainda culto ao Sol, à Lua e à Terra (ou melhor, aos “Espíritos celestes” animadores desses astros), erguendo em sua honra, *chorten* ou simples monumentos, substituídos às vezes por simples montões de pedras, que cada viajante vai piedosamente depositando em sua passagem (os *cairn* nórdicos; os *obo* e *rdobum* asiáticos e os montículos hebraicos de pedras limiares) ou quando os seus predecessores, os *tibetanos* os vão fazendo, recitam a oração do *Dolma* a psalmodia dos “dolmenes”, antes de dar seus “adeuses”, para sempre, talvez, a tão amados lugares, com a fórmula de *Kale-peb*, *Kale-ju*, da mais devocional cortesia para deuses e homens.

XXX

AS LAMASERIAS TIBETANAS

Como corresponda a um país culto, embora que de cultura arcaica sui-generis e em ruínas, o Tibete atendeu desde remotos tempos a todas as exigências do espírito, consagrando às diversas ciências, centros adequados que conservam ainda inúmeras surpresas aos vaidosos positivistas do Ocidente ¹.

Mister se faz, antes de mais nada, desligarmo-nos dos tirânicos e dogmáticos moldes da vida monástica da Europa, na Idade Média, pois, além do mais, grandes e pequenos centros da cultura tibetana não são propriamente “mosteiros” no sentido que se dá à palavra, mas “universidades” ou colégios dirigidos por um Lama ou *Lha-ma*, tão douto nos problemas do “Lha” ou do Espírito, como do “Ma” ou Matéria, “un homme carré”, como diria um francês. Razão porque a tais centros os denominaremos, com maior propriedade, de *lamaserias* ou *lamiserias*.

² A fina intuição de Wagner surpreendeu esse grande mistério em seu “Tristão e Isolda”, naqueles profundos jogos de palavras, como se pode ver no capítulo desse nome de nossa obra Wagner mitólogo e ocultista. O culto degenerado tântrico reinou soberanamente no Ocidente depois da queda Atlante. E daí as Taras mágicas de que falamos em nosso livro De gentes del otro mundo. Reina ainda hoje, como já foi dito, através do africanismo (feitiçaria, como é ainda chamado), por sinal que, aceito e frequentado por “gente de alta roda”, o que não deixa de ser uma vergonha para o “século de luzes” em que vivemos. Por isso que, “magos negros”, praticantes e assistentes... em maioria, pertencentes ao catolicismo; o que não deixa de ser uma prova de “falta de fé” na sua religião; ou antes, oriundo desse “automatismo pernicioso” – que é “lei do menor esforço” – de se preferir a religião dos pais, como se estes, por sua vez, não estivessem errados. Quando tal escolha por esta ou aquela religião, ideal filosófico, etc., deveria ser através do “estudo comparado de religiões, filosofias e línguas”, etc, como adotam todas as Associações positivamente Teosóficas, e adotá-lo deveriam todos os Colégios, ao invés da “obrigatoriedade do catecismo”, pois que, outra coisa melhor não possuindo a Igreja, até a jovens de instrução já adiantada, querem impingir aquele livro de “contos infantis”. E muito pior, se “interpretados através da letra que mata”, ao invés, “do Espírito que vivifica”, como fazem todos os sacerdotes daquela religião. Por tudo isso, a Igreja proibir aos seus adeptos outras leituras que não as suas; de dar combate indigno, principalmente, à Teosofia, por ser ao mesmo tempo, Ciência e Filosofia; por isso que, o Único Sol que pode ofuscar o falso brilho de suas emprestadas facetas (emprestadas, sim, por serem as de outras religiões anteriores, lendas, tradições, etc.); do mesmo modo que, impingir missões à Índia com o fito de destruir os livros sagrados, em completo desacordo com as suas infantilíssimas “baboseiras”... E tudo isso, receosa de ver as suas fileiras vazias, como dentro em pouco terá que acontecer, segundo já prognosticamos na frase latina: FINIS ECCLESIAE”. – Nota do autor e do tradutor.

¹ Não só nas ciências do Espírito, com em todos os particulares da vida material e política, o Tibete não é “o País atrasado e

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

ignorante” a que se referem as críticas maldosas. Existe, com efeito, um Governo oficial, embora que, de tempos para cá, influenciado pela Inglaterra, desde que se sublevou contra a China. Nele se exploram minas de ouro e outros metais, nas vizinhanças do Himalaia; cunha-se moeda nacional e na cidade de Watan funciona a maior imprensa lamaísta, com seu prodigioso número de pranchas gravadas, etc... – Nota do autor.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

Para que não sejamos tomados como parciais em semelhante questão, transcreveremos o que a respeito nos diz a sra. David-Neel, além do mais, por ter ela visitado diversos daqueles centros:

“Por não haver nenhuma outra palavra mais adequada, em francês, ver-me-ei obrigada a empregar a de “monastere” (mosteiro) para designar os “gompas” tibetanos, termo desde logo mui impróprio, já porque aí se exclui o celibato exigido ao elemento religioso, já por seus bens serem indivisíveis. No concernente ao “celibato” é, apenas, exigido aos *gelugpas* (“barretes amarelos”) e não aos *Karmapos* (“bonés vermelhos”) salvo em seus graus mais elevados. Os lamas casados possuem fora da lamaseria, habitação apropriada à família e outra dentro do mosteiro, para a ocuparem nas festas religiosas, nos retiros espirituais, na meditação, devoção e estudo. Os mosteiros lamaístas são destinados a abrigar a quantos desejem seguir um objetivo de ordem espiritual, objetivo esse que não é definido nem imposto a nenhum dos residentes da *gompa*, mas da vontade de cada um deles. Humildes ou elevadas as aspirações de cada religioso, permanecem, entretanto, ocultas em seu imo, sem necessidade de dar satisfações seja a quem for; por isso que, perfeitamente livre de as realizar pelos meios que bem entender. As únicas regras em vigor na *gompa*, as relativas à manutenção da ordem coletiva. As suas reuniões, tampouco, constituem culto público, onde cada um dos assistentes pudesse obter qualquer provento, seja de ordem material ou espiritual. Quando os residentes em um *gompa* se reúnem no salão principal é para ouvirem uma espécie de “ordem do dia”, ou para psalmodiar, em conjunto, as passagens das escrituras canônicas. E isso, com o fito de evitar as calamidades, obter prosperidade para o país, para o seu soberano ou para a mesma *gompa*, em geral. Os rituais são sempre celebrados com fins completamente alheios aos oficiantes, além da certeza que possuem de nenhum proveito lhes poder advir de coisas tão elevadas. Razão porque ao necessitarem de algum serviço, seja qual for, se dirigirem aos *gyud-pas* (magos), o que exige um recíproco sigilo. Do mesmo modo que, somente o guia espiritual do religioso possui o direito de se imiscuir em tais assuntos. Outrossim, nenhum monge pode pedir contas a outro de suas opiniões religiosas ou filosóficas, cabendo a cada um o direito de escolher a que bem entender, mesmo que fosse a de um incréu. Por outro lado, não existe nem igreja, nem capela nos mosteiros tibetanos. Os *lha-khangs* ou “moradas dos deuses”, aí encontrados, são uma espécie de outros tantos domicílios particulares dedicados a deuses e heróis, mais ou menos históricos. E quem os deseje visitar, deverá acender as lâmpadas e queimar perfumes em sua honra. Para logo os saudar por três vezes, afastando-se tranquilamente, sem lhes dar, entretanto, as costas. Nenhuma graça é solicitada (que diferença para as religiões ocidentais!...), nem mesmo diante das imagens dos Budas, por saberem que todos Eles ultrapassaram o mundo dos desejos. Nesse caso, meros votos ou compromissos, que por si só a pessoa deverá realizar (qual o “Faze por ti que Eu te ajudarei”, de tão má compreensão religiosa no Ocidente, dizemos nós). A mais completa liberdade espiritual que goza o religioso lamaísta, corresponde análoga (liberdade) material. Os “monges” não vivem da comunidade, mas de seus próprios recursos. A pobreza voluntária não é exigida como no primitivo Budismo; aquele que a praticasse não mereceria a aprovação de ninguém. Semelhante “excentricidade” só é permitida aos eremitas, embora que, plenamente convencidos de sua grandeza. Cada qual ganha a vida como pode...”

O *Potala*, a escola de *Djo* que se ergue aos seus pés e outros mais centros religiosos de Lhasa, constituem uma pequena parte dos centros docentes e de estudo espalhados em profusão por todo o “País das Neves”. Contrariamente ao que acontece entre nós, todo esforço levado a efeito para adquirir maiores poderes sobrenaturais, que o da Sabedoria mística (o “sapere” latino, ou “o amor à Verdade pela própria verdade”) é

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

considerado ali “meros brincos de criança”, por serem desprovidos de interesse.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

Os edifícios do Potala constituem, com seus frescos e estátuas, verdadeiros museus religiosos dedicados aos deuses autóctones do Tibete e aos grandes personagens históricos. No recinto do Djo, já dissemos que se ensina a Medicina, ou antes, a “Magia Médica”, assim como a antiga magia tântrica é ensinada em outros dos grandes colégios de que está repleta a cidade. Por outro lado, existem oficialmente, demarcando gigantesca cruz, cujo centro é Lhasa, a lamaseria de Sera, a quatro quilômetros ao norte e edificada na montanha abrupta; a de Dejung a uns seis quilômetros a Oeste; a de *Galden*, a trinta quilômetros à Este e a a de *Samyé*, em outro lugar descrita, para o Sul e a uns setenta quilômetros. São verdadeiras Universidades livres, com seus “cenáculos místicos; seus ilustres escolásticos, seus investigadores científicos, escriturários, astrólogos, médicos, historiógrafos, literatos, etc.”; todas elas com milhares de habitantes, embora que, dentro do denominador comum do mais secreto espiritualismo não criado nem praticado no mundo exterior. Neles existe, portanto, de tudo quanto por cá denominamos de academias, faculdades e ateneus, e não de mosteiros propriamente ditos, como concebemos no Ocidente. Sobressai entre todos esses centros, o de *Trachil-humpo*, vizinho a *Jigat-sé*, pelos conhecimentos filosóficos de seus habitantes e os inúmeros manuscritos de sua biblioteca. No Este tibetano, já dentro quase da China propriamente dita, existem ainda as tres famosas lamaserias de *Lhabrang*, *Tashi-kyil* e *Kumbum*, esta última, pátria do reformador Tsong-Kapa, com suas cem mil imagens e sua “árvore miraculosa”, própria de um “conto de mil e uma noites”². Nas margens do rio Gyamda, afluente do Brahmaputra, eleva-se outra importante lamaseria no itinerário seguido por David-Neel, partindo da China, depois de cruzar pelo de *Pedo*, *Dayul*, *Serpo*, *Sung*, *Deching* e *Temo*. Sem contar com os já descritos em anteriores viagens, ou sejam, os de *Phari*, *Sakya* e *Dorgi-Pragmo* e, sobretudo, a de *Dzog-gompa*, entre as espantosas solidões erbáceas do nordeste tibetano, o maior centro, talvez, que se conhece para os super-humanos ensinamentos práticos de Magia e de Mística, e que fora do Tibete tem por similares, os do monte *Sagain*, na Birmânia “dirigido pelos *Kamatangs*”, seita búdica da maior austeridade; no *Panya-ara* ou Mosteiro da Sabedoria, na Coréia, com suas cem mil imagens e lamas que parecem precursores dos beneditinos primitivos, na arte de secar e higienizar pântanos, lavrar, etc., a par dos profundos problemas do espírito e da mesma “superação”; os lamas *Zen* (ou “primitivos zendos”), *To-fo-ku-ji*, que constituem, além do mais, a aristocracia espiritual e intelectual do Japão clássico; os de *Ambo*, entre o Tibete oriental e o grande “lago azul” de *Ku-ku-nor*, gentes de excepcional robustez e formosura, que provêm os postos dos funcionários superiores e as mais altas dignidades lamaístas, por sua cultura e progressivo espírito. E finalmente, o maior mosteiro de *Han-gur*, na Mongólia clássica, com os outros 2.648 centros do lamaísmo mais ou menos budista, que menciona a recente obra sobre a Alta Ásia, de Grenard (Geografia universal de Montaner, Barcelona) de que nos ocuparemos em outros capítulos, quando tratarmos do referido país, tão estreitamente ligado histórica e religiosamente com o Tibete, do mesmo modo que, com a Europa. À frente de um desses últimos centros da sagrada e misteriosa montanha do Bogdo se acha o grande lama Bogdo-Cheptsun-Danpa, encarnação, dizem, do mesmo Maitreya, o futuro Budha da 5ª Raça cujos iguais em categoria são apenas o *Dalai-lama* de Lhasa e o *Trachi-lama* de *Trachil-humpo*.³

² Pelo que se vê a Sra. David-Neel não acredita na chamada “Cabeleira de Tsong-kapa”, ou a famosa árvore, cujas folhas já nascem com palavras sagradas inscritas. Esquece-se, além do mais, da proibidade e sacrifícios do Pe. Huc, ao lado do seu companheiro, o Pe. Gabet, quando duvidando do que lhe era apresentado, isto é, folhas tão misteriosas, faz seu criado subir até à parte mais elevada da mesma, à fim de colher folhas ainda fechadas e ao examiná-las constata, assombrado, que já traziam inscrições gravadas pela própria natureza. E que por afirmar tal coisa, como outras mais que não agradaram a sua... Igreja e a austera Academia francesa, foi expulso injustamente de ambas. Sofreu assim o Pe. Huc por não querer mentir à sua própria Consciência! Infelizmente, mais uma “alfinetada” nas opiniões particulares da sra. David-Neel. – Nota do tradutor.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

3 Em anotações deste trabalho, como em outros que subscrevemos, temos falado com toda clareza e exatidão, à respeito desses 3 misteriosos personagens: o Buda-Vivo da Mongólia, representante na Terra do próprio "Rei do Mundo" (Personagem mais misterioso ainda por residir em Shamballah, à frente do Governo Oculto do Mundo, o espiritual, já se vê). E o Dalai-lama e Trachi-lama, como suas Colunas-vivas ou Ministros.... acompanhando o mesmo mistério que se passa em baixo. Convidamos o leitor interessado a ler o

AS LÍNGUAS TIBETANAS

Todos quantos se têm ocupado de Filologia comparada, admitem o fato de que, à medida que nos aproximamos de sua origem, mais ricos são os idiomas, como se o tronco de quanto tem falado e fala ainda a Humanidade, possuísse suas raízes em uma cultura superior perdida, tal como a da *Atlântida* ou antes, de uma Revelação primitiva de Seres superiores ao homem (*Jinas* ou *Rishis*) como sustenta a tradição religiosa universal. Deduzindo-se de ambas as hipóteses uma só, isto é, a da Linguagem, como herança recebida pelos povos jovens, ao nascer de um outro povo anterior, do mesmo modo que acontece a cada um dos homens. E acompanhando essa bendita herança, o mesmo aconteceu com todas as outras; administrando-se-lhes mal; mutilou-se-lhes estupidamente. E daí, a gradual pobreza de todas as línguas nas interpretações, ou “arranjos” daquelas que as sucederam.

No Oriente se fala, com efeito, de uma Língua troncal perdida: o “*Senzar* ou *Zenar*”, a língua imperial, real ou sagrada: Deva-nagari ou “língua dos deuses”, designação que mais tarde foi dada à língua sânscrita ou “sanskritânica”, sua mais próxima sucessora. A característica do “*Senzar*”, no que diz respeito ao seu caráter universal, está em que o seu traçado ou debuxo pode ser compreendido igualmente por todos os homens, sejam quais forem as suas línguas. Algo assim como os simbolismos matemáticos e geométricos que podem ser compreendidos indistintamente, já por parte de um americano para com algo feito por um chinês e vice-versa, nada influenciando no caso as suas línguas; do mesmo modo que na “escritura musical” para todos os povos da Terra, desde que na mesma estejam instruídos.

Não é ocasião aqui, entretanto, para tratarmos da origem calcídica ou matemática (de *Calcalcis*, pedra de calcular e de *Chalcis* ou Kalkas, o país mongol junto ao *Baikal*, centro da dispersão ou migração dos demais povos...), da Linguagem nem apontar as 900 ou mil “combinações radicais trilíteras”, a que se referem *Taylor*, *Sayce* e outros filólogos, como “conhecidos de cor por certos povos do Oriente”, o que é inadmissível a não assinalar, como fôra sempre feito na antiguidade, um valor numérico para cada letra, com o que aquele infantil prodígio fica reduzido, diante do que qualquer de nós realizaria perante um “marciano” que não o conhecesse, recitando sem titubear as 999 combinações numéricas (ou “trilíteras”), se a cada número assinalássemos o nome de uma letra, que se pode formar com as cifras significativas das três ordens de unidade, dezena e centena. Como de todas essas questões fundamentais já nos temos ocupado em outros lugares, deixaremos de um lado esta parte do problema, para atingirmos a paradisíaca, inciática e sacerdotal língua do “*Senzar*” ao seu herdeiro direto, o admirável sânscrito, (língua sublime ou dos “deuses”), abandonada por incompreendida e à qual se presume, por vários motivos, originariamente falada pelos felizes povos das idades anteriores à idade do ferro ou *Kali-yuga*; o que também se ousou atribuir ao hebreu e ao seu antecessor, (embora que se não creia) o *euskaro*. Razão porque procurou recentemente demonstrar Nicolas Maw, catedrático e diretor da Academia de História e Instituto Oriental, em Moscou, “que todas as línguas caucásicas” (“línguas atlantes” ou “hebraicas” dos povos do “Itinerário de Io”, cantada no “Prometeu”, de Ésquilo) “são parentes mui próximas da *vasca* ou *eúskara*”.

W. Jones, Wilkins, Colebrooke e Wilson deram a conhecer à Europa, o sânscrito, não sem que antes, como sempre, o lamentável e hostil ceticismo ocidental, julgasse

valioso opúsculo do sr. René Guénon, intitulado: *Le Roi du Monde*. Porém, lembrando que tudo isso sofreu enormes modificações, como já tivemos ocasião de dizer em anotações dos capítulos anteriores, etc, pois que o último Buda-Vivo (o 31º), segundo as próprias tradições do país, abandonou o mundo no ano 1924, ou o da fundação material de nossa Obra, ou o que se poderia chamar de “fusão

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

do Oriente com o Ocidente”, porquanto, foi do Tibete que nos veio tão valioso tesouro, algo assim como quem faz entrega de um “bastão de comando” a outro. O leitor que procure ler a História de nossa Obra, dentro em breve exposta à venda, publicada em 4 grossos volumes, com mais de 1.600 páginas, além de trazer clichês de mensagens daquelas Fraternidades, de objetos e insígnias existentes em nosso Arquivo social, etc, etc, até agora vedado ao mundo profano. – Nota do tradutor.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

simples quimera a sua existência. Bopp estudou, à base do sânscrito, o mecanismo gramatical ulterior indo-europeu sobre as suas raízes propriamente ditas e suas terminações, que foram, também anteriormente raízes para Grimm estabelecer desde logo sua lei permutatória de sons (espécie de *temura* oriental, vendo que no lugar onde o hindú ou o grego e o meridional aspiram uma consoante, o celta, o godo, o lituano e o eslavo nórdicos, pronunciam suavemente, enquanto os alto-alemães, a rude correspondente.

O sânscrito é a língua sábia por excelência: construindo suas 14 vogais, breves e longas, suas 34 consoantes, com todos os matizes guturais, palatais, “cerebrais”, dentais, labiais e sibilantes, tanto simples como aspiradas; com seus numerosos “sinais de pontuação e entonação”, as leis musicais de sua *guna* e de seu *bridge* e as não menos musicais ou arquitetônicas, que presidem a formação das palavras e os períodos para evitar o desagradável choque fonético de cada consoante final com a seguinte; choque em que uma delas perde sua genuína natureza e toma a de sua associada, devido à ligadura, porém, dando sempre preferência à “consoante cerebral”, que vem a ser assim como a soberana mental de todas as outras. E mais ainda: a complexidade das combinações com as quais se vêm debuxar verdadeiras filigranas ou simbolismos condensadores tão consideráveis da escritura, que com dois ou três deles desenvolvidos ao nosso modo de escrever, pode-se ocupar toda uma linha. E ainda: suas variadas declinações e conjugações, com casos e vozes não usadas em linguagens posteriores, raquíticas filhas suas, salvo em certas supervivências, de outro modo inexplicáveis, do grego, do latim, do velho lituano, etc. E, enfim, o de serem declináveis todas as palavras...

Quanto às línguas tibetanas⁴ os autores que delas se ocupam nos dizem, como David-Neel, por exemplo, que nas mesmas se revela uma evolução clara da aglutinação ao monosilabismo, ao contrário do que pudesse ter sido outrora. E que, enquanto no século VII, segundo parece, havia grande diferença entre o modo de escrever as palavras e o de pronunciá-las, hoje se dá ao contrário. Assim, a província central do U, cuja capital é Lhasa, pronuncia-se U e escreve-se UI, porém, antes se escrevia *Dbus*, que é a *Devasae* de Ptolomeu, em que a raiz sânscrita *deva*, do *div*. Brilhar, aparece claramente. O termo *mono*, no dialeto de Lhasa se escreve *den* ou *ten* e *spra* ou *spren*, que parece indo-germânica e acaso, mongol, como a maior parte das outras. *Chorten*, pequenos santuários ou oratórios, profusamente encontrados pelas estradas, à guisa de nossas ermidas e “casas de orações”, é corruptela do sânscrito *chaitya*, ou seja, a *stupa* hindú, palavra que, por sua vez, parece aludir à prolongada soledade da estepe mongol, de que aquela se denomina *suburgan*, donde provém, talvez, a nossa “subúrbio” ou “por baixo do burgo” (ou povo) como a ele subordinado.

Tshan, equivalente a barreira ou círculo mágico (“não franqueado aos profanos”), é também o nome usado em outra província central tibetana (a de *Tsang*) cuja capital Jigat-sé, ou melhor, Tjigad-jé com a sua lamaseria do Trachi-lumpo, é de igual categoria espiritual para seu Trachil-lama, como a de Lhasa para o Dalai-lama. E *Tsang* ou *Tshan-gan* equivale ao que é puro e excelso e se relaciona, do mesmo modo, com a *Melanna* ou bons votos feitos à favor da Assembléia anual dos outros três grandes mosteiros oficiais ou do Estado: Sera, Galden e Depung (Sera significa, dote, esmola, dádiva, etc, nome portanto alusivo ao mosteiro que vive de *caridade*, de óbolos, etc.). Tsam-pa enfim, é farinha de centeio usada como substituto do trigo, que no país existe em pouca quantidade, como em todos os lugares elevados. E como *pa* equivalha a “habitantes”, “homem”, “raça”, etc., a razão da palavra aludir, talvez, à “magia alimentícia” daquele cereal, que serve para nos conservar a existência, como a magia das magias da vida. Não esqueçamos tampouco que os habitantes do *Tsang*, tal como os do U, são, na sua maioria, de raça branca ou caucásica, e não amarela, como a dos chineses, nem

O Tibete e a Teosofia

**Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza**

⁴ O agostinho Antonio de Giorgi nos deu em 1761 uma Dissertação acerca do alfabeto tibetano. – Nota do autor.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

acobreada ou avermelhada como a dos mongóis. E que ao sagrado Brahma-putra e ao seu fértil vale se denomine também de *Patsang-po* ou país do centeio.

No decorrer deste trabalho temos analisado diversas palavras tibetanas, tais como as de *tchend* ou *tched*, a de *tumo*, etc., dando com a dignidade de nossa escassa documentação sobre o assunto, a correspondente interpretação, que nossa intuição filosófica nos aconselha, embora que, sujeito à crítica dos doutos e ao cético sorriso dos que de “fantasistas” nos chamem. *Castigo* esse que aceitamos de bom grado, na esperança de podermos fazer melhor de futuro, quando provado ficar que não estávamos certos.

Continuemos, pois, nosso exame de profano sobre outras palavras usadas no “País das Neves”:

Já dissemos que a palavra TIBETE não era usada pelos tibetanos para designar o seu país, mas a de Pe-yul ou Poyul (que nos faz lembrar o “Popo-vul” ameríndio, dizemos nós) é a de *Gans-yul* ou *Tsang-yul*, dando-se a si mesmos o de *Popas*, *Pepas*, ou *Pepes*, termo esse, “mui gitano”, permita-se-nos a familiaridade do adjetivo, já que os tibetanos, especialmente os semi-bandidos e semi-cavaleiros do Jam oriental têm todos os traços de nossos ciganos ou gitanos andaluzes, até no possuir faustoso rei, como também, porque o *Chipi-calli* ou linguagem “calo” (daí o termo de “calão”), dizemos nós, etc, destes últimos, não ser senão um dialeto mongol-tibetano de gentes que vieram até à nossa Península, procedentes da remota *Dzungaria* ou *Tsingaria*, e logo da Hungria centro-européia. E não deixa de ser curioso, seguindo essa mesma ordem de idéias, o próprio termo *bruja* “ou viajante pelo país” e suas práticas enganadoras em matéria de magia, se denominar de “Kandongas” ou *Candonga*, para designar, ainda, as sugestionadoras carícias sensuais.⁵

A radical Po (que na Itália do norte serve também de nome a caudaloso rio, e na parte Sul da França, a Pau ou Pô, formosa cidade capital do arico Bearn), surgiu por toda parte, nos nomes tibetanos, aludindo ao “Po” do país. Assim, temos ainda, as palavras *Bon-po* ou *Bompo*, já tão debatidas nos capítulos anteriores, em relação com sacerdote do Bon; pom-po, empregado, funcionário; tchug-po, homem rico (ou acaso, alegoricamente, “homem que possui tchend” ou “pacto” com os habitantes do Astral para que os enriqueça); tchu-ba ou chpa, a “chupa” ou jaqueta de nossos ciganos; gyal-pos, os régulos ou rajás, assistidos do mágico poder (Gynd), que dá a autoridade; Sung-po, sinal ou criatura mágica (tulku), derivado talvez do *Sun* ou *Sol* de línguas nórdicas ou saxônicas, tal como o *Sun* inglês; gompa, ou templo, devido talvez ao seu som, sinos ou campainhas; stu-pa (ou chorten) construídas à margem das estradas e dedicadas às venerandas cinzas dos lamas e seus congêneres *dotchem*, *cairn* ou montão de pedras com bandeiras e sagradas inscrições, de que já falamos em outro capítulo; *adjo-pa* ou “peregrino” (à pé) e *naldjor-pa*, asceta místico, mais ou menos viajante; *nags-pa* ou *nagas-pa*, “lama feiticeiro”; feiticeiro revestido de *tsa-tas* ou adornos *feitos* com falanges, rodela de crânios e outros ossos de defuntos; *dok-pa*, pastor, principalmente, dos desertos erbáceos; *tchyen-pa*, o fruto de meditação ou “gompa”, assim como “taw”, é simplesmente, observar ou examinar; *pramo* e *pa-no*, médiuns feiticeiros (homem e mulher), etc., etc.

O mais profundo sentido preside a todas as palavras mais ou menos relacionadas com a Magia. Assim, se *geche* é um doutor em filosofia, *nieun-eche* é um adivinho; *mi-deussa*, contração talvez de *mimayin-deussa*, assinala, ao fogo que o peregrino constrói em seu caminho, relembrando aos deuses tutelares do Lar; *mos*, práticas divinatórias, herdadas, sem dúvida, do povo *mosso*, *muisca* ou *mosaico*, que nada tem de alusivo ao

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

5 O termo “candonga” é bem nosso, embora que, debaixo de um sentido mais afetivo ou carinhoso, por exemplo, para uma criança. Não raro se ouvir dizer: “minhas candongas”, a uma mãe ou avó que embala o seu filhinho ou neto, etc. Nesse caso, da mesma origem, no ponto de vista de “carinho”, etc. – Nota do tradutor.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

povo de Moisés, que foi posterior àquele, conforme já foi dito em outro capítulo: “*Lha-gyalo!* exclamação triunfal, alusiva ao mágico triunfo final do Espírito sobre a matéria”; *Dolma*, oração em louvor à Mãe Universal (*Tara* ou *Taraka* mágica do Ocidente e do sânscrito), cuja relação fonética com o “dolmen” druídico é de notória evidência; *Shag-jum* (ou antes, *Tchang-jim*), “mãe secreta”, isto é, iniciada. E shangne, plantas secas aromáticas das empregadas em certas cerimônias mágicas. E, finalmente, todas as relacionadas com a palavra *Dzong*, forte, fortaleza, contraposta à de *Podang*, palácio, etc, tais como a do próprio nome *Dzong* ou *Tzong-kapa*, literalmente “o homem de espírito forte”. E como as de *sung-dzong*, o de forte ou “solar” (verbo); *sang-ngags*, *kchos-dzongs*, “o *ducho* ou hábil nas doutrinas dos encantos mágicos, ou *dubt-chobs*; *dzong-dharani*, fórmula mágica contra os maus espíritos, etc, etc.⁶

PANORAMA RELIGIOSO TIBETANO

Para centralizar ou sintetizar idéias à respeito das diferentes religiões⁷ tibetanas, que vamos examinar, convém antes figurar um gigantesco triângulo equilátero, com o

⁶

Damos aqui várias fases tibetanas com seus verdadeiros significados:

Gubham-astu-swardga-gatam: que todos sejam felizes.

..Tachi-tse: a mais franca prosperidade.

Koucho: senhor-Yetsunema, simplesmente “senhor”, cavaleiro, etc.

Sa-plumg e Thag-plumg: caverna na terra e na rocha.

Polha e Molha: pai e mãe (deuses, ascendentes), termos mui parecidos com os nossos, principalmente nas iniciais, etc.

Djna: esterco de Yak, no norte ongua.

Kalep-peb, kalep-ju: adeus, até logo.

Tchen-resigs: paraíso dos peregrinos.

Teune: razão de ser das coisas.

Lab: estudo de detalhes (labor).

Gom: reflexão.

Togs: compreensão.

Nemo: hospedaria do povo, etc.

Tsanai-lama: pai espiritual.

Lama-kienol: exclamação.

Ambag: doloso (ambages...)

Yayam: êxito.

Lha-kang: casa de um deus.

Mendong: muro baixo com escrituras místicas.

Nest-sang: dormitório.

Kudas: nobreza (escudo).

Tul-chugs: doutrina da indiferença.

Lus: serpentes do mar, dos lagos, etc.

Mayima-Mahinga: Ministros do Rei do Mundo, em Shamballah.

Agharti: reinos subterrâneos, com entrada pelo deserto de Gobi, etc.

Erdemi: “O senhor de Erdemi”, o Rei do Mundo, o que tanto vale, pelo Rei ou Chefe: dos 7 Reis de EDOM, Édem Paraíso terreal, etc.

Om Mani Padme Hum: Salve, ó Jóia preciosa do Loto!

Djebtsung Damba Hutucuctú Ta Kurehan, Bogdo Cheghen, pontífice de (Mongólia): último Buda-Vivo. Por outro nome (que se confunde com outro ser existente nas imediações, ou antes, a sua “sombra”...): Bogdo-Cheptsun-Dampa (tido como o próprio

Maitreya,

melhor seria, se “como uma das formas parciais de Maitreia”, dado o fato de só no dia indicado pelas tradições, Ele vir em sua forma-sintética, digamos: no dealbar da “Satya-Yuga”.

Tuchegung-Lama: misterioso ser da “Agartha ou Agarti, etc.” que servia de mensageiro entre Mongólia e Tibete, para os 3 grandes personagens já por nós apontados: o Buda-vivo e os Dalai-Lama e Teschu-Lama (Trachi-lumpo, etc.) como suas Colunas vivas, Ministros, etc, acompanhando o mistério dos reinos subterrâneos da Agartha.

Fatli: raiz preciosa, empregada na China e no Tibete, até para as evocações mágicas.

Amur-Sayn: Até logo.

Goro: sacerdote do “Rei do Mundo” (termo mais ligado à Mongólia).

Getul: o terceiro grau entre os monges lamaístas.

Hun: o grau inferior entre os príncipes.

Hutucú: deus encarnado: O grau mais elevado entre os monges lamaístas.

Kalmuk: tribo mongol que emigrou da Mongólia, sob Gengis-khan (eram chamados Oletes ou Eleuts); vivem hoje no Ural, nas margens do Volga.

Kampo: prior de um mosteiro na Mongólia.

Etc, etc., etc. – Nota do tradutor.

⁷

Aproveitamos esta anotação para um estatística dos adeptos que contam as principais religiões do mundo, inclusive, a Baixa Magia

O Tibete e a Teosofia

**Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza**

ou Feitiçaria:

Budismo 307.000.000 (em primeiro lugar!!! É bom que saibam os seus difamadores...)

Confucionismo 296.000.000

Catolicismo romano 230.000.000

Bramanismo 218.000.000

Mahometanismo 178.000.000

Protestantismo 134.000.000

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

vértice para baixo, ou seja, em Lhassa, e sua base para cima, em toda a região norte ou dos grandes desertos para o caminho dos Hann; enquanto que os dois outros lados do triângulo simbolizam, respectivamente, os dois grandes itinerários a Lhassa, por parte Norte, ou sejam, o do W. E. (russo tártaro) e o do D. O. (chino-mongol). Deixando de considerar, já como geográfico o referido triângulo e transportando-o abstratamente à ordem simbólica, podemos novamente figurá-lo, já sem nenhuma relação com o mundo real, mas cuja base *azul* ou “superior” é a Doutrina do Caminho Direto, a doutrina *jina* ou super-religiosa, própria dos seres superiores ou Shamanos, Adeptos ou Mahatmas daqueles desertos (e dos “naldjorpas”, seus discípulo, com os quais, graças à H. P. B. e Alexandra David-Neel, travamos conhecimento nos capítulos anteriores); doutrina ultimamente refletida para o mundo Ocidental, pela moderna Teosofia. Os outros dois lados descendentes do triângulo, que se vêm juntar no vértice inferior, são, respectivamente, o encarnado da religião do Bon, ou dos lamas do “manto e barrete encarnado”, e o amarelo da religião de Buda, da grande reforma (budista) de Tsong-Kapa, no século XIV, ou seja, o dos lamas do “manto e casquete áureos”. O simil, enfim, nos auxilia também a compreender a fenomenologia religiosa tibetana através das idades. Com efeito, a religião do Bon, extraída originariamente da primitiva Sabedoria, foi-se tornando cada vez mais sensual, grosseira e necromante, como se, simbolicamente, fosse descendo pelo lado *encarnado* (tamásico) até um ponto já tão baixo ou inferior (o do vértice invertido), que se fez necessário um vigoroso ressurgimento, em marcha inversa ou para cima. Semelhante retorno para a base originária é o representado anterior à mesma 645 anos antes de nossa Era, pelo Budismo de Kapilavastu e muito mais tarde no século XIV por Tsong-kapa, o grande reformador do Budismo degenerado de seu tempo, que acentuou o regresso para o puríssimo lado azul (rajásico) ou mesmo branco daquela base originária.

E como nos lados descendentes de todo triângulo invertido, qual o de nosso Espírito, há sempre dois pontos “de queda e de retorno”, que se correspondem, partindo de um a outro “uma linha paralela à base”, cada ponto da linha encarnada da queda da religião do Bon, possui um ponto gêmeo na linha *amarela* (sattvica) de ascensão”. E assim os “bonzos” inferiores, magos negros muitos deles, guardam certas analogias e pequenas distâncias no oculto com alguns inferiores lamas budistas anteriores, da

Igreja grega	100.000.000	
Taoísmo	45.000.000	
Shintoísmo	16.000.000	
Judaísmo	12.000.000	
Fetichismo	4.000.000	(ou lêmuro-atlantismo, em sua decadência).
Mazdeísmo	100.000	

Não intercalamos o Espiritismo, por não ser uma religião, e sim, prática de Animismo, magia evocatória, etc, incluso ao nosso ver aos que se dedicam às Ciências ocultas. Muito menos, a Teosofia, que é a origem de todas as religiões, filosofias, e até, ciências existentes na terra, segundo vimos provando em vários capítulos de O Tibete e a Teosofia, sem falar nos nossos, propriamente ditos. Honra dizer que, seu número é reduzidíssimo, embora que nada tenha a ver com religiões, a não ser no ponto de vista troncal, etc. como já dissemos acima. E quem diz número “reduzidíssimo”, diz elite, ou um pequeno número de “eleitos”, segundo a frase iniciática: “Muitos serão os chamados e poucos os escolhidos”.

Pela estatística acima, ninguém tem o direito de querer afirmar que, o Catolicismo, só por si, ultrapasse o número total de adeptos das demais religiões do mundo. Ao contrário, em o número que em tal estatística lhe é dado, inclui os que não encontrando certas vantagens que em outras existem, buscam o Espiritismo, e até, a Baixa Magia ou Feitiçaria, além do mais, pelo “fato de pecando e confessando, ser absolvido, direito lhe assista de reincidir no crime”. Outrotanto, não acontece, por exemplo, com o Budismo, por admitir as duas sábias leis de Reencarnação e Karma, bastantes para modificar o caráter de qualquer indivíduo. Na América do Norte, por exemplo, existe 1 milhão de budistas. Como é de lá o seguinte Relatório do Superintendente das prisões do Estado de Nova York, relativo aos detentos das 4 prisões daquela unidade da Federação Americana, no período de seis meses (o que exclui o Budismo entre as religiões dos criminosos).

Católicos – 2.352
Protestantes – 1.563
Judeus – 411
Gregos – 35
Sem religião alguma – 32
Mahometanos – 6
Ateus – 2

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

Agnósticos – 1

Os que nada crêem deram o menor número de criminosos! E quanto a Budistas, nem um só, com aquele número por nós apontado para a América do Norte!! Do mesmo modo, espíritas. E quanto a Teosofistas... nem como Juiz, quanto mais criminoso, para lhe não pesar a consciência de haver julgado mal a alguém, seja quem for!... – Nota do tradutor.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

reforma de Tsong-kapa, gentes grosseiras, sensuais e criminosas, com as quais não é raro tropeçar nos mosteiros, sem que tal coisa implique em que os “bonzos” mais ilustres, os que por sua cultura e elevação estando mais próximos da origem, ou “base”, não possam ser comparados com os do manto amarelo, mais elevados, também, por se acharem muito mais próximos daquela base superior originária.

As perpendiculares, enfim, dirigidas para a base, de qualquer de tais pontos, são sempre “Caminho direto”. E por isso pôde afirmar David-Neel: “não há inimizade alguma entre o lama (amarelo) e o feiticeiro Bon da religião aborígine (ou “decaída”, digamos assim); como aquele não o tem para o mago *ngagspa* ou “clérigo oficial” dos “seculares”. Daí, finalmente, essa mescla de filosofia sutil e grosseiro mercantilismo, de alta especulação e de baixos prazeres sensuais, que é a característica dos “mosteiros” do Tibete, em grau mais elevado e com traços infinitamente mais acentuados, que nos demais mosteiros católicos do Ocidente, que em pureza não fôram originariamente outra coisa senão, “transplantações” (enxertos, digamos assim) para a Europa medieval e feudal, trazidos pelos viajantes do Oriente, daqueles mosteiros originários. Razão porque já sustentava a seu tempo o Pe. Huc: “O báculo, a mitra, a dalmática, a capa pluvial, que os grandes lamas levam quando em viagem ou quando celebram alguma cerimônia fora do templo; o ofício a dois côros; a psalmodia, os exorcismos, o turíbulo (incensório) sustentado por cinco correntes e que tanto se abrir como fechar; as bençãos dadas pelos lamas estendendo a mão direita sobre as cabeças dos fiéis; o rosário ou moinho de orações, o celibato eclesiástico, os retiros espirituais, o culto dos santos, os jejuns, as procissões, as ladainhas, a água benta, eis aí outras semelhanças, que os budistas têm conosco”.

E como o Budismo seja anterior ao Cristianismo 645 anos, é natural que fosse este que copiasse tudo isso do outro. Ademais, o próprio Frei Domingos Vieira, no seu Dicionário da língua Portuguesa, quando fala do *Budismo*, diz: “no Cristianismo existem vários traços do Budismo na sua formação”. Sendo assim, perguntamos nós, como pode um cristão ridicularizar um budista?

A tudo isso, diz a Enciclopédia Espasa tratando do Tibete: “o culto das relíquias, as peregrinações, com a venda de relicários e outros objetos de piedade, os pormenores da vida monástica, as coletas, o emprego da música e das campanhas durante o ofício, etc. Por outro lado, o clero budista do Tibete, que se escolhe, de preferência, entre os primogênitos de cada família, se parecem ao clero católico, pelo menos, com o da Idade Média, em que do mesmo deriva toda a ciência, a imprensa, etc, tudo isso se encontra nos mosteiros. Além dos livros sagrados, só publicam eles obras relativas à religião, ou antes, à fé; assim como, numerosos livros que ensinam a maneira de conquistar o poder mágico. Os lamas administram e se apoderam por meio dos impostos e do comércio, da fortuna do país. Embora que o verdadeiro Budismo de Sakya-muni tenha sido no começo a religião da igualdade, a pregar a abolição de castas, o Lamaísmo constituiu as castas pelo sacerdócio. Os Lamas ordenam e todos obedecem... Entre os budistas tibetanos, alguns místicos raros, conservam-se fiéis, como os hindús, ao que é superior ou de ordem divina, entregando-se, como fim supremo, à liberação de toda metempsicose futura, já à perfeição ideal pela destruição de tudo quanto seja material... já pela ressurreição no Seio da Imutável Divindade. Até os doutores do Budismo classificam, de antemão, os numeráveis fiéis, em três grupos: os inteligentes, os de educação mediana e os vulgares, sendo que não têm outro dever, a não ser o de se conformar às devidas ordens. Para a massa dos lamas e do povo, a religião não é mais do que magia (feitiçaria, digamos assim). E o culto não possui outra utilidade, que de afastar os maus espíritos (o que faz lembrar no Ocidente, as tão em voga “sessões de espiritismo de doutrinação e afastamento de “espíritos”, dos chamados “obcecados”, dizemos nós). Por isso, a vida da

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

maioria dos tibetanos é dedicada a evocações e exorcismos, em forma de preces”.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

Essas semelhanças puramente externas e devidas ao espírito de imitação e plágio, que sempre seguiu o Cristianismo para todo religioso, ou antes, de culto praticado pelas outras religiões anteriores, não transcendem, entretanto, ao fundo religioso ou “esotericismo”, razão porque, tendo convivido muitos anos com os lamas de todas idéias e crenças, pôde dizer David-Neel:

“À parte o celibato mantido pelos religiosos e o fato das *gompas* ou mosteiros possuírem bens em comum, é difícil encontrar o menor ponto de semelhança entre estes e os mosteiros cristãos.

Os mosteiros lamaístas são destinados a albergar a quantos busquem na vida uma finalidade espiritual. Semelhante objetivo não se acha estritamente definido nem imposto a todos os habitantes da *gompa*. As aspirações modestas ou transcendentais de cada religioso permanecem em seu imo e o deixa livre para realizá-las pelos meios que bem entender. A única regra em vigor, é a do decoro, tanto privativo como em público. Ninguém, à exceção do guia espiritual do religioso tem o direito de se imiscuir nem de pedir contas a qualquer monge lamaísta por suas opiniões filosóficas ou religiosas. Pode ele aderir à doutrina que bem entender, ou ser até um incrêdo. Não existe igreja nem capela nos mosteiros tibetanos. Enquanto as cerimônias ritualísticas são sempre celebradas com fins estranhos, por completo, aos seus oficiantes. Os tibetanos, ademais, acham impossível que o celebrante possa daí *retirar o menor proveito pessoal* (o grifo é nosso) e o mais apto dos *gyud-pas* é obrigado a recorrer a um colega quando deseje obter qualquer benefício por tal meio. Nenhum favor é solicitado diante das imagens do Buda, porque todos eles (Budás)⁸ transpuseram as fronteiras do mundo do desejo e em verdade, de todos os mundos.⁹ Diante deles, só podem ser pronunciados votos, desejos e resoluções, como por exemplo: “Como poderei eu chegar a compreender claramente a doutrina do Buda e com ela harmonizar a minha conduta?” E assim por diante... *O místico ideal da saúde pelo conhecimento, permanece enraizado nas profundezas da alma tibetana.* À perfeita liberdade espiritual de que goza todo religioso lamaísta, corresponde uma certa liberdade material um pouco menos absoluta. Os membros de um mosteiro não vivem em comunidade, como na Europa. E a própria benção dada pelos sacerdotes,

⁸ Não se deve esquecer que Buda, tal como Cristo, não implicam em “nomes” de determinado ser, como pensa o vulgo, mas, categoria a que pode chegar qualquer pessoa, desde que se dedique – como é dever de todos – à prática do Bem à aquisição dos Conhecimentos superiores, que levam o homem à “superação”. Cristo, como estamos fartos de dizer, provém do grego “Chrestus” e quer dizer: o Ungido, o Iluminado, Buda, do Bodhi, (sânscrito) por sua vez, conhecimento, Iluminação, etc., por isso que, o Iluminado, o Sábio, etc. No Tibete, Bod, quer dizer conhecimento, iluminação, etc. ou seja, o mesmo significado. E a prova é que, ao Tibete se dá o nome de: “Bod-Yul”, isto é, País do Conhecimento, da Iluminação, etc.

Por outro lado, conforme estamos fartos de ensinar, inclusive através desta revista, aquele que vence os três mundos (qualidades de matéria, gunas sânscritas, etc., a que, de modo velado se referiu o insigne autor de O Tibete e a Teosofia, no seu “imaginário triângulo religioso tibetano...”) é um Buda, um Cristo, etc. Senão, implicitamente, incluso no termo “maitri” que, verdadeiramente, quer dizer: “três mayas ou mundos ilusórios”, isto é, o “Vencedor dos três mundos, dos três corpos de que se compõe o homem; ou antes, a própria Mônada ou Ego Imortal, cavalcando os 4 princípios inferiores. Daí o 10º avatara de Vishnu, ou Maitreia (Maitri, etc.) ser representado pelo Kalki ou o “Cavalo Branco” (4 patas, portanto); senão, o Guerreiro ou Sosioh persa, cavalcando um cavalo branco, de que foram cópias fiéis, o “Perseu mitológico”, quando mata o dragão e salva a princesa, ou melhor, Andrômeda, como símbolo da Humanidade acorrentada nas férreas cadeias da ignorância... e o mesmo São Jorge cristão que salva uma outra princesa acorrentada, matando o mesmíssimo “dragão” mitológico, ou antes, “do paganismo” que a Igreja condena... mas copia vergonhosamente, dando razão de ser à famosa frase “Traduttore, Tradittore!” aplicada aos que, além de copiarem algo de outros, ainda por cima, os ofendem ou maltratam. Simbolismo idêntico, o do mesmo Prometeu acorrentado no Cáucaso (“o cárcere carnal”), isto é, essa mísera Humanidade a que pertencemos, pois, além de “acorrentada” em sua própria carne, ou antes, sendo culpada de seu Ego ou Espírito viver assim sacrificada, no “pote de argila” bíblico (que é o corpo humano), “um abutre lhe devorar as entranhas”: o “abutre da ignorância interna”, ou melhor, do não conhecimento da “Voz Interna”, do Silêncio, do Eu, da Consciência Imortal, do Buda, do Cristo, seu Deus, enfim, pouco importa o Nome que lhe queiram dar. Por outras palavras: “a mística união da Alma com o Espírito”, qual o daquela fábula mitológica, de “Psyké em busca de Adonis, o seu Bem-amado”... – Nota do tradutor.

⁹ É erro grave considerar-se o número de mundos, como de SETE qual a teoria “besantista” e de outros próceres “adiarescos”. A anotação anterior pode servir de introdução ao que aqui se expõe em poucas palavras: A Mônada sendo um composto de três coisas, forças, etc., (teosoficamente, Atma-Budhi-Manas; cabalisticamente, a corôa sefirotal ou “Kether-Chochoh-Binah”, etc.) é obrigada a evoluir através de “SETE” estados de consciência, veículos, etc. (aí é que está a confusão, isto é, de veículos, princípios, etc. com mundos). Na própria música, um acorde (três notas) é feito dentro de uma “oitava”, ou antes, dentro de sete notas, já que a última da oitava é repetição da primeira. E como tal mistério esteja dentro dos cânones antigos, das medidas, mister se faz que a pessoa possuía a mão apropriada para abranger a oitava, isto é, com um “palmo”, embora que algumas ultrapassem...

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

E como cada um desses “estados de consciência” ou Rondas, seja dirigido por Um Ser superior (Dhyan-Chohan, Planetário, etc.), assim tais Seres possuem o mesmo número (Sete). Haja visto: os próprios Arcanjos da Igreja, representados por um “candelabro de Sete velas”. Do mesmo modo que, na Astrologia, os Sete planetas que governam os humanos destinos, simbolizados pelos mesmos dias da semana, etc, etc. – Nota do tradutor.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

inclusive, o chefe (ou prior, deão, etc. como se diria no Ocidente) de cada mosteiro, não consiste em atrair qualquer proteção divina sobre pessoas e coisas, mas, de *infundir* as forças ou poderes magnéticos do próprio lama, que as dando procura proteger a quantos se achem presentes”.

Aproveitando o simil de nosso triângulo invertido, diremos ainda mais que, seus dois lados “encarnado e amarelo” se tornam cada vez mais obscuros, quanto mais se aproximem do vértice inferior, que é onde a *magia negra tântrica* alcança seu maior vigor ou potência.

Somos, porém, obrigados a chamar a atenção para um erro persistente no Ocidente, à respeito de tal extremo: sugestionados os nossos investigadores, desde Max Muller para cá, que o *totemismo*, o culto aos maus espíritos, filho do terror dos povos selvagens para com os “espíritos da Natureza” (do raio, do granizo, das trovoadas, das enfermidades, como são vistos nas próprias linhas africanas, ou de “Umbanda” todas dentro do espírito religioso católico, a começar por “Santa Bárbara”, protetora das trovoadas, São Bartolomeu dos ventos, etc.) e em uma palavra, “a primitiva religião naturalista” sobre as quais se foi elevando e depurando a humanidade até chegar às grandes religiões positivas conhecidas: Budismo, Cristianismo, etc.”. O fato, porém, é bem oposto: imensa civilização passada (a da Lemúria e Atlântida) precederam ao referido “selvagismo”, triste estado degenerescente, que não é mais do que, “a queda na barbaria, das elevações de uma anterior civilização, fenômeno constatado em todos os ciclos, grandes ou pequenos da História, onde vemos, por exemplo, aos bárbaros do Norte, suceder à cultura romana; aos relativamente bárbaros romanos, herdar a cultura grega, como esta, por sua vez, herdasse da barbaria de seus primitivos tempos, outras culturas orientais; a egípcia, a caldaica e a hindú, sucessoras diretas das da Atlântida e da Lemúria.

Razão porque, nos Vedas, cujas tradições originárias, como as dos Edas escandinavos e outros, vão muito além do ano 2.500 antes de nossa era (data das invasões dos “kalcas” ou caldeus centro-asiáticos para o Ocidente e a América) vemos catalogados em séries infinitas de entidades benfeitoras, indiferentes ou maléficas (devas e elementais), seres do Astral e dos elementos da Natureza, que mais tarde se fazem adorar pelos acovardados homens pós-quaternários, mediante ritos cada vez mais exigentes e odiosos, com sacrifícios: primeiro, de flores, logo, de animais e finalmente, de seres humanos. E cujos sacrifícios se refletem na moderna “opoterapia”, através de necromânticos conhecimentos, orientados por sábios sacerdotes, porém, exploradores ou negociastas...

Em resumo, para não nos aprofundarmos num assunto diferente do que estamos abordando, nosso desejo é fazer compreender que, o *Lhamaísmo* ou religião dos “Lhas” ou espíritos, tanto humanos, como da Natureza, como os chamados *deuses autóctones* do Tibete ou de qualquer outro país, não são mais do que as almas dos mortos, as forças da Natureza, forças “humanizadas” ou “eumerizadas”, semelhante ao princípio filosófico de esmagadora lógica, que vê por *trás de todo corpo físico*, seja qual for (nuvem, cristal, planta, animal, homem ou astro), *uma força viva conectora daqueles elementos físicos* (qual o “duplo” no Egito, dizemos nós); *uma inteligência* mais ou menos evoluída *animadora* ou “alma” (de “anêmona”, sopro ou vento) e finalmente, um *espírito* ou centro supremo de consciência, “raio solar” de outro centro ou entidade superior, coisa tão patente no Humano Pensamento, que já os parsís com seus Hansaspand ou “Cisnes planetários”, os cristãos, com seus “Anjos de Presença”, em torno do “Cristo-Sol”, e até, homens como Kant, Kepler, São Thomaz e Goethe, não tiveram dúvida em os aceitar como a mais racional das concepções teológicas.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

Desde antiquíssimas épocas – embora que mais decadente e, portanto, repleta de defeitos, de culpas e de ignorância, já se sentia horror pelos mesmos seres do

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

“hiperliminal” (ou antes, do “mais além do Umbral, isto é, do mundo anímico ou Astral, dizemos nós) embora que, outrora, tidos como do mais puro, simples e inocente amor e respeito de seus antepassados, segundo o que já ensinava H. P. B. de que, “os deuses de nossos pais são nossos demônios”. Um culto necromante, de pura ficção espiritual e sem essência alguma, racional, mas, de crescente crueldade e quantas formas grosseiras se conhecem, foi gradualmente substituindo o antigo “Culto sem cultos”, até cair em uma dupla desgraça: a mais cruel de quantas afligem, desde então, a essa pobre Humanidade a que pertencemos, ou seja: de ter de “instruir no Bardo” ou “outro mundo” às sofredoras almas dos antepassados – outrora felizes com os dolorosos sacrifícios do *Lha-ar* (“lar ou família”), quase sempre, com a interesseira e dominadora interferência de manhoso e explorador sacerdote (melhor dito, “jesuíta”) – quando incutiu a criminoso idéia de “errarem tais almas pelo vácuo, ou padecer os mais horrores castigos infernais (pelos do Ocidente chamadas “caldeiras de Pedro Botelho”)¹⁰; como também, de dominar, com igual assistência, às exigentes entidades naturais, com a assistência, sempre, do feiticeiro-sacerdote, mago negro autêntico¹¹ já que assim coloca em serviço egoísta, seu ou do mosteiro, certos conhecimentos guardados ocultos em lugar de ser gradativa e redentamente oferecidos a essa mesma Humanidade, através de verdadeiro e desinteressado sacerdócio e não, o de ser a mesma vergonhosamente explorada, para não dizer, duplamente expoliada: nos seus haveres materiais e verdadeiros *tesouros* espirituais. Em outras palavras: “na sua inteligência e caráter que poderiam ser melhormente empregados, e... nos poucos recursos “ganhos com o suor do seu rosto”, ou sob os mais dolorosos sacrifícios...

Assim, na atualidade, a maioria dos lamas, verdadeiros “jesuítas” do Tibete, “devora o povo com a sua insaciável cobiça, perturbando-o eternamente com as suas intrigas,

¹⁰ “Caldeiras de Pedro Botelho” antípoda, talvez das de “Pedro Chaveiro”... para distinguir o céu do inferno. E isso por ignorarem ou fingirem ignorar que ambas essas “lokas” ou lugares, se acham na evolução de cada indivíduo, senão, como estados de consciência, já pela elevação de espírito ou alegria interna em jamais ter cometido um ato em detrimento de outro e sempre consentâneo com as leis superiores ou divinas, já pela queda, cada vez maior, na matéria, através de vícios e maldades, embora que, “a Voz da Consciência se manifestando sempre através daquilo que se concebe como “remorso”. E como um 3º estado de consciência ou mundo seja necessário para completar a própria manifestação da Divindade (Pai, Filho e Espírito Santo, no Catolicismo; Brahma, Shiva e Vishnu da Trimurti indiana; Clotho, Lachesis e Atropos, da mitologia grega, e até, as 3 forças: Centrífuga, Centrípete e Equilibrante...), o próprio mundo terreno ou Equilibrante, poderia ser chamado de “Purgatório”, por ser aquele onde a Mônada é obrigada a se encarnar, à fim de “purgar” suas faltas passadas, ou o que teosoficamente falando possui o nome de KARMA, como lei de “causalidade” (Ação e Reação, Causa e Efeito, etc.) – Nota do tradutor.

¹¹ “No começo da Kali-Yuga ou Idade Negra”, a sede do oiro e de poder invadiu o mundo, durante séculos sem conta, dizem os antigos sábios. Agni, o fogo celeste que forma o corpo glorioso dos “devas” e que purifica a alma dos homens, havia espalhado sobre a Terra seus divinos eflúvios, porém o sopro ardente de Kali (com vista à “princesa KaliBeth”, de que já falamos e que oculta o maior mistério dos conservados no seio de determinada Fraternidade secreta), a Deusa do Desejo e da Morte, outrora, do Amor (ou da Beleza e da Vida), que sai do “ígneo Sopro do terrestre abismo”... começou a pesar, desde então, em todos os corações. A justiça havia reinado com os nobres “filhos de Kurú, os Homens solares que obedecem à Voz dos Sábios e que, vencedores perdoavam aos vencidos, tratando-os como iguais (na 10ª Sinfonia de Beethoven, “o momento último”, se fala no mesmo fenômeno, porém relacionado ao fim da Ronda. Faz parte esse estudo inédito, como outros mais, do “Livro Síntese” da S. T. B.). Porém, depois que os “Filhos do Sol” foram exterminados ou arrojados fora de seu “trono”, “a ambição, a injustiça e o ódio dominaram a Terra...”. E tudo isso com vistas à Atlântida.

Na Krita-Yuga, a Justiça sob a forma de um touro, mantém-se firme sobre seus quatro pés; reina pois a Verdade e não procede da iniquidade nenhum dos bens obtidos pelos mortais; porém, na idades subsequentes... pela aquisição ilícita das riquezas e da ciência, a Justiça perde sucessivamente os “pés” ou fundamentos e as vantagens honestas são substituídas pelo roubo, a falsificação e a fraude. Durante a primeira idade (ou de Krita) os homens isentos de enfermidades, obtêm a realização de todos os seus desejos, chegam a viver 400 anos. Na Treta-yuga, a existência humana perde sucessivamente uma quarta-parte daquela duração, porque a vida dos mortais, as recompensas das ações e os poderes de todos os seres animados, segundo declara o Veda, levam neste mundo os frutos ou resultados proporcionais às respectivas idades. Certas virtudes são peculiares à idade Krita; outras, à Treta e outras à *Dwāpa* e à Kali, segundo essas idades vão decrescendo... A austeridade domina durante a primeira idade; a ciência divina, durante a segunda: a realização do sacrifício, durante a terceira. E ao dizer dos Sábios, somente a liberalidade, durante a quarta”. – Nota do tradutor.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

fingimentos e explorações, valendo-se, antes de tudo, de sugestões terroristas e hipnóticas... contra as mulheres e as crianças, como o fazem através do confessionário os de outras religiões no Ocidente. Além de os envolverem em vão e ridículo “comércio religioso” de indulgências e amuletos (verdadeiros “vendilhões do Templo”, dizemos nós...), além de fazerem do ignorantíssimo governo laico seu escudo e cúmplice, como agora mesmo após a morte do último *Dalai-Lama* (senhor dos dois Poderes no Tibete: o temporal e o espiritual) quererem impingir um outro, o que ocasionou verdadeiro rebuliço... como se veio a saber por telegramas dali procedentes, além do mais, narrando a aparição do “fantasma” (do mesmo *Dalai-Lama*), a um número elevado de “lamas”, repreendendo-lhes, para que “não continuassem a se servir de seu nome, nem cogitar de o substituir, porquanto, bem sabiam, pelas antigas tradições, ser ele o último”. Como quem diz: “o momento agora é do Ocidente”. Por outro lado, comprando a própria justiça, fazendo trabalhar em seu proveito, ao infeliz e embrutecido povo, como o faz, em outros lugares, o “perverso jesuíta”, inclusive, no interior do Brasil, explorando os pobres índios, como estão fartos de apontar inúmeros intelectuais daquele cultíssimo e querido país; sobrecarregando-lhes, ainda, de pesadíssimos impostos; sendo que os mais cruéis de todos eles, os do mosteiro de “Sera” e de “Ga-Ildan”, que além do mais, põem em prática o processo dos Medicis e dos Bórgias, isto é, o veneno e o punhal... o que tem concorrido para diversas sublevações por parte do povo, embora que... inutilmente.

ALGO SOBRE O KHANGYUR E O THANGYUR

Nada mais eloquente a favor da cultura tibetana do que os seus antiquíssimos livros. O *Bkahgyur*, *Kanyur* ou *Kandjur*, é uma enorme enciclopédia oriental em 108 volumes, cada um com mil páginas, contendo 183 obras distintas, escritas em sânscrito e em chine, pesando *cinco* quilos cada tomo (o próprio número da raça *Ária*, isto é, a 5ª Raça-Mãe, dizemos nós...) e de meio ou de um metro de alto por 20 centímetros de largura e de grossura ¹². Os moldes de seus caracteres de imprensa são de madeira, para

12

Um dos livros mais populares do Oriente é o *Kalpa-sûtra*, que relata a vida de *Maha-vîrya* (o “*Viraj*” ou “*varão divino dos bramane* ou “*Logos*” grego) e de 100 outros *Jinas* ou “conquistadores”, seus sucessores na luta pelo Ideal (100 *Jinas*... para não dizer um pouco mais...). Sendo que, o mais venerado para os budistas do Sul e cujas influências ultrapassaram mais ou menos o Budismo da Índia e do Tibete, é o *Triptaka*, cuja “enciclopédia abrange três partes: 1ª - a *Vinaya-pitaka* (ou “enciclopédia *Vinaya*”), com as fundamentais regras da doutrina budica; 2ª - a *Sulanta-pitaka*, entre elas a *Dharma-pada* e os *Jatacas* ou “*Jaim-pitaka*”, com os anteriores avatares e *tulkus* do Bendito e 3ª - o *Abhi* (ou *Ava*)-*dharma-pitaka*, como a parte mais moderna. Nos últimos volumes da *Triptaka* se encontra o famoso diálogo ante-socrático “acontecido entre o rei *Menandro* e o monge budista *Naga-sena* (de “*naga*”, serpente ou iniciado). Só o *Milinda-pano* com os demais trabalhos a ele ligados é calculado em umas 10.000 páginas, das quais a *Pali-text Society* já publicou a metade. Quando o rei de *Sião* celebrou seu 29º aniversário (1893-1894) ordenou fosse feito em *Bangkok* uma edição de 39 volumes em 8, em caracteres indígenas, com o qual presenteou a diversas bibliotecas. O texto do *Badaoni* citado na *Introdução* da “*Doutrina Secreta*”, por motivo do edito de *Asoka* à respeito das “religiões dos infiéis”, está incluído na obra de *Aini-Akbari* (“o *Jina Akbari*”) traduzida pelo Dr. *Blothmann*, citada por sua vez, por *Max-Müller* em sua “*Introduction to the Science of Religion*” *Turnour*, do mesmo modo, publica em 1837, o *Maha-Vansa* (“*vansa*” ou “*Hamsa*”, cisne) e *Oldenberg*, em

1879, o *Dwpara-valisa* ou segunda parte do anterior”.

Todas essas traduções feitas do *páli* ou língua difundida por *Ceilão*, *Birmânia*, *Sião*, *Cambodge* e parte do Tibete, nas baixas regiões do *Saluen* e de *Mekong*, derivada, como é sabido, do sânscrito, o que obriga a uma prevenção contra ela, no que diz respeito à original pureza de suas idéias filosóficas, espirituais ou místicas, sem contar ainda com os terríveis e falsos prejuízos cristãos dos seus tradutores europeus, segundo “a letra que mata”, ao invés do “espírito que vivifica”. Muitos desses originais não foram antes traduzidos diretamente do “*páli*”, mas do *Maghada*, em tempos imediatos a *Gotama*, o *Buda*; outros foram traduzidos do *prakrito* de *Malva*, no ano 290 antes de J. C.

Existe, ainda a língua *ardha-magadhi* (ou “*magadhi*”, a meio, pelo meio, etc.), como língua sagrada do Budismo do Sul, com uma dúzia de obras (*angas*) sobre metafísica, filosofia moral por meio de parábolas, regras da vida monástica, etc., tais como a *Acharia*, a *Shutra-krita* (versos da “idade de Oiro” ou da “pureza”); *Bhaga-vati* (“ensinamentos dos Mestres”); *Kadasas*; *Upakadasas*, *Anu-tara-upa-pati-kadasas*, (“ensinamentos lunares primitivos”) e *Kritas-kadasas* (“ensinamentos da idade de prata” ou segunda); *Sathanas*; *Sama-vaya*; *Djnata-dharma-kathas* (“gnosis, gnana”); *Prasna-Vidhya* (tratados sobre higiene física) e um duodécimo tratado, hoje desaparecido, intitulado *Drichti-vata*, com outros 12 tratados semi-canônicos ou simplesmente científicos, de cosmologia, astronômica, que hoje a classificariamos ignaramente como “fantástica”, além de outras disciplinas e os dez (12, porque dois se perderam...) sobre filosofia da eutanásia (ou “faculdade de não se impressionar por coisa alguma e destruição do Mal”) chamados *Prakit-nakas* ou *Praki-naskas*, de velha procedência *jina* ou *jaina*, 6 livros, pelo menos, de heróicas façanhas que, no começo, deveriam talvez, ser *Doze*, denominados

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

Cheela ou Chela-suthra, à parte a mais popular e mais jina, do Kalpasuthra, anteriormente mencionada; tudo isso seguido de inúmeros comentários, com uma base ou Cãnone dos Svetambaras, a que os sancrististas europeus, que estudaram a Mimansa e a Vedanta dizem proceder do século V. Todas elas de grande singeleza e espiritual elevação que valeram esta frase de um grande sábio: "A aplicação que muitos fazem hoje da Filosofia Vedanta aos fatos da vida diária, demonstram como é possível levar uma vida nobre e superior, sem que por isso sejam prejudicados (ou abandonados) os deveres cotidianos, nem modificada a posição social de cada indivíduo. E que as mais humildes tarefas (as de um Hans Sada, por exemplo, mais conhecido como Jacob Boehme, sapateiro de Nuremberg e místico de grande valor) é perfeitamente compatível com as sublimes aspirações". E explica que, acima das doutrinas

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

cujo transporte de certo “centro subterrâneo” para a lamaseria de... (digamos, *Chigat-sé*, pois outrora era o Trachil-lama o fiel guardião de imensa e secreta Biblioteca...) se requer 12 *yacks* (animais apropriados ao caso, digamos, “bois”). Por uma de suas mais conhecidas edições, os buriatas russos (de acordo com exigências da Lei, ou da possibilidade de tal livro... ir parar em tais mãos, para que as tradições vão sucessivamente chegando a outros...) pagaram 7.000 *bueyes*, e 1.200 *rublos* de prata por outra edição completa (a chamada de Peking). Tais livros fôram impressos em *Derge* (Tibete-oriental) e em *Narthan* (Tibete-ocidental). Existe, ainda, em *Sakkyä*¹³ e em outros lugares secretos, verdadeiros tesoiros bibliográficos em sânscrito e em tibetano, em páginas soberbamente decoradas por artistas de grande valor, à parte aqueles outros a que alude a Introdução da *Doutrina Secreta* de H. P. B. Como é sabido que foram, por várias vezes, expulsos de Lhassa numerosos *sastres* (grosseira tradição fonética dos doutos shastras ou conhecedores dos sagrados *shastras*), devido às indiscrições cometidas, revelando parte de tão inefáveis doutrinas, cujo iniciático segredo, sob formal juramento eram obrigados a manter. Como já foi dito, esse número (108) de volumes, para conter o texto da sagrada enciclopédia, não foi de mero acaso, mas do iniciático módulo para o número 432, o qual seguido de zeros – além de inúmeros mistérios secretos – é o dos ciclos ou Idades, como de todas as coisas na Natureza, relacionando-se, talvez, com o perdido “Cânone de proporção”, empregado pela primitiva arquitetura, à guisa daquela sentença *Sankya* de que, “tudo no universo foi feito sob determinado número, peso e medida” (algo assim, dizemos nós ainda, referente ao próprio termo *Mane-Thecel, Phares*, do festim de Baltazar, de tão má interpretação, pois seu verdadeiro sentido é: *Pesado, medido e contado*)¹⁴

vedantinas estão as da Advaita (“as dos avas ou velhos antepassados”), as quais não são, em essência, senão, a Sankhya, a Gnana-Kanda acima da Karma-kanda, em suma, o “Caminho Direto”.

Muita razão tinha, pois, para seus elevados objetivos aquela sociedade da Aria-Somaj que tanta influência teve nas origens da Sociedade Teosófica (a de Adyar, além de que, não estamos mui de acordo com o grande Teósofo, pois que, de tal Sociedade fazia parte o “mago negro” Gyanendra-Chakravarti, que hipnotizava a sra. Besant, como posteriormente o fazia o bispo Leadbeater, quando as Regras ou Leis da Excelsa Fraternidade sempre o proibiram...), especialmente quando em 1877 H. P. B. e Olcott se trasladaram de Norte América para a Índia (aliás, erro gravíssimo, pois aquela Sociedade fora criada para preparar a 6ª Raça – cujo surto é em N. América, e Índia, o humano passado, nada tinha mais do que apontar o fato, mas nunca ser Núcleo daquele movimento, como não o é para o nosso, e sim, Ela e o Tibete, apenas na sua fundação, para logo nos tornarmos independentes no Continente onde a 7ª deveria, por sua vez, acompanhar o primeiro, dado o fenômeno por nós tantas vezes apontado: “que no final de cada Raça-Mãe as duas últimas sub-raças quase se interpenetram”.

Raja-Ram-Moha-Roy (1777-1833) foi o primeiro investigador de religiões comparadas. Estudou os Vedas em sua própria língua (o sânscrito); as Escrituras budistas, em pâli; o Alcorão, em árabe; o Antigo e o Novo Testamento, em grego e talvez em hebreu. Denunciou a abusiva prática chamada *sutçé*, que por ele foi abolida em 1829. Estabeleceu o movimento teísta de seu sangue, que visitou a França e a Inglaterra. A Atmya Sabba ou Sociedade do Atmã, por ele fundada, é a base daquele outro movimento, hoje o de maior importância na Índia.

O continuador da obra reformadora de Roy foi Keshab-Chander-Sen, que separou a Brahma-Samaj da ortodoxia hindú, o que ocasionou um cisma na Brahma-Samaj, fundando-se a Bharatavarsha-Samaj, um arremedo cristão, e logo a Nava-Bidhan, que não acreditava nos Devas e proclamou santo o culto de Cristo, a quem apontou como um verdadeiro Yogi, olhando as religiões como simples facetas do mesmo prisma.

Diante de toda essa gigantesca mole de livros, não é para admirar que os asiáticos tenham generalizada opinião de que “os brancos ou ocidentais possuem inferior mentalidade à sua”. O que nos faz dizer com Políbio: “Nasci demasiadamente tarde para ser original”. – Nota do autor e do tradutor.

¹³ Esta reveladora palavra de que se serviu o próprio Buda de Kapilavastu ou Sakya-Muni (o doador da doutrina secreta da Biblioteca de “Sakya”), orienta-nos bastante acerca do essencial conteúdo dos livros atesoiados em tais bibliotecas secretas, onde, segundo dizem, também figuram todas as obras que se escrevem, não importa o tempo nem o país, desde que seus temas se relacionem com os destinos do Mundo e do Homem (Metafísica, Filosofia, etc.), figurando entre elas, digamos sem rebuscos, inúmeras das que se julgam perdidas em incêndios, etc, como as três sucessivas da Biblioteca de Alexandria em em outras catástrofes semelhantes, principalmente, as causadas pelas guerras. Que de tesoiros orientais não existiriam também nas bibliotecas russas anteriores à Revolução bolchevista, como aquela de Ivan, o terrível, que em seus imensos subterrâneos guardava maravilhosos tesoiros, como os de Aladin, entre eles os 800 seletos volumes, tão célebres em toda a Europa do século XVI. Antes e depois da referida revolução, segue-se investigando em diversos lugares daquele vastíssimo país – tão íntima como historicamente relacionado com a Mongólia e o Tibete, tais como a Troitskaia do Kremlin, a Cidade chinesa e as Trinta Casas-Palácios dos séculos XVI e XVII, cada uma delas com sua rede subterrânea repleta de objetos e livros de imenso valor, pela sua raridade. – Nota do autor.

¹⁴ “Pesado, medido e contado!”. Dentro do mistério dos “cânones antigos” se acha o sacrossanto Símbolo de nossa Obra, que nos veio de “Shamballah”, isto é, a chamada “Chave de Puskara”, cuja foi exposta em uma das sessões públicas do ano passado (1936),

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

quando se tratou de vários assuntos, inclusive, das “medidas” com que foram feitos os antigos monumentos e catedrais, porém, hoje completamente perdidos. Na História de nossa Obra, com o título “A Missão dos Sete Raios de Luz ou Mistérios Iniciáticos do Ocidente”, o leitor encontrará referências à tal chave, senão, sua reprodução em cliché fotográfico, embora sem a medida exata, etc, por pertencer ao nosso Arquivo oculto, ou antes, não poder ser dado de público... – Nota do tradutor.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

Alguém no futuro, com profundo conhecimento dessas coisas do sepultado Oriente clássico, chegará a demonstrar, quão certa foi a intuição de Bailly ao dizer que, “a ciência do Ocidente limita-se a fragmentos e relíquias de um oculto sistema de ciência asiática, mais antigo que tudo e infinitamente mais perfeito”. E em tal ocasião, a verdade transparecerá em toda a sua pristina integridade, porquanto, Oriente e Ocidente já estarão por debaixo do mesmo nível de conhecimentos e de outras coisas mais... Profecias existem há bastante tempo sobre tão excelsa ocasião, a que nós já de há muito vimos denominando de “amanhã resplandecente”, senão, nesta mesma obra, num capítulo dedicado a “Los Montes santos y sus Misterios” (conservamos o título em espanhol por motivos... que somente dizem respeito à parte oculta da missão da STB, dizemos nós, como tradutor da Obra), mas que, por motivos de ordem oculta o mundo profano não chegará a conhecê-lo, isto é, a tal capítulo...

Em tão imensa enciclopédia, diante da qual as demais são meros pigmeus ou figuras liliputianas, segundo se sabe (pois, muito está ainda por ser descoberto pelos ocidentais que a tal estudo se dediquem), todo o *Ghyal-drung* ou “façanhas do Hércules tibetano *Dagli-yo-long* contra os primitivos selvagens do *Jam* oriental; o *Yrung-yg* ou epopéia nacional desse povo mais antigo que o dos genuínos ários, contra tibetanos *móssos* e chinos; do mesmo modo cem mil composições poéticas do iniciado vate Milarespa e, que, não obstante sua qualidade e quantidade ou número, é bem pouco diante dos quarenta mil ou mais “slokas” métricas do velho tratado sânscrito *Kandara-kasyan*, incluindo ainda os numerosos escritos religiosos de *Tsong-kapa*, (o reformador), além da enorme quantidade de poemas, dramas e novelas do mais elevado estilo clássico que se conhece.

Por todos os grandes livros já citados, percebe-se figurarem eles no *Kandjur*. Dar-se-á o caso que o estejam também os tibetanos *Tala* ou *Tara*, o *Zung-tala* ou do “Norte” e o *Baron-tala* ou do sul? O *Gyat-chen-rolpa*, um dos livros budistas mais estimados pelos lamas iniciados e cuja letra, já que não o seu espírito, foi recentemente traduzido pelo catedrático do Colégio de França, Ed. Foucaux; textos dos livros dos *gebars* ou *giiebros* iranicos destruídos na Pérsia por Alexandre; as “velhas folhas do *Bhima-Granthan* e a mesma enciclopédia chinesa do *Wan* ou “História do Sul”, que consta, por si só de 80 livros. E a julgar ao menos por seu nome, procede do país de *Nan* ou *Sião* e do *Nan-chan* ou cordilheira meridional da China, nome que, por sua vez, faz lembrar (o de *Nan*) a *Vênus babilônica* e suscita *Nana* ou *Anai* (*Nanea* em grego; *Nana* também em castelhano, cujo nome conserva a demopédia para designar com a frase “o ano de *Nana*”, algo que seja remotíssimo quer no passado, quer no futuro) e que talvez façam referências a assuntos de um outro mundo, e que foram perdidas pelos *Tu-fan* ou aborígenes chinos?

Do mesmo modo que, a seguir aos *Vedas* ario-hindús, vêm infinitos *Purânas* e *Brâmanes*, à guisa de comentários daquela enciclopédia imortal, assim, os 108 tomos do *Khandjur* são acompanhados de outros 290 tomos de comentários, e aos quais se denomina de *Thangyur*. Ignoramos quase por completo o conteúdo e alcance de tão gigantesca “montanha” de comentários, porém, não é ilógico pensar que neles, além dos naturais desenvolvimentos de idéias contidas no volumes do *Khangjur*, existem textos tântricos com a doutrina de *Adi-Buda* (a da cósmica Manifestação) e ainda a plena contestação contra o amontoado de asserções contrárias aos textos do *Khangyur* procedentes de *Glang-Dharma* e seus prosélitos, nos anos do cisma anti-budista (ou do ano mil) e talvez, referências ou influências da própria filosofia *jaina* de Charvaka, que se diz, maldosamente, professa o materialismo, pois, como diz Cesar Cantú, “todos os gêneros clássicos foram enriquecidos com as obras jainas” e as investigações em busca de manuscritos antiquíssimos, levadas sistematicamente no século passado sob a direção de Buhler, Bandarkar e Peterson, trouxeram à luz do dia, epopéias, novelas, dramas,

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

contos, tratados gramaticais e astronômicos, compostos pelos jainos e não isentos de mérito. A prevenção com que os brâmanes olharam sempre as melhores obras não

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

bramânicas, não os impediram de apreciar, por mais de uma vez, as dos sábios jainos, gentes que nas tristes épocas dos bárbaros militarismos persas, foram obrigadas a emigrar em várias direções, portadores das arcaicas influências de suas originárias doutrinas, ao Guzerate (mais além do Indo) e ao próprio *Ladak tibetano* (nome que traduz, ou melhor, simboliza desde tempos imemoriais, excelsos mistérios dos mundos “jinas”...) donde puderam assim se irradiar pelo resto do país.

Já dizia, mui sabiamente, Max-Muller acerca do Rig-Veda de que “bastava a sua conservação desde milênios, para se lhe considerar uma maravilha; como maior *maravilha*, de subsistirem ainda ali tantos e tão admiráveis textos, prova cabal de que o princípio físico de “em a Natureza nada se perde e nada se cria”, abranja também a História e o mundo espiritual, como é lógico supor dentro da lei da Analogia.

Opera-se no fenômeno da conservação de tais livros, como de outros... o “milagre” contido em seus próprios valores de ordem superior, ou eterna, sem falar que, em grande parte procedam ou sejam conservados em um outro País, por sua vez, imperecível: *Shamballah*, a cidade dos deuses, Jinas, super-homens ou *Mahatmas* além de que, nos tempos mais sombrios sejam retirados da face da terra, tal como o Sol por trás de densas nuvens, ou mesmo, após os crepúsculos vespertinos... como presságios de outros albores, em que aparecerá de novo para iluminar a face da Terra e quantos na mesma vivam... São os chamados “períodos de Renascimento” para o mundo.

Só para colecionar exemplos iguais, mereceria, por sua vez, uma obra volumosa igual à do inteligente, mas não fortuito Destino Histórico, que preside, pese aos nossos céticos ignorantes, a marcha integral da evolução Humana. Quando Voltaire, por exemplo, ridiculariza, impiedosamente, “os falsos Zoroastro e Hermés”, com *exumadas* jóias bibliográficas zoroastrinas e herméticas vinham ter à Europa como um formal desmentido a semelhantes críticas. Do mesmo modo, quando Champollion se rendia impotente diante do hieroglifo egípcio, a bilíngue *Tábua de Rosetta* lhe proporcionava inopinadamente a chave que desejava como ainda: quando os demais famosos egiptólogos duvidavam e se perdiam em fraquíssimas conjecturas arqueológicas, um generoso árabe cede a Ebers o célebre papiro, que desde então leva seu nome. Outrossim, quando o Ocidente gemia sob o peso de novelesca e obscena literatura, aparecem as “Mil e Uma Noites”, de Galand, a seguir as de Madrus, etc., para desferirem um rude golpe em semelhante literatura, pois que, por trás dessas versões árabes da mais profunda iniciação, encontrava-se a sublime pureza originária dos (textos) parsís e hindús, já corrompidos pelos árabes. Quando ridicularizava o mundo culto as fantasias do *Livro de Enoch* (etíope), eis que o arcebispo Laurent se defronta “casualmente” com outro generoso negociante, que lhe oferece o autêntico texto *jina* para que o traduzisse aos “zombeteiros europeus...”.

E agora como d’antes: quando Aristóteles, o mestre de Alexandre, vertendo e falsificando, (como diria Ramús), a grande obra filosófica do mestre e seu pitagorismo quase búdico, eis que Calistênes oferece a seu tio Aristóteles um tratado de Lógica, dádiva dos brâmanes graças à qual, a Lógica **oriental**, “mãe de todas as lógicas”, pôde beneficiar o mundo, embora que através de tão fraco quão suspeito agente, que foi a Escolástica medieval. Mesmo assim, as obras de Aristóteles, o estagirita, através de tão obscura época em que o pensamento independente parecia definitivamente apagado, foi como um novo sol que iluminasse o mundo. As obras e a biblioteca de Aristóteles passaram-se a Teofrasto; este presenteou-as a Neleo que, por sua vez, ofereceu ao seu país (Escepsis), segundo nos conta o ilustre escritor uruguaio Carbonell, em uma de suas maravilhosas obras. Os imediatos possuidores daquelas preciosas jóias literárias ocultaram-nas, mais tarde, em úmidos esconderijos, à fim de as defender de Átila, “o

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

destruidor”. O pó e a humanidade incumbiram-se de arruinar grande parte dos textos, que tempos depois os escribas de Apelición de Theos reconstituíram torpemente, para que séculos mais tarde fôsem transportados à Roma, onde os (escribas) de Lúculo,

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

petulantes e voluntariosos, fizessem horríveis cópias que serviram para a confecção da obra que hoje se conhece”.

Quantos segredos, dessa como de outras naturezas..., não oculta, ainda, o próprio povo muçulmano, já que a sua Meca, donde desapareceu Mahoma, “o nabi” ou sábio, a 16 de Julho de 622, diz-se fundada por Ismael, (o filho bastardo de Abraão) 2.793 anos antes? Sem falar nos que vivem sepultados na América dos “astecas” e dos “incas”, com seus hieróglifos precursores, talvez, dos do próprio Egito?...

“Nada de novo debaixo do Sol”. Razão porque as doutrinas arcaicas naqueles e com aqueles livros “ocultos em várias partes do Globo”, terão que voltar um dia à *luz do Sol*, segundo a sentença salomônica de que “nada existe oculto, que um dia não venha a ser conhecido; nem nada oculto que o tempo não se incumba um dia de o descobrir.

XXXI

OS JINAS TIBETANOS E SEUS “TULKUS”

Por diversas vezes temos falado dos *shamanos* ou *Jinas* (“homens régios”, “imortais”, “conquistadores”, “heróis”, etc.), no decorrer destes apontamentos, porém, até agora não nos ocupamos da sua maneira em se **comunicar** com os homens vulgares (ou “imortais”); ou se o quiserem, de se acharem com os mesmos diretamente ligados. Tal maneira de “comunicação” ou “ligação” possui no Tibete o nome de *tulku*, cuja nos faz lembrar anagramaticamente (por *ternura* ou permutação de sílabas, dizemos nós) a latina “cultus” ou a veneração dispensada pelos “mortais” a tudo aquilo que não conhecem e lhes parece superior, inclusive, às fugazes aparições astrais, ou mesmo físicas, daqueles “imortais”, como ainda, as manifestações tangíveis operadas através dos *tulkus* ¹.

Se o *tulku* é “um Buda vivo”, ou melhor dito, a maiávida ou ilusória “sombra viva projetada por um Buda ou Mestre” ²; o *la-ma* ou *lha-ma* (“espírito-matéria”) é seu discípulo

¹ Mesmo que procedesse anagramaticamente da palavra germânica “kultur”, que é a nossa mesma “cultura”, estaria certo, porquanto, o *tulku* recebe, digamos, tal cultura (mental e psíquica ou moral) de fora para dentro; ou como já foi dito, de “Mestre para discípulo”. Assim, do termo tibetano “tulku” tanto procede de latino “cultus” (devoção, culto, religião, etc.), como da germânica “kultur”. Ademais, nas próprias escolas oficiais, o aluno é *tulku* para seu mestre ou professor (um ou mais), pois, aquilo que não conhecia vem a conhecer, ou antes, “seu mestre vem a falar por sua boca”. – *Nota do tradutor*.

² Grande confusão existe, quer no Ocidente, quer no próprio Oriente, a respeito do termo “Buda-vivo”: “todo ser bom”, já dizia Paulo, o grande Iluminado, “pode falar ao Cristo em seu homem interno”, isto é, pode chegar a ser um Cristo. E a prova é que aquele mesmo Iluminado, diz (em Gálatas, IV, 19): “Padeço de dores de parto até que seja formado o Cristo dentro de vós”, isto é, Eu, que já trago o Cristo dentro de mim (ou em meu seio, qual “embrião” de um futuro e espiritual “parto”: o do Eu-Imortal) padeço tais dores, enquanto a Humanidade inteira não for igual comigo, que tanto vale: com Ele (o Cristo). A mesmíssima coisa para o termo “Buda”, pois ambos, como estamos fartos de explicar, querem dizer: Iluminado, Sábio, Ungido, etc. Assim, quer na Índia, quer no Tibete ou em outro lugar, aquele que se tiver unido ao seu Eu (já por nobreza de caráter, já por superiores conhecimentos) é tanto um *Buda*, como um *Cristo*.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

encarnado, dando razão de ser às duas palavras ou raízes de “lha”, espírito e “ma”, matéria (Mater-Rhéa), mãe-natureza, etc., onde o espírito tomou seu corpo carnal. O neófito, ou seja, aquele que não alcançou ainda o necessário desenvolvimento psíquico para o grau do “discipulado”, é por sua vez, um *trapa* ou aluno.

A palavra *tulku* significa literalmente “uma forma criada por processo mágico” (quase sempre, dizemos nós, de origem “Agartina”, como sejam esses misteriosos Seres que, de quando em vez, no próprio Tibete e na Mongólia, causam admiração aos seus habitantes e aos quais denominam: “gente de Shamballah”, que tanto vale pelos de AGARTHA, Asgardi, Erdemi, etc, etc.). Assim, de acordo com o que ensinam os letrados e místicos tibetanos, devemos considerar os *tulkus* como “fantasmas, emanções ocultas, verdadeiros „arlequins” fabricados por um mago, às suas ordens ou serviço (uma espécie de „estátua viva”, dizemos nós, escravizada ao seu escultor, dono ou senhor... mas nunca um “Frankenstein” ou “monstro humano”, obra maléfica ou de “Magia Negra”, pelos destinos a que seu “escultor”, fabricante ou “mago”... o tenha criado). De acordo com o que acabamos de expor, a Sra. David-Neel relata o que lhe disse a respeito o próprio Dalai-Lama (um “tulku”, dizemos nós, de um outro Ser de categoria superior, como o era o Trachi-lama, do excelso Rimpotché, daquela lenda tibetana, em que “ele se funde na estátua de Maitréia, que seu discípulo – o referido *Trachi-lama* – desejava, a todo custo, fosse ele quem a inaugurasse”...):

“Um bodisatva é o tronco donde pode surgir uma infinidade de formas mágicas (ou seja, um Centro Criador de tais formas, dizemos nós; como também um *Guru* de categoria superior, por exemplo, que escolhe 7 discípulos em seu redor, como se fora ele o Sol central desse pequeno Universo... E até, o que se pode chamar de “Alma-grupo”, dirigida por um Ser superior, na trina forma ou manifestação da própria Mente Universal. E... paremos aqui...). A força por Ele engendrada mediante uma perfeita concentração da mente (qual o fenômeno do início das coisas, ou “dos filhos da Yoga ou da meditação”, criados de cima para baixo, como seja essa mesma Humanidade a que pertencemos, e não, que viesse o homem ou “Adam, Adão, etc.” do barro, e a mulher, ou Heve, Eva, etc., de sua costela... de sentido mais iniciático ainda, que não podemos expor de público, dizemos nós), permite-lhe como Sábio ou Mestre, projetar simultaneamente um fantasma semelhante a si a diversos lugares, por mais distantes que sejam (e é assim, dizemos nós, que um Gurú nas suas meditações pode escolher nos confins do mundo, como se costuma dizer, um discípulo digno ou em que ele tenha percebido sinceros desejos de evoluir e de trabalhar a favor dos seus irmãos em Humanidade...)

Não se trata apenas de formas humanas, mas também, de quaisquer outras, como prova: a projeção à distância, de castelos fantásticos e quantas “maias” (ou ilusões) queiram empregar, não só na iniciação dos seus discípulos, como também, em torno de Fraternidades secretas, para que profanos delas não se aproximem ³. Do mesmo modo,

Nesse caso, o chamar-se de “Buda-Vivo”, a qualquer dessas pessoas não está errado. Acontece, porém, que no Tibete, um “Buda-vivo” é um ser de categoria superior, “*tulku*” de outro muito mais elevado, etc. No decorrer deste capítulo, como nos demais que se seguem, o leitor compreenderá melhor a razão de ser do termo. No entanto, os verdadeiros “Budavivos” (era isso o que fazíamos questão de dizer) pertencem a uma categoria à parte, cuja possui determinado número ou série, todos Eles representando um Ser Superior, digamos, o próprio “Buda-Síntese”, que em tal caso, seria o próprio Planetário da Ronda... Quem vem acompanhando a leitura de *O Tibete e a Teosofia* está farto de saber que, o papel do Oriente já se findou, pois a própria tradição dava o número 31 para o último Buda-Vivo da Mongólia e aos seus Ministros ou Colunas (o Dalai-Lama e o Trachi-Lama), outros números finalizadores da série. O próprio Dalai-lama, após desaparecer do mundo – em forma *tulku*, digamos assim – vem profligar aos lamas que queriam impingir um seu sucessor, que não o fizessem, pois deviam saber que ele era o último. Em caso contrário... assumiriam as consequências de tão mau “karma”. – *Nota do tradutor.*

³ Dentre elas, uma que nos foi contada por determinado Ser e que bem poucos a conheciam no mundo, isto é, que “numa das gargantas do Nepal” existe um lugar chamado “país de Maya-Deva” (deusa ilusão), por onde se poderia passar da Índia para o Tibete, chegando rapidamente à Lhassa, sua capital. Mas, como exista ali poderosa “Fraternidade secreta”, os Seres que a dirigem, senão, os encarregados desse serviço – quais sentinelas avançadas... nas suas proximidades – tecem uma *teia*, *tela*, *maya* ou malha (o véu da ilusão) tão perfeita que qualquer pessoa que se atreva a querer viajar por tão fantásticos lugares, logo se arrepende, por ver que é impossível devido aos inúmeros obstáculos que se apresentam no caminho, inclusive, “florestas negras” (qual a “Jungfrau” germânica

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

das lendas vagnerianas, etc, montanhas intransponíveis, etc., etc.), quando a estrada é lisa e de fácil acesso...” Os contos infantis estão repletos de fatos semelhantes, inclusive, a casa da fada, construída com torrões de açúcar e brinquedos... para atraírem

2

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

quanto a fenômenos atmosféricos e, finalmente, o de “Elixir da Vida” ou licor da imortalidade, que extingue toda sede (explicando ainda o Dalai-Lama que esta última expressão era verídica, tanto em sentido literal, como no simbólico). Em resumo, concluiu o Dalai-Lama, seu poder criador de formas é ilimitado”.

Ilustração: foto

Legenda:

A Sra. David-Neel na ermida de uma erudita “naldjorma” (feminino de “Naldjorpa”) cuja senhora se dá à prática do “tchend” e ensina a discípulos femininos.

As palavras transcritas, devido à elevada categoria espiritual do Dalai-Lama, merecem de nossa parte, como de outros conhecedores do assunto, todo acatamento possível...; o que não acontece com a maioria dos homens, pouco importa se portadores de títulos, que os coloquem em posição “intelectual” de destaque. Para esses, o que acabamos de transcrever não passa de “mórbidos delírios de „paranóicos” e „esquizofrênicos””. E isso, porque esses “ilustres sábios” já vêm envolvidos desde o berço no tradicional erro religioso dos pretensos “milagres”, que não são mais do que “fenômenos dentro das leis naturais”, que, de nenhum modo, poderiam ser transgredidas... E ainda, como se o próprio termo latino “mirabilia”, coisa prodigiosa, admirável, extraordinária (donde se deriva a nossa “milagre”) fosse anti-natural, pelo insignificante fato de não ser habitual, corrente, etc., quando se trata de um simples jogo – manejo ou manipulação de causas, leis ou poderes ainda ocultos para a maioria dos homens, porém, desvendados ou conhecidos por Aqueles que alcançaram um grau superior de evolução e de conhecimentos... Não nos falam bem claro os verdadeiros e *admiráveis milagres* que cada técnico provoca na sua especialidade e que os profanos ou desconhecedores das mesmas não são capazes de os imitar? E isso porque aquele que ignora a técnica ou “modus operandi” (técnica nascida de um conhecimento superior ou acima do nível ordinário), não esteja em condições de semelhante realização “miraculosa”... Mas, devido ao seu puro, único e originário sentido de *admirável*, o que entretanto não é violador de lei alguma natural...

Tal foi sempre – pese a *transviadas* incompreensões... – o critério teosófico, pois que a mesma H. P. B. – na primeira página da Introdução de sua “Isis sem Véu”, diz textualmente:

“Não cremos em magia alguma que exceda do poder, nem da compreensão do homem, nem em milagre algum, seja qual for (divino ou diabólico), que vá de encontro às leis naturais estabelecidas desde eternidades sem conta, admitindo, porém (como é perfeitamente científico *admiti-lo*), que a palavra “evolução” fale por si só, se no físico nos temos gradualmente elevado desde as camadas mais inferiores de nosso Globo até alcançar as alturas em que hoje nos encontramos, racional é pensar que o homem atual não tenha ainda desenvolvido a plenitude dos seus poderes”, etc. ⁴

“Joãosinho e Anita” perdidos na floresta. O mesmo, quanto ao castelo fantástico da “Bela Adormecida no Bosque”, através das suas várias interpretações, inclusive a do próprio Ego “adormecido” no seio de cada homem, à espera do “príncipe” ou aquele que vem desencantar a princesa “adormecida” e toda a sua corte, isto é, “a Alma Humana, por esforços próprios, procurando despertar pelo Espírito ou Eu Superior”, senão, o verdadeiro sentido da fábula mitológica de “Psiqué em busca de seu Bem-Amado (Alma e Espírito); do mesmo modo quanto a Prometeu (da Tragédia de Ésquilo) à espera do Epimeteu libertador. E até, “da fusão de Fohat com Kundalini”, que é o fenômeno ocultista clássico da... “união do Espírito com a Matéria”, senão, do *despertar* da força Kundalini... *adormecida* no *chakra* (ou centro de força) *raiz*, isto é, Muladhâra, situado no “coccix” (de origem sânscrita ou procedente do mesmo termo: *chakra*); como ainda, de *coche*, *carro*, *concha*, etc., dentro do qual existe alguém ou alguma coisa; no último, por exemplo, a ostra e a seguir, a “pérola”, simbólico de “corpo físico, astral ou anímico e espiritual ou divino”. – *Nota do tradutor.*

⁴ Para o tibetano ilustre, cada fenômeno (*Rig*) é o “efeito”, karma ou “descendência” de uma causa a que denominam de *gyan*, sendo

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

bastante curioso que tal palavra figura nas *Mil e Uma Noites* persis, como a raiz do nome de certa princesa maga: *Gyan-jara*. Porém, dentro da escala *generativa* com que sempre os fenômenos derivam de *duas* causas (que são como seu “pai” e sua “mãe”, tal como na

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

A teoria exposta pela mais alta autoridade do Lamaísmo oficial (o Dalai-lama), é idêntica à que se encontra nas obras búdicas *maha-janistas* ou do “Grande Caminho”. Dez espécies de criações mágicas se acham ali enumeradas como podendo ser produzidas pelos Bodisatvas ou Seres do grau imediatamente abaixo do do Buda. Razão porque, o que foi dito a respeito do modo por que um Buda pode produzir formas mágicas, aplica-se a qualquer outro ser humano, divino ou infernal. Não existe, senão, uma diferença no grau de poder, que é unicamente da força de concentração da mente, e também, da qualidade ou grau evolutivo da própria mente que procura agir ou criar.

“Os *tulkus* de personalidades místicas coexistem com o seu criador e até acontecendo que os dois sejam venerados em separado, é prova clara de que os tibetanos não acreditam que a personagem divina ou de qualquer outra classe esteja completamente encarnada no *tulku*. Assim, enquanto que o *Dalai-lama* – que é o “*tulku*” de *Tchen-resigs*, habita em Lhassa, *Tchen-resigs*... reside (melhor dito, “permanece”...) em *Nankai-Potala*, uma ilhota da costa chinesa... E Eupagmed, ou antes, Rimpotchê, cujo *tulku* é o *Trachi-Lama*, habita, por sua vez, no “Paraíso Ocidental ou Nub-Dewatchen” (melhor dito, em Shamballah, Agarta, etc., dizemos nós...), enquanto aquele se acha em seu Retiro Privado de *Jigat-sé* (ou *Tjigad-jé*...), como todo mundo o sabe. Exemplos dessa natureza aparecem ainda nas lendas tibetanas relativas ao rei Srong-batan-grampo, o chefe guerreiro Guesar de Ling e outros personagens (inclusive o próprio *Ackdorge*, dizemos nós, senão, o *Rei do Mundo*, etc., que tendo sido vistos em diversos lugares, no entanto, vivem permanentemente no “País do Ocidente” ou Shamballah... etc.). Em nossos próprios dias, continua David Neel, é voz corrente no Tibete que, quando o Trachi-Lama teve de fugir de *Jigatsé*, deixou em seu lugar um “fantasma” perfeitamente idêntico, o qual iludiu a quantos conviviam anteriormente com ele. Logo que o grande Lama alcançou o outro lado da fronteira, o fantasma desapareceu...

No *folclore* ocidental existem inúmeros fenômenos dessa natureza, cuja racional explicação se acha na complexíssima doutrina dos *tulkus*, desde aquele conto de “Branca-Flor”, por exemplo, que o “ogro” (“monstro imaginário que comia gente...”) responde por ela, no momento de sua fuga com o bem-amado, até os casos de *bi-corporeidade*, como o de Apolônio de Tiana, quando vê à distância o lugar da destruição de Jerusalém, ou como o de Antônio de Pádua e outros santos se desdobrando, como o fazem, também, alguns dos verdadeiros “médiums”, pouco importa se inconscientemente ou *mesmerizados*, *hipnotizados*, etc., já por seres do Astral, já pela própria assistência, ou por uma auto-sugestão mui natural na “magia” provocada pelo ambiente: a simples mesa

execução de um trecho musical, por exemplo, onde o “pai”, “o espírito produtor” é o músico e a “mãe” o instrumento através do qual aquele “espírito” – antes latente – se manifesta de modo ostensivo ou radiante), existe toda uma inacabada “escala ascendente” de causas, verdadeira “árvore genealógica do fenômeno ou efeito em questão, a que os tibetanos denominam de *chhugs* ou *risal* (de *rishi*, antepassado originário ou primitivo, também chamado “Ava” entre povos mais ocidentais). A necessária concentração para produzir qualquer fenômeno mágico, produz ondas de psíquica energia mui superiores, provavelmente, às nossas novíssimas “ondas hertzianas”, por onde o espírito tomando por intermediária (ou *tulku*) a alma, mente ou *verbo*, age sobre seu próprio ou outro qualquer corpo...

Daí certos objetos ou instrumentos usados no mesmo Tibete, sem falar nos talismãs ou amuletos de uso constante. “Tais objetos podem ser carregados à maneira de um acumulador elétrico, capaz de tornar refletida a referida energia, comunicando, por sua vez, a vitalidade, intrepidez, perversidade ou qualquer outra vibração psíquica; donde o eterno uso desses *amuletos*, pílulas magnetizadas, água benta, encantos, enfim, de toda espécie. Acontece, porém, que em um estado posterior de mais intensa ou *consciente* carga, o objeto já pode desenvolver uma vitalidade aparentemente sua, como as que adquirem em certas cerimônias ritualísticas do *janaísmo*, os próprios *tormas*; os “pães de propinação” (hebreus), as “hóstias” consagradas cristãs; por *verdadeiros santos* “passarinhos de barro ou de madeira”, que o Evangelho apócrifo intitulado “A Infância de Jesus”, conta ele – com grande admiração dos outros seus companheiros de infância – produzia milagres. Do mesmo modo que, o dos *ngags-pas*, ou maleficiadores do próximo (Veja-se em nossas *Páginas oculistas e contos macabros*, o que tem por título: *Assassinato à distância*). E o dos “dúpos” ou fantasmas necromantes, empregados pelos feiticeiros (ou magos negros) em toda e qualquer história, para causar mal, sem aparente responsabilidade, a uma vítima (quase sempre à distância) que, debaixo de sua ação ou sugestão... chega ao suicídio, se tão fraco ou débil lhe faz chegar o fantasma. Mas, em caso contrário, “o choque de retorno” (ou “feitiço contra o feiticeiro”, do velho adágio popular) se a vítima se torna superior ao seu inimigo. Quando, finalmente, a energia de concentração mental e volitiva chega ao máximo grau requerido pela lei natural que rege o fenômeno, encontramos-nos com a projeção do duplo à distância, embora que, *personalidade*, equivalente à do *tulku*. Tanto para a Magia Branca ou do *Bon*, como para a Magia negra do *Feiticeiro*, a iniciação adequada não consiste na comunicação de uma doutrina, *palavra* ou segredo, mas na transmissão do poder mágico do Mestre para o discípulo, cujo

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

poder se denomina de *Angkur*, através de – “comunicações”, “cura de Almas”, ou “delegação de poderes”, embora tal carga (karmica) volva imediatamente carregada de *astralidades* (ou de forças astrais, etc.), ao próprio transmissor. – *Nota do autor e do tradutor.*

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

em torno da qual se acham “sujets, pacientes ou passivos” e os que dirigem a sessão, qual outrora a “mesa de Mesmer”, em torno da qual ficavam os doentes ligados uns aos outros... Sem falar, nos inúmeros casos apontados pelo Coronel de Rochas em suas múltiplas experiências...

Porém, as criações mágicas “dos Bodisatvas” são de muito maior amplitude vital, digamos assim, como capazes de “receber uma vida real” infundida por seu próprio Criador. *Kriya-shakti* é, em sânscrito, o mágico poder do Pensamento, que permite ao yogui produzir tais ou quais efeitos à distância, valendo-se da própria energia assim desenvolvida pela Yoga ou concentração. “Os antigos”, diz H. P. B., “afirmavam que qualquer idéia ao manifestar-se externamente pela concentração da atenção e da força de vontade podiam produzir resultados físicos”. E a tal poder volitivo se propôs chamar de *Ichchchshakti*... A imaginação juntamente com a força de vontade são, com efeito, a chave da Magia. Porém, a todos esses poderes, para não ocasionar vítimas, isto é, aos que os praticam inconscientemente, os lamaístas dão uma iniciação preparatória, além de exigirem a mais pura conduta, a filosofia e a metafísica ensinadas na escola de *Gynd* (de “jin ou Jina”); o ritual, a magia e a astrologia, na escola *Men* (ou “mentalista”); as Escrituras sagradas (ou História) e as regras monásticas, na escola de *Do* (ou “Od”, a Luz, etc.) e a gramática, aritmética e demais ciências, em lições particulares dadas pelo lama ou mestre ao *trapa* ou aluno, segundo já explicamos.

“As personalidades anteriormente mencionadas, continua David-Neel, são todas elas *tulkus*, porém, segundo os lamaístas, semelhante circunstância não obsta a produção de formas mágicas. Estas provêm umas das outras e existem denominações especiais para todas elas, desde o primeiro e segundo graus até os sucessivos. Para os ocidentais tudo isso é difícil de compreender, principalmente, se não o *adoçarmos* com lógicas considerações. Como dizem os tibetanos, “cada homem é potencialmente um *tulku*”; ou como os “espíritas”, salvaguardando as distâncias (entre estes e os que ensinam tais coisas no Tibete...) “todo homem é médium”, embora que, para o verdadeiro Teósofo, como para os orientais cultos, o Adepto (*tulku*) é o contrário do *médium* (*pao*, *pamo*), pois que, enquanto o primeiro domina conscientemente, como soberano, as forças produtoras, o outro é um simples brinquedo inconsciente e vítima sua, como ensinam unanimemente os *kha-gynd-karmas* (“homens conhecedores das causas operadoras do Karma”). Razão pela qual o Budismo ortodoxo proíbe desde logo àquele que há de ser um *tulku*, todo rito religioso corrente, para que a iluminação espiritual (à parte o pleonasma), que só pode ser obtida pelo estudo e o esforço da mente, não seja prejudicada. E todos os rituais para curar, produzir bens, guiar post-mortem as almas no bardo ou “mundo astral”, etc., verdadeiras armas de “dois gumes” do mais perigoso manejo...

“Acontece, portanto, que um mesmo „defunto” se multiplique em diversos e simultâneos *tulkus*, além de oficialmente reconhecidos. (Foi assim talvez que o Dalai-lama, post-mortem, dizemos nós, profligou a conduta dos lamas do Potala, querendo arranjar um outro sucessor seu, quando a própria Lei já não o permitia, por ser ele o último...). Por outro lado, certos lamas passam a ser, por sua vez, *tulkus* de outros personagens. Assim, não só é, repetimos, o Trachi-lama, o *tulku* de Eupamed, senão o de *Subhuti*, discípulo do Buda, ou mesmo *Rimpotché*; como o Dalai-lama, avatara do místico *Tchen-rezigs* e ao mesmo tempo, de *Gedundup*, discípulo e sucessor do reformador Tsong-kapa. Interessante é, ainda, recordar que a seita dos *docetas* no cristianismo primitivo, considerava ao próprio Jesus como um *tulku*. E seus partidários sustentavam que o Jesus crucificado não fôra um personagem natural, mas um fantasma criado por entidade espiritual para representar semelhante papel, de cuja opinião compartilham

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

certos budistas, a respeito de seu Buda ⁵. Segundo estes, o Buda jamais abandonou seu Paraíso Tuchita, limitando-se a criar um fantasma de si próprio, que foi o que apareceu na Índia, sob a figura de Gotama, o Buda histórico”.

Em resumo, o *tulku* é a “projeção”, “emanação” ou “sombra” transitória, neste mundo, de entidades de categoria imediatamente superior. Como tudo na Natureza é *tulku* de algo “deífico”, que se acha sempre por cima: o homem, do Jina; o animal, do homem; a planta, do animal e a pedra ou mineral, da planta...

O assunto, como se vê, merece maior atenção, como é aquela que lhe vamos dispensar nas humildes linhas que se seguem, senão, em capítulos todos eles dedicados a tal estudo.

REENCARNAÇÃO, METEMPSICOSE E HIPÓSTASE OU TULKUISMO

Para o cético positivismo que, à guisa de verdadeira ciência, usamos aqui no Ocidente, outra vida não há, senão, esta nossa vida física ou corrente, onde tudo se acaba, por isso que, reduzindo a “zero” todos os humanos esforços... Assim, não é dele de que nos vamos ocupar, nem das interesseiras religiões ocidentais, no seu aniquilamento estéril, ou melhor, que prefere simplificar todos aqueles esforços, numa anti-científica e filosófica teoria de premiar (com o céu), retardar a evolução *post-mortem* (com o “purgatório”) e castigar com penas eternas (no inferno), o que a própria Divindade *criou*, ou antes, *projetou* de si mesma) – como uma infinidade imensa de “tulkus” (seus) através de várias etapas evolucionais ou categorias...

Contrariamente, as religiões orientais ou as mais próximas da Verdade (Teosofia, Sanatana-Dharma, Gupta-Vidya, Brahma-Vidya, Doutrina Secreta, Sabedoria Iniciática das Idades, Religião do *Bon*, se o quiserem, etc., etc., dizemos nós) pois que delas saíram, como pobres ramos desfolhados e carcomidos, aquelas que ousam renegar o próprio sangue ou vida que lhes corre nas veias, são todas elas unânimes em afirmar uma vida futura e ainda, se elevarmos um pouco o véu de seu exoterismo, a de passadas, de que é uma simples encarnação a presente vida física, segundo a frase de Kardek, de que, “o berço tem seu ontem e o sepulcro, seu amanhã”, com direito a mais amplo critério, que é o início de uma mui lógica e científica concepção.

Porém, nós outros, Teósofos, não nos podemos contentar com as vagas linhas de evolução, esboçadas, mui superficialmente, em semelhantes doutrinas, mas sim, desenvolver a análise e a crítica filosóficas que desde logo se apresentam diante de nós como a doutrina pitagórica da *Metempsicose*.

⁵ É o mesmo “corpo pneumático” dos gnósticos, de cuja teoria se serviu Roustaing, como o Lutero ou Calvino do Espiritismo, para contrariar Kardek, o qual, por sua vez, copiou as suas (teorias), conforme já explicamos, em outros números atrasados desta revista, do Agruchaga e outros livros indianos que tratam do assunto. Para admirar, sim, que nenhum dos dois, e mesmo, os mais elevados Espíritos de suas sessões, saibam que não houve nenhum Ser chamado Jesus, e muito menos, que tivesse o fim que lhe dá a Bíblia. Diversos os que têm encontrado tradições de passagem de “Isshos no norte da Índia e no Tibete”, sendo que, o mesmo Nicolas Roerich, em sua obra “El Corazon de Asia”, aponta até o lugar, onde se diz estar a sua sepultura; sem falar, na Fraternidade donde o mesmo saiu (como Adepto budista que era) e para onde voltou, quando foi perseguido. E cuja assombrosa notícia para o mundo (por meio de telegramas, etc., como se pode ver em jornais da época, mesmo em nosso País), foi contestada pelo Vaticano, além do mais, porque isso faria ruir por terra toda essa lenda conhecida, do Novo Testamento, de que se servem os próprios “espíritos”, conhecedores apenas das 4 ou 5 obras que Kardek ofereceu ao mundo; lenda essa confirmada pelos “pseudo Espíritos Superiores”, que deveriam conhecer melhor semelhantes verdades.

O próprio papa Bonifácio VIII afirmava que “os evangelhos ensinam mais mentiras do que verdades; que a prenhez da Virgem era absurda; a encarnação do Cristo ridícula e a transubstanciação, uma tolice”. Acrescentando: “que as religiões foram criadas por sacerdotes ambiciosos, à fim de enganar os homens e que eram *incalculáveis as somas de dinheiro* que a FÁBULA DO CRISTO havia produzido à Igreja”. Paulo III, por sua vez, que “Cristo era o Sol adorado pela seita mitrica e que Deus era o mesmíssimo Júpiter-Amom

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

dos pagãos”. E assim por diante. (Vide “Os crimes dos Papas”, de Lachatre. “La religion”, de Barreta. “História de luta entre a Ciência e Teologia”, de André Dickens. “História intelectual da Europa” e “Os conflitos da Ciência com a Religião”, de Draper. “Roma perante o século”, de Carlos von Koseritz. E, acima de tudo, “Le Mythe de Jesus”, de Arthur Drews). – *Nota do tradutor.*

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

Com efeito, se “nada se perde nem se cria na Natureza”, mas que “tudo se transforma” em um perpétuo futuro (*porvenir* ou *porvir*), lógico é pensar em que as passionais atividades de nossa Mente criam “torvelinhos astrais” (*Kama-manas*), os quais tendem logo a se encarnar, ou o mesmo que dizer, “a encarnação de nossas próprias idéias”. (Razão, dizemos, de nossas *proteções* ou *perseguições* invisíveis, segundo as nossas próprias *tendências*, se para o Bem ou para o Mal).

Assim, enquanto o Ego humano segue sua sintética evolução de mundo a mundo, as “vidas” que lhe estão subordinadas, como outros tantos *tulkus*, ou “projeções mentais, lutam, por sua vez, à fim de escaparem da coordenadora e suprema ação de sua Vontade ou Consciência, o que acaba por se dar com a morte física, seguindo sua própria evolução, mui distinta e inferior à nossa, isto é, a do seu Criador. Tais *micróbios* (micróbios) ou “pequenas vidas”, como diria Paracelso, constituem o “núcleo psíquico” ou “alma animadora” (à parte o pleonasma), de outras tantas entidades astrais... embora físicas, das quais os animais, as plantas e até as pedras (todos dotados de alma) são uma “Metempsicose” ou manifestação. Quem sabe se não é a razão de todos os animais, especialmente os mamíferos, possuírem como nota típica de seu caráter, algumas das (características) passionais do homem, como por exemplo: a timidez da lebre; a astúcia da raposa; a pachorra do elefante; a ferocidade do leão; a melancólica soturnidade do morcego ou a comodidade egoísta do gato, etc., etc.? São demasiadamente *humanos* os referidos animais superiores, para que a sua *psiques* não esteja ligada com a nossa, já nos termos evolucionais e de progresso específico, como nos diz a biologia ocidental, já nos involucionais ou regressivos (de “queda”, etc.) que parecem proceder de modo de pensar do Oriente! “Não lhe toques” – dizia certa vez, Pitágoras a um de seus companheiros, ao vê-lo bater em um cão, “pois que, em seu grito de dor reconheci a voz de um amigo que já morreu”...⁶

⁶ No capítulo XII já foi narrado um dos casos da crença geral tibetana, à respeito de encarnação de um mau brâmane no corpo de um jumento; algo parecido com o herói do “Asno de Ouro”, de Apuleio. Do mesmo modo que aqueles pobres camelos de Swen-Hedin, mortos como “verdadeiros homens”, nas tremendas regiões do deserto; como ainda o citado por *Brehme* em sua História Natural, de um macaco que morreu “com a serenidade filosófica do melhor dos homens”.

“Em tais casos não nos repugna admitir o fenômeno evolutivo ou a passagem da alma animal à humana, por se encontrar na lógica do progresso, não acontecendo o mesmo com o regressivo da queda do homem na animalidade. Porém, a cada instante não presenciemos casos dessa natureza, isto é, de homens perversos, verdadeiras feras humanas, que desencadeiam, por seu espírito animal, as guerras e outras calamidades? Que maior castigo lhes poderá infligir a Natureza, que o de os obrigar a encarnar como verdadeiras feras, mas privando-as da tremenda recordação dos crimes, que a tal condição os levaram? Preferível, ao menos, o inferno dos teólogos, onde os falsos critérios em uso, “de expiação e de vingança transparecem”...

“O observador”, diz David-Neel, “pode encontrar motivo de estudo examinando a estranha maneira com que a inteligência e santas disposições, desta ou daquela pessoa, parecem perder-se no desenrolar ou sucessão das reencarnações, onde não é raro encontrar a um homem verdadeiramente estúpido, *entronizado* ou erguido no *avatara* de um eminente pensador; como o de ver a um epicureu materialista, reconhecido como a encarnação de um místico, célebre por suas austeridades. A reencarnação dos *tulkus* nada tem que possa chocar a opinião dos que admitem um “ego” que transmigra periodicamente. De acordo com tal crença, cada um de nós é um *tulku*: o “ego” encarnado em nossa forma material presente existiu outrora em outras formas. A única particularidade oferecida pelos *tulkus*, é a de que eles se dizem reencarnações de personalidades notáveis, que algumas vezes se recordam de suas existências anteriores. E que, em determinados casos, são capazes de escolher e fazer saber aos seus futuros pais, o lugar e circunstâncias em que terão de renascer... Entretanto, certos lamas acham considerável diferença entre a reencarnação do comum dos homens e a dos que se acham espiritualmente iluminados. Aqueles que jamais praticaram aprendizagem espiritual ou mental; que vivem como animais, cedendo inconscientemente aos seus impulsos, podem ser comparados a um homem que vive às cegas, ou sem destino certo. Mudando, assim, continuamente de direção a sua vida, como loucos, jamais alcançarão um verdadeiro objetivo. Surpreendê-los-á a morte no decorrer de suas desvairadas peregrinações, do mesmo modo que as forças antagônicas nascidas de suas desordenadas atividades, serão finalmente dispersas. A quantidade necessária de energia para a continuação de uma mesma corrente, não se tendo produzido, não pode dar *tulku*. lugar à formação de um Pelo contrário, o homem esclarecido é comparável a um viajante que tem certeza do lugar para onde quer ir e bem informado se acha acerca da sua posição geográfica, como dos caminhos que ao mesmo conduzem. Concentrando persistentemente o espírito no seu papel; cego e surdo às miragens e tentações que o assaltam no decorrer de sua viagem, nada o pode desviar. Semelhante homem sabe canalizar as forças geradas por sua atividade psíquica e concentração de pensamento. A morte pode destruir seu corpo durante a viagem, porém, a energia psíquica de que o corpo foi, por sua vez, o criador e o instrumento, permanece perfeita. Prosseguindo no mesmo objetivo, acabará ela por se prover de um novo instrumento material, isto é, de uma nova forma, que é um *tulku*.”

Ao chegar a este ponto, nos encontramos em diferentes caminhos. Certos lamas acreditam que a energia sutil, que subsiste depois da morte daquele que a engendrou, ou antes, que a alimentou, se já for um *tulku* pertencente a uma linha de encarnações, atrai para ela e agrupa em seu redor, elementos simpáticos e chega assim a ser o núcleo de uma nova entidade. Outros sustentam que o agrupamento de forças desencarnadas se une a um ser já existente e cujas disposições psíquicas e mentais, adquiridas em vidas anteriores, permitem ligação ou união harmoniosa. Podendo juntar-se que, qualquer das mencionadas teorias se enquadra bem com o

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

grande número de lendas tibetanas, em que seus respectivos heróis determinam, por um ato de sua vontade, o caráter de seu futuro *avatara*.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

O “magnetismo animal”, tão em voga entre os homens da Revolução Francesa, consulentes da “cuvette” de Mesmer e dos assistentes das reuniões espíritas dos êmulos de Cagliostro (o verdadeiro, ou seu *tulku*, perguntamos nós?...), é denominado *Gina* ou *Jina* entre os chineses. E isso por uma razão de pura metempsicose: a de toda força psíquica capaz de produzir fenômenos superiores aos de cada indivíduo, provém do “Jina ou ser superior”, que ao mesmo preside e de quem não é, senão, uma “projeção”, “derivação” ou *tulku* (envoltura ou veste psíquica)...

Claro é que existem *tulkus* por antonomásia e estes são homens, por qualquer conceito, distintos, isto é, que podem receber a honra de ser cobiçados, temporal ou permanentemente, por um “Ser Superior ou Jina”.

Embora que o Budismo original negue a existência de uma alma permanente, que transmigra e até considere a esta teoria, como o mais pernicioso dos erros, diz David-Neel, a grande maioria dos budistas caiu na velha crença dos hindus, quando ao Jiva ou “Ego que é, periodicamente, obrigado a abandonar seu corpo já gasto, para um outro novo, tal como fazemos com uma veste bastante usada, trocando-a por outra”.

Quando o *tulku* é considerado como a encarnação de um deus ou de alguma personalidade mística, que com ele coexiste... a teoria do “Ego” mudando sua vestidura carnal, não pode servir para explicar a natureza do fenômeno... Porém, a opinião da maioria do povo tibetano não chega a tanto, pois na prática, todos os *tulkus*, mesmo os de seres super-humanos, são considerados como a reencarnação de seu antecessor.

O antecessor de uma linha de *tulkus* é chamado *Ku-kong-ma* e embora que isso não seja condição essencial, pertence à ordem religiosa. Entre as exceções desta regra, podem ser citadas as do Pai e da Mãe do reformador Tsong-kapa, pois que ambos possuem seus postos no mosteiro de *Kum-bum*. Ao lama considerado como a encarnação do pai de Tsong-kapa se lhe denomina de *Aghia-Tsang*, pois é o senhor e proprietário nominal do mosteiro. Quando eu vivia em Kum-bum ele era um jovem de uns dez anos. A mãe do reformador encarna-se num outro pequeno, que é o lama de *Tchangsa-Tsang*. Em casos semelhantes, os *tulkus* de laicos, com raras exceções, acham-se incorporados ao clero.

Existem também religiosas *tulkus* de santas ou de deusas. Particularidade notável sobre o caso, é de, embora vivendo elas em ermidas, serem *abadessas* de mosteiros de homens e não de mulheres, o que não as obriga, senão, a ocupar o trono abacial nos ofícios solenes. Fora disso, vivem elas em seus palácios particulares, com seus servos laicos e religiosos. A administração efetiva de todos os mosteiros, seja qual for o seu nominal senhor, é confiada a funcionários eleitos pelos monges.

À parte os funcionários efetivos que exercem autoridade nos mosteiros, cujos bens temporais administram, o clero tibetano possui uma aristocracia eclesiástica, cujos membros são denominados *lamas tulkus*, a quem os estrangeiros chamam, mui impropriamente, de “budas-vivos”.

Os *tulkus* constituem a raridade mais chocante do lamaísmo e se distinguem, por isso mesmo, de todas as outras seitas budistas. Por um lado, a existência na sociedade tibetana de semelhante aristocracia religiosa, ao lado da nobreza laica e a preponderância da primeira sobre a segunda, é, por sua vez, uma característica do Tibete.

A natureza dos *tulkus* jamais foi corretamente definida pelos escritores ocidentais. E pode-se mesmo afirmar que nunca puderam saber o verdadeiro significado do termo *tulku*.

Não obstante o que acontece à respeito do papel que uma intenção consciente ou inconsciente joga na continuidade de uma linha de *tulkus*, não se deve acreditar que a formação da nova personalidade se efetue arbitrariamente. O determinismo acha-se

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

profundamente enraigado na alma tibetana, inclusive, nos mais selvagens pastores da estepe, para admitir semelhante idéia. – *Nota do autor e do tradutor.*

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

Embora que a existência de *avatars*, de deidades e de outras proeminentes personagens já fosse, desde tempos imemoriais, admitida no Tibete, a aristocracia dos *tulkus* não se desenvolveu na sua forma atual, até 1650. Em tal época, o quinto grande lama da seita dos gelugpas ou “manto amarelo” (chamada dos *Lob-zango-gyatso*), acabava de ser reconhecido como soberano do Tibete, por um príncipe mongol e como tal, reconhecido pelo imperador da China. Não lhe bastavam essas honras, pois o *ambicioso* lama arranhou para si mesmo dignidade mais elevada, fazendo-se passar por uma encarnação ou *tulku* de Tchen-rezigs, alto personagem do Panteon maha-janista. E ao mestre que o havia instruído e lhe testemunhava paternal afeição, o de grande lama do mosteiro de Trachi-lumpo, declarando que tal “mestre” era o *tulku* de *Eupamed*, um Buda místico de quem Tchenrezigs fôra filho espiritual. O exemplo dado pelo “lama-rei” aumentou consideravelmente a criação dos *tulkus* e logo todos os outros mosteiros, por pouco importantes que fossem, fizeram questão da alta honra em possuir à sua frente a encarnação de algum excelso personagem. Não se julgue tampouco que aqueles dois ilustres troncos das linhas dos *tulkus*, como crêem os estrangeiros, sejam de duas linhas *avatáricas* do Buda histórico...

Segundo a crença popular, um *tulku* é, de fato, a reencarnação de um santo ou de um sábio já falecido, ou antes, de um ser não pertencente ao mundo humano: deus, demônio, fada, etc. O número de *tulkus* da primeira categoria é, já está visto, a mais abundante, pois que a segunda não conta senão com alguns raros *avatars* de personagens míticos, tais como o *Dalai-lama*, o *Trachi-lama*, a famosa – *Dordgi-Phagmo* – “encarnação da deusa-porca”, forma sombria feminina (melhor dito, “aspecto feminino”), de um dos *Nirmanakayas negros*... dentro do pouco conhecido mistério dos Dhyans-Chohans ou Espíritos Planetários e suas formas ou reflexos sombrios (os primeiros habitando em “lokas” ou lugares superiores, embora que, manifestando-se na Terra de vários modos... e os segundos, em “talas”, ou lugares inferiores, por sua vez, manifestando-se em “encarnados e desencarnados”, segundo aquele ensinamento de H. P. B. na sua Doutrina Secreta de que... “a Humanidade civilizada por mais cuidadosamente amparada que esteja por seus vigilantes Guardiães, no entanto... sofre a ação maléfica dos Nirmanakayas negros, encarnados e desencarnados, etc”... E tudo isso, de modo mui claro, principalmente para aqueles que sabem ler “através da letra que mata”, o “espírito que vivifica”, quando no Avesta se fala dos *Amescha-Spenda* (ou Spenta) e *Angra-maniús*, equivalentes àquelas duas categorias de Seres, etc. Sendo que, a famosa “deusa-porca” ou Dordgi-Phagmo, a que nos referimos, seguida de uma categoria inferior de certos deuses (pseudo-autóctones), como Peckar, por exemplo, cujos *tulkus* exercem as funções de oráculos, alguns deles oficiais...

Os *tulkus* de deuses, de demônios e de fadas aparecem, sobretudo, como heróis de lendas, embora que, alguns deles, como homens e mulheres, gozem atualmente desse “privilegio” em suas cidades e a sua maior parte como *ngags-pa*, magos ou feiticeiros, fora do clero regular. Em um ou outro lugar encontra-se, enfim, um *tulku* laico, tal como o rei de *Ling*, considerado como a encarnação do filho adotivo do famoso herói *Guesar de Ling*. As mulheres são encarnação de *Kandhormas* ou fadas, podendo, indiferentemente, ser religiosas ou mulheres casadas; acontecendo, porém, que esta última classe de *tulkus* não se tenha colocado ao lado das outras duas, na aristocracia eclesiástica, e até, de supor que possua a sua origem fora do lamaísmo, em antiquíssima religião do Tibete”.

A respeito desses últimos dados, cremos haver algo a retificar: embora que a doutrina dos *tulkus* se fizesse pública em 1650, como diz a autora, é ela essencial e característica da Antiga Sabedoria, porque representa um progresso, um passo a mais na revelação do mistério da vida... que os representados pelas doutrinas da Reencarnação e

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

da metempsicose. A referida doutrina veio a ser, assim, semi-exotérica, graças à grande

reforma de Tsong-Kapa, pois, até chegar a esse reformador, foi ela de ordem “secreta”, pela dificuldade talvez de sua exata compreensão “orgânica” ou “serial”, por parte das mentes não desenvolvidas. E mesmo assim, sujeitou-se a graves abusos, como a própria autora insinua... embora que, possuindo inúmeros e desconcertantes fatos como aqueles que vamos descrever no capítulo seguinte.

XXXII

AS CRIANÇAS TULKUS TIBETANAS E SEUS PRODÍGIOS

O argumento que naturalmente se apresenta contrário às reencarnações, é o de não nos recordarmos de nossas vidas anteriores, embora que nada de bom tivéssemos que recordar de todas elas, sem o que não estaríamos no mundo a sofrer tão amarguradamente...

Porém, é o caso que, no Oriente e, sobretudo, no Tibete, entre os grandes Personagens ou lamas de certa categoria, não raros sejam os casos de “recordação”, alguns deles presenciados pela mesma sra. David-Neel.

Os *jubilghams* lamaístas ou “Budas encarnados” em crianças representam algo mui acima de nossa maneira... ocidental de raciocinar, como se poderá verificar através do que diz a autora de *Místicos e Magos do Tibete*:

“Não obstante as teorias mais ou menos sutis que correm entre os intelectuais tibetanos à respeito dos *tulkus*, estes são considerados, na prática, como efetivas reencarnações de seus antecessores como provam as mesmas cerimônias oficiais de seu reconhecimento. Acontece, frequentemente, que um lama *tulku*, prediga em seu leito de morte a região onde vai renascer, acrescentando muitas vezes os detalhes acerca de seus futuros pais, local onde vai residir, etc. Mais ou menos dois anos depois do seu falecimento é quando os seus empregados começam as buscas sobre a sua nova encarnação. Se o finado lama fez predições concretas sobre o caso, seus antigos auxiliares procuram seguir essas indicações. Com efeito, logo consultam um lama astrólogo e clarividente, que indica, em termos frequentemente obscuros, o país onde se encontra a criança e os sinais do seu reconhecimento. Se se trata de um *tulku* de elevada categoria, é consultado um dos oráculos do Estado, coisa obrigatória quando se trata da reencarnação do Dalai-lama ou do Trachi-lama.

Algumas vezes a criança corresponde à descrição feita pelo adivinho. Em outras, passam-se anos sem que se possa encontrar nenhuma naquelas condições, o que vem a causar grande tristeza entre os fiéis laicos do lama e aos seus próprios monges. Quando uma criança corresponde pouco mais ou menos às condições descritas, é novamente consultado o lama-adivinho e se este se pronuncia a favor do candidato, submete-se tal criança à prova de apresentação de um certo número de objetos pessoais do falecido lama de permeio a outros análogos, para que a criança designe os seus, ou melhor, demonstre reconhecer aquilo que lhe pertenceu na encarnação anterior. Quando são vários os candidatos, numerosas discussões e intrigas têm lugar entre as suas famílias e partidários...

A respeito das crianças-*tulkus*, numerosas histórias correm de um lado a outro do Tibete, provando sua identidade por incidentes da vida passada. Poderia narrar às dezenas tais incidentes onde, além do mais, encontraríamos, no Tibete, a sua mescla habitual de superstições, intrigas, fatos desconcertantes e até, cômicos... Valham, entre

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

eles, estas duas amostras:

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

“Ao lado do palácio do lama *tulku* Pegyar em que eu me encontrava alojada, no mosteiro de Kum-bum, erguia-se a residência de outro *tulku* chamado *Agnai-tsang*. Sete anos haviam transcorrido da morte deste último e sua “encarnação” não tinha ainda sido descoberta, coisa que não parecia afligir ao intendente da casa, cujos próprios bens prosperavam muito mais do que os do finado... Aconteceu, porém, que no decorrer de uma sua viagem comercial, quando entrava em uma granja para beber e repousar e a dona da casa lhe preparava o chá, ao retirar do bolso a sua tabaqueira de jaspe e dela ia se servir, quando uma criança que estava brincando no alpendre o conteve pondo a sua pequenina mão sobre a mesma, dizendo-lhe em tom de repreensão:

- “Por que te utilizas da minha tabaqueira?”

O intendente ficou como se ferido por um raio, pois que, em verdade, a preciosa tabaqueira não lhe pertencia, e sim, ao seu falecido amo *Agnai-Tsang*. Não tinha o propósito de se apropriar da mesma, porém, dela se servia mui naturalmente. Pasma, trêmulo e a olhar para o pequeno, mais assombrado ficou quando este o fixando severamente lhe diz:

- Devolva-ma imediatamente; é minha.

Invadido pelo remorso, aterrorizado e confuso, o supersticioso administrador atirou-se de joelhos aos pés do mestre encarnado. Alguns dias mais tarde a criança era levada com grande pompa à sua moradia, trazendo ricas vestes de seda amarela e cavalgando negro cavalo, cuja brida era sustida pelo intendente, que ia a pé... Quando o cortejo chegou ao palácio, o jovem observou:

- Por que havemos de voltar para a esquerda se para chegar ao pátio a porta fica à direita?

A observação era exata. Por qualquer motivo a porta, que outrora se encontrava daquele lado, fora entaipada depois da morte do lama e outra aberta em seu lugar, do lado contrário. Os monges ficaram pasmos diante dessa nova prova de autenticidade de seu lama, o qual foi em seguida conduzido ao seu apartamento privado, no que logo lhe foi servido o chá. A criança sentada em uma alta pilha de ricas almofadas, reparou na escudela de jaspe repousando em encarnado prato e de tampa ornada de turquesas, que se achava à sua frente.

- Dai-me a outra escudela de porcelana – ordenou, descrevendo ao mesmo tempo, uma de porcelana da China, com todos os enfeites que a adornavam.

Porém, ninguém havia visto semelhante escudela. O administrador e os monges se esforçavam em vão por convencer ao jovem lama de que jamais aquela peça havia existido no palácio. Em tal instante, válida de minhas boas relações com o administrador, entrei na estância, por já conhecer a história da tabaqueira e desejosa de observar, por mim mesma, o meu estranho vizinho, a quem ofereci, segundo o costume, uma mantilha de seda e outros presentes. O jovem os recebeu com um sorriso de gratidão, porém, continuava preocupado com o assunto da escudela:

- Procurai melhor e a encontrareis, assegurava ele em tom de convicção do que dizia.

De repente, como se um relâmpago fulgurasse em sua mente, ajuntou vários informes acerca de uma grande arca pintada de determinada cor e colocada em outro lugar, num apartamento onde eram guardados os objetos que raramente usava outrora. Os monges me haviam informado acerca do que acontecia e permaneci na câmara do *tulku*, desejosa de ver como acabaria tudo aquilo. Meia hora mais tarde a escudela em questão, com seu prato inferior e tampa, era trazida em uma caixa que se encontrava no fundo da arca descrita pelo pequeno.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

– Eu ignorava por completo a existência de semelhante taça, assegurou-me mais tarde o intendente.

O próprio lama ou meu antecessor, foi com certeza, quem a guardou no cofre, onde não havia nenhum outro objeto de valor, além de não ter sido aberta durante todo aquele tempo.

Fui ainda testemunha da descoberta de um *tulku* em circunstâncias tão fantásticas quanto as do precedente. O acontecimento teve lugar em uma pequena aldeia não longe de Ansi, no Gobi. Inúmeros caminhos que vão da Mongólia ao Tibete atravessam nesta comarca o infundável que se estende de Pequim à Rússia, atravessando todo um continente. Ao aproximar-me do albergue, tive o desgosto de ver chegar, ao por do sol, uma caravana mongol, cujos indivíduos pareciam excitadíssimos, como se algo mui extraordinário acabasse de acontecer. Entretanto, pela sua habitual cortesia, acrescida de nossos hábitos religiosos lamaístas, cederam-nos e à nossa gente, um pequeno apartamento e lugar na quadra para os nossos animais.

Enquanto eu e meu filho adotivo Yongdem nos entretínhamos a contemplar os camelos enfileirados no pátio, a porta de uma das câmaras se abriu e um jovem de alta estatura e fisionomia agradável, porém pobremente vestido, detendo-se no umbral, procurou saber se éramos tibetanos, ao que respondemos afirmativamente. Então um lama já de idade, em quem por seu aspecto adivinhamos o chefe da caravana, mostrou-se por trás do jovem e começou a falar em tibetano.

Como sói acontecer em encontros desse gênero, encetamos uma conversa relativa ao país donde vínhamos e para onde pensávamos nos dirigir. O lama, por sua parte, informou-nos de que projetavam ir a *Lhasa*, por *Sutchu* e pelo caminho apropriado ao inverno; porém, que semelhante viagem era já inútil e pensavam volver à Mongólia. Os empregados ocupados no pátio mostravam seu assentimento com um movimento de cabeça. Eu perguntava a mim mesmo, que teria acontecido para tal mudança brusca de direções, não julgando, porém, acertado seguir o lama que se retirava para sua habitação e, muito menos, de o interrogar à respeito. Entretanto, mais tarde na vigília, quando se haviam informado, por nossos empregados, quem éramos, os mongóis nos convidaram a beber chá (té) com eles e nos relataram a sua história:

“O guapo mancebo havia nascido na longínqua província de *Ngari* ao S. O. do Tibete. Parecia um tanto visionário, tal como o julgaríamos aos ocidentais; porém, não devemos esquecer que estávamos em pleno coração da Ásia... Logo na sua primeira juventude, Migyur, que tal era seu nome, tornara-se obcecado com uma idéia estranha de que „ele não era o que parecia ser“. Sentia-se estrangeiro em sua aldeia, do mesmo modo que em sua própria família... Contemplava em seus sonhos, paisagens que não existiam em *Ngari*: arenosas soledades; tendas redondas de pelo de animal e um pequeno mosteiro sobre uma colina... Mesmo acordado, as visões continuavam, sobrepondo-se aos reais objetos que o cercavam, envolvendo-o em perpétua „miragem“. Não contava ele ainda quatorze anos quando fugiu de sua casa, não podendo resistir ao íntimo desejo de alcançar a realidade de suas visões. Depois disso tinha vivido como vagabundo, ora trabalhando, ora mendigando, errante e sem poder dominar seu anelo, nem fixar-se em nenhuma parte. Ultimamente vinha de *Aric* ao norte do herbáceo deserto tibetano. Caminhando em sentido contrário e aparentemente, sem objetivo algum, havia chegado algumas horas antes aquela caravana. Apercebeu ele os camelos no pátio, transpôs a soleira da porta e sem saber da razão, encontrou-se em frente do velho lama... E então, com a rapidez do próprio raio, tudo se aclarou na sua mente à respeito do passado: viu ao mesmo ancião lama como um jovem discípulo seu e a si mesmo, como uma lama idoso, viajando ambos nesse mesmo caminho, de regresso de longa peregrinação aos santos

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

lugares do Tibete e voltando com ele ao mosteiro situado sobre a colina. Tudo isso foi

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

relatando o jovem ao chefe da caravana, com minuciosos detalhes sobre a sua vida em longínquo mosteiro e mil outras particularidades. E como essa viagem dos mongóis não visasse outra coisa, senão rogar ao Dalai-lama que lhes indicasse o meio de descobrir o *tulku* senhor de seu mosteiro, cujo estava vago já há vinte anos, não obstante os esforços que se empregavam para ser descoberta semelhante encarnação. Aquelas supersticiosas gentes não estavam longe de crer, que por motivo de sua onisciência, o Dalai-lama pudesse adivinhar sua intenção... e a imensa misericórdia daquele havia provocado o encontro da piedosa caravana com seu lama encarnado. O vagabundo de *Ngari* havia sofrido imediatamente a prova habitual, retirando de um saco sem erro nem excitação, diversos objetos pertencentes ao falecido lama, previamente misturados com outros semelhantes. Nenhuma dúvida, pois, existia para os mongóis à respeito da autenticidade de seu encontrado *tulku* e na manhã seguinte pude contemplar como se afastava a caravana ao passo lento de seus enormes camelos, desaparecendo no horizonte, nas imensas solidões do deserto de Gobi... Com ela caminhava para seus novos destinos, o jovem *tulku*...

Embora que o cético, em vista deste e de outros surpreendentes casos de *tulkuismo*, não se atreva a sorrir, pelo menos poderá formular a seguinte pergunta: “Por que semelhantes casos não se dão no Ocidente?”, observação que não deixa de possuir uma aparente oportunidade.¹

Para nós, não é que “se não apresentem tais casos”, mas, simplesmente, porque nem sempre são trazidos à luz do dia, ou melhor, ao conhecimento do mundo.

Acontece que o jovem da narração acima, qual “Patinho feio” da fábula de Andersen, nasce em um meio que não é o seu, por não ser “pato”, mas, “cisne”... E que, sem saber da razão oculta ou interna de seus padecimentos, lança-se a tão ingrata aventura, acabando por sabe-lo, isto é, por se ter encontrado com outros “cisnes”... ou seja, o *lama* das gentes mongóis, que vinham não menos, inconscientemente ao seu encontro, caso que se apresenta a cada passo na vida de todos nós, quando em busca de alguém ou de alguma coisa, que nos é cara, acabamos por nos defrontar com elas,

¹ Inúmeros casos dessa natureza no Ocidente. O próprio Cel. De Rochas relata diversos, do mesmo modo que os livros ocultistas, principalmente espíritas, deles estão repletos. Os próprios jornais já enchem as suas páginas, quando sobram para tanto... de casos idênticos. E para não irmos muito longe, o Diretor-Chefe da STB possui uma filha, a quem o mesmo sabia já ter sido outra sua filha, morta há alguns anos (do mesmo modo que fazia ver a todos os seus amigos e parentes que, volveria ela novamente ao astral ou “mundo-jina”, como de fato aconteceu), que dizia para a mãe: “Eu não já morri uma vez e você me cobriu com uma colcha cor de rosa?”. Inútil dizer o assombro da família, ao ouvir pela primeira vez semelhante revelação! Finalmente, quando ia para a mesa, começava a *desmagnetizar* os pratos, dizendo: “...faço isso para afastar as más vibrações da cozinha”... o que fazia sem nunca ter presenciado outra pessoa agir daquela maneira. *Alina* foi o nome dado às duas bondosas e inteligentes criaturinhas, que só veio digamos no singular ao mundo, para fazer sofrer a seus pais, que tanto a queriam, pois da primeira vez desencarnara com poucos meses de idade, e da segunda, com 6 anos e meio...

De um outro sabemos que, com dois anos de idade e menos, já marcava compasso até com o ruído dos veículos que passavam na rua, ou quando a mãe o *ninava*, acompanhando o baloiçar da cadeira sem falar em que, certa vez que o mesmo Diretor-Chefe foi a S. Lourenço (pois ali reside tal criança e é filho de ilustre amigo seu) querendo fazer uma experiência, pôs-se a tocar num harmonium até há bem pouco existente no Governo Supremo da STB., e tal criança, fora do colo materno, começa a marcar compasso, como se fora um maestro dirigindo sua orquestra. E ao finalizar os últimos acordes, seus braços se estendem para os lados, vindo ter ao centro ou se, com imaginária batuta na mão, desse como terminado o trecho musical executado... Por sua vez, na Índia, um Tun-Tyne, por exemplo, que aos cinco anos de idade já fazia pascar aos mais doutos sacerdotes bramânicos e budistas (isso há bem poucos anos) etc., quando subia a uma caixa, banco ou mesmo árvore e começava a pregar sobre os mais complicados problemas filosóficos, conhecidos e desconhecidos, principalmente, *Budismo*. De fato, o pequeno-prodígio de Rangoon, nunca frequentara universidades, nem mesmo escolas primárias (como a um Joe Krishnamurti exigiram seus tutores Besant e Leadbeater, do mesmo modo que não necessitou um Jeoshua, pois “aos 13 anos já discutia com os doutores no templo) inclusive, a de Oxford, para no final de contas, nada ter de importante a dizer ao mundo, a não ser “que não o seguissem, pois não fora ele quem escreveu os livros que deram como seus”, já quem, anteriormente dissolvera a Ordem da Estrela, de que era chefe, ambas as coisas por nós prognosticadas desde o início de nossa Obra ou missão, na esperança de salvar a pobres irmãos imbuídos de idéias fanáticas, que chegaram ao ponto de abandonar a própria Teosofia, seguindo os falsos passos daqueles dois próceres da S. T. de Adyar. Mas, como acontece a todo homem, povo, nação, etc., o “antigo prisioneiro” atira para longe as férreas cadeias com que o manietaram seus referidos tutores, e se apresenta aos olhos do mundo, como um verdadeiro “revoltado”, mesmo porque a idade da razão se lhe aproximava, ou seja, a dos 40 anos. Da mesma Índia procede o seguinte telegrama: Madras, 20 – Acaba-se de descobrir um prodígio matemático de onze anos. Foi trazido a Madras por seu pai, procedente de Madura, capital religiosa da Índia do Sul, onde assombrou a todo mundo, por seu estranho conhecimento das matemáticas superiores. *Raiparayanan*, que assim se chama, foi examinado pelo diretor europeu da Instrução

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

pública, que o qualificou de “Gênio”. Pascal, o filósofo francês, resolvia problemas de Euclides aos doze anos”... E assim termina o telegrama. – *Nota do tradutor.*

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

principalmente, se em nossa busca, numa recíproca mental de desejos ou de vontade... capaz de realizar tamanho fenômeno andam as mesmas. O que deixa de ser “milagre”, conforme já o provamos em outro capítulo... Sem falar no fulgurar instantâneo da chispa reveladora da vocação, que em boa lógica equivale a se sentir *tulku*: o “juro ser Beethoven ou nada”, de Wagner, ao ouvir pela primeira vez a Quinta Sinfonia; o “eu também sou pintor”, do grande renascentista; o profundo e instantâneo movimento de compreensão e de emoção do jovem Pascal, quando se defrontou, qual verdadeiro *tulku*, com a geometria de Euclides que, sem auxílio de nenhum tratado que lhe ensinasse, chegou, pode-se dizer, a redescobri-la sobre as famosas lousas.

Ilustração: foto

Legenda:

“Criança-tulku” tibetana ². Sua expressão fisionômica evidencia que por trás de tão débil compleição oculta-se... mágico excelso poder de outro Ser mais elevado... Note-se a tradicional saudação feita com um artelho do pé direito entre dois do esquerdo, revelando, além do mais, a preponderância do lado solar (direito) sobre o lunar (esquerdo)... “O discípulo deve esmagar ou vencer seu lado lunar”, afirmam todos os livros sagrados. Compreende-se a exigência iniciática (por processos que é de caso falar aqui), tendo à vista que da Lua viemos nós (ronda anterior à atual) e para o sol (a futura) devemos ir. Este sol está representado em outro globo ou planeta, cujo nome não é aquele, mas de “valor solar” para a Terra. Tal mistério é acompanhado de outro da humana evolução, no que diz respeito a “Pitris Barishads” e “Pitris Agnisvatas” (respectivamente, lunares e solares). A expressão histórica do permanente conflito entre os lados solares e lunares no homem acha-se nas ininterruptas batalhas, no campo de “Kurukshetra” (o da vida) entre os lunares e solares, como poética e iniciaticamente constatamos no Bhagavad-Gîta – (O Canto do Senhor ou do Bem-aventurado).

E que para o castigar, por sua “perigosa vocação”, o prendera seu ignorante pai; ou enfim, “a divina loucura” com a qual aquela outra criança chamada João Sebastião Bach, sentiu-se arrastada e compenetrada com os velhos mestres do *firme canto* eclesiástico, de quem vinha assim a ser um real *tulku*. E isso, até o ponto de chegar a copiar as páginas dos livros corais à luz pobre e simples da lua, porque seu pai o proibia de tal coisa, o que acabou por ocasionar mais tarde, a sua cegueira. Mas... que mistério esse dos pais de semelhantes “eleitos”... e que não parecem, senão, colocados pelo Destino no seu caminho, para os acrisolar com a dor e o fogo dos seus maus tratos e resistências às inatas (tendências ou “skhandas”...) qualidades que, como o “oiro dormido do Rheno”, jazem ainda latentes no futuro *tulku*?!?!

Para finalizar: que o leitor se dê ao bondoso trabalho de colher nas biografias de todos os gênios da História, o que de semelhante ou mais trágico acabou de ler nas anteriores linhas. Do mesmo modo que, sem nenhum favor de nossa parte, em todos eles evidenciam-se as características orientais dos *tulkus*.

XXXIII

MAIS SOBRE A DOUTRINA DOS TULKUS

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

² Em 6 de Julho de 1935 nasceu Tenzin Gyatso (o atual Dalai-Lama – 2002) em Taktse, no Tibete. Esta foto pode ser vista na página 49 do número 8, Ano 15, da Revista “Superinteressante” na reportagem “A vida segundo o Dalai”. – *Nota do digitador.*

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

À fim de dar a devida amplitude filosófica à fecunda teoria dos *tulkus*, impõe-se certas sintéticas considerações que para isso nada melhor do que o meditar sobre a Numeração que é a Alma do Cosmos.

Prescindindo da base adotada (binária, ternária, septesimal, decimal, duodecimal, etc.) a grande descoberta da Numeração se baseia na consideração serial e categoremática das unidades das diversas ordens. Toda cifra de cada ordem é o *tulku* da superior e toda unidade superior, o Jina, gênio ou shamano, das inferiores. Seja-nos, pois, permitida semelhante introdução de palavras novas, por não encontrar outras adequadas em nossa linguagem corrente.

Assim, cada cifra numérica possui dois valores: o seu ou “absoluto” e o “relativo”, ou alheio à ordem a que pertence (decimal, centesimal, milesimal), etc. O que traduzido para a linguagem concreta, equivale a dizer que, cada ser (que não é, senão, um *número* na grande síntese cósmica) possui dois valores e duas modalidades psíquicas: sua própria, a de sua missão, a do “eu sou quem sou” (Ego sum qui sum...!), da que é reflexiva, o “cogito, ergo sum”, dos filósofos e a qual corresponde como parte integrante de um superior conjunto (família, povo, nação, e até, como o artista de tal ou qual instrumento no conjunto de tal ou qual orquestra) acontecendo, assim, frequentemente, o caso de um indivíduo forte, valioso, meritíssimo, porém mal colocado ou fora da ordem a que corresponde: um 9, permita-se a comparação, que vale em si mais do que um, porém valendo menos do que este Um, ao qual se pôs no lugar das dezenas, ou se tornou um 10.

Porque a Numeração, que não é senão o símbolo do Anima-mundi platônico, é também, à maneira de uma árvore ou “Árvore das árvores”, cada folha se acha retida em um outro ramo, do qual imediatamente depende; tal ramo e seus congêneres se acham, por sua vez, em um ramo maior. E assim sucessiva e numericamente, até chegar ao tronco, cujo poder mágico de tamanhas considerações é o que dá o seu poder de ação a todo exército, pois que, neste último o general ou quem o dirige, é uma unidade superior (dezena) como outras tantas inferiores unidades para todos os soldados de seu respectivo pelotão. Os oficiais, são pois a unidade superior aos sargentos; a seguir, estes o são aos cabos... e assim por diante, constituindo debaixo de um só comando (o General em chefe) um vasto organismo chamado Exército ou Milícia (da palavra latina equivalente à nossa de “Mil”) cuja característica, de mágica eficácia para a ação, é o que vê multiplicados em seus braços executores, nos de quantos soldados o integralizam submissamente. E reduzida, em troca, a Mente e a Vontade do referido Exército à única mente e vontade do General em chefe, cuja personalidade se vê assim agigantada, eumerizada e como divinizada, até o ponto de muitos destes, na História, depois de vencerem ao inimigo, “com a força bruta ou numérica dos demais”, reclamaram para si sós honras divinas, honras essas que ainda nos tempos modernos o número infinito de néscios que o mundo possui, apressa-se ainda em lhes tributar...

E como o número se aplique à vida, surge poderosa ou tímida a Magia: assim é que o poder avassalador da Companhia de Jesus (hoje transformada em “Sociedade mercantil”... como já é sabido de todos), nos últimos tempos – poder que, felizmente, vai definhando em um presente mais culto do que o passado, tem em sua organização uma Milícia religiosa, isto é, “milícia material de sentimento religioso completamente falsificado”, porque a Verdade resplandece por si mesma, sem necessidade de “esmagadoras” milícias, que além do mais, agem através da Mentira... O poder da Carbonaria maçônica provinha da mesma “organização numérica”.

Outra organização Numeral ou em Milícia é, sem dúvida alguma, a dos céus: as bacias dos rios, verbi-gratia, unificando-se em séries *numerais*, mais ou menos alteradas

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

ou “obliteradas”, sintetizadas em continentes; estes, com os mares que os cercam e a

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

atmosfera que os recobre, constituindo a grande síntese ou Todo do planeta Terra, o qual, por sua vez, entra como simples indivíduo isolado, na grande família dos demais astros obscuros, que em torno do Sol... tão musical ou *concertantemente* giram. E mais do que provável é que esse Sol forme “família” ou ordem numeral de grau superior com outros sóis vizinhos... como todos eles dependam “numericamente” do grande conglomerado galático... irmão gêmeo dos demais conglomerados e nebulosas do cerúleo Firmamento...

Pois bem, os conceitos abstratos de *Jina* e *Tulku* ou de superior e inferior; “motor” e “movido” (melhor dito, maquinista e máquina, “motoreiro e motor”) se dão em todos esses exemplos citados e em quantos outros possamos buscar, porque, a bem dizer, qualquer ato executado pelo inferior (“soldado”, “monge”, “carbonário”, “filho”, etc.) pertence a uma dessas duas classes: o *próprio* e, por conseguinte, imputável a si mesmo (responsabilidade, Karma, auto-determinismo) ou mandato (ordem direta) ou sugerido (ordem indireta) e imputável só ao superior que o ordene ou sugira. Por isso que os Códigos Penais e os juizes encarregados de os aplicar na vida jurídica, procuram muito bem separar uns de outros atos para a aplicação ou não aplicação da responsabilidade, expondo, por um lado, os que são delitos “as ações ou omissões” *voluntárias*, castigadas por Lei (supondo-se voluntária toda ação, enquanto não exista outra em contrário) e por outro lado, estabelecendo os casos de irresponsabilidade por submissão forçada a um Poder Superior (caso dos mentecaptos ou “mens captos”, “colhidos pela mente”, quais míseros *tulkus* do Mal); os alienados ou os “que têm, como todos os *tulkus*, outro amo ou senhor, por isso que, seu *ego* não responsável; os perturbados, enfim, pela ação “tulkuística”¹ de um perturbador ou obcecado... isto é, retirados por este de seu verdadeiro e natural *locus* (loka) ou lugar...

Notifiquemos, ainda, que a numerosos casos, mais ou menos *tulkus*, que pudéramos citar em relação ao Ocidente, figura, por exemplo, os do *tulkuismo* patológico da mediunidade, da hipnose e os das “duplas personalidades” já admitidas por nossa ciência médica, onde a ação do *jina* sobre seu *tulku* em uma maior ou menor liberdade de ação (qual o chefe ao soldado fora dos atos, propriamente ditos militares) assim repetimos: aquela união jamais é permanente, embora que possa durar séculos e encarnações (com vistas ao ensinamento ocultista de H. P. B. quando diz: “toda ação ou direção dos Poderes Superiores sobre o homem, forçosamente há de ser temporal, porque, se não o fosse deixaria a este, irresponsável e sem progresso”). E até o próprio caso de “tulkuismo” ou hipóstase, está regido pelo Karma de cada um, à semelhança do soldado, do monge, etc. que uma vez ao menos, no início de sua carreira, foi livre aceitar ou não aquele seu papel de *tulku*, o qual tampouco é eterno, porquanto, no último período, ou na pior das hipóteses, tem a *morte por limite*.

E já que de Ocultismo falamos, acrescentemos também que a profundíssima teoria dos *tulkus* aclara mais de um conceito ocultista, que os estudantes de Teosofia o tivessem, por mais obscuro que lhes parecesse. Para não citar, senão, um caso, façamos lembrar aquela outra passagem de H. P. B. em seu opúsculo *Ocultismo prático*, onde se

¹ Não encontramos de momento outra melhor palavra para expressar a de “tulku” em ação, como a hipóstasis grega: “colocado sob ou em subordinação” a este ou aquele (caso, pessoa, etc.). Semelhante palavra, além do mais, não abre novos horizontes históricos filosóficos acerca do que poderíamos chamar de “tulkuismo” ou “tulquismo”, no Ocidente, já que a religião cristã considera a Jesus “como a divina Hipóstase da Segunda Pessoa da Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo) ou a terceira, na Trindade (de Pai, Mãe e Filho), dos ofitas, gnósticos e outros pseudo „hereses...” Além de que, Jesus, durante a sua vida terrena, se temos que seguir os Evangelhos, agia algumas vezes por si, “como Filho do Homem” (*tulku*, portanto), e outras, como Deus (*Jina*). E tão adequada é para nós, a palavra “Hipóstase”, como substituta de *tulku*, que ao ser Jesus, para o cristianismo uma *Hipóstase da Divindade*, não longe se acham os tibetanos ao julgá-la, segundo vimos, como o *tulku* de uma Entidade Superior, manifestada através de sua personalidade física. Entidade que (como a Sócrates, o seu “Daemon”) teve de o abandonar na cruz (?), a julgar por suas próprias palavras de “protesto e súplica” – do inferior para o superior: “Elli, Elli (ou *Elias*, *Elias*, a entidade solar “hipostática” ou dirigente, etc.), porque me abandonastes?”, o que além do mais comprova, que tal “hipóstase”, yoga, união, etc. entre o *Jina* e o *tulku* nem sempre é permanente...

A diferença entre a Hipóstase de Jesus para o cristianismo e o fenômeno de “tulku” para o tibetano, se acha a favor da interpretação

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

que preenche, com múltiplos graus intermediários (*tulkus* nos 1, 2, 3, etc.) a imensa distância, ou melhor, a abstrata “não distância”,
que medeia entre a Divindade e o homem... – *Nota do autor e do*

16

O Tibete e a Teosofia

**Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza**

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

nos ensina como procede o Mestre Iniciador ou Guru com o grupo ou “manípulo” de seus *cinco* discípulos eleitos, como símbolo das respectivas “cinco cores sagradas” (ou “Tatvas”, forças sutis da Natureza, dizemos nós, embora que, de fato, os Gurus mais sábios, conforme já dissemos, possuam “sete”, como de fato são essas forças, esotericamente falando; ou antes, um Universo, cujo Sol central é o mesmo Guru...). E aos quais é dever seu harmonizar entre si, “como as cinco cordas da lira clássica”, prova evidente para nós de que a passagem em questão se relaciona extraordinariamente com o infundável assunto de que nos ocupamos neste momento.

A mestra H. P. B., se devemos crer no que dela muito nos contam Olcott e outros biógrafos, a partir da mortal enfermidade que precedeu sua viagem e iniciação na mística tibetana, para logo nos oferecer seus imortais livros, *falou de si como terceira pessoa* e, portanto, *tulku*, em frases como aquela de “este corpo ilusório, velho e apodrecido”, ou aquela outra de “uma velha mulher de 40, 60, 100 anos, que importa”, etc., reveladores ainda mais, de seu caráter de *tulku* e cujos protetores Jinas ou Mestres, segundo parece, não se preocuparam em a abandonar (sem dúvida, como prova... ou algo de mais importância...) às suas própria forças nos últimos anos de sua dolorosa vida.

Toda essa doutrina que vamos desenvolvendo, graças às obras dessas duas mulheres a quem quase plagiamos por dura lei de necessidade filosófica, traça desde logo, verdadeira “Filosofia Universal”, coroadora e enobrecedora da “Anatomia Cósmica”, valha a frase já em voga no Ocidente, com o gigantesco avanço da ciência, sobretudo, da ciência astronômica, fisiológica, à base de uma verdadeira “Chave sexual” (chave que sabemos ser a mais inferior do cósmico mistério), porque a atividade dominadora e como que “fecundadora” do Jina ² sobre seus *tulkus* é “à maneira da do varão” (despida do sexo animal, ou do uso da Magia Negra), com vistas à pura etimologia de *vir*, “varão” e de “vis” força, enquanto que, a atitude passiva ou semi-passiva de cada *tulku* é, de certo modo, receptiva, subordinada, absorvente, algo portanto, *feminina*. Razão ainda porque as doutrinas teosóficas, como as mais puras dos ascetas tibetanos, repelem toda mediunidade como “entrega passiva e cega a Poderes desconhecidos, bons, maus e perversos”; procurando o *tulkismo* ou hipóstase aqui estudado a uma não entrega às cegas, ou passiva, à mística, científica, artística e filial ligação ou união, sem prejuízo algum para o submetido, como *tulku*, entre este último e seu Deus ou *Andro-gino*...

XXXIV

A VIBRAÇÃO DO LOGOS ATRAVÉS DOS JINAS E SEUS TULKUS

Se cada homem mortal e até cada coisa existente no Cosmos, é um *tulku* ou hipóstase de uma Entidade superior a que se acha subordinado por lei serial de “numeração abstrata”, e ainda, se cada naldjorpa ou naldjorna possui um Guru ou Mestre em série... indefinida, o grandioso panorama do Universo, “como organismo vivo”, não é mais do que uma simbólica Árvore, cujas raízes, como a “Árvore norsa” dos escandinavos primitivos e em geral, como todas as demais Árvores semelhantes das outras teogonias

² Embora que a palavra *Jina* por nós tantas vezes empregada, quer neste trabalho, como em outros livros nossos, deva ser considerada como deficiente ou incompleta, *Jina* ou *Gina* é, com efeito, desinência grega feminina, contraposta à masculina “andros”, formando ambas a mais verdadeira e expressiva, que é: “andrógina” (ou andrógino), como a “sexual” característica das teogonias (Hermés, Apolo, os homens da 2ª Raça-Raiz, de acordo com a Doutrina Secreta; os Reis Divinos das 3ª e 4ª Raças, os Reis de Edom, bíblicos) e, em geral, de todas as entidades de nível superior ao da atual Humanidade, como esta mesma no seu início, antes de ser submetida à triste lei dos animais, como se depreende pelos Diálogos platônicos, que nos falam da “dupla sexualidade dos primitivos homens, até que os deuses, *invejosos*, dividiram-nos em duas metades uni-sexuadas e recíprocas”...

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

Para maiores esclarecimentos de quanto foi explanado, vejam nossa obra *Aberraciones psiquicas del sexo*, como crítica às Ciências Secretas, principalmente no que diz respeito às mal empregadas... ou de verdadeiros “magos negros”. – *Nota do autor*.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

se acham dentro do Seio insondável da Divindade abstrata, inefável e incognoscível; enquanto que seus ramos crescem e se dividem, sem cessar, envolvendo assim desde o “infinitamente grande” até o “infinitamente pequeno”.

E ao longo de tais raízes, troncos e ramos, uma só Força Inteligente: a do Logos ou Verbo, fazendo circular, centrífuga e centripetamente a magna vibração da Vida, Vibração em que cada ilusória “realidade vital” não é, senão, o *tulku*, *tatva* ou “invólucro” mágico “de uma parte, grande ou pequena daquela Vibração, como tônica orgânica ou vital dentro de outro organismo superior, ao qual se subordina como a parte no todo”.

Este, e não outro, é o ensinamento universal da Mística, de acordo com a verdadeira etimologia da palavra, ou seja, a de “Mistério”, *Germe* ponto de partida de posteriores “porvires”. Assim, quantos simbolismos traduzem algo dessa relação de “Causa e Efeito”, de “dirigente e dirigido”, de “mestre e discípulo”, de “pai e filho”, etc., deixam transparecer aquela grande verdade de que nos vimos ocupando.

Notáveis são, com efeito, as estâncias do antiquíssimo Poema de Dzyan, que serviu de tema a H. P. B. para a sua maravilhosa obra “A Doutrina Secreta”, que cantam o místico laço existente em cada ser, ou seja, o da Chama e sua Chispa; em cada astro, entre seu *Lha* ou “Espírito” e seu *Vaham* ou “Veículo”, que é a massa material e astral do próprio astro, os Homens solares ou “imortais” (“Dhyanis, Chohans, Kohans, andro-*jinas*, hermes-afroditas, kyritas, etc.) e os homens mortais ou terrenos, com aquelas finalizadoras palavras da mais excelsa veneração, que canta: “Tu és minha Roda (ou ciclo evolutivo) atual – diz a Chama à Chispa; tu és meu *Vaham* ou veículo até o Grande Dia (Nirvana) em que tu em mim e eu em ti seremos a mesma coisa”. Cujo sentido, se se prescinde do falso conceito de um Deus pessoal e de poder “*criador*”, para o de “Emanador” (Projeto, etc.) já apontado por Santo Agostinho, nestas palavras: “creasti nos, domine, ad te; et inquietum est cor nostrum donec requiescat in Te (“para Ti e de Ti emanamos, Senhor, razão por que, nosso coração se acha eternamente inquieto e sequioso até que em Ti repouse”).

Para focalizar melhor, embora que sempre imperfeitamente, essas místicas e inexplicáveis sublimidades, o próprio simbolismo de verdadeiras “coordenadas mentais”, como diria um matemático, contido naquela parábola de “As Seis Direções”, atribuída ao Buda e que pode ser lida em nossa obra “Pelo reino encantado de Maia”, que dela e de outras semelhantes, faz modesto comentário. Com efeito, se o homem saindo de seu cego e absurdo egocentrismo de “um simples ponto sem dimensão espiritual no místico Espaço infinito”, meditar acerca das seis direções, nas que, como simples e efêmero *ponto*, ele mesmo forma a “tríplice cruz” de tais linhas ou as dos pontos cardeais (norte, sul, este, oeste, zênite e nadir, e como “sétimo” ou sintético, ele próprio) verá do lado do norte, na linha norte-sul das gerações físicas, aos seus ascendentes sucessivos (seus *avas*, *jinas* ou *rishis*), e do lado do sul da referida linha meridiana, aos seus respectivos descendentes, seus *nepas*, *tulkus materiais*, etc. Verá, ainda, na linha de este a oeste e do lado do este, aos seus progenitores espirituais, seus Gurus ou Mestres (de quem deve ser um “tulku”, dizemos nós...), e do lado do oeste, a sua descendência espiritual e mental, seus chelas, discípulos, por sua vez, *tulkus* seus... já que ensinando a outros é que o homem pode chegar a Mestre... Do mesmo modo que verá misticamente na 3ª linha ou do Zênite para o nadir (a vertical), passando igualmente às outras por seu próprio e pessoal *ponto*, seu Ideal, sua Missão Superior, sua razão de ser na vida e o Farol final de todas as suas dolorosas “rondas”, “encarnações” ou “peregrinações” pelo mundo da Ilusão; e se olhando ou contemplando para baixo, o nadir, seu “negro”, seu “miserô” e cármico passado, lastro esse que o impede de subir, de erguer seu vôo triunfal para aquele prodigioso Farol do eterno descanso nirvânico. Mas donde acabará despojando-

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

se, feliz, no dia em que, sem egoísmos cegos, vir *em seu próprio ponto*, ao Universo inteiro... e a Este, no seu geométrico *ponto*. Verá, finalmente, ao ter chegado a

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

semelhante Superação de sua própria Consciência ou Ponto, esse Nada-Todo incognoscível, mas que de um modo ou outro, constitui a própria Divindade, que não é, senão, ele mesmo...

O famoso diálogo entre Krishna e Arjuna, ou entre o Mestre e o seu discípulo ou *tulku*, do Bhagavad-Gîta, é outro caso típico na literatura mística oriental da doutrina que vamos desenvolvendo, pois que, digamos, é o “Espírito de Verdade que transmite ao sedento de Luz, essa mesma Luz ou “Vibração da Sabedoria”, que mantém a harmonia do Mundo. E semelhante vibração ou telepatia por veneração própria de tão sagrado laço, acima da superior paternidade física ou da consanguinidade, seja ela qual for, faz seguir em plena liberdade ao discípulo ou *tulku*, a linha reta, por antonomásia, a que se não desvia, quer para um lado, quer para o outro, na esperança de colher as “flores” da Vereda, à guisa dos diversos heróis das *Mil e Uma Noites*. Pois que mesmo depois de morto, sua energia segue, digamos, conscientemente, formando para si próprio, o novo corpo que lhe vai servir na próxima encarnação, como nos ensina David-Neel. À guisa ainda, de psíquico cometa, cujo periélio se achasse junto ao Sol da Verdade e o afélio alcançando as longínquas e mesquinhas solidões da Terra, por isso que vivendo *alternadamente* sobre a superfície terrestre, naquela simbólica *Villa Gaya*, onde a tradição aponta como o lugar onde o Buda alcançou, finalmente, a Iluminação... Ademais seu próprio nome, *Gan* ou *Go-gaya*, etc., o diz, como “futuro pastor ou condutor de *gado*”...

Cada um de nós, além disso, é o *Jina* dirigente de seus próprio pensamentos, que vêm a constituir, tomando vida própria, nos três sucessivos mundos, mental, astral e físico, outros tantos inumeráveis *tulkus* produtores do Bem ou do Mal, em harmonia com o seu respectivo caráter. Por isso que o Ocultismo e a Ética superior dão mais importância ao pensamento que à palavra ou à ação, dele derivadas.

E razão de sermos a cada instante os criadores de nossos próprios destinos, à guisa daquela sentença que diz: “semeia um pensamento e colherás um fato, semeia um feito e terá um hábito; semeia um hábito e formarás um caráter; semeia um caráter e colherás um Destino”. O que bem se poderia chamar, ainda, de ocultística Eucaristia (de *eu* e *karistos*, “prodígio”, senão ainda, “Eu crístico”, que é, a bem dizer, a “superação” final) pela qual o homem, sentindo-se *tulku* de Superior Poder ou melhor dito, de uma série infinita de celestiais e gradativos Poderes, eleva, garbosa e reverentemente acima de sua cabeça a Taça do Sacrifício de sua própria Vida (“Taça eucarística”, dizemos nós...) E tais Poderes descendo sobre tão prodigiosa *Taça* a consagra, tal como na filosofia pagã descia a sagrada inspiração das musas em ígneas chamas diante do poeta ou do músico, para que lhe viessem as sublimes criações que, de certo modo, era ele o próprio criador; do mesmo modo que no sacrifício bramânico, na mais perfeita hipóstase, “sacerdote, altar e vítima”, formavam uma só e mesma coisa... Por sua vez, as três iniciais judaicas (de que se serviu depois o cristianismo) J.H.S, estampadas na mesma “Taça eucarística”, de múltiplos significados, dentre eles, “o Filho ou o vitorioso dos Três mundos”, e até mesmo e no errôneo sentido cristão do Jesus Homo Salvatorem, porquanto, Jesus ou Jeoshua (o Ser divino ou do mundo superior) se fez Homem (ou Ser terreno) para *salvar* os demais homens vulgares (ou do inferior mundo, síntese das rondas anteriores). Nesse caso, representando Ele a Mônada Imortal “de Tríplice forma ou manifestação”, até mesmo como Pai, Filho e Espírito Santo ou três Pessoas distintas e Uma só verdadeira...

A RELIGIÃO TOTÊMICA: CHAMANISMO OU CAMANISMO

O terror semeado pela catástrofe da Atlântida ¹ em quantos povos à ela sobreviveram e que conservam até hoje, nas suas próprias tradições de “dilúvios”, etc., tão trágicos momentos da vida humana, dizemos, deveria ser o bastante para lhes servir de exemplo futuro, porquanto representa o “castigo cármico” da “decadência, tanto de uma civilização”, ou povo, como de um só homem ou pessoa, quando desviado da Lei que rege os destinos de seres e coisas. Ademais, o próprio “estado de consciência „kama-manasico”” (ou do “mental inferior”, etc.) desenvolvido pela raça “atlante” concorria para tão desastroso fim, embora que o mesmo fenômeno tenha lugar, ainda hoje, por nos encontrarmos no fim de um ciclo apodrecido e gasto (que o digam todos os descabros por que ora está passando o mundo...) qual o de tudo na vida que é obrigado a nascer, evoluir, crescer, aumentar... para logo decrescer, involuir, enfraquecer e, finalmente, morrer...

Os *lepochas* aborígenes tibetanos, os “paleolitos” ocidentais etc., tinham, por sua vez, que “cair” no *totemismo* ou *chamanismo*, como religião-astral e servil (ou de astralidades, psiquismos atlantes, dizemos nós) ou baixa magia (feitiçaria, etc.) própria de todo povo decadente. O mesmo estamos vendo quase que, geralmente, entre todos os povos da Terra (e até nos vários ramos da ciência, especialmente na Medicina, com a sua “Opoterapia”, que é involução, “feitiçaria ou Magia Negra”, por se aplicar no corpo de um ser evoluído, como é o homem, glândulas de seres pertencentes ao reino inferior ou animal, a começar pelo famoso “processo Voronoff”... etc.) que, ao invés de procurarem a verdadeira *cultura* científico-filosófica (que é a *Teosofia*), propendem para o mais que “decadente” fenômeno do seu passado histórico ou Atlante, inclusive, no falso Ocultismo (*falso*, por não ser o teórico ou Teosófico, como puramente Mental ou Espiritual...) e no erroneamente chamado “espiritismo”, pois que, em lidar com seres *astrais ou anímicos*, deveria chamar-se de “Animismo” ². Por isso que, contrários à Lei, para não dizer, ao novo estado de consciência que vem sendo desenvolvido através da raça atual, ou seja a

¹ Vide “Documentações científicas e filosóficas sobre a existência da Lemúria e da Atlântida”, de nossa autoria, que deve figurar num dos primeiros capítulos da obra “A Missão dos Sete Raios de Luz ou Mistérios iniciáticos do Ocidente”, que a STB publicará dentro em breve e relacionada com a história da Obra em que ela se acha empenhada. – *Nota do tradutor.*

² Daí o termo “poderes psíquicos latentes no homem”, que tanto vale por “ocultos” ou *esmagados* no homem, por terem sido os de um passado longínquo de sua evolução, ou antes, como estado de consciência desenvolvido na raça atlante. Razão de hoje serem condenados, quando não sob o controle de verdadeiros Mestres ou Gurus, e mesmo assim, em caso de suma importância, como por exemplo: o da fundação de uma Obra na terra, pois que, a Humanidade é como a criança: necessita que se lhe dê doces e brinquedos para cumprir os seus deveres (escolares e outros mais). Dizem as tradições que, enquanto “Jesus fazia *milagres* (fenômenos naturalíssimos, dizemos nós, por estarem dentro das leis naturais ou universais...) grande número de adeptos o acompanhavam, mas logo os deixou de fazer (por já deverem saber tais pessoas de sua procedência superior ou divina), o foram abandonando pouco a pouco, para finalmente ser julgado”, etc., à parte o que de verdadeiro não se inclui em sua vida, como fossem: jamais ter sido crucificado, etc, pois, como já temos explicado inúmeras vezes e outros de maior vulto, provado com documentações insofismáveis (vide *Le Mythe de Jesus*, de A. Drews), fugiu ele para o lugar donde havia saído, como adepto budista que era: o Norte da Índia, passando-se ao Tibete. O Sr. Nicholas Roerich, em sua obra “*El Corazon de Asia*”, afirma ter encontrado vestígios de sua passagem por certos lugares do Norte da Índia, embora que, com o nome de Issh, cujo provém de Ísis, além de outros significados que seriam longos para tão insignificante anotação.

Voltando ao termo “psíquico”, anímico, etc., explicação mais clara, embora que, para os de visão mais ampla ou que sabem ler “através da letra que mata”, o “espírito que vivifica”, a fábula grega de “Psiké (a alma) em busca de seu bem-amado” (o Espírito), pois que, alma ou Psiké, corpo anímico ou astral, é “o mediador plástico” (da escola de Paracelso), ou, como seu próprio nome o diz, intermediário, ponte de ligação entre um e outros corpos; o físico e o espiritual. O próprio Plutarco já dizia de modo, por sua vez, bem claro que, “enquanto o homem se acha na Terra, seu corpo físico a esta se acha ligado; a Alma, à Lua e o Espírito, ao Sol”... E quanto a qualquer religião ocidental querer negar semelhante teoria, será negar à sua própria da Trindade, que tanto se refere à manifestação da Divindade no Universo, como no homem, dentro da sentença hermetista de que, “o que está embaixo é como o que se acha em cima”. Assim, o homem é – como outras coisas mais – o microcosmos dentro do Macrocosmos... Outrossim, se a ronda anterior foi a “lunar”, logo a Lua é o corpo astral ou alma da Terra e o Sol, o seu Espírito. O mais é querer “tapar o Sol com um dedo”, isto é, querer

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

negar o que a própria consciência aponta como “certo”, mas... as férreas cadeias dos preconceitos religiosos lhe fazem um “criminoso” ou traidor dessa mesma Consciência, como seu verdadeiro Eu (Espírito, portanto), seu Cristo ou seu Deus... – *Nota do tradutor.*

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

Ária ³, à parte sua doutrina filosófica “de amor ou caridade”, espalhada às mancheias por quantos a ela recorrem nos seus momentos de dor e de angústias...

O *Vira-bhadra* védico, famoso *monstro* Briareo “das mil cabeças” e “dois mil braços”, nascido do hálito de *Shiva-Rudra*, destruidor do sacrifício de *Daksha*, que habita a etérica região dos fantasmas, é o símbolo mais adequado ao culto feiticeiro ou totêmico, que prevaleceu até mesmo no mais humilde dos primitivos lares ários, onde antes não reinara outro sacrifício, senão, aquele do excelso e fecundo, que o próprio nome Lar ou Família, exprime...

Ilustração: foto

Legenda:

Alexandra David-Neel no Tibete. A autora de “Místicos e Magos do Tibete” leva em redor do pescoço um rosário feito de 108 rodela, extraídas de 108 crânios humanos diferentes; o punhal mágico na cintura e o “kangling”, trombeta feita de um fêmur humano, com a qual se evocam os elementais ou “espíritos da Natureza”...

Os *Rakshasas*, os *Asuras*, ou “não deuses”, adversários dos verdadeiros deuses de todas as alegorias, e que anteriormente dominara no *Lamaísmo*, prevaleceram, finalmente, após a queda, sobre os fiéis sucessores de *Rudra-Shiva*, o grande Yogui, antepassado de todos os Adeptos do *Bon*, por ser um dos mais excelsos “Reis Divinos baixados de Vênus e de Mercúrio”... e *patrono* (donde o termo “padrão”, etc., dizemos nós) das 3 Raças raízes: 3ª, 4ª e 5ª (Iemuriana, atlante e ariana); o revestido de Supremo Poder sobre todos os elementos (*Dig-am-bara*); o *Tri-lochana* ou dos “Três Olhos” e o *Pan-cha-anana* ou das cinco faces; o Saturno ou *Sat-no-anas* ário, *Cronos* ou *Ko-ro-nos*, com seu *damaru* ou relógio de areia (ampulheta) em forma de tambor; o deus, enfim, do tempo que a tudo consome ou destrói...

A primeira exigência do *desgraçado* culto lamaísta, foi a do execrando sacrifício de animais, e até, de criaturas humanas, demonstração mesquinha e covarde de um culto rendido às “criaturas da Terra”, em Rondas ou ciclos anteriores ao nosso, de seres superiores descidos, precisamente, de outros mundos planetários, para erguer o nosso, vencendo àqueles terríveis e maus “homens da Terra, homens monstruosos de forma semi-humana e semi-animal”, que logo os egípcios procuraram representar por meio de reproduções pictóricas e esculturais, embora que tidas, por ignorantes no assunto, pouco importam suas doudas credenciais, como “simples delírios ou fantasias de cérebros exaltados”, por esquecerem que, até o século X figuravam nas harpias, lamias, centauros e demais, “fauna e flora astrais” dos romanos capitéis. Semelhantes monstros, eternos inimigos da Humanidade, no grande Drama que a mesma é obrigada a representar neste “baixo ou inferior mundo em que vive”... são aquelas mesmas *Aves Fatídicas* do poema

³ Do mesmo modo que, África poderia ser tida, em sua grande parte, como vestígio da Lemúria, ou 3ª raça-mãe, Egito, o seria para a Atlante ou 4ª raça (mãe), como prova o que aos poucos vêm revelando as *criminosas* pesquisas (“criminosas”, porque não se deve violar túmulos, como as próprias leis humanas o condenam...) nos túmulos faraônicos e quantos papiros têm sido encontrados nesses últimos tempos naquele velho país. Sem falar em que, para tal parte do Globo se dirigiram “as mais valiosas sementes” de procedência atlante, com seus respectivos *manus*, cujas efígies possuímos em nosso Governo Supremo, como cópia de misteriosas que existem em certo Templo egípcio, embora que figurando em painéis profanos, de que o vulgo se não apercebe como dignos de veneração e respeito. Algo assim, como um homem ignorante de assuntos mineralógicos, que pisa inconscientemente, sobre um veio de “oiro”... Do mesmo modo quanto à Índia – ou a velha *Aryavatha* onde começou a ser “desfiado o fio de *Ariadne*” (Aria – adne ou “o adonis ário”, para a 5ª raça-mãe ou ARIA e em outro sentido, onde entra em cena o próprio sânscrito “Ad”, primeiro, etc. ou seja, “o nó primordial, ário ou ariano, por ser, de fato, a Índia para onde acorreram as primeiras sementes escolhidas pelo manu, entre os “atlantes de elite”, na formação da raça que ora se acha em franco desenvolvimento, embora que, no final de um dos seus ciclos raciais: de procedência germânica como sua 5ª sub-raça, através de quantos ramos e famílias (raciais) veio ter aos nossos dias, nesse complicado quadro de nuances evolucionais por que tem de passar a Mônada. Razão de já o termos afirmado, por várias vezes que, “Egito e Índia são,

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

respectivamente, o Pai e a Mãe da Humanidade”, enquanto África, deveria ser sua avó, para firmar 3 gerações, como o próprio autor de *O Tibete e a Teosofia* o fez em outro dos seus incomparáveis capítulos. – *Nota do tradutor.*

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

de Aristóфанes, que leva aquele título. E que, vivendo desde então, entre deuses e homens, melhor dito, em familiar convívio – pese à nossa cética ciência – semelhante à tempestuosa deusa-nuvem quando nos priva, “lunarmente”, dos divinos raios do Sol.

Embora que o Tibete, com razão se diga, seja “o País dos demônios” (como em menor escala o sejam todos os países montanhosos de gentes isoladas do resto do mundo, em “profundos e obscuros vales”, como disse o poeta), o bom *Lamaísmo* que ainda ali perdura, graças às mágicas tradições do *Bon*, domina-os em suas *feitorias*, mediante ortodoxas e ritualísticas práticas do *Gynd*, ensinadas oficialmente em uma ou duas lamaserias e, privativamente, em todas as outras; do mesmo modo que, nos *Riten* ou mansões eremíticas, mediante um curso teórico e prático, encaminhado, além do mais, para o candidato vencer o seu terror por tal iniciação, despertando suas energias físicas, morais e mentais, mediante a eterna Doutrina da verdadeira espiritualidade.

“Os mestres místicos, ensina David-Neel, não admitem que o noviço possua uma outra crença, senão, a da Verdade, como também, que em nenhum problema, seja qual for, deixe de exercitar suas naturais faculdades de compreensão e raciocínio. Os *Shing* e *Chran* ou “*tarjas e quipos*”, que conservam ciosamente à maneira americana, em certos mosteiros, segundo se sabe, possuem, nesse sentido, os mais curiosos ensinamentos. Do mesmo modo que, os “perseguidos” por semelhantes doutrinas de magia dominadora, resistem sempre que podem, e quando não, se vingam de modo mais cruel e sangrento, ainda porque, em tal luta sem quartel entre o homem e o elemental, já não existem meios-termos, mas, “o de vencer ou ser vencido” ⁴.

“Não existe um só mosteiro lamaísta, diz-nos a Sra. David-Neel, que não possua no recinto de seus templos, um lugar para os antigos deuses autóctones e para os que foram outrora importados da Índia, cujos acabaram perdendo seus privilégios para os tibetanos, que hoje os tomam por *demônios*, tratando-os, além do mais, de modo brutal ou grosseiro” ⁵.

⁴ Sobre o caso nos relata David-Neel: “Certo dia em que tomava chá com o maharaja, tulku Sid-keong, falando da missão de *Kali-Kumar*, filósofo do sul, em combater os costumes anti-budistas do país: feiticearia, culto aos “espíritos” e à embriaguez, querendo iluminar as mentes dos aldeãos, vítimas de inveteradas superstições, dizia eu ao maharaja:

- É quase impossível saber de fato quem foi o *Padma-sambhava* histórico, que pregou no Tibete, porém, o certo é que, “os barretes vermelhos”, de Sikkim o fizeram o legendário herói da embriaguez e de outras práticas tão absurdas como perniciosas. Um perverso espírito, de sua própria fabricação debaixo de seu nome e em seus altares... Conviria, pois... – Ao chegar aqui, interrompi minha frase começada: *alguém* me cortava a palavra. Entretanto pessoa alguma havia falado; o silêncio era completo, embora que eu sentisse perto de mim, a presença de uma força hostil: um terceiro interlocutor invisível intervinha em nossa conversação: “Nada de quanto intentardes, obterá êxito”, parecia dizer o invisível ser, para logo concluir: “as gentes do país me pertencem... Sou mais poderoso que todos vós” (um dos *Nirmanakayas* negros, à frente de encarnados e desencarnados, como já ensinava H. P. B. em sua Doutrina Secreta. E, dizemos nós, mantido pela matéria “tamásica” – a mais densa das três – formada pelos atos e pensamentos inferiores da maior parte da Humanidade). Eu ouvia, assombrada, aquela voz que não produzia ruído algum. Seria por acaso o eco de minhas dúvidas, quanto ao êxito da reforma projetada quando o maharaja respondeu ao meu próprio pensamento: “Discutia, não há que duvidar, com o invisível inimigo de seus planos... – Como não haverei de obter êxito, perguntei, embora que seja necessário muito tempo para transformar as idéias dos aldeãos e do baixo clero? Os “demônios” a quem eles nutrem (toda falange, dizemos nós, de encarnados e desencarnados “*Rakshasas* negros”, dirigidos por aqueles já referidos *Nirmanakayas*...) não se resignarão facilmente a *morrer de fome*... De qualquer modo me entenderei com eles... – Referia-me aos sacrifícios de animais oferecidos aos maus espíritos pelos feiticeiros (nossas macumbas não lhes ficam atrás, dizemos ainda... e outras coisas mais de ordem inferior (palavra essa que procede de “infera”, ou lugares inferiores donde, por sua vez, se origina a de “inferno”... dizemos nós.) Porém se eu não disse coisa alguma... objetei.

Preferi, entretanto, não mais abordar o assunto, pois, embora a declaração de guerra do príncipe, aos demônios do Tibete, certeza tinha eu de que em seu imo houvesse algo de superstição e de temor. – *Nota do autor.*

⁵ A presente anotação vale pelo esplêndido artigo de Edmundo Gonzalez-Blanco, intitulado “A Origem das festas dedicadas aos santos e aos defuntos”, da qual fizemos tradução e, com a devida vênia teosófica (que é, nesse caso, a de instruir os homens...) transcrevemo-la em tal lugar, mas que, por si só, daria para ilustrar um valioso Capítulo de *O Tibete e a Teosofia*, senão, todo um valioso artigo para o nosso órgão oficial:

“Nos tempos primitivos os homens, não só personificaram, divinizaram, santificaram e veneraram o céu, a terra, os fenômenos físicos, os objetos inanimados, as plantas, os animais, a saúde, a enfermidade, a geração e o nascimento, como também, a morte e a imortalidade, convertendo-as em objeto de ritos e de solenes cerimônias. O culto aos mortos desempenha, do ponto de vista antropológico, um papel tão importante na mitologia de todos os povos, como o que desempenha o (culto) à Natureza, do ponto de vista cosmológico. Ambos os cultos, instintivos mais que racionais, posto que correspondam à realidade das coisas, *formam a base de todas as religiões do mundo* (o grifo é nosso). Quanto mais penetramos no âmago e significado dos mitos primitivos, mais nos convencemos de que, na sua maioria, referem-se aos espíritos do céu, da terra e dos antepassados.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

O culto aos mortos não pode ser separado do da Natureza. O homem alcança de duas maneiras a noção do divino: a primeira consiste em adotar uma posição de curiosidade ou de temor diante dos demais seres da Natureza, repelindo, porém, ao concebê-los ou adorá-

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

los, toda outra espécie da natureza que não a sua, isto é, excluindo por involução a própria natureza objetiva desses seres e transformando-a ou absorvendo-a na sua própria. A segunda maneira é o processo da mesma Natureza, que suprime de todos os seres individuais, o elemento temporal e... tal processo da Natureza é o da morte. Porém, como existam seres que, semelhantes aos astros, os montes, os rios, etc., não perdem jamais a sua individualidade e permanecem inalteráveis através dos séculos, não quis o homem que os mortos tivessem mais uma existência efêmera e arranjaram um meio de que seus espíritos sobrevivessem, uma vez perdido o laço que os ligava ao mundo sensível e atual. A função da morte reduzia-se a separá-los deste mundo e transportá-los a um novo (mundo) em que conservavam os mesmos desejos, os mesmos interesses e as mesmas paixões que em sua vida terrena. A morte só lhes deixava o que viúvas ficavam de particular e de contingente, mas não sua força e potência psíquicas. Continuavam, pois, vivendo debaixo da terra e a sua alma encerrada no sepulcro (*animam sepulcro condimus*, de Virgílio). Em Roma, o uso dos cenotáfios vem provar que, por se não poder encontrar o corpo de um parente se lhe oferecia uma cerimônia reproduzindo exatamente todos os ritos da sepultura, julgando com isso encerrar a alma no sepulcro, por falta do corpo. Tais ritos, tinham por fim o de fazer feliz ao morto debaixo da terra. Repetia-se três vezes: *Ave, atque vale*, juntando-se: *Sit tibi terra levis*. Os mortos, já que continuavam vivendo, exigiam um culto, que promovia os meios de que nada lhes faltasse... Assim, juntamente com seus cadáveres, eram enterrados: armas, alimentos, bebidas e outras coisas mais (quando não, seus próprios escravos e esposa, dizemos nós, pois, na mesma Índia até há bem pouco a esposa se fazia queimar na fogueira, à fim de acompanhar seu marido quando *morria*, rito esse que a Inglaterra fez desaparecer, embora que as viúvas ficando como uma classe inferior à dos *párias*, a ponto de se banharem no Ganges, depois do lugar que cabe àqueles...) Várias tribos selvagens adotam ainda hoje o culto antigo de se encerrar com o morto tudo quanto em vida lhe pertencia.

Outro argumento a favor da analogia entre o culto aos mortos e à Natureza é de que o primeiro se tenha degenerado em fetichismo. O que perdura nos mortos, o que se mostra ainda aos sentidos, o elemento orgânico que não perece: os ossos. Assim é que, numerosos povos adoram os ossos (inclusive entre os civilizados de hoje, dizemos nós, que os guardam em urnas e... muitas vezes, dentro de suas próprias casas!) e deles se servem para provocar sortilégios (haja visto, dizemos nós, no Tibete as 108 rodela extraídas de ossos de crânios e o mesmo "kangling" feita de um fêmur humano, para evocar elementais ou "espíritos da natureza". Em capítulo anterior publicamos o clichê de um "mago negro" tibetano trazendo uma segunda veste ou túnica toda feita de ossos. E neste, a própria autora de *Místicos e Magos do Tibete*, com todos os seus "artefatos" mágicos, de iniciada em "ciências ocultas"...). No Catolicismo vemos as relíquias, que atribuem aos fiéis, grandes virtudes (*indulgências*, etc., dizemos nós, sem que ninguém os condene quando é o mesmo adotado por selvagens (sem falar, dizemos ainda, nos próprios corpos de seus santos que, por não se terem destruído demonstram a "beatitude" ou "santidade" do ou da privilegiada que, encaixotada em vitreos túmulos para ser vista pelos mesmos "fiéis" – ou antes, *infiéis* à sua Consciência... – são adorados e até *beijados* pelos menos exigentes em matéria de higiene... como fazem certas damas de elite, quando beijam o focinho de seu "lulú da Pomerania", etc, e até, os seus cavalos, quando ganham o grande páreo no Derby...). Não ficam porém aí as afinidades entre aqueles dois cultos já referidos: nas crenças dos templos primitivos, os espíritos dos mortos ou dos antepassados, não só habitavam os túmulos e os seus arredores, como em todas as partes do mundo e em todos os fenômenos da Natureza. Ao Arco-Iris consideravam como "um morto malévolo", ou mesmo, como uma fileira de mortos malfetores, que subiram às nuvens para chacoatear das gentes e arrancar-lhes a vida: saíam dos infernos... e os próprios gregos exprimiam tal conceito, embora que, entre os menos letrados, relacionando-o com as águas do "infernal lago" (o "arco-íris", entre muitos dos seus simbolismos, possui o de "ponte que conduz o imortal de um mundo para outro", inclusive, para *Asgarda* das lendas escandinavas, Agarta, Erdemi, Shamballah, etc, segundo as várias tradições, porém, sempre dentro da iniciática interpretação de "país ou cidade dos deuses", ou de tornar um simples mortal em um imortal, Gênio, Jina, etc. Questão apenas de interpretação, ou antes, de boa compreensão senão a haver "da letra que mata", "o espírito que vivifica", dizemos nós). E como reminiscência do passado, "hoje se vai ao mar beber água"... para se purificar e outras *coisitas* mais... O sol, ao contrário, era um espírito benigno, o melhor, o mais amável e maior amigo do homem (outra interpretação a fazer, "se da cadeia lunar vimos todos", é lógico que para o Sol tenhamos que ir; nesse caso, nenhum amigo melhor do que Ele para o Homem; apenas devendo todos os humanos se fazerem dignos de tamanha graça, isto é, através de uma cultura mental teosófica que logo exige a moral ou do caráter, segundo as duas sábias doutrinas orientais: da Mente e do Coração, ou antes *Jnana e Bhakti*). O antepassado que nele se encarnava (isto é, que se fazia um com Ele... dizemos nós) tinha o direito de ali colocar a outros antepassados, parentes ou amigos seus (digamos, uma espécie de "Panteon Agartino", ou "Shambalino", se o quiserem, algo assim como quem diz: já estando salvo, como um Adepto ou Homem Perfeito, o intenso desejo de salvar os demais homens. E basta...). E o fazia obedecendo à imensa ternura paternal (preferível, *fraternal*, dizemos nós), como era tão poderoso ou forte, como bom ou amoroso (isso sim, que está mais do que certo em uma simples expressão: "Filhos do Sol ou de Shamballah!!!", (dizemos nós).

Outrotanto não acontecia com os *manes* da Lua (pudera! Se de lá viemos ou representa ela antiga veste nossa, dizemos... pois além do mais, "aquele que não progride em uma vida ou encarnação, no "cone sombrio da Lua" vai perambular ou viver, pois, caminho é seu conhecido... (e não o do Sol, à frente ou mais elevado do que a Terra. E, novamente: "basta"...), dados aos desaparecimentos e fases desse astro e à palidez de sua luz, mais tristeza e luto do que alegria e luz para a Terra... Eram também *manes* as estrelas... embora que favoráveis e protetores, que tornavam as noites mais plácidas e serenas com seus vivíssimos e rutilantes lampejos. O que não é para admirar diante das palavras de Aristóteles de que, "segundo uma tradição que até nós chegou, de remotíssimos tempos, as *estrelas são deuses*"... Do mesmo modo que, os romanos e os asturianos de hoje, galegos e portugueses das comarcas rústicas, acreditavam que "a cada nascimento de um indivíduo correspondia o de uma estrela. E que as estrelas que corriam eram almas que se desprendiam do Firmamento ao falecer alguém..." Como a *Via Láctea*, "Caminho de Santiago", recordação das fileiras de almas que iam ao outro mundo em procissão ("a divina hoste", dizemos nós...). Ademais, os homens primitivos procuravam colocar o mais perto possível os seus queridos mortos: os celtas, por exemplo, não admitiam uma região fantástica e desconhecida, mas, *real e determinada*, sempre que se tratasse do termo final do homem, ou o último baluarte da Terra (contrariando o insigne autor, dizemos que, razão possuíam bastante os celtas para assim pensarem, embora que, *razão* também nos sobre... para não revelar o que de mistério existe em tão transcendental assunto...). Os celtas da Bretanha e os da Galizia olhavam aos seus respectivos Finisterres como lugares onde habitavam os mortos, em sua misteriosa vida. E os mesmos sentidos ou destinos deram aos cabos de Ortegal e de S. Vicente. Os gauleses (ou simplesmente, *galos*, dizemos nós) acreditavam que os mortos embarcavam na ponta de Armórica, perto de Raz (Raz ou raiz, como ponto de partida, dizemos nós) onde existe uma bacia chamada ainda "Bacia das Almas". A lenda prosseguia e foi ter àquela outra de "fim do mundo". E no episódio de *Nostos*, aponta-se a *Ullisses* viajando pela Armórica. Lucano afirmava que "os mortos reviviam *in orbe alio*", mas não em um *orbe* total, e sim, em uma região *localizada* (de "loka", lugar, etc.) no mundo. No Egito, tal lugar era o vale de *Aulú*, regado pelas águas do Nilo celestial e os justos gozavam de felicidade eterna.

Os ritos das sepulturas, em diversos povos antigos, e em quase todos os selvagens, mostram claramente que, "ao se colocar um corpo no sepulcro, julgava-se ao mesmo tempo, colocar em tal lugar algo vivo. Para os gregos e romanos, não era um mundo estranho ao presente aquele onde a alma ia ter à sua segunda existência, mas, que ficava bem perto dos homens, pois sua vida prosseguia "post-mortem"... (*sub terra censebant reliquam vitam agi mortuorum*). Segundo Cícero, "tal crença era tão forte, que até o momento de se estabelecer o uso da cremação dos corpos, continuava-se julgando que os mortos existiam e viviam *debaixo da terra*... (Que de Revelações se poderia dar aqui...! Preferível repetir mais uma vez: *Visita interiora terrae rectificando invenies omnia lapidem*, cujas "sete iniciais" são da famosa palavra franco-maçônica: VITRIOL, nome vulgar do "ácido sulfúrico". E... paremos aqui, para não

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

cobiçar a profanos, tendências “alquímicas”... sem seu tempo haver chegado...).

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

Entre essas deidades hindus desterradas, *Mahākala* é a mais famosa. Sua original personalidade, é a de Shiva, em sua função destruidora do mundo. Transformada, assim, em simples espírito perseguidor, é retido em escravidão pelos magos lamas, que o forçam desse modo, a prestar-lhes serviços. E quando não o conseguem... infligem-lhe severos castigos (qual no Ocidente, dizemos nós “quando se amarra o diabo com 3 nós para que realize este ou aquele pedido...”). Uma tradição popular aponta que o grande chefe da seita dos *Karma-pas* havia obrigado a *Mahakala* a servi-lo cegamente. Encontrando-se o lama, certa vez, na cômte imperial, desgostou por qualquer motivo o soberano, que o fez atar, pelas barbas, ao rabo de um cavalo. Arrastado assim pelo animal, o grande *Karma-pa* chamou em seu auxílio a *Mahākala*, porém, como este retardasse um pouco... o lama libertou-se com o auxílio de uma fórmula mágica, que separou as barbas do rosto... Levantando-se, ficou furioso contra *Mahākala* que chegava, ofegante, em seu socorro, dando-lhe tamanha bofetada, que até hoje conserva inchada a bochecha, apesar dos

Por que a Igreja católica relaciona tão estreitamente a festa dos santos com a dos defuntos (1º e 2 de Novembro, ou Dia de Todos os Santos e Dia de Finados, por exemplo, dizemos nós...)? Porque em tal religião como em todas as outras existentes no mundo, os defuntos são seres sagrados. Manancial do culto aos mortos foi desde o início o conceito que deles se formou, como “seres super-humanos”, que influíam poderosamente na vida e destino dos vivos. As almas humanas ficavam divinizadas com a morte. Os romanos contavam entre o número de seus deuses, a todos quantos haviam deixado a vida física, qualquer que fosse a sua classe social. E os gregos davam, espontaneamente, aos mortos, o nome de “deuses subterrâneos” (tal como no Egito, segundo O Livro dos Mortos e outras coisas mais... que se não podem dizer de público... ou divindades bem-aventuradas. Os templos dessas divindades eram os seus próprios túmulos. Por isso que, ostentavam a sacramental inscrição: DIIS MANIBUS. E em grego: THEOIS (daí, Theos-sophia, “sabedoria dos deuses”, e não, Sabedoria divina, apenas) KTHONIOIS, que significava “estar o Deus sepultado”; *Manesque sepulti*, dizia Virgílio. Diante do túmulo havia um altar (e ainda hoje em todos os jazigos perpétuos de família) para os sacrifícios como diante dos templos dos deuses maiores ou celestiais.

O Catolicismo não incorporou uma só reforma radical, nem um ideal, às superstições fúnebres e às práticas dos próprios selvagens...

Seus santos são os mesmíssimos deuses e heróis do paganismo. E seus defuntos não recebem honras mais solenes que os dos gregos e dos romanos. O maniqueu Fausto acusava aos católicos de seu tempo, de fazer o mesmo que os pagãos, apaziguando as sombras dos mortos, com banquetes e vinhos, deificando ou canonizando aos defuntos virtuosos, rendendo culto aos mártires, convertendo em relíquias os ossos dos santos e a terra que cobre os seus cadáveres. Até hoje os templos continuaram sendo os sepulcros e monumentos dos deuses ou homens deíficos, dos homens distintos e dos homens vulgares. Templo e cemitério representam uma só e mesma instituição. Nas comarcas rurais da Galícia, entretanto, os enterramentos são feitos nos átrios, de maneira que o cemitério se acha colocado em torno da igreja paroquial. E o mesmo acontece nas aldeias da Baixa Bretanha, onde, segundo Lebraz, o campo-santo rodeia, geralmente o templo. Este fato demonstra, pois, a prova inconsciente da estreita relação que existe entre o culto das almas e da divindade, com a particularidade apontada por Ratzel, de que, melhor dito, foram os templos que saíram dos cemitérios, e não estes daqueles. E como os primeiros santos cristãos, quase todos, sofreram o martírio, os seus primeiros santuários, por sua vez, foram os túmulos dos mártires. As igrejas levavam nomes de santos (e levam ainda, dizemos nós) ou lhes eram dedicadas. À fim de perpetuar a sua recordação, eram quase sempre distinguidas com os títulos de *Martyrium*, *Confessio* ou *Memoria*.

Os primeiros bispos cristãos (com o “manhoso” Tertuliano à frente) lembraram que, para o povo aceitar a nova religião que se lhe impunha (o cristianismo) dever-se-ia copiar todos os ritos pagãos, a começar pelo próprio Cristo, da seita mítica ou solar, além de uma comovente Tragédia, que abalasse os nervos da massa inculta”.

E aqui termina o esplêndido trabalho de Edmundo Gonzalez-Blanco, que prejudicamos um pouco com as nossas próprias palavras:

E que dizer de “coroas mortuárias”, cujo preço daria para matar a fome aos vivos, ou aqueles que necessitam mais do que os mortos, de serem socorridos? Das missas, não menos custosas, “pro-defunctis”, principalmente, se rezadas em *altares privilegiados*? Um pesado luto (igual ao de outros povos antigos, que até cinzas espalhavam sobre a cabeça) e isso, com a exigência da moda, para atenuar um pouco... as saudades do morto? E as dolorosas visitas aos cemitérios (ao invés de “fornos crematórios”, mais favoráveis, quer ao próprio morto... quer aos vivos, no que diz respeito à higiene e outras coisas mais, inclusive, o problema do espaço e da estética das cidades)? E onde vai colocar flores sobre corpos putrefatos, além de reviver as angústias de toda uma existência atribulada?

Os mesmos sírios quando perdem um parente se esbordoam mutuamente, gritando e blasfemando; enquanto os chineses, o esposo ou esposa, acompanhada dos filhos, são obrigados a dormir com o cadáver do ente querido, abraçando-o, etc., debaixo de lamentações e de soluços, que fazem despedaçar o coração.

No entanto, que pasmosa contradição tudo isso para aquela tradicional frase latina que vemos sobre todas as campas: RECQUIESCAT IN PACE, se somos os primeiros a ir ali, ou mesmo fora, perturbar o *descanso* ou *paz* final atribuída ao morto, mas de fato, à sua alma com uma nova missão, ou seja, de preparar a sua futura encarnação na Terra. Por isso que, outra criminosa intervenção na vida *post-mortem*, a das sessões práticas do Espiritismo, quando o próprio Jeoshua (ou o Jesus bíblico) dizia: “não evocarás as almas dos mortos”. E Moisés, castigava a quantos ousassem perturbar a “paz dos que não mais pertenciam a este mundo”.

É o caso para se dizer: HOJE COMO ONTEM !

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

séculos decorridos. Contrariamente, os atuais *trapas* de Podang, seriam incapazes de imitar a façanha de seu mestre, pois que Mahākala lhes inspira verdadeiro pavor.

Quanto à prisão e diatribes do mesmo “deus”, são narrados verdadeiros prodígios em outras lamaserias: já pelo fio de sangue que corre por baixo da porta do armário onde o mesmo se encontra (qual aquele sangue e lágrimas, dizemos nós, que corriam de famoso crucifixo por meio de um cordel, por trás de sua cabeça, como “obra mágica”, porém, de “truque ou prestidigitação”... *jesuítica* para que os fiéis se despojassem dos seus haveres a favor da igreja, onde tal imagem se encontrava...) já quando aberto o armário são encontrados no fundo, restos macabros de corações e vísceras humanas, cuja presença ali só pode ser explicada, mediante intervenção oculta.

Em *Podang*, a 19 quilômetros de Gartock, tive ocasião de admirar a carranca representativa do “deus-demônio” Mahākala, cuja tradição dizia, residia ele em tal corpo, porém, colocado no “antro” reservado aos seus congêneres, ao lado do templo. Dois noviços prestavam-lhe guarda, recitando continuamente a fórmula mágica. Frequentemente, durante a noite, os pequenos já atordoados pela monotonia de semelhante recitativo, lutavam contra o sono, persuadidos de que o menor desfalecimento de sua parte poderia ser aproveitado pelo *demônio* que deles faria logo as suas primeiras vítimas. Nas povoações vizinhas os aldeãos se sentiram inquietos se semelhante liberdade fosse concedida a Mahākala, por isso que, cerravam, logo ao escurecer, as suas portas, enquanto do lado de dentro, as mães aconselhavam aos seus filhos, que jamais ficassem do lado de fora, logo que o sol desaparecesse por trás das montanhas.

E assim, uma multidão de errantes demoníacos personagens, em busca de maleficiar os homens, são imobilizadas em seus improvisados cárceres de madeira, sob os encantamentos dos lamas, além de muitas vezes, serem tais caixas, como seus “reclusos”, atiradas à enorme fogueira... Porém, como os diabos sejam imortais, “os feiticeiros podem viver e medrar à sua custa”.

Mas, como tudo no mundo tenha começo e fim, vemos que os terríveis excessos do *Camanismo* (de “Kama”, paixão, sentimentos inferiores, etc.) tântrico se vão moderando através dos séculos (embora, como já dissemos, no próprio Ocidente civilizado, todas as demonstrações da Baixa-Magia, como sejam: o *Animismo* prático dos

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

“espíritas”, os feiticeiros ou adeptos do africanismo, como vestígios, ainda, dos lemurianos... sem falar na *Opoterapia* e outros criminosos processos da Medicina oficial,

etc.), pois que, no VIII (século) o grande apóstolo *Padma-Sambbava* – através de sua excelsa doutrina – provocou um poderoso movimento reformista do tantrismo, conduzindo-o para as fontes mais puras do BUDISMO...

XXXVI

MAIS SOBRE RELIGIÃO TOTÊMICA: HOMENS E DEMÔNIOS

Para H. P. B., como para todos os clássicos, “os demônios” (ou *daemones* gregos) não são mais, pese à Igreja, que os anatematiza, depois de os ter modificado ou desnaturado para fins egoístas ou necromantes... do que, “seres intermediários entre a bondade divina e a humana maldade”, donde resultam os maus ou perversos homens, muito piores do que aqueles, como é a primeira a apontar uma das mais formosas lendas espanholas¹.

Seres da “quarta dimensão” (ou “dimensão astral”), podem ser eles denominados, segundo os mais valiosos tratadistas, mas que, logo o mago se descuide, escapam e se revoltam, como acontece às crianças travessas e começam “a fazer das suas...” devido à sua contínua inclinação para o mal, como inferiores criaturas que são da escala evolucionar dos seres... a maioria deles.

À guisa do que pensam muitos à respeito da mulher (inclusive, naquele dito brejeiro de que “a mulher é um diabo de saias”), seu dilema é “de dominar ou ser dominado”, como o famoso “daemon” de Sócrates (no melhor dos casos), acabam sempre abandonando, no momento supremo, aos seus protegidos... Como “o pacto com o diabo”, tão popular na Idade Média, acabava por más consequências para os homens que o fizessem... No Tibete, se em outros tempos, o *Bon-po* ou “sacerdote do Bem”, pôde ser um mago branco, com perfeito domínio sobre tais criaturas do Astral, a degenerescência posterior transformou-o em feiticeiro ou “mago negro”, através de quantos sortilégios e encantamentos se possam imaginar...

É curiosa a lenda da luta mágica entre os dois cultos: o *tântrico* e o *búdico*, quando da construção de um dos mais famosos mosteiros em frente ao Himalaia. Tal luta foi levada a efeito entre o *Pom-bo* e o *Dalai*, que deveriam ascender à parte mais alta da sagrada montanha do *Gang-ri-motché* (que assim denominam os nativos ao pico do Everest): o primeiro o fez voando, ou antes, em levitação, enquanto o segundo, através do raio, que logo o matou.

Inúmeras cidades mágicas, como aquela divisada por David-Neel, na sua *pseudo-febre*, como já foi descrito em outro capítulo desta obra, dizem, foram também construídas por magos ou feiticeiros, com fins especiais; do mesmo modo que pelos adoradores do deus-autóctone *Pekar*, prisioneiro, como tantos outros perseguidores, masculinos e femininos, no solitário mosteiro de *Samyé*. A “seita dos negros” conserva uma completa tradição acerca de todas essas coisas, como do ritual tântrico, que a autora chegou a aprender uma grande parte, que lhe serviu, aliás, em memorável ocasião, ou da partida que lhe quiseram pregar salteadores de estrada, como já se viu, por sua vez, em outro capítulo.

O referido ritual tântrico possui, com efeito, fórmulas mágicas para todas as categorias do Mal. Em lugar das sílabas sagradas *Om-Mani-Padme-Hum*, continuamente

¹ A do Jorobadito da cova de São Satorio (ou São Saturno), em Sorio, que cortou a orelha ao diabo. Veja-se o capítulo com esse título, no tomo I de nossas “Conferências teosóficas na América do Sul”. Na vida de Santo Antônio, dizemos nós, existem outras

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

semelhantes, inclusive, a daquela ponte construída pelo “demônio”, que desejava destruí-la quando viu que foi logrado pelo “santo”... –
Nota do autor.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

pronunciadas em suas orações, acompanhadas pelo girar de seu moinho de preces, da esquerda para a direita (“more ario”, move ar, catavento, etc., dizemos nós), do gelugpa, o pom-bo tântrico, possui, como já foi dito, as de Om-ma-té-nen-ya-sa-le-do, espécie de escala musical evocatória dos poderes perversos, enquanto seu “moinho de preces” move girando (“more atlante”, dizemos nó), da direita para a esquerda, além dos cruentos sacrifícios com toda espécie de animais: galos, cordeiros (como no africanismo ou “macumba”, os famosos “despachos” ou “cangerês”, acompanhados da farofa, de azeite de dendê, velas e outras coisas mais) já que de homens raramente são feitos, embora que, bem claro exprimam (a *piadosa* intenção), quando ostenta a sua tiara de cinco caras e seu bizarro vestuário feito com ossos humanos, sem esquecer a trombeta evocatória (ou “gyaling”) feita de um fêmur também humano; nem o mágico tamborim, cuja pele pertenceu a um lama de grandes poderes mágicos², e... a taça de libações, feita com o crânio de outro não menos “poderoso” lama... Por outro lado, “o punhal envenenado”; o próprio veneno sutil e não revelador, além das inúmeras práticas, que no Ocidente as denominamos de “envoûtement” ou “o manequim mágico”, etc., que jogam um grande papel nas pérfidias vinganças dos *guaspas*. Muitos deles, do sexo feminino, diz-se, levam oculto em seu seio, em minúsculo saco, o veneno fatal, muitas vezes empregado em seus próprios filhos, por sugestão do vampiro que as acompanha, quando não o fazem em si mesmas, todas as vezes que não puderam levar avante seu criminoso intento (qual “o feitiço contra o feiticeiro” do velho adágio popular, que é bem a lei de Carma ou de “causa e efeito”, “ação e reação”, etc.).

Nos mercados tibetanos não é raro encontrar, por altos preços, delicados frascos de jaspe e de outras matérias capazes de conter, no seu interior, “mágicos filtros”, senão, terríveis venenos.

A Sra. David-Neel, nos dá preciosas descrições de todas essas coisas, inclusive, quando é obrigada a se apoderar de um “purba” ou “punhal mágico” (que não o que traz na cintura, segundo o clichê do capítulo anterior, dizemos nós), *herdada* de uma pobre tribo nômade, que viajava nos erbáceos desertos do Tibete, a qual, por sua vez, o herdara de um lama feiticeiro, que acabara de falecer, mas que, no momento em que a tribo o atira para longe e David-Neel o vai apanhar, o espectro do próprio lama (defunto) aparece raivoso e trágico, levando o que era seu...

Porém, como sói acontecer sempre, contra o punhal do feiticeiro, está a espada do cavaleiro e do bom lama, pois, no começo do ano e em outras festas, os tibetanos celebram, de modo solene, seus *ki-khu-bu* ou *Dzod-Nga*, a dança das espadas, espécie do *spata danzari* (vasco), com as místicas cadências³ dos “cinco tesouros”, ou sejam, as

² A palavra “mago” se deriva do grego “magos” e do caldeu “magdhum”, como alterações dos termos *mog*, *megh* e *mag*, que em língua zenda significam: sábio, excelente, superior. No próprio africanismo, ou *macumba*, o chefe ou dirigente do “terreiro” é chamado de “Ogam”, cujo nome lido às avessas, ou anagramaticamente, dá o mesmo (termo): *Mago*. A Magia era, então, não como a imagina a maioria dos profanos, “a negação da ciência”, mas a própria ciência. (“Magia sacerdotal, teúrgica, etc.”), embora que no especial sentido de “Ciência sintética ou integral”. Já Dietrich (Abraxas, 51, etc.), e Daremberg (Dicionário das antiguidades gregas e romanas, III, 1901), procuraram demonstrar “que a Magia Natural era a mesma física ou antiga “Ciência da Natureza”, “filha da observação e da experiência”.

Por isso que, na *Magia* nada há de sobrenatural, como já se procurou provar em outros lugares deste trabalho, e agora mesmo o fazemos através destas citações:

Admitir a possibilidade de um milagre, equivale ao aniquilamento da possibilidade da História – *Políbio*.

As histórias dos “milagres” devem ser “a priori”, substituídas por causas racionais, como o historiador científico não deve descansar enquanto não descobrir as causas racionais que os produziram”. – *Oscar Wilde*.

Plutarco, por sua vez, como um grande filósofo, fez compreender que, “no sentido de violação das leis da natureza, todo milagre é impossível”. – *Nota do tradutor*.

³ A fundação material de nossa Obra, toda ela de surpresas e mistérios, foi através de “bailados ou asanas” (posições clássicas). Assim é que, provinda do Norte da Índia e do Oeste do Tibete, não podia deixar de seguir essas tradições. Ademais, tais “asanas” (como também no Egito) exprimem letras e até, palavras sagradas, algo assim como quem diz que, por meio da música, dos bailados clássicos, era a mesma Obra escrita, isto é, do Oriente para o Ocidente. A própria imprensa carioca e a fluminense enchiam as suas colunas com aquele mundo de mistérios e belezas inconcebíveis, segundo será descrito, detalhadamente, como tudo mais quando até hoje na mesma Obra teve lugar, em um dos capítulos de sua própria História, que vai ser dentro em breve publicada com

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

o título: “A Missão dos Sete Raios de Luz ou Mistérios Iniciáticos do Ocidente”. Sem falar nos “4 Livros de Revelações” (as 4 Verdades) contendo 1.600 páginas e cada um deles, com perto de um metro de extensão por uns 30 a 35 centímetros de largura, etc., hoje constantes de

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

cinco jóias de ensinamentos, que tais movimentos de dança conservam, como leis de defesa da espada (esgrima, etc.), quando não, dos movimentos planetários, como outras tantas, inclusive, em torno de uma espécie de mastro fixo no centro, qual o Sol, em torno do qual giram sete astros, que no presente caso, são os dançarinos. Antes dessa dança heróica, na véspera ou último dia do ano, já teve lugar a (festa) dos esqueletos, símbolo das coisas mortas, ou que não mais razão têm de ser (que o “velho ano leva consigo”, como diríamos hoje), sendo celebrada a “dança do Tigre vermelho”, em que vários lamas disfarçados em esqueletos, terminam, com frenéticas contorções, despedaçando o *manequim* diabólico, semelhante àquele outro *Rghyalpo* ou “demônio mensageiro”, trazido, processionalmente, diante da emocionada multidão que acorre de todas as partes, para assistir a essas festas *religiosas*... E tudo isso, entre convulsões epiléticas, semelhantes àqueles “Quakers” ou “tremedores” americanos e os *convulsionários* da Idade Média, sendo que, outrora não se tratava de simples manequins de tela e flechas ou talas, mas de homens de “carne e osso”, escolhidos cuidadosamente para tal fim, à maneira dos da *mazolatta* carnavalesca romana, que Alexandre Dumas, pai, tão admiravelmente nos descreve em seu “Conde de Monte Cristo”, vítimas que, depois de imoladas diante de *enlouquecida* multidão, eram por elas devoradas em terríveis cenas de verdadeiro canibalismo.

XXXVII

MAGIA E FEITIÇARIA

“A feitiçaria reina soberana no Tibete, diz A. David-Neel, mesmo entre muitos que se dizem budistas e os *médiuns* (*bom-pos, pamos, paos, bunting e yabas dos dois sexos*) transmitem até as mais humildes cabanas, as comunicações de deuses e de defuntos. Do mesmo modo que, segundo inveterada crença tibetana, os fenômenos meteorológicos são obra de feiticeiros e de demônios, desencadeados pelo poder da vontade, através da tormenta, o granizo, etc.

Servem-se os demônios de tais processos destruidores para castigar aos nativos, por seus pecados e para servir de obstáculo à marcha de quantos peregrinos se dirijam aos santos lugares, enquanto que os lamas taumaturgos utilizam, por sua vez, aqueles elementos, a quem ordenam, por seus mágicos poderes, guardar seus ocultos retiros contra importunos e afastar de si aos aspirantes a discípulos, que se mostrem demasiadamente covardes ou tímidos. Graças às minhas viagens e conhecimento das línguas tibetanas, pude entrar em contato com o mundo lamaísta e *quantos feiticeiros*, em suas toscas cabanas, gravitam em seu seio (do Tibete).

Algumas semanas depois de minha chegada, diz ainda a autora, meu supersticioso intérprete e guia confessou que havia consultado um *mopa* (adivinho) à respeito de um furacão que havia desencadeado quando da minha chegada àquelas paragens. O oráculo lhe havia declarado que “os deuses locais e os santos lamas não me eram hostis, porém, não obstante tal fato, teria eu que despendar grandes esforços para continuar no „País da Religião” (Tibete). Casualidade ou “clarividência”, o certo é que o *mopa* estava certo, segundo o futuro haveria de provar...

um “Livro Síntese”, pois que, Revelações de certa natureza só podem ser dadas oralmente, hoje como em todas as épocas. Razão daqueles 4 Livros, como o sabem todos os Irmãos Maiores, terem sido destruídos pelo Fogo, embora o número imenso de revelações

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

e outras coisas mais que constam de nosso Arquivo, inclusive, Mensagens que nos foram enviadas por Fraternidades ou Colégios iniciáticos, emblemas, insígnias, etc., etc. – *Nota do tradutor.*

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

O Tibete é o país dos demônios. Se nos fossemos apoiar nas lendas e crenças populares, chegaríamos a pensar que seu número excederia a da mesma população. Revestindo mil diferentes formas, tais seres daninhos habitam nas árvores, nas rochas, nos vales, nos lagos, fontes, etc. ... Perseguem aos homens e aos animais para lhes sugar “o sopro vital”. Vagueiam por simples passatempo pelas estepes e bosques... e todo viajante se acha em constante risco de repentinamente encontrar-se frente à frente com um deles...

De tal estado de coisas resulta que os tibetanos se vêm forçados a manter um grande comércio com os maus espíritos, porém, o lamaísmo oficial encarrega-se de dominá-los, convertendo-os em fiéis e submissos escravos e, se a tal não se sujeitarem, ficarem em estado de não prejudicar a pessoa alguma, quando não, destruídos ou exterminados. Os feiticeiros fazem grande concorrência aos lamas regulares, porém, mais frequentemente, preferem manipulá-los com objetivo oposto àqueles, tratando de se servir de um ou mais demônios, à fim de os empregar em suas nefandas necessidades.

Se o poder do feiticeiro não é bastante forte para obrigar aos demônios que o obedeçam, constituem-se, por sua vez, em seus cortesãos, esforçando-se por obter seu auxílio para suas vinganças.

Entretanto, à parte o lama que pratica os ritos ortodoxos, tal e como são aprendidos nos colégios monásticos de *gynd* e de comprovados feiticeiros, os místicos tibetanos praticam um certo gênero de trabalhos em relação com aqueles, cujo se deriva da aprendizagem psíquica ¹. Semelhante comércio consiste em encontros provocados,

¹ Os atributos do mago negro tibetano são: tiara de cinco caras; complicado colar de cento e oito rodela feitas de igual número de crânios humanos; uma espécie de avental tecido e ornado com imensa quantidade de ossos cada um deles com a data de sua incorporação e um punhal mágico, cuja ponta pode, muitas vezes, encontrar-se envenenada. Os costumes de tais feiticeiros são sempre anti-budistas; evocadores de espíritos malignos; com tremendas práticas necromantes, onde se servem de bebidas alcoólicas (como nas macumbas, o “parati” o “mel de abelha”, etc...) e de outras estranhas beberagens.

Curiosa a seguinte cena descrita pela mesma David-Neel, sobre o encontro que teve com um deles, em sua viagem à *Lhassa*:

“Estávamos sentados junto ao fogo, onde fervia o chá para nossa ceia, quando, de repente e do outro lado das chamas apercebi a silhueta de um lama de elevada estatura, que para mim olhava fixamente. Nem eu, nem Yongdem o havíamos antes pressentido. Mais parecia ter surgido do seio da terra, como os gênios das velhas lendas. Foi tão súbita a aparição, que ficamos estupefatos.

Levara o desconhecido a simples indumentária dos *gomiptchen* ou lamas, que não habitam os mosteiros; um *then-treng* feito de ossos humanos pendia de seu peito e largo bastão terminando em tridente. Sem pronunciar uma só palavra que fosse, sentou-se junto ao fogo, não correspondendo, tampouco, à nossa atenciosa saudação de *Kalé ju den jaz* (“sêde bem-vindo”). Yongdem fez tudo para estabelecer a conversação, pelo que acabamos por julgar tratar-se de um asceta que tivesse feito voto de silêncio.

Esse homem impassível, que fixamente me olhava, começou a nos ser incômodo. Desejamos vê-lo pelas costas ou, que ao menos aceitasse um pouco de alimento ou de bebida, como é costume entre os viajantes. O fato é que o desconhecido não trazia consigo, nem sequer o saco de *tsampa*, coisa extraordinária em um país como aquele em que não existem muitos albergues. Como se alimentava, pois? Sentado, com as pernas cruzadas, junto ao seu tridente cravado no solo, parecia antes uma estátua de olhos vivos. Era já noite cerrada e ficaria ele conosco?...

O chá já se achava preparado e nosso estranho visitante retirou de sob a sua roupa um crânio modelado em forma de escudela e estendeu-o a Yongden. Quase sempre essa classe de *copas* macabras só servem para beber álcool, pelo que, meu jovem companheiro fez ver:

Gomptchen, não temos álcool, porque não o bebemos.

Dai-me o que tiverdes, replicou o visitante falando pela primeira vez; é-me indiferente, seja o que for.

Em seguida bebeu e comeu um pouco de *tsampa*, voltando novamente ao seu mutismo. Não fazia o menor gesto que indicasse querer dormir, nem partir. De repente, voltando para o meu lado, disse:

Yetsunema, que fizestes do vosso *then treng*, de vosso *zen* (manto ou toga dos religiosos) e de vossos anéis de iniciada?

Senti como se o coração houvesse parado, tal o meu espanto! Conhecia-me aquele homem e, com certeza me havia divulgado no *Kham*, no desértico prado de *Amdo*, em Tsang, fosse onde fosse, porém, vestida de *gomptchenema*. Yongden tratou de arranjar um embuste qualquer, porém, o desconhecido logo o atalhou, dizendo:

Deixe-se de farsas! exclamou ele em tom imperativo...

Recuperei, finalmente, meu sangue frio. Toda e qualquer comédia era inútil. Ademais, o lama não denotava nenhum interesse em nos denunciar.

Ide, respondeu Yongden – e acendei para lá o vosso fogo.

Ele assim o fez, dizendo porém ao meu ouvido, quando estávamos a sós:

Não atormenteis vossa memória. Estou bem seguro de que o desconhecido jamais vos apercebeu.

A conversação que se seguiu foi longa e versou sobre pontos mui especiais de filosofia e de mística tibetanas, que aqui não teriam razão de ser. Enfim, o viajante se levantou e, de tridente à mão, afastou-se como um fantasma, ou seja, do mesmo modo como apareceu diante de nós. Sem provocar o menor ruído no pedregoso caminho, internou-se no bosque, ou antes, por ele sumiu...

Este *gomptchen* não nos denunciará – dissemos... Ademais, preferível não nos acercarmos de ninguém que nos possa reconhecer.

Convém notar que o fato de não quisermos encontrar com qualquer visitante, obedecia a outros motivos. Com efeito, tratando-se de encontros análogos, é regra seguida entre os místicos tibetanos não intentar jamais, propositadamente, um novo encontro, à parte

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

outras razões, porque dizem eles um ensinamento, uma doutrina, uma idéia seja qual for, são por sua própria natureza, essencialmente pessoais. E como tais devem elas perdurar independentemente daquele que as expressou, razão porque não se deve

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

conscientemente, com os demônios pelos discípulos, seja para os desafiar e aprender a dominá-los, seja para lhes render homenagens. Não obstante o caráter às vezes grotesco e até repugnante, ao nosso modo de ver, tais ritos aspiram a objetivos úteis e até elevados, tais como: combater o medo; despertar sentimentos de excessiva caridade; chegar ao completo desprendimento de si mesmo e, finalmente, à iluminação espiritual. O mais admirável desses ritos, é o denominado “tcheud” (de “cortar”, suprimir, etc.) segundo já fizemos ver em outros lugares.

Por mais violentas que possam ser para nossas mentes ocidentais e positivistas, tais crenças orientais acerca dos “espíritos naturais” (“elementais”, demônios, etc.) e de sua ação sobre os fenômenos meteorológicos, etc, uma especial atenção sobre o assunto nos fará ver de modo bem diferente.

Como não saibamos admitir, senão, o que nos entre pelas portas dos sentidos (critério filosófico do “sensualismo” de Locke, Condillac, etc.), mal podemos aceitar de pronto semelhantes entidades que, pelo fato de existirem, nos são completamente invisíveis. Embora que nem tudo real seja visível, pois que a gama das coisas visíveis é muito restrita por não abarcar mais do que os vibratórios limites do éter entre os 400 e os 720 milhões de longitude de onda, que constituem “a ilha etérica da luz”, por cima e por baixo das quais existe para nós “obscuridade” e “invisibilidade” total dos seres que possam fazer vibrar o éter com aquelas outras sintonias. À parte o problema das “velocidades de apresentação”, daqueles hipotéticos seres, que se tornarão invisíveis se desfilarem diante de nossa retina, com rapidez maior do que uma décima de segundo e de sua possível característica de “seres da quarta dimensão”, que lhes assegura a invisibilidade para nós, os “da dimensão terceira”.

Em resumo, muito temos escrito à respeito sobre o assunto, para sermos forçados a repeti-lo neste momento. Basta pois, ao nosso objetivo de hoje consignar que o critério filosófico oriental, em semelhante assunto, mais sábio e mais profundo, vê uma realidade material ou física, um corpo (vegetal, animal, nuvem, astro, etc.) como também um “grupo”, uma condensação de força, um potencial qualquer, diferenciador do ambiente que o cerca. E a tal “potencial”, como a tudo quanto existe no Cosmos, atribuir-lhe porção maior ou menor de Inteligência, já que o Pensamento, com suas etéricas vibrações de inaudita frequência, é a base fundamental de tudo quanto existe, o que por sua vez não é, em resumo, mais do que “Pensamento manifestado”.

Por consequência, admite semelhante hipótese, já em si racionalíssima, que estamos diante do caso dos orientais: uma nuvem, por exemplo, é uma realidade física, “um corpo”, em sua maior ou menor condensação e extensão; porém, é também “uma força”, com “determinada missão a cumprir, enquanto viva”. E que a cumprirá se não encontrar nenhum obstáculo exterior em outra força contrária e mais poderosa. E na nuvem existe, ademais, “uma inteligência presidindo-a e levando-a por naturais *roteiros* ao cumprimento daquela sua missão de fazer “chover”, “*granizar*” ou “produzir descargas elétricas”. Estando, pois, a nuvem dentro do jogo e da luta natural de “vontade para vontade e força para força”, outra vontade superior poderá dominá-la, com o que já nos encontramos dentro do problema da taumaturgia ou “domínio sobre os elementos”, como no caso que se conta de Jesus, fazendo serenar, com a sua ordem, uma tempestade no lago de Tiberíades; de Apolônio e outros tantos, realizando milagres (“maravilhas”, melhor dito), semelhantes e, em uma palavra, em todos os casos acima referidos.

A eclesiástica doutrina de sempre admitiu tudo isso, mesmo porque, em seus inúmeros “formulários de magia”, figura em preferente lugar a oração “*ad pretendam*

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

aproximar, propositadamente, do instrumento – humano ou não – por cujo intermédio foram elas formuladas no seu devido tempo. E que instantes depois, mercê a causas diferentes possam determinar manifestações, por sua vez, de ordem diferente. – *Nota do autor.*

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

pluviam”, para os casos de grandes “secas” e exorcismos outros dominadores dos entres demoníacos, tal como o fazem seus congêneres; os magos e feiticeiros orientais.

No léxico popular também se conserva a obscura tradição de todas essas coisas. E assim, por exemplo, no castelhano, figura a frase “echar a mandar llover”, ou “con cajas destempladas” (o mágico tamborim de todos os feiticeiros) a quantos impertinentes e maldosos nos queiram enganar com suas “más artes”, mais ou menos, pseudo-mágicas (como aquele conto de “Pedro Malazarte” ou das “más artes”, para enganar os outros, dizemos nós). E até mesmo agora depois de serem preconizados os disparos de canhões *granifugos* contra as tempestuosas nuvens, para desfazer sua vesicular contextura e, de certo modo, orgânica, qual se desfaz, igualmente, com tal processo a de outros seres mais *corporizados*: os homens, verbi-gratia, rompendo o laço etéreo-orgânico, que constitui a sua vida, ou antes, *matando-os*.

E, mais recentemente, na Europa e na América se vem falando de pessoas que podem produzir à vontade, a chuva, tal como fazem os tibetanos. O coronel Olcott em seu “Old diary leaves” relata-nos algo à respeito, em referência a um necromante italiano, que durante algum tempo foi amigo de H. P. B.

E que duvidar de tudo isso? Nenhuma dúvida resta de que a Humanidade futura, herdeira da atual, que conquistou a atmosfera com o aeroplano e a onda de Hertz, logrará dominar a nuvem tempestuosa e aproveitar-se de suas potências elétricas... “Tudo é possível”, diz a sentença tibetana; “plus-ultra”, disseram também os que elevaram as Colunas de Hércules gaditanas, como devem sempre dizer nossas próprias Ciências, Artes e demais atividades...

Outrossim, quem são, em verdade, esses elementais, diabos e demais “perversos”, que com tão cruel maneira tratam sempre de cortar o passo, em todos os seus atos, ao homem, *crucificando-o*, assim, ao decorrer de toda sua vida física, já que a tela da vida (“tela simbólica de Penélope”) não é, senão, a trama tecida “nó a nó” cada vez que tal “nó” ou “laçada” se apresenta ao cruzar-se o fio da marcha do homem, pela linha de um ideal qualquer de suas atividades, com o outro fio do obstáculo “elemental” ou físico que se lhe atravessa em cruz, pretendendo embargar-lhe o passo?

E tal problema nos dará assunto para outro capítulo.

XXXVIII

AGNUS DEI QUI TOLIS PECCATA MUNDI

Um dos maiores erros das religiões ocidentais (mosaísmo, cristianismo e maometismo) é o de considerar a *Redenção* ou “nova compra” (red-emptio), como um meio direto de expiação por *terceira pessoa* dos pecados cometidos pelos homens. O cristão vulgar, por exemplo, julga-se mais redimido pelo sangue que Jesus derramou na Cruz, do que pela sua própria doutrina evangélica (“lei do menor esforço”, dizemos nós, além de que, a confissão e a comunhão completam o resto...), embora que insignificante, mas delicada e formosa faceta da primitiva Sabedoria, com a qual o cristão tem o dever de redimir a si mesmo. No *Maometismo*, por sua vez, existe um capítulo (o II do Alcorão, melhor dito, *primeiro*, por ser este o “preliminar” do livro), intitulado “A Vaca”, onde se desenvolve, por extenso, o simbolismo desse animal (emblema do culto “luni-solar” ou *andrógino* primitivo, dizemos nós, pois que a *Vaca* é a *Lua*, e sua “bezerra”, terneira ou

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

“terreira”, é a *Terra*, etc., semelhante aos primeiros contos das *Mil e Uma Noites* ¹, onde se fala, também, dessa *Vaca* e de sua *terneira*), animal, repetimos, com cuja morte propiciatória ou “redentora”, podem ser apagados os mais hediondos crimes (“pecados”...). Quanto ao *mosaísmo*, possui ele – qual o “cavalo” dos primitivos ários – complexíssimo cerimonial, como se pode verificar através do *Levítico* e do *Deutoronômio* para o ritualístico sacrifício da “Vaca”, no Templo, quer nas grandes cerimônias “pro-populo”, quer nas familiares ou na iniciática dos sacerdotes: todos são obrigados “a estender as mãos sobre a vítima”, como se solidários fossem ao ancestral protesto contra “a única e verdadeira religião astrológica da Mãe-Natureza”, ou seja: do *Sol*, da *Lua* e da *Terra*, acompanhadas dos demais *astros*, segundo o mais sábio dos “ritos sem ritos”, dos *Ario-caldeus*.

E assim, com a nostalgia de tão horrendos sacrifícios, que chegavam ao ponto de atingir aos homens, às mulheres e às crianças, entre os diversos povos citicos e mediterrâneos. (Veja-se o código romano das “Doze Tábuas”), a religião hebraica tem como uma de suas mais solenes cerimônias, o sacrifício do “Bode sagrado” em expiação (“donde provém o termo: “bode expiatório”, dizemos nós) dos pecados de todo o povo de Israel, o mesmo que “põe sobre ele as suas mãos”, debaixo de demonstrações de alegria e de ensurdecidora algazarra, qual a dos próprios selvagens, nos seus *canibalescos festins*... E que fez dizer a Lista, o poeta cristão espanhol, à respeito da *Vítima* crucificada:

“Muere... Gemid, humanos,
todos en él pusísteis vuestras manos!” ²

O sacrifício expiatório é, pois, o necromântico sinete, ou antes, o estigma fatal de todos os povos, desde a *queda da Atlântida*, que, *por sua vez, necromante se fez* (à parte a *rima* forçada que, como mau tradutor da obra, fizemos), transformando o *Bem* em *Mal* ou de “excelsos *solares* em decaídos *lunares*, algo assim como quem diz: Reis divinos ou deuses transformados em “demônios”, senão, como *decrépitos, caídos ou vencidos*, como os aponta de modo inexcedível o grande Beethoven em sua “Décima Sinfonia” (escrita em língua “Jina”, razão de não ser conhecida pelos “homens vulgares”, ou simples mortais), no prodigioso trecho musical, em “Ré sustenido menor”, intitulado: “O Crepúsculo verspertino dos Deuses”...

O touro dos Taurobolios e o de nossas próprias “Corridas e torneios”; a Vaca, o Cavalo, a Corça, o Cordeiro, a Raposa, o Galo, as Codornizes, Pombos ³, Perdizes... e

¹ Mil e Uma Noites ou 1001, 1010, IO – IO ou simplesmente *Isis*. IO ou YO é o grande princípio feminino, mãe de toda a vida, entre os Egípcios e os Gregos; equivalente de Aditi. Por extensão, a Lua e até o *cteis*, simbolizando as funções femininas da geração. Por outro modo, a própria *Isis*.

Conta-se o caso de famoso toureiro, que tendo abatido 1000 touros, deixou para sempre a arena. Muitos anos depois, oferecia ele ao seu filho mais jovem vários brinquedos, dentre eles, um pequenino touro. Em dado momento, estando a criança a brincar no solo, seu pai, vindo descalço por aquele lugar, espeta-se nos pequeninos, mas afiados chifres do “touro”. No dia seguinte a ferida grangrenava e o famoso toureiro morria. E isso, iniciaticamente, porquanto, um simples matador de animais não poderia completar o sacrossanto número 1001, mas sim, um Adepto, como fiel servidor da Lei... através de quantos “Itinerários de IO” segue a Mônada, na sua espiritual evolução. O toureiro, porém, morre sacrificado pelo touro 1001, embora que, como um simples brinquedo de criança... *Karma*, diriam os hindus! – *Nota do tradutor*.

² Preferimos deixar a citação em espanhol, para não prejudicar a rima.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

até o Homem! todos os seres, enfim, existentes na Terra, “para felicidade nosso e *carnívoro* alimento”, oferecem seu inocente e propiciatório *sangue*, em holocausto a esses terríveis elementais ou seres do Astral, verdadeiros vampiros, “yidags” e... toda essa corte maldita que foi transformada em “deuses” pela estultícia, crueldade e ignorância de uma súcia de piratas exploradores da credence pública (ou boa fé dos incautos, senão, dizemos nós, dos “impúberes psíquicos”... de que o mundo está cheio) pouco importa quais sejam... querendo fazer passar como “religião” – ó blasfêmia das blasfêmias! – um tributo sangrento, rendido a tão imundas criaturas – outrora sob o domínio de seus superiores, embora que dominá-los possa, ainda, a Humanidade, se através da Boa ou Branca Magia, como a Excelsa Ciência da Natureza e do Espírito: a TEOSOFIA.

Trouxemos à baila todas essas coisas como prolegômenos da sua relação com a chamada *Procissão do Ser-pang*, final apoteótico das festas do começo do ano, em Lhassa, como no-la relata a Sra. David-Neel. E mais uma prova das inúmeras reminiscências necromantes, que conserva a teocracia tibetana, semelhante a outras tantas que por aí existem...

A autora chama à tal festa de “bouc-émissaire”, embora que na mesma “o bode expiatório” hebreu passe a ser um mísero humano, que escolhe tão singular *meio de vida* (melhor dito, de “morte”...), qual aquele outro, não menos perigoso, de nossa *Tauromaquia*...

Os grandes mosteiros oficiais de *Djo*, *Sera*, *Depung* e *Galden* (cujo último nome, dizemos, faz lembrar o “garden” inglês, ou “jardim”, em nossa língua; o *Gan-Eden*, senão o próprio *Eden*, Jardim ou Paraíso terrestre...) tomam parte solene nessa festa pagã, devidamente convidados pelo Dalai-lama, pois, no momento assinalado, vêm em procissão do Potala, sob a aclamação daquele embrutecido povo, formando a ronda ou volta circular que se desenrola em torno da colina sagrada. À sua frente vai o *bu* ou “homem-boi”, “bode expiatório”, que há de pagar por todos os infames pecados cometidos por aquele povo e seus mais do que hipócritas sacerdotes, durante o ano que acaba de expirar. A vítima, é sabido, só pode suportar um ano de açoite astral e físico, que recebe na sua passiva e estúpida missão, sendo mui raro quem a suporte durante dois anos seguidos... e se chega a suportar três (“herói entre os heróis!”...), recebe do Estado uma pensão até finalizar seus dias... As dádivas e esmolas, que lhes são dadas e aos de suas famílias, *tentadoras*, são, no entanto, para que apareçam sempre “idiotas”, que se sujeitem no mundo a viver apanhando (“saco ou surrão de pancadas”, como se costuma dizer de quem vive sempre “a apanhar e nunca a dar”...). Ademais, só o gesto do *bu* em levantar a cauda da “vaca vermelha” ou “negra”, que traz, como símbolo, em redor do corpo, bastava para tornar indigno o direito que tem à esmola, embora que qualquer homem compassivo não se negasse a lhe dar...

O *Lud-kong-kyi-gyalpo*, que assim é chamado o *bu*, ou aquele que “faz a festa para a saúde e felicidade do povo” (ou antes, dizemos nós, “para bem de todos e felicidade geral da Nação”, à parte o cacófato...), uma vez que os lamas, com suas necromânticas fórmulas e a tradicional “postura das mãos sobre a sua cabeça”, onde pesa o odioso fardo dos pecados de toda aquela gente, e o soltam, como animal selvagem, ou antes, *fantasiado* de cabra com dupla cara (branca e negra), ainda passa pelo tremendo vexame de ver toda aquela multidão o apupar, debaixo de ensurdecadores gritos, pedradas e até moedas (única que lhe deve ser agradável, se não lhe for ter à cabeça, dizemos nós), na sua vertiginosa fuga para o longínquo mosteiro de *Samyé*, como “arquivo dos alentos

³ Como o fazia certo rei, hoje destronado, “cujo esporte favorito era “atirar aos pombos”. Seu próprio “espectral e funéreo número” (XIII), segundo a primeira ou mais grosseira das suas chaves cabalísticas... apontava-lhe o “criminoso instinto...”, como também, a sua

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

queda ou “morte moral”. – *Nota do tradutor.*

Vide no número 71 desta Revista, *A Triste História de um cordeirinho*, como uma das mais dolorosas páginas da vida de nossa Obra.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

vitais”, ou coletor mágico do “último alento”, de quantos seres morrem, constantemente, no mundo, ou ao menos, no Tibete, de que já falamos em outros lugares deste trabalho.

Ilustração: foto:

Legenda:

No “Templo dos Monos” onde se adora a deusa “Kali”, sacrifica-se um cordeiro, cujo sangue beneficiará os homens.

Em tal mosteiro, com os restauradores *banquetes* que lhe dão os monges, durante uma estadia de *sete dias* (*simil*, dizemos nós, de “todas as dores ou sofrimentos de uma raça-mãe, através de suas *sete* sub-raças, que vão *confortar*, auxiliar, aumentar os valores evolucionais da própria *Mônada*, na seguinte Raça-Mãe que, por sinal, já passa por menores sofrimentos que a anterior...), o pobre *bu* se refaz de *suas dores*, embora que seja dito “em boca pequena” (como costuma dizer o vulgo daquilo que se não deve falar às claras...), que, “a sua maioria venha a morrer de enfermidades suspeitas e em circunstâncias inexplicáveis...”⁴.

Em nossa infância campesina tivemos ocasião de assistir certas festas carnavalescas, de que conservamos na memória e que se ajustam perfeitamente à tibetana, que acabamos de descrever: entre elas, a da “Gralha”, da Corça, do Boi, “a Vaca vermelha ou negra”), como o mártir do Carnaval, espécie de “Boeuf-gras” (*boi-gordo*) da Mî-Carême francesa: trata-se de “um homem”, espécie de “buc-emissaire”, que leva na cabeça um engradado coberto por espessa manta, que lhe oculta o corpo. Nos extremos dianteiros desse engradado, dois enormes *li-aras* ou cornos (o “bumba-meu-boi”) dos nossos ranchos carnavalescos e da noite de *Reis*... dizemos nós, principalmente na Bahia, todos eles se dirigindo para a tradicional “Lapinha”) e na parte traseira, o respectivo rabo, semelhante a do “*bu tibetano*”, por sinal que, entre nós, também chamado “fazer o *bu*” ao festivo papel que este desempenha, fingindo atacar as pessoas e... com as suas hastes, querendo erguer as saias das mulheres, entre risos, imprecações e grande algazarra da multidão que, com pauladas e pedradas, trata de fazer fugir a “vaca ou boi”. Na da “gralha” e em lugares como Astúrias, que conservam tradições mais antigas, era ela *apedrejada* com pães, ovos e até salmões do rio, como se a quisessem fartar com essas coisas...

A referida festa tibetana tem, pois, por precedente outras tantas lendas ocidentais. Recordamos, de momento, que no mito espanhol de *Flores e Branca-Flor* (“a Kundry” e as “mulheres-flores tentadoras”, do *Parsifal* de Wagner); o Príncipe, que representa ora o Homem, ora a Humanidade, cai na terrível situação de prisioneiro do *Ogro* (ou “rei dos elementais perversos”... “o monstro mitológico, que comia gente”, dizemos nós), depois de haver jogado aos dados com o Demônio e perdido a partida, pois, embora tendo saído o *duplo seis* ou 12, o *Demônio* parte, a um deles as duas metades, marcando 13 (cuja lâmina no Taro, é a “Morte”, dizemos nós, *perda* e outras coisas mais, embora que, em superior sentido, segundo a cabalística interpretação, nas suas *sete* chaves, se relacione com *Geração*, *Construção* e outras coisas de valor...), ao que devemos acrescentar que o *bu*, quando escapa com os pecados de todos, têm que *jogar* com o próprio Dalai-Lama “uma partida de dados”, partida que, com a sua superior magia, é ele, já se vê, quem a ganha, pelo que, lança – qual Aarão – contra o “bode expiatório”, as primeiras

⁴ “O chá da meia-noite”, diria o carioca, na sua “verve costumeira”, já que alguns mosteiros tibetanos, como já foi dito, são

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

apreciadores desse criminoso processo de fazer deixar o mundo... aqueles que não lhes convenham “pisar no palco cênico” da vida. –
Nota do tradutor.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

imprecações da astral e física tormenta, que desde aquele momento se desencadeia contra o pobre coitado, por parte da multidão...

Será que semelhante cerimônia do *bu* possui similar nos textos sânscritos da mística tântrica dos Gynd-tempa e Gynd-medpa? Não o sabemos, porém, o fato é que, “o de se sobrecarregar alguém com os pecados, ou sejam, os próprios elementais pecadores, para depois a criatura ser deles limpa ou descarregada, “é bem igual à outra, como o é a que encontramos no texto evangélico, daquele “*endemoninhado*”, que Jesus o cura (ou salva), fazendo passar tais “elementais” para uma manada de porcos, que se vai afogar imediatamente no rio...”

Ilustração: foto

Legenda:

A sala do Touro sagrado no templo de Gozain, em Benares.

Tal espírito de jogo ou de invocação ao *Azar* – que não é mais do que um constante repto ou desafio lançado aos elementais (razão por que todas as “Sortes”, profanas ou sacerdotais, são difíceis de vencer...), reflete-se nas cerimônias do princípio do ano (pois não se sabe ainda, dizemos nós, que espécie de “sorte ou Karma” nele havemos de ter!...), como nos refere Alexandra, inclusive a da *cabra*, do *galo* e da *lebre* encerrados em gaiolas e sobre os quais têm que acertar, às cegas, e com 19 tiros (– número da lâmina e letra Coph do Taro, que exprime, por sua vez, hieroglíficamente, dizemos nós, uma *arma* ou meio de defesa para o homem, além da do mais elevado sentido, do seu próprio assunto: “o *Sol* *dardejando* seus áureos raios sobre duas crianças de “sexos diferentes”, aos quais preferiríamos chamar de: *Gêmeos Espirituais*, segundo as velhas tradições...), o atirador... Se algum desses animais é alcançado pelas balas, o fato é tomado como de “mau agouro” para o povo, e até, para o Dalai-lama. E se em troca, o fuzil arrebenta e mata o atirador... é tomado como *ótimo* presságio (sempre uma vítima ou “bode expiatório”, dizemos nós).

Seja como for, tais assuntos são para fazer pensar ao Teósofo: que existe, de fato, em seu fundo, os “sacrifícios expiatórios” – ou cármicos, de todas as épocas e países. A nosso ver, existe, porém, algo de mais antigo e profundo: a supersticiosa degradação de uma grande Verdade, que é a da *Queda*, que já provém dos mundos superiores e a posterior Subida ou Ascensão ao ponto de partida, por “Expição ou Redenção”...

No símbolo idiomático védico, a 49ª letra do alfabeto sânscrito, é representada pelo (símbolo) do “infinito” (um oito horizontal, dizemos nós, tal como na Matemática), crucificado em um T ou Tau, que é a primitiva forma da Cruz... ou “dos sexos” ainda não diferenciados... e onde vive *crucificada* toda a Humanidade. Representa, ainda, no macrocosmos, o Logos ou Pensamento Divino, *crucificado* nas limitações ou *finitudes* da Manifestação... e no Microcosmos, o Humano Pensamento *crucificado* nas limitações da palavra. Este é o *Cristo* primitivo, milhares de séculos anterior a *Jesus* (ou antes, a Jeoshua) e ao criminoso, visto que, como perversos precursores do grande Wagner, forjicaram, astuciosa e necromanticamente os Tertulianos, Eusébios, Cirilos, Irineus e Clementes de Alexandria, dando lugar a uma das mais dolorosas aberrações “histórico-religiosas” que registram os séculos, e contra a qual não cabe outra arma de maior valor, do que a Teosofia do Reto Caminho...

Nesse caso, referindo-se a si mesma é que a Igreja deve dizer: AGNUS DEI QUI TOLIS PECCATA MUNDI, ou antes, *Mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa !*

XXXIX

O TUMO

O HOMEM é um ser evolutivo e perfectível. Seus poderes não têm limites, principalmente, se souber aplicar aquele preceito ocultista de que, “a imaginação reunida à força de vontade, é a chave da Magia”, ou a sentença dos eremitas tibetanos: “Tudo é possível, desde que se saiba querer”. E todas as limitações atuais, em cada homem em particular e na Humanidade, em geral, nascem de sua falta de conhecimento. Se na ordem do progresso material, falam de modo eloquente a favor dessa tese, as maravilhosas descobertas da época moderna, em que a Magia da Ciência – única e verdadeira Magia, por ser fundada sobre os alicerces de um maior conhecimento das leis naturais, segundo a etimologia das palavras: *magis*, *magister*, *magnus*, *magnes* – é lógico pensar que igualmente acontecerá com os problemas chamados psíquicos, um dos quais – a sugestão – é prova bastante eloquente do fato.

Ilustração: foto

Legenda:

No mosteiro de Podang. Da esquerda para a direita: Dawasandup; S. A. Sidkeong Namgyal (o príncipe lama). A. David-Neel. Por trás, um grupo de “trapas” do mosteiro.

O homem moderno desenvolve, cada vez mais, sua força de vontade e o poder de imaginação: os grandes mestres tibetanos, herdeiros de uma velha cultura perdida, sabem melhor do que nós, que o ser humano nasceu para dominar as naturais forças hostis, que lhe impedem a vida em diversas partes do Globo: as regiões polares, as grandes alturas nevadas, o deserto, as profundidades do planeta, etc., como sabem, que tudo isso se acha em relação a hoje, o que não quer dizer que o fosse ontem, e muito menos, amanhã.

Inúmeras vezes temos citado, tanto neste, como em outros trabalhos nossos, as tradições relativas a prodigiosos ascetas vivendo uma vida super-humana nos cumes nevados, onde o homem vulgar não poderia viver, o que logo faz supor, o conhecimento de certas funções orgânicas capazes de operar um poder de adaptação a semelhante meio ou lugar, dentro da luz “darwiniana” de quantas adaptações semelhantes reconhecem a Filogenia e a Ontogenia. A referida ciência ou arte de desenvolver um desconhecido, embora que natural calor, tem por nome: TUMO.

Nada de positivo conhecíamos à respeito de semelhante arte, quando vêm a lume os famosos livros de A. David-Neel, aos quais, mais uma vez, somos forçados a recorrer, segundo a descrição abaixo:

“Passar o inverno em uma cabana situada, quase sempre, a quatro ou cinco mil metros de altitude, tendo por sobre o corpo ligeiras vestes, quando não, completamente despido, não perecer de frio, é verdadeiro enigma, que muitos dos eremitas tibetanos resolveram, provocando o calor interno pelo processo do Tumo ¹. Existe, segundo os

¹ Não deixa de ser estranha a coincidência da palavra tibetana *tumo*, com as gregas de *tumos* e *tumoeides*, representativas das envolturas etéricas e astrais do homem e seu “glorioso corpo”, uma vez que, tendo morrido, deixou seu corpo físico no *túmulo* ou *túmulo*.

Tal coincidência pode ser um “fio de Ariadne” para nos aprofundarmos na análise de tão notável prática, que generalizada talvez, um

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

dia, entre os homens, poderá fazer os senhores das regiões polares e das alturas nevadas, que ocupam tão considerável parte do Planeta. Enquanto ao caso contrário de resistência ao excessivo calor da zona tórrida e dos desertos, deverá, com certeza, existir

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

adeptos das ciências secretas, várias espécies de *Tumo*, entre eles, o que aparece espontaneamente em certos êxtases, quando o místico se sente envolvido “pelo doce e cálido manto dos deuses”; o esotérico ou aquele que, aquecendo o fluído generativo, o faz subir à parte superior da cabeça (hipófise e epífise), produz em lugar do prazer carnal (ou “Samadhi” caótico, dizemos nós), delícias espirituais e intelectuais. Somente um pequeno número de lamas se acha familiarizado com as várias espécies de *Tumo*, enquanto que o concernente à vida entre as neves, é de tradicional conhecimento de todos os tibetanos, porquanto, a maneira de o produzir é mantida em segredo, sem que sirvam para sua aquisição, as explicações dadas nos livros, mas tão somente, o ensino prático e pessoal de um mestre experimentado.

“Semelhantes ensinamentos são precedidos de um largo período probatório e, uma vez iniciados, desde logo mister se faz renunciar às vestes de lã e à aproximação do fogo. O noviço retira-se para um lugar deserto e solitário, numa altitude pelo menos de 3.000 metros, longe de qualquer povoação, pois que, a sua atmosfera e *astralidades* poderiam prejudicá-lo, tendo ainda que praticar por muito tempo, exercícios preparatórios, desde o anoitecer até o amanhecer. No começo poderá tomar assento na relva, depois na terra e, finalmente, na própria neve. Depois de vários exercícios respiratórios (Hatha-Yoga) e de profunda concentração espiritual, que afasta todo e qualquer pensamento e emoção, terá que imaginar um sol radiante na região umbilical, uma espécie de loto amarelo (áureo, melhor dito) e, pronunciando, ao mesmo tempo, o monossílabo *Ram*, que é o mantram do Sol (diríamos, de preferência, o “Bija” de Tejas...) e logo o outro monossílabo *Ma*, próprio da deus Dordji-Naldjorna (a Lua, dizemos nós, ou mesmo Apas, nesse caso também podendo ser *Vam*, como *Bija*). Estas duas sílabas místicas, denominadas “sementes” (Bijas) ou germes de tudo, não devem ser consideradas como simples caracteres simbólicos, mas, como seres vivos, almas do Fogo e da Água... Um poderoso Fogo vital acaba, finalmente, por se ir elevando por todo o corpo, até chegar à cabeça, com o jogo duplo das letras *A* (Fogo) e *Ha* ou *Aa* (Água) ao longo do canal *uma* ou *Shushumna*, embora que os místicos avançados não concedam a tais veias, condutos ou “canais” de *roma*, *uma* e *kyangma* outro caráter que o de “linhas de força” ou criações imaginárias. Dez etapas sucessivas, enfim, coroam o exercício, durante as quais o interior fogo orgânico cresce, tremula e decai, até extinguir-se... Milarespa encontrando-se, de repente, bloqueado pelas neves, em uma caverna próxima ao Everest, pôde manter-se vivo até que se deu o degelo, graças ao *tumo*, além de nos ter deixado de tal prática, deliciosos versos”.

Por mais estranha que à primeira vista possa parecer, a prática do *tumo* e seu alcance na vida, dever-se-á notar que a Humanidade atual, na sua dolorosa e heróica trajetória pelo “Caminho Direto”, vai a seu modo, conquistando lentamente o *tumo*.

Que o digam esses prévios “treinamentos” ou aprendizagens realizados pelos candidatos às explorações polares; por outro lado, os habitantes de países mui frios, como Escandinávia ou Escócia, onde um “tumo lento e ancestral”, oriundo de suas penosas vidas, já os tornaram aptos a poder suportá-los... Quem conhece as novelescas e emocionantes narrações do clarividente Julio Verne, relativas às regiões hiperbóreas, ou os não menos patéticos, por serem reais, dos contemporâneos Nansen e Amundsen, compreenderão que tais heróis se prepararam para um inconsciente *tumo*, acima de tudo, através de um otimismo, disciplina mental, emotiva e física, um alheamento completo de todo e qualquer vício, “um ilusionismo imaginativo”, enfim, que se não os obriga a ver “um áureo sol brilhando em seu umbigo”, grava-lhes, em troca, em suas fronteiras e nos seus corações, o divino panorama da Natureza vencida pelo Homem: o dos pólos terrestres desvendados; o da meteorologia, geologia, zoologia, etc., das regiões ártica e antártica,

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

outra prática ocultista semelhante à do *tumo*, porém... dela não temos notícias, nem seria possível ir buscá-las no Tibete, mas sim, na Índia, na Arábia, ou entre os mestres do Sahara africano, como algum dia se terá de saber. – *Nota do autor.*

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

devidamente esclarecidas; dos compatriotas acolhendo-os triunfalmente, como outrora, os heróis da barbaria guerreira... pois, tudo isso é um “Sol astral”, que ao reconfortar e aquecer as suas almas, não pode deixar, tampouco, de repercutir, mágica e consoladoramente, em seus corpos físicos...

Por isso, pelo mágico poder da Vontade e da Imaginação criadora de que falamos, a princípio, aqueles e outros heróis venceram o frio, o gelo e a neve, alcançando mui acima dessa barreira “animal”, construída para os seres irracionais, mas nunca, para o homem... Estas e outras reflexões fazíamos um dia ao transpormos, a cavalo, mais além da “Ponte do Inca”, o porto andino entre o Aconcágua e o Tupungato, na fronteira chileno-argentina, a quatro mil e poucos metros de altitude, vendo espalhados à direita e à esquerda do caminho esqueletos de cavalos, ovelhas, etc., que não puderam prosseguir tão penosa marcha, por lhes faltar a “energia psíquica”, essa mesma que, no homem é a motora de todas as suas forças orgânicas, em relação à clássica frase: *mens agitat molem*, pois que, a Mente é a força motriz de tudo e o mais excelso e poderoso dos corpos do homem (por ser a manifestação do próprio Espírito, dizemos nós).

Acontece, porém, que não terminaremos este capítulo, sem recorrermos, mais uma vez à nossa David-Neel, transcrevendo a descrição de uma prática de *tumo*, que foi a mesma obrigada a realizar, em sua viagem da China à Índia:

“– Yetsunema, disse repentinamente Yongdem, depondo no chão o seu saco com a isca inútil, por estar molhada – vós que sois uma iniciada em *tumo-rsekiang*, podeis passar sem o fogo. Aquecei-vos, pois, sem vos preocupardes comigo, que vou saltar e correr para não ficar gelado...

Era certo que eu havia estudado com dois anacoretas tibetanos a singular arte de aumentar o calor do corpo. Durante muito tempo me vinham preocupando as narrações consignadas nos livros tibetanos e aquelas que eu mesma já tinha tido ocasião de ouvir da boca de outros. E como tivesse sempre tido uma forte inclinação para as investigações críticas e experimentais, acariciava intenso desejo de apreciar, por mim mesma, o que poderia haver de real em tais narrações, que de certo modo as tinha como simples fábulas. Após as maiores dificuldades e de ter empregado a mais perseverante das obstinações para ser iniciada em tal segredo, inclusive, experimentando um certo número de provas bem fatigantes e até perigosas, acabei por aprender e “ver”...

Vi, com efeito, alguns desses mestres na arte do *tumo*, sentados sobre a neve, noite após noite, completamente nus, imóveis, abismados em suas meditações, enquanto que terríveis rajadas esburacando os montões de neve rugiam furiosamente em seu redor. Assisti, ainda, nas noites de luar, o fantástico exame a que se sujeitavam os seus discípulos: alguns jovens sendo conduzidos, no rigor do inverno, para as margens de um lago ou regato, e ali despojados de todas as suas vestes, ao ponto de, com a sua própria carne, secarem toalhas que antes foram postas na água gelada. Tão pronto havia uma secado, era substituída por outra, quase que petrificada pelo gelo, mas que começava a escorrer pelas espáduas do candidato *reskiang*, como se a tivessem posto sobre ardente estufa. Cheguei mesmo a aprender o modo da pessoa habituar-se a realizar tão assombrosas maravilhas e, curiosa como nunca, desejando levar a experiência até o fim, exercitei-me durante cinco meses de inverno, trazendo apenas sobre o corpo a ligeira roupa de linho dos noviços, a 3.900 metros de altitude. Como tais processos ocupassem demasiadamente o pouco que a isso se pode dedicar na presente obra, prometo explicar os meios empregados para produzir *tumo*, em outra, consagrada ao treinamento ou processos psíquicos dos tibetanos. (Vide *Iniciação Lamaica* da mesma autora). Tendo aprendido o que desejava, era já inútil prolongar minha aprendizagem, mesmo porque, nunca havia pensado em precisar de viver em regiões, onde e para as quais, foram

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

inventadas semelhantes práticas.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

E com isso, havia aprendido a dominar os hábitos vulgares, como sejam: acender fogo, trazer pesadas vestes e agasalhos, embora que, mui longe de ser perita na arte do *tumo-reskyang*, como julgava meu companheiro.

– Voltai, disse-lhe eu, ao nosso acampamento e reuni todo esterco e folhas secas que encontrardes. O próprio exercício vos impedirá de gelar... enquanto me ocupo do fogo.

Obedeceu o jovem lama, convencido de que o combustível seria inútil, devido o isqueiro e mais acessórios se acharem molhados; por isso que foi logo perguntando: “Podereis, por acaso, fazer secar tais coisas sobre vós mesma, como fazíeis com as toalhas molhadas quando praticáveis o *tumo-reskyang*?” Nada custava experimentar, o que acabava de lembrar o meu companheiro: coloquei, pois, tais objetos sob as minhas vestes e comecei a fazer o devido exercício. Já fiz ver que, ao acamparmos, tinha sido presa de irresistível sono, devido o esforço para auxiliar ao levantamento da tenda e obtenção do fogo: tudo isso, ainda tinha perturbado o meu mental; mesmo assim, estando o espírito em condições para a prática do *tumo*, fui, maquinalmente, – sem permitir que outro pensamento me assaltasse o cérebro – desenvolvendo toda ela; comecei, desde logo, a ver pequeninas chamas em torno de mim, que aos poucos iam aumentando de tamanho, envolvendo-me e curvando suas extensas e avermelhadas línguas, em torno da minha cabeça; o que me fazia sentir o mais delicioso bem-estar que se possa imaginar... Uma explosão semelhante a um tiro de canhão, sobressaltou-me: despedaçava-se o gelo do riacho... Rapidamente, as chamas que me rodeavam, apagaram-se e desapareceram, como se a terra as tivesse engolido... Abri os olhos: o vento rugia furiosamente, enquanto meu corpo parecia arder de febre. Os meios de obter o fogo, estava eu certa, encontravam-se em condições de ser usados... Continuei, entretanto, naquela espécie de sono, dirigindo-me para a tenda. Sentia o fogo sair da cabeça e escapar-se de meus dedos... Coloquei, em seguida, no chão, um pouco de folhas secas e de estrume, nas mesmas condições, ferindo o pedernal junto à isca: a primeira centelha foi seguida de outras, sob pequenos estalidos, para, finalmente, aparecer a fogueira em miniatura... Pequena chama, no começo, desejosa de viver e de crescer, para logo subir garbosa no espaço, alimentada pelo combustível que aos poucos eu ia nela atirando. Foi quando Yongden, trazendo maior quantidade de ramos, estacou maravilhado:

– Como alcançastes tamanho prodígio?

– Com o fogo do *tumo*, respondi sorrindo. O lama contemplando-me com toda atenção, disse:

– Vosso rosto bem o diz, pois se acha em brasa; vossos olhos brilham com estranho fulgor!...

– Está bem, repliquei; tudo saiu a nosso contento, tratai agora de me preparar uma xícara de chá com manteiga. Necessito de alguma coisa quente...

De fato, receava amanhecer doente e fatigada, o que por felicidade não se deu, pois que, na manhã seguinte, quando os raios do sol atravessando a delgada tela de nossa tenda, acariciavam-me o rosto, despertei alegre e bem disposta”.

XL

O TCHEND

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

Onde encontrar o “espírito forte” capaz de resistir a qualquer temor, ou antes, “doença psíquica”, quando estando só, no silêncio da noite e em plena floresta?... A mais

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

bela e valiosa página do grande Wagner, é aquela onde Sigfredo, “o herói que não conhece o medo”, é conduzido por seu perverso *aio* Mimo, para se defrontar – no fundo da espessa floresta – com *fafner*, o horrível dragão, que ali habita a cova de seu tesouro, donde sai todas as madrugadas para beber a límpida água da fonte, quando não encontra a vítima incauta, que por tais lugares se arriscando, o sangue lhe possa sugar.

Não existe um só pagode budista, cuja entrada não seja precedida de uma dupla fileira de “popalas” ou “ficus-religiosa”, como noturna habitação de *elementais*, criaturas perversas inferiores ao homem, entre as quais se acham os *yidags*, com seus ventres disformes de insaciáveis... possuidores, porém – como eterna tortura – de estreitíssima garganta, por onde apenas pode passar tênue fio de cabelo... Quando Jesus – diz o sempre mal comentado texto bíblico – se encontra diante de uma daquelas figueiras e é obrigado a lhe pedir alguns frutos, não a ela, pois que, sendo primavera, não lhos poderia dar, mas a eles... como “frutos do Bem e de Bênçãos”, que ali não era possível existir, em vista de sua esterilidade, é a razão única de a amaldiçoar...¹.

No meio do herbáceo deserto tibetano, como uma das mais solitárias e pavorosas regiões da Terra, naquele “pampa argentino”, a alguns milhares de metros de altitude, ergue-se, como já dissemos, a lamaseria de *Dzogstehen*, especializada, como nenhuma outra do mundo, em todo esse esoterismo psíquico que abarca a quanto diz respeito a *Dakshyni-Vidhya* oriental, ou seja “o domínio mágico”, sobre toda espécie de “elementais ou demônios”, com práticas, em seu noviciado, de tanto valor, que se não fora estarem (os discípulos) sob o controle do Mestre, custar-lhe-ia a loucura, quando não a muitos, a própria morte. A pior, digamos, de todas elas é chamada TCHEND, segundo nos descreve, ainda, a Sra. David-Neel:

“Antes de ser conferida a iniciação, sem a qual o *tchend* não pode ser praticado com resultado, o discípulo tem que passar por diversas provas preliminares, para se poder, com isso, apreciar o seu caráter e grau de inteligência. Acontece, quase sempre, que tais jovens monges, convencidos da existência objetiva de milhares de demônios, vão ao lado de um lama místico, fervorosamente crentes na doutrina que o mesmo professa, além de seu piedoso misticismo congênito, o que lhe fazem rogar constantemente àqueles, “que o dirijam pelo caminho da espiritualidade”. As longas dissertações relativas à verdade e ao erro, acham-se excluídas do sistema pedagógico dos mestres místicos, os quais se limitam a proporcionar aos seus alunos, ocasiões para se instruírem por si mesmos, observando certos fatos e experimentando impressões várias, que lhes afetando diretamente possam despertar as suas reflexões, ou melhor, a maneira de raciocinar por si mesmo. Para libertar, por exemplo, a um aluno crédulo em tudo quanto se lhe diz

¹ Já tivemos ocasião, em um dos nossos humildes estudos, nos “Livros de Revelações”, existentes no Arquivo da S. T. B., de provar que, Jesus e Judas Iscariotes, possuem um só e mesmo nome, como símbolo do Bem e do Mal, ou antes, que tanto o Bem se pode transformar em Mal (já dizia H. P. B., que “entre a mão direita e a esquerda, existe um tênue fio de teia de aranha”...), como este em Bem, se em tempo o homem compreende o seu erro. Assim é que o verdadeiro nome de Jesus é ISSH ou simplesmente, Is – embora que, como Jeoshua, ou Is + ossis, etc., Ísis e Osíris, ou o andrógino perfeito como, no próprio Norte da Índia era conhecido (vide nossos estudos nesse sentido, inclusive, em outras anotações, de que somos apenas o tradutor). E em “El Corazon de Asia”, de Nicholas Roerich, quando afirma haver encontrado vestígios de sua passagem (de Jesus) por aqueles lugares, etc., o que não poderia deixar de ser verdade, porquanto, Jeoshua, ou melhor, Tyani-Tsang, era um adepto budista, que dali partiu em missão especial para o mundo... e para lá voltou, no momento justo de ser perseguido, para fazer jus, ainda, ao que já H. P. B. afiançava: “Aqueles que vivem para a Humanidade fazem mais do que aqueles que por ela morrem”. E no Alcorão, sura III: “A ti, senhor! mais preciosa é a tinta do sábio, que o sangue do mártir”...), repetimos, e o de Judas, Iscariotes, ou Is + carios, calcis, kalkis, etc., que no final de contas, vem a ter no próprio, Kalki, do avatara do Redentor-Síntese da Humanidade.

E foi por isso, que de modo iniciático, fato importantíssimo se apresenta na vida do grande pintor italiano, autor da “Ceia do Senhor”, que já tendo seu quadro quase pronto, só lhe faltava a figura abjeta e satânica (como diz o vulgo) do pobre “traidor”. Depois de grandes buscas através dos bairros imundos e entre as pessoas provenientes de outros lugares... entrando ele, certa vez, em sórdida taverna, divisa em uma mesa, entre outros convivas, o homem que lhe convinha. Dirigindo-se ao mesmo, fez-lhe a seguinte proposta: “quererá o amigo servir de modelo para a figura do Judas, na minha “Ceia do senhor”? – “Dar-se-á o caso, respondeu o “bêbado” ou *decaído* (Judas, traidor de sua própria consciência, etc.), que o senhor já não se recorde de mim, quando sou o mesmo que serviu de modelo para Jesus?

Atordado o pintor, mesmo assim... contratou aquele que, em sua própria vida fizera o duplo papel do “Bem e do Mal”: Jesus e Judas.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

Não esquecer que “o mito cristão” faz enforcar ao pobre *Iscariotes* na árvore saturnina ou maldita, enquanto a *Iss* ou *Jesus*, na Árvore da Cruz, donde até hoje não o quis apeiar. Sem mais comentários. – *Nota do tradutor.*

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

(espírito fraco, dizemos nós), receoso dos demônios e outras coisas mais, empregam processos que poderiam, muitas vezes, provocar riso, porém, excessivamente violentos (ou antes, bárbaros) e aterradores, dado o estado de espírito em que é colocado o discípulo posto a tal espécie de “provas”. Semelhantes práticas de terror, são, por assim dizer, clássicas no momento do discípulo pisar a mística vereda (e não raros, também, dizemos nós, em certas iniciações de duvidosas ordens monásticas do Ocidente)².

Ilustração: foto

Legenda:

Um espécie de “Tchend” entre os Aztecas.]

“Entretanto, continua a autora, por mais numerosos que se possa conceber, os acidentes místicos sobrevivendo na prática dos ritos dessa natureza, devem ser excepcionais, porque depois de haver o noviço frequentado, por longo tempo os “lugares onde habitam os demônios”, oferecendo-lhes seu corpo como presa, acabam por duvidar dessa categoria de seres que nunca têm ocasião de se lhes aparecer. Essa incredulidade, disse-me certa vez um lama *geché* ou doutor em filosofia de *Dirgi*, na província de *Khan*, a este do Tibete, sobrevem, algumas vezes, como um dos objetivos visados pelos mestres místicos. Porém, se o aluno chega a demonstrá-la antes do seu devido tempo, vê-se privado de maiores benefícios, provindos de ensinamentos destinados a torná-lo valoroso. O fato de se dizer que os mestres não podem aprovar um noviço que demonstre uma certa incredulidade, é contrário à verdade. O discípulo deve compreender que deuses e demônios realmente existem para aqueles que acreditam na sua existência. E que possuem o poder de fazer o bem e o mal aos que lhes rendam culto ou se lhes consagrem; sendo que, mui raros são os noviços que alcançam semelhante incredulidade durante a primeira parte de sua espiritual aprendizagem. A sua maioria chega, de fato, a obter aparições verdadeiramente aterradoras!...

Por minha parte, não me arriscaria a contradizer semelhante opinião que, por inúmeros exemplos, acabei me convencendo de que era bem fundada. A noite e certos lugares escolhidos para esses colóquios com demônios, são suficientes para provocar a alucinação. Mas será que todos os fenômenos percebidos pelos celebrantes de tais ritos, devam ser classificados como “alucinações”? Os tibetanos afirmam que não...

“No decorrer da celebração do *tchend*, que eu comparo a um drama representado por um só ator, este último, por efeito da objetivação, da auto-sugestão, como acreditam os tibetanos, e até, pela entrada em cena, de reais personagens pertencentes ao mundo

² Foi, de certo modo, através de semelhante processo com que a S. T. B. foi fundada. E quando dizemos, “de certo modo”, porque, se os métodos eram mais ou menos os mesmos, diferiam os Seres, que eram de categoria superior a simples “lamas tibetanos”. Como todos o sabem, a S. T. B. foi fundada com o nome “Dhâranâ” (que, em homenagem, é conservado por seu órgão oficial), como “Rama das Confrarias Budistas do Norte da Índia e do Oeste do Tibete”. E tais “Confrarias”, como Fraternidades secretas; do mesmo modo que, assinaladas “Budistas”, melhor dito, “Bodistas”, por serem anteriores ao “budismo religioso dos que logo adulteraram as Verdades pregadas pelo Senhor Gautama, o Buda, como estamos fartos de apontar, neste como em outros escritos nossos.

Para semelhante sistema de instrução, é dado o nome “Maya-Budista” ou “ensino, iluminação, etc., através de duplos véus (ilusão, Maya, etc.)”. Na Índia é ela ainda chamada de “Maya-Vada”, que tem o mesmo significado. O Ocidente adota hoje um sistema de instrução, mais ou menos parecido, ou seja, o “teste”, cujo significado é: *prova*. E sem *provas* nenhum discípulo pode progredir na Vereda, como não o pode o mundo em geral, pois quem diz *provas*, diz “experiências alcançadas, através das mesmas”. Daí, o *Gnosce keauton* (“Conhece-te a ti mesmo”) do templo de Delfos; o mesmo “Fazei por ti que eu te ajudarei”, do adepto Jeoshua (mais conhecido como Jesus), além de outras frases iniciáticas, sempre dentro da exigência em o homem alcançar, “por esforço próprio”, o máximo de sua evolução na Terra, tornando-se um *Buda*, um Cristo, um Ser Superior, Jina, etc.

Logo revelada sua missão para esta parte do Globo, ou seja, a de “preparar o campo, árido ainda, para o Advento da 7ª sub-raça ária”, pois que o Brasil é o Núcleo espiritual desse Movimento oculto, através da S. T. B., tornou-se ela independente; mesmo porque, a missão, por sua vez, do Oriente estava finda para o mundo, desde o ano 1883, quando se deu a *morte* de Ramakrishna, último rebento espiritual que a Índia produziu, e do nascimento de quem deveria dirigir o referido Movimento (no Brasil), cujo nome todos estão fartos de conhecer, para termos de o repetir neste lugar. Do mesmo modo que, logo fundada materialmente a Obra, ou seja,

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

no ano 1924, desaparece o último Buda-Vivo da Mongólia (de número 31 daquela série) e outros fatos que já têm sido, por sua vez, apontados, quer nesta revista, quer em sessões públicas, etc., etc. – *Nota do tradutor.*

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

oculto, encontra-se, quase sempre, rodeado de companheiros, que começam a representar na mesma peça papéis imprevistos. Tal representação é considerada como excelente para exercitar os novícios, porém, nem sempre os *nervos* de todos resistem a tão violento processo; é quando se dão os incidentes mais lamentáveis, inclusive, o da morte.

Como sói acontecer a todos os atores, aquele que tenta celebrar o *tchend*, é obrigado a aprender de cor o papel que vai representar. Assim é que, desde logo tem que se adestrar em dançar cadenciadamente, desenhando com seus pés, figuras geométricas; em seguida, rodar sobre um pé só, ferindo o chão com o calcanhar e saltando compassadamente. Deverá, enfim, segundo as exigências de tais processos, manejar diferentes instrumentos musicais, inclusive, repicar com presteza no pequeno tambor usado nas cerimônias ritualísticas e tocar a tradicional trombeta feita de um fêmur humano. Essa proeza não é tão fácil como, à primeira vista parece, pois, *mais de uma vez estive na iminência de sufocar durante a aprendizagem* (o grifo é nosso...). O lama instrutor que preside a tais evoluções, recorda vagamente um professor de dança, mas, onde não existem alegres bailarinas, com camisas cor-de-rosa, e outras coisas mais... pois que, aqui os dançarinos são jovens ascetas, enfraquecidos pelas austeridades, cobertos de farrapos, de cara suja, onde fulguram dois olhos estáticos, energéticos e duros, já que se dispõem a uma empresa séria, por ser repleta de perigos, como eles próprios o dizem. A perspectiva mental de tão horrível banquete, em que têm eles de se oferecer como vítimas propiciatórias, aos demônios famintos, abala as suas mentes até o paroxismo. Em semelhantes condições, essa espetacular “repetição” – que poderia ser tomada como simples divertimento – acaba, quase sempre, de modo lúgubre...

Seria fatigante dar aqui a literal tradução do processo do *tchend* (melhor dito, “programa” desse “desafio” de más consequências... dizemos nós), que se compõem de longos preliminares místicos, no decorrer dos quais, o oficiante pisa (ou esmaga, melhor dito) todas as suas paixões (ficando o Nadir debaixo dos pés, dizemos nós, está certo ao que concerne ao Karma, pisá-lo, esmagá-lo, etc., porém, não por meio de bailados inúteis, mas de uma vida de pureza e de integral conhecimento das coisas superiores ou divinas, dizemos nós) e crucifica seu egoísmo. A parte essencial do rito consiste no oferecimento de um banquete aos “elementais”, que pode assim ser descrito:

“O celebrante sopra o *Kanglin* (trombeta feita de um fêmur humano), convidando os demônios a compartilhar da festa, que se lhes preparou. Deverá imaginar, com todo o poder de sua mente, uma deidade feminina (sua própria parte ou a lunar, no mistério do *androginismo*... latente, que persegue sempre, a todos os seres humanos, na razão inversa de suas magnéticas polaridades, se homem ou *solar*, se mulher, ou *lunar*, etc., dizemos nós), que personifica *sua própria vontade* (salvo o erro... interpretativo, dizemos nós). Esta última acaba por aparecer fora de sua cabeça, na parte superior do crânio (no chacra *coronal Brahmananda, Sahasrara*. Loto das Mil Pétalas, etc., dizemos nós), brandindo um alfange. Com rápido e certo golpe a deusa lhe corta a cabeça. E enquanto a coorte de fantasmas, *yidags* ou *gulas* (donde os nossos próprios termos “gula, guloso”, etc.) aguardam o vampírico festim do sangue... ela esquarteja o cadáver do candidato (não esqueçam que tudo isso é *forjicado* pelo mental do mísero discípulo, e sentido psiquicamente, razão dos gravíssimos acidentes que de tal “prova” podem advir, dizemos nós), abrindo-lhe de cima a baixo o ventre, donde as entranhas escapando para fora e o sangue correndo em torrentes, atraíam os repugnantes convivas ao festim maldito, excitados, ainda mais, pelas tradicionais e litúrgicas palavras: “No decorrer de imensos períodos, fiz uso de todos vós para o meu bem-estar e alimentação, quer vos devorando, quer em vestes e toda espécie de proveitos para manter são o meu corpo, à fim de que ele não sucumbisse. Hoje, em troca, pago todas essas dívidas, oferecendo em

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

holocausto para ser destruído, esse mesmo corpo que tanto venho amando e cuidando.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

Assim, dou minha carne aos que têm fome; meu sangue, aos que têm sede; minha pele, para que com ela se cubram os que se acham despidos; meus ossos, como combustível para que se aqueçam os que têm frio. Dou, enfim, a minha felicidade aos desgraçados... e meu alento vital, aos moribundos, para que voltem novamente à vida. Pese sobre mim o escárnio de todos os homens, se a menor vacilação tiver diante deste sacrifício! Malditos, todos vós, se não quiserdes aceitar esse mesmo sacrifício!!!”

Semelhante tragédia possui o nome de “o rubro banquete”, que é logo seguido do “banquete negro” após a morte (dizemos nós... o religioso e inexpressivo luto! “Animus meminisse horret!”), diria novamente Virgílio, *plagiando* sua própria Eneida...), cujo sentido não é revelado, senão, aos que, vitoriosos, devem receber uma outra iniciação mais elevada. Por último, a visão do diabólico festim rubro... se dissipa: os gritos e as gargalhadas (*cacarejo*, dizemos nós, como o dos corvos, nos cemitérios de *Bombaim*, quando os parentes do morto o colocam sobre as marmóreas mesas, destinadas a tal fim, ou onde aqueles se vêm cevar... até só restarem os ossos, qual a carniça devorada pelos urubus, como estamos fartos de o ver) ³ dos *gulas* se extinguem; a solidão completa em meio das pavorosas trevas e o silêncio absoluto, sucedem à funesta orgia e à exaltação produzida por seu dramático sacrifício se acalma pouco a pouco no oficiante, perante cuja imaginação já não deverá tudo isso ser mais do que um monte de restos carbonizados sobre um negro cinzeiro: o lodaçal de suas máculas do passado, ou antes, de quantas vidas tenha tido, cuja origem se perde na noite dos tempos...

A partir desse momento, mister se faz que o mesmo compreenda que a idéia de sacrifício que acaba de o exaltar, não é mais do que uma ilusão nascida de cego orgulho, desprovido de todo fundamento. Em realidade, o *nada* tem que dar, por ele não ser nada. A silenciosa renúncia do asceta que repele a vaidosa embriaguês gerada pela idéia do sacrifício, encerra o rito... ⁴.

Fala, mais uma vez, David-Neel:

³ Tudo isso nos faz lembrar o Livro de Enock, quando este roga ao Supremo Dirigente da Ronda, que salve os pastores de cair na boca das feras e aquele lhe responde:

Mandarei que relatem diante de mim... quantos se entregaram à aniquilação, e o que eles farão: se agirão ou não de acordo com os meus mandamentos. Entretanto, eles deverão ignorar tal coisa, razão por que não deverão explicá-las nem os reprovares, ficando apenas a narração das destruições, que fizeram em suas respectivas épocas (obra cit., LXXXVIII, 99/100).

... Ele, olhos velados, alegrando-se de *que os tivessem devorado, tragado e arrebatado*, deixa-os em poder *dos animais para alimento*. (Lugar cit., 94).

Por essas e outras passagens dos Livros sagrados, quando mal interpretados, têm se originado superstições e fanatismos, que até hoje se constata até mesmo nas religiões dos chamados civilizados. Sem comentários... – *Nota do tradutor*.

⁴ “Certos lamas, diz-nos A. David-Neel, empreendem longuíssimas viagens para celebrar o *tchend* junto aos lagos (108 cemitérios, 108 bosques, etc.) e consagram até alguns anos a esse exercício percorrendo não só o Tibete, como o Nepal e alguns lugares da Índia e da China. Outros, contentam-se com um retiro durante a cotidiana celebração do *tchend*, por mais ou menos tempo, mudando cada dia de lugar. O peregrino escolhe o sítio onde deve instalar-se, lançando uma pedra por meio de uma funda, porém, antes de a manejar, procura girar várias vezes sobre si mesmo, com os olhos cerrados até perder toda noção da maneira de se orientar, não os abrindo até que a pedra tenha saído da funda. Outros, desta se servem para tomar a direção que elas lhes marcar. Por exemplo: lançando a pedra ao sair do sol, caminham durante o dia, ou todo o tempo possível na mesma direção. E isso, em um país tão montanhoso, como é o Tibete. Chegado o crepúsculo, detém-se no lugar onde se acham e aí celebram o *tchend*.

“Aqueles que alcançaram, diz ela ainda, os frutos do *tchend*, podem desde logo prescindir de todas as particularidades do rito, que para eles fica reduzido a uma silenciosa meditação, durante a qual são evocadas, mentalmente, as múltiplas fases do drama. Tal meditação, com o tempo, torna-se, por sua vez, dispensável. A recordação, entretanto, de seu noviciado e, talvez, outras razões que desconhecemos, concorrem para que, em certas ocasiões, diversos *gomtchen* manifestem o desejo de celebrar juntos o *tchend*, que em tal caso, é apenas uma espécie de festa, onde o místico se regozija por sua libertação espiritual... Eu mesma tive a rara sorte de contemplar a alguns desses ascetas, *Khampas* de elevada estatura, pitorescamente vestidos com a ligeira roupa de algodão dos *respas* (aqueles que conseguiram o poder de desenvolver, voluntariamente, o calor interno, ou o do “tumo”); com sua vasta cabeleira, jamais cortada, que lhes chega até os pés, celebrando suas danças sagradas à luz das estrelas, na cúspide do globo terrestre; para logo se engolfarem em infundáveis meditações até o romper da aurora; sentados com as pernas cruzadas, busto erguido, olhos baixos e absoluta imobilidade, qual uma estátua viva... Semelhante espetáculo tornou-se para mim inesquecível”.

Em outros lugares: “Os cemitérios ou sítios selvagens capazes de produzir o terror, são os preferidos para a celebração do *tchend*,

melhor ainda, se a seu respeito existe alguma fantástica lenda ou de trágicos acontecimentos... E a razão de tal preferência, porque o efeito de um rito, seja qual for, depende, não só, dos sentimentos despertados na mente do celebrante pelas macabras e litúrgicas palavras, como também, pelo motivo e ambiente em que elas são pronunciadas. Trata-se, acima de tudo, de agir, de por em

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

movimento as forças misteriosas e aos conscientes seres que, segundo os tibetanos, frequentam aquelas paragens, quer, como resultantes de atos já realizados, quer pela persistente concentração do pensamento de numerosos indivíduos, ou de fatos puramente imaginários.... – *Nota do autor.*

44

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

– “Tive ocasião, certa vez, de conversar com um eremita de Ga (Tibete oriental), chamado Kuchog-Wantchen, dos casos de morte repentina acontecida no decorrer das evocações de espíritos malignos. O lama não parecia mui inclinado à superstição e julguei que me ia aprovar, quando ele disse:

– Todos aqueles que morrem em tais provas, morrem de medo. Suas visões são a objetivação de seus próprios pensamentos. Aqueles que não acreditam nos demônios não podem ser mortos por eles.

Com enorme estupefação de minha parte, o anacoreta prosseguiu em tom singular:

– Você mesma, poderá não acreditar na existência dos tigres, para estar segura de que jamais será devorada por eles, quando passar ao seu lado.

E continuou:

– Quer se opere consciente ou inconscientemente a objetivação das formas mentais, é um processo bastante misterioso. Que vêm a ser tais criações? Não pode acontecer que, com os filhos nascidos de nossa carne, como filhos também de nosso espírito escapem de nosso domínio e que venham, com o tempo, a viver uma vida própria e independente? Não devemos, do mesmo modo, considerar que, se nos é possível formar aqueles, outros seres possuem semelhante poder. E se tais *tulpas* (criaturas mágicas) existem, nada há para se duvidar, por nossa vez possamos ter contato com eles, seja pela vontade de seus criadores, ou porque nossos próprios pensamentos e atos produzam as condições requeridas, para que tais seres manifestem sua presença e atividade. Imaginemos um regato e a certa distância um pedaço de terra seca, onde voce se encontrasse. Os peixes jamais se aproximarão de seu lugar. Aberto, porém, um canal entre o regato e o lugar em que você esteja, e no seu final um tanque, tal canal estabelecido de uma parte à outra, servirá para conduzir os peixes até próximo de sua pessoa, que os contemplará, como é seu desejo. O que importa é não abrir rapidamente esses “canais”. Poucas são as pessoas que se acautelam do que se encontra nas profundidades do Universo; “profundidades” essas, que elas se põem a esmiuçar imprudentemente. Mister se faz, pois, saber como se deve defender dos “tigres”... dos quais somos pais (criações inferiores de nossas mentes, dizemos nós) e ainda, contra aqueles que tivessem sido engendrados (ou criados) por outros”...

A MAGIA DO TCHEND

Bem curioso que as práticas feiticeiras do *tchend*, que acabamos de descrever, datem, segundo David-Neel, do século XVI ou XVIII, coincidindo tal época com outro movimento, de certo modo, análogo, posto em prática como *Espirituais exercícios*, pelo espanhol Inácio de Loiola, fundador da chamada “Companhia de Jesus” (hoje *Sociedade mercantil-religiosa*, em substituição ao termo “companhia”, que iria bem depois do “&”, como qualquer outra firma comercial, já que se fez dona de riquíssimas companhias, jornais... e *consciências*, dizemos nós...). Em tais *exercícios*, quando são dados aos neófitos, “com todas as regras da Arte”, as cenas de evocação demoníaca do *tchend*; a renúncia teatral e perfeita de todos os laços humanos anteriores, feita pelo candidato, após haver meditado sob a absorvente direção daquele que o dirige e que, segundo o mesmo Santo Inácio, “é um privilégio mui raro de possuir”...); a permanente e horrenda contemplação das penas infernais, que aguardam o candidato ao morrer, se não abraça – passiva e cegamente – a celestial “bandeira do Cristo” que eles pintam (segundo o jesuítico juramento, dizemos nós, do *Perinde ac cadaver*, logo seguido do *Ad majorem Dei gloriam*, após qualquer ato... mesmo os mais ignominiosos); todas as outras

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

cerimônias, levadas a efeito, só e na obscuridade e silêncio, mui bem descritas na *História*

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

interna e documentada da Companhia, pelo Pe. Miguel Mir, representam verdadeiro *tchend*, “à cristã e à européia”, embora que, sempre prescrita sob egoística aspiração, mas de imensa eficácia (sugestiva e psiquiátrica), como por exemplo, a de um homem tão elevado, como foi São Francisco Xavier (o apóstolo jesuíta do Oriente, enterrado em Gôa, dizemos nós) que passou por “verdadeiras agonias” – semelhantes às das proximidades da morte – antes de dar cumprimento a tão difícil empreendimento. “Verdadeiras agonias”, sim, mas que para o fundador representam “valiosa prenda de grande valor, no que diz respeito aos espirituais frutos do *seu* rito”...

Uns e outros praticantes da anormalíssima cerimônia, não pretendem outra coisa, senão, “a total limpeza da alma, ou de todas as máculas por ela contraída neste mundo, ao se unir ao corpo físico”, o que para Plutarco tem lugar na região sub-lunar de Parsifal ou Perséfone, no lapso de tempo que decorre entre a primeira morte ou física (neste mundo) e a segunda, quando o espírito abandona a alma já purificada, volvendo feliz e vitorioso às regiões solares (Campos Elíseos ou de Hélios, o Sol), donde outrora saiu para se encarnar ou tomar corpo na Terra, etc. ...

Quer na História, como na literatura clássica, não raro é tropeçar com este ou aquele caso semelhante ao *tchend*: os “bárbaros cilícios corporais”, tão gratos quanto melhor aceitos pela Igreja, nos séculos passados, e até mesmo, nos modernos tempos ⁵ tidos como “o melhor meio de purificação e glorificação”, para a absurda religiosidade de incultas gentes...; as atrocidades tão típicas dos *hamatchas* e *issanas*, que constituem a página mais bárbara dos muçulmanos, semelhante àquela outra tida como cristã, do *masoquismo* de certos “mediunismos espiritistas”, que chegam a inverter os próprios termos vulgares de “dor e prazer”, são outras tantas reproduções ocidentais do *tchend*, embora que, desprovidas da típica e característica espiritualidade de todas as coisas do Oriente.

Ulisses, o herói da *Odisséia*, de Homero, quando evoca os manes do adivinho Tiresias, dá direito a que se o compare como celebrante do *tchend*. E quanto às famosas *missas negras* medievais, não raro é encontrar em todas elas, os mesmos processos do *tchend*. Como ainda, na remota pré-história, a origem do rito druídico de fantásticas danças ao clarão da lua cheia (e os outros ainda mais secretos e necromânticos celebrados pelo “seletos”, na minguante), ter-se-á que buscá-las nas práticas do *tchend*, razão pela qual julgamos que a autora se engane ao fazê-la datar de dois séculos apenas (época talvez da sua atual reforma), quando antes, já se enlaçava com as infinitas práticas “das duas magias”, remontando assim até às origens distantes do *lamaísmo* e do *chamanismo*.

Quantas e quantas necromânticas operações de *tchend* não realizaram como mais toscas, bárbaras e cruéis, os “filhos de Loióla”, sobre inocentes vítimas em seus exorcismos, tais como aquele feroz Padre Nithard, que “enfeitiçou” o último de nossos asturianos e com ele a pobre nação espanhola; ou aquele Malagarriga português, a quem o povo acabou levando ao patíbulo!...

Os deuses autóctones do Tibete, que outrora “andavam soltos” em seus “habitats”, por selvas e desertos, até que a bem intencionada superstição dos *gelugpas* ou “mantos amarelos”, conseguiu, de certo modo, trazê-los “encarcerados”, para que não “fizessem das suas”, nos aposentos mais afastados e misteriosos do Potala, de Djo, de Samyé e demais lamaserias, acham-se todos eles dentro da clássica magia tântrica, “espíritos

⁵ Por Madrid, circularam, não fazem muitos anos, pequenos prospectos, procedentes de conventos femininos do Bolevár, recomendando a venda dos “melhores cilícios e disciplinas” para semelhantes práticas: a do *dinheiro* e da *piedade*... em estúpida confusão. É o caso para se dizer: “pagar para apanhar e, muito pior, por suas próprias mãos, ou antes, “por seu gosto e regalo”... nem o *bu* tibetano o faria – como “bode expiatório”, pois que recebe boa paga para apanhar, embora que muitas vezes... seu fim seja

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

trágico! Em todo o caso, não deixa de ser uma “loteria”, onde a *Morte* (lâmina 13) e o *Diabo* (lâmina 15)... se *equilibram* (lâmina 14) na *estupidez* de fanáticos e supersticiosos, que os há em profusão, aqui mesmo no Ocidente!... – *Nota do tradutor.*

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

vingadores”, de quantos crimes comete a Humanidade a favor dos seus egoísticos sentimentos... Não se deve, porém, esquecer que aqueles deuses autóctones, em suas origens não foram mais do que “entidades benfeitoras”, homens excelsos, cujos nomes e valores logo perdidos, transformados foram em entidades diabólicas”, pela impiedade e má fé dos povos sucessores, de acordo com o aforismo, ocultista de que “os deuses de nossos pais, são os nossos demônios”.

No rito do *tchend* temos visto ainda, aos *yidags*, gigantes insaciáveis de enorme ventre, mas cuja garganta pode apenas dar passagem a uma simples agulha ou fio de cabelo, espécie de “ciclopes tibetanos”, como os da literatura grega, que possuem seus similares nos *preta* do panteon indiano e nos *petra* ou *pedretes*, gnomos “pétreos”⁶ de nossa demopédia asturiana, de que nos ocupamos em nosso *Tesouro dos Lagos de Somiedo*. A água em suas angustiosas gargantas se transforma cada vez mais, em fogo, a menos que sejam pronunciados certos misericordiosos *mantrans*. Os *respas*, que são nossos *nazarenos*, sírios do Líbano, de vasta cabeleira, como a do Sansão bíblico ou a de Jesus, possuem taumatúrgico poder sobre eles, como se viu na cena evangélica em que este último os expulsou do corpo do “endemoniado”, mandando-os para os de uma manada de porcos, que se atiraram ao rio...

XLI

MAGIA FÚNEBRE

O BARDO tibetano é, literalmente, “o outro mundo” das religiões, ou melhor, “o mundo astral” dos teósofos, para onde se passa a alma do morto, logo que abandonou o “corpo físico”, pelo rompimento do fio de oiro ou *Sutratma* hindú, espécie de “cordão umbilical” e “etérico”, intermediário do astral (“o mediador plástico”, dizemos nós, da escola de Paracelso) ou “corpo glorioso” das religiões positivas, “o corpo das aparições” ou “perispírito” dos espíritas (melhor dito, “animistas” ou “psiquistas”).

Confessamos, paladinamente, que tal “cordão umbilical e etérico” nos parece coisa muito lógica, ou antes, uma teoria de valor dentro da lei teosófica ou ocultista, da *analogia*, ou a hermética de que “o que está embaixo em como o que está em cima”, pois que, nascimento e morte nos oferecem um perfeito paralelismo.

E a prova é que, durante o período de gestação, o feto, cuja vida se desenvolve na matriz, como em isolado mundo, acha-se revestido de diversas membranas, que formando em seu redor ou exterior, um segundo corpo, o alimentam. Com o nascimento, tal corpo é abandonado e constitui o que vulgarmente se denomina de “secundinas” (ou que *secunda*, está em segundo lugar, vem posteriormente, etc., dizemos nós, do feto), e à placenta se acha ligado por um “cordão umbilical”, que se faz necessário cortar, à fim de

⁶ Caso interessantíssimo teve lugar quando o tradutor desta obra, residindo com a sua família (e a própria Sociedade que dirigia e dirige até hoje), na casa nº 71, da rua Dr. Sardinha, em Niterói, muito antes de se transferir para a capital, proprietária da referida casa, uma família inglesa que deveria passar alguns tempos na Inglaterra e por isso a alugava (por bom preço, diga-se de passagem), a pessoas de confiança, que além do mais, zelassem por tudo quanto na mesma ficava, inclusive, estranho cão de nome “Pita”. Tal animal é, justamente, o que representa a parte “interessante” da narração, por possuir ele a mania de “apanhar pedras e escondê-las em buracos, que ele mesmo os fazia”. Se alguém ousava desenterrar tais pedras, ficava raivoso e as *arrancava* das mãos de quem ousasse contrariar aquela sua “mania”... para as enterrar em lugares mais afastados e de difícil encontro. Certa vez, pese o sorriso de incredulidade do leitor, tivemos a nítida compreensão de *quem* era aquele cão: nada mais, nada menos do que a encarnação de um ciclope “lemuriano”, que até hoje conservava a mania de lidar com pedras... a querer fazer novas construções, segundo o uso de tão longínquas épocas da humana história. Quanto ao resto... responde o inconsciente nome que lhe puseram: Pita, Pitar, Pedra, etc. Aquele cão era bem semelhante ao “que o excelso Pitágoras, reconhecia, em seu uivar, a voz de um amigo de outra encarnação”. Bela lição para os que não acreditam na “involução” (inclusive espíritas e teosofistas...) e, muito menos, na 8ª esfera, 2ª morte, ou

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

Zero dimensão, embora as sublimes lições que deram os próprios Adeptos, inclusive, um dos Kut-Humpas (Djval-Kul), no início da S. T. de Adyar, através da própria H. P. B. – *Nota do tradutor*.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

que seja perfeita a separação (digamos, a dupla separação) do recém-nascido e de sua mãe (que, segundo mais provectas teorias, dizemos nós, achava-se ligada à Lua, como o Pai ao Sol, diante do mesmo fenômeno da criação do ser, embora que todos nós, possuamos de nossa Mãe, a parte lunar ou esquerda e de nosso Pai, a parte solar ou direita... e do equilíbrio entre ambos, a central ou “Mercuriana”, como implicitamente se pode ver no caduceu através das duas cobras que se enroscam na *cana* ou coluna central, por onde, no próprio *termômetro* age “o mercúrio”...).

O mesmo se dá quando o ser tem que morrer: os dois corpos, astral e físico, perfeitamente unidos no seu estado fisiológico e mais ou menos dissociados ou divorciados no patológico, são obrigados a separar-se definitivamente, com a morte, porém, antes mister se faz que seja *cortado* “o fio de oiro”, que os une e que desempenha durante a vida o mesmo papel que o (cordão umbilical) propriamente dito, unindo durante a vida feta este corpo com aquele outro segundo corpo pelo “ammios”, o líquido *amniótico* e a placenta. Em resumo: a morte não é, senão, *um novo nascimento*, em que o corpo astral ou glorioso, deixa para trás, à guisa de “ammios e de placenta”, as “secundinas” de seu corpo físico. Razão por que os gregos davam à *maiêutica* (de “Maia”, ilusão, etc.), ou ensinamento filosófico à respeito desta vida e da outra, seu verdadeiro caráter como “arte de partejar as almas” para um melhor nascimento na segunda vida, ou vida de além-túmulo, senão, na região de Parsifal ou Perséfone, como diria Plutarco, onde nos assistem solícitos parentes e amigos já desaparecidos da Terra, mas que ali “vivos” nos aguardam, como outrora quando assistiram o nosso nascimento físico, semelhante àquele consolador mito asturo-galaico da *Hoste ou Santa Companhia*, de que nos ocupamos em um dos capítulos de nossa obra: *A Esfinge*.

Os tibetanos, ilustres por sua tradição primitiva, possuem de fato, nesses assuntos de “além-túmulo”, interessantes práticas para facilitarem o rompimento daquele “cordão astral” e com isso provocar um nascimento ao duplo corpo do moribundo (como por outro lado, dizemos nós, o contido no pouco que se conhece do *Livro dos Mortos*, do velho Egito, embora que, para ser interpretado apenas por Homens de grande evolução; ademais, os próprios papiros encontrados nos túmulos faraônicos, quase que só tratam do “duplo”, além de falarem, de modo velado, “nos vários caminhos de Amenti”, por onde deve passar o morto, mas que, para os iniciados já são do seu conhecimento, pelas várias provas, que lhes foram exigidas quando simples discípulos ou “neófitos”...). Tais cerimônias, no Tibete, consiste em um *mantram* (em forma de hino), além do monossílabo HIC! pronunciado de modo todo especial... quando o sacerdote, diz-se, toma a personalidade do morto, cujo duplo obriga a sair, produzindo um pequeno buraco (o “Brahmanda” hindu). Para isso é preciso que o operador esteja bem instruído no mágico rito por um mestre competente, além da entonação e força psíquica com que deve pronunciar o referido monossílabo, seguido do de PHET! com o qual finaliza a separação ou desligamento da vida física. Morte, ou separação essa que, alcançaria por sua vez, o próprio operador, se não estivesse revestido com o *duplo* do moribundo, pelo qual oficia. Daí o emprego da “palha” colocada no buraco da cabeça do moribundo, que assegura ao operador a perfeita realização do *mantram* separador.

Por tudo isso se pode depreender que, os diversos crânios trepanados que a antropologia moderna tem descoberto e atribui erroneamente a intervenções cirúrgicas, põem-nos na pista de uma relação pré-histórica entre o Tibete e o resto do mundo. Do mesmo modo que, referente à raça vermelha (dos “rutas”) ou atlante, segundo já tivemos ocasião de falar em outros lugares.

É de notar ainda, a perfeita concordância entre aquele rito e a cerimônia católica da “extrema unção”, cuja ao invés de favorecer a saída do duplo pela cabeça, como no

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

Tibete, mais parece ir fechando ao duplo suas “habituais portas de comunicação com o

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

mundo físico”, ou sejam, as dos “cinco sentidos”, à fim de o obrigar, talvez, a que saia por aquele caminho...

Mais selvagem, porém, o rito de certas tribos africanas (os “malês”, dizemos nós), quando a agonia se prolongando por muito tempo, o oficiante acha de seu dever “apressar a partida”, torcendo o pescoço do moribundo ¹.

E quanto a esqueletos apresentando os crânios trepanados, das últimas investigações pré-históricas, juntamente com os já referidos em outros lugares, faz-nos lançar a seguinte pergunta:

Será que os povos primitivos eram de origem ário-mongol, como os que atualmente habitam o Tibete, os quais praticavam os mesmos ritos de fazer sair o duplo por um orifício aberto na cabeça? Ou que tendo praticado tal rito em tempos mais remotos, ainda (como sói acontecer a outros muitos costumes) conservassem como reminiscência, a da trepanação do crânio do morto com idêntica finalidade? Não o sabemos, porém, o que não resta dúvida é que ambas essas hipóteses são muito mais racionais do que a absurda que corre com a autoridade de “coisa julgada ou decidida”, entre os cientistas modernos, ou seja, como já se viu, “de trepanação”, como hoje é usado em certas enfermidades da cabeça. Razão por que estudos dessa natureza deveriam ser levados a efeito, além do mais, para o mundo não se sujeitar a suposições errôneas, no momento justo em que se vangloria de “haver alcançado o máximo de sua evolução”...

Interessante seria intercalar neste lugar, aquele assombroso caso de “premonição de um moribundo”, de que nos fala a Sra. David-Neel, todo ele ligado ao assunto de que vimos até agora tratando, se já não fosse do conhecimento do leitor, através do capítulo XXII, do número 88 desta revista.

Nesse caso, melhor se ajusta um pouco de *ciência patológica* relacionada com o mesmo Tibete:

A patologia, apesar de ter classificado cento e quarenta enfermidades (nem mais nem menos) continua sendo rudimentar. De fato, elevaram a título de enfermidades numerosos sinais, ou antes, sintomas, como sejam: cefaléia, tosse, febre, dores locais, esterilidade, impotência, etc. O conjunto da patologia externa parece ficar reduzido apenas às chagas, abscessos, úlceras, fraturas e diversas espécies de dermatose. As enfermidades dos olhos são muito frequentes: oftalmias, cataratas e certa espécie de cegueira, que produz a reverberação dos raios solares ao se refletir na neve (principalmente, dizemos nós, entre as pessoas de poucos cílios, etc.), de que tanto sofreram os Rev. Padres Desideri e Huc. O que mais aflige a maioria dos tibetanos durante a vida, as perturbações digestivas e os vermes. Mui frequentes, entretanto, as epidemias de gripe e, sobretudo, de varíola. Em cada três pessoas que se encontra, uma se acha marcada por esta moléstia. Finalmente, as enfermidades venéreas constituem verdadeira praga, atacando a terceira parte, aproximadamente, da população adulta.

¹ Numerosas as casamatas, no Tibete, construídas com ossos humanos e de animais, habitadas pelos *Ro-gyapas* ou despojadores de cadáveres. Os vários livros que tratam do assunto trazem clichês desse rito, ou banquete que se faz aos corvos, mas que evitamos publicar qualquer deles por seu cunho mais do que repugnante.

Aproveitamos, sim, a anotação para apontarmos um velho rito entre os ciganos, que aliás vai à guisa de notícia:

“Não faz muito tempo o chefe de uma caravana de ciganos veio a falecer em Zelle, pequena aldeia belga. O fato deu lugar a que os seus habitantes presenciassem um espetáculo inédito e do qual jamais esquecerão:

Na presença da multidão que assistia à cerimônia, foi o morto despojado de suas vestes e vestido com ricos trajes como quem vai ao baile, ou melhor, tomar posse de elevado cargo. Enquanto isso, assava-se um quarto de carneiro, o qual foi colocado no ataúde, acompanhado de grande quantidade de plátanos, laranjas e limões. Mais ainda: nos bolsos do cadáver, foi depositada a soma de trezentos francos “para que o morto possuísse o necessário para tão longa viagem”.

Fechado e descido o caixão à sepultura, todos os gitanos desfilarão em seu redor, atirando, cada qual, uma moeda de cobre e dizendo:

Se te faltam recursos, diz-nos!

E os belgas assombrados com semelhante cerimônia, interpelavam-se mutuamente “se de fato no outro mundo é preciso possuir

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

fortuna?”. E isso, já se vê, porque se fosse comprovado... todos eles serem obrigados a requerer (a si mesmos) “um habeas-corpus preventivus”, isto é, maior economia do que já faziam até aquela época. – *Nota do tradutor.*

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

E tudo isso, “pela maldade dos espíritos inferiores ou demônios”, que os inimigos do paciente mobilizam contra ele. Curioso, ainda, o fato da feitiçaria, tal como a conheceram os nossos antepassados, impere ainda no Tibete (se é que não foi daí a sua origem ou propagação para o mundo inteiro, dizemos nós).

Também ali, como se fazia (e faz-se ainda) no Ocidente, existem as figurinhas de barro ou terra em que a vítima pisou, à qual se procura juntar farinha de cevada e é atravessada por alfinetões, pronunciando-se as maiores blasfêmias, ou antes, pragas contra a pobre vítima a quem se deseja atingir (mas, dizemos nós, quantas e quantas vezes não terá “o feitiço voltado contra o feiticeiro, principalmente, nos casos de superioridades moral e intelectual da “vítima”?...). Do mesmo modo que é costume encher de ar ou outra coisa qualquer uma pele de “marmota” e atravessá-la com uma flecha ao pronunciar o nome da pessoa a quem se deseja fazer mal.

Diante dessas semelhanças, é caso para se repetir o velho bocardo popular de que “entre lá e cá, más *fadas* há”...

Assim, toda enfermidade do corpo ou do espírito, é o resultado, como se viu, de obra dos demônios, dos deuses domésticos, entes familiares que vivem sob o mesmo teto, ocupando a última categoria das inumeráveis e sobrenaturais potências com que conta o panteon lamaísta.

E com isso o diagnóstico é simplificado, porquanto, não é possível encontrar entre tantos inimigos aquele que causou o mal!... Os astrólogos e feiticeiros sabem sair-se bem da “enrascada” por meio de um processo sempre adequado ao caso, no que acreditam piamente os tibetanos, principalmente, os incultos (tal como em toda parte, dizemos nós, inclusive, quando no Ocidente “são proibidos da leitura de livros teosóficos”, para não abandonar as fileiras religiosas ou anti-científicas e filosóficas...).

Por felicidade que não mais existe o ritualístico canibalismo de tempos anteriores, praticado por sacerdotes e profanos: a família do enfermo, antes de mais nada, recorre às súplicas aos deuses para obter a cura. Nos lugares mais distantes, vão consultar ao astrólogo, o qual decide por adivinhação (talvez morram menos, dizemos nós, que com a nossa medicina! “Si non é vero...”). Aquele que deseja curar-se, tudo lhe parece bem, desde os rogos até a magia e também a medicina, que fica sempre em último lugar (felizardos!...). Tudo é admitido e reconhecido. Os noviços dos mosteiros podem entrar em colégios especializados na arte da magia e obter o respectivo diploma, o qual permite exercer a arte em público (e isso... “sem médias”, dizemos nós, como em certos lugares do mundo! Certo que, nem todos os sacerdotes se decidem pela magia. Muitos há que escolhem a medicina. E em tal caso, o mosteiro os envia à *Escola de Medicina* do Chakpori, pois como já foi visto no capítulo XVIII, o Tibete também possui sua Faculdade de Medicina.

O estudo exterior do corpo humano proporciona, por sua vez, ao tibetano, interessantíssimas noções sobre os traços particulares formados pelos sulcos da pele da mão, sobretudo os da polpa dos dedos. De há muito que se utilizam desse processo para identificar as pessoas, à guisa dos nossos serviços antropométricos, embora que os deles muito anteriores.

As mais santas de suas bandeiras ou *thankas*, são aquelas em cuja parte posterior se acha a palma da mão esquerda de um lama encarnado. Quando o Dalai-lama confirma alguma concessão de terras ou outra decisão de estado, imprime no documento as características da palma e dedos de sua mão direita, depois de untá-las com tinta negra apropriada ao caso. Quando qualquer noviço solicita ingresso em um colégio, é obrigado a firmar o documento com a impressão digital do polegar direito. Igual processo é exigido

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

aos que lhe servem de padrinhos ou testemunhas. Como se vê, os caracteres individuais da pele são conhecidos dos tibetanos e utilizados em diversas circunstâncias. Porém, a

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

impressão digital do polegar, em troca, não se põe jamais nos recibos. Por que? É um dos muitos lados misteriosos que o Tibete oferece, aliás, semelhante aos demais países do Oriente. Dizem que proceder de tal modo, seria de mau agouro, porém, não se pode dizer se, de fato, é somente a superstição que prevalece no caso.

XLII

CERIMÔNIAS E BANQUETES RELIGIOSOS

No capítulo anterior fomos forçados a apontar a notável coincidência entre a sacerdotal prática tibetana de separar “o duplo do moribundo, do corpo físico que resiste a abandoná-lo e certas revelações semelhantes que se passam no Ocidente por nossos estudos pré-históricos, inclusive na “Gruta da Mora” e em “Alcazar do Rei”, os vários crânios trepanados, que ali foram deixados.

Não param aí, entretanto, as semelhanças entre o Tibete atual e a Europa de tempos remotíssimos; pelo contrário, a seu respeito se poderia escrever um grosso volume. “Nada é novo debaixo do sol”, diria Salomão.

Tudo quanto se tem escrito a respeito de ritos fúnebres no Ocidente, inclusive, os nossos mais antigos do norte espanhol, pode ser hoje apontado como semelhante aos processos empregados no Tibete atual. Daí, a importância de seu estudo.

Hoje, por uma pertinaz cegueira que fala eloquentemente de nossa perspicácia psicológica, comemoram-se os nascimentos, enquanto são pranteados os nossos entes queridos, quando desaparecem do mundo ou *morrem*. Contrariamente se dava no passado: na Astúrias, por exemplo, comia-se o “pão de choro”, ao vir ao mundo uma criança e o “pão da festa”, ao transporem os seres amados o umbral do “além-túmulo”. Qual a mais sensata das duas condutas? Somente o leitor poderá dizê-lo, segundo seu superior critério; mas, não esquecendo a grande dor por que passam todas as mães, e mais *dolorosa*, ainda, a do destino (ou Karma, dizemos nós...), quase sempre desgraçado, que aguarda tão débil criatura, na vida que inicia, pois como afirmam os budistas, deve sempre ser temida... Em troca, existe o triunfo, a apoteose maior (de “apos e theos” ou de se reunir à coorte dos deuses”, elevar-se aos céus, etc.), ou a do homem que abandona, em idade avançada, esse inferior mundo sem ter conhecido outra coisa, senão, sofrimentos e lutas. Como o agradável crepúsculo vespertino, depois de fatigante dia de trabalho, esse transpor do sol do Espírito para mundos superiores e de suas consequentes alegrias e satisfações, possui inefável e triunfante majestade, que pode ser apenas perturbada pelo nosso vago, denso e letárgico ceticismo... Por isso que, julgamos mais lógica e sensata a conduta dos velhos povos, que a nossa moderníssima... (embora que lhe não falte, dizemos nós, “o pão de choro”, ou do “velório”, regado a bom café ou chá, de que bem raros não compartilham...).

O clássico banquete fúnebre, tão festejado na doce companhia “do ser querido que nos vai deixar dentro de algumas horas, após a última refeição em família, por ter de partir para a grande viagem através do Bardo ou “mundo astral”; como o de dar que comer e de beber, por semelhante ocasião, aos deuses, melhor dito, às criaturas dos “seis pontos cadeais” que, se algumas delas de categoria elevada (os “tisias”) vivem somente de ambrosia, ou melhor, dos perfumes mais puros (entre eles, os puríssimos de nossas mais nobres ações e sentimentos de acordo com o eterno *tulkuismo*) outros, os chamados “elementais” ou “daimones” (Yidagas, pisachas, etc.), vivem das emanções dos

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

alimentos e bebidas. E ainda: de toda espécie de baixas emanções, especialmente as mais repugnantes e grosseiras, como sejam, por exemplo, as do *africanismo* (hoje

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

envolvido no “espiritismo”, ou melhor, este daquele, através de seus Pais Antonio, Miguel, Anastácio, Tomé e outros mais) senão de “cangêres e despachos” colocados nas encruzilhadas... para vergonha de uma geração que se tem em conta de haver chegado ao auge da evolução... Interessantes, por sua vez, os banquetes fúnebres que nos descreve a Sra. David-Neel, como por exemplo, aquela “*chaleira* a ferver no lar (a mansão dos deuses domésticos ou centro de atração das almas dos *oito* bisavós, *ava* ou antecessores mais próximos) *chaleira* em que é metido o corpo do morto para logo religiosa delícia por todos os membros da família reunida... As *dakinis*, deidades terrivelmente sanguinárias, na alma do morto se vingariam, senão, na daquele que se esquecesse de semelhante cerimônia. Ademais, não menos terrível *to-no*, evocado pela adivinhação da água, reclamaria a sua presa.

Ilustração: foto

Legenda:

Múmia envolvida de folhas, flores e frutos, considerados sagrados... e todos eles conservando a frescura de quando ali foram postos. No Ocidente, como se sabe, o “defunto” vai coberto de flores, no seu caixão, ficando apenas o rosto de fora. Sem falar, nas corôas que vão enfeitar a sua sepultura, quando não, um círio sempre aceso, como se fôra um santo da igreja (na razão de tempo e cemitério...), por meio de uma “mensalidade”, que a família do morto paga ao coveiro para zelar pela sua sepultura, etc. E tudo isso, pela ignorância da maioria, em que tais processos, além de ridículos, obrigam a alma do morto a ficar prisioneira de um corpo em putrefação, lugar e... apegos terrenos. Por isso que, melhor processo para evitar tudo isso, o da cremação, mas que a igreja é contrária... porque assim, não poderia o corpo estar presente no “dia de juízo”...

Semelhantes banquetes fúnebres são celebrados, muitas vezes, sobre o túmulo do morto, donde as cinzas que se costuma encontrar em tais lugares; do mesmo modo que, nos monumentos dessa mesma natureza, porque a incineração, tão logicamente usada no Oriente, como em certos países adiantados foi praticada muitos séculos antes de se pensar no enterramento no chão alternado, ainda hoje, tanto no Tibete como na Pérsia, de maneira bastante curiosa, ou de se cortar o corpo em vários pedaços e oferece-los aos corvos e outras aves de rapina, que logo os reduzem a ossos. Razão por que, dizem eles, fica o duplo em condições de poder encarnar no prazo de sete semanas, ou sejam, de 49 dias (número, dizemos nós, dentro do mistério universal, inclusive, das 7 Raças-mães, cada uma delas, com suas sete sub-raças, etc.) Outras vezes, enfim, como no caso dos *mardongs*, o corpo é mumificado, tal como se fazia no velho Egito. A clássica incineração, em povos como o Tibete (onde é difícil o combustível, a ponto de se servir do excremento dos animais, quer para se aquecer, quer para cozer os alimentos) é praticada de modo simbólico, com manequins preparados de matérias facilmente combustíveis, à guisa daquelas valencianas, que daí possuem talvez a sua origem...

Paralelamente às cerimônias fúnebres celebradas segundo o rito lamaísta, pelos sacerdotes oficiais ou *nagspas*, conforme já dissemos, o que de mais inferior possui o *chamanismo* feiticeiro, que perdura no fundo da alma tibetana (pese as mais puras doutrinas do Budismo), aprecia outras práticas fúnebres mais grosseiras e “emotivas”, que transcendem ao mais baixo “espiritismo”. Verdadeiros *médiuns* de ambos os sexos (*paos* e *pamos*), com seu tamborzinho mágico e *gyaling*, ou trombeta feita de um fêmur humano, procuram tornar feliz a viagem do morto até que alcance chegar diante de *Chind-je* (o juiz dos mortos, espécie de Minos-Eaco e Radamanto gregos, senão, o

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

mesmo Yama das escrituras védicas), mediante um “concerto” evocatório, acompanhado de epiléticas e absurdas contorções, do *rolang* ou cadenciado *Bailado da Morte*, tal como

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

aquelas outras do medievo, imortalizadas pelo pincel de Alberto Durero e mais tarde, na música, na célebre Dança Macabra de Saint-Saens. Quando semelhante rito alcança o máximo de suas exigências, o *nagspa* se acha sobre o cadáver, que procura escapar (horrorizado talvez por tão loucos quão estranhos processos) impedindo o oficiante que o ergam do solo, pois, com ele deve seguir abraçado na infundável dança, quando não lhe arranca a língua com seus próprios dentes...

Tais práticas e outras mais, evitam o frequentíssimo acidente, segundo eles, dos demônios se apoderarem da alma do morto, no caso que haja qualquer descuido da parte do oficiante ou daqueles que o auxiliam.

Entre esses casos *trágicos*, aponta-se o do “demônio obrigar a tal alma que o carregue perenemente às costas, mais pesado fardo do que qualquer daqueles que aos próprios animais infligem os homens através da sua crueldade”...

Deixando-se de parte o que de supersticioso possui tal caso, como outros tantos iguais, é ele bem parecido com o que se passa entre os homens que, na maioria dos casos, são obrigados a fazer o que muitas vezes não querem, como prova: toda espécie de crimes, de cujas dolorosas consequências o criminoso não é propriamente o responsável, mas sua verdadeira vítima.

Quando chegará o momento em que o Direito Penal cogitará de enveredar por tão difícil quão necessário caminho, ou seja, de estudar a fundo os até agora abandonados problemas da verdadeira Magia perversa ou negra, para com eles codificarem um novo Direito penitenciário, onde não mais existam cárceres nem castigos corporais indignos de serem usados no século de luzes em que vivemos e, muito menos, a pena de morte, que ainda é de uso em países tidos como dos mais civilizados?

Já o grande psiquiatra brasileiro Dr. Nina Rodrigues, referindo-se às penitenciárias, dizia: “deveriam ser todas elas transformadas em Casas de Saúde e escolas de educação moral para certos indivíduos tarados, ou antes, doentes”...

De fato, a tais indivíduos não cabe a menor parcela de responsabilidade nos crimes que praticam, pois, são verdadeiras vítimas propiciatórias de entidades que, pelo fato de não serem visíveis, não se pode negar a sua existência... E isso, por terem deixado aberta a porta da inteligência (ou do mental, dizemos nós, donde o termo “mentecapto”, ou “mens-capta”, etc.) e de uma moral que jamais encontraram, por lhes não ter dado o próprio Estado, que os castiga de tão severa quão injusta maneira. E isso, através de vícios que lhes enfraqueceram as “resistências ou defesas orgânicas”... como sejam: as das infecções microbianas constituídas pela parte externa da epiderme e, na interna, pelos fagócitos do sangue, além daquela outra superior denominada de “via-medicatrix”, que incumbe aos senhores terapeutas...

Seja-nos, pois, permitido não só concluir tão enfadonha quão necessária digressão, como o próprio capítulo, lembrando aquela precisa lição dada por um asceta à Sra. David-Neel, já por nós apontado, com outras palavras, num dos anteriores capítulos:

“Tal coisa, dizia ele, equivale a quando se possui uma casa em lugar enxuto, mas próxima a um rio, onde existe grande quantidade de peixes. Enquanto tal casa viver afastada do rio, ou melhor, seu dono, não procurar estabelecer um canal entre ambos, nenhum daqueles peixes se aproximará de sua porta...”

Abra, pois, o homem, dizemos nós, um canal para as boas ações (os mundos superiores) e o fechem às más... e nunca terá de queixar-se de não ser possuidor de tesouros de imenso valor...

XLIII

O BARDO TODOL

O Xamanismo “atlante” ou “a religião totêmica da queda” (decadência, melhor dito) foi de triste consequência, pois que atirou o homem à triste condição de ficar subordinado aos seres do Astral, quando antes os dominava (“As Aves” de Aristófanes), além de, ao se desprender o seu “duplo”, a caminho do excelso mundo mental, ser obrigado a atravessar o *Bardo* intermediário (ou “mundo astral”), com todos os seus horrores e grosseiras ilusões... Muito pior, enquanto perdurar a *Kali-Yuga* ou Idade Negra, onde tudo propende para o Mal, pouco importando a maneira pela qual o mesmo se manifeste... O que importa dizer que as forças negras, até certo ponto, suplantam as brancas ou do Bem.

Bardo, como já foi dito em outro capítulo, significa, literalmente, “o outro mundo” e suas gerais características, representando mais do que *inferno* ou “lugar inferior”, como o próprio purgatório dos cristãos. Assim é que em tal região se manifestam os sonhos e quimeras, as desilusões e os terrores, as dores e os remorsos, tal como Dante, seguindo a arábica tradição, no-lo pinta em sua *Divina Comédia*. E em verdadeira oposição à vida seguida pela alma durante a sua encarnação, é ela a região *purificadora*, chamada também de Parsifal ou Perséfone (o mundo sub-lunar), pelos gregos e parsis, apresentando diante da alma, como em um espelho, as funestas consequências da conduta que neste mundo tenha ela seguido. Fenelon, em seu *Telêmaco*, descreve-nos – em brilhante estilo – essa mesma região astral, que não deixaria de valorizar este capítulo se não fôra a necessidade de fazer outras citações com seus respectivos comentários.

Graças às origens orientais de que se acha repleto o castelhano – pese opinião de outros mais doutos – contamos na linguagem popular com a mesma tibetana de *bardal* para designar a um “arbusto do bardo”, o sarçal ou sarça (“zarzal ou zarzamora”) que cresce em todo lugar abandonada pelo lavrador (qual a nossa “tiririca”, que lastra de modo assustador nos referidos lugares, dizemos nós). Outrossim, quando, segundo o Pe. Durand em sua História do México, o imperador Montezuma, no auge de seu esplendor, quer enviar uma embaixada “à terra de seus maiores” (Bardo ou outro mundo), foi ela surpreendida por uma região repleta de espinhosos *bardais* ou *sarçais*, com o fim de lhes impedir a saída do mundo físico.

Do mesmo modo que, a doutrina *chamanista* do *Bardo* tibetano foi universal durante as idades da “pedra tosca e talhada”, as lutas, dificuldades e final triunfo das almas desencarnadas, através do Bardo, caminho da santa “Morada do Descanso” ou *Para-iso* (“além de Ísis”, ou simplesmente, “além-túmulo”...) possuíam seus inspirados cantores épicos, em uma espécie de colégio sacerdotal iniciático, cujos foram denominados de *Bardos* ou “cantores do Bardo” (como ainda hoje aos “poetas”, dizemos nós), que nas festas, diante das entusiasmadas multidões, ora cantavam com verdadeiros assomos de gênio, ao som de sua lira ou harpa, quando não, com as próprias trombetas de caça, as façanhas dos deuses e dos heróis, contra “a fera astral do Bardo” (a “Besta rugidora” dos cavaleirescos bailados, cujo triunfo sobre a mesma, fizeram-lhes alcançar a elevada posição em que se encontravam); ora, “lírica e pateticamente aclamado, com suas legendárias narrações – qual David com a sua harpa, as dores de Saul às angustiadas almas, conduzindo-as nas asas da divina arte, através do Bardo terrível com todas as perigosas fantasias, até a Morada da “Eterna Beatitude”, como dizem os budistas e lamaístas.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

Mesmo porque, segundo o universal ensinamento dos verdadeiros Iniciados, as terríveis visões do Bardo não possuem realidade objetiva, como pensa o vulgo, mas puramente subjetivas e oriundas, portanto, do próprio ser que logo se fez a sua vítima.

Dá-se com tudo isso o mesmo que em nossa vida, quando nos encontramos em voluntário ou forçado isolamento, isto é, afastados de nossos semelhantes e da vida social que com eles mantínhamos: no cárcere, no leito de enfermo, como anacoreta, etc. Nossa imaginação – fantasia, dupla faculdade centrípeta-centrífuga, qual “mediador plástico” entre o mundo exterior e nossa alma, tornando-se subjetiva no estado de vigília e objetiva, a seu respeito (do mundo) em todos os sonhos fisiológicos e artísticos, constitui-se em fictício mundo exterior, desenvolvendo diante de nossa visão interna, seus complexíssimos panoramas de prazer e de dor, beleza e fealdade, felicidade e desventura, razão de afirmarmos com os mais ilustres tibetanos de que, somos os criadores de nossos próprios destinos, elaboradores de nossos infernos subjetivos, os únicos reais, talvez.

Em estilo verdadeiramente maravilhoso, explica-nos o caso a Sra. David-Neel:

“Os profanos, em geral, imaginam que os budistas acreditam na metempsicose. Tal suposição é errônea. O que ensina o Budismo é que a energia produzida pela atividade mental e psíquica do indivíduo, determina a aparição de novos fenômenos mentais e psíquicos, depois que tal ser foi destruído pela morte. À respeito desse particular existem numerosas e sutis teorias. E os místicos do Tibete parecem ter conquistado uma visão mais ampla a seu respeito do que a própria maioria dos budistas.”

Sem necessidade de insistir sobre tal assunto, é de prever que as concepções dos filósofos não são compreendidas, senão, pelos mais seletos. Enquanto as massas, embora que repitam o credo ortodoxo de que, “todo agregado de partes é transitório por sua própria natureza”, e que “não existe nenhum *ego* na pessoa”, continuam presas à crença mais simples, de uma entidade indefinida que, revestindo-se de várias formas, vai peregrinando de mundo em mundo.

Não obstante, os lamaístas concebem as condições de semelhante peregrinação de um modo todo especial, por isso que, diferente dos pontos de vista de seus correligionários dos países do sul: Ceilão, Birmânia, etc. Segundo eles, um período de tempo, mais ou menos longo, transcorre entre o momento da morte e aquele outro em que o morto renasce em uma outra das seis espécies de (seres) animados, que eles denominam:

1º – os deuses;

2º – os não-deuses (espécie de Titãs);

3º – os homens;

4º – os não-homens (gênios, espíritos, fadas, etc.), ou “elementais”, uns de bom ou dócil caráter e outros positivamente perversos;

5º – os animais;

6º – os “yidags”, seres monstruosos que vivem eternamente torturados pela fome e pela sede, e os habitantes dos diversos *purgatórios*, onde passam por tremendos sofrimentos.

Nenhum desses estados, porém, é eterno. A morte sobrevêm para todos eles, quer sejam deuses, quer para infelizes seres, que gemem nos referidos purgatórios; como toda morte é seguida de um renascimento, seja na mesma categoria, ou em outra diferente.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

Segundo a crença popular, aquele que morre volta em condição mais ou menos feliz, de acordo com os bons ou maus atos que outrora tenha praticado. Os lamas de maiores conhecimentos ensinam que, por seus pensamentos e atos, o homem ou qualquer outro ser, desenvolve em si afinidades que o conduzem de modo natural para esta ou aquela condição de existência. Outros, acrescentam que, por seus atos e, sobretudo, por sua atividade mental, o ser modifica a natureza da substância de que se acha integrado transformando-se assim, em um condenado, um deus ou um animal.

Até aqui as teorias não se afastam apenas das admitidas pela generalidade dos budistas, porém, no que se segue, os lamaístas se tornam mais originais: procuram, desde logo, assinalar que a importância já concedida à atividade, por certas seitas budistas “maha-yanistas” (ou do “grande Caminho”, Grande Barca de Salvação, etc. dizemos nós) é acrescida, consideravelmente, no lamaísmo: “Aquele que sabe conduzir-se na vida, tem que viver bem até no inferno”, é velho adágio popular no Tibete. É o que eles chamam o *thabs* ou “o método”. Assim, enquanto a generalidade de seus correligionários acreditam que a outra vida através do Bardo, é simplesmente objetiva, a mais sã doutrina estabelece que semelhante objetividade ou “mundo” corresponde, no nosso, a infinitas subjetividades, que coincidem com aquela ou lhe são opostas, em grau maior ou menor, até o ponto de poder anulá-la, que é o caso de quantas *inibições* parciais ou totais pode operar no referido mundo exterior, nossa própria e mágica imaginação criadora, ativa sobre a sua oposta negativa, a passiva fantasia ³. A autora relata, com efeito, o caso que lhe referiu um sábio, ou seja, do filho de um pintor de quadros religiosos, relacionados com os monstros e demais assuntos referentes ao *Bardo*, que acostumado a vê-los surgir debaixo do paternal pincel, quando lhe são apresentados, logo exclama com verdadeiro entusiasmo e amor filial: “Foi meu pai quem os pintou!”... O próprio positivista, que ao morrer não vislumbra alguma referente ao *Bardo*, a não ser as das mais profundas camadas de seu inconsciente, ressurgem, então, vitalizadas, as visões subjetivas de toda espécie de sentimentos: “alegres ou tristonhos, belos ou medonhos, que em sua mente infantil, qual no livro em branco dos escolásticos, onde nada foi *pintado* ou escrito, traça-se a absurda “fantasia de uma cabeça oca ou vazia”...

Convém, de todos os modos, fazer algumas observações aos sensatos parágrafos acima copiados. Sua doutrina é a verdadeira, com a condição, como sempre, de que não a exageremos. Com efeito, embora que todo agregado de elementos seja, por sua própria natureza transitório, no *transitório* também existem graus. E esse não menos *transitório ego* que é o nosso, levado, como os demais, à desintegração, não se *desintegra* em absoluto, instantaneamente depois da morte, como seguindo ao pé da letra aquelas afirmações, se pudesse julgar, mas que subsiste por tempo mais ou menos longo, quem sabe se até completar os 120 ou 160 anos, que muitos assinalam como a verdadeira duração da vida física a qual modificamos, por assim dizer, devido aos nossos pecados e vícios. E talvez, até cumprindo no astral como no físico, nossa missão acompanhados de nossos filhos espirituais (discípulos) e dos físicos (ou família), que procuramos neste

³ Os místicos tibetanos falam de uma possível “habilidade contra o Karma”, ou meio indireto de iludir sua fatal realização, porém não no sentido de não pagar tais dívidas cármicas, mas de “pagá-las de maneira mais fácil e melhor”, algo assim como esperto negociante que procura saldar os seus compromissos, de acordo com os seus recursos financeiros. Muito do que acabamos de dizer se acha mais desenvolvidamente no capítulo “Amor, Vontade e Karma”, de nossa obra “No Umbral do Mistério” (2ª edição) o que teve ocasião de provocar protestos da parte de alguns teosofistas, que não puderam compreender o verdadeiro e superior alcance do ideal ali proclamado, dentro do mais típico “Caminho Direto”.

Tal caso se acha em oposição ou forma “ativa” daquele outro mais frequente ou “passivo”, do homem tornar a encarnar vítima, ainda, da grande ilusão ou Maia, que lhe faz ver “grutas mágicas” e até, “deliciosos antros”, na sua feminina ou sexual expressão... – *Nota do autor.*

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

mundo; ou finalmente, outras mais elevadas e perduráveis missões, relacionadas com as nossas próprias transcendentais atividades no social, científico-artístico ou moral, pois que, já houve quem dissesse “todo mestre tem que continuar ligado a este mundo, enquanto reste nele um só, sequer, de seus discípulo”, já que esse laço mais santo, ainda, do que o material da *família*, chega a identificá-los em áreas de superior idealismo, de que ambos são sucessivas derivações, em séries indefinidas, quando o discípulo, constitui-se, por sua vez, em mestre de um segundo discípulo, para assim continuar através do tempo e do espaço, a eterna Vibração do Logos, de que são suas notas ou sonâncias *transitórias* ⁴.

Todos esses problemas se resolvem com perfeita amplitude filosófica, através da já exposta teoria dos *tulkus*, e que para o caso pode ser resumida assim: a Essência e a consciência psicológica de cada indivíduo não são mais do que um Pensamento, uma Nota do Logos através de uma série indefinida de *Logoides* inferiores, que é, em suma, o inefável ensinamento da “Mística”: o Pensamento ou “Verbo que toma carne” ou se reveste de astralidade: 1º – de elementos etéricos ou “físicos”, logo e enfim, de elementos “químicos”, ou seja, de corpo material, como o melhor dos *instrumentos* para poder agir em um mundo material. A essencial virtualidade de cada Pensamento e a necessidade “cósmica” que, grande ou pequena, lhe vem penetrar, determina a duração de sua Vida, ou antes, a série de suas “vidas”. E o arco do ciclo descendente que percorre o Pensamento até *encarnar*, é logo completado, simetricamente, ao *desencarnar*, com o outro arco de ciclo ascendente, tal como o homem quando vai usando sucessivas vestes – do verão ao inverno – é obrigado a abandoná-los no ciclo de retorno, do inverno ao verão. E assim, sucessivamente...

Um bom exemplo, ainda, de quanto vimos de apontar se acha nas cidades: – a *idéia* de lugar apropriado para uma boa residência, perto da montanha, do vale, do rio ou da praia. E é o caso bem recente de todas as cidades da América pré-colombiana. Esta mesma escolha de lugar para a futura construção da urbe, leva consigo uma infinidade de elementos emotivos: a “febre do ouro”, a “ânsia de boas explorações agrícolas e industriais”, quando não, a mesma estratégia guerreira com que a cidade finalmente se ergue fisicamente, e vai aos poucos progredindo, o que se torna favorável, nos tempos que vão decorrendo, até que chegue – como a todo, o momento de sua morte – após a enfermidade da decadência ⁵, mais ou menos secular, fenômeno esse que se vem

⁴ A autora nos relata a preciosa anedota que a ela própria foi contada, sobre a paternal abnegação de um mestre para com o seu discípulo. Pelo que se depreende do gesto do discípulo, ou seja, de ferir mortalmente seu mestre, no ventre, deixando-o abandonado no *gomtchen*, por querer herdar antes de tempo o pouco que aquele possuía. E foi assim que, passando alguém pelas suas imediações, veio a saber do crime e querendo dar parte às autoridades, o santo homem não o permitiu, dizendo: “a ignorância de meu pobre discípulo levou-o ao crime; se o aponto como criminoso, será preso e condenado à morte, o que lhe ocasionará uma vida de horíveis sofrimentos no *Bardo*, para logo se sujeitar a uma nova encarnação repleta de dores e de misérias...” – *Nota do autor*.

⁵ A “decadência” se faz necessária para tudo quanto seja de caráter evolucionar, isto é, deixar para trás (ou *decair*) o que não presta, o que a nossa Consciência repele como errôneo e mau. Entretanto, “decair” no verdadeiro sentido da palavra, qual é ele tomado, refere-se única e exclusivamente, ao abandono do que é bom e verdadeiro, a começar pelo “caráter”. Já contamos aquele fato, pouco conhecido, da vida de Leonardo da Vinci, referente à sua “Ceia do Senhor”, em que o mesmo indivíduo pintor não havia encontrado o tipo desejado para Judas Iscariotes. Do mesmo modo que o nosso iniciático estudo sobre as duas palavras (Jesus ou Issh, Yeseus, Jeoshua, etc. e Iscariotes, ou o mesmíssimo Issh Cariotes, Carios, Calcis ou Kalkis, etc.). *Decadência*, portanto, do indivíduo, a ponto de sua fisionomia, de boa e bela que era, tornar-se má, ridícula ou feia, pelos vícios e maus sentimentos adquiridos durante um novo período de sua vida, que foi bem o da “involução”, e não, “evolução”, dentro – já se vê – da “lei do livre arbítrio”, ou que permite ao homem seguir ou não este ou aquele caminho na vida, algo assim como se se dissesse: que para o Mal, atendendo única e exclusivamente a Voz do seu eu-inferior e se para o Bem, ouvindo a Voz da Razão ou de sua Consciência, como Eu-Superior, seu Cristo ou seu Deus (o Espírito imortal, a *Mônada*, o *Ego*, etc.).

Tal como nos indivíduos, em tudo mais: o Espiritismo, por exemplo (Vide Capítulo VI de nossa *Mensagem ao mundo espiritualista*, nº 78 desta revista, págs. 241 a 253) teve a incumbência de modificar o humano caráter, num período de “decadência” moral, *descrença* dos mundos superiores, etc. E muito mais, como “ponte de ligação, ou melhor, de *separação* entre o físico e o mental (já que o Astral se encontra entre os dois), de preparar o terreno para o “surto Teosófico no Ocidente”. E tal *incremento* tomou ele, que ao invés de progredir ou descambar para o lado puramente “teosófico” (como já o compreendem muitas pessoas ilustres e de boa razão...) entrou em decadência ou “declínio”, desde o início, a ponto da própria Blavatsky lhe ter dado combate, por sinal que, custando-lhe ataques e inimizadas por parte de avultado número de adeptos da nova doutrina (*nova* para o Ocidente, pois que *velhíssima* era para o Oriente, como provam os próprios livros copiados por Kardek, dentre eles o *Agruchaga* hindu, etc.), que se vieram juntar a católicos e

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

protestantes, a ponto da mesma ser forçada a deixar Norte-América (para onde era a sua missão – a do preparo da 6ª raça), por não ter a seu lado, senão, o cel. Olcott bem pouco conhecedor da referida missão e primeiro a insinuar-lhe essa “retirada forçada”, que se

57

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

repetindo em nossa própria Espanha. A cidade acaba morrendo; suas venerandas ruínas (Cartago, Itálica, Palmira...) continuam por longos séculos despertando emoções, até a última, vizinha já da idéia pura, que é a do sábio, como por exemplo, Swen Hedin, no deserto do Taklamakán, descobrindo suas sepultadas ruínas. E revolvendo velhos infolios, até encontrar o nome da cidade, que antes foi o orgulho dos que a fundaram e cujo nome ficara até então no esquecimento de todos...

A intuição, realidade suprema do homem, como terceiro e mais elevado nível da Mente, chega a conceber melhor todas essas coisas, do que a “razão pura” e “a prática razão”, como diria Kant, pelo que deixamos tais problemas à fina intuição do leitor.

Não é, pois, estranha a afirmação frequentemente repetida pelos grandes místicos tibetanos de que “a alma humana, em seu ciclo de retorno ou de „ascensão para os céus”, alcance no seu culminante ponto (“ponto de tangência” de seu “círculo inferior”, com “o círculo superior”, com o qual *hipostática* ou “tulkuisticamente” se acha ligado) uma fugaz ou instantânea visão do referido mundo superior, ligando-se-lhe tão poderosamente, que não mais possa percorrer o ciclo inferior, por se encontrar em verdadeiro triunfo “nirvânico” ou “epóptico”⁶. Para ele rege, desde logo, uma nova lei de raio mais amplo, tal como no mundo, o *dub-tod* ou “iniciado”, tem, por sua vez, que se sujeitar... e à qual chamamos de “lei de moral” (do “mos-moris” ou costume latino), pois, como disse São Paulo, “o pecado é que nos dá a conhecer a lei”, lei essa criada contra o próprio pecador que, “ao realizar o mesmo que anteriormente criticara a outro, pronuncia, por si mesmo, sua própria condenação”...

Terminemos este já extenso capítulo com os seguintes detalhes: que nem sempre o morto possui consciência de seu novo estado, nos primeiros momentos que se seguem à sua desencarnação, máxime, vendo-se revestido de seu “duplo”, que é, enfim, um corpo mais etérico ou sutil. A regra para se ter uma nítida compreensão do fenômeno é, segundo os tibetanos, “o de se ir a um lugar, cujo solo esteja em condições de deixar

fez “decadência”, portanto, no que deveria seguir evolucionalmente. Daí, “quedas sobre quedas”, especialmente, depois da mesma ter desaparecido da arena da vida, através de descabidos “messianismos”, uma nova religião com o nome de “Catolicismo Liberal”, como se as já existentes não bastassem para prejudicar a Verdade (a Teosofia) na sua original pureza, como prova o próprio lema daquela sociedade (a S. T. de Adyar): SATYAT NASTI PARO DHARMA, ou “Não há religião superior (ou “acima”) à Verdade”. E quantos prejudiciais “enxertos” foram aplicados no corpo *virginal* da “Sabedoria Iniciática das Idades”, através da *jesuítica* figura do bispo Leadbeater, criador de todas essas “mentiras” ou “decadências”, à serviço das “Forças negras”, que o guiavam de Sidney (com vista à famosa Fraternidade negra do monte ARFAK....) a ponto de hipnotizar a Sra. A. Besant, tornando-a, portanto, seu “sujeito”, paciente (passivo) ou “médium”, o que é mais do que condenável pela Teosofia, senão, pelas próprias Regras da Grande Fraternidade Branca, segundo já apontava H. P. B. cujas provas possuímos em nosso Arquivo, como outras mais...

E quando a S. T. B. foi obrigada a modificar seu primitivo nome (DHĀRANĀ) para o atual, única e exclusivamente (por Ordem Superior)

para soerguer de seus escombros – qual “Fênix ressuscitada de suas próprias cinzas” – a verdadeira TEOSOFIA (qual deveria ser desde o começo a da mesma HPB, na construção do edifício da 6ª raça, em Norte América) que ia abrir um novo ciclo no Ocidente, em complemento ao primeiro, melhor dito, referente à construção – em Sul América – do edifício da 7ª, pois, como estamos fartos de dizer, no fim de cada ciclo racial, as duas últimas sub-raças quase se interpenetram. E com muito maior rapidez, à medida que nos formos aproximando do fim da Ronda.

Por tudo isso e muito mais ainda, foi que o grande polígrafo e Teósofo espanhol Roso de Luna, deu o título à sua última obra de “O Tibete e a Teosofia”, isto é, por ser a origem desses dois movimentos, através da *Teosofia*, que tanto vale pelo termo *Bodismo* (escrito com “o” e não com “u”) que quer dizer: Iluminação, Conhecimento, Sabedoria Perfeita, etc., etc. Razão de no começo, nossa própria Sociedade intitular-se “Rama das Confrarias Budistas (melhor dito, “bodistas”) do Norte da Índia e do Oeste do Tibete”. Sem falar em outras razões mais sérias, como fosse por exemplo, a da infância de JHS (Diretor-Chefe da mesma STB, desde o início), isto é, quando o mesmo abandona a sua família e vai a Portugal (mônada “ibérica” de sua futura missão ou Trabalho) para dali tomar rumo à Índia, porém, indo primeiro a GOA (possessão portuguesa, cujo nome provém de GO, GAU, Gado, etc., todos eles referentes a “pastor” de rebanhos, tal como o do próprio Buda ou GAUTAMA, *Gau* ou *Go* e mais TAMA ou Tamas, isto é, “o pastor de um rebanho “tamásico”, ou de matéria grosseira, *inferior*, como sói acontecer ao mundo inteiro...). E a seguir, para Calcutá, tocando antes em Ceilão, etc., de cujo primeiro lugar seguiu para *Allahabad* (onde residiu, por exemplo A. Sinnett, um dos próceres do primeiro movimento, mas com o qual nenhuma ligação teve JHS), onde passou algum tempo, seguindo para o Norte da Índia ou *Simlah* (a oeste do Tibete, ou melhor, dessa gigantesca *muralha* de granito, coberta eternamente de neve, que separa a Índia do Tibete, com o nome oriental de *Himalaia* e, ocidental, de Everest). E quanto ao resto... encontrará o leitor, caso se interesse pelo assunto, na obra que a S. T. B. vai mandar publicar (como sua própria História, a começar pelo nascimento de JHS, seu Chefe, que coincide com a “desencarnação” de Ramakrishna, até alcançar os dias atuais) com o título: A MISSÃO DOS SETE RAIOS DE LUZ ou Mistérios Iniciáticos do Ocidente. Cuja obra é bem o complemento da última do grande gênio de nosso século, o Dr. Mario Roso de Luna, que a oferece ao mesmo (JHS) “para ser publicada na querida língua de Camões”; além de proclamar, *heróica* ou *teosoficamente*, em uma

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

de suas últimas missivas: “...agora sim, já posso morrer”. E mais: “...quem me dera reencarnar no Brasil!” – *Nota do tradutor*.

⁶ Derivado de “epopta” que significa: indivíduo no último grau de iniciação nos mistérios de Elêusis, devotado a sua contemplação.
– Nota do digitador.

58

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

gravadas as nossas pegadas: Se estas ficarem gravadas em sentido contrário à marcha, pode-se ficar seguro, dizem eles, de que “já morreremos...”. Por isso, talvez, o costume que têm os tibetanos de amortilhar seus *defuntos*, pondo-lhes, às avessas, as várias peças de seu vestuário.

XLIV

OS LUNG-GOM

Quando corre alguém pressurosamente para um ideal amado, “nascem-lhe asas”, costumamos dizer no Ocidente, porém, em nenhum outro lugar, como no Tibete, a poética frase encontra sua lídima, ou antes, *real* expressão: naqueles “corredores” denominados *lung-gom*, ou “longos”, capazes de vencer enormes distâncias, pouco importa a incredulidade de ocidentais, sempre *prontos* (longos ou *ágeis*...) em negar aquilo que não conhecem – especialmente nos herbáceos desertos do norte do país.

Aos próprios homens que andam ligeiro – verdadeiros tipos *mercurianos* (pois que o deus mitológico é assim figurado), costuma-se dizer: “têm asas nos pés”...

Para que o leitor possa ter uma pálida idéia do que vem a ser esse novo mistério tibetano, oriundo de uma longa prática de desenvolvimentos psíquicos (principalmente, se já procederem de outras existências...) recorramos, mais uma vez, à Sra. David-Neel:

“Meu primeiro encontro com um *lung-gom-pas* teve lugar nos desertos erbáceos do Tibete: caminhávamos à tarde através daquela extensíssima planície, quando divulguei ao longe minúscula e sombria silhueta para logo verificar, com o uso do binóculo, que se tratava de uma criatura humana. Quem poderia ser aquele viajante de tão desértica quão imensa região? Um dos meus criados afirmou que se tratava de um *lung pas*. Com efeito, verifiquei que, com surpreendente velocidade, o viajante *voava* para o nosso lado. Meu maior desejo era poder observá-lo de perto, dirigir-lhe inúmeras perguntas, porém, o mesmo rapaz de nossa comitiva proferiu: “*Reverendíssima* dama, não procureis deter o lama, nem lhe dirijais a palavra, sob pena de lhe causardes grandes males, senão, a própria morte ¹. Quando assim viaja um deles não deve ser interrompido em sua meditação. O deus que em tais ocasiões o anima, logo o abandonaria, em vista do mesmo não poder repetir as fórmulas mágicas. E ao separar-se, fatalmente o mataria...”. Por mais absurda que pudesse parecer semelhante advertência, tenho hoje sérias razões para a reputar como certa. Ademais, os tibetanos que me acompanhavam, julgando-me uma *yogina*, deveria eu observar os costumes próprios dessa minha categoria.

O viajante, passando por nós em vertiginosa carreira, mesmo assim, pude observar a impassibilidade de sua fisionomia: seus olhos fantasticamente abertos, pareciam extáticos, mas contemplavam fixamente um ponto longínquo no infinito. Parecia avançar por meio de rápidos saltos, da mais estranha acrobacia, como se possuísse a elasticidade de uma bola de borracha; vestia o hábito e a longa túnica monástica, que ia ter ao solo. Sua mão esquerda sustinha crispadamente a toga, enquanto que a direita brandia um

¹ A mesma H. P. B. vendo, certa vez, um “yogi” de cabeça para baixo, seguro apenas pelo pé no ramo de uma árvore, dirigiu-lhe, várias vezes, a palavra, sendo que da última foi por ele repreendida severamente: “Não vê que não posso falar, pois se o faço, vou despedaçar-me lá embaixo”?...

Trata-se, de fato, de um exercício, em que entra em jogo a “Pranayama”, isto é, a retenção do hálito nos pulmões. E, portanto, se aquele indivíduo a quem H. P. B. dirigiu a palavra, como o encontrado pela Sra. David-Neel, fosse obrigado a sustentar qualquer conversação (uma simples palavra que fosse), veria fracassado o seu intento, se não acontecesse coisa pior: a morte. Como se sabe, todos esses “andareiros tibetanos”, são mensageiros de um mosteiro para outro, inclusive, outrora, do Buda-Vivo da Mongólia (em

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

Takure), para os seus ministros ou colunas-vivas: o Trachi-lama, em Chigat-sé, e o Dalai-lama, em Lhassa, numa distância incomensuravelmente grande. – *Nota do tradutor.*

59

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

punhal (um “purba”) com o qual ia ritmando os movimentos dos braços. Meus auxiliares apearam-se para se prosternarem quando o lama passou diante de nós. Continuamos a segui-lo com a vista, em sua rápida e isócrona marcha pendular até uns três quilômetros, quando passou pelas fraldas da montanha, que se erguia mui distante de nós. E isso, talvez, procurando encurtar distâncias, ou quem sabe, mesmo em transe, tivesse notado que o observávamos... Quatro dias depois chegamos a um acampamento de pastores e ao lhes interpelarmos “se tinham visto o *lum-pas*” afirmaram que, efetivamente, tinha cruzado com eles ao anoitecer da véspera, dando com isso direito a julgarmos ter ele viajado toda a noite e dia seguinte, sem parar, e com a mesma velocidade com que passara por nós, o que não se pode considerar um grande “recorde” entre os tibetanos. É bem verdade que eu e Yongdem tivemos ocasião de realizar etapas de 19 a 20 quilômetros, sem parar e sem comer, durante nossa viagem a Lhassa, o que, de nenhum modo poderia ser comparado com a velocíssima do misterioso *lung-pas*, procedente, talvez, do longínquo mosteiro de Tsan, célebre durante longos séculos, por sua escola de *lung-gom-pas*, de cuja origem são narradas diversas lendas verdadeiramente fantásticas”.

A autora nos relata, ainda, inúmeros casos de *lung-pas*, como aquele que se acha na biografia de Milarespa, à respeito de certo monge *que lhe ensinou a magia negra* (o grifo é nosso) e que corria horas e dias com maior rapidez do que a de um cavalo; porém isso devido a uma aprendizagem toda especial, que nada tem a ver com as *excursões* feiticeiras do duplo etérico dos médiuns e dos “sujets” (*paos* e *pamos*). Tal aprendizagem é sempre a base de uma rítmica regularidade do hálito, combinada com a concentração mental, da recitação de uma fórmula mágica, como ritmo especial para a imaginação. E que abrange, não só, a marcha rápida e consecutiva, como também, a aquisição de extraordinária velocidade, capaz de permitir ao operador o “poder sentar sobre uma espiga de trigo, sem dobrar o pé”, como se diz do Buda, e de quantos mestres puderam caminhar sobre as águas, sem afundar ². Razão por que tais *lung-pas* estão sempre munidos de pesadas cadeias, para não flutuarem no espaço.

Quanto a essa espécie de marcha, não é igual à de nossos corredores, que podem, de um lance, percorrer a toda velocidade, de 12 a 19 quilômetros, etc.; mas, de longas jornadas (“verdadeiras marchas de resistência”) que podem durar muitos dias, sem que o *lung-pas*, em seu transe, sinta necessidade material alguma em tão longo percurso. Em todo o caso, esses “famosos corredores” são muito raros.

Como sói acontecer com os mais extraordinários fenômenos ou “poderes” dos ascetas tibetanos, poderes que se tornaram certamente, espiritualizados, por permanentes contemplações metafísicas, o ocidente, por sua vez, possui algo parecido, embora que em grau menor, mas que, quase sempre, escapa à nossa percepção. Recordamos, por exemplo, que no momento de mobilização nacional contra Napoleão, em 1808, “um estranho monge”, sempre o mesmo, (ou ao menos, de idêntico porte e aparência) aparecia em diversas povoações afastadas muitos quilômetros de Métoles, levando o ofício do célebre alcaide daquela cidade, decretando a referida mobilização, o que não pôde logicamente ocorrer, segundo já provamos em outros lugares, por não se tratar de verdadeiros *lung-gom-pas*; como também com outros célebres “beatos”, cuja

² Viajando, certa vez, o Buda acompanhado de alguns discípulos seus (quais os apóstolos da cópia posterior da Igreja, para a vida de Jesus...), encontrou raquítico e solitário asceta vivendo em uma gruta do bosque. O mestre perguntou-lhe:

“Há quanto tempo vos encontrais neste lugar... e que resultados tendes conseguido durante todo esse tempo?”

“Vinte e cinco anos, respondeu o asceta, todo orgulhoso... além de que, posso atravessar um rio caminhando sobre as águas”.

“Pobre amigo”, exclamou, compassivo, o grande Sábio; “haveis desperdiçado tanto tempo para alcançar o que, com uma simples moeda de cobre, teríeis podido obter de um pobre barqueiro!”

Tão eloquente passagem da vida do Buda, demonstra a sensatez e amplicíssimo espírito de conhecimentos que possui o Caminho

Direto, que é, digamos assim, “o sentido comum feito carne”. Cuja passagem, faz-nos, ainda, recordar aquela do D. Quixote, de

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

Cervantes, na *Gruta* de Montesinos, onde o *primo* fica preocupado com “a origem do jogo dos naipes”, ou seja, em descobrir coisas de pouca monta, principalmente, depois de desvendadas (ou descobertas), como “aquele ovo de Colombo”... que todo mundo conhece. – *Nota do tradutor.*

60

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

memória nos conserva a enciclopédia espanhola. E quanto ao fenômeno de “caminhar sobre as águas”, o próprio Evangelho nos aponta, dentre eles, quando Jesus chama por São Pedro e este quase se afoga por lhe faltar a fé (“ó homem de pouca fé!...”); como sempre, extraída da mitologia, de lendas e tradições antigas; a de *Ícaro* e aquela famosa contenda entre Pedro e Simão, o mago (a quem invejava o primeiro, por não possuir os seus poderes taumatúrgicos...); relatado nos “Fastos dos Apóstolos”; nos fenômenos de “levitação”, de que se acham repletos os livros espíritas, embora que de natureza completamente diferente, por sua origem e em outros tantos casos, que se tornaria fastidioso relatar.

Por outro lado, nos exércitos, cuja organização e detalhes dentro da baixa Magia, pelo fato de “matar” ou assassinar o próximo, possui, entretanto, verdadeiras práticas dos *lung-pas*, tais como a do ritmo ou compasso, marcado por cornetas e tambores, ou pelos famosos “passos duplos” e outras “marchas militares”, que tão grande papel jogam para regular o passo “isócrono-pendular” dos soldados; ritmo que equivale a um *mantram* ou “fórmula mágica”. E que, se prolongados, poderá concorrer para que venham a cair extenuados, ou mesmo mortos, os soldados. As modernas equipes de “corredores” ou “homens de carreira”, começam, por sua vez, a usar de certas práticas que, se forem aperfeiçoadas, acabarão, por fundir-se nas mais técnicas e complicadas dos *lung-pas*. Outro ritmo análogo foi em todos os tempos e países, o da dança, por sinal que, hodiernamente, através de tremendos concursos, onde foi posta à prova, a resistência dos “dançarinos”, que puderam prolongar seus bailados durante horas e até, dias, sem perder a energia, à guisa de verdadeiros *lung-pas* tibetanos.

Ademais, quem já tenha feito, como nós, largas caminhadas, só e a pé, poderá compreender que as regras dos *lung-pas*, aparecem naturalmente uma após outra ao caminhante solitário, tais como o ritmo de um canto ou assobio, senão, qualquer outro sussurro, todos eles semelhantes às fórmulas mágicas tibetanas; o ritmo pendular e alternado dos próprios braços, que acabam por se tornar “uma espécie de remos apoiados no ar”, quando não, de asas imperfeitas (e daí, o “nascem-lhe asas”, com que iniciamos este capítulo). Notável, ainda, nas longas horas da marcha solitária, aquela espécie de modorra inconsciente em que se submerge o caminhante, com a mente quase adormecida, pensando, na maioria das vezes, naquilo que mais aspira alcançar na vida; quando não, sua mesma espiritual “jornada”, apoiando-se, *astral-imaginariamente* nos inúmeros objetos e acontecimentos que vai deixando para trás, como sejam: rios, vales, planícies, árvores, etc., e nos amigos e parentes distantes, além dos *novos* que vai encontrando no seu caminho. Sendo de notar, ao menos de nossa parte, a importância “animadora” que, à guisa de contas de um rosário, para aquele que reza, possuem os hectômetros, quilômetros e miriâmetros de todo o percurso do passeio ou viagem. Tudo isso demonstra, que não são, nem supersticiosas, nem meras fantasias, as regras tibetanas, que a mesma David-Neel as resume assim:

“O primeiro passo do aspirante é, como sempre, o receber a iniciação apropriada; logo, o de treinar durante alguns anos sob a direção de seu mestre, os diversos exercícios de ginástica respiratória, não permitindo (tal mestre) que seu discípulo vá mais além, enquanto não estiver bem senhor das primeiras. É quando recebe com a devida fórmula mística uma segunda iniciação. O noviço concentra seus pensamentos sobre a repetição mental e cadenciada da fórmula, que regula durante a marcha o jogo de sua respiração, marcando compasso com as sílabas da fórmula. O “andarilho” não deve falar nem pensar em outra coisa, como também, olhar para a direita ou esquerda (as conhecidas “flores do caminho”, para extraviar aos que caminham firmes e decididamente para um ideal superior), tendo que manter firmes os olhos da mente e os do corpo sobre determinado objeto, muito afastado, sem permitir, jamais, que a sua atenção seja distraída por esta ou

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

aquela coisa.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

Quando se alcançou, assim, o estado de transe, embora que, grande parte da consciência normal já abolida, esta se encontra em franca atividade, bastante para defender o “caminhante” de quantos obstáculos lhe possam aparecer no caminho, mantendo-se bastante firme e heróico para o seu objetivo. Sendo que tal resultado é obtido, digamos, mecanicamente, sem provocar reflexo algum sobre o transe do indivíduo: os enormes e desérticos espaços; o terreno plano e como que “adormecido” na sua mística serenidade; a doce tranquilidade do crepúsculo, são considerados como condições favoráveis. E no caso de encontrar-se fatigado por tão excessivos esforços, o transe reparador é obtido facilmente ao pôr do sol. Cessa, então, a fadiga, como por encanto, e o “caminhante” pode prosseguir a sua viagem, livre de cansaço e qualquer outra tortura física... As primeiras horas do dia são, também, favoráveis, embora que, em grau menor.

Em troca, o meio-dia; o começo da tarde; os estreitos e tortuosos vales; as regiões cobertas de espinhais e o próprio terreno excessivamente acidentado, são outras tantas circunstâncias desfavoráveis que só podem ser vencidas pelos *lung-pas* de maiores categorias. Por tudo isso se pode deduzir que os tibetanos consideram a uniformidade da paisagem e a ausência de objetos demasiadamente chocantes ou atraentes, como grandes auxiliares na produção do transe. De fato, uma planície deserta oferece ao espírito menor probabilidade de distração da fórmula e do vai-vem do *volante* respiratório, do que uma garganta de montanhas, semi-obstruída por penhascos, etc.; do mesmo modo que, uma barulhenta cachoeira e tudo mais quanto se afaste de uma mística quietude, própria para as grandes e excelsas meditações de que tanto carece o espírito humano.

A regularidade da marcha através de impulsos ritmados, não é tão fácil como se possa imaginar, de ser mantida em um solo acidentado. Por mais insignificante que seja a minha experiência sobre tão difícil quão misterioso método, termina dizendo a autora, posso adiantar que, se os enormes desertos são sítios mais favoráveis ao transe, uma floresta de elevadas árvores, com seus retilíneos troncos, isenta de arbustos trescalando a perfumes vários, e atravessada por fácil caminho, é, igualmente, favorável, por causa, talvez, da mesma uniformidade da paisagem, como tive ocasião de comprovar ao atravessar o Poyul, a grandes marchas, caminho à Lhassa. As noites claras são consideradas favoráveis aos principiantes, porém, sobretudo, as serenas e estreladas. Os mestres aconselham, frequentemente, manter o olhar fixo sobre determinada estrela, o que parece revelar algo de fascinante ou hipnótico. Razão por que certos noviços se detêm bruscamente logo que a estrela-guia se torna invisível, já por uma nuvem, já por desaparecer no horizonte ou nas grandes distâncias do zênite. Outros, ao contrário, importância alguma dão ao fato, por já terem formado em sua mente a imagem subjetiva do astro, que desde então, psiquicamente, os guia. Alguns iniciados nas ciências secretas afirmam que, depois de alguns anos de prática, os pés dos *lung-pas* cessam de tocar o solo, porém, deslizam suavemente sobre o mesmo, com vertiginosa velocidade, razão – como já se viu – de alguns serem forçados a carregar pesadas cadeias de ferro, à fim de poderem repousar durante o tempo que não necessitam de viajar.

Uma espécie de anestesia amortece, assim, as dolorosas impressões causadas pela velocidade, ao roçarem os pés contra as pedras e demais obstáculos com que possa tropeçar, nessas longas jornadas, que chegam a durar muitos dias, segundo as distâncias a percorrer, e com indescritível velocidade, que só poderemos comparar àquela dos “tobogãs” e dos patinadores de “esquis”, senão, a dos grandes *raids* automobilísticos”.³

³ Pelo exposto, colige-se que as grandes planícies norte-européias e também as castelhanas, se tivessem feito a pátria dos grandes andarilhos. E quanto a “caminhar sobre as águas” subjugado ou fascinado por “la belle étoile”, frequentíssimo é, hoje, como em todos

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

os tempos, simbólica ou materialmente falando – inclusive com as estrelas de *écran*... para os papalvos da época, que se deixam levar “pelo canto das sereias”... Razão por que na Idade Média foi também chamada de “Caminho de Santiago”, a pulverização de sóis ou

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

Existem no mundo muito mais *lung-pas* do que se possa imaginar, pois que, eterna e universal é a lei teosófica da Analogia: milhões de passos dá o homem na sua marcha diária, como a própria dona de casa no seu vai-vem contínuo para trazer em ordem a vida doméstica; como outros tantos, embora que de nova espécie, a pena do escritor, no percorrer a “nívea pista” das várias folhas de papel, que é obrigado a encher. Precisamente, ao descrever tão mágico quão acrobático assunto, como é aquele da Sabedoria tibetana, através da extensa caminhada de “quarenta e nove capítulos”, de que se compõe “O Tibete e a Teosofia”, vamos notando – qual uma nova Revelação, “filha da YOGA do verbo escrever” – como as regras de quem procura confeccionar uma volumosa obra, se vão tornando idênticas às dos *lung-pas*, por serem oriundas de técnica de radio-universal: primeiro, a preparação teórica por um mestre, homem ou livro, ensinando a dolorosa aprendizagem de marchar, errar e tornar a copiar; logo, receber, qual “luminoso brilho de uma estrela-guia”, a idéia fundamental, a que há de presidi-la no decorrer do livro por inteiro, à guisa da “nota-pedal” do órgão, ou mesmo, da gaita; da tônica ou diapasão orquestral; do mantram sagrado ou mágica fórmula que acaba por extinguir-se, com o caminhar da pena, na semi-consciência “yogui” da inspiração, a qual nos faz esquecer, como ao *lung-pas*, na vertigem da sua carreira, todo o mundo exterior que nos cerca, através de suas impressões de frio ou calor, ruído ou silêncio, prazer ou dor, “flores, ou antes, espinhos, do caminho” que não são outras, senão, as do Mal, que servem de obstáculo ao nosso construtor Caminho para algo que esperamos possa ser útil a essa mesma Humanidade a que pertencemos, como células integralizantes. E à qual deveremos, finalmente, tratar de devolver, se formos honestos e bons, algo do infinito que dela recebermos. E se alguém observar de perto o escritor, sem que este se aperceba, em seu *transe literário*, verá que, veloz a pena, eleva-se e desce sobre o papel, naqueles mesmos voluteios de vertiginosa carreira, qual a do *lung-pas*, com um ritmo musical do isocronismo tibetano. E quando aquela inspiração, sacudindo ou fazendo tanger as cordas da harpa de nosso sistema nervoso, na epoptéia de sua Yoga, chega à sua intensidade máxima, a pena – como a planta dos pés “do andarilho tibetano”, já não roça sobre o papel, mas desliza, voa, saltando por sobre os obstáculo, como bola de borracha, que rodopia no seu caminho, sem o tocar ou pisar; do mesmo modo que giram os astros pelo espaço afora... como giravam, por sua vez, aqueles luminosos torvelinhos que, em profético sonho, pôde divulgar o prodigioso clarividente que foi Ezequiel...

XLV

KYILKORES, TULPAS E OUTROS ELEMENTOS MÁGICOS

“Nada existe capaz de dar uma idéia, diz A. David-Neel, da serena majestade, da grandeza esquisita, do horrífico aspecto e ao mesmo tempo, delicioso encanto das múltiplas paisagens tibetanas. Percorrendo-se suas altas e solitárias terras, tem-se a impressão de ser ali um intruso inconsciente. Encurta-se o passo, baixa-se a voz e respeitosas desculpas afloram aos nossos lábios, prontas a ser dirigidas ao primeiro que

“poeira cósmica”, que conhecemos com o nome de “via-láctea”, que serviu de Guia aos peregrinos que, desde as mais afastadas regiões européias, muitos deles, verdadeiros *lung-pas*, chegavam à Península ibérica, como devotos, para visitarem, contritos e... *embasbacados*, o sepulcro de Saint-Iago (Santo IO ou OEAOHOO, YEOVAH, etc.). A marcha do luminoso arco galático, em nosso céu, era certamente mais recomendável de contemplar, para qualquer cristão *lung-pas*, dado que seu gigantesco arco se vai elevando para oeste, tudo isso na direção geográfica de quantos contomaram o golfo de Gasconha ou “caminho à Galícia”. E se nos quiséssemos aprofundar na demopédia relativa à “estrela-guia” (qual a de Belém aos 3 Reis Magos...) acompanhando o caminhar ou decorrer da vida, teríamos imediatamente o mito do “Judeu errante” (errando ou caminhando por toda a parte...) ou do nórdico

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

holandês, que vagueia docemente pelo mar. E do qual se servia o excelso Wagner para o seu “Navio Fantasma”, como eterno mito, enfim, do *lung-pas* humano... correndo sempre em busca do objetivo final de sua pseudo-morte, que é, por sua vez, a de sua transfiguração... – *Nota do tradutor.*

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

encontramos, como se fora ele o legítimo dono de tão abençoado solo. Seu primitivo espírito povoou, densamente, aquelas vazias solidões!

Tal como os pastores caldeus, observando de suas planícies o céu estrelado, lançaram as bases da Astronomia, assim também, desde séculos imemoriais, os eremitas e *shamanos* tibetanos, vêm meditando sobre os mistérios das estranhas regiões por eles habitadas, pois que, aí não faltam motivos para tanto... Ciência estranha nasceu dessa contemplação e sua posse atraiu para os iniciados do País das Neves o renome que vem usufruindo através dos séculos... O âmbito do misticismo tibetano é como imenso campo de batalha, em que lutam as tendências de raças, não só, entre mentalidades distintas, como do mais completo antagonismo... Os prodígios no Tibete são mais numerosos do que as flores nos campos. E a eles deve seu universal renome. Os hindus do *Betan* dirigiram-se, com religioso terror, para o Himalaia e o elevado país que se encontra por trás... O mesmo aconteceu com os chineses: Lao-Tsé partiu um dia para o “País das Neves”, qual “Boddhidharma” acompanhado de seus discípulos chinos... Peregrinos de toda Alta Ásia, fascinados por mística e irresistível visão, quiseram ir ali morrer! Sem dúvida, a causa principal de tudo isso, a universal reputação taumatúrgica de seus eremitas, além de sua proeminente situação geográfica, que lhe dá um aspecto de “jardim erguido nas nuvens, beijando as estrelas, construído por fantásticos arquitetos, como privilegiados mundos para neles habitar toda classe de deuses e de demônios...”

E o mais interessante, ainda, como diz a autora, as explicações que nos dão os intelectuais do País à respeito de todas essas coisas: quase científicas, formando um corpo de doutrina, que deveria ser estudada no Ocidente. “Não existem outros deuses, senão, os criados pela imaginação de cada indivíduo”, asseguram os mais elevados espíritos, nas lições íntimas de Magia, que dão aos seus eleitos. Tudo consiste em formar um *yidam*, isto é, uma criação imaginária que, pela força superior da Mente, pode chegar a ser objetiva nos mundos inferiores: astral ou emocional e físico, para o que, existem diversos processos, sendo que um dos melhores, o do KYILKHORES ou o das representações gráficas: pinturas, esculturas, mapas, figuras geométricas, etc. (qual se adotava no velho Egito, dizemos, como entre nós, os da S. T. B., como “escola de iniciação”, acrescidos de “projeções luminosas, etc.”); o dos *gamti* ou “caixas de meditação”; o dos *gomti* ou apartamentos adequados às espirituais concentrações e vários outros que, se bem considerados, já os adota a ciência ocidental.

O *Kyilkhore* ou “mágico diagrama”, apresenta, entre os tibetanos, uma grande variedade, como por exemplo: um mapa, um traçado geométrico, artístico, etc.; outras vezes, um *torma* construído em pasta, massa de cera, e até, uma lâmpada, uma simples bandeirola com as sílabas sagradas, quando não, as mesmas perfumosas labaredas que se espalham no ambiente, provenientes de bastões de incenso, acesos em frente aos deuses familiares ou autóctones do país, colocados em lugares privilegiados da *gompa*, no *ritem* ou na sedentária cabana e nômade tenda.

Cada espécie de *Kyilkhore* exige do discípulo que a tem de contemplar e dela se servir, uma aprendizagem, perfeita e completa, porque o resultado mágico do *Kyilkhore* é realmente, indefinido. A escola oficial, que goza de maior autoridade à respeito de tais processos, é a célebre de Gynd. E são eles verdadeiros *ten* ou “suportes”: isto é, efetivos “guias” ou “memoriais” (calendários, etc.), como os inúmeros que empregamos no ocidente; por isso que, o menor erro cometido na sua construção pode trazer estranhas e perigosas consequências, como em nossos cálculos sobre resistência de materiais. Razão, como é sabido, os copistas de certas pinturas sagradas no Egito (os *Kyilkhores* daquele país) serem castigados, até com a morte, à fim de evitar os desastrosos resultados do uso de um objeto viciado.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

O estudante começa por contemplar o *Kyilkhore* em seu conjunto, a segui-lo em seus menores detalhes e finalmente em dotá-lo de vida própria, através do maior esforço mental, e ao mesmo tempo, subjugando as naturais rebeldias do corpo, mediante um lento e perfeito ritmo respiratório, ensinado, como se sabe, na *Hatha-Yoga*. E isso, porque “o hálito é o cavalo e o espírito, o cavaleiro”, como diz o Yogui aforismo. Hindus e tibetanos, chegam, pois, a dar vida aos seus diagramas mágicos (prâna-pratishtha), fazendo com que o *yadan* ou “criação” mágica de sua imaginação, possua, finalmente, uma vida independente de seu *kyilkhore* “como a ágil mariposa, que surge da inerte crisálida”¹. Por isso que, ao terminar a operação, prevalece o costume de se atirar o *kyilkhore* à água ou ao fogo.

Outro *Kyilkhore* dos mais notáveis, é o denominador *Kasina* ou contemplação prolongada e sugestionadora de círculos formados no fogo ou na água até que, cerrando os olhos, se possa ver as imagens, tão ao vivo e perfeitas, como se eles estivessem abertos. E isso, mediante a concentração, mas nunca, por processo algum hipnótico, considerado de magia negra (com vistas aos que continuam com este “atlântico” processo... ao invés de enveredarem pelo do *mental* ou “arico”, dizemos nós).

Prática semelhante aconselha a medicina popular contra a icterícia, enfermidade ligada estritamente ao fígado – que com o baço forma “o órgão do Astral” – ou seja, a de contemplar, em perfeita *Kasina*, o curso espumoso de uma torrente, pensando na cura (como uma auto-sugestão...). Sendo que, para o tibetano, o objeto que se toma por *Kasina* não possui importância alguma, pois se trata de um simples ponto de apoio, na operatória “volitivo-imaginativa”, algo assim como os naipes (ou cartas de jogar) nas mãos dos parceiros e das cartomantes, ou o próprio rosário nas do devoto, um simples processo de concentração do pensamento, tal como aquele dente de tigre transformado, pela imaginação dos sacerdotes de Ceilão... em “dente do Buda” (senão, ainda, monstruosa pegada ali existente, que é tida, por sua vez, como do mesmo Ser...); como

¹ Este é o chamado “poder de *Kriya-shakti*”, ou criação yogui pela força da vontade, atuando soberanamente sobre o “mediador plástico” da “imaginação”. Com tal processo se cria o *yidam* que, ao dizer do tibetano, chega a sair do *Kyilkhore* para falar e agir, movendo-se com vida, de certo modo, própria, embora que, no fundo, seja parasitária ou “vampírica” da de seu próprio criador, constituindo um *tulpa* ou fantasma, como aquele de que nos fala Alexandra, que acabou por adquirir feroz espírito de maldade, pelo que, foi forçado seu criador a destruí-lo, “deixando de o alimentar com a sua imaginação”.

Semelhantes criações mágicas “não à maneira de „duplo ou fantasma espírita”, mas, criações voluntárias, como já foi dito, e que gozam de tanta maior independência, quanto maior for o grau de concentração mental do discípulo ao formá-las. No começo, o discípulo alcança apenas uma forma vaga, que vai, aos poucos, tornando-se nítida e perfeita (qual “uma estátua nas mãos do escultor”, dizemos nós, porém, no caso vertente, “estátua-viva” escravizada ao seu senhor...); porém, mesmo já pronta, no começo, se nega a abandonar o *Kyilkhore*, como se fora um pequeno pássaro de asas ainda débeis, que não pode abandonar o ninho... Por isso que, a primeira lei é a da Fé, isto é, a confiança do discípulo em seu poder criador; o “não duvidar de coisa alguma”. “Haveis adquirido um instrutor mais poderoso do que eu”, disse, segundo Alexandra, um mestre ao seu discípulo, por constatar a perfeição com que o discípulo tinha criado seu próprio *yidam* ou “daemon”. Não deve, porém, o discípulo permitir que o “daemon” o domine (para não acontecer o mesmo, dizemos nós, que ao domesticador devorado pela fera...), porque o levaria à desgraça, como o histórico de Sócrates, que não o salvou da morte; caso semelhante ao dos “yidans” obsessores, causadores de todos os vícios: bebida, jogo, sensualismo, etc., etc., sempre castigando os seus criadores, que se tornam assim as suas vítimas (a perfeição da “criatura”, dizemos nós, depende da do seu “criador”...). Com efeito, consciente ou inconscientemente, nossa imaginação está sempre criando e projetando, com incipiente magia, *yidans* ou “formas mentais vitalizadas”, em seu redor, constituindo sua própria atmosfera (ambiência) ou *entourage* astral, de amplitude maior ou menor. O sensitivo que, à distância, tropeça com semelhante “aura”, pode ver ao seu dono, antes que este se encontre no campo de sua percepção física. E daí o dito: “em mentalizando o ruim de Roma, em seguida ele assoma”, fato comprovado pelas experiências psicológicas do mundo inteiro. Digamos, finalmente, que todos os brincos infantis, que constituem, do mesmo modo, quer a obsessão, quer a aprendizagem das crianças, não são, senão, *kyilkhores*, donde elas extraem verdadeiros e minúsculos *yidans*, como suas bonecas, carrinhos, casinhas e demais “utensílios” dos jogos que constituem sua vida em tal época. E que são, senão, *Kyilkhores* ou brinquedos em mão dos adultos, os “utensílios” de seus labores cotidianos, ao ponto de, somente, o poder ora construtivo, ora dificultoso ou aparentemente destruidor, concorra para que seja suportável a esmagadora rudeza do trabalho cotidiano? Que seria do andarilho se tivesse que ir, conscientemente, contando os passos... de suas longas caminhadas? Do mesmo modo, o orador, as palavras que pronuncia, ou mesmo o escritor, os milhões e milhões de letras que é obrigado a escrever? *Kyilkhores* produtores de mil espécies de “yidans” são, finalmente, todos os emblemas, símbolos e demais gravuras, sem esquecer, tampouco, esses benditos “diagramas mágicos”, que se chamam astronômicos geográficos, que nos auxiliam, literalmente, a alcançar o Céu e a Terra?...

O devoto que jurou não abandonar sua oração até ver a sombra, ao menos, do Buda, na Gruta de “Rajagnriha”, ou aquele músico chinês que esteve dias inteiros executando, como sobre um *Kyilkhore*, uma ária do maestro Wen-Wang, até chegar o dia de ver por trás

de sua ária, ao próprio maestro já falecido, não são, senão, a reprodução de outros tantos vividos “yidans”, pelo desejo amoroso e

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

intuitivo daquele que sabe impor a sua vontade à plasticidade astral de sua imaginação. Em resumo, que representa o Universo inteiro, senão, a própria Imaginação do Logos Demiúrgico, projetando sobre o Akasha ou substância primordial, as formas de Criador Pensamento, surgidas de sua Mente Divina?... – *Nota do autor.*

65

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

ainda, aquela imagem da narração de David-Neel, que passa por mãe do reformador Tsong-Kapa"... e de outro modo aquelas "preciosas relíquias", que servem de tema à humorística prenda literária de Eça de Queiroz...

Ilustração: foto

Legenda:

Rito preparatório de um "angkur" para obtenção de poderes mágicos. O candidato traz na mão a taça feita de um crânio humano. Quanto à figura de massa, que assenta sobre o altar, é a do deus "Makâla", cercada por uma barreira de punhais (tal qual um "ponto" de macumba). Dois outros "furbas" (punhais mágicos), com a ponta virada para fora, defendem a aproximação do "Kylkhore". Uma trombeta ("kangling"), feita de fêmur humano e uma outra taça-crânio se acham colocadas mais abaixo.]

Algo semelhante expõe, também, a autora, em relação ao poder amplificador e plástico, ou seja, o poder mágico da imaginação coletiva: do mercador a quem voa o barrete, que é supersticiosamente abandonado por ele no caminho – barrete, que desempenhou papel *protetor* para a mesma, durante a sua viagem: "Retido o barrete nos espinhos e flutuando sob o impulso do vento, outro caminhante que vem atrás, ridiculamente amedrontado... julga ver um fantasma ou algo de aterrador à luz de sombrio crepúsculo... Leva assim o caso a um terceiro, este a um quarto, e assim por diante, ampliando com isso o alarmante comentário, até que tomando vulto maior, os que viram, os que creram ver e os que nada viram, nem ao menos ouviram, começam a fazer fantásticos comentários... para a nova lenda de "um demônio às soltas"... a perseguir os imprudentes que ousem transitar à noite por tão amaldiçoado lugar; o qual, desde então, receberá um nome adequado ao caso assombroso produzido por um simples barrete ou carapuça...

Os *khloros*, *chakras* ou rodas monopolizadas, quase, pelos *Dzogstehen* da "grande realização", representam outra espécie de processos concentradores da mente, como verdadeiros *Kyilkhore*; porém, os mais ilustres do Caminho Direto não dão importância nem a esses, nem a outros processos, senão, a mesma que nós outros lhes damos: processos infantis para os que não sabem pensar por si mesmos...

Os feiticeiros julgam com eles imantar e aprisionar as entidades do Astral, ou de fato, aprisiona-as, com o risco dos mais desagradáveis acidentes. Mas que, a categoria superior do referido Caminho se acha cientificamente convencida de que só age ali o poder mental do operador, pois, são fabricadas tais entidades por semelhante processo, agindo no mundo Astral, tal como fazemos com qualquer outro instrumento; além de não negar (tal categoria superior de seres), os acidentes que se dão com aqueles magos. E isso, em termos tão científicos, como os empregados no Ocidente; "eles mesmos nem sempre se acham garantidos por qualquer eventualidade funesta".

A concentração do espírito é o esforço preliminar da meditação e nela, diz-nos Alexandra, exercitam-se todos os discípulos. O vai-vem do espírito, no seu vultoso de mariposa, que também tem algo do baloiçar das ondas, é característica dos espíritos frívolos em uso...

De *Janaka*, o sábio de universal nomeada, conta-se, em troca, que no seu discipulato, passou com uma taça cheia d'água, através de enorme quantidade de objetos preciosos, sem derramá-la. Quando chegou diante de seu mestre, este recebendo a taça despediu-o dizendo: "Filho meu, diante da concentração que acabas de demonstrar, nada mais tenho para te ensinar!".

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

Onze espécies de “conhecimento-consciência” graduais, melhor dito, doze, estabelecem com termos seriais do que chamamos “espírito” e dois exercícios, segundo Alexandra, gozam de especial favor: um, o de considerar atento o movimento perpétuo do espírito, sem procurar contê-lo e o outro, pelo contrário, consiste em deter a onda mental e fixá-la com um pensamento único. Acontece alternar-se entre os dois e a forma mental, como os “*yidans dos kyilkhores*”; a primeira, como única, que logo se faz múltipla, e é, enfim, absorvida. A lua e a cor do *yidam* revelam, dizem, o progresso realizado até que acaba por dissolver-se no contemplador, à guisa do que acontecerá um dia ao Universo inteiro, em ser absorvido no Seio de seu próprio Emanador.

Quando afastamos a consciência, do corpo físico, os mestres tibetanos ensinam, que passamos a estados psíquicos mui diferentes aos que hoje representam o horizonte de nosso *eu*, dizem eles: “os ocidentais pensam com a cabeça e nós, com o coração”.²

Tudo isso demonstra que o verdadeiro fim do *Kyilkhore* é o de fazer compreender, por seu intermédio, que ele, como tudo mais quanto nos cerca, não representam outra coisa, senão, “miragens criadas por nossa imaginação”, emergindo de nós, e logo volvendo ao nosso ser interno” (fantasia, do grego “phantos”, fantasma, etc.), segundo canta o grande vate tibetano Milarespa. Tal ensinamento parece ser o fundamental Caminho Direto. A variedade de tais “miragens”, diz a Sra. David-Neel, é infinita e os que alcançam domínio perfeito sobre tais coisas, retêm ou produzem, à vontade, espetáculos infinitamente superiores aos dos melhores teatros, pois que se tornam um *re-creio* ou “nova criação”, as suas múltiplas contemplações. Na frente, entre as sobranceiras (raiz do nariz ou lugar onde fixamos, intuitivamente, as atentas contemplações); no “lôto supremo do coração”, no “plexus solar”, “muladhâra de todas as emoções” e, em termos gerais, em nosso corpo inteiro, ao qual podemos vibrar como uma harpa eólica, os *yidans* mentais têm seu nascimento e também a sua morte. A tranquilidade do *mar* interior de nossa “imaginação-fantasia” – o *miam-par-ja* tibetano, torna-se, com isso, capaz de refletir céus e terra, tal como o espelho da superfície do lago tranquilo pode refletir em seu fundo todos os astros do firmamento. Mirando, apenas, a lâmpada que bruxuleava em sua ermida, alcançou um Mestre célebre, “o perfeito conhecimento”. E o mesmo acontece com famoso artista, pois, como um mago embrionário que é, quando contempla uma paisagem “chega a confundi-la com a sua própria fantasia”, como se fora um novo e mais perfeito mundo. A forma e a matéria, o tempo e o espaço finitos, podem, assim, ser transcendidos, à mais abstrata concepção do Infinito e do Puro. E nessa meditação, já sem formas, a nossa consciência superior alcança o Nirvana de sua nova fusão com o Inefável e Eterno, donde outrora emanou...

² Quando se contempla um objeto único, como se nenhuma outra coisa existisse para o contemplador, em todo o Universo, poder-se-á chegar, ensina A. David-Neel, até uma completa transformação de consciência, entre o contemplado e o contemplador. Este chega a alheiar-se, de tal modo, de si próprio, como aquele que, contemplando, com semelhante concentração, a figura de um *yak* (touro tibetano), julgou-se o próprio *yak* e preso ficou sem poder sair pela porta, “porque seus cornos de *yak* não o permitia”... De fato, a impressão que se tem em tais ocasiões, quem em nosso apartamento de trabalho ou de meditações, a de termos deixado para trás, pesado fardo: o fardo de nosso próprio animal, que, com a “torta” entorpecente da concentração, acaba por adormecer, como é a verdadeira interpretação que se pode dar ao grego mito da “entrada dos seus heróis no mundo superliminal, depois de terem ministrado o entorpecente bolo (ou torta, etc., ao zeloso guardião; o cão Cérbero) – Nota do autor.

Fazemos juntar nesta anotação alguns trechos interessantes da científica magia tibetana: trata-se do *dip-ching*, madeira de certa árvore fabulosa que o corvo oculta em seu ninho e que assegura a quem a encontrar uma perfeita invisibilidade (no Brasil corre lenda sertaneja semelhante, ou a do “pica-pau”, com a qual se pode abrir todas as portas... e tornar-se invisível. Deve, por sua vez, fazer parte do “menú diabólico do Livro de São Cipriano”, como outras tantas coisas exóticas e grosseiras, como aquela de “cozer a boca do sapo”, para fazer calar ao inimigo...).

Os grandes *naldjorpas* e sábios *dubtchen* não necessitam de semelhante talismã, para a aquisição daquele poder, como não o necessitou Zanon, na iniciática e maravilhosa obra de Bulwer-Littton, nos seus trágicos momentos; do mesmo modo que, não necessitaram Cagliostro, Nostradamus e outros mais, pois que o mistério está dentro da própria matéria “akashica”, que nos rodeia... Ademais, a faculdade de se tornar invisível se estriba em possuir o poder de fazer cessar a própria atividade mental, isto é, a de não produzir vibrações mentais que, atuando sobre a matéria astral circundante, possa despertar emoções em seu redor e atrair, finalmente, sobre seu produtor a atenção dos presentes... Não se trata de “escamotear a presença”, como se possa imaginar, mas... de “passar desapercibido”, para não determinar impressão alguma em seu redor... A cada passo ferem a nossa retina as imagens de mil

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

objetos, nos quais não reparamos; mas, quando tal acontece, logo aparecem suas formas, qualidades, cores, movimentos, etc., com as quais se caracterizam, atraindo sobre si a atenção do exterior... – *Nota do tradutor*, em adenda à primeira.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

Afirma-se que em chegando a tais alturas, todas as glórias são alcançadas, pois, não importa como, “todos os caminhos conduzem a Roma”, melhor dito, ao seu inverso *Amor*. Razão de semelhante poder ser a genuína doutrina do *Tsan*, “que chega ao ponto de divulgar a estrela polar no polo austral”.

A tanto podemos chegar, muito mais rapidamente do que se julga no Ocidente, quando desenvolvemos na ordem psicológica, a sábia e revolucionária doutrina eisteiniana da Relatividade, a mesma que no Oriente ensina que, “nem o vento faz mover o galhardete, nem este ao vento”, mas sim, “o Espírito Universal, que pulsando através de todo o Cosmos, faz mover os dois”.

Tão maravilhosa teoria destrói milhares de rotinas e o nosso próprio vulgar julgamento, porquanto, não se trata aqui da elementar Álgebra que conhecemos, em que “cada incógnita possui o seu valor”, mas, da Superior Álgebra, em que “cada incógnita é função das outras, e todas elas, variáveis (ou variações) daquela ordem desconhecida, em busca da qual andava o Votan wagneriano do *Anel de Nibelungo*, acima das leis conhecidas, que o mesmo alcançou antes de gravar as *runas* de sua lança.

E tudo isso, como simples especulação de ulteriores resultados práticos, como por exemplo, na arte mágica de curar – característica de todos os Iniciados terapeutas – porque seu ativo Poder, oposto ao passivo da mediunidade espírita (como é a luz para as trevas), no trasladar ou “permutar” as consciências (melhor dito, “entrar em contato ou relação simpática, psíquica, etc., por meio da fusão magnética entre operador e operado, algo semelhante à “transusão de sangue”, dizemos nós), entre o mago e o enfermo, dizemos, acaba por agir sobre a estranha enfermidade, por possuir o operador o mais perfeito domínio, capaz de restabelecer, com a sua “imaginação-vontade”, a harmonia fisiológica que a mesma enfermidade perturbou com a sua desarmonia.

E assim, damos como terminado tão interessante capítulo, sem ligarmos aos frívolos comentário, que a seu respeito possa fazer o cético positivismo ocidental, mas, sem esquecermos de por sobre ele aquele não menos “positivo” sinete tibetano, que se aplica a casos semelhantes:

“Nós não nos dedicamos ao teatro”, ou mais modernamente: “não fazemos fita”...

XLVI

BUDDHISMO E BODHISMO

Os autores ocidentais, que se ocupam de religiões comparadas, incorrem nas mais lamentáveis confusões por não saberem distinguir, com clareza, as duas palavras: BUDDHISMO e BODHISMO (escritos com “u” e com “o”, além de com um só “d” ou com dois “d”), como já fazia notar a mestra H. P. B., na introdução da sua *Doutrina Secreta*.

Ninguém ignora, com efeito, que no século VI anterior à nossa era, nasceu em Kapilavastu (Índia) o príncipe Sidharta Sakya-muni, que logo, por suas celestiais virtudes, foi denominado “o *Budda*”, uma vez que, por tais virtudes e transcendental Sabedoria, alcançou a *epopteya*, como mais tarde disseram os gregos, ou seja: a *Perfeita Iluminação*.

Semelhante estado supremo de Consciência ou de *Samadhi* teve que adquirir o glorioso príncipe (que todas as riquezas abandonou a favor do mundo, inclusive, o seu régio palácio, nome, família e tudo mais), à força de meditar debaixo da árvore de *Bodhi* ou da primitiva Sabedoria (a “Árvore do Mundo” das lendas nórdicas ressuscitadas por

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

Wagner, em suas óperas imortais), passando, assim, de simples “filho de Maia” ou da

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

grande ilusão (a humana vida vulgar) a um verdadeiro “iluminado”, isto é, em língua sânscrita, a um efetivo *Buddha*.

E tudo isso, de acordo com a indeclinável lei humana de que todo estado superior alcançado pelo homem, mediante seu heróico esforço *teosófico* ou de superação, foi anteriormente conquistado por outros, como o será futuramente. Razão por que, o sublime fato acontecido ao príncipe de *Kapilavastu*, seja o de numerosos que o antecederam (embora que aquele como um Ser da 6ª ronda, dizemos nós, repetindo as palavras de um dos “Mahatmas” da Linha dos Kut-Humpas) verdadeiros *Bodhis-sattwas* ou “repletos de Sabedoria”, isto é, “Budhas de Confissão”, como são denominados no Tibete, graças, sem dúvida, aos primitivos ensinamentos do *Bon* (de que tanto já nos ocupamos), que nos falam de 35 e de 7 Budhas anteriores ao bem-aventurado *Sakhya-Muni* e aos que, em relação à tradição persa tão ligada à de seu país vizinho, o Baltistan, são também denominados “Tirtankaras jainos” ou “Triunfadores gloriosos” no caminho da Libertação humana que, através do *Nirvana*, conduz ao “mundo Jina”, da referida superação.

E tal como sucede sempre, segundo o *Mastya-Purana*, de que “todas as vezes, que *Dharma*, a lei justa declina e *Adharma* (o contrário), se levanta”, ou melhor, a Primitiva Sabedoria ameaça extinguir-se ou desaparecer da Terra (o *Bon*, *Bodhi*, etc.), um Ser superior é obrigado a baixar a este mísero mundo em que vivemos, para restaurar aquela mesma Verdade, através de uma revolucionária missão libertadora, que modifique o errôneo caminho do Mal, tornando-o do *Bon* ou do Bem.

Semelhante fenômeno matemática e inúmeras vezes verificado, traz consigo uma *revolução* e uma *restauração*, segundo o “Construens et Destruens”, de Bacon, o “Corsi e ricorsi”, de Vico, ou antes: *Revolução* nos erros introduzidos pelos perversos (sejam quais forem) na vida social e religiosa dos homens e *restauração*, porque seus ensinamentos, sempre os mesmos, mas formulados segundo as várias épocas evolutivas da humanidade (ou de suas exigidas vindas, dizemos nós), não são outros, senão, os da primitiva Sabedoria, julgada como perdida. Semelhante ainda, segundo a lei de analogia, a volta do Sol em cada primavera, após o vitalizante calor do verão; a queda da folha no outono e os horríveis sofrimentos do inverno destruidor...¹.

O historiógrafo que ignora ou esquece semelhante lei, cai fatalmente em erro de confundir uns com os outros, além de reduzi-los a um só, os sucessivos personagens ou Budas e suas respectivas doutrinas, não se tendo livrado de tal “erro”, a própria David-Neel, do mesmo modo que as Enciclopédias, por não *enxergarem* em excelsos personagens, como Mosso (o *Moisés* mosaico; o *Moisca* mexicano) Boaho, o rabi ou mestre Gsen, Glang-dharma, Padma-sham-bhava, Kali-Kumar e outros “Budhas de Confissão”, isto é, em linguagem propriamente dita, universal e abstrata, “os homens do *Bon* (ou Bom), “Homens de Bem”, por antonomásia: os verdadeiramente *Bons*.

Bodhi, por sua vez, significa a posse inata da inteligência divina e *Buddha*, a aquisição da mesma por esforços e méritos pessoais, *Buddhi* é a Alma Espiritual, o canal, o veículo de Atmã. Quando *Budhi* destrói a nossa personalidade, com todos os seus *vikâras* ou tendências, alcança-se o *Nirvana* ou *Mukti*, a libertação dos laços da Grande Ilusão (Maya). É quando *Avalouit-ishvara* (nosso deus interior) se manifesta.

Bodhi é a condição estática ou *Samâdhi*, enquanto *Buddhismo* (ou melhor, *Budaísmo*), é o sistema pregado por Gautama, o *Budha*, isto é, o Iluminado, enquanto que

¹ As quatro idades (ou Yugas) em que é repartida a vida universal, semelhantes às 4 fases lunares, às das marés, às da respiração (inspirar, conservar o ar nos pulmões, expirar e conservar o ar fora dos pulmões), e um sem-número de coisas que se manifestando neste quaternário ou inferior mundo em que vivemos (qual a *tetraktis* pitagórica), não pôde deixar de ser feito desse modo, resolvendo

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

assim, a própria “quadratura do círculo”, como é simbolizada a própria manifestação do Divino na matéria, isto é, por um círculo tendo no centro uma cruz, ou “quatro divisões” (símbolo, ainda, do Espírito Santo)... – *Nota do tradutor.*

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

Budhismo (com um só “d”), é Sabedoria ou Vidya (de *Budh*, conhecer); razão porque H. P. B. criticou Sinnett por ter escrito Budhismo e não Buddhismo, etc.

A “Religião da Sabedoria” é a herança de todas as nações do mundo, e não apenas da doutrina do Buddha. Muito do que escreveu Sinnett já havia sido ensinado na América a dois europeus e a Olcott antes de 1879. Dos três mestres que este possui, uma era húngaro, o outro egípcio e o último hindu...

Muitas das idéias do *Budismo* primitivo (não o de Gautama), diz H. P. B. na sua *Doutrina Secreta*, podem ser encontradas no bramanismo. Os mais ilustres teólogos budistas insistem em que o culto de Buddha possui títulos muito mais antigos do que os de quaisquer outras deidades bramânicas dos *Vedas*, aos quais chamam os brâmanes de “literatura secular”. Os mesmos sábios budistas demonstram que os brâmanes vieram de outros países e estabeleceram sua heresia sobre as *deidades* populares já admitidas, conquistando previamente o país com a espada e conseguindo sepultar a verdade, ao mesmo tempo que edificava uma teologia própria, sobre a ruína da mais antiga de Buda, a qual prevalecera durante séculos ².

Admitem eles a divindade e a espiritual existência de alguns deuses vedantinos, porém, como no caso da hierarquia angélica dos cristãos, acreditam que todas essas deidades se acham em alto grau subordinadas até aos Budas encarnados; como não reconhecem a criação do universo, ao qual consideram como tendo existido sempre espiritual e *invisivelmente* e aos sentidos humanos, tornar-se visível. Quando ele apareceu, por vez primeira, foi trazido do reino do invisível para o visível pelo impulso de Adi-Budha, a “Essência” ³.

Ilustração: foto

² Diz o *swami* Vivekananda: “A relação entre o Hinduísmo (por Hinduísmo aponto a religião dos Vedas) e o que se chama Budismo na atualidade, é quase a mesma que existe entre o Judaísmo e o Cristianismo. Jesus Cristo era Judeu e *Shakya-Muni*, indiano. Os judeus desprezaram Jesus, se é que o crucificaram (o grifo é nosso) e os hindus (ou indianos) aceitaram a *Sakhya-Muni* e o adoram como Deus. A diferença, porém, que nós (os hindus) queremos apontar entre o moderno Budismo e o que devemos compreender como ensinamentos do Senhor Buda, reside principalmente no seguinte: *Sakhya-Muni* não veio pregar nada de novo. Do mesmo modo que não o veio Jesus, antes, completar o que o primeiro fez (e não destruir, como julgam muitos, inclusive, os próprios cristãos, dizemos nós). No caso de Jesus foi, porém, o antigo povo, os judeus, que não o compreenderam, enquanto que, no caso de Buda, seus próprios discípulos. Do mesmo modo que os judeus não compreenderam que se completava o Antigo Testamento, assim também, os budistas à respeito das verdades da religião dos hindus. *Sakhya-Muni* não a veio destruir, mas, servir de complemento, conclusão lógica, desenvolvimento lógico da religião dos hindus.

Tal religião divide-se em duas partes: a cerimonial e a espiritual. A espiritual é, especialmente, estudada pelos monges. Nela não existem castas: um homem da mais elevada classe e outro da mais inferior podem, igualmente, chegar a ser monges na Índia e tornar iguais as duas castas. Na religião não há castas; elas são uma simples instituição social. O mesmo *Shakya-Muni* foi monge e sua glória consistiu em *desenterrar* as verdades dos ocultos Vedas para distribuí-las pelo mundo inteiro (o possível, dizemos nós, de ser revelado, pois que, “eleitos, discípulos, apóstolos, etc., possuía-os Ele, para dar as mais transcendentes dessas revelações. “Não atireis pérolas aos porcos”, já dizia Jesus, ou antes, Jeoshua, aos seus discípulos...) Foi o primeiro que instituiu a prática das missões (oiçam bem os cristãos, dizemos nós), o primeiro a conceber a idéia do proselitismo.

A grande glória do Mestre se acha na sua assombrosa simpatia pelo mundo inteiro, especialmente pelos ignorantes e os pobres (razão por que, dizemos nós, não dizia nem mandava dizer “missas em latim ou língua desconhecida” para os seus prosélitos ouvirem, ou melhor, não sabendo tal língua... “verem missa”, e não, ouvirem...) Alguns de seus discípulos eram brâmanes. Quando Buda ensinava, já não era o sânscrito a língua adotada na Índia. Encontrava-se ela apenas nos livros dos sábios. Alguns dos brâmanes discípulos de Buda quiseram traduzir os seus ensinamentos para o sânscrito, porém ele lhes disse terminantemente: “Eu sou para os pobres, para o povo; deixai-me falar na língua do povo”. E por isso, até hoje, a maior parte de seus ensinamentos se acha na língua vulgar da Índia daqueles tempos.

Qualquer que seja a situação da Filosofia, qualquer que seja a da Metafísica, enquanto existir no mundo coisa tal como é a Morte; enquanto existir a debilidade no coração humano, haverá religiosidade. O Budismo pos nas massas aquela assombrosa levedura, que tornou tão grande a nação hindu, a ponto de um historiador grego, que sobre ela (Índia) escreveu, dizer que “não se conhecia um hindu capaz de dizer uma mentira, nem uma mulher que não fosse casta”.

O Hinduísmo não pode viver sem o Budismo, nem este sem aquele. Ao afirmar tal coisa, procuramos notificar as funestas consequências da separação entre os dois, isto é, que nem os budistas podem passar sem o cérebro e a filosofia dos brâmanes, nem estes sem o coração amoroso dos budistas. Empreguemos, pois, todos os meios que nos sejam possíveis, para que ambos se possam unir, novamente, no futuro. – *Nota do autor*.

³ O leitor há de estranhar que algumas vezes escrevamos Budismo, Buda e outros termos sânscritos diferentemente da grafia moderna (ao menos, a por nós e poucos outros adotada); verificando melhor, compreenderá que adotamos a oriental ou sânscrita, nas citações

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

dos livros sagrados e opiniões desta ou daquela pessoa, principalmente, quando são os primeiros a procurar distinguir uma maneira e outra de grafar e até, de pronunciar. – *Nota do tradutor.*

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

Legenda:

Templo de Maitréia, próximo ao mosteiro de Lhab-rang-Tachikyil, no Tibete setentrional. Em tal mosteiro há painéis representativos da “Vinda do Buda-Síntese” no Ocidente, de inconcebível valor artístico.

Contam eles com outras 22 aparições análogas (“interpretação ao pé da letra”, dizemos nós, como todo espírito puramente religioso, porquanto, o número 22 ou dos Arcanos Maiores, como tudo mais, possui 7 chaves interpretativas, excluindo, podemos afirmar, categoricamente, aquela dos “brâmanes”) do Universo, governadas por outros tantos Budas e (outras tantas) destruições do mesmo, pelo fogo e pela água, em sucessões regulares. Depois da última pelas águas, no finalizar o ciclo precedente, cuja cifra exata é secreta... o mundo, durante a presente *Kali-Yuga* (Idade negra), foi sucessivamente regido por quatro Budas, o último dos quais foi Gautama, “o Santo”. O quinto Maitreya-Budha está ainda por vir e é o esperado Rei-Messias cabalístico, o Mensageiro de Luz, o Sosioh ou Salvador persa, que virá em um cavalo branco ⁴. É, também, o segundo do advento cristão de que se fala no *Apocalipse*. Nem *Adi* nem os outros cinco *Dhyani-Budhas* jamais encarnaram... e suas cinco emanções são outros tantos *avatars* divinos.

Daí o verdadeiro conceito do mesmo Cristo: o supremo ou *sétimo* princípio do homem (Atmã):

“*Christos*, como uma unidade é uma simples abstração, uma idéia genérica, que representa a agregação coletiva das inumeráveis entidades espirituais, que são as emanções diretas da infinita, invisível e incompreensível *Causa-Primeira* – os Espíritos individuais dos homens, erroneamente chamados “almas”, os divinos filhos de Deus, dos quais só vislumbra alguma coisa a generalidade dos mortais. Alguns deles permanecem para sempre convertidos em Espíritos planetários (de “empréstimo”, dizemos nós, ou auxiliando o de determinada Ronda, em cujo mistério prevalece o OEHAOOO... sagrado e até na sua pronúncia) e outros – pois que a mais escassa minoria (segundo o mistério do excelso número “777”, dizemos nós...) se une, durante a vida, a alguns homens... Assim é que, tais seres, semelhantes a Deus, como Gautama, o Buda, Jesus, Tissoo, Krishna e poucos mais... estiveram permanentemente ligados com seus Espíritos, passando assim à condição de deuses na Terra. Outros, como Moisés, Pitágoras, Apolônio, Plotino, Confúcio, Platão, Jâmblico e alguns santos cristãos, por terem estado assim unidos a intervalos, tomaram, na História, a categoria de semi-deuses e dirigentes da Humanidade. Logo separados de seus tabernáculos terrenos, livres desde então, suas almas e unidas elas, para sempre, com seus espíritos (“*Hoc opus hic labor est*”, aí é que está a

⁴ Erram os brâmanes, erra todo mundo quando dizem que “Maitreya é o 5º Budha”, para logo comparar ao Kalki-avatara, quando se sabe que este é o 10º e último de Vishnú; por isso que, bastante para se compreender que não poderia ser o 5º. Nesse caso, “falta de vigilância dos sentidos”, pouco importa de quem assim se expresse. Desse modo, prevalece a nossa, além de o chamarmos de “Buda-Sintético”, senão, em linguagem outra, o “Manu Colheita”, de si mesmo, pois que no começo, foi “Manu-Semente”. A distinção dos termos “manu” e outros mais, em linguagem ocultista ou teosófica... é que prejudica a parte “secreta” de tão transcendental questão... Ademais, depois do 5º, um só virá como “DOIS”, ou antes, o próprio Planetário, em sua forma dual, segundo se acha velado no mesmo “Pai-Mãe” das escrituras sagradas. E quanto aos “manus sub-raciais e de ramos e famílias”, são apenas “representações” do mesmo Planetário ou Buda-sintético...

E tudo isso... estreitamente ligado com as duas raças-mães finalizadoras da Ronda, que “terão de sair das 6ª e 7ª sub-raças árias” (conteste quem quiser...), ou melhor, com os “estados de consciência Budico e Atmico”, que terão de se juntar a *Manas*, para que a Tríade Superior (a Mônada, o Ego, a Mente Universal, etc.), se manifeste na Terra, ou antes, a Ronda seja finalizada.

O próprio termo “Maitri” (ou Maitréia) responde por quanto vimos de afirmar, isto é, *Mai* (proveniente de “Maia”, ou “ilusão dos sentidos”) e “tri” ou “três”, dando o seguinte significado: “o Senhor dos 3 mundos, das 3 ilusões (“gunas” ou qualidades de matéria, etc.), pois que, com a sua vinda “o mundo deverá ficar equilibrado”, ou de posse de sua “Consciência-Imortal” (seu Cristo ou seu Deus, melhor dito, o 7º Princípio “crístico”, de acordo com os estados de consciência desenvolvidos através das 7 Raças-Mães e suas respectivas sub-raças). E como tal consciência ou EGO, seja representada por “Atmã-Budhi-Manas”, novamente o número “três” entra em jogo; do mesmo modo que, na Coroa cabalística, representada pelas 3 primeiras “forças” na “Árvore Sephiroth”, ou sejam: *Kether*, *Binah* e *Chochmah*. E como tal Árvore se componha de 10 Sephirot, muito há para meditar sobre a relação existente entre a mesma e

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

os “Dez avatares de Vishnu”, de que *Maitreya* é o último ou *Décimo*, afora o que de velado existe sobre um assunto tão transcendente.
– *Nota do tradutor.*

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

dificuldade”, diria novamente a sibila de Cumes... e nós, por nossa vez) voltam a unir-se à toda hoste luminosa (ainda... dentro do mistério do excelso “777”), pela mais perfeita solidariedade de pensamento e ação, sendo chamados os “ungidos” (como privilegiados seres “do batismo de Fogo” nos reinos inferiores da matéria, dizemos nós). Daí, o significado dos gnósticos, quando diziam que, “Cristos” sofreu espiritualmente pela humanidade, querendo dizer com isso que, seu Divino Espírito foi quem principalmente sofreu (Isis, t. II, c. IV). Estas e outras mais elevadas, ainda, foram as idéias expendidas por Marcião, “o grande heresiarca”, como o chamam seus contrário, Epifanio e Ireneo (Irineu), como os dos maiores falsificadores do Cristianismo, que se conhece até hoje.

Klaproth, em seu formoso estudo inspirado em genuínas tradições orientais, intitulado “Memórias da Ásia”, fala-nos das doze épocas (ou idade do príncipe Sidharta”: nascido o bem-aventurado no jardim de Lumbint, em Kapilavastu (“país de Kapilavastu, o sábio), nas elevações meridionais do Himalaia, foram seus pais, o rei de *Magada* (“país da Magia” e até, “o primeiro de todos os Magos, Reis, etc., dizemos nós), *Surya* – *Diana* (*Surya*, o Sol e Diana, a Lua) e de *Maha-Maya* (“a grande Ilusão”, ou antes, a “maior de todas as mães, marias, etc..., dizemos nós; e ainda, Ísis, a Lua), na região de *Kober-kara* (Kober, Kaber, Cabira, Kumara... etc.), do *Bahar* meridional, ou o sagrado Ganges. Sua família era *Sakya* (isto é, partidária dessa sapientíssima doutrina do trono bramânico), porém, não, “birmana” ou “bramana”. A mãe deu à luz debaixo de uma árvore daquele jardim (a futura “Árvore de Bodhi”, sob a qual o próprio filho iria meditar acerca da doutrina que deveria espalhar pelo mundo, dizemos nós), que logo – como todas as outras do rio *Hicaya-vati*, apesar de não ser a estação apropriada – cobre-se de flores, em honra àquele que vinha instruir os homens, à fim de que, “com os seus próprios esforços” (qual o “fazei por ti que Eu te ajudarei”, de Jeoshua, dizemos nós) e fé ou “confiança” na eterna Doutrina, se salvassem do mal e da triste cadeia dos renascimentos, alcançando o Nirvana ou seja: a Beatitude da perfeita Iluminação. Ao nascer, o supremo sacerdote *Kur-Musta-Tengri* (também chamado, Kuru-Musta, Kali-Kuru ou Kumara, etc., dizemos nós... ou simplesmente , “o Kurú ou Guru Solar”) o batizou com água celeste (cópia que o Cristianismo também fez, além de outras tantas, no rio Jordão, por João Batista, ou J e B do Templo de Salomão, até hoje adotado pela Maçonaria... como J e B também estão implicitamente apontados na excelsa Confraria dos “Bhante Jaul”, em *Shamballah*), dando-lhe o nome de *Arda-sidhi*, que, em forma anagramática (ou permutação), é o mesmo *Sidharta*.

Rudraka (de Rudra, “Fogo”) e *Arata-kalama*, filhos de *Rama* (“macho e fêmea”) foram seus mestres na puríssima Vereda dos “Araths”. Outro mestre seu, foi *Ba-bur-lun-bakchi* (“o jaino gurú da Vaca Sagrada”) e como adversário na juventude, seu primo *Deva-data*, o que feriu o “Cisne sagrado” da conhecida lenda, quando o excelso príncipe conhece, por vez primeira, o divino sentimento da compaixão (ou Amor) universal. Uma vez que, movido por esse sentimento supremo, decidiu-se por aceitar o sacrifício de sua Missão, neste mundo, logo se dirigindo para Benares, no cume do monte *Gaya* (“Gaza, galaza, *galata*”, como a “esmeraldina e triunfal elevação do Saber”), em busca dos “cinco grandes discípulos”, que mais tarde deveriam ser seus fiéis continuadores (em relação, dizemos nós, aos 5 Reis ou Budas, já referidos...) e bem-aventurados propagadores de sua Doutrina pelo mundo, exilando-se, durante dois anos, no Deserto, onde é sabido, viveu apenas do “leite de Vaca” (a Sagrada Vaca astral ou “lunar”, do Conhecimento adquirido pela meditação) e ao regressar para os seus discípulos, notaram eles que “brilhava como um Sol”, pelo que, começaram desde logo a chamá-lo *Gau-tama* (lê-se Go-tama), ou seja: “o Condutor da Vaca” (melhor dito, “condutor de gado, pastor, etc.”, donde as religiões copiaram o termo para os seus “pastores de ovelhas” ou “rebanho do Senhor”), o propagador da Doutrina jaina ou *Gnana*, – isto é, do *Conhecimento*, etc. O

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

lugar daquele seu retiro (o “*riten*” tibetano) chamou-se “o reino de *Udi-pa*”, nas margens

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

do *Nava sara* (“vale de Sara”... ou a mesma “Sara” da cópia personificada cristã, dizemos nós), onde conviveu com invisíveis discípulos, aos quais doutrinou nos mais elevados segredos da Vereda da Liberação (o “Caminho Direto” ou “Reto Caminho”, que tanto vale), segundo a sua integral Doutrina de 3 espécies de ensinamentos: “a dos deuses; a dos demônios e a dos homens (tal como as 3 gunas, dizemos, ou qualidades de matéria, corpos, mundos, etc.)”. Dormiu ali sobre a erva *cusha*, *gucha*, ou *kuru-sha* (ligada, ainda, ao termo, “Kusha” de um dos Dwipas ou continentes), “erva imperial dos ascetas e voltou “transfigurado” (qual Jesus, séculos depois, do “Jardim das Oliveiras”, etc., dizemos nós), como já se disse, para doutrinar os homens, sem distinção de casta, sexo, raça ou cor, seguindo a secular vereda antes já traçada por outros “Budhas de Confissão” (embora que, dizemos novamente, de categoria superior àqueles, por pertencer à 6ª Ronda, como o afirmou Djval-Kul, um dos Adeptos da Linha dos Kut-Humpas), os “manushi-budhas”, Kasajapa, Kanaka-muni, Krakul-chanda e outros. E os Dhyanis solares *Vai-rot-chana* (ou “cham”, dizemos nós), *Ak-chobhya*, Amitava ou *Amitabha*, *Ratna-sambhava*, *Amoghasidhi* e *Padma-pani*; cujo estudo fonético desses excelsos nomes nos levaria mui longe.

O Mestre, com seus cinco “gayos” discípulos, passou ao “bosque das Gazelas” (*Rishi-patam*) e com eles meditou acerca dos cinco graus da miséria humana: nascimento, enfermidade, dor, velhice e morte, triste contemplação que o fazia desprezar todos os prazeres, inclusive, o de sua família, pelo que, depois de maravilhosas cenas, como inclusive, o de sua família, pelo que, depois de maravilhosas cenas, como se pode verificar em *Luz de Ásia*, de Edwin Arnold e em nosso livro *Pelo reino encantado de Maya*; resolveu consagrar-se a remediar, com a *Doutrina de Salvação*, o deplorável estado dos homens. Tal doutrina foi a da *Dharma-chakra* ou “Roda da Verdade e da Lei” e que compreende estas quatro partes ou Vedas:

- 1ª – existência da dor universal;
- 2ª – Verdadeiras causas determinantes dessa dor;
- 3ª – meios para a destruição da Dor e o restabelecimento do reino da universal Felicidade;
- 4ª – “Os Oito caminhos da Liberação” (tais como os “Oito Poderes do Yogi”, os “Oito passos da Yoga”, de Patanjali, etc.), ou *Dharma-chakra*.

Upaka, o venerável “pantida”, perguntou-lhe certa vez “quem era e se era *Arath* (“o digno”) e *Djina* ou Jina (“o vitorioso”), quando Ele justamente prega o famoso “Sermão de Benares” (que a Igreja copiou séculos depois, para “o de „Jesus na montanha”). Em tal sermão deu ele, como em muitos outros, “a parte humana ou exotérica” (com “x” e não com “s”) de sua *Doutrina* referente à abolição dos sacrifícios humanos e outras degeneradas necromancias; a proibição de todo rito idolátrico e dos demais egoístas, que não fossem encaminhados para a cura das enfermidades; o domínio sobre os elementais, bens coletivos e guia para os mortos, em seu caminho de além-túmulo, porque a Iluminação só pode ser adquirida por esforços combinados da virtude com o estudo (“Doutrina do Coração e da Mente” ou *Bhakti e Jnana*, dizemos nós) ou vida moral e intelectual”. Doutrina Jina intermediária a dos homens e a dos devas...

Felicíssimos continuaríamos por este caminho expositivo, o que não fazemos por não ser esta agora a nossa missão, limitando-nos, apenas, a transcrever o juízo que, a propósito do Budismo do Sul e de seu último sacerdote *Sumangala*, tão apreciado por H. P. B., diz um moderno teósofo:

“Maravilhoso é, em realidade, que esta fonte de moral, que brotou nas bases do

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

Himalaia, antes de nascer o gênio helênico, tenha conservado até agora a sua pureza, e

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

deliciosa frescura, e que o sábio de *Kapilavastu* seja, para a nossa velha e paciente humanidade, o melhor dos conselheiros e o mais doce consolo.

O Budismo não é propriamente uma *religião*; não possui nem cosmogonia, nem deuses, nem culto, propriamente dito. É uma moral, como a mais valiosa de todas; uma filosofia que se harmoniza com as mais atrevidas especulações do espírito moderno. O Budismo conquistou o Tibete, a Birmânia, Nepal, Sião, Camboja, Anan, a China e o Japão, sem verter uma só gota de sangue.

Na Índia não pôde, infelizmente, sustentar-se, senão, em Ceilão, mas, conta, entretanto, com quatrocentos milhões de adeptos na Ásia. Na Europa, já fazem sessenta anos, sua sorte não foi menos extraordinária: apenas conhecido, inspirou ao maior filósofo da moderna Alemanha uma doutrina, cuja maravilhosa solidez, não se discute. Sabe-se, com efeito, que a teoria da vontade foi edificada por Schopenhauer, sob as diretrizes da filosofia budica. O grande pessimista não o negava e tinha, além disso, em sua modesta alcova, um Buda de ouro. Os progressos da gramática comparada e da ciência das religiões, fizeram-nos adiantar bastante no conhecimento do *Budismo*. Mister se faz, ainda, reconhecer que nesses últimos anos, um grupo de teosofistas, cujas opiniões são tão singulares, contribuiu para difundir na França e na Inglaterra, os preceitos de Sakya-Muni. Durante esse tempo, em Ceilão, o grande sacerdote da Igreja do Sul, Sumangala, dispensava à ciência européia o mais favorável acolhimento. Esse ancião de rosto de bronze claro, majestosamente vestido com a sua roupa amarela, lia os livros de Herbert Spencer, a mastigar o seu *betél*. Justo é reconhecer que a Igreja do Sul que dirige Sumangala, seja mais racionalista que a do Norte, cuja residência apostólica se encontra no Tibete. Deve-se, porém, confessar que, examinando-se, detidamente, as duas escolas, encontrem-se em ambas, práticas um tanto desprovidas de valor, pelo que diz respeito às suas superstições (julga o autor “o pau pela casca”, isto é, por exemplo, “os ламас vulgares” com os verdadeiramente conhecedores da excelsa doutrina do *Bon* ou do Bem, que é o próprio *Bodhismo*, escrito com “o”, e não com “u”, e um só “d”, dizemos nós...). Não vendo, entretanto, mais que seu inicial espírito (o autor bem o diz...) o *Buddhismo* é um repositório de Sabedoria, de Piedade e de Amor”.

Razão porque a “bendita doutrina” estendeu-se desde logo, embora que não sem lutas, através do “País das Neves”, cujo estado moral de decadência a tornava tão necessária. *Dharma-pala*, o primeiro *bhiksú* ou discípulo do Buda, teve, desde logo, os seus continuadores. Na referida propagação jogou, como sempre, a mulher um papel salientíssimo: *Dos-dara-eki* ou a esposa do rei de Lhassa, Srong-tsang-gyampo, encarregara-se desde então de difundir, no referido país, já com direito ao nome de “País da Devoção”, a doutrina *Maha-yana* (“grande barca de salvação”) ou do “Grande Caminho” e a *Jina-yana* (Hina-yana) ou do “Caminho estreito” (Caminho Direto). E assim no século IX o *Cânone* budista do Norte começava a tomar parte na magna Enciclopédia do *Kandjur*. No século X já estavam constituídas as verdadeiras hierarquias sacerdotais e no XI (1026), *Dsho-bo* desenvolveu a doutrina de Adi-Buddha (ou o Supremo Buddha manifestado no Universo), com a qual sofreu rude golpe o degenerado lamaísmo do país, que, já antes, no século V, o tinha visto entrar com *Daghyolong* entre os mesmos selvagens do Jam oriental e implantar o tântrico *Bon* no século VII, culmina como um verdadeiro Sol no zênite; no VIII, a mesma coisa, sendo que, nos X e XI, passa pela tremenda reação de Glang-Dharma e seus sequazes (908 a 1013), que pôde expulsar do Tibete central, para o Jam oriental e o Ladak ocidental, aos sacerdotes budistas, os quais já tinham começado a potente organização de seu clero, que havia assim de chegar até o XIV, época de *Tsong-kapa*, o reformador.

XLVII

A SHANKHYA

A PARTE mais elevada da doutrina do *Buddha*, conservada em relativo segredo pelos sábios tibetanos, acha-se contida na chamada “Filosofia Sankhya”, como também, toda a doutrina da Yoga; a auto-mística de Kanada e os ensinamentos chamados de Niaya ou “a Lógica”, porque, a bem dizer, “Sankhya” significa “medida”, como “Asankhya”, “o inumerado” ou “inumerável”, embora que, por analogia, se assinale tal *número* ao maior de quantos se possa contar, como por exemplo, a unidade seguida de 17 zeros, ou sejam, os cem mil bilhões da numeração espanhola e cem quatrilhões da francesa ¹.

A palavra “medida” aparecendo em tão interessante filosofia, faz ver bem claro que na mesma se acha o precedente da mais alta filosofia grega de Xenócrates, Spensipo, Pitágoras, etc., iniciados ou iniciadores, por sua vez, de toda ciência moderna, pois que ensinavam “todas as coisas foram feitas” ou “emanadas”, segundo “peso, número e medida”, ou de que “o Verbo geometriza”. Além de sua radicante matemática, a filosofia *Sankhya* consigna vinte e quatro ou “duas vezes doze” princípios universais, alma da Yoga ou “divina intuição”, à base da eterna dualidade Espírito-Matéria (Purusha-Prakriti), que, por sua união, produz a Mente Universal, Cosmos ou Harmonia, em uma eterna “razão inversa” ou conjugação de “Emanação e Destruição ou Reabsorção”. E isso, como simples variante daquela Trindade Primordial (melhor dito, Absoluta e que em tudo aparece: tanto no grandioso, como no ínfimo ou insignificante), ou seja: – *Brahmâ*, emanação (vulgo “criação”); *Vishnú*, florescência, apoteose, momento último ou finalização das coisas (por isso que, dizemos nós, *Equilibrante*) e *Shiva*, transformação, mais do que destruição, involução ou absorção, como querem outros. Aqui, como em tudo mais, refulge a puríssima doutrina pré-bramânica da primitiva Sabedoria perdida...

A *Sankhya*, segundo H. P. B. e Olcott, ensina que a alma possui os seguintes poderes: encolher-se até conseguir um volume tão insignificante que lhe sejam penetráveis todas as coisas; dilatar-se até chegar ao mais gigantesco; tornar-se *ingravitável* até poder elevar-se ao próprio Sol; possuir ilimitado alcance em sua ação; poderes irresistíveis como o de *introduzir-se no interior da terra* (o grifo é nosso), no seio das águas ou no ar; dominar todas as coisas animadas e inanimadas; poder modificar o curso da natureza, etc., etc.

Tais poderes são chamados no Oriente:

1º – *Anima*;

2º – *Mahima*;

3º – *Laghima*;

4º – *Garima*;

5º – *Prapti*;

6º – *Prakamya*;

¹ Diz-se que a “Asankhya” é o número módulo ou unidade por antonomásia, para as grandes medidas dos céus. Outros, acrescentam-lhe 32 zeros e ao seu quadrado ou “segunda unidade”, 68 zeros. Os matemáticos orientais continuam elevando, assim, ao quadrado, o referido número, até dez vezes, que é, segundo parece, a unidade seguida de 4.456.448 zeros. “Mil milhões de mundos formam um universo e cem “quintilhões de universos”, uma “planície” cósmica (“nebulosa?”...) – *Cantú*.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

7º – *Vasistwa*;

8º – *Isitwa*.

O quinto poder facilita predizer os sucessos futuros, compreender todas as línguas desconhecidas ou não, curar as enfermidades, adivinhar os pensamentos e compreender a linguagem do coração; o sexto provoca o dom de rejuvenescer; o sétimo, o de fascinar os homens e os animais, dominando-os como também, as paixões e as emoções; o oitavo representa a plenitude do estado espiritual, momento em que o *Yogi* se acha “pleno de Deus”. (Daí, dizemos nós, a famosa frase oriental: “Tat Twan Asi”, isto é, “eu sou Ele”).

Tal doutrina *Sankhya* faz parte, não resta dúvida alguma, daquela que o Bem-aventurado distribuiu com os seus discípulos mais elevados e não, como é de prever, com a massa ignorante. Por isso que, o próprio *Gautama*, o Buda – como os demais reformadores religiosos – possuía uma doutrina para os seus “eleitos” (donde o “muitos serão os chamados e poucos os escolhidos”, eleitos ou seletos... dizemos nós) e outra para as massas livres, embora que, o principal objetivo de sua reforma “o de iniciar a todos até onde fosse possível e prudente”, sem distinção de castas nem fortuna, nas grandes verdades mantidas até então, secretamente, pelo egoísmo da casta bramânica. *Gautama*, foi, pois, o primeiro da História do mundo a quem vemos impelido por tão generoso sentimento, que une a Humanidade inteira num só amplexo fraterno e amigo, pois que, convida tanto ao “pobre”, como ao “aleijado” e ao “cego”, ao régio banquete, até então, do uso exclusivo dos “afortunados” ou felizes da sorte... Foi Ele quem, com mão enérgica, abriu, por vez primeira, as portas do Santuário aos párias, aos decaídos, a todos os menosprezados pelos homens orgulhosos, ou antes, de áureas e purpúreas vestes, porém, quase sempre inferiores àqueles a quem apontavam, com seu régio dedo, como seres desprezíveis...

Tudo isso e muito mais pregou o grande *Sidharta* seis séculos antes de que o mesmo fizesse, em país diferente, outro tão nobre, quão amoroso reformador, embora que menos favorecido por um ambiente inadequado: Jesus (ou antes, *Jeoshua Ben Pandira*). Ambos, entretanto compreendendo o gravíssimo perigo que poderia ocasionar a um populacho inculto, “a arma de dois gumes, ou seja, a da Ciência que confere o excelso poder”, preferiram deixá-la oculta na mais profunda sombra da parte interna do Santuário... Quem conhecendo a depravada condição humana, poderá criticá-los por terem agido desse modo? Acontece, porém, que enquanto *Gautama* deixou intacta, por prudência, a parte esotérica e mais perigosa da “Ciência Secreta” e viveu até a avançada idade de oitenta anos, com a firme segurança de ter ensinado as verdades essenciais, espalhando-as a uma terça parte do Globo, Jesus prometendo aos seus discípulos a ciência que confere ao homem “o poder de produzir milagres muito maiores do que ele mesmo produziu”, morre deixando uma meia dúzia de indivíduos fiéis e no meio, apenas, da vereda do conhecimento, para lutar com um mundo, ao qual só era possível comunicar “pela metade”, o que eles (discípulos) sabiam. E muitíssimo pior, quando os seus “duplamente sucessores” (“adulterados, de segunda mão”, etc., dizemos nós), mais conhecidos como “tripulantes até hoje da barca de São Pedro” (a santa madre igreja), desfiguram por completo a verdade pelos primeiros recebida!...

Quantas lendas atribuídas ao Buda chegando, mais ou menos, desfiguradas até nós, transcendem claramente à “doutrina do Caminho Direto”? Cantú, por exemplo, refere-nos algumas delas, além das preciosíssimas que se encontram na *Luz de Ásia*, de Edwin Arnold, livro inestimável, por isso que, digno de figurar na biblioteca de todo homem de bem (ou “homem do Bon”). Transcrevamos algumas das que nos transmite aquele famoso historiador do Budismo:

“Dois antagonistas perguntaram ao Buda:

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

– “Qual é a tua religião? Quem és tu, Mestre e qual o teu guia? De quem recebeste as ordens sacerdotais que ostentas?”

Ao que Gautama respondeu:

– “Fui sagrado por meu próprio mérito, pois a mim mesmo redimi por esforço próprio; nada tenho a ver com outro mestre acima da minha Consciência; a Religião não a sigo, por já ter antes em mim penetrado, como algo consubstancial com meu próprio ser. Se outra coisa desejais, entendei-vos com os meus discípulos”.

“Quatro levianas mulheres disseram-lhe certa vez:

– “Quem é o embusteiro que diz residir nele as virtudes de todos os santos anteriores?”

Ao que Gautama respondeu, ferindo o solo com a mão, no que logo apareceu *Ojin-tengri* (o gênio tutelar ou “espírito da terra”) exclamando com voz potente:

– “De tamanha verdade sou eu testemunha!”...

“*Eruswa-Tengri* apresentou-lhe, certa vez, uma hurda ou Kurda (roda de oiro de mil raios ou “moinho de preces”, dizemos nós), para que dele se servisse; no que o santo se negou. Outro poderoso marajá, ofereceu-lhe “oito preciosas jóias” para que delas se servisse: o mesmo gesto de repulsa teve o santo. Até que, *Kurú-mukta-tengri*, com outros 33 príncipes dos gênios ou Jinas, ofereceu-lhe um *dung* ou caracol (trompa de guerra como a do Sigfredo wagneriano na selva, também usada pelos caçadores, etc.) e lhe diz: “Inventor do remédio eficaz e da Água da Vida, livra, finalmente, eu to suplico, da miséria e da dor, aos que foram criados para sofrer, e faz com que ressoem as celestiais instruções nos ouvidos dos homens sepultados nas trevas da ignorância e consagrados à morte!”

“Antes de começar em Karnasi a pregar, encontrou em Benares com a caravana dos 500 mercadores, aos quais comunicou a sua primeira obra de Astronomia e a ciência dos 12 signos do Zodíaco. A esses, como a outros, teve ocasião de citar as mais transcendentais máximas, como por exemplo, as seguintes: “Todos os tesouros acabam por desaparecer; o que se acha no alto cairá: o que estiver unido será disperso; quantos vivem terão que morrer; o invisível tornar-se-á visível e o visível invisível; tudo quanto é finito é condenado a infalível extinção; toda crença pertence ao reino do nada; o universo não existe, senão na imaginação e a Imagem é o próprio Universo; a maior força está na Misericórdia. Repilamos, pois, toda espécie de crueldade. Sejam constantes na Fé e ² conservemos ilimitada compaixão para com todas as criaturas”. E assim por diante.

Não é de estranhar, por outro lado, que a referida coincidência entre a *Sankhya* ou Filosofia matemática oriental, não só com a sua descendente e originária Filosofia grega,

² Esta fé não é, por suposição, a “fé cega” que nos pedem as posteriores religiões do Ocidente, mas aquela que H. P. B. assim define, no seu Glossário Teosófico:

“Fé é a capacidade para receber a Verdade, que nem todas as mentes possuem. Existe na mente humana um ponto de saturação para a Verdade, como o há na atmosfera para o vapor aquoso. Quando a mente alcança o referido ponto, a nova verdade não se distingue da que é falsa. A verdade deve crescer por lentas graduações em nossa mente. A verdade percebida pelas faculdades superiores de um adepto não é possível provar-se a uma pessoa que não as tenha desenvolvidas, a menos que, mostrando-a de conformidade com certas verdades conhecidas e por meio das afirmações daqueles que pretendem conhecer a Verdade. Aceitar como decisiva uma autoridade qualquer e o prescindir da necessidade de uma investigação independente, é fatal para todo progresso. Nada, em absoluto, deve ser aceito sem exame, ou com “fé cega”. Os sábios orientais chegam ao ponto de dizer que “o fundar-se unicamente na autoridade, embora das próprias Escrituras, é um crime (*O Homem, fragmentos de uma História esquecida*, págs. 241-242). – Não acrediteis sob palavra, tal coisa seria fé e a Fé é o arremate do edifício, e não a sua base, porque então deixa de se chamar Fé, para se chamar *Certeza*. Não acrediteis, portanto, senão daquilo que tenhais compreendido e comprovado por vós mesmos. Para vós não deve haver outra Verdade, senão, aquela que vosso espírito assimila, concebe e vê com a mesma evidência com que podeis ver a luz em pleno dia. (A. A., *Aos que venham*, artigo publicado no nº 1º de “Estudos Teosóficos”). A fé cega, em assuntos que a nossa própria razão repele, é cair no *Credo quia absurdum* (Creio por ser absurdo); é pretender enganar a Deus e a si mesmo. Como disse o excelso mestre Kut-Humi (Djval-Kul ou um dos dessa Linha, dizemos nós), “já passou a era da fé cega”; estamos agora na das investigações. Consideramos a fé verdadeira, isto é, a *pistis* dos gregos, como “a crença baseada no conhecimento”, derivado da evidência, além dos

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

sentidos físicos, ou antes, dos *espirituais*. Existe, portanto, diferença muito grande entre a fé *baseada na autoridade* e na da própria *intuição espiritual*. Nesta última se acha a verdadeira Fé". — *Nota do tradutor*.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

como com todas as doutrinas primitivas, que da Atlântida passaram à *Ariadna*, antes da primeira ter sido submersa. O famoso “Itinerário de Io”, ou da primeira Sabedoria, através de todo o Mediterrâneo até chegar ao Hiram (e subsequentemente, dizemos nós, de Norte para Sul, observando o mesmo “itinerário”, o místico e científico “caminho de Kundaline” ou o Fogo cósmico serpentino, etc., qual o coleio da própria Serpente) anteriormente à catástrofe atlante, foi ter ao fértil território do Cáspio, de que falam os livros *Naska* ou *Naskya* zoroastrianos, onde toda ciência *aska* ou *vasca* se acha contida. É o caso, porém, que com uma simples temura ou permutação da primeira sílaba de *Naskya* obtenhamos *Sankya*, ou seja, o nome da referida *Doutrina secreta búdica*, que tanto nos tem chamado a atenção. E não se deve, finalmente, esquecer que aquela *Naskya* é a mesma *Gnana-aska* ou *Nana-aska*, a venusta (ou venusiana), doutrina da deusa *Nana* ou *Anit* (às avessas “tiana”, dizemos nós), trazida pelos primeiros Reis Divinos que, para guiar a ainda infantil humanidade, desceram do planeta *Vênus*, portadores – como dizem as tradições – de *trigo*, *uva* e *mel* (para outros, “trigo, formiga e mel”) como símbolos, dizemos nós, dos 3 iniciáticos caminhos: *Jnana* ou do Conhecimento; *Karma* ou da ação e *Bhakti*, ou da Devoção, que tanto vale pelo “amor entre todos os seres”. Ademais, nada tão simbólico para Karma do que a “formiga” que destrói o esforço humano, devorando o trigo e o próprio mel...).

Razão porque ressoam em nossos ouvidos – qual verdadeira revelação – estas palavras de David-Neel: “Ouvi dizer a um lama ilustre de “que duvidava do Buda de Kapilavastu ter sido realmente de raça ária; melhor fosse ele considerado de raça amarela” (ou mongol-atlante) quando não, dizemos nós, de raça vermelha atlante (“rûta”), guardiã, então, da Sabedoria universal. O *Buda Branco*, segundo o ensinamento do reformador *Tsong-kapa*, é o divino Maitrêia ou 5º Buda (nesse caso, dizemos nós, fórmula parcial sua, pois que, segundo já dissemos, sendo Ele o 10º avatara não poderia ser o 5º ...), que está, ainda, por encarnar (a menos que se queira repetir a famosa frase: “Ele já veio e vós não o soubestes reconhecer”, porém, em referência a um outro personagem bíblico) entre os brancos, ou melhor, no Ocidente, embora que se fale de outros anteriores avatares seus, inclusive em livros, como o *Bhagavad-Gîta* de tão venerável antiguidade (nesse caso, de acordo com a nossa particular opinião de que Maitrêia não seja propriamente o último, mas, a síntese de todos os *Bodhisatvas*...).

E essa identidade da *Sankhya* com a doutrina do Caminho Direto pode ser vista nos mais correntes detalhes, genuinamente budistas, tais como o da alimentação. Entre nós, discutido, é como coisa julgada, o fato de que o budista não se alimenta de carne nem de coisa alguma que sofra morte.

Vê-se, entretanto, em oposição ao que ficou dito, este detalhe dos “Místicos e Magos do Tibete”, de David-Neel:

“O gomtchen ou asceta místico de Daling teve ocasião de me dizer certa vez que o interroguei à respeito da alimentação permitida a um budista e da proibição de matar animais para depois come-los... coisas verdadeiramente originais, mesmo porque, os tibetanos não praticam o vegetarianismo:

A maior parte dos homens, disse-me ele – comem como os animais, para se saciarem, sem refletir sobre o ato que realizam, nem sobre as suas consequências. Tais ignorantes fazem muito bem em se absterem de alimentação animal... Outros, pelo contrário, sabem em que são transformados os elementos materiais que ingerem ao comer a carne de um animal, como também, que a sua assimilação ocasiona a de outros elementos psíquicos que à mesma vão unidos... Aquele que houver adquirido semelhante conhecimento, pode lançar-se – em seu próprio risco – a contrair semelhantes associações, esforçando-se em tirar das mesmas, resultados úteis para as vítimas de tais

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

sacrifícios. Estriba-se tal problema em saber se os elementos animais que assim são

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

absorvidos, terão de dar uma força à animalidade do homem, ou antes, se é este último capaz de transformar em força intelectual e espiritual a substância que do animal se passou para ele. E que no mesmo renascerá sob a forma de sua própria atividade.

Fui então obrigada a interrogá-lo se o que acabava de me explicar era o sentido esotérico da crença corrente entre os tibetanos, de que os lamas podem enviar ao Paraíso da grande Beatitude, os espíritos dos animais sacrificados nos matadouros, ao que o *gomtchem* replicou:

– Não julgueis de que possa respondeu, em poucas palavras, à vossa pergunta: é assunto complexíssimo. Tal como nós, os animais possuem múltiplas “consciências”, razão porque não podem todos seguir o mesmo caminho depois da morte. O ser vivo é um *conjunto* e não uma *unidade*... Mister se faz, porém, ser iniciado por um Mestre competente para poder compreender semelhantes doutrinas”.

Tal era, frequentemente, a maneira pela qual se servia o lama Daling para cortar uma conversação, como no Ocidente, com estas únicas: “Tal coisa aprendi em minhas leituras e meditações”; “tal coisa me foi ensinada ou demonstrada”, etc., etc.

XLVIII

A REFORMA GELUGPA

Até à época de *Tsong-Kapa* não havia encarnado nenhum *Sang-Kya* ou Buda no Tibete, por causa das práticas necromânticas em que, desde séculos, havia caído o país – diz a mestra H. P. B. *Tsong-khapa* ou *Dzong-khappa* proibiu severamente todas as práticas da magia feiticeira e deu os sinais pelos quais se poderia reconhecer, em um corpo humano, a presença de um dos vinte e cinco Bodhisattvas (ou melhor, os 32 tulkus ou Poderes próprios da iniciação). Tal afirmação produziu um espantoso cisma entre os lamas tântricos ou do decadente *Bon*: os *gelugpas* (barretes e mantos amarelos), como adeptos que continuavam sendo da Boa Lei, aceitando, entusiasticamente a reforma (que não era, senão, a volta à Sabedoria Perdida), enquanto que os *karma-pas* (ou barretes e mantos vermelhos), defenderam, por todos os meios imagináveis, a continuação do estado degradante em que havia chegado o “País das Neves”. Entre os mandamentos do grande Reformador tibetano existe um que aconselha aos araths (“os puros”) a empregar um esforço individual e coletivo, no último quarto de cada século para iluminar o mundo, inclusive, aos “meechas” (ou “meschas”): os bárbaros brancos; o que desde então se vem realizando...

Esse “Hildebrando tibetano”, como é o mesmo chamado e que ao Tibete restituiu todo seu antigo esplendor, perdido pelo Budismo, nasceu em 1555 (em referência, dizemos nós, com a 5ª parte do misterioso número “777”, no que diz respeito à centena final... e com a própria raça ária ou 5ª (a razão de $111 \times 5 = 555$) em *Ambos*, no Tibete oriental, dando-lhe à luz sua mãe debaixo de uma árvore, desde então sagrada, como ao Buda, a sua, no sítio onde, depois, de sua morte, foi erguido o célebre mosteiro de *Kumbum*. Outra versão faz que esta árvore tenha brotado do terreno purificado, onde o sangue materno foi derramado ¹.

¹ Os fatos se sucedem, como diz o 3º tomo da *Doutrina Secreta* em seu capítulo: “Fatos subsequentes nas biografias dos grandes Adeptos”. Assim *Tsong-Khapa*, o vemos nascer, pouco mais ou menos, como ao seu predecessor, o Buda; como também, vemos brotar naquele lugar “uma árvore sagrada”, um verdadeiro “Fresno do mundo”, por baixo da qual habita um eremita em sua cabana como aquele que, nas lendas nórdicas, em que se baseia a Valquíria de Wagner, eleva-se, soberba, a cabana de Hunding, em cujo tronco o deus Votan enterrou até o punho, a “Espada do Conhecimento”.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

Não são para estranhar essas semelhanças, porquanto, todas as lendas atesoiram, em seu Simbolismo, uma só e mesma idéia fundamental: a da *Árvore da Ciência e da Vida*, que também a vemos na Gênese de Moisés. – *Nota do autor.*

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

A árvore de *Kum-bum* tornou-se famosa no Ocidente, por causa da obra *Dans le Tibet*, do Pe. Huc, onde se encontram estas palavras: “Havia *Tsong-khapa* começado as suas prédicas para a obra reformadora, que foi a causa de sua vinda ao mundo, quando sua mãe, muito tempo separada do filho, desejou vê-lo; para isso mandando-o chamar em Ambdo: o asceta encontrava-se naquele momento no Tibete central. No decorrer de mística meditação acabou ele compreendendo que sua viagem àquele lugar era inútil (ou acaso repetindo como Jesus: “eu não possuo mais mãe, nem irmãos, senão, aqueles que seguirem a minha doutrina”, isto é, dando a devida preferência aos vínculos espirituais sobre os carnis), limitou-se a escrever à sua mãe, fazendo acompanhar tal carta, de dois retratos seus, um para ela e outro para sua irmã e mais uma imagem de *Gyalva-Sangé* (ou Sigé), senhor da ciência e da eloquência, protetor das letras – semelhante ao Hércules *ogmico* – e várias estampas de *Demtchog*, deidade autóctona do panteon tântrico. E ao mesmo tempo, através de seu poder mágico e à distância, fez aparecer aquelas e outras imagens sobre cada uma das folhas da miraculosa árvore, com tão perfeita impressão – diz o texto consultado – que o mais hábil artista seria incapaz de o imitar. Sobretudo, nos ramos e no tronco, destacavam-se, clarissimamente, as “Seis Escrituras”, ou sejam, as Seis sílabas sagradas do OM-MA-NI-PAD-ME-HUM. E daí, o nome que tomou mais tarde o mosteiro ali erguido em memória de semelhante prodígio, ou seja, *Kum-Bum*, que quer dizer: “cem mil imagens”.

Os reverendos Huc e Gabet afirmam, em tal narração de sua viagem, muitos séculos depois do ocorrido, terem presenciado estas últimas palavras estampadas sobre as folhas e o tronco da árvore, insistindo em que semelhantes sílabas apareciam, desenhando-se lentamente sobre as próprias folhas que iam brotando”.

A escola de Magia de *Ra-mo-tché* ou “*Ra-ma-tsé*” em Lhassa, conserva, de fato, em suas múltiplas práticas, todos os ensinamentos secretos de Tsong-Khapa, como aquela imortal de Sidharta de “quem se entrega às obras santas (e nenhuma melhor, do que a Boa Magia), não mais participa das impurezas do nascimento”, porque se transforma, como dizem os brâmanes, em “*dwija*” ou “duas vezes nascido”. O mesmo acontece com a doutrina dos *Dhyani-Budhas* ou “Buddhas de Contemplação”, tulkus ou hipóstases dos verdadeiros Budas, que jamais abandonam seu Paraíso de *Shamballah*

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

(ao menos, dizemos nós, como “formas representativas do verdadeiro Buda-Síntese) – o

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

nórtico Wahallah – para cumprir sua missão neste miserável mundo. E a dos Dhyani-Bodhisatwas... ou aqueles que se acham repletos da mesma sabedoria, como seus discípulos mais próximos... E a dos *Jubil-ghans* ou grandes lamas tulkus, como os de Lhasa, Chigat-sé e... Takure (este último, dizemos nós, na Mongólia). Razão por que se pode afirmar que, a parte mais elevada e menos conhecida dos ensinamentos do reformador, é a daquele Budismo, religioso, transcendente e do “Caminho Direto” (“Reto-Caminho”), que não foi traçado para o vulgar dos monges que, com o manto (gelugpas) e também o *Karma-pa*, infestam o país (tal como no Ocidente outra espécie de monges), numa quantidade tão grande, que todos os autores são unânimes em afirmar, atingem, no Tibete, mais de quinhentos mil (no mínimo), ou sejam: dois monges por cada cinco varões, distribuídos em mais de 3 mil lamaserias-fortalezas *militarmente montadas*, e que fazem do “País das Neves”, a teocracia mais formidável que os séculos já conheceram ².

XLIX

O FUTURO BUDA BRANCO

PELO TRADUTOR, EM HOMENAGEM AO AUTOR

“Todas as vezes, ó filho de *Bharata*! que *Dharma* (a lei justa) declina e *Adharma* (o contrário a *Dharma*) se levanta, Eu me manifesto para salvação dos bons e destruição dos maus. Para restabelecimento da Lei, Eu nasço em cada Yuga (idade). – *BHAGAVAD-GÎTA*.”

Já vimos no capítulo anterior, que, entre os mandamentos de *Tsong-khapa* existe aquele que ordena aos *araths* de empregar o máximo esforço, no último quarto de cada século, à fim de que o mundo seja iluminado, inclusive, “os bárbaros ocidentais”.

Vimos ainda, que desde aquele momento (século XV) o fenômeno vem tendo lugar através dos mesmos períodos de “renascimento” ou de vigorosos impulsos de espiritual progresso (senão mesmo, de ordem material), no “final de cada século”.

No que se refere ao propriamente dito espiritual, semelhantes tentativas não gozaram, entretanto, de reconhecido êxito, o que já era previsto em certa profecia oriental que afirma: “enquanto *Phanchen-rimpot-ché* (“a preciosa jóia no Loto”), não consentir em renascer no País dos *Philings* ou dos “estrangeiros ocidentais”, como espiritual conquistador, tão louváveis intentos serão de pouco valor, porque os filhos dos *Philings* não os aceitarão”.

Tal conquistador não é outro, senão, a legendária figura tibetana do guerreiro *Ackdorge*, general em chefe das hostes divinas, senão, o poderoso baluarte do mesmo Maitrêia, ao qual também se dá o nome de “Rei do Mundo”, que já prometia vir à frente de seu povo, depois da queda de todas as nações, qual estamos verificando em tão trágico momento, como é aquele por que ora está atravessando o mundo ¹.

² Aqui, para as nossas bandas, fugidos de Espanha e México, o número já se vai tornando excessivamente grande, ou antes, na própria capital brasileira já se tem a impressão de que estamos em plena capital tibetana: *Lhasa*. Veremos, agora, como o “decidido rompimento de Hitler – o novo deus da guerra – com a Igreja”, a triste sina que nos espera... *Sed libera nos ad malo... Amen.* – *Nota do tradutor.*

¹ Vide as famosas profecias do “Rei do Mundo” na grande obra de Ferdinand Ossendowsky, intitulada “*Bêtes, Hommes et*

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

Dieux”, assim como tudo que lhe diz respeito na de Marquês de Reviere, inclusive em “A l'ombre des monastères thibétains”. Para um estudo cabalístico, a de René Guenon, intitulada “*Le roi du Monde*”. – *Nota do tradutor*.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

E quanto à referida profecia tem por complemento aquela outra transhimalaia (mui conhecida dos que se dedicam a semelhantes leituras) “das várias tentativas do Trachi-lama para se encarnar no Ocidente”, para não dizer desde logo, que é a mesma...”

Como o leitor deverá estar lembrado, em outro capítulo houve uma referência sobre “a fusão do excelso” *Rimpot-ché* na estátua de Maitréia, que o mesmo deveria inaugurar, a pedido do seu discípulo, ou antes, do seu “tulku”, o mesmo *Trachi-lama*, cujo fenômeno teve lugar na presença de milhares de pessoas, que ali foram para assistir à inauguração da referida estátua, por sinal que, alguns dias antes da Sra. David-Neel chegar àquela região tibetana.

Para aqueles que sabem interpretar por baixo da “letra que mata”, “o espírito que vivifica”, dois sentidos possui o maravilhoso gesto de tão sublime ser: o primeiro, apontando a quantos presenciaram o fenômeno, a que procurassem fundir-se em *Maitréia*, isto é, no seu Eu-Superior, seu Cristo ou seu Deus, tal como, simbolicamente, ele o fizera, mas de fato o era; e finalmente, um “adeus” ou despedida ao povo tibetano, ou antes, ao Oriente, ao qual, desde aquele momento deixava de pertencer... por desta vez sua *tentativa* não ter fracassado, pois que, “Oriente se ia fundir no Ocidente, qual aquela famosa e sibilina profecia da Serra de Sintra, já por nós tantas vezes citada, e que o próprio tempo respeitou a sua parte principal, para que um dia aparecesse alguém que a interpretasse:

“.....*Decretum*

Sibil.... Vaticin.... Occidiis (isto é, o vaticínio de uma sibila sobre o Ocidente).

Volventur saxa literis et ordine rectis

Cum videris Oriens, Occidens opes

Ganges Indus Tagus erit mirabile visu

Messes (ou Mexes) commutabit sua uterque sibi...

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

Cujas tradução é:

*Patente me farei aos do Ocidente...
Quando a porta se abrir lá do Oriente!
Será coisa pasmosa quando o Indo,
Quando o Ganges trocar, segundo vejo,
Seus (espirituais) efeitos com o Tejo.*

De fato, coube a Cristóvão Colombo (de “Cristos”, o Cristo e “Columbus, Colombina”, etc., como “ave portadora do ramo de oliveira”, símbolo da esperança) e logo a seguir, a Pedro Álvares Cabral (de “Petrus, Petra, Pitar ou o mesmo termo Kiffa, em relação com “pedra” ou tábua da lei; Alvor ou Albor, Avis, etc., e Capris, Cabra, “Cabrero” ou “pastor de cabras, ovelhas”, senão, Kabir ou cabira, Kumara, etc.) a primeira realização da enigmática profecia acima, ou seja, do “Oriente fundir-se no Ocidente”, senão, o mesmo “Ganges com o Tejo”, para que, tão prodigiosas “mônadas” (de origem “ibérica”) viessem, por sua vez, realizar o caldeamento ou fusão com as autóctones sul-americanas... E com isso, AGNI, o Fogo Sagrado se erguesse em chamas crepitantes no altar da Nova Canaã ou Terra da Promissão, que é o BRASIL, “como o Santuário da Iniciação moral do gênero humano, a caminho da sociedade futura”, para não dizer, onde fará seu aparecimento, uma nova civilização portadora de melhores dias para o mundo.

Existem ainda, duas provas irrefutáveis de tudo quanto vimos de afirmar, inclusive, em referências ao excelso Ser com o nome de Rim-pot-ché: a primeira, segundo as velhas tradições tibetanas e mongóis, ou seja: do desaparecimento em 1924 (quando se funda materialmente a nossa Sociedade, ou antes, a Obra em que estamos empenhados, pois, três anos antes ela se fundava “espiritualmente”, como é de todos sabido), do último Buda-vivo da série dos “31”, do qual eram colunas-vivas ou Ministros, o Dalai-lama (em Lhasa) e o Trachi-lama (em Chigat-sé), cujos, por sua vez, acabam de desaparecer, como a própria imprensa o anunciou em longas e valiosas notícias ². E a segunda, quando já em 1883, desencarnava o último rebento “indiano”, que teve o nome de *Ramakrishna*, no momento justo em que nasce em S. Salvador, capital do Estado da Bahia, aquele que, “de direito e de fato”, deveria ser o Chefe da “Missão dos Sete Raios de Luz”...

² ~~Fazemos lembrar aos nossos leitores~~ aquela prodigiosa saudação que nos veio do Tibete, no começo de nossa Sociedade, naquele tempo, com o nome de “Dhâranâ” (provando, além do mais, que estava próximo o momento da fusão do Oriente no Ocidente), cuja tradução para o nosso idioma é a seguinte:

“Salve, Dhâranâ, rebento novo, mas vitalizado pela uberidade do tronco gigantesco, donde nasceste. Vieste do Oriente, como uma Rama extensa, florescer as mentes dos filhos deste país grandioso, que já tiveram a dita de ouvir o cantar mavioso da Ave Canora, que lhes segreda internamente amor a todos os seres.

Os teus triunfos já foram cantados em melodiosas estrofes no grande Concerto Universal da Cadeia Setenária, porque Tu, Excelsa Potência, criada pelos teus grandes esforços, em vibrações conosco, começaste a dar crescimento nas tuas frágeis hastes, às folhagens verdejantes, onde, futuramente, amarelados frutos serão colhidos por todos aqueles que se achem famintos e perdidos na grande floresta da Vida.

E assim, com as cores do Pavilhão da Pátria de teus filhos, também, Tu, Dhâranâ, terás o teu hino glorioso, cantado pelos querubins, que adejam em torno da silhueta majestosa do Supremo Senhor do Mundo”.

E quando se diz “Supremo Senhor do Mundo”, em referência ao próprio Planetário, que no começo da Ronda impulsionou a tônica da Verdade. – Nota do tradutor.

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

esposa, Sra. *Trinidad Roman* e seu filho *Ismael*, engenheiro de minas; e ao centro, sua filha *Sara*, trazendo ao colo o caçula que, no momento do fotógrafo e amigo da família bater a chapa, procurou ocultar o rostinho na camiseta de lã. Inédita, esta foto foi oferecida pelo mago de Logrosan ao prof. H. J. Souza, Diretor-chefe da S. T. B., na significativa amizade que os ligava. Roso de Luna, como se sabe, foi para o mundo jina aos 8 de Novembro de 1931, sendo imediatamente seguido por sua esposa aos 7 de Janeiro do ano seguinte, que não resistiu à ausência daquele que foi seu admirável companheiro e a quem ajudara com heroísmo e a ternura inerentes às esposas dos grandes homens. “Si me fuera dable, reencarnaré en el Brasil”, escreveu numa de suas inúmeras cartas do Chefe da Obra o polígrafo, pois que, arauto da Missão dos Sete Raios de Luz, bem sabia os excelsos destinos do Brasil. Todavia, embora como teósofo – tendo o mundo inteiro por pátria – amava profundamente sua prodigiosa Espanha, e ninguém mais do que ele lamentaria a tragédia fratricida que ensanguenta aquela terra digna de carma menos severo.

E o mais interessante, ainda, que tal nascimento se realizando a “15 de Setembro”, coincidissem, com três fatos de grande alcance para o mundo esotérico, embora que um deles para ser interpretado por iniciados nos Grandes Mistérios da Cabala: *primeiro*, por ser a data justa em que, outrora, tinha lugar, na Grécia, “o início dos mistérios eleusinos”; *segundo*, pelo que a própria imprensa mundial acaba de divulgar (inclusive, o *Diário de São Paulo*, na sua edição do dia 8 de Novembro de 1936), de “ter sido encontrado no calendário da pirâmide de Gizé, aquela mesma data, inclusive, seu grande papel, no ano 1937, “como início de uma Nova Era para o mundo”. Quanto ao *terceiro* (o mais velado de todos) em referência à lâmina e letra do Taro Sacerdotal (os 22 Arcanos Maiores) ou seja, *Samech*, cuja, exprime *hieroglíficamente*, uma flecha ou seta (daí corresponder ao signo zodiacal: *Sagittarius*) em movimento circulatório. E que dá nascimento à idéia do *Destino*, *Fatalidade* ou *Karma* (o da Humanidade, que exigiu semelhante “nascimento”), mui bem expresso pela circunferência, em cujo interior age livremente a *vontade humana* (daí “a lei do livre arbítrio”). E até, como o “ouroboros” ou serpente (astral) que morde a sua própria cauda (começo e fim das coisas), dentro de cujo círculo se acham os dois triângulos entrelaçados, ou o Macrocosmos e o Microcosmos (Mundo Superior e Mundo Inferior); com a interpretação, ainda, de “Espírito unido à Matéria” ou a realização perfeita da evolução humana... Tal lâmina, de tão má interpretação, até mesmo, pelos que se julgavam e julgam, ainda, “senhores das 7 Chaves cabalísticas”, representa a LUZ, a INTELIGÊNCIA, o próprio Espírito que se manifesta na Terra. Daí, se unirmos a lâmina 15 às duas que lhe antecedem, 13 (Morte, Geração, Criação, Construção, etc.) e 14 (Temperança, Equilíbrio, etc.), possuímos o Grande Enigma dos 3 mundos, senão, das próprias manifestações da Divindade, isto é, criar, ou antes, projetar-se à distância, donde o termo *Brahmã* proveniente de *Brig*, que quer dizer: dilatar, estender, evoluir, etc. *Shiva*, tido como destruidor, mas de fato, transformador, donde unido ao primeiro possuir o verdadeiro sentido do “Destruens et Construens” de Bacon Verulamio, do “Corsi e Ricorsi”, de Vico, etc. E logo, Vishnú, como o Equilibrante (Conservador, etc.). O que nos faz lembrar, ainda, a própria Trindade cristã (Pai, Filho e Espírito Santo), as *Três Parcas* ou *Normas Mitológicas Clotho, Lachesis e Atropos*: uma que fiava, outra que cortava o fio e a última que sustinha a roca. Senão, as tres conhecidas forças: *Centrífuga, Centrípete e Equilibrante*, dentro do mesmo sentido que todas elas exprimem.

Daí, ainda, o simbolismo do “Rei do Mundo e seus Dois Ministros ou Colunas laterais”, e quanto vimos explicando há longos anos à respeito do “excelso Ternário”, inclusive, nas 3 Veredas ou Caminhos da Vedanta: *Jnana* ou do conhecimento

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

(iluminação, etc.); *Bhakti*, devoção, amor para com todos os seres e *Karma*, ação (lei de causa e efeito, ação e reação, compensação, Justiça, etc., etc.). Razão por que as

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

colunas ou Ministros do Rei do mundo (*Mahima* e *Mahinga*, como são chamados na Agarta), o da esquerda seja a Luz e o da direita, a Justiça... e a central, o valor das 3 ao mesmo tempo, qual aquela até hoje não interpretada frase de “Tres Trombetas para uma só Boca”.

Todos esses simbolismos são expressos na Maçonaria, pelo *Grão Mestre* e as próprias colunas do Templo: *Iakim* e *Bohaz*. Razão porque o próprio Cagliostro (como já o temos afirmado várias vezes) escolher por pseudônimo “José Bálsamo” (ou J e B); os próprios Caminhos (Jnana e Bhakti), o de João Batista (cujo verdadeiro nome era: Yoúanan) e o próprio nome da excelsa Fraternidade Branca do “Bhante-Jaul”, etc., etc., encontrarem-se dentro do mesmo mistério.

Ilustração: foto

Legenda:

Dr. Mario Roso de Luna, na época em que veio despertar, através do seu verbo mágico, a consciência dos povos sul-americanos para o grande Trabalho que lhes incumbia no futuro imediato, isto é, unidos e irmanados como elos da mesma cadeia, formarem a Grande Família Espiritual da sétima sub-raça ariana.

Maior enigma, ainda, o de aos “quinze” anos abandonar a família atrás de infantil ou “mayavico” amor por uma, por sua vez, “falsa ou ilusória *Helena* (pois que a verdadeira não tinha ainda chegado), indo parar em Portugal, como seu primeiro e espiritual contato com “a mônada ibérica”, segundo aquela referida profecia da “Serra de Sintra”. E onde encontra seus verdadeiros Pais (pois, trocado foi ele ao nascer, segundo mistérios que não vêm ao caso apontar...), que logo o fazem sabedor de que “seu único e real amor não era aquele, mas... o de ir com eles a Goa, em busca de outra espécie de “amores” para ali tomar novos destinos. Por outro lado, Goa provém de *Go* ou *Gau* ³ (donde o termo do próprio Gautama, o Buda), que além de se referir a “gado” (*vaca*. *Vash*, *Saraswati* ou a própria Sabedoria, etc.), inclui os nomes “pastor, vaqueiro e outros mais” (donde as religiões positivas copiaram o mesmo de “pastor de ovelhas” para os seus sacerdotes). Razão por que, logo no “espiritual encontro” que tiveram, os dois – JHS e Mário Roso de Luna (por Ordem Superior que recebeu o primeiro de se dirigir, por carta a MRL) – o segundo foi “astralmente” ou por desdobramento, e onde o incomparável “Jina” espanhol chama ao outro de “cabrero”, como “condutor de cabras”, etc., ou o mesmo termo “pastor”, de que acabamos de falar. Para logo se apressar em por um sinete sobre o lacre da primeira carta que lhe dirige (após aquele “fenomenal encontro”), com as iniciais J. H. S., como é do conhecimento de quantas “boas e pacíficas ovelhas o acompanham” até hoje.

Embora a sua missão aparentemente livre ou independente, Roso de Luna fazia jús ao mesmo termo “cabrero”, pois que seu papel era o de “arregimentar as mônadas ibero-africanas” ou as “atlantes” para serem redimidas, para na próxima encarnação – possuidoras das teosóficas ou ocultistas “skhandas” da “sétima sub-raça” – fazerem parte de tão excelso Movimento. Daí seus giros de conferências teosóficas, não só na Espanha propriamente dita, como em Marrocos e outros lugares estreitamente ligados (para não dizer, espiritualmente ligados) à “península ibérica”. Em chegando a qualquer deles procurava comunicar-se com o seu irmão e amigo do Brasil, como provam os cabeçalhos de suas inúmeras cartas, datadas de tais lugares. Sem esquecer que, muito antes, nos anos 1909/1910 procura – através da magia de seu verbo, despertar a consciência dos povos sul-americanos, para que, unidos pelos indissolúveis laços da mais transcendental

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

³ *Gau*, em frances, pronuncia-se "Gô". – *Nota do digitador.*

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

fraternidade, formassem, desde logo, a espiritual Família da 7ª sub-raça ária, para não dizer, os seus primeiros rebentos. Roso de Luna foi, pois, o Arauto da “Missão dos Sete Raios de Luz” (ou da 7ª sub-raça, que tanto vale). Quanto ao resto, responde o nosso próprio lema: SPES MESSIS IN SEMINE, isto é, “a esperança da colheita se acha na Semente”.

E como, antes de morrer, seu coração tivesse sido recompensado por tantos esforços e sacrifícios em prol dessa mísera Humanidade a que pertencemos, escreve ainda a J. H. S. dizendo, em duas cartas diferentes: “Quem me dera reencarnar no Brasil!”, e logo: “agora sim, já posso morrer tranquilo”, como quem diz: “entreguei o bastão ao seu verdadeiro dono”, concluindo tal carta com esta outra frase: “sua Montanha Sagrada (referindo-se ao lugar em que a Obra fez a sua espiritual eclosão ou *São Lourenço*, no Sul de Minas, qual o *São Lourenço de Goa*, onde esteve na infância o mesmo J. H. S. pelo cabalístico mistério do “pesado, medido e contado”, que é o da própria Lei, qual o velho adágio popular de que “nada se passa na Terra que não tenha a sua razão de ser”) é bem a capital espiritual do Brasil”, por saber dos reais valores daquele abençoado rincão, estreitamente ligado a uma bela e valiosa página que não figura em nenhum dos seus livros, mas, trazida por um outro Adepto a J. H. S., com o título: *Los Montes Santos y sus Misterios*, cuja figura em nosso arquivo, como um dos mais valiosos e queridos Tesouros que o mesmo possui...

Por tudo isso e muito mais ainda, que em breve o mundo saberá através da própria História da Obra, que a S. T. B. publicará com o título “A Missão dos Sete Raios de Luz ou Mistérios iniciáticos do Ocidente”, não se pode negar que MARIO ROSO DE LUNA fosse, como já dissemos, o seu único e verdadeiro ARAUTO. Do mesmo modo que, não ter ele podido completar sua última obra, especialmente este capítulo com o título “O FUTURO BUDA BRANCO”, melhor dito, “O futuro Buda-Vivo do Ocidente”, do qual nós mesmos somos forçados a não falar... Por isso que preferindo dedicá-lo ao querido e saudoso amigo, como autor de tão maravilhosa obra.

Não bastassem todas essas prerrogativas, ou melhor, espirituais valores de tão incompreendido Ser, para atestarem o quanto vimos de afirmar, quando aí está o seu formidável monumento literário, que por si só diria do grande Jina que o mundo vem de perder no ano de 1931.

Assim, qual *La Esfinge* e postado em *El Umbral del Misterio*, convida ele ao mundo inteiro a que se encaminhe *Hacia le Gnosis*, que é a mesma Teosofia como *La dama del ensueno*, sua e de todos nós, senão, onde podem ser colhidos os frutos da Sabedoria ou os de *El Arbol de las Hespérides*.

Filho espiritual ou discípulo de H. P. B. – aquela mesma que viveu *Por las grutas y selvas del Indostan*, comenta e defende toda a sua vida em holocausto pela Humana Causa, por isso que, *Una Mártir del siglo XIX*, através das assombrosas *Páginas ocultistas y cuentos macabros*, senão, de quantas valiosas “páginas” possuem as suas *Biblioteca de Maravilhas e Poligrafia Blavatskquiana*.

Por las criptas iniciaticas de Mejico se não andou ele, andou o seu espírito, que fez mais longa viagem *De Sevilla al Yucatán*, que tanto vale por ter desenvolvido longas jornadas *Por el reino encantado de Maya*, sob *El Velo de Isis ó de Mil y Una noche ocultistas*.

Aponta os erros do mundo, embora que com ele sofrendo, inclusive, quando das horríveis carnificinas do ano 1914 ou da conflagração européia; senão, já prevendo os

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

dias ameaçadores que estavam em caminho (os atuais que estamos presenciando...

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

“como os últimos estertores desse fim de ciclo apodrecido e gasto”) em *La Humanidad y los Cesares*.

La Magia y la escritura estavam em seus próprios escritos como *El Mago de Logrosán*.

Por la Asturias tenebrosa andou ele, ainda, em busca de *El Tesoro de los lagos de Somiedo*, tesouros iguais ao do “Oiro do Reno” cantado por aquele outro “Jina”, que foi Wagner (ao qual e a outros mais, como Beethoven, Mozart, São Germano, Cagliostro, etc.), dedica o seu *Wagner mitólogo y ocultista*.

Ilustração: foto

Legenda:

qMario Roso de Luna, após uma vida inteira dada em holocausto pela causa da Humanidade. O Tempo, na sua marcha infalível, sulcou-lhe as faces e enevou-lhe os cabelos. Porém, o seu verbo inflamado conservou-lhe todo o vigor da mocidade, centuplicando-lhe prodigiosamente as forças, a ponto de realizar, só, o que muitos reunidos não são capazes de fazer durante toda uma vida. (foto Wandre, Málaga)

Como nenhum outro, descreve *La Ciencia Hieratica de los Mayas*, comparável à sua própria (Ciência), inclusive, como famoso astrônomo (senão, “astrólogo, pela *magia* de seus inconfundíveis conhecimentos), que sem necessidade de telescópio, nem qualquer outro instrumento científico, a começar pelo seu próprio, com o nome KINETHORIZON (com o qual se pode conhecer em qualquer ocasião o estado da esfera celeste, e que foi premiado com medalha de ouro pela Academia parisiense de inventores), o *cometa* que leva o seu nome. Sem falar no campo “arqueológico”, a famosa pedra por ele encontrada e estudada, em *Solana de Cabanas*, a qual, logo oferece ao Museu de Arqueologia Nacional; do mesmo modo que antiquíssimas construções, que descreveu como *Citanias luso-ibéricas*. Como prodigioso químico (ou antes, Alquimista, pelas mesmas razões de “Astrólogo”...) desenvolve uma *série* de estudos dessa natureza, a começar por *E'volution solaire et séries astro-chimiques*, que por si só, bastaria para fazer silenciar a “enfatuados cientistas modernos, todos eles envolvidos em questões puramente sexuais, para não dizer, em ABERRACIONES PSÍQUICAS DEL SEXO, obra que o grande gênio do século atual escreve em trinta dias apenas.

Traduz sua missão na Terra, *Conferências Teosóficas en la America del Sur* ⁴, onde, no Chile, por exemplo, encontra quem descreva, de modo sintético e inigualável, a

⁴ Vide o nº 84 desta revista, nosso estudo intitulado: *Movimentos ocultos dos últimos séculos*, os vários períodos de “renascimento”. E onde muito existe referente a quanto vai expandido neste último capítulo de *O Tibete e a Teosofia*.

E quanto às suas *Conferências Teosóficas na América do Sul*, procure o leitor fazer semelhante leitura, da qual extraímos alguns trechos para o nosso *Novo Apelo aos homens de boa vontade*, brasileiros ou não, para o excelso Movimento oculto em que estamos empenhados. Outrossim, quando o grande Roso de Luna, na sua imensa bondade, vai ouvir a Sra. Besant, sobre essa sua resolução, isto é, em vir à América do Sul (o que foi um erro, pois, além do mais, Besant, como inglesa, nada tinha a ver com semelhante Trabalho, como ele mesmo disse, muitos anos depois, ao Sr. Jinarajadasa, que “ao pensar a S. T. de Adyar em trabalhar a favor do Advento da 7ª sub-raça, deveria ser através de nossas organizações, pois quando a Inglaterra se encontrava em franca barbárie, no século IX, estávamos em plena civilização árabe). E aquela senhora, que apenas lhe concede três insignificantes minutos para expor tão transcendental assunto, quando o mesmo lhe pergunta o que tinha a dizer, responde-lhe com dois secos: RIEN! RIEN! O que, aliás, não era para admirar, dado o fato de sua ignorância em assuntos que lhe deveriam dizer respeito, quanto mais, em um completamente alheio à sua mentalidade ou conhecimentos. Além do mais, por já estar, desde aquela época, sugestionada pelo bispo Leadbeater, na “Vinda do Messias ou Instrutor do mundo”, como suas próprias preces o chamavam e inúmeros artigos que possuímos em nosso arquivo, onde o mesmo era chamado de Cristo, etc. Por felicidade que a nossa própria profecia, desde o início da Obra, foi realizada: “Krishnamurti, é o primeiro a dissolver a ‘Ordem da Estrela’, da qual o faziam chefe. E muito mais: “afirma – como dissemos ainda – que os livros tidos como seus, não foi ele quem os escreveu”. Nesse caso, escreveram-nos e apresentaram-nos, criminosamente, ao mundo a referida parelha ou forma-dual “decaída”: a Sra. Besant e o bispo Leadbeater, sendo que a primeira muito menos culpada, por ser “sujet”, paciente ou passiva do segundo, como documentações nesse sentido, existentes em nosso poder, inclusive, do escritor Ch. Lancelin, quando diz “ser por intermédio da mesma, que o bispo Leadbeater se comunicava

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

com os Mahatmas do Tibete”, isto é, esses mesmos Mahatmas, que têm o dever de seguir e defender as Regras da Grande Fraternidade Branca, onde um dos seus “itens”, é justamente a proibição de se hipnotizar, fascinar, etc., seja a quem for... – *Nota do tradutor.*

87

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

sua *misteriosa* personalidade, por meio de um ponto de interrogação, tendo por baixo estes versos:

*“Personage misterioso,
de quien dicen con razón
– E’s una interrogación
Este Roso!”*

Do mesmo modo que encontra aí um Adepto que lhe faz assombrosas revelações, inclusive a seu próprio respeito... Adepto esse da Fraternidade de Manchu-Pichú, onde esteve, por sua vez, sua “mestra e mãe espiritual” H. P. B. E cuja Fraternidade se comunica, subterraneamente com aquela outra Jina de Mato Grosso, próxima à Serra do Roncador, de que tanto temos falado, embora que à guisa de *Mil y una noches ocultistas*, pois que, a profanos não se deve dizer verdades pela própria Lei vedadas, qual aquele *Eskato Bebeloi* dos colégios iniciáticos da Grécia, ou seja: “Fora daqui os profanos”, quando o Sumo sacerdote ia instruir os seus discípulos ou eleitos...

De *Simbologia Arcaica e Simbolismo de las religiones del mundo*, estão repletas as suas obras, para que necessitasse escrever esses dois prodígios literários, comparáveis a “Isis sin Velo” e *Doctrina Secreta* da genial H. P. B.”, onde, além do mais, demonstra que, “as religiões representam embaciados espelhos, onde se refletem os pálidos raios da verdadeira Religião-Sabedoria, por outro nome, TEOSOFIA”.

E como verdadeiro Jina que era, ou melhor, como *De Gentes del otro mundo*, imita a Sócrates, que passa toda a sua vida aprendendo a *morrer...*, senão, ao mesmo Apóstolo de Patmos, quando diz que “a morte é a maior das mentiras”. E assim o comprova através de *El Libro que mata a la muerte ó libro de los jinas*, para que Homens, por sua vez, como nós, crentes, de fato, que “a morte é a maior das mentiras”, ou face oposta à vida física, reverso da medalha, etc., jamais o tomássemos por “morto”, mas, no Panteon agartino (de Agarthá, *Shamballah*, etc.), erguido em honra aos Heróis, Kshattriyas, Guerreiros ou Jinas, de que ele mesmo em vida já fazia jus.

E... eis aí, caro Irmão e Amigo, as “Pétalas de Loto”, que esparge sobre o teu túmulo, em homenagem à tua memória, aquele a que chamaste um dia de “Cabrero”, para alguns anos depois, aos teus próprios filhos afirmares que “era o teu melhor amigo na Terra”. E a quem ofereceste a tua última obra (como *cumeeira* ou “telhado” dos demais) EL TIBET Y LA TEOSOFIA, “para ser publicada na querida língua de Camões, infelizmente, estropiada ou maltratada por tão péssimo tradutor, comentador e finalizador, mas que tudo fez para honrar o teu nome, mil vezes abençoado pelos nobres e sinceros espíritos, que se ilustraram e dignificaram através dos teus incomparáveis e imortais ensinamentos...

CAPÍTULOS L, LI e LII

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

TIBETE, GOBI E MONGÓLIA

Por J. H. S. (como tradutor da obra)

Servindo de cabalística e régia “Coroa” – abóbada, teto, telhado, cumeeira, etc., que o próprio nome TIBETE exprime, como “telhado do mundo” – fazemos juntar aos *quarenta e nove* capítulos com que dividimos a última obra do insigne polígrafo espanhol Dr. Mário Roso de Luna,¹ cuja obra foi, por sua vez, *telhado* ou *cumeeira* do seu prodigioso edifício literário – estes Três em Um capítulo, à guisa da Tríade Superior ou “Coroa” da *Árvore Sefirotal*, com os nomes *Kether, Chochmah e Binah*, que tanto vale pela teosófica Atmã, Budi e Manas, como o Eu ou Consciência Universal, de tríplice manifestação, mas Una em essência.

Razão porque a própria Mônada é obrigada a percorrer 49 sub-estados de consciência, como subdivisões dos 7 principais, no desenrolar de uma Ronda completa, por sua vez, possuidora de 7 Raças-mães, cada uma delas com as suas respectivas SETE sub-raças.

Assim sendo, 49 + 3 capítulos perfazem o iniciático número 52 que, além das suas Sete chaves interpretativas – ocultas ou vedadas ao mundo profano – possui uma forma representativa no baralho ou cartas de jogar, à razão de 13 cartas para cada um dos seus 4 naipes, ou seja, o próprio sentido expreso nas 2 lâminas do Taro possuidoras dos referidos números: 4 como o *Imperador* (letra hebraica Daleth) representando o próprio *Júpiter* assentado em seu TRONO, cuja perna cruzada sobre a outra, forma o cabalístico número de sua representação. Ademais, Trono, Cadeira, etc., em sentido contrário, apresentam a conformação do referido número. Tal lâmina possui por hieróglifo um “Seio”, não o da mulher, no seu puro sentido sexual, mas de “Seio da Terra”, para dar razão de ser ao mitológico sentido do “reino plutônico” ou de *Júpiter enfurecido*, a atirar para o seu irmão “*Júpiter olímpico*” as *setas* (as *Mônadas*) forjadas no seu “infernol ou inferior Fogo”, o do “Laboratório do Espírito Santo”, como 3ª manifestação da Divindade. Por isso que, lugar onde o mesmo (*Júpiter*) *imper*a como “Rei e Senhor”. Tudo isso relacionado, ainda, com a cabalística fórmula do DAEMON EST DEUS INVERSUS, que tanto vale pelo de SATAN, de tão má interpretação religiosa, pois que provém de Sat + Om (dois nomes sacratíssimos), que querem dizer: “a manifestação da Divindade na Terra”, através do Hálito, do Verbo, etc.

Nos 3 planos ou mundos a lâmina 4 possui os seguintes significados:

1º – ISHVARA, o Pai, a Vontade latente (donde o termo Brahmã proveniente de *Brig*, crescer, aumentar, evoluir, etc. e não CRIAR, como quer a maioria, porquanto o Universo antes de existir já vivia naquela mesma Vontade latente, ou antes, permanente);

2º – reflexo de Adam ou do Poder, da Sabedoria, etc, representado pelo mundo humano experimental ou equilibrante;

¹ Sobrando dos apontamentos e recortes que nos foram doados, não só pelo insigne autor de O TIBETE E A TEOSOFIA, como pelos seus dignos e ilustres filhos (após o seu passamento), ligeiros esboços para futuros “mapas”, que deveriam figurar em uma obra de maior alcance, todos eles em referência ao Tibete, Gobi e Mongólia. E como, ainda, tudo quanto ao mesmo pertenceu seja, por nós considerado objeto sagrado, resolvemos formar estes “Três em Um capítulo” a que se refere o *Preâmbulo*, que de ser nosso, como os demais comentários e anotações, é a única parte sem valor que este Suplemento Ilustrado de “O Tibete e a Teosofia” possui. Do mesmo modo que, procurando tornar mais completa, ilustrada (de gravuras, todas elas pertencentes ao assunto de que trata cada capítulo, etc.) uma obra tão valiosa que, por motivos de Lei o mundo não a pôde receber, como se fora integralmente feita pelo seu mui competente e incomparável autor. Sem falar que a mesma STB pensa em publicá-la, tal como se acha hoje, para que lhe sirva de

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

complemento, a própria História da Obra, cujo título, como já é do conhecimento de todos, será: A MISSÃO DOS SETE RAIOS DE LUZ ou Mistérios Iniciáticos do Ocidente (em 4 volumes com perto de 1.600 páginas).

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

3º – como Alma Universal, a Natura-Naturada, ATIVIDADE, portanto (ou do Fogo cósmico em franca “atividade” no *seio* da terra, segundo as diversas interpretações apresentadas acima).

Por sua vez, a lâmina 13 (letra hebraica MEM, como uma das 3 letras mães) e tem por hieróglifo a própria *Mulher*, com a idéia de tudo quanto é fecundo e realizador. E representada pela “Morte”, que bem pensado se refere à transformação de uma matéria em outra, senão, como a própria exigência da “reencarnação da Mônada”, para que, através de uma série sucessiva de “experiências”, chegue a alcançar o máximo de sua evolução na Terra ². A sua interpretação nos 3 planos, é:

1º – o princípio transformador universal (Destruidor e Criador, ou antes, Construtor e Transformador, de acordo com o “Destruens et Construens”, de Bacon, etc.);

2º – a pseudo-Morte que se dá no mundo humano, como exigência evolucionar ou da experiência a que já nos referimos;

3º – e finalmente, a Força plástica universal, por isso que, manifestada em tríplice-forma, sendo que, no “Seio da Terra”, para completar o sentido da lâmina 4 (por sua vez, soma cabalística reduzida de 13), como já se viu: “Laboratório do Espírito Santo”, ou lugar onde tudo quanto se acha manifestado é obrigado a passar pelo cadinho da evolução, para não dizer, pelo “batismo do Fogo”... como também, da Água, por serem os dois elementos purificadores da alma, em ânsias de ascensão para o Divino, ou lugar donde a mesma procede. ³

² Depois de seis longos anos da partida para o “mundo-jina”, do insigne autor de O TIBETE E A TEOSOFIA, é que vimos confessar a quantos se interessam pela nossa Obra uma espécie de “premonição”, à respeito da inesperada “Fuga de Roso” (semelhante, até nisso, a quantas “Fugas musicais” se conhecem, inclusive, de Bach, etc. ...). Tal premonição provinha de misterioso “círio” de chama elevada, que à nossa frente se apresentava sempre que estávamos a sós ou em nossas humildes meditações da noite. É o fato que, todas as vezes que esse fenômeno tem lugar (quase sempre com pequenas velas, a que atribuímos “almas queridas”, porém, sem os requisitos intelectuais de um Roso...), dá-se uma “partida” ou fuga de um ente querido, quase sempre pertencente à Obra, como o era o grande Roso, “de direito e de fato”, não só como seu Arauto, como também, por motivos outros que não vêm ao caso explicar... E razão, ainda, de virem despedir-se, onde quer que estejamos, como sói acontecer com todos aqueles que já nos deixaram, embora que vivendo conosco no Panteon agartino a que fizeram jus... E isso, quase sempre, na Presidência Geral em São Lourenço, como o lugar onde a mesma Obra fez a sua espiritual eclosão.

E essa “premonição” se acha exuberantemente provada, em termos feito publicar no número desta revista referente ao trimestre de Julho a Setembro de 1931, a biografia daquele respeitável e mais do que ilustre Irmão Maior de nossa Obra (com o nº 7 da própria missão ou Obra) feita pelo famoso escritor castelhano, Don Dario Perez, intitulada “FIGURAS DE ESPANHA” – Mario Roso de Luna. O número seguinte, relativo a Outubro a Dezembro do mesmo ano, era todo ele dedicado à sua memória, porquanto, desaparecida da arena da vida, a 8 de Novembro, ou sejam, menos de 3 meses depois da publicação daquela sua outra biografia. Por outro lado, ele mesmo *pressentia* essa sua “fuga-musical wagneriana” para o WALHALLA que bem pensado deveria significar o “Vale de Allah”, como o mundo Jina, ou dos gênios imortais, heróis, kshatryas, guerreiros, etc., senão, aquele mesmo Panteon agartino a que já nos referimos, dizemos, nas suas duas últimas missivas, que eram bem um “canto de cisne” ou “despedida”, senão, um “até breve”, pois que seu próprio desejo estava contido naquela já conhecida frase: “quem me dera reencarnar no Brasil!...”, senão, que daria eu para visitar aquela sua “Montanha Sagrada”, bem semelhante a outras muitas onde foram construídos verdadeiros e naturais altares, dedicados a uma missão ou trabalho, em prol da redenção humana!...”

Desde a primeira carta que lhe endereçamos, por ordem superior, digamos assim... já ele se desfazia em amabilidades e carinhos em torno dos nomes “Henrique e Helena” (sem falar em quanto foi consignado no capítulo XLIX, que lhe dedicamos), além da “coincidência” em serem os mesmos nomes dos fundadores da *The Theosophical Society*, embora sabendo que, com eles nada tivessem de comum, no que diz respeito às suas individualidades, ou mesmo, digamos, seus Egos, mas, tão somente, no começo da Obra preferia sua escola, isto é, simplesmente a de HPB, porquanto, Olcott não foi mais do que um esforçado auxiliar que a mesma encontrou no seu caminho... Muito mais entusiasmado, quando lhe lembramos que as iniciais H. P. B. condiziam com as próprias “mônadas” ibéricas da missão em que fora ele seu digno e respeitável Arauto, isto é, *Espanha, Portugal e Brasil*.

Por outro lado, no número dedicado à sua memória, começava a ser publicada a sua última obra, como humilde Homenagem que a STB fazia ao seu mui amado e ilustre Filho nº 7.

E assim, tanto naquela época como hoje, ele vê realizado o seu espiritual anelo, quando no-la oferece “para ser publicada na querida língua de Camões”... além de saber com que dificuldades lutamos para escrever seus últimos 26 capítulos (com anotações, comentários, etc.) em trinta e poucos dias, sob as cruciantes dores de nosso próprio Karma patológico, para não dizer, de nossa espinhosa missão na terra, como simples e humilde “discípulo” que julgamos ser, não de “homens enfatuados e se saber insignificante”, mas de super-Homens ou Jinas, que embora nos “píncaros da Glória” (ou de verdadeira Espiritualidade) se apresentam humildes e serenos, como a própria Flor mística dos não menos serenos e tranquilos lagos de *Shamballah*: O Loto das Mil Pétalas.

³ A lâmina “13”, o Esqueleto ou Morte trazendo seu “destruidor” alfanje... além dos vários sentidos já apontados, possui, ainda, os de Geração, Construção, etc. como prova ser tomado como símbolo dos ritos antigos da Maçonaria, por sinal que, sobrepujada (a caveira) por um “Ramo de Acácia”, flor, por sua vez, mística e que encobre diversos sentidos, inclusive, o do mesmo RAM (Ramo ou Rama), condutor da raça ária na planície do Eufrates. E donde a religião copiou o seu “Domingo de Ramos” ou a “entrada em Jerusalém”, desprestigiando, porém, o *Cristus* por faze-lo cavalgar um “burrico” cinzento (ou mescla das duas magias: preta e branca) ao invés de

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

levar o plágio mais avante, ou de ser um “cavalo branco”, qual o Kalki, como 10º e último Avatara de Vishnú. Copiou, ainda, ela o mesmo triângulo maçônico, em cujo centro se acha o S ∴ A ∴ (Supremo Arquiteto ou Construtor, de que a própria lâmina 13 é o

90

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

Mistério interessante, embora que jamais apontado, o do baralho ou cartas de jogar: além do número exigido, ou seja, da multiplicação de 13 por 4 = 52 cartas, cada naipe possui a sua corte real: Rei, Rainha ou Dama, e Príncipe ou Valete, na mesma razão da Tríplice manifestação da Mônada, o Ego, etc., senão ainda, como Pai, Mãe ou Espírito Santo e Filho. Quanto à Mãe ou Espírito Santo, como Mater-Rhéa ou Matéria, Maria, Mayá, a Natureza, enfim. Sem falar em que o número 52, em soma cabalística reduzida dá o excelso número SETE, que além do mais, é o último estado de consciência (Crístico, Átmico, etc.) que a Mônada deve alcançar, na sua trajetória por este planeta de dores em que é obrigada a permanecer por longas idades, qual acontece ao diamante bruto que, para se tornar belo e valioso, mister se faz passar pelas garras aduncas da lapidação...

E até mesmo em todos os lares, sem exceção alguma, residem Pai, Mãe e Filho (ou filhos que tanto vale), sem falar num “coringa” para nos fazer “rir ou chorar” – quase sempre o último sentimento, quando entra como parceiro do jogo entre o Bem e o Mal (qual Deus e Demônio, etc.), simbolizados por tudo quanto é oposto ou antagônico (Saúde e Moléstia, Riqueza e Miséria, etc., etc.), digamos mesmo, um falso amigo, parente ou mesmo filho, semelhante àquele *Brutus*, que auxilia o assassinio de seu protetor ou pai, Júlio César, obrigando-o assim, a proferir a famosa frase: “Tu quoque, fili?”, isto é, “Até Você, meu filho?” Nesse caso, um traidor ou Judas, como o 13º apóstolo da “Ceia do Senhor”, segundo a Bíblia, ou o mesmo que vende por “trinta dinheiros”... seu próprio Mestre e Senhor... Preferiríamos, entretanto, dizer que o fosse por “32 dinheiros”, para completar o que de iniciático possa haver no caso, a começar pelos “32 Portais de Sabedoria” (simbolizados nos dentes da Boca, como Santuário do Verbo Solar...), através dos quais não quis passar o falso ou traiçoeiro discípulo, como outros tantos muitos que por aí existem...

Ao invés de um só “coringa”, o baralho deveria possuir 4, na razão de 1 para cada naipe ou “corte”, completando, assim, outro número muito mais cabalístico, que é o “56”, de cujas interpretações, só podemos dar de público, a de sua própria soma reduzida ou “11”, estreitamente ligado ao “Senhor das 11 Faces”, de que tanto falam as escrituras ocultistas (teosóficas, melhor dito)... Porisso que, se DEZ (?) são, de fato, os avatares de Vishnú (ou antes, de Brahmâ como Vishnú), sendo que o último, o tradicional Kalki-avatara (“Cavalo Branco” ou o guerreiro que desce dos céus, entre nuvens e anjos, etc., plagiado logo pela Igreja, como o Cristo descido daquele modo, menos o cavalo, que já o foi por um jumento, no domingo de Ramos, ou de sua entrada em Jerusalém), dizemos, refere-se à Humana Redenção, logo, acima de Dez está o “11”, como a volta da Mônada ao Divino, segundo a verdadeira interpretação, não só do dito de Santo Agostinho, “Vimos da Divindade e para Ela havemos de ir”, como ainda, da bíblica parábola do “Filho Pródigo que volta à Casa Paterna”...⁴.

complemento), no do “Olho da Divina Providência” (dentro do mesmíssimo Triângulo, que para nós é a Consciência Universal representada pela Tríade Superior: *Atma-Budhi-Manas*), senão, o Padre Eterno a olhar cá para baixo em ânsias de encontrar o “faltoso” a quem enviar para as “caldeiras de Pedro Botelho”, num requinte de maldade, senão, de crassa ignorância, em querer destruir a sua própria obra.

⁴ Os mesmos movimentos sísmicos que se manifestam através dos dois referidos elementos (Água e Fogo). A Lemúria, por exemplo, foi destruída pelo Fogo, enquanto a Atlântida o foi pela Água. Hoje – com a própria evolução alcançada pela humanidade os dois elementos se conjugam para dar combate àqueles que até hoje não souberam dominar a sua própria natureza, quanto mais... os “elementos transbordantes” pelas suas próprias maldades, isto é, dos homens maus, por sua ignorância das coisas superiores ou divinas. E tudo isso, dentro da sábia sentença: “A quem muito foi dado muito será pedido”. Assim, o mesmo progresso alcançado pelo homem (*progresso* puramente inferior, por ser do “mental” dessa natureza, e não do superior que cogita de coisas, por sua vez, *superiores, excelsas, elevadas*, etc.) influi poderosamente para o que bem se pode tomar por “castigo”, desde que a construção ou formação do mundo corre “pari-passu” com a da Humanidade. E a prova está que o menor abalo sísmico (terremoto, maremoto, etc.) não só concorre para grandes inundações (Água, portanto), ocasionando número enorme de vítimas como para arrebentar as canalizações do gás e da eletricidade, por sua vez, provocando incêndios, que chegam ao ponto de destruir bairros inteiros... E com isso completando a obra terrível da “destruição”...

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

Nota complementar – Em referência ainda ao número “49” de que tanto temos falado, não só através das várias anotações e partes complementares desta obra, que o autor não as pôde fazer, por lhe ter surpreendido a “morte”, justamente, quando desejava levar

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

avante a idéia da publicação de tão monumental obra, como é O TIBETE E A TEOSOFIA, deixando em branco diversos capítulos (alguns deles com o título, apenas), inclusive, o último, cujo era O FUTURO BUDHA BRANCO DO OCIDENTE, dizemos, tal número se acha dentro das próprias leis universais, razão porque (além de quanto já apontamos no Preâmbulo e se acha desenvolvido através das mesmas letras do alfabeto Devanagari) deveria olhá-lo com maior respeito a própria Medicina, inclusive, na questão das “vitaminas”. Ela mesma quando aplica “o cálcio” ordena ao doente que faça uso de “vitaminas” para a sua fixação; quando não, que “apanhe bastante sol”, o que importa dizer, “Sol e vitaminas representam uma só e mesma coisa” (valor de PRÂNA). De fato, as sete cores do espectro solar, que se desenvolvem em 49, através dos Sete matizes de cada uma delas, responde pelo que a Medicina afirma sem conhecimento de causa. E a prova é que, folhas, flores, frutos e outras coisas mais, que crescem e vivem alimentados pelos “raios do Sol”, possuem cores distintas, além do mais, dos próprios astros ou planetas... Razão de se conhecer (os verdadeiros ocultistas, ao menos) quais as solares, lunares, marcianas, mercurianas, etc. E como o homem, por sua vez, possua, em si, todos esses raios, através de seus “chakras” ou centros de forças (todos eles no “duplo etérico” ou mediador plástico, do Astral e o corpo físico, por isso que *Jiva* ou “vitalidade”), ao invés de se encher de drogas inadequadas (ou que nada tenham a ver com as suas deficiências ou faltas orgânicas) procure viver a vida ao “ar-livre”, alimentar-se mais em harmonia com a natureza, e não de “cadáveres de animais”; porisso que o homem é frugívoro e não vegetariano, como pensam muitos. E a prova que, para se alimentar de vegetais, mata, do mesmo modo, a planta, etc. Enquanto, como “frugívoro”, as próprias árvores frutíferas aí estão para o alimentar, enchendo-se de frutos, que se não forem colhidos, acabam por apodrecer e cair ao solo, quando os pássaros não os devoram antes... Quanto ao leite nasceu a vaca para amamentar o bezerro, qual acontece à mulher com o seu filho, que em nada se parece com o “bezerro”. Fora isso, é querer morrer antes de tempo, além de levar uma vida inteira de sofrimentos, a gerar de dores, pelo reumatismo, sem falar nas perturbações gastro-intestinais e... consequentemente esclerose e outras quantas moléstias têm por causa a alimentação irracional. Acontece, porém, que desde o momento em que a criança abandona o “peito materno”, deveriam seus pais alimentá-la segundo o regime frugívoro. Muitos alegam que “no Brasil a fruta é cara”, por ignorarem que a própria banana (através as suas várias qualidades) com um pouco de amêndoas ou nozes (castanha-do-pará, coco do Norte, etc.) forma uma alimentação completa, o que se pode variar com outros frutos, como o “kaki” (caqui), por exemplo, a laranja (quando é tempo), a manga (ótima para o coração, como sua própria conformação o diz... e o sistema nervoso) e quantos frutos se possa lançar mão, porém, naquela razão já apontada, das vitaminas (que as próprias cores indicam). Razão porque uma salada de frutas (preferindo, nesse caso, não adicionar gelo, pois que a banana gelada é indigestíssima, etc.) e um pouco de castanhas, nozes, etc, representa a mais racional e perfeita de quantas alimentações se conhecem, em substituição a esse campo de batalha juncado de cadáveres, que é “o vulgar banquete diário de quase todos os lares”, principalmente em um país quente, como é o Brasil, o que concorre para se tornar a vida mais insuportável, ainda, principalmente... se regada a vinho, cerveja e outras bebidas alcoólicas. Do mesmo modo que não se deve comer, na mesma refeição coisas cruas e cozidas, porque perturbam horivelmente a digestão.

Costumam dizer os médicos: o Sr. não deve alimentar-se com ovo, leite, etc., porque sofre do fígado, seu estômago não digere bem e outros conselhos, aliás, acertados. Uma pergunta inocente, porém: e sofreria do fígado, do estômago, etc., o doente que recebe tais conselhos, se jamais tivesse feito uso de tais alimentos? Responda quem souber melhor do que nós...

Não vão, porém, tais conselhos suggestionar seja a quem for, a ponto de modificar rapidamente o seu regime alimentar, mesmo porque, “a natureza não dá saltos”. Quem já vem há longos anos alimentando-se de carne (principalmente se se tratar de um linfático e, quase

sempre, bilioso e nervoso) não a pode abandonar bruscamente. Que o faça aos poucos e por meio de tentativas, pois que, o resto fica à inteligência do próprio indivíduo, isto é, o de saber o que lhe faz bem ou mal, sempre dentro do seu temperamento, que é o mesmo que se tem como “intolerâncias, quer alimentares, quer medicamentosas, quer para outras questões da vida”. Mesmo porque, se o homem é igual fisicamente falando, não o é, psiquicamente. Daí as grandes dificuldades para se tratar de um grande número de indivíduos.

Voltando ao número “49”: em tal conta o tinham os antigos que, regulavam a sua própria existência por ele, na razão de 3, 7 ou 9 anos; ou melhor, que as modificações da vida tinham lugar em um ano múltiplo dos referidos números, inclusive, a própria morte. Razão porque, ao chegar o homem aos 49 anos, muitos deles tomarem como certa a sua partida deste mundo.

Em nossa mesma vida atual, por exemplo, todos os múltiplos de *Sete* – já que a nossa própria missão é a do preparo para o Advento da SÉTIMA sub-raça – vinham acompanhados de grandes acontecimentos, pouco importa se considerados Bons ou Maus, porquanto, não existe nem Bem nem Mal para os que conhecem a natureza das coisas. Sem falar em que, a Alma não pode progredir, senão, através da DOR, ou melhor, de acordo com os vários degraus que vai galgando na mística “Escada da visão de Jacob”, em cujo cimo se acha o Triângulo Mágico da Iniciação, o mesmo que concorreu para que, Moisés e outros mais, “contemplassem a Luz face à face”. Sem falar naquele velho adágio popular de que, “não há bem que sempre dure, nem mal que se não acabe”; e ainda aquela outra famosa frase atribuída a Jeoshua de que “mais fácil é um camelo passar pelo fundo de uma agulha, do que um rico entrar no reino do céu”, embora que a palavra “camelo” não possuía aí o sentido vulgar que lhe dão, inclusive, a Igreja, pois não se trata do animal possuidor deste nome, mas de um grosso cabo ou corda usado antigamente nos navios à vela... E isso, em referência aos que julgam únicos tesouros, os bens terrenos, quando muito bem poderiam exclaimar com o outro: “O meu Reino não é deste mundo”... De fato, verdadeiros tesouros são os que nos conduzem à redenção, por esforços próprios, e não, pagando a outros que o façam por nós (através de missas, preces e outras coisas desprovidas de valor), porquanto, outro sentido não possui a famosa sentença bíblica, do “Fazei por ti, que Eu te ajudarei” (atribuída ao mesmo Jeoshua, o Jesus bíblico), que em nada difere do “Gnosce Keauton”, do portal do templo de Delfos, que é o mesmo “Nosce te ipsum”, latino muito apregoado, porém, pouco seguido, como tudo mais na vida, dentro de mais uma prodigiosa lição do mesmo Jeoshua: “Faze o que eles disserem e não o que eles fizerem”, já sabendo quão elástica é a humana consciência (a escrita com minúscula)... Razão porque o pobre Prometeu (a Humanidade a que pertencemos), continuará, ainda, por muito tempo, acorrentado no “cáucaso”, ou antes, no “cárcere” da carne (o “pote de argila bíblico”), à espera do Epimeteu Libertador, como a verdadeira Consciência ou Eu-Imortal, o Cristo em cada Homem, etc.

Pedimos, pois, a devida vênua ao caro leitor para citarmos alguns dos acontecimentos que se deram em nossa vida, dentro do mistério do número *Sete* ou o de nossa própria missão: em 1907 desaparecem aqueles que passavam por nossos pais (já que a referida missão exigida “uma troca” logo do nosso nascimento, embora que, com *Sete* dias apenas de vida, fôssemos atingido pela “variola”, no momento justo em que, na Mongólia, seu último Buda-vivo ficava cego... e só adquire a visão, em 1924, quando se funda materialmente a nossa Obra, por uma dessas muitas “causalidades” de que a mesma se acha repleta, isto é, em primeiro lugar ou aos 27 de Maio daquele ano, nossa bondosa “mamãe” (aquela mesma que, aos sete anos apenas de idade, que era a nossa, vendo-nos cair sobre uma lança de jardim, quase atravessando o coração e só escapando... porque tínhamos algo ainda a fazer no mundo, quase morreu de dor, na sua extrema bondade e amor para com o seu mui querido filho...), e perto de 3 meses depois, o não menos bondoso “pai”, justamente aos Dez de Agosto, ou Dia de São Lourenço (como foi, ainda, a data de fundação material de nossa Obra... muitos anos depois, sem que houvéssomos pensado em tal coisa, quando desse prodigioso momento de nossa encarnação atual). Esquecíamos, ainda, dizer que, com aqueles mesmos 7 anos de idade, quando passamos pela “prova crística”, ou de ser alanceado no coração, algum tempo antes, brincando com outros irmãos, caíamos assentados em uma grelha candente (onde se acabava de assar um *bife*, como um dos pratos do jantar do dia), qual o martírio daquele “santo da Igreja”... ou São Lourenço, cujo nome envolve várias

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

épocas de nossa existência atual, inclusive de *nossa fuga* (aos 15 anos) para Portugal e dali a SÃO LOURENÇO de GOA (Índia portuguesa, para onde nos levaram os nossos verdadeiros Pais, pois que, era ali a sua verdadeira residência). Para... depois de muitos

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna
Henrique José de Souza

hoje nos achamos empenhados, ou melhor, o autor destas linhas e Helena, pois que ali fomos por vez primeira... e por ordem superior. Em 1914, ou sete anos depois daquele que perdemos nossos "Pais" (bem verdadeiros, no entanto, pelo grande amor que nos dispensava...), perdíamos também toda fortuna que possuíamos, no momento justo em que tinha início a grande guerra européia. *Dura lex sed lex !...* Completamente arruinado... vínhamos para a capital brasileira, onde teríamos de partir em 1921 (sete anos depois) para São Lourenço, por ordem superior, como já dissemos, à fim de verdadeiros tesouros ou Riquezas espirituais nos serem oferecidos pelos próprios deuses, através dos mais deslumbrantes fenômenos que se possa

imaginar, como do conhecimento é de muitos dos residentes naquele lugar, e muito mais ainda, dos Irmãos Maiores de nossa Obra, Razão da STB manter ali a sua Presidência Geral, onde somos obrigados a residir durante algum tempo no ano.

Por outro lado, perdíamos em 1921 pessoa amiga, cuja falta foi enormíssima, e jogou um papel bem doloroso na marcha de nossa vida... Ano, pois, de ALEGRIA e de Dor e Miséria! Em 1928, portentoso acontecimento que se não pode descrever ao mundo profano

(realizado aos 28 de Setembro... ou 13 dias depois de havermos completado 45 anos de idade) e que ficou em nossa Obra com o título de: "O dia dos Imortais!..." (Evitamos citar o desastre que sofremos de automóvel, sete dias depois de fundada materialmente a Obra, para evitar inúmeros detalhes, que serão conhecidos dos interessados, através da História de nossa Obra, que em breve será publicada). Nesse mesmo ano, Helena ficou "entre a vida e a morte", só se salvando pela sua própria missão, como "Sacerdotiza do Fogo Sagrado"... Em 1935, ou antes, de 1934 para 1935, nova data gloriosa de nossa Obra, que só pode ser especificada com o título de "Ressurreição" (qual a que deu nome à 10ª Sinfonia de Beethoven, além do mais, após falecer tornar a levantar-se do leito... chegar até à janela para admirar a horrível tempestade que acabara de se desencadear naquele momento e cair pesadamente morto). Desde então, "o anjo da morte" paira sobre a nossa cabeça, obrigando-nos a uma "Via-Sacra" através de quantos consultórios médicos e "mentalidades" nesse gênero o Brasil possui, sem que um só tivesse a mesma opinião do outro para dar razão de ser àquela famosa e sábia máxima: "Quantas cabeças, quantas sentenças"! Ademais *Paracelsus* já morreu há muito tempo, como único que poderia resolver tão misterioso caso, todo ele "tributo cármico da própria missão"...

Em resumo, estamos em pleno ano 1937, faltando 5 para chegar a 1942... Que nos acontecerá em tal ocasião? Em nossa opinião,

coisa alguma, pela simples razão de até lá não mais pertencermos ao "mundo dos mortais"... a menos que, previsões melhores venham da Agartha ou Shamballah, como "Governo Espiritual do Mundo"...

E como estejamos falando (nesses 3 capítulos em Um) de TIBETE GOBI e MONGÓLIA... vemos por trás desses 3 Nomes, ou antes,

de suas iniciais, uma antiquíssima previsão, que vem ter finalmente em nosso próprio idioma: – Segundo desenvolvemos no capítulo XLIX, o Trachi-lama mantinha a esperança de se encarnar no Ocidente, ou antes, seu Mestre Rimpot-ché (o que tanto vale pelo Oriente fundir-se no Ocidente). E como se sabe, o Trachi-lama e o Dalai-lama eram colunas do último Buda-vivo da Mongólia. Assim sendo, o T de Tibete serve para o próprio termo "Trachi", senão, para TAU (ou Caminho, direção, guia, etc.), o M de Mongólia para Minas e G de Gobi, para Gerais, onde se deu a eclosão espiritual de nossa obra. M. G. também serve para *Mato Grosso*, onde existe misteriosa Fraternidade-Jina estreitamente ligada à nossa Obra. Como serve para um nome mais excelso, embora que em língua sagrada ou sânscrita: MAHA-GURU (Grande Instrutor e outros muitos sentidos ligados ao termo). Dezenas de interpretações poderiam ser dadas com essas 3 letras, se a própria Lei não nos vedasse tal coisa, a começar pelo próprio termo Maitri ou Maitreia, etc... etc.

Entre muitos vai este: T. M. G. ou "Tibete (*Teosofia*, etc.) manifestado em MINAS GERAIS (Montanha, etc., que tanto vale pelo mesmo

TIBETE se fundir naquele lugar, qual aconteceu com o tradicional caso do Rimpot-ché se fundir na Estátua de MAITRÉIA (M, portanto)... E este, por sua vez, aparecer a Henrique e Helena no ano 1921, justamente naquela excelsa MONTANHA, hoje mais do que sagrada para nós, pouco importando opiniões de terceiros, dentro daquela passagem do *Nitixataca de Bhatrikari*: "Fácil é chegar-se a um acordo com o ignorante; mais fácil, ainda, como o que sabe distinguir as coisas. Porém, ao homem enfatado de saber insignificante, nem mesmo Brahma é capaz de o convencer"...

Por tudo isso, foi que o clarividente Roso de Luna ousou cognominar aquela mesma excelsa Montanha de "a capital espiritual do

Brasil"... E tão provecta opinião é bastante para destruir a de qualquer outro, por mais "letrado" que seja, pouco importando as credenciais com que se apresente. A própria máxima oriental acima citada... responde pelo resto, senão, aquela famosa fábula do mesmo Roso de Luna, que tinha por título: Os Cães do Caminho...

A própria "Sociedade Teosófica Brasileira", conforme já fizemos ver por várias vezes, possui 3 iniciais que, por sua vez, tiram o seguinte significado: STB ou "Serapis Tau Bey", que tanto vale pelo "Caminho (Tau) construído pelos (senhores) Serapis", cujo último nome significa, ainda: Ferreiro, obreiro, construtor e inúmeros outros, inclusive, o de "Mestre de Obras", etc.

Niterói, ou o lugar da fundação material da Obra, como de procedência TUPI, quer dizer: "*Baía grande*", ou esta nossa esplendorosa

O Tibete e a Teosofia

Mario Roso de Luna

Henrique José de Souza

GUANABARA, que é bem um “grande ou enorme” amplexo fraternal que o Brasil dá a quantos busquem as suas benfeitorias plagas, como a nova Canaã ou Terra da Promissão aberta a todos os povos da Terra, principalmente, os oprimidos pelo jugo doloroso de suas próprias imprevidências passadas, a começar pela decadente Europa, que nada mais tem a ver com as duas atuais civilizações: de Norte e Sul América, ou as que se interpenetram nesse grande momento histórico da Humanidade, ou do fim de um ciclo apodrecido e gasto, para o dealbar de um outro portador de melhores dias para o mundo. NITERÓI, se provindo da língua sânscrita, decompõe-se em: Nish-Tau-Ram, que quer dizer: “o Caminho iluminado pelo Sol” (o Sol espiritual de nossa Obra, como os “Sete Raios de Luz”, qual o místico “Sûrya, cujo último raio é *Svara*”). De procedências outras, dizem alguns, provém do *Niter* ou Nitro Natrum, etc. de que se serviam os egípcios para as suas “múmias”, ou antes, para tão complicado manejo, como era aquela da “mumificação” nos tempos de outrora.

E quanto, ainda, a São Lourenço, além de estreitamente ligado ao de GOA, para onde “fugimos”, quando bem jovem ainda; o do próprio santo-mártir da Igreja, etc., etc., possui iniciais idênticas à Fraternidade do Norte da Índia, para a qual fomos obrigados a ir,

depois de sairmos de GOA, passando por Ceilão e chegando a Calcutá, donde partimos para aquele lugar, como província de Caxemira (Kashmir), cujo nome é: SRINAGAR-LEH (S L) e de quanto ali se passou conosco... não é possível falar, mas, apenas que, tal nome significa: “os Senhores Serpentes” que implantaram a Lei (Homens-Serpentes, Serpentes de Fogo, etc. qual o mesmo sentido que se dá ao termo “leões ardentes” para os Dhyans-Chohans, etc. como se pode verificar pelas escrituras orientais, inclusive, na D. S. de HPB). Como também a verdadeira razão de recebermos da mesma Fraternidade, no início da Obra, inúmeras “mensagens precipitadas ou materializadas”, como figura uma delas ainda em nosso Arquivo social, além de outras coisas mais, que no seu devido tempo chegarão ao domínio público principalmente, através da História da Obra em que a STB se acha empenhada.

Compilado por Bruno R.

Fonte de pesquisa : Revista Dharana, edições: 70 à 98.